



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LETRAS

ELIANE OLIVEIRA DA COSTA

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM  
ÁREAS INDÍGENAS DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ NOS ESTADOS DO PARÁ E  
MARANHÃO  
TOMO I**

BELÉM/PA  
2018

ELIANE OLIVEIRA DA COSTA

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM  
ÁREAS INDÍGENAS DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI NOS ESTADOS DO PARÁ E  
MARANHÃO  
TOMO I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras, na área de concentração Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky.  
Coorientador: Salah Mejri.

BELÉM/PA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

C837e Costa, Eliane Oliveira da  
Estudo geossociolinguístico do léxico do português  
falado em áreas indígenas de língua tupi-guarani nos  
estados do Pará e Maranhão / Eliane Oliveira da Costa. —  
2018.  
330 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Abdelhak Razky  
Coorientador(a): Prof. Dr. Salah Meji  
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade  
Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. 2.  
Geossociolinguística. 3. Léxico. 4. Tupi-guarani. 5.  
Terras Indígenas. I. Título.

---

CDD 410

ELIANE OLIVEIRA DA COSTA

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM  
ÁREAS INDÍGENAS DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ NOS ESTADOS DO PARÁ E  
MARANHÃO  
TOMO I**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras, na área de concentração Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky.  
Coorientador: Salah Mejri.

Belém, 27 de agosto de 2018.

Conceito: \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Abdelhak Razky (Orientador)  
Universidade Federal do Pará (UFPA/UnB)

---

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Membro externo)  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (Membro externo)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz (Membro interno)  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

---

Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues (Membro externo)  
Universidade Federal do Pará (UFPA/Castanhal)

Aos meus pais, Maria Gorett Costa e  
Eliude Costa.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força maior;

Aos meus pais, Maria Gorett Costa e Eliude Costa, que tornam tudo imensamente mais leve e alcançável;

Aos meus irmãos, Eliana Costa, Eliene Costa, Edson Costa e Elson Costa, que sempre incentivam e apoiam meus planos acadêmicos;

Aos meus tios, Adelaide Santos e Gedeon Costa, que sempre estão presentes em nossas vidas;

Ao Professor Abdelhak Razky pela orientação e confiança ao longo da minha caminhada acadêmica;

À professora Marilucia Barros de Oliveira pela atenção e colaboração indispensáveis;

À Professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, da Universidade de Brasília (UnB), pela atenção e disponibilidade constantes;

Aos professores Jorge Domingues Lopes e Tabita Fernandes Silva, da Universidade Federal do Pará, pelo auxílio fundamental às nossas viagens e estada em campo;

Aos meus amigos do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm) pelas trocas de conhecimento e pelos momentos de alegria;

Ao meu colega [e irmão] Regis Guedes, parceiro de viagens e pesquisa de campo, pelo valioso apoio;

Às minhas amigas da área da literatura Alinnie Santos, Sara Vasconcelos e Márcia Pinheiro pelo apoio e pelos momentos de descontração;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro;

Aos indígenas das etnias Tembé, Asuriní do Tocantins, Guaraní Mbyá, Suruí Aikewára e Guajajára pelo acolhimento e disponibilidade. Sem eles, esta pesquisa não teria sido possível. Gratidão por toda a vida.

“Sem dúvida, os primeiros passos [da dialetologia e da sociolinguística num país pluricultural e multidialetal] devem ser na direção do conhecimento da realidade nacional. E para isso, necessário se faz buscarem-se os meios de apresentar o nosso panorama linguístico, no conjunto de línguas que o constituem: a língua portuguesa com as suas variedades; as línguas indígenas nas suas diferentes situações de uso e de expansão; os vestígios das línguas africanas; e as línguas de imigração. E esse trabalho está bem começado.”

(CARDOSO, 2010, p. 185).

## RESUMO

Por muito tempo a Dialetologia caracterizou-se por sustentar a preocupação exclusivamente com o aspecto diatópico da variação linguística. No entanto, a configuração atual das sociedades modernas fez com que ela aceitasse a importância dos fatores sociolinguísticos e das relações de contato linguístico para a compreensão dos fenômenos linguísticos, passando, a partir desse momento, a considerar outras dimensões em que uma língua natural pode diversificar-se. A presente tese insere-se nessa perspectiva geossociolinguística e/ou pluridimensional e procurou investigar a variação lexical do português falado em áreas indígenas de língua Tupí-Guaraní nos estados do Pará e Maranhão à luz da Dialetologia Pluridimensional e Relacional proposta por Radtke e Thun (1999), Thun (1998, 2000, 2010, 2017), que conjuga a dimensão horizontal (diatópica) à dimensão vertical (diastática) e dos estudos de Cardoso (2010), Cardoso e Mota (2016) Razky (1998, 2010), Elizaincín (2010), Calvet (2002), Romaine (1996), Chambers e Trudgill (1998), Trudgill (1999) e Berruto (2010). Foram investigadas quatro terras indígenas, a saber: Trocará (etnia Asuriní do Tocantins/PA), Nova Jacundá (etnia Guaraní Mbyá/PA), Sororó (etnia Suruí Aikewára/PA) e Cana Brava (etnia Guajajára/MA), que representam a dimensão diatópica deste estudo. Em cada uma dessas comunidades indígenas buscou-se entrevistar dez colaboradores, considerando-se as dimensões diageracional (5 a 10 anos – Faixa etária C, 18 a 37 anos – Faixa etária A, 47 a 75 anos – Faixa etária B), diagenérica (masculino e feminino) e diastática (não escolarizados ou escolarizados até a 8ª série (9º ano) e escolarizados a partir do 1º ano do ensino médio). Além das dimensões supracitadas, foi considerada a dimensão dialingual (referente ao contato entre duas ou mais línguas numa comunidade linguística), que é amplamente contemplada pelas seguintes relações de contato linguístico: português/Asuriní do Tocantins, português/Guaraní Mbyá, português/Suruí Aikewára e português/Guajajára. A coleta de dados foi realizada *in loco* por meio da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Além disso, observou-se a situação de bilinguismo nas comunidades investigadas, com o auxílio do Questionário Sociolinguístico (QS). Os resultados, de modo geral, mostram que o léxico do português falado nas terras indígenas analisadas reflete um contínuo, tanto na área indígena considerada quanto em relação a áreas não indígenas onde as

comunidades étnicas estão localizadas. Quando ao bilinguismo, a dimensão diageracional (faixa etária B) é decisiva para a manutenção das línguas indígenas nas comunidades linguísticas investigadas.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. Geossociolinguística. Léxico. Tupí-guaraní. Terras Indígenas.

## ABSTRACT

For a long time, Dialectology was characterized by exclusively sustaining concern with the diatopic perspective of linguistic variation. However, the current configuration of modern societies has led the area to accept the importance of sociolinguistic factors and linguistic contacts in understanding linguistic phenomena, and, from that moment on, to consider other dimensions in which a natural language can vary. The current thesis was carried out within the geosociolinguistic and/or multi-dimensional perspective. It sought to investigate the lexical variation of Portuguese spoken in Tupí-Guaraní indigenous areas in the states of Pará and Maranhão in the light of the Pluridimensional and Relational Dialectology proposed by Radtke and Thun (1999), Thun (1998, 2000, 2010, 2017), which combines the horizontal (diatopic) dimension with the vertical (diastratic) dimension and the studies by Cardoso (2010), Cardoso and Mota (2016) Razky (1998, 2010), Elizaincín (2010), Calvet (2002), Romaine (1996), Chambers and Trudgill (1998), Trudgill (1999) and Berruto (2010). Four indigenous lands were studied: Trocará (Asuriní do Tocantins/PA), Nova Jacundá (Guaraní Mbyá/PA), Sororó (Suruí Aikewára/PA) and Cana Brava (Guajajára/MA), which are the diatopic dimension of this study. In each community, we sought to interview ten participants. The dimensions considered were the diagenetic (5 to 10 years – Age group C, 18 to 37 years – Age group A, 47 to 75 years – Age group B); the diagenetic (male and female), and the diastratic (not educated or educated until the 8th grade (9th grade) and educated from the 1st grade of high school). In addition to the previously mentioned dimensions, the dialingual one (referring to the contact between two or more languages in a language community) was also considered in the research. The dialingual dimension was broadly contemplated by the following linguistic contact relationships: Portuguese/Asuriní from Tocantins; Portuguese/Guaraní Mbyá, Portuguese/Suruí Aikewára and Portuguese/Guajajára. Data collection was carried out on-site and employed the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) of the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB) Project. In addition, the situation of bilingualism in the studied communities was observed through the Sociolinguistic Questionnaire (QS). In general, the results show that the lexicon of Portuguese spoken in the studied indigenous lands reflect a continuum, both in the indigenous area considered in data collection and in non-indigenous areas where the ethnic communities are located. Concerning bilingualism, the diagenetic

dimension (age group B) is decisive for the maintenance of indigenous languages in the language communities herein studied.

**Keywords:** Multidimensional and Relational Dialectology. Geosociolinguistics. Lexicon. Tupi-Guarani languages. Indigenous Lands.

## RÉSUMÉ

Pendant longtemps la Dialectologie a été caractérisée pour son intérêt exclusif pour l'aspect diatopique de la variation linguistique. Cependant, la configuration actuelle des sociétés modernes l'a mené à accepter l'importance des facteurs sociolinguistiques et des relations de contact linguistique pour mieux comprendre les phénomènes linguistiques, et à partir de ce moment, elle commence à considérer d'autres dimensions dont une langue naturelle peut se montrer diversifiée. Cette thèse s'inscrit dans une approche géo-sociolinguistique et/ou pluridimensionnelle et cherche à étudier la variation lexicale du portugais parlé dans des zones indigènes de langue Tupí-Guaraní, dans les états du Pará et du Maranhão sur la base de la Dialectologie pluridimensionnelle et relationnelle proposée par Radtke et Thun (1999), Thun (1998, 2000, 2010, 2017) – qui combine la dimension horizontale (diatopique) et la dimension verticale (diastratique) – et les contributions de Cardoso (2010), Cardoso et Mota (2016) Razky (2010), Elizaincín (2010), Calvet (2002), Romaine (1996), Chambers et Trudgill (1998), Trudgill (1999) et Berruto (2010). Quatre territoires indigènes (dorénavant TI) ont été étudiés, à savoir: TI Trocará (ethnie Asuriní du Tocantins/PA), TI Nova Jacundá (ethnie Guaraní Mbyá/PA), TI Sororó (ethnie Suruí Aikewára/PA) et TI Cana Brava (ethnie Guajajára/MA), qui représentent la dimension diatopique de cette étude. Dans chacune de ces communautés indigènes, dix collaborateurs ont été interviewés, tenant en compte les dimensions diagenérationnelle (5 à 10 ans – le groupe d'âge C, 18 à 37 ans – le groupe d'âge A et 47 à 75 ans – le groupe d'âge B), diagénérique (masculin et féminin) et diastratique (non-scolarisé, enseignement primaire, enseignement secondaire). Au-delà des dimensions ci-dessus, la dimension dialingue a été considérée (puisqu'elle prend en compte le contact entre deux ou plusieurs langues dans une communauté linguistique), qui est largement couverte par les relations de contact linguistiques suivantes : Portugais/Asurini du Tocantins, Portugais/Guaraní mbya, Portugais/Suruí Aikewára et Portugais/Guajajára. L'obtention de données a été réalisée sur place avec l'application Questionnaire Semantique-Lexical (QSL) du projet Atlas Linguistique du Brésil (ALiB). De plus, nous avons observé la situation de bilinguisme dans les territoires étudiés à l'aide du Questionnaire Sociolinguistique (QS). Les résultats montrent que le lexique portugais parlé dans les territoires indigènes analysés ont tendance à refléter un continu, que ce soit dans le territoire indigène

considéré ou dans la relation des territoires indigènes où les communautés ethniques se trouvent. En ce qui concerne le bilinguisme, la dimension diagerationnelle (groupe d'âge B) est décisive pour la maintenance des langues autochtones dans les communautés linguistiques étudiées.

**Mots-clés:** Dialectologie pluridimensionnelle et relationnelle. Géosociolinguistique. Lexique. Tupí-Guaraní. Territoires indigènes.

## LISTA DE CARTAS

CARTA LEXICAL 001	- PONTE.....	133
CARTA LEXICAL 002	- REDEMOINHO (DE ÁGUA).....	135
CARTA LEXICAL 003	- GAROA.....	137
CARTA LEXICAL 004	- ESTRELA D'ALVA.....	138
CARTA LEXICAL 005	- TANGERINA.....	140
CARTA LEXICAL 006	- PENCA.....	142
CARTA LEXICAL 007	- BANANAS GÊMEAS.....	144
CARTA LEXICAL 008	- PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA.....	146
CARTA LEXICAL 009	- GALINHA D'ANGOLA.....	147
CARTA LEXICAL 010	- LIBÉLULA.....	149
CARTA LEXICAL 011	- BICHO DE FRUTA.....	152
CARTA LEXICAL 012	- PERNILONGO.....	154
CARTA LEXICAL 013	- PESSOA SOVINA.....	156
CARTA LEXICAL 014	- MARIDO ENGANADO.....	158
CARTA LEXICAL 015	- PROSTITUTA.....	160
CARTA LEXICAL 016	- BÊBADO.....	161
CARTA LEXICAL 017	- CIGARRO DE PALHA.....	162
CARTA LEXICAL 018	- DIABO.....	164
CARTA LEXICAL 019	- CAMBALHOTA.....	166
CARTA LEXICAL 020	- BOLINHA DE GUDE.....	168
CARTA LEXICAL 021	- ESTILINGUE.....	170
CARTA LEXICAL 022	- BRINQUEDO DE EMPINAR (COM VARETAS)..	172
CARTA LEXICAL 023	- BRINQUEDO DE EMPINAR (SEM VARETAS)...	173
CARTA LEXICAL 024	- AMARELINHA.....	175
CARTA LEXICAL 025	- SUTIÃ.....	176

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Arquitetura de uma língua como um <i>continuum</i> multidimensional.....	37
Figura 2	- Espaço variacional e disciplinas da variação.....	53
Figura 3	- Amazônia brasileira.....	57
Figura 4	- Amazônia com a localização dos 11 fortes.....	60
Figura 5	- Carta L20/Brinquedo de empinar (com varetas)/ALiB.....	73
Figura 6	- Carta 123/galinha d'angola/Guedes (2012).....	75
Figura 7	- Carta 210/baladeira/Gomes (2013).....	76
Figura 8	- Carta marido enganado/Silveira e Ramos (2015).....	78
Figura 9	- Mapa 01/ADDU.....	81
Figura 10	- Mapa 104.2/ALGR.....	83
Figura 11	- Mapa Clex11_234/ALMA.....	85
Figura 12	- MAPA 11/Margotti (2004).....	87
Figura 13	- Carta 001.a/QSL/Reis (2013).....	89
Figura 14	- Carta 010 – CORRÉGO/Carlos (2015).....	90
Figura 15	- Mapa 20: Carta F08 - /S/ em coda silábica – Diatópica/Guedes (2017).....	92
Figura 16	- Rede de pontos.....	110
Figura 17	- Mapa base para elaboração das cartas linguísticas.....	117
Figura 18	- Carta explicativa.....	118
Figura 19	- Carta Lexical 001 – Ponte.....	133
Figura 20	- Carta Lexical 002 – Redemoinho (de água).....	135
Figura 21	- Carta Lexical 003 – Garoa.....	137
Figura 22	- Carta Lexical 004 – Estrela d'alva.....	138
Figura 23	- Carta Lexical 005 – Tangerina.....	140
Figura 24	- Carta Lexical 006 – Penca.....	142
Figura 25	- Carta Lexical 007 – Bananas gêmeas.....	144
Figura 26	- Carta Lexical 008 – Parte terminal da inflorescência da bananeira.....	146
Figura 27	- Carta Lexical 009 – Galinha d'angola.....	147
Figura 28	- Carta Lexical 010 – Libélula.....	149

Figura 29	- Carta 142 – Designações registradas para Libélula/Jacinto (Pará).....	151
Figura 30	- Carta Lexical 011 – Bicho de fruta.....	152
Figura 31	- Carta Lexical 012 – Pernilongo.....	154
Figura 32	- Carta Lexical 013 – Pessoa Sovina.....	156
Figura 33	- Carta Lexical 014 – Marido enganado.....	158
Figura 34	- Carta Lexical 015 – Prostituta.....	160
Figura 35	- Carta Lexical 016 – Bêbado.....	161
Figura 36	- Carta Lexical 017 – Cigarro de palha.....	162
Figura 37	- Carta Lexical 018 – Diabo.....	164
Figura 38	- Carta Lexical 019 – Cambalhota.....	166
Figura 39	- Carta Lexical 020 – Bolinha de gude.....	168
Figura 40	- Carta Lexical 021 – Estilingue.....	170
Figura 41	- Carta Lexical 022 – Brinquedo de empinar (com varetas).....	172
Figura 42	- Carta Lexical 023 – Brinquedo de empinar (sem varetas).....	173
Figura 43	- Carta Lexical 024 – Amarelinha.....	175
Figura 44	- Carta Lexical 025 – Sutiã.....	176

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	- Morada Asuriní.....	95
Fotografia 2	- Escola Asuriní.....	96
Fotografia 3	- Habitação Guaraní.....	99
Fotografia 4	- Escola Guaraní.....	100
Fotografia 5	- Morada Suruí (Alvenaria/telhas de barro).....	104
Fotografia 6	- Morada Suruí (outros modelos).....	104
Fotografia 7	- Escola Suruí.....	105
Fotografia 8	- Morada Guajajára.....	108
Fotografia 9	- Escola Guajajára.....	109

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Grupos linguísticos da Amazônia brasileira no século XVI.....	63
Quadro 2	- Perfil sociolinguístico dos colaboradores.....	112
Quadro 3	- Questionários.....	114
Quadro 4	- Localidades e itens lexicais selecionados para a comparação de dados – ALiB.....	120
Quadro 5	- Localidades e itens lexicais selecionados para a análise comparativa – ALeSPA.....	121
Quadro 6	- Pontos indígenas e não indígenas no Estado do Pará.....	121
Quadro 7	- Localidades e itens lexicais selecionados para a análise comparativa – ALiMA.....	122
Quadro 8	- Pontos indígenas e não indígenas no Estado do Maranhão....	122
Quadro 9	- Modelo de quadro comparativo.....	123
Quadro 10	- Interação dos Asuriní em Asuriní.....	125
Quadro 11	- Interação dos Asuriní em português?.....	125
Quadro 12	- Interação dos Guaraní em Guaraní.....	127
Quadro 13	- Interação dos Guaraní em português.....	127
Quadro 14	- Interação dos Suruí em Suruí?.....	128
Quadro 15	- Interação dos Suruí em português?.....	128
Quadro 16	- Interação dos Guajajára em Guajajára.....	130
Quadro 17	- Interação dos Guajajára em português.....	130
Quadro 18	- Comparação de dados – Pinguela.....	134
Quadro 19	- Comparação de dados – Redemoinho (de água).....	136
Quadro 20	- Comparação de dados – Garoa.....	137
Quadro 21	- Comparação de dados – Estrela d'alva.....	139
Quadro 22	- Comparação de dados – Tangerina.....	141
Quadro 23	- Comparação de dados – Penca.....	142
Quadro 24	- Comparação de dados – Bananas gêmeas.....	144
Quadro 25	- Comparação de dados – Parte terminal da inflorescência da bananeira.....	146
Quadro 26	- Comparação de dados galinha d'angola.....	148
Quadro 27	- Comparação de dados – Bicho da fruta.....	153

Quadro 28	- Comparação de dados – Pernilongo.....	155
Quadro 29	- Comparação de dados – Pessoa Sovina.....	157
Quadro 30	- Comparação de dados – Marido enganado.....	159
Quadro 31	- Comparação de dados – Cigarro de palha.....	163
Quadro 32	- Carta Lexical 018 – Diabo.....	165
Quadro 33	- Comparação de dados – Cambalhota.....	167
Quadro 34	- Comparação de dados – Bolinha de gude.....	169
Quadro 35	- Comparação de dados – Estilingue.....	171
Quadro 36	- Comparação de dados – Brinquedo de empinar (com varetas).....	172
Quadro 37	- Comparação de dados – Amarelinha.....	175
Quadro 38	- Comparação de dados – Sutiã.....	177

## LISTA DE SIGLAS

ADDU	- <i>Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay</i>
AFBAM	- Atlas dos Falares do Baixo Amazonas
AFEBG	- Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara
AGELO	- Atlas Geossociolinguístico de Londrina
ALAM	- Atlas Linguístico do Amazonas
ALASC	- Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central
ALE	- <i>Atlas Linguarum Europae</i>
ALECE	- Atlas Linguístico do Ceará
ALERS	- Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALeSPA	- Atlas Léxico Sonoro do Pará
ALF	- Atlas Linguístico da França
ALF-BR PY	- Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai
ALGR	- Atlas Linguístico Guaraní-Románico
ALiAC	- Atlas Linguístico do Acre
ALiB	- Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	- Atlas Linguístico do Maranhão
ALiPA	- Atlas Geossociolinguístico do Pará
ALiPAI	- Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas
ALIR	- <i>Atlas Linguistique Roman</i>
ALiSPA	- Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALMA	- Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata
ALMASPE	- Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco
ALMESEMT	- Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso
ALMS	- Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALPB	- Atlas Lingüístico da Paraíba
ALPR	- Atlas Lingüístico do Paraná
ALS	- Atlas Lingüístico de Sergipe
APFB	- Atlas Prévio dos Falares Baianos
ASLIB	- Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil

CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CASAI	-	Casa de Saúde Indígena
CEDI	-	Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CL	-	Carta Lexical
CNPq	-	Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COLPI	-	<i>Corpus</i> Oral de Língua Portuguesa Indígena
CTI	-	Centro de Trabalho Indigenista
DOU	-	Diário Oficial da União
EALMG	-	Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais
EJA	-	Educação de Jovens e adultos
FUNAI	-	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	-	Fundação Nacional de Saúde
GeoLinTerm	-	Geossociolinguística e Socioterminologia
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INDL	-	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
IPA	-	Alfabeto Fonético Internacional
IPHAN	-	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOL	-	Instituto de Políticas Linguísticas
ISA	-	Instituto Socioambiental
LALLI	-	Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
LGA	-	Língua Geral Amazônica
LI	-	Língua Indígena
MaGePAI	-	Mapeamento Geossociolinguístico do Português Falado em Áreas Indígenas nos Estados do Pará e Maranhão
MicroAFERJ	-	Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro
OP-2	-	Operacional 2
PIN	-	Posto Indígena
PPP	-	Projeto Político Pedagógico
QFF	-	Questionário Fonético-fonológico
QMS	-	Questionário Morfossintático
QS	-	Questionário Sociolinguístico
QSL	-	Questionário Semântico-Lexical
SESAI	-	Secretaria Especial de Saúde Indígena

- SIASI - Sistema de Informações de Atenção à Saúde Indígena
- SPI - Sistema de Proteção Indígena
- SPVEA - Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia
- SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
- TI - Terra Indígena
- UFBA - Universidade Federal da Bahia
- UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
- UFPA - Universidade Federal do Pará
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UnB - Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	25
2	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	30
2.1	<b>Língua, dialeto e <i>continuum</i> dialetal</b> .....	30
2.2	<b>Bilinguismo e contato de línguas</b> .....	39
2.3	<b>Dialetologia e sociolinguística</b> .....	46
2.4	<b>Dialetologia pluridimensional e relacional</b> .....	51
3	<b>AMAZÔNIA BRASILEIRA E PESQUISAS GEOSOCIOLINGUÍSTICAS</b> .....	56
3.1	<b>Contexto histórico-linguístico da Amazônia brasileira</b> .....	56
3.1.1	Contexto histórico.....	56
3.1.2	Contexto linguístico.....	62
3.2	<b>Atlas e estudos linguísticos e áreas de investigação linguística</b>	67
3.2.1	Classificação dos atlas linguísticos.....	68
3.2.2	Atlas Linguísticos de áreas monolíngues.....	71
3.2.2.1	Atlas Linguístico do Brasil (AliB) .....	71
3.2.2.2	Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA) .....	74
3.2.2.3	Atlas Linguístico do Maranhão (AliMA) .....	77
3.2.3	Atlas Linguísticos e estudos de áreas bilíngues.....	79
3.2.3.1	Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU).....	80
3.2.3.2	Atlas Linguístico Guaraní-Románico (ALGR).....	82
3.2.3.3	Atlas Linguístico das Minorias Alemãs da Bacia do Rio do Prata (ALMA).....	84
3.2.3.4	Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALIPAI).....	85
3.2.3.5	Difusão sócio-geográfica do português com o italiano no Sul do Brasil.....	86
3.2.3.6	Varição linguística do português em contato com o Espanhol e o Guaraní na perspectiva do Atlas Linguístico Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai (ALF-BR PY).....	88
3.2.3.7	O Português de aqui e além Fronteira – Um estudo das variedades da língua portuguesa em contato em contexto de fronteira.....	89
3.2.3.8	Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão.	91
4	<b>CONTEXTO GEO-HISTÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	93
4.1	<b>Contexto geo-histórico das terras indígenas em escopo</b> .....	93
4.1.1	Terra Indígena Trocará (Tucuruí/PA) – Etnia Asuriní do Tocantins....	93
4.1.2	Terra Indígena Nova Jacundá (Rondon do Pará) – Etnia Guaraní Mbyá.....	97
4.1.3	Terra Indígena Sororó (São Geraldo do Araguaia) – Etnia Suruí Aikewára.....	101
4.1.4	Terra Indígena Cana Brava (Barra do Corda/MA) – Etnia Guajajára..	106

<b>4.2</b>	<b>Procedimentos metodológicos da pesquisa</b> .....	109
4.2.1	Rede de pontos (Dimensão espacial).....	110
4.2.2	Colaboradores (Dimensão social).....	111
4.2.3	Questionários.....	113
<b>4.3</b>	<b>Tratamento dos dados</b> .....	115
<b>4.4</b>	<b>Cartografia dos dados</b> .....	116
<b>4.5</b>	<b>Comparação de dados</b> .....	119
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	124
<b>5.1</b>	<b>Situação de bilinguismo nas comunidades linguísticas investigadas</b> .....	124
5.1.1	Asuriní do Tocantins vs português.....	124
5.1.2	Guaraní Mbyá vs português.....	126
5.1.3	Suruí Aikewára vs português.....	128
5.1.4	Guajajára vs português.....	129
<b>5.2</b>	<b>Análise geossociolinguística do léxico do português falado em áreas indígenas nos estados do Pará e Maranhão</b> .....	132
5.2.1	Ponte.....	132
5.2.2	Redemoinho (de água).....	134
5.2.3	Garoa.....	136
5.2.4	Estrela d'alva.....	138
5.2.5	Tangerina.....	139
5.2.6	Penca.....	141
5.2.7	Bananas gêmeas.....	143
5.2.8	Parte terminal da inflorescência da bananeira.....	145
5.2.9	Galinha d'angola (mais de português).....	147
5.2.10	Libélula.....	149
5.2.11	Bicho da fruta.....	151
5.2.12	Pernilongo.....	153
5.2.13	Pessoa sovina.....	155
5.2.14	Marido enganado.....	157
5.2.15	Prostituta.....	159
5.2.16	Bêbado.....	160
5.2.17	Cigarro de palha.....	162
5.2.18	Diabo.....	163
5.2.19	Cambalhota.....	165
5.2.20	Bolinha de gude.....	167
5.2.21	Estilingue.....	169
5.2.22	Brinquedo de empinar (com varetas).....	171
5.2.23	Brinquedo de empinar (sem varetas).....	173
5.2.24	Amarelinha.....	174
5.2.25	Sutiã.....	176
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	180
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	184
	<b>APÊNDICES</b> .....	196

APÊNDICE A	-	QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL EM BELÉM E SÃO LUÍS.....	197
APÊNDICE B	-	QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL EM OITO MUNICÍPIOS PARAENSES.....	198
APÊNDICE C	-	QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL BACABAL E TUNTUM.....	199
APÊNDICE D	-	QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO.....	200
ANEXOS.....			203
ANEXO A	-	FICHA DO INFORMANTE.....	204
ANEXO B	-	QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL.....	206

## 1 INTRODUÇÃO

A Amazônia brasileira caracteriza-se por ser uma região de grande concentração e diferenciação linguística, apesar da extraordinária perda das línguas indígenas ao longo dos anos (RODRIGUES, 2003). Essa perda linguística resulta do avassalador processo de colonização do território amazônico ao final do qual a língua portuguesa tornou-se hegemônica.

Nesse sentido, Leite e Franchetto (2006), por exemplo, ao falarem dos Tapirapé (Tupí-guaraní), citam alguns fatores que corroboraram a afirmação do português entre os indígenas dessa etnia, dentre os quais destacamos: a luta pela reconquista da terra com idas constantes à Brasília (para a reivindicação de seus direitos), as viagens aos grandes centros urbanos (para a venda mais proveitosa do artesanato que produzem) e as idas constantes a reuniões intertribais (para tratarem de interesses comuns, de assuntos educacionais e de saúde). Além disso, as autoras apontam o acesso à escola e a necessidade do domínio da língua portuguesa como fatores de reorganização das relações político-econômicas do grupo, bem como de aproximação do mesmo com a sociedade envolvente.

Essa realidade certamente é comum aos demais povos indígenas que igualmente lutam pelos seus direitos, tendo o português como língua veicular, e tem motivado os linguistas a entenderem o modo como essa língua portuguesa, que cada vez mais assume funções nas comunidades indígenas, configura-se nos diversos níveis linguísticos.

Nesse contexto, relacionam-se trabalhos de pesquisadores que estudaram o português falado em áreas indígenas, investigando-o sob as perspectivas morfossintática, fonético-fonológica e lexical: *O português Kiriri: aspectos fônicos e lexicais na fala de uma comunidade do sertão baiano* (SOUZA, 2011); *Concordância de gênero em sintagmas nominais do português Huni-Kuin* (CHRISTINO, 2015); *Concordância verbal e nominal na escrita em português-Kaingang* (CHRISTINO, 2012); *O português étnico dos povos Timbira* (AMADO, 2015); *A variedade étnica do português Xerente Akwe: subsídios para a educação escolar indígena* (BRAGGIO, 2015), além dos estudos da professora Rosa Virgínia Matos e Silva, “uma das iniciadoras no campo da descrição de variedades indígenas de Português” (CHRISTINO, 2015, p. 41), sobre o Português Kamayurá, e do projeto *Corpus Oral*

de Língua Portuguesa Indígena (COLPI), coordenado pela professora Heliana Mello, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Entre os dialetólogos brasileiros, a tomada do português falado por indígenas como objeto de estudo deu-se com o projeto Mapeamento Geossociolinguístico do Português Falado em Áreas Indígenas nos Estados do Pará e Maranhão (MaGePAI), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pelo professor Abdelhak Razky na Universidade Federal do Pará (UFPA). O desenvolvimento do MaGePAI culminou na efetivação, dentro do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm), do eixo de pesquisa Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI), no âmbito do qual esta tese situa-se.

Essa linha de investigação científica centrada no português falado em áreas indígenas surgiu com a consciência de que havia uma lacuna tanto no que diz respeito ao estudo geossociolinguístico das línguas indígenas brasileiras, que viria a ser preenchida com a elaboração e estabelecimento do projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB), quanto no que concerne ao estudo do português falado em áreas indígenas, tendo em vista que o português falado no Brasil já era objeto de estudo do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

O desenvolvimento de pesquisas dessa natureza, a que envolve áreas de contato, torna-se imprescindível para a compreensão do português brasileiro, haja vista que o Brasil, cuja formação linguística é caracterizada pela diversidade étnica, é um país plurilíngue com distintas situações de contato, identificadas “entre línguas autóctonas, exóctonas [...], na diversidade linguística de fronteira [...] e no contato com falares étnicos específicos como, por exemplo, falares ciganos e, ainda na aquisição formal de línguas estrangeiras” (SAVEDRA, 2010, p. 222). Para Busse e Aguilera (2008, p. 12), a motivação que está na base do interesse dos sociolinguistas por áreas bilíngues é a possibilidade de colocar o uso da língua “como elemento desencadeador de ambientes particulares de interação, governados pela necessidade de comunicação e pela constituição de identidades, em que se podem compreender as várias facetas do *modus operandi* das línguas”.

É nesse contexto que justificamos este estudo que teve como objetivo geral descrever a variação lexical do português falado em áreas indígenas localizadas nos estados do Pará (terras indígenas Trocará, Nova Jacundá e Sororó) e Maranhão (terra indígena Cana Brava), sob uma perspectiva pluridimensional. Na base da

definição desse objetivo foi colocada a seguinte pergunta de pesquisa: como se delinea a variação do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupí-Guaraní nos estados do Pará e Maranhão? A partir desse questionamento, de acordo com a perspectiva teórico-metodológica adotada, formularam-se as seguintes hipóteses:

- a) o léxico do português falado por indígenas (etnias Asuriní, Guaraní Mbyá, Sororó e Guajajara) reflete um contínuo lexical regional;
- b) o léxico do português falado nas áreas indígenas consideradas reflete um contínuo lexical em relação a áreas não indígenas em que ele está inserido;
- c) a dimensão diageracional favorece a manutenção das línguas indígenas nas comunidades linguísticas investigadas.

Quanto aos objetivos específicos, foram definidos os seguintes:

- a) mapear a variação lexical do português falado em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão, considerando-se as dimensões diatópica, diastrática, diagenérica, diageracional e dialingual;
- b) comparar o português falado em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão com o português falado em áreas não indígenas localizadas no mesmo espaço geográfico das terras indígenas Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava;
- c) observar a situação de bilinguismo nas terras indígenas Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava.

O estudo pautou-se na Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, conforme Radtke e Thun (1999), Thun (1998, 2000, 2010, 2017), e nas contribuições teórico-metodológicas de Cardoso (2010), Cardoso e Mota (2016), Razky (1998, 2010), Elizaincín (2010), Calvet (2002), Romaine (1996), Chambers e Trudgill (1998), Trudgill (1999) e Berruto (2010). A Dialetoлогия pluridimensional possibilita uma visão mais ampla da variação linguística ao conjugar a Dialetoлогия tradicional monodimensional com a Sociolinguística, sendo este o motivo pelo qual se optou pela sua adoção.

A pesquisa foi realizada nas terras indígenas Trocará (dos Asuriní do Tocantins/município de Tucuruí/PA; Nova Jacundá, (dos Guaraní Mbyá/Município de Rondon do Pará/PA; Sororó (dos Suruí Aikewára/município de São Geraldo do Araguaia/PA) e Cana Brava (dos Guajajara/município de Barra do Corda/MA).

Em cada uma dessas comunidades indígenas, buscou-se 10 colaboradores, controlando-se as dimensões diageracional (5 a 10 anos, 18 a 37 anos e 47 a 75 anos), diagenérica (masculino/feminino) e diastrática (não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano) e escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio). Foram aplicados o Questionário Sociolinguístico (QS) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, este último numa perspectiva bilíngue, haja vista que após a realização da pergunta em língua portuguesa, o colaborador era inquerido quanto ao nome do referente em questão também em língua indígena.

O estudo contempla as dimensões diatópica, diastrática, diagenérica, diageracional e dialingual, esta última manifestada em quatro relações de contato, a saber: língua Asuriní do Tocantins/português, língua Guaraní Mbyá/português, língua Suruí Aikewára/português e língua Guajajara/português, das quais, entende-se, resultam quatro variedades étnicas da língua portuguesa. Tais variedades, em sua dimensão lexical, ratifica-se, constituem o objeto deste estudo.

Esta tese organiza-se em dois tomos. O tomo I constitui-se dos elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, e o tomo II do conjunto das cartas lexicais elaboradas.

Constam do tomo I, a introdução (capítulo 1) e os quatro outros capítulos que estruturam a tese.

No capítulo 2, enfoca-se o referencial teórico-metodológico, em que são discutidos os conceitos de língua, dialeto, *continuum* dialetal, bilinguismo e contato linguístico, bem como as relações entre Dialetologia e Sociolinguística e, ainda, o escopo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

No capítulo 3, revisa-se a literatura concernente à história da Amazônia e à produção de atlas linguísticos, definindo-se, de acordo com a natureza e os objetivos desta pesquisa, duas seções: a primeira relacionada aos aspectos de ocupação, colonização e formação linguística da Amazônia brasileira, com vistas a um melhor conhecimento e compreensão do extermínio linguístico, do qual as línguas indígenas integrantes desta pesquisa são sobreviventes, e a segunda voltada para os atlas linguísticos, em virtude da comparação de dados proposta.

No capítulo 4, descreve-se a metodologia desenvolvida para a concretização deste estudo, apresentando-se, em um primeiro momento, as terras indígenas sob uma perspectiva geo-histórica e, em um segundo momento, definindo-se os procedimentos metodológicos adotados.

No capítulo 5, apresenta-se e analisa-se os resultados desta pesquisa, a partir de quadros comparativos e de cartas lexicais que possibilitam, respectivamente, uma visão da situação de bilinguismo nas comunidades e a descrição do léxico do português falado por indígenas das etnias Asuriní do Tocantins, Guaraní Mbyá, Suruí Aikewára e Guajajara em sua dimensão diatópica, diageracional, diagenérica, diastrática e dialingual. A este último capítulo, sucedem as considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo discorre-se sobre língua, dialeto e *continuum* dialetal, conceitos considerados importantes por integrarem o escopo desta pesquisa; abordam-se alguns conceitos referentes a contato linguístico, tendo em vista a caracterização linguística das áreas indígenas investigadas; trata-se da Dialetologia e da Sociolinguística, disciplinas que estão na base de trabalhos geossociolinguísticos e apresenta-se a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, cuja perspectiva de investigação possibilita um amplo estudo da variação linguística.

### 2.1 Língua, dialeto e *continuum* dialetal

A literatura relativa aos estudos linguísticos mostra que muito já foi dito sobre língua e dialeto, sendo muitos os conceitos que tratam desses termos. Essa multiplicidade conceitual é natural e decorre do fato de “os estudiosos do fenômeno linguístico, como homens do seu tempo, assumirem posturas teóricas em consonância com o fazer científico da tradição cultural em que estavam inseridos” (ALKMIM, 2007, p. 23), de modo que “as teorias da linguagem, do passado ou atuais, sempre refletem concepções particulares do fenômeno linguístico e compreensões distintas do papel deste na vida social” (ALKMIM, 2007, p. 23). Dessa maneira, limitar-se-á aqui à apresentação de alguns conceitos e colocações sobre língua, dialeto e *continuum* dialetal considerados fundamentais para um estudo dessa natureza.

Em primeiro lugar, então, discorre-se sobre o conceito de língua sobre o qual Coseriu (1982, p. 19) explica: “as línguas são, com efeito, técnicas históricas da linguagem” e, uma vez estabelecidas

[...] como tradições firmes e peculiares, reconhecidas pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas, recebem designações adjetivadas que as identificam historicamente como, por exemplo, língua espanhola, língua alemã, língua portuguesa, etc. (COSERIU, 1982, p. 19).

A linguagem, para o autor, apresenta-se, concretamente, “como uma entidade humana específica e facilmente reconhecível, a saber, como *falar* ou ‘*discurso*’” (COSERIU, 1982, p. 17, grifo do autor). O falar, por sua vez, aclara o linguista, “é sempre *falar uma língua*, o que em todas as situações revela a pertença de um

falante a uma comunidade determinada historicamente” (COSERIU, 1982, p. 19, grifo do autor).

Por seu turno, Romaine (1996, p. 42, tradução nossa) reforça que “a língua nos ajuda a dar sentido ao mundo”<sup>1</sup>, o que significa dizer que passamos a conhecer, a compreender e a interagir com o mundo circundante mediante o uso da linguagem. Os processos de compreensão e interação, por sua vez, ocorrem de forma dinâmica, haja vista que a “categorização do mundo através da linguagem é uma atividade social contínua, uma vez que constantemente aparecem novas coisas que não de ser nomeadas”<sup>2</sup> (ROMAINE, 1996, p. 43, tradução nossa). Essa mesma percepção de língua, a que a vincula com a sociedade, pode ser ampliada por meio das palavras de Rodrigues (2014a, p. 447, tradução nossa) que, ao falar das línguas em perigo de extinção no Brasil, oportunamente, esclarece:

A língua nativa de uma sociedade não é apenas o meio de comunicação que mantém a solidariedade social, mas também é o meio básico de organização e armazenamento de experiência e conhecimento. Toda língua humana é única na forma como codifica conhecimento e experiência, pois foi moldada de acordo com as necessidades para a expressão adequada de um complexo extremamente diversificado e variável de representações mentais. Uma verdadeira compreensão da humanidade apenas pode ser alcançada idealmente com o conhecimento de cada cultura e sociedade em particular. Isto implica cada chave única para acessar profundamente a cultura da sociedade que fala determinada língua.<sup>3</sup>

Por sua vez, Chambers e Trudgill (1998, p. 4, tradução nossa), depois de apresentarem alguns conceitos de dialeto e de tratarem da dificuldade de distinguir dialeto e língua, utilizando exemplos das línguas escandinavas e do alemão, concluem que “uma língua não é uma noção particularmente linguística” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p. 4, tradução nossa)<sup>4</sup>, o que torna o termo língua, do ponto de vista linguístico, relativamente não técnico. Os autores, nesse sentido,

<sup>1</sup> “La lengua nos ayuda a dar sentido al mundo.” (ROMAINE, 1996, p. 42).

<sup>2</sup> “La categorización del mundo através da linguagem es una actividad social continua, puesto que constantemente aparecen novas cosas que han de ser nobradas.” (ROMAINE, 1996, p. 43).

<sup>3</sup> “The native language of a society is not only the means of communication that keeps social solidarity, but it is also the basic means of organizing and storing experience and knowledge. Every human language is unique in the way it codifies knowledge and experience, for it has been shaped and reshaped following the needs for the adequate expression of a extremely diversified and variable complex of mental representations. A true understanding of mankind can ideally be achieved only with the knowledge of every particular culture and society. This implies that every unique key for an in-deep accessing of the culture of the society that speaks it.” (RODRIGUES, 2014a, p. 447).

<sup>4</sup> “In fact, our discussion of the Scandinavian languages and German suggests that (unless we want to change radically our everyday assumptions about what a language is) we have to recognise that, paradoxically enough, a ‘language’ is not a particularly linguistic notion at all.”

consideram o termo variedade neutro para tratar de língua e explicam que o termo língua refere-se, assim, a uma “variedade autônoma junto com todas as variedades que são dependentes (heterônomas) dela”<sup>5</sup> (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p. 11, tradução nossa). Segundo os autores, a autonomia e a heteronomia resultam não só de fatores linguísticos, mas também de fatores políticos e culturais, estando, por isso, sujeitas à mudança.

Com relação ao exposto no parágrafo anterior, sobre o termo variedade, retomamos Romaine (1996, p. 19, tradução nossa) que, estudando língua e dialeto em Papua-Nova Guiné, também o considera como um termo neutro: “usemos para o momento ‘variedade’ como um termo neutro que não nos obriga todavia a tomar a decisão se estamos diante a uma língua ou de um dialeto”<sup>6</sup> e, depois de analisar 10 (dez) variedades linguísticas da Nova Bretanha Noroocidental, em termos puramente linguísticos (léxico, categorias gramaticais, pronúncia), a autora consegue definir quais constituem línguas e quais constituem dialetos.

Em referência aos termos autonomia e heteronomia, Romaine (1996) explica que, num contexto de discussão sobre língua e dialeto, alguns autores preferem substituir as etiquetas língua e dialeto por variedade autônoma e variedade heterônoma e que, no caso da Holanda, por exemplo, pode-se dizer que os dialetos holandeses são dependentes ou heterônomos com respeito ao holandês estandar. De acordo com a linguista, a movimentação entre variedades autônomas e heterônomas depende mais de fatores políticos e culturais do que linguísticos e, assim sendo, as variedades heterônomas podem alcançar autonomia.

Voltando à relação de pontuações conceituais, Chambers (1995, p. 206-253 apud BERRUTO, 2010, p. 226, tradução nossa), concebe a língua como um espaço linguístico que abriga entidades linguísticas. Tal espaço linguístico, segundo o autor, “não é de forma alguma um espaço homogêneo; pelo contrário, é um reino de heterogeneidade linguística e diferenças de vários tipos, que formam no seu conjunto a variação interna de uma língua.”<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> “We can now, therefore, expand a little on our earlier discussion of the term ‘language’. Normally, it seems, we employ this term for a variety which is autonomous together with all those varieties which are dependent (heteronomous) upon it.” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p. 11).

<sup>6</sup> “Usemos por el momento <<variedade>> como un término neutro que no nos obliga todavía a tomar la decisión de si estamos ante una lengua o un dialeto.” (ROMAINE, 1996, p. 19).

<sup>7</sup> “A language space is made up of language varieties and at the same time a language is conceivable, broadly and metaphorically speaking, as a language space, i. e., a scene occupied by linguistic entities. This space, which constitutes a language, is by no means a homogeneous space; on the

Em segundo lugar, reflete-se sobre o conceito de dialeto sobre o qual Coseriu (2017, p. 18), depois de ampla discussão sobre o termo, afirma: “o dialeto é uma língua (equivalente a ‘sistema linguístico’), subordinada a uma língua histórica ou delimitada no interior de uma língua histórica”. Tal subordinação, esclarece o autor, ocorre devido a critérios externos e internos, sendo, por isso, fundamentalmente convencional e frequentemente distinta.

Por seu turno, Romaine (1996) garante que o termo dialeto tem sido usado na maioria das vezes em referência às variedades de uma língua que são vistas como subordinadas; que as diferenciações entre dialetos perpassam por questões de limites geográficos (rios e montanhas) e que limites, frequentemente, têm natureza social, sendo possível falar em dialetos sociais, que denunciam quem somos, e dialetos regionais, que acusam de onde viemos.

Por sua vez, Chambers e Trudgill (1998, p. 5, tradução nossa) entendem que “dialeto refere-se a variedades que são gramaticalmente (e talvez lexicalmente) assim como fonologicamente diferentes de outras variedades”<sup>8</sup> e, nesta perspectiva, explicam que os enunciados *I done it last night* (eu fiz isso ontem à noite) e *I did it last night* (eu fiz isso ontem à noite) representam dialetos diferentes.

Já Daza (2005, p. 19), discorrendo sobre linguagem, língua, fala, idioma e dialeto, relaciona outras definições para o termo dialeto, conforme fragmento a seguir:

A noção de dialeto pode ser entendida a partir de várias definições como: variante de uma língua mutuamente entendida; sistema linguístico derivado de outro, normalmente com uma concreta delimitação geográfica; variante minoritária, autóctone, não escrita ou sem prestígio; e finalmente como uma estrutura linguística simultânea a outra que não alcança a categoria de língua (DAZA, 2005, p. 19, tradução nossa).<sup>9</sup>

Em última instância, Berruto (2010, p. 230, tradução nossa) sintetiza o modo como o termo dialeto é concebido no contexto dos estudos linguísticos. De acordo com o autor, linguistas britânicos e americanos, na maioria das vezes, concebem

---

contrary, it is a realm of linguistic heterogeneity and differences of various kinds, which form on the whole the inner variation of a language.”

<sup>8</sup> “‘Dialect’, on the other hand, refers to varieties which are grammatically (and perhaps lexically) as well as phonologically different from other varieties.” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p. 5).

<sup>9</sup> “La noción de dialecto puede entenderse desde varias definiciones como: variante de una lengua mutuamente entendida; sistema lingüístico derivado de otro, normalmente con una concreta delimitación geográfica; variante minoritaria, autóctona, no escrita o sin prestigio; y finalmente, como una estructura lingüística simultánea a otra que no alcanza la categoría de lengua.” (DAZA, 2005, p. 19).

dialeto “como sinônimo de variedade (linguista), designando qualquer forma de língua em particular com pelo menos algumas diferenças na estrutura e na gramática em relação a qualquer outra forma de linguagem”<sup>10</sup> enquanto linguistas do continente europeu compreendem melhor dialeto

[...] como qualquer variedade da língua falada em um determinado local ou região em concomitância com uma variedade sobreposta mais prestigiada (sendo esta última uma língua padrão) de modo que a sua caracterização diatópica vem crucialmente à tona (BERRUTO, 2010, p. 230, tradução nossa).<sup>11</sup>

A discussão sobre língua e dialeto, então, é complexa, assim como a tarefa de os distinguir ou de traçar um limite entre um e outro. Contudo, existem algumas técnicas que são empregadas com esses fins. Romaine (1996), neste sentido, informa que todo o conhecimento a respeito das relações linguísticas em Papua-Nova Guiné tem em sua base a *lexicoestatística* ou *estatística léxica*. Já Chambers e Trudgill (1998), usando como base as línguas escandinavas e o alemão, falam sobre o critério da *inteligibilidade mútua*, em cuja base está a definição de língua como uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis. Para os autores, embora esse critério tenha alguma relevância, não é bem sucedido em todos os casos.

Em terceiro lugar, para finalizar, aborda-se o conceito de *continuum* dialetal sobre o qual Chambers e Trudgill (1998) discutem a partir da ideia de que quando se viaja dentro de uma área rural, de cidade em cidade, numa dada direção, os diferentes níveis de diferenciação linguística são perceptíveis, sendo que quanto maior for o afastamento do ponto de partida, maiores serão as diferenças dialetais. Em outras palavras, os autores descrevem a situação que configura um *continuum* dialetal geográfico, conforme fragmento a seguir:

Em outras palavras, os dialetos nas bordas exteriores da área geográfica podem não ser mutuamente inteligíveis, mas estarão ligados por uma cadeia de inteligibilidade mútua. Em nenhum momento há uma ruptura total de forma que os dialetos geograficamente adjacentes não sejam

<sup>10</sup> “First of all, for American and British linguists dialect is often understood as a synonym for (language) variety designating any particular language form with at least some differences in structure and grammar with respect to any other language form.” (BERRUTO, 2010, p. 230).

<sup>11</sup> “For linguists from the European continent, dialect (French dialecte, German Dialekt/Mundart, Spanish dialecto, Italian dialetto, Russian Идиомы, etc.) is better understood as any language variety spoken in a given place or region in concomitance with a more prestigious superimposed variety (the latter being a standard language), so that its diatopic characterization comes crucially to the fore. For a continental linguist ‘Standard English is a dialect’ might therefore be a rather odd, confusing statement.” (BERRUTO, 2010, p. 230).

mutuamente inteligíveis, mas o efeito cumulativo das diferenças linguísticas será tal que, quanto maior a separação geográfica, maior será a dificuldade de compreensão (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998, p. 5, tradução nossa).<sup>12</sup>

O outro tipo *continuum* apresentado por Chambers e Trudgill (1998) é o sociodialetoal, o qual é exemplificado com o caso da Jamaica. Nesse país, segundo os autores, a situação linguística inicial era marcada pelo fato de as classes altas falarem o inglês e as classes baixas o crioulo jamaicano, realidade linguística modificada depois que houve contato entre falantes de inglês e falantes de crioulo. Nesse contexto de contato linguístico, o inglês, língua internacional e de prestígio, foi influenciando significativamente o crioulo jamaicano, considerado, frequentemente, como uma forma inferior ou degradada dessa língua. Nesse sentido, então, os linguistas supracitados apresentam uma escala e explicam que enquanto em seu topo estão as pessoas que falam algo que claramente é inglês e em sua base as pessoas que falam algo que claramente não é inglês, no meio estão aqueles que falam algo que está entre um e outro. Esse feixe de variedades do inglês “puro” ao “crioulo mais profundo” forma um *continuum* sociodialetoal, cujas diferentes partes são dominadas pela maioria dos falantes, que desliza nele para cima e para baixo, de acordo com o contexto estilístico.

Já Berruto (2010) trata da noção de *continuum* multidimensional, com o objetivo de ordenar a heterogeneidade de formas linguísticas que constitui um espaço linguístico, isto é, uma língua. Para chegar a essa noção, o autor discute sobre as principais dimensões da variação (temporal, dimensão histórica; espacial, dimensão geográfica; dimensão social e dimensão situacional); apresenta a ideia de *Architektur der Sprache* (arquitetura de língua), provinda da tradição coseriana, explana os conceitos de variação, variáveis e variedades e, finalmente, chega ao tratamento do termo *continuum* sobre o qual firma o seguinte:

O arranjo de variedades no espaço linguístico que constitui uma língua toma a forma de *continua*. O conceito de *continuum* implica um conjunto ordenado de elementos arranjados de tal forma que entre duas entidades adjacentes do conjunto (neste caso, variedades linguísticas) não há fronteiras nítidas, mas sim uma diferenciação gradual distorcida, cada variedade partilha algumas características sociolinguisticamente marcadas

---

<sup>12</sup> In other words, dialects on the outer edges of the geographical area may not be mutually intelligible, but they will be linked by a chain of mutual intelligibility. At no point is there a complete break such that geographically adjacent dialects are not mutually intelligible, but the cumulative effect of the linguistic differences will be such that the greater the geographical separation, the greater the difficulty of comprehension.

com variedades adjacentes. A própria noção de um *continuum* em linguística variacional surgiu em geolinguística, onde a paisagem dialetal é muitas vezes vista como um *continuum* de dialeto: entre os dialetos de duas aldeias vizinhas em uma área linguística encontra-se pouca diferença, enquanto as diferenças aumentam cumulativamente quando se considera aldeias progressivamente mais distantes, sendo a maior diferença registrada nas extremidades do *continuum*. Em outras palavras, a distância linguística entre dialetos locais parece ser uma função da sua distância geográfica, sem limites claros sendo percebidos entre dialetos contíguos (BERRUTO, 2010, p. 235-236, grifo do autor, tradução nossa).<sup>13</sup>

Acerca dessa afirmação, o autor tece duas considerações, sendo a primeira referente aos resultados obtidos por meio da dialetrometria e a segunda à noção de fronteira<sup>14</sup>, e conclui: “na verdade, cada dimensão de variação é concebível como um *continuum*” (BERRUTO, 2010, p. 236, tradução nossa), de modo que “o quadro geral resultante de variação em um espaço linguístico assume a forma de uma soma de *continua* entrecruzados (figura 1), um não polarizado (a variação diatópica) e dois polarizados (a variação diastrática e diafásica)”<sup>15</sup> (BERRUTO, 2010, p. 236, tradução nossa).

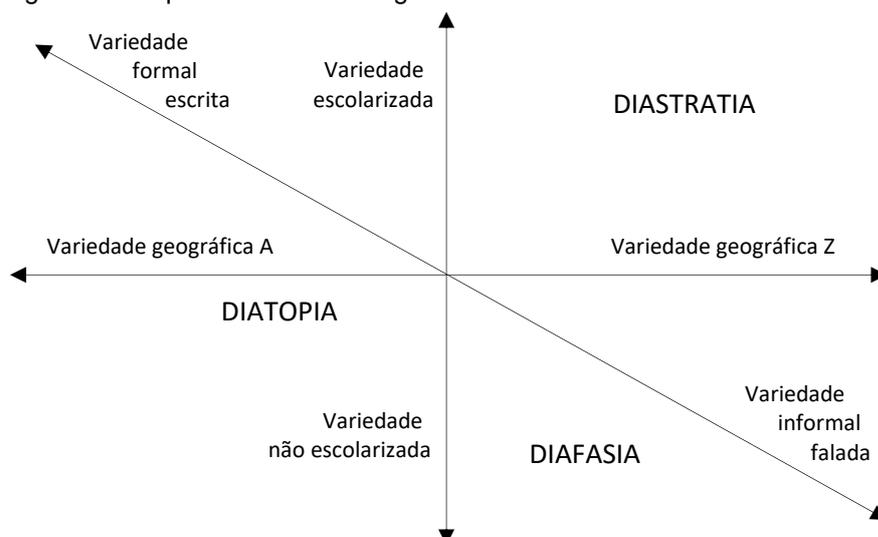
---

<sup>13</sup> “The arrangement of varieties in the language space constituting a language takes the form of *continua*. The concept of *continuum* implies an ordered set of elements arranged in such a way that between two adjacent entities of the set (in this case, language varieties) there are no sharp boundaries, but rather a gradual, fuzzy differentiation, each variety sharing some sociolinguistically marked features with adjacent varieties. The very notion of a *continuum* in variational linguistics arose in geolinguistics, where the dialectal landscape is often viewed as a dialect *continuum*: between two neighboring village dialects in a linguistic area one finds little difference, while differences increase cumulatively as one considers progressively more distant villages, the greatest difference being recorded at the extremities of the *continuum*. In other words, linguistic distance between local dialects seems to be a function of their geographical distance, no clear-cut boundaries being perceived between contiguous dialects.” (BERRUTO, 2010, p. 235-236).

<sup>14</sup> Tais considerações são tecidas por Berruto à página 236.

<sup>15</sup> In fact, each dimension of variation is conceivable as a *continuum*, so that the resulting general Picture of variation in a language space takes the form of a sum of intercrossing *continua*, one nonpolarized (the diatopic variation) and two polarized (the diastratic and diaphasic variation), as sketched (BERRUTO, 2010, p. 236).

Figura 1 – Arquitetura de uma língua como um *continuum* multidimensional



Fonte: Berruto (2010, p. 237).

De acordo com Berruto (2010), os contínuos que se interrompem são adicionalmente estruturados pelo fato de as dimensões diafásica e diastrática se esticarem de um polo mais alto, no qual estão as posições de prestígio, socialmente preferidas, ocupado, dessa forma, pelas variedades formais, escritas ou elaboradas, sob a dimensão situacional, e pela variedade de pessoas cultas da classe alta, sob a dimensão social, para um polo mais baixo, no qual estão as posições de baixo prestígio, socialmente não preferidas, ocupado, dessa maneira, pelas variedades informais faladas (discurso casual, calão, etc.) e pela variedade de pessoas iletradas das classes mais baixas. Desse modo, Berruto (2010, p. 237, grifo nosso, tradução nossa) diz que “cada item linguístico é caracterizado simultaneamente por uma posição ao longo dos três *continua* entrecruzados”, como, por exemplo, “uma pronúncia particular de um fonema ou de uma determinada realização morfológica poderia ser, num esboço rápido, ‘escocês, classe baixa, informal’ ou ‘suábico, classe média, formal’ e assim por diante”.<sup>16</sup> (BERRUTO, 2010, p. 237, tradução nossa).

A discussão sobre os conceitos de língua, dialeto e *continuum* dialetal realizada nesta seção possibilita uma visão mais real e dinâmica do conceito de língua. Nesse sentido, levando-se em consideração tudo o que foi dito, entende-se língua como uma entidade histórica e dinâmica por meio da qual qualquer sociedade

<sup>16</sup> “Thus, every linguistic item is simultaneously characterized by a position over the three interplaying continua. For instance, a particular pronunciation of a phoneme or a particular morphological realization could be, roughly sketching, ‘Scottish, lower class, informal’ or ‘Swabian, middle class, formal’ and so on.” (BERRUTO, 2010, p. 237).

humana expressa seus pensamentos, sentimentos e emoções e constrói e reconstrói a história e a cultura de seu povo, sendo língua e sociedade conceitos indissociáveis, haja vista que uma língua só se mantém viva por meio dos indivíduos que a falam e que uma sociedade só se organiza por meio de uma língua.

Dessa maneira, a língua, de fato, só pode ser entendida e observada como um todo diverso (repleta de variedades), sem julgamentos de prestígio quanto a essa diversidade, uma vez que todas as variedades são absolutas em termos de organização estrutural, de lógica e de regras, conforme a literatura sociolinguística nos mostra. Contudo, é oportuno lembrar, dentro dessa perspectiva, que a diferenciação entre língua e dialeto tem base histórica e decorre de fatores sociais, históricos e culturais, daí resultando a eleição de uma variedade, a que goza de prestígio, por ser veículo de expressão de uma tradição literária, como variedade padrão, a língua boa, correta.

Quanto à noção de *continuum*, converge com a perspectiva da Geossociolinguística e da Dialectologia Pluridimensional, áreas de investigação científicas nas quais este estudo insere-se, tendo sido usada, por exemplo, por Ramos, Bezerra e Rocha (2016), em *O polimorfismo linguístico no continuum rural-urbano brasileiro: a contribuição do Atlas Linguístico do Maranhão aos estudos lexicais*; por Razky e Guedes (2015), em *Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA)* e por Romaine (1996, p. 18, tradução nossa), que afirma que “qualquer variedade linguística forma parte de um *continuum*, seja este espacial, social ou temporal” e que “as discontinuidades que, pese a todo, às vezes se detectam são reflexo de barreiras geográficas, sociais e de um enfraquecimento nas redes de comunicação.”<sup>17</sup>

Neste estudo, parte-se, assim, da ideia de contínuo para compreender a configuração da variação lexical na área indígena pesquisada, cujo contexto sociolinguístico movimenta conceitos teóricos que serão tratados na próxima seção.

---

<sup>17</sup> “Qualquier variedad lingüística forma parte de un *continuum*, sea éste espacial, social o temporal” e que “as discontinuidades que, pese a todo, as veces se detectan son reflejo de barreras geográficas y sociales y de un debilitamiento em las redes de comunicación.” (ROMAINE, 1996, p. 18).

## 2.2 Bilinguismo e contato de línguas

Ao tratar de bilinguismo e contato de línguas, apresenta-se, primeiramente, algumas considerações a respeito de comunidade linguística, tendo em vista o fato de esse termo, assim como os que dão título a esta seção, está envolvido no contexto no qual este estudo se desenvolveu.

Acerca do termo referido, Calvet (2002, p. 115) explica que “a noção de comunidade linguística é tão antiga quanto a linguística” e que “os diversos linguistas deram-lhe definições variadas”. O autor cita e discute a definição de Bloomfield, que entende comunidade linguística como “um grupo de pessoas que age por meio do discurso” (BLOOMFIELD, 1970, p. 44 apud CALVET, 2002, p. 115); de Martinet, que ao buscar a definição de comunidade linguística, afirma que “a língua existe desde que a comunicação se estabelece [...] e que cabe a uma só e mesma língua enquanto a comunicação é efetivamente assegurada” (MARTINET, 1964, p. 148 apud CALVET, 2002, p. 116); de Labov, que entende comunidade linguística “não como um conjunto de falantes empregando as mesmas formas”, mas como “um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua” (LABOV, 1976, p. 338 apud CALVET, 2002, p. 116); e de Ferguson, que, ao discorrer sobre diglossia, apresenta uma definição não explícita, afirmando que “em muitas comunidades linguísticas, duas ou mais variedades da mesma língua são utilizadas por determinados falantes em condições diferentes”. (FERGUSON, 1959, p. 232 apud CALVET, 2002, p. 116).

Esse grupo de definições é obscuro em alguns pontos<sup>18</sup>, e “o problema é central, pois os linguistas, quando querem definir uma comunidade linguística, só consideram o segundo termo desse sintagma, o adjetivo, como se na *comunidade linguística* só houvesse *língua*, esquecendo que há também *comunidade*” (CALVET, 2002, p. 120, grifo do autor). Para o linguista francês, em resumo, “trata-se de dizer que o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico” (CALVET, 2002, p. 121). Desse modo, então, a comunidade linguística é o *locus* do contato entre línguas, seja no âmbito do indivíduo seja no âmbito da comunidade.

---

<sup>18</sup> Esses pontos são apresentados por Calvet entre as páginas 116 e 120.

Na primeira perspectiva, a do indivíduo, situa-se o trabalho de Uriel Weinrich (1953), que “considerava que as línguas estavam em contato quando eram utilizadas alternadamente pela mesma pessoa” (CALVET, 2002, p. 36), concebendo o bilinguismo como “um fenômeno individual” (CALVET, 2002, p. 59). Neste sentido, destaca-se o indivíduo bilíngue que não pode ser visto de uma só maneira, conforme podemos depreender das seguintes palavras: “se considerássemos bilíngue somente o indivíduo com domínio igual e nativo em duas línguas, estaríamos por certo excluindo a grande maioria e, com certeza, os casos mais interessantes a serem discutidos e analisados.” (BARRETO, 2009, p. 121).

A grande maioria a que se refere a autora diz respeito aos indivíduos que dominam duas ou mais línguas em diferentes níveis, bilingualidade, e a utilizam em determinadas comunidades de fala, em diferentes situações comunicativas. Dessa maneira, a autora define bilinguismo como “a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas” (BARRETO, 2009, p. 127-128) e entende bilingualidade como “os diferentes estágios de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngue, passam na sua trajetória de vida.” (BARRETO, 2009, p. 127-128).

Para além do indivíduo, na segunda perspectiva, o bilinguismo foi observado no contexto social, quando Ferguson (1959) lança o conceito de diglossia<sup>19</sup>, sendo este entendido como:

Uma situação linguística relativamente estável, na qual, além de uma forma dialetal de uma língua (que pode incluir um padrão ou padrões regionais), existe uma variedade superposta muito divergente, altamente codificada (quase gramaticalmente mais complexa), veiculando um conjunto de literatura escrita vasta e respeitada [...], que é estudada sobre tudo na educação formal, utilizada no escrito ou num oral formal, mas não é utilizada na conversação comum em nenhuma parte da comunidade (FERGUSON, 1959 apud CALVET, 2002, p. 60).

Sobre a aplicação desse conceito a realidades linguísticas, Linhares e Alencar (2016, p. 498) explicam:

---

<sup>19</sup> Vale ressaltar que o termo diglossia, conforme explica Lambert-Félix (1981), já havia sido usado pelo helenista francês Jean Psichaki e por seu discípulo Hubert Pernot, que o definiu com consistência pela primeira vez.

Para ilustrar essa definição [a de diglossia], Ferguson evoca exatamente o estado sociolinguístico da Grécia e dos países árabes, aos quais acrescenta os casos das comunidades falantes do vernáculo alemão na Suíça e do crioulo de matriz francesa no Haiti. Em todos esses lugares diferentes, empregava-se um código linguístico em âmbitos formais ao qual se pode chamar 'variedade alta' ou 'A' (o grego padrão, o árabe padrão, o alemão padrão e o francês padrão) e outros códigos linguísticos em âmbitos informais a cujo conjunto se pode chamar 'variedade baixa' ou 'B' (o grego vernáculo, o árabe vernáculo, o alemão vernáculo e o crioulo).

Ainda segundo Linhares e Alencar (2016), essas próprias comunidades vieram a contestar o conceito de diglossia, uma vez que o estado sociolinguístico da Grécia, em decorrência de fatores sociopolíticos, configurava-se cada vez menos diglósico, isto é, distanciava-se daqueles aspectos que, segundo Ferguson, caracterizavam a diglossia e que nos países árabes a teorização fergusoniana apresentava-se instável quanto a sua aplicabilidade. Nesse sentido, os autores também ressaltam que “um dos aspectos da teorização fergusoniana da diglossia que incomodou mais os sociolinguistas que depois se dedicaram ao assunto foi a estabilidade, entendida como uma fronteira pacata entre os códigos envolvidos” (LINHARES; ALENCAR, 2016, p. 505).

O assunto diglossia é retomado, algum tempo depois, por Joshua Fishman (1959 apud CALVET, 2002, p. 60) que distingue o bilinguismo – “fato individual, que interessa a psicolinguística – da diglossia-fenômeno social” e “acrescenta que pode haver diglossia entre mais de dois códigos e, sobretudo, que esses códigos não precisam ter uma origem em comum, uma relação genética” (FISHMAN, 1959 apud CALVET, 2002, p. 60). Com as palavras do próprio Fishman, “o bilinguismo é essencialmente uma caracterização do comportamento linguístico individual, enquanto a diglossia é uma caracterização da organização linguística em nível sociocultural.” (FISHMAN, 1967, p. 34 apud LINHARES; ALENCAR, 2016, p. 501, tradução dos autores).

A relação entre bilinguismo e diglossia, de acordo com Fishman, configura quatro situações sociolinguísticas, a saber: i) a de bilinguismo e diglossia, “todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa”; ii) a de bilinguismo sem diglossia, “há numerosos indivíduos bilíngues em uma sociedade, mas não se utilizam das formas linguísticas para usos específicos; iii) a de diglossia sem bilinguismo, “há a divisão funcional de uso entre as duas línguas, mas um grupo só fala a forma alta, enquanto a outra só fala a forma baixa; e iv) nem diglossia nem bilinguismo, “há uma só língua.” (CALVET, 2002, p. 61).

Essa quadripartição das situações, segundo Kremnitz (1981, p. 65, tradução nossa), não levava em conta situações complexas e de contradição dentro de uma sociedade, sendo, portanto, muito esquemática e de difícil aplicação prática, além de o conceito fishmaniano de diglossia não ter levado em consideração o fato de ela “não evolui em um vácuo, mas em uma sociedade concreta e que os termos da diglossia mudam se os termos das relações sociais mudarem.”<sup>20</sup>

O conceito de diglossia passou por diversas críticas, e Calvet (2002) explica que estas vieram, particularmente, dos pesquisadores que trabalhavam com os crioulos e com o bilinguismo hispânico, principalmente dos linguistas catalães. Sobre a revisão do conceito de diglossia por esses linguistas, o fragmento a seguir esclarece:

Nos países catalães, propusemos a partir das reinterpretações do conceito de diglossia o de conflito linguístico, a fim de melhor levar em consideração todos os componentes do problema. O termo aparece neste sentido pela primeira vez em uma obra francesa de LI. V. ARACIL, *Conflito linguístico e normalização linguística na Nova Europa*, Nancy, 1965, a ser retomada alguns anos depois por R. LI. NINIÓLOS em seu livro que tornou-se clássico *Conflito linguístico em Valência*, Valência, 1969. ARACIL reformulou alguns princípios em um artigo famoso, *O dilema de Valença* (1966). (KREMnitz, 1981, p. 65, tradução nossa)<sup>21</sup>.

De acordo com Kremnitz (1981), para os linguistas catalães, o conflito linguístico<sup>22</sup> é um fenômeno muito mais complexo que envolve, entre outros, o fenômeno da diglossia e se descreve da seguinte forma:

Há um conflito linguístico quando duas línguas claramente diferenciadas se afrontam, uma como politicamente dominante (emprego oficial, emprego público) e outra como politicamente dominada. As formas de dominação vão desde aquelas que são claramente repressivas (como o Estado espanhol praticado sob o franquismo) até aquelas que são politicamente tolerantes sob o plano político e cuja força repressiva é essencialmente ideológica (como aquelas praticadas por Estados franceses e italianos).

<sup>20</sup> “La diglossie n'évolue pas dans un espace vide mais dans une société concrète et que les termes de la diglossie changent si les termes des rapports sociaux changent.” (KREMnitz, 1981, p. 65).

<sup>21</sup> Dans les Pays catalans, on a proposé à partir des réinterprétations du concept de diglossie celui de conflit linguistique, afin de prendre mieux en compte toutes les composantes du problème. Le terme apparaît dans ce sens pour la première fois dans un travail en français de LI. V. ARACIL, *Conflit linguistique et normalisation linguistique dans l'Europe nouvelle*, Nancy, 1965, pour être repris quelques années plus tard par R. LI. NINYOLES dans son livre devenu classique *Conflit linguistique valencien*, València, 1969. ARACIL a reformulé quelques principes dans un article célèbre, *Un dilema València* (1966). (CONGRESSO DA CULTURA CATALÃ, 1978 apud KREMnitz, 1981, p. 65).

<sup>22</sup> Vale ressaltar que o termo conflito de linguagem, de acordo com Kremnitz (1981, p. 65), não era desconhecido e que já tinha sido usado por Terracini (1957) e Haugen (1966).

(CONGRESSO DA CULTURA CATALÃ, 1978 apud KREMnitz, 1981, p. 65, tradução nossa).<sup>23</sup>

Um conflito linguístico pode ser de dois tipos, conforme esclarece fragmento a seguir:

Um conflito linguístico pode ser latente ou agudo, dependendo das condições sociais, culturais e políticas da sociedade em que ocorre. Assim, em uma sociedade pré-industrial, com uma situação estável de diglossia, o conflito linguístico é geralmente latente (como era no país valenciano há vinte anos ou em Roussillon há menos tempo). Mas em uma sociedade industrializada, na qual a ideologia diglósica é alimentada principalmente pelas classes sociais e setores que impedem seu desenvolvimento socioeconômico e cultural, o conflito geralmente se mostra em sua forma aguda. (CONGRESSO DA CULTURA CATALÃ, 1978 apud KREMnitz, 1981, p. 65, tradução nossa).<sup>24</sup>

Ainda de acordo com Kremnitz (1981), os linguistas catalãs falam de normalização, quando a língua dominada emancipa-se e se torna dominante, eliminando a que dominava o espaço anteriormente, e de substituição, quando a língua dominante causa o desaparecimento da língua dominada.

No tocante a esta última forma de relação linguística, Campbell e Muntzel (1989, p. 181-186 apud CARVALHO, 2001, p. 20-21) apresentam diferentes tipos de morte de uma língua, a saber: i) *morte súbita* - acontece quando “os falantes (quase todos ou todos) morrem ou são exterminados”; ii) *morte radical*, ocorre quando “a perda da língua é rápida e geralmente decorrente da repressão política severa, frequentemente acompanhada de genocídio”, o que leva os falantes a deixarem de falar a língua nativa como uma estratégia de sobrevivência, e iii) c) *morte gradual* – acontece quando “há um estágio intermediário de bilinguismo, em que uma língua dominante vem a ser empregada por um número crescente de indivíduos em um

---

<sup>23</sup> “Il y a conflit linguistique quand deux langues clairement différenciées s'affrontent, l'une comme politiquement dominante (emploi officiel, emploi public) et l'autre comme politiquement dominée. Les formes de la domination vont de celles qui sont clairement répressives (telles que l'État espagnol les a pratiquées sous le franquisme) jusqu'à celles qui sont tolérantes sur le plan politique et dont la force répressive est essentiellement idéologique (comme celles que pratiquent les Etats français et italien).” (CONGRESSO DA CULTURA CATALÃ, 1978 apud KREMnitz, 1981, p. 65).

<sup>24</sup> “Un conflit linguistique peut être latent ou aigu, selon les conditions sociales, culturelles et politiques de la société dans laquelle il se présente. Ainsi, dans une société préindustrielle, avec une situation stabilisée de diglossie, le conflit linguistique est habituellement latent (comme il l'était au Pays valencien il y a vingt ans ou en Roussillon il y a encore moins longtemps). Mais dans une société industrialisée, dans laquelle l'idéologie diglossique se voit avant tout alimentée par les classes et les secteurs sociaux qui en empêchent le développement socioéconomique et culturel, le conflit se montre d'habitude sous sa forme aiguë.” (CONGRESSO DA CULTURA CATALÃ, 1978 apud KREMnitz, 1981, p. 65).

número crescente de contextos, nos quais a língua nativa era anteriormente usada”, o que caracteriza a situação como um contínuo de proficiência orientado pela idade em que as gerações mais novas são mais proficientes na língua dominante e aprendem a língua obsolescente de forma insatisfatória.

Já Hill (1983, p. 269 apud CARVALHO, 2001, p. 21) discorre sobre *morte de baixo para cima*, a qual ocorre quando “o repertório de registros linguísticos sofre um atrito de baixo para cima, chamado de padrão do tipo ‘*latinate*’, isto é, ‘a língua é perdida primeiro em contextos de intimidade familiar e mantida apenas em contextos de rituais de alta importância”.

Retomando a questão do conflito, Kremnitz (1991 apud FRANCESCHINI, 2011), afirma que atualmente o debate acerca dos termos contato e conflito linguístico gira sobre uma questão, qual seja: saber se somente existem diglossias conflituais, cujo conceito é defendido, principalmente, pelos linguistas catalães, ou se existem também as neutras, cujo conceito é, sobretudo, defendido pelos linguistas suíço-alemães.

Os conceitos abordados nesta seção possibilitam situar teoricamente a situação sociolinguística das terras indígenas Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava, que podem ser caracterizadas como comunidades bilíngues com indivíduos com diferentes graus de bilinguagem, o que está relacionado, entre outros fatores, ao modo como se dá o ensino-aprendizado de língua indígena na escola e à histórica e contínua pressão da língua portuguesa, língua por meio do qual os indígenas precisam garantir os seus direitos.

Quanto ao ensino-aprendizado de línguas indígenas, Rodrigues (2006, p. 154) esclarece que “até 1987 a legislação brasileira sobre a educação vedava o ensino fundamental em qualquer outra língua que não fosse a portuguesa” e que “a Nova Constituição Federal (1988), entretanto, assegurou às minorias indígenas o direito ao uso de suas próprias línguas, inclusive na educação escolar”. Contudo, esse processo não se dá de maneira fácil e satisfatória nas aldeias e, com isso, as línguas indígenas vão agonizando. Leite e Franchetto (2006, p. 20) definem o que é uma língua agonizante:

Uma língua agonizante ou ‘em perigo’ é tipicamente, uma língua local, minoritária, e em uma situação de ruptura geracional: se os pais ainda falam com seus próprios pais suas línguas maternas, já não o fazem mais com seus próprios filhos, que abandonam definitivamente o uso da língua nativa,

destinada à morte dentro de um século, a menos que algo aconteça para sua revitalização.

No que diz respeito à relação da língua portuguesa com as línguas indígenas, concorda-se com o que é exposto no fragmento a seguir:

A história das relações que se estabeleceram entre colonizadores e indígenas no Brasil, desde o período colonial, nos revela situações de grandes conflitos, as quais, na maioria dos casos, levaram não apenas ao extermínio das línguas, mas também dos povos indígenas. Portanto, assim como para o domínio catalão, não é possível analisar tais situações a partir da noção de contato, já que as relações entre o português e as línguas indígenas no Brasil nunca foram harmoniosas e, dificilmente, poderiam ser analisadas independentemente dos fenômenos sociais (FRANCESCHINI, 2011, p. 46).

E, nesse sentido, são mais do que oportunas estas palavras de Rodrigues (2014a, p. 448, tradução nossa):

O espírito predatório e imperialista exacerbado que se tornou característica importante da civilização moderna tem levado a uma vertiginosa destruição da diversidade genética e cultural em grandes partes do mundo. Mesmo onde há muito espaço para convivência pacífica, povos minoritários não estão autorizados a exercer livremente seus próprios modos de vida e uma forte pressão é exercida sobre eles para que assimilem a cultura e a língua dominante.<sup>25</sup>

As línguas indígenas, desse modo, bem como os povos que a falam, são sobreviventes de um aniquilador processo de colonização, e a relação delas com a língua portuguesa é historicamente desigual do ponto de vista social, cultural, linguístico e ideológico. Leite e Franchetto (2006, p. 20) explicam que “os grupos [indígenas], enquanto conglomerado de pessoas etnicamente diferenciados da população majoritária local envolvente, podem aumentar, mas a língua pode se extinguir”, ou seja, nem mesmo o aumento das populações indígenas pode mudar a situação atual das mesmas.

No entanto, Rodrigues (2014a, p. 448, tradução nossa) explica que “a manutenção da língua nativa favorece uma evolução suave da respectiva cultura, mesmo sob forte pressão externa, permitindo que as pessoas incorporem novos

---

<sup>25</sup> “The exacerbated predatory and imperialist spirit that became an important feature of modern civilization has led to a vertiginous destruction of genetic and cultural diversity in large parts of the world. Even where there is plenty of space for peaceful coexistence minority peoples are not allowed to carry freely their own ways of life and strong pressure is exerted on them for assimilating to the mainstream culture and language.” (RODRIGUES, 2014a, p. 448).

conhecimentos, sem perder sistematicamente a sua antiga sabedoria” e que “isto é vital não só para o equilíbrio psicológico dos indivíduos, mas também para a adaptação social e econômica a novas situações.”<sup>26</sup>

Caso ocorra a perda da língua nativa em poucas gerações, a transmissão de velhos conceitos e conhecimentos se rompe drasticamente e a comunidade toda passará a viver um vázio cultural, cuja consequência é o fato de as pessoas ficarem dependentes de estrangeiros e empobrecidas econômica e culturalmente, esclarece ainda o autor. Daí porque é importante preservar e revitalizar as línguas indígenas, as quais têm sido contempladas por meio de programas de pesquisa (Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras), Centros (Centro Nacional para o Estudo de Línguas Indígenas) e universidades.

Neste estudo, consideram-se importantes os conceitos discutidos nesta seção não só pelo fato de que eles ajudarão a interpretar os resultados desta pesquisa, mas também porque áreas bilíngues de minoria passaram a integrar o escopo da Geolinguística brasileira, a partir da ideia de se conjugar a Dialetoologia Sociolinguística, disciplinas que serão tratadas na próxima seção.

### 2.3 Dialetoologia e sociolinguística

A natureza variável da língua não é recente, uma vez que, como explica Brandão (1991), os gregos diferenciavam quatro variantes regionais de sua língua, o eólico, o jônico, o dórico e o ático, e os romanos, que viviam em uma sociedade extremamente estratificada, percebiam a variabilidade de natureza social, recebendo a linguagem subclassificações como *sermo urbanus*, *sermo plebeius*, *sermo rusticus*. Essas percepções, no entanto, só foram levadas em consideração a nível de estudo no século XIX, com a Dialetoologia, e no século XX, com a Sociolinguística.

A Dialetoologia apresenta como marco histórico o *Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central (ALASC)* e o *Atlas Linguístico da França (ALF)*, e a Sociolinguística os trabalhos de William Labov sobre os ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade de Martha's Vineyard, intitulado *The Social History of a Sound Change*

---

<sup>26</sup> “The maintenance of the native language favours a smooth evolution of the respective culture, even under strong outside pressure, enabling people to incorporate new knowledge without systematically losing their old wisdom. This is vital not only for the healthy psychological equilibrium of the individuals, but also for the social and economic adaptation to new situations.” (RODRIGUES, 2014a, p. 448).

*on the Islan of Martha's Vineyard*, e sobre o /r/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York, intitulado *The Social Stratification of English in New York City*. A descoberta no âmbito desses estudos labovianos, com relação à implicação de fatores sociais em fenômenos linguísticos, veio a impactar os estudos dialetais, conforme explicam Isquierdo e Romano (2012, p. 893):

O advento da Sociolinguística a partir da década de 60 do século XX, sobretudo a vertente liderada por William Labov, de cunho variacionista, pautada no princípio das regras variáveis e com destaque para a dimensão vertical (social) dos estudos linguísticos, lançou questionamentos sobre as diretrizes da Dialetologia, no que tange à prioridade concedida à dimensão horizontal (geográfica) na análise da fala.

A Dialetologia, antes da Sociolinguística, caracterizava-se por ser monodimensional, ou seja, por considerar somente a dimensão horizontal quando do estudo das línguas e, dentro nesse sentido, Altenhofen (2004, p. 142), em convergência com o exposto na citação anterior, assinala:

Tradicionalmente, têm-se limitado a coleta, análise e cartografia dos dados à descrição da variação diatópica, entre um ponto e outro no espaço. Esse foco de análise convencionou-se chamar de 'dialetologia monodimensional tradicional'. Tal prática tem sofrido críticas diversas, inclusive e sobretudo da geolinguística, por desconsiderar em cada ponto a variação social e dar aí impressão de que todos os membros da comunidade falam igual.

É importante esclarecer, contudo, que “não é descoberta da modernidade o reconhecimento das implicações sociais na língua falada por cada usuário, nem é apanágio da sociolinguística ter estabelecido as relações entre variáveis sociais e realidade linguística”, que “a história, como apresentada, ainda que sem caráter de exaustividade, é pródiga em exemplos que expõem o conhecimento e o domínio de tal relação” e que, dessa forma, “poder-se-ia afirmar: ‘nada de novo!’ E não seria gratuita nem leviana a assertiva”, conforme afirma Cardoso (2010, p. 61), ao discorrer sobre os veios sociolinguísticos na história dos estudos dialetais. Nesse mesmo sentido, são oportunas as palavras de Thun (2017, p. 73, grifo do autor):

Uma década antes de Gilliéron iniciar os levantamentos para o ALF, não apenas se reconhece o que hoje chamamos de 'variável', ou 'dimensões da variação' e que, ao lado da diatopia, denominamos como *diastrática*, *diageracional*, *diagenérica*, ou algo próximo, como também isso se torna objeto de estudo da dialetologia. Na geolinguística, essa alternativa pluridimensional, que Gilliéron certamente conhecia, permaneceu intocada por gerações. Desconsiderando a própria tradição, foi necessário o impulso

da sociolinguística para que a geolinguística monodimensional se tornasse pluridimensional.

Em relação às transformações epistemológicas, Elizaincín (2010) explica que algumas disciplinas redefinem-se, não só pelo fato de a mudança (ou avanço?) no âmbito dos pressupostos teóricos subjacentes ser lógica e natural, mas também por conta do surgimento de outras disciplinas conexas, que abordam temas similares, compartilham questionamentos e se assemelham com relação a técnicas de investigação, implicarem na reformulação de seus postulados básicos.

A consequência de tais mudanças e também do impacto da linguística transformacional, da linguística cognitiva e dos grandes avanços das correntes funcionalistas que abalaram o núcleo duro da teoria linguística, esclarece ainda o autor, é que “a geolinguística também deve ser reformulada, sob pena de ser relegada a um pitoresco e às vezes até reflexivo, no papel e, mais precisamente, nos mapas, das peculiaridades linguísticas dos espaços geográficos.”<sup>27</sup> (ELIZAINCÍN, 2010, p. 15, tradução nossa).

O fato é que a Sociolinguística impactou e impulsionou os estudos dialetais, surgindo de tal impacto as movimentações contextuais que buscam combinar as perspectivas geográfica e sociolinguística. Para Thun (2017) a geolinguística pluridimensional não só integra a Sociolinguística, mas também a amplia ao projetar as variáveis linguísticas no espaço, isto é, realiza o comportamento linguístico de cada variável sociolinguística e permite a comparação de mapas isoladamente.

Além disso, a Sociolinguística restringe-se geralmente a poucos fatos linguísticos, principalmente aos fonéticos, enquanto a geolinguística pluridimensional conserva a riqueza de dados, de natureza tradicional. Ambas as disciplinas são inteiras no seu fazer, sendo que a geolinguística pluridimensional, tendo em vista a grande quantidade de dados que coleta e a dimensão das áreas que investiga, reconhece a preeminência dos estudos sociolinguísticos com suas análises de natureza pontual, além de estar em condições de oferecer à Sociolinguística hipóteses, cuja comprovação carece de análises mais aprofundadas (THUN, 2017).

Outro autor que se coloca nesse contexto é Trudgill (1999, p. 3, tradução nossa), que explica: “por geolinguística, referimo-nos a uma síntese dos métodos e

---

<sup>27</sup> “La geolingüística debió también ser reformulada, so pena de quedar relegada a un pintoresco y a veces hasta turístico reflejo, en el papel y, más precisamente, en los mapas, de las peculiaridades lingüísticas de los espacios geográficos.” (ELIZAINCÍN, 2010, p. 15).

objetivos da dialetologia tradicional com os da linguística secular e outras formas de macrossociolinguística, juntamente com algumas contribuições da geografia humana.”<sup>28</sup> Para o autor, a Dialetologia, de certa forma, faz parte da Sociolinguística, mas se desvencilha desta “no sentido de que é uma disciplina muito mais antiga que a sociolinguística, com sua própria literatura, abordagens e tradições.”<sup>29</sup> (TRUDGILL, 1999, p. 3, tradução nossa). Sobre os limites da Dialetologia e da Sociolinguística, Elizaincín (2010, p. 18, tradução nossa) afirma:

Hoje, com a união quase íntima da geolinguística e da sociolinguística (à qual a lingüística histórica deve ser adicionada), o esquema ordenado acima, e os limites e escopo de cada disciplina (ou atividade científica) começam a se confundir. Esta é uma consequência do desenvolvimento frenético de muitos ramos da linguística nas últimas décadas do século passado, que dão um notável privilégio à visão da linguagem em uso, na vida cotidiana, no ambiente mais próximo de diálogo e interação e interação, etc.<sup>30</sup>

E Razky (2010, p. 172) usa o termo geossociolinguística e afirma que essa perspectiva:

É necessária para compensar os limites de cada uma das duas disciplinas: a Sociolinguística cuja maior parte dos trabalhos no Brasil se detém na dimensão social e local; e a Geolinguística, que se preocupa com aspecto social com estratificação social mínima.

Nesse sentido, Razky (1998) lança e estabelece a abordagem geossociolinguística com a criação do projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA) que, impactado pelo advento da Sociolinguística no Brasil, incluiu em sua metodologia o controle de variáveis sociais como sexo, idade escolaridade e renda. Do ALiPA, resulta o primeiro atlas pluridimensional brasileiro, o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004), que mapeou a variação fonética da variedade

---

<sup>28</sup> “By geolinguistics we refer to a synthesis of the methods and objectives of traditional dialectology with those of secular linguistics and other forms of macro-sociolinguistics, together with some input from human geography.” (TRUDGILL, 1999, p. 3).

<sup>29</sup> “In the sense that it is a discipline that is much older than sociolinguistics, with its own literature, approaches and traditions.” (TRUDGILL, 1999, p. 3).

<sup>30</sup> “hoy, con la unión casi íntima de la geolinguística y la sociolinguística (a lo que hay que añadir la lingüística histórica) el ordenado esquema anterior, y los límites y alcances de cada disciplina (o actividad científica) empieza a desdibujarse. Ello es consecuencia del frenético desarrollo de muchas ramas de la lingüística en los últimos descenios del siglo pasado, las que privilegian en forma notoria la visión del lengua en uso, en la cotidianeidad, en el ámbito más cercano del diálogo y interacción y la interacción, etc.” (ELIZAINCÍN, 2010, p. 18).

paraense do português brasileiro, considerando as dimensões diatópica, diassexual e diageracional.

Com relação às dimensões sociais, Brandão (1991, p. 26) elucida:

Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

E sobre a configuração de uma rede de pontos de um trabalho dialetal moderno, Cardoso (2010, p. 91) aclara:

As características da contemporaneidade fazem com que a escolha de localidades não se paute, como nos começos dos estudos dialetais, prioritariamente pelo princípio do isolamento, antiguidade e pouco desenvolvimento, mas procure refletir, na sua configuração, o traçado que o mundo moderno vem delineando.

A geolinguísta esclarece ainda que o enfoque diatópico e sociolinguístico está presente na Dialectologia e na Sociolinguística, mas as disciplinas diferenciam-se “na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos” (CARDOSO, 2010, p. 26). A Dialectologia, embora considere os fatores sociais, “tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se dessa forma, como eminentemente diatópica” (CARDOSO, 2010, p. 26). A Sociolinguística, “ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, concentra-se na correlação entre fatos linguísticos e fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.” (CARDOSO, 2010, p. 26).

Outro vínculo entre Sociolinguística e Dialectologia pode ser estabelecido pelo viés da diacronia, uma vez que a Sociolinguística é, em si, um tipo de linguística histórica, haja vista que a mudança linguística é seu objeto privilegiado, e que a Dialectologia, que tem por base os dados geolinguísticos, não exclui de seu campo de interesse as consequências diacrônicas, resultantes do estudo dos mapas linguísticos e, sobretudo, do que resultou do estudo detalhado das fronteiras linguísticas distinguíveis em um território, as chamadas isoglossas, de acordo com Elizaincín (2010). Para o autor, “a relação das disciplinas é evidente por si só. E a

consideração de todos os fenômenos linguísticos interessantes torna-se mais atraente mesmo se a consideração é feita em conjunto e não isolada.”<sup>31</sup> (ELIZAINCÍN, 2010, p. 20, tradução nossa).

Toda essa movimentação teórico-metodológico da Geolinguística já vinha sendo discutida. Nesse sentido, Radtke e Thun (1999, p. 35) explicam que durante o *Symposiums zur empirischen Dialektologie*, realizado em 1991, na Universidade de Kiel (Alemanha), ficou claro que “a geolinguística moderna caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação, no sentido amplo do grego *diálektos*” e que “essa ciência deveria, na realidade, alterar seu nome e não mais denominar-se ‘geografia linguística’ ou ‘geolinguística’, mas sim chamar-se ‘ciência da variação’ (*variationswissenschaft*) ou algo equivalente” (RADTKE; THUN, 1999, p. 35).

Neste estudo, entende-se que o estudo de uma língua é mais completo se realizado sob uma perspectiva pluridimensional, isto é, que alie a dimensão diatópica, foco da Dialektologia monodimensional e tradicional, à dimensão social, objeto da Sociolinguística, o que é observado na perspectiva teórico-metodológica que será esboçada na próxima seção.

## 2.4 Dialektologia pluridimensional e relacional

É no âmbito da Dialektologia que o estudo dos usos linguísticos começa a ser realizado, mas é fato que a Sociolinguística implicou de forma muito significativa no desenvolvimento dos estudos dialetais, decorrendo daí diversos pontos de vista no que diz respeito à relação entre ambas as disciplinas. Nesse sentido, Thun (1998) apresenta sua concepção acerca do exposto ao explicar que a Dialektologia areal, tradicionalmente monodimensional, é uma sociolinguística (e pragmática) limitada, e a Sociolinguística, tradicionalmente multidimensional, é uma Dialektologia limitada. Assim, o autor entende que o estudo completo da variação linguística dá-se por meio do que ele chama de Dialektologia Pluridimensional, conforme fragmento a seguir:

A Dialectologia areal e a Sociolinguística, disciplinas historicamente separadas, confluem em uma geolinguística ampliada que pode chamar-se oportunamente de ‘Dialectologia pluridimensional’ e que é entendida como parte da ciência geral da variação lingüística e das relações entre variantes

<sup>31</sup> “La relación de las disciplinas es evidente de por sí. Y la consideración de todo fenómeno lingüístico interesante se vuelve más atrayente aun si la consideración se hace de manera conjunta y no aislada.” (ELIZAINCÍN, 2010, p. 20).

e variedades de um lado e falantes por outro. [...] Não deixa de ser uma geolinguística porque a Dialectologia pluridimensional não pode renunciar a variação diatópica e a superfície bidimensional. Seu campo predileto são a superfície e espaços suficientemente grandes para que apareçam todas as interrelações. Mas essa preferência por macroanálises não exclui a possibilidade de a Dialectologia pluridimensional trabalhar em menor escala (em mesozonas e microzonas) (THUN, 1998, p. 704, tradução nossa).<sup>32</sup>

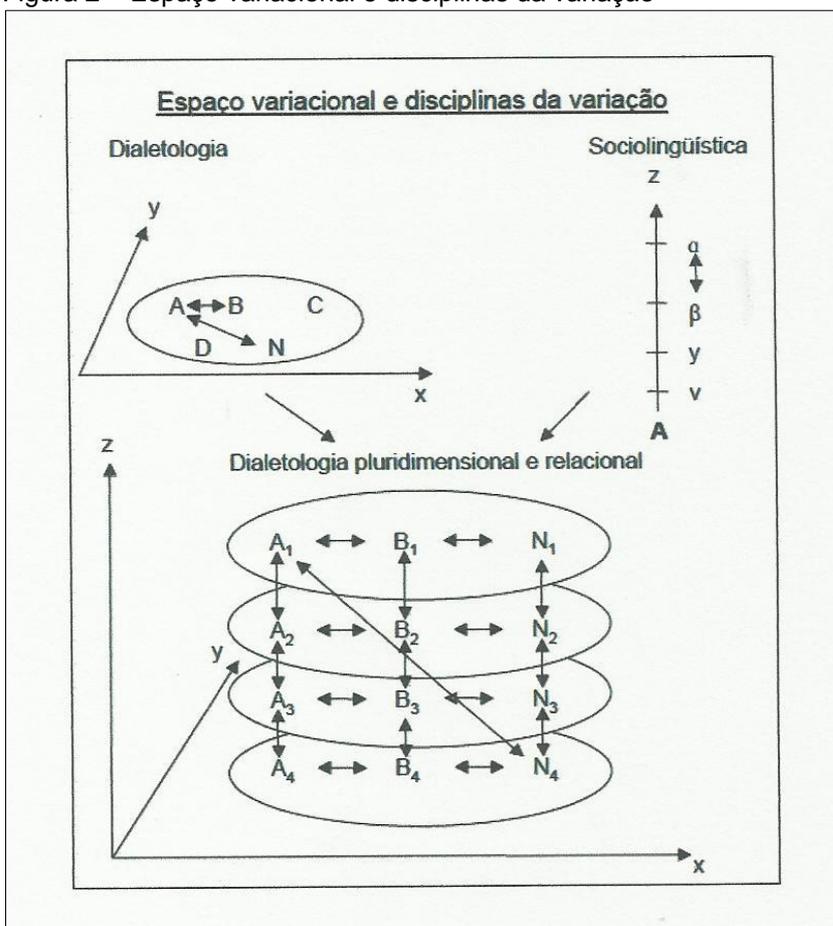
Nesse ponto de vista interdisciplinar, almeja-se que o estudo da variação linguística desenvolva-se a partir da conjugação dos fatores espacial, privilegiado pela Dialectologia tradicional e monodimensional, e social, amparado pela Sociolinguística, ou seja, busca-se unir os planos horizontal (da diatopia) e vertical (da diastratia) nos quais as línguas naturais diversificam-se, compondo, nesse sentido, um espaço variacional que se define da seguinte forma: “a superfície bidimensional horizontal da Dialectologia e o eixo vertical da Sociolinguística formam juntos o espaço variacional tridimensional da Dialectologia Pluridimensional e Relacional”<sup>33</sup>, conforme propõe Thun (1998, p. 704, tradução nossa). A figura 2 ilustra o espaço variacional concebido pelo autor.

---

<sup>32</sup> “La Dialectologia areal y la Sociolingüística, disciplinas historicamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente ‘Dialectologia pluridimensional’ y que se entiende como parte de la ciencia general da variación lingüística e de la relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro. [...]. No deja de ser una geolingüística porque la Dialectologia pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y a la superficie bidimensional. Su campo predilecto son la superficie y el espacio lo suficientemente grandes para que aparezcan todas las interrelaciones. Pero esta preferencia por el macroanálisis no excluye la posibilidad de que la Dialectologia pluridimensional trabaje en escala menor (em mesozonas y microzonas).” (THUN, 1998, p. 704).

<sup>33</sup> “La superficie bidimensional horizontal de la dialectología y el eje vertical de la Sociolingüística formam juntos el espacio variacional tridimensional de la Dialectologia pluridimensional y relacional.” (THUN, 1998, p. 704).

Figura 2 – Espaço variacional e disciplinas da variação



Fonte: Thun (1998, p. 704).

O espaço variacional é o lugar onde as relações geossociolinguísticas evidenciam-se e nenhuma delas deve escapar à observação da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, conforme explica o autor:

A Dialectologia pluridimensional deve analisar todos os planos (níveis: A- v; áreas parciais dos níveis; pontos da enquete: A-N; fragmentos dos pontos: grupos e indivíduos) e todas as relações (não apenas as do tipo A1 - B1 que normalmente escapam à sociolinguística ou as do tipo A1 - A2 que a dialectologia não costuma levar em conta, mas também as relações do tipo A1 - N4 desatendidas por ambas as disciplinas). Com esse programa a Dialectologia pluridimensional aborda o ideal da descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e sua relação com os falantes.<sup>34</sup> (THUN, 1998, p. 705, tradução nossa).

<sup>34</sup> "La Dialectología pluridimensional debe analizar todos los planos (niveles: A - v; zonas parciales de los niveles; puntos de la encuesta: A-N; fragmentos de los puntos: grupos e individuos) y todas las relaciones (no solamente las del tipo A1 - B1 que suelen escaparse a la Sociolinguística o las del tipo A1 - A2 que no suelen tener em cuenta la Dialectología, sino también las relaciones del tipo A1 - N4 desatendidas por ambas as disciplinas). Con este la Dialectologia pluridimensional se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo linguístico y de su relación con los hablantes." (THUN, 1998, p. 705).

Com isso, o espaço variacional da Dialetologia pluridimensional, além dos dialetos “puros”, privilegiados pela Dialetologia tradicional, e dos socioletos, da Sociolinguística, compreende também: as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e de majorias, formas regionais, a variação diafásica, o comportamento linguístico de grupos topodinâmicos (aqueles que são demograficamente móveis) afrontado com o de grupos topostáticos (aqueles que pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos falantes, bem como seu comportamento linguístico, entre outros parâmetros. (THUN, 1998).

Quanto aos parâmetros, destaca-se o princípio da pluridimensionalidade que segundo Altenhofen e Thun (2016) engloba um conjunto de dimensões. O *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*, um dos mais ambiciosos atlas desenvolvidos nessa perspectiva, segundo Thun (2017), considera para a análise oito dimensões. Contudo, de modo geral, são estas as dimensões controladas pelos estudos geolinguísticos: a *dimensão diatópica*, que se refere à variação da língua no espaço; a *dimensão diastrática*, que se refere à variação da língua em função da escolaridade; a *dimensão diageracional*, que se refere à variação da língua em função da faixa etária de seus falantes; a *dimensão diagenérica ou diassexual*, que se refere à variação da língua em função do sexo; a *dimensão diafásica*, que se refere à variação da língua em função dos estilos de fala; a *dimensão diarreferencial*, que se refere à fala metalinguística do falante; a *dimensão dialingual*, que se refere ao contato entre duas ou mais línguas. Em relação à dimensão de contato, Thun (2010, p. 706, tradução nossa) esclarece:

Ao contrário dos estudos clássicos sobre contato linguístico (como o de U. Weinreich) que tendem a reduzir a configuração de contato para a influência mútua de duas línguas consideradas como sistemas homogêneos, nos propomos analisar a configuração de contato como uma aproximação de dois ou mais complexos de variedades, cada um deles sendo uma arquitetura de mais de um sistema mais ou menos homogêneo.<sup>35</sup>

A Dialetologia Pluridimensional investiga fatos do microcosmos (detalhes fônicos, semânticos, sintáticos etc.) em escala macrocós mica (em toda uma zona), e

---

<sup>35</sup> “Unlike classic studies on linguistic contact (like Weinreich 1970), which tend to reduce the contact configuration to the mutual influence of two languages considered as homogeneous systems, we propose analyzing the contact configuration as an approximation of two or more variety complexes, each of them an architecture of more than one more-or-less homogenous system”. (THUN, 2010, p. 706).

os resultados dessas investigações são apresentados em mapas específicos, de maneira adequada. Nesse sentido, a pluridimensionalidade tem como consequência o aumento de dados e, dentro da Dialetologia Pluridimensional, recomenda-se a produção de séries temáticas, o princípio da série, cuja organização da disposição refletirá a hierarquia comprovada dos parâmetros e corresponderá a análises mais profundas (THUN, 1998).

Esse modelo teórico-metodológico reflete as questões do fazer geolinguístico de forma ampla e “pretende alargar o marco da percepção dos fatos variacionais e resgatar certos fenômenos despercebidos”, evitando, dessa maneira, “as conclusões perigosas da Dialetologia monodimensional: a suposta uniformidade da paisagem linguística (falta de variação, mapa cheio de formas idênticas) e a suposta ausência total do fato potencialmente variável (mapa vício).”<sup>36</sup> (THUN, 1998, p. 707, tradução nossa). A Dialetologia Pluridimensional, então, favorece um estudo mais amplo da variação linguística, o que a integrou a este estudo.

---

<sup>36</sup> “La pluridimensionalidad pretende ensanchar el marco de percepción de los hechos variacionales y rescatar ciertos fenómenos del desapercibimiento. Se pueden evitar así las dos conclusiones peligrosas de la Dialectología monodimensional: la supuesta uniformidad del paisaje lingüístico (falta de variación, mapa lleno de formas idénticas) y la supuesta ausencia total del hecho potencialmente variable (mapa vacío).” (THUN, 1998, p. 707).

### **3 AMAZÔNIA BRASILEIRA E PESQUISAS GEOSOCIOLINGUÍSTICAS**

Neste capítulo, em um primeiro momento, apresenta-se o modo como se deram os processos de colonização e ocupação da Amazônia brasileira e descreve-se a situação linguística desse território quando da chegada dos europeus. Em um segundo momento, aborda-se a classificação de atlas linguísticos; discorre-se acerca de atlas linguísticos, destacando-se o ALiB, o ALeSPA e o ALiMA, pelo fato de eles possibilitarem o cumprimento de um dos objetivos específicos deste estudo; e relacionam-se alguns atlas e estudos que se desenvolveram sob o mesmo viés desta pesquisa.

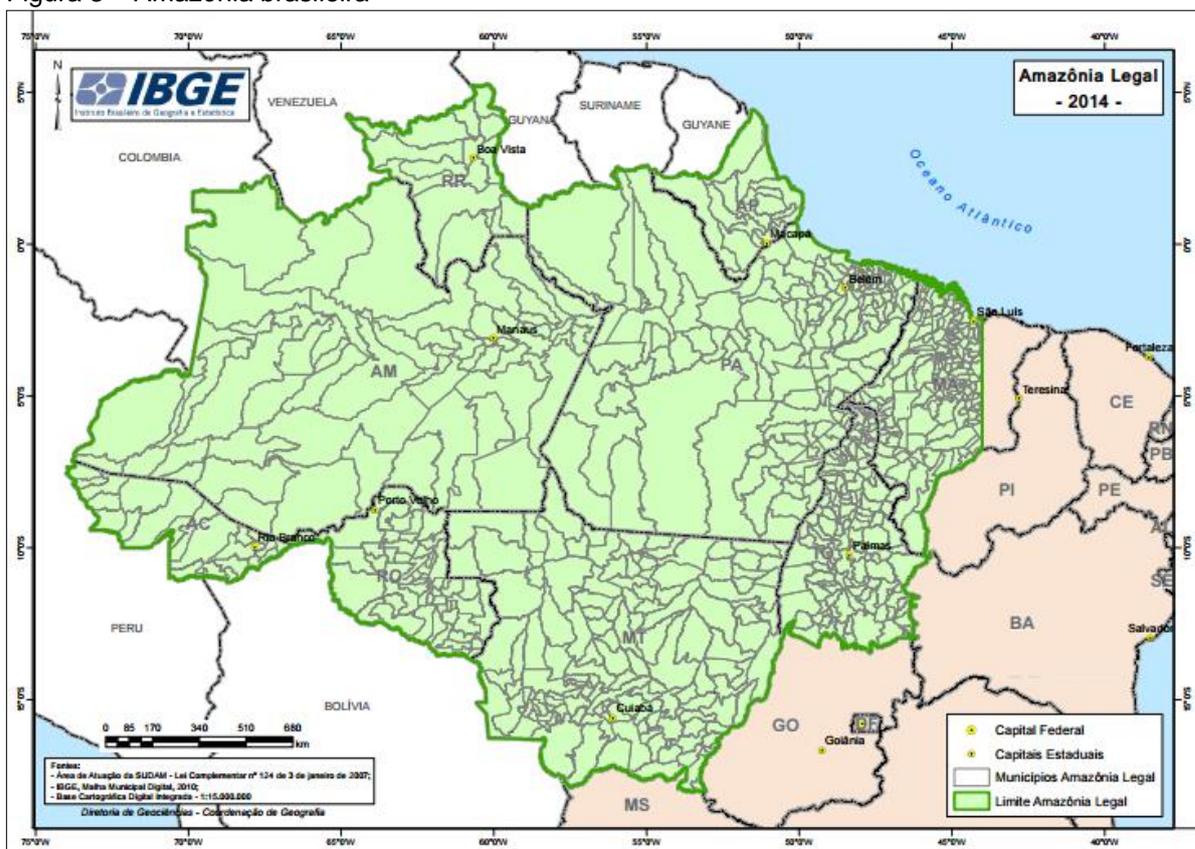
#### **3.1 Contexto histórico-linguístico da Amazônia brasileira**

Nesta seção, percorre-se a história da Amazônia brasileira sob as perspectivas histórica, em um primeiro momento, e linguística, em um segundo momento, tendo em vista a importância dos fatos históricos para a compreensão de fenômenos linguísticos e a consideração dos povos indígenas envolvidos neste trabalho, cujas histórias confundem-se com a história da própria Amazônia.

##### **3.1.1 Contexto histórico**

A Amazônia brasileira (figura 3) foi criada inicialmente como área de atuação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) em 1953 e equivale em sua configuração atual à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014). Situada na América do Sul, compreende os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins (na Região Norte), de Mato Grosso (Região Centro-Oeste) e do Maranhão (Região Nordeste).

Figura 3 – Amazônia brasileira



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014).

Segundo Souza (1994), diversas são as teorias que versam sobre a origem do homem nesse território, o Novo Mundo: migratória, navegaria, filosófica, religiosa etc. O fato é que, segundo o autor, antes da chegada dos europeus, coexistiam na região, moradores de cavernas, abrigos naturais e sambaquis, muitas sociedades humanas, com complexa organização social (hierarquia), política (sistema político centralizado) e econômica (caça, pesca, agricultura (plantas e animais), além de rica diversidade cultural (rituais e ideologias) e intensiva produção tecnológica (ferramentas e cerâmica). O fragmento, a seguir, ratifica o exposto:

Os mais recentes estudos começam a constatar que a Amazônia foi no passado um ambiente rico e diversificado de sociedades humanas, com a demonstração da existência de ocupação, desde o período Pleistoceno, ou Holoceno, por sociedades de caçadores e coletores, donos de elaboradas culturas de tecnologia de pedra, além de algumas das mais antigas sociedades sedentárias, fabricantes de cerâmica e agricultores equatoriais. Um passado formado por sociedades de grande complexidade econômica e sofisticação cultural (SOUZA, 1994, p. 12).

Neste sentido, Soublin (2003, p. 24), ao se perguntar de onde vieram os grupos indígenas da Amazônia, explica que eles, segunda a teoria hoje aceita,

vieram da Ásia, pelo norte, e que “quase todos os ameríndios se originaram de hordas de caçadores que atravessaram o Estreito de Behring, que ficou seco durante vinte mil anos, quando o nível dos mares baixou”. O autor vai mais além, esclarecendo que:

Em busca de caça, estes grupos desceram em direção aos trópicos. Chegaram à América do Sul pelo Panamá e pelas Antilhas. A trinta mil anos eles estavam nos Andes e na costa das Guianas, depois chegaram aos planaltos do Brasil central e finalmente alcançaram a Amazônia, sem dúvida há menos de dez mil anos (SOUBLIN, 2003, p. 24).

Outra pergunta que Soublin (2003) se faz diz respeito ao número de pessoas que compunham esses grupos na época. Para o autor, o problema é caro aos etnólogos devido ao fato de os primeiros dados confiáveis datarem do século XX. No entanto, de acordo com o pesquisador, conjecturas são possíveis com base nesses dados censitários por meio dos quais “eles [os etnólogos] estudam a rapidez de declínio das populações descobertas naquele momento, a partir do contato com o europeu” (SOUBLIN, 2003, p. 24).

Para isso, os etnólogos calculam uma taxa estimada de regressão e a aplicam, logo depois, às tribos que tiveram contato nos séculos antecedentes. A partir das pessoas que sobreviveram a esse contato, eles estimam a população original, considerando:

Os progressos da medicina e, em contrapartida, os massacres do passado. As populações das quais não se tem mais vestígios, ou seja, desaparecidas por completo, mas com registros históricos, só são avaliadas com base nos relatos dos antigos viajantes (SOUBLIN, 2003, p. 24).

Com base nesse procedimento, pode-se chegar a uma faixa de variação segundo a qual no Brasil havia, em 1500, algo entre 500 mil e 5 milhões de habitantes e na Amazônia, “se escolhermos arbitrariamente o ponto médio dessa faixa, e deixarmos de lado os grupos humanos estabelecidos em outras regiões do Brasil, [...] a população era de 900 mil índios” (SOUBLIN, 2003, p. 24).

Essas sociedades indígenas tiveram suas vidas completamente modificadas e devastadas pela força dos conquistadores (espanhóis, franceses, holandeses, irlandeses e portugueses) que, inspirados numa grande lenda, a do Eldorado, vieram para o “país fabuloso, situado em algum lugar do noroeste amazônico”, onde se dizia “ser tão rico e cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo

recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico” (SOUZA, 1994, p. 23).

A vinda dos europeus significou a destruição dos povos nativos, pois “o que havia sido construído em pouco menos de dez mil anos foi aniquilado em menos de cem anos, soterrado em pouco mais de 250 anos e negado em quase meio milênio de terror e morte” (SOUZA, 1994, p. 16). Tal chegada não foi pacífica, e o contexto de destruição se estabeleceu, tendo como cenário o choque entre sociedades e culturas diferentes, como explica Souza (1994, p. 29):

Milênios de formação cultural desenvolvida no trato da selva tropical separavam os povos indígenas dos europeus. Por isso, o contato jamais seria pacífico e uma coexistência bem-sucedida se tornou impraticável em terras amazônicas. O fato de as sociedades indígenas transitarem satisfatoriamente pela região, obrigando o branco europeu a atacá-las em seus métodos de sobrevivência e trato com a realidade, já era um ultraje inconsciente para o cristão civilizado.

A relação de contato estabeleceu-se de forma desigual, uma vez que os povos indígenas foram, de modo devastador, perdendo sua formação sociocultural. Segundo Souza (1994, p. 21), o tempo transcorrido entre a chegada dos primeiros europeus e o fim do sistema colonial (250 anos) é de conflito e derramamento de sangue, com o desmoronamento de um mundo em horror e a construção de um outro em meio ao espanto. Para esse autor:

A Amazônia foi inventada nesse tempo, porque antes era a terra do verão constante, a terra em que se ia jovem e voltava velho, a terra do sem fim, o mundo primevo da selva tropical e suas sociedades tribais densamente povoando a várzea e espalhando-se pela terra firme (SOUZA, 1994, p. 21).

A configuração da Amazônia foi alterada em diversos aspectos pelas mãos de conquistadores oriundos de nações diferentes. Desta maneira, diversos modelos de colonização foram identificados no território amazônico, mas todos eles foram suplantados pelo modelo de Portugal, cujo povo tornou-se colonizador efetivo da região. Com relação à movimentação de europeus na região, Souza (1994) esclarece que os portugueses tiveram por quase dez anos o trabalho de dar combate e expulsar ingleses, irlandeses, franceses e holandeses da região.

Deste modo, em 1615, uma expedição comandada por Francisco Caldeira Castelo Branco expulsa os franceses do Maranhão e avança para o norte, fundando a cidade de Santa Maria de Belém, na baía do Guajará. Mais tarde, em 1623, o

governador de Belém toma os fortes de Orange e Nassau, derrotando forças combinadas de ingleses, franceses e holandeses. Dois anos depois, “em 1625, sob o comando de Pedro Teixeira, os portugueses esmagam os últimos postos de ingleses, irlandeses e holandeses ainda existentes” e se tornam em dez anos os ocupantes da Amazônia (SOUZA, 1994, p. 35).

A instituição de fortes, que representavam o poder militar português e asseguravam o exercício de sua soberania, firmou a política portuguesa no mundo emergente, e o Forte do Presépio, origem do núcleo urbano que é hoje a cidade de Belém, foi o início da política de fortificações (REIS, 1984 apud TAVARES, 2008, p. 59). O espaço geográfico e a data de fundação dos fortes amazônicos (figura 4) nos séculos XVII e XVIII são apresentados por Costa (2016, p. 117).

Figura 4 – Amazônia com a localização dos 11 fortes



Fonte: Costa (2016, p. 117).

O estabelecimento de fortes, no entanto, não foi a única ação portuguesa para a implantação do sistema colonial, uma vez que houve o povoamento de vilas e cidades, além do espalhamento de feitorias e missões. Aos homens da hierarquia administrativa (militares, funcionários graduados, letrados, nobres menores, burocratas e degradedos) foi entregue a empresa colonial.

Para Souza (1994), o imediatismo da colonização portuguesa era aparente, pois existia o cuidado com a profundidade, a certeza e a reversibilidade desse processo. Assim sendo, “o grande trabalho de transculturação da Amazônia pela colonização portuguesa é ainda hoje o fenômeno mais expressivo e duradouro” (SOUZA, 1994, p. 51).

É importante frisar que o processo de colonização não se deu de forma amigável, o que levou à escravização e ao extermínio de várias sociedades indígenas. Desta forma, “só desde o ano de 1615 até 1652, como refere o mesmo padre Vieira, tinham morto os portugueses com morte violenta para cima de dois milhões de índios, fora os que cada um chacinava às escondidas” (SOUZA, 1994, p. 52). Esse número mostra o quão grande era a população indígena amazônica, cujo aniquilamento das populações pode ser ratificado por meio do seguinte fragmento:

Ainda em 1729, segundo informa o escritor Márcio Souza (1978), foram trucidados no Amazonas 20.800 índios Muhra. Depois, subindo o rio Urubu, a ferro e fogo, o comando militar português dizimava mais de 15.000 índios entre homens, mulheres, velhos e crianças (SOUZA, 1994, p. 51).

Esse modelo devastador de colonização, politicamente, impera de 1600 a 1823 e apresenta, de acordo com Souza (1994), quatro períodos: **1600 a 1700** – expulsão dos outros europeus e ocupação colonial; **1700 a 1755** – estabelecimento do sistema de missões religiosas e organização política da colônia; **1755 a 1798** – criação do sistema de Diretorias de índios e esforço para alcançar o avanço do capitalismo internacional; e **1800 a 1823** – crise e estagnação do sistema colonial. Para o autor, no início do século XIX, última fase, portanto, já existia “uma civilização tipicamente Amazônica, amalgamada pelos sistemas coloniais com as sociedades tribais” (SOUZA, 1994, p. 76).

Isso porque os portugueses eram experientes no ato de colonizar (África, Índia, etc.) e passaram a dominar povos indígenas que não tinham uma organização política consistente, gerando uma reorganização socioeconômica voltada para a exploração mercantil. Nesse contexto, e por conta disso, os indígenas foram destribalizados, desencadeando o processo de caboquização, em que houve a perda de suas culturas, bem como a reunião de suas populações em vilas e aldeias estrategicamente espalhadas. A partir daí, os indígenas começaram a surgir como

trabalhadores livres numa sociedade de economia extrativista colonial (SOUZA, 1994).

Observa-se, mediante o exposto nesta subseção, que a história da Amazônia é marcada por vários extermínios que dizimaram as populações indígenas que a habitavam antes da chegada de seus colonizadores. Os povos indígenas carregam a história de uma realidade caracterizada pela perda de gente, de culturas, de identidades e de línguas.

### 3.1.2 Contexto linguístico

Os processos de ocupação e colonização da região amazônica, chamada, primeiramente, de estado do Maranhão e Grão-Pará e, em um segundo momento, com o desmembramento do Maranhão, de estado do Grão-Pará (BASSO; GONÇALVES, 2014), aconteceram de forma tensa, devido ao choque cultural das civilizações neles envolvidas. Do mesmo modo, a situação linguística desse espaço geográfico desenhou-se de maneira conturbada devido ao multilinguismo existente. Sobre o número de línguas na Amazônia pré-colonial, Rodrigues (2001, p. 270) explica:

Não se sabe o número de línguas existentes nesta região antes da entrada dos europeus. Entretanto, podemos fazer uma primeira estimativa desse número recorrendo ao procedimento que utilizamos para calcular o número de línguas faladas no território brasileiro (Rodrigues 1993a, 1993b), isto é, pela projeção para a totalidade do território do número de línguas existentes num seguimento desse território ainda não afetado ou só pouco afetado pela colonização europeia.

Esse procedimento possibilitou que se chegasse à estimativa de 700 línguas, número que se aproxima ao de Loukotka (1968 apud FREIRE, 2011). Esse autor elucida que, no momento do contato entre índios e europeus, a América do Sul contava com 1.500 línguas, sendo quase a metade delas, isto é, 718, pertencente ao território que constitui a atual Amazônia brasileira, sendo importante assinalar, de acordo com Freire (2011, p. 52), que a contagem do número de línguas amazônicas depende de fatores decorrentes das fontes, dos métodos empregados para a sua estimativa, dos critérios usados para estabelecer os limites territoriais da Amazônia e até mesmo do conceito que se aciona para determinar o que é uma língua. Uma das possibilidades de contagem é a do próprio autor (quadro 1).

Quadro 1 – Grupos linguísticos da Amazônia brasileira no século XVI

<b>GRUPOS LINGUÍSTICOS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA – SÉCULO XVI</b>	
<i>TRONCO LINGUÍSTICO</i>	<i>NÚMERO DE GRUPOS</i>
Tupi	130
Karib	108
Aruak	83
Pano	34
Tukano	26
Jê	66
Línguas isoladas ou não classificadas	271
<b>TOTAL</b>	<b>718</b>

Fonte: Freire (2011).

A diversidade linguística amazônica foi se perdendo ao longo do processo de colonização e, nesta perspectiva, Rodrigues (2003, p. 37) (Inventário do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN) afirma que “hoje são faladas na Amazônia cerca de 250 línguas indígenas, sendo que cerca de 150 em território brasileiro” e que, “apesar da extraordinária redução quantitativa, as línguas ainda existentes apresentam considerável diversidade, caracterizando a Amazônia como uma das regiões de maior diferenciação linguística do mundo, com mais de 50 famílias linguísticas”. Esses dados quantitativos se aproximam aos apresentados por Queixalós e Renault-Lescure (2005, p. 5-14 apud FREIRE, 2011, p. 49), que expõe o seguinte:

Nele, no atual século XXI, são faladas cerca de 240 línguas – metade das quais na Amazônia brasileira – pertencentes a 52 famílias linguísticas. No entanto, as comunidades linguísticas são demograficamente frágeis nessa região, onde se verifica uma das mais baixas concentrações de população por língua. Nenhuma delas possui mais de quarenta mil falantes, apenas cinco são faladas por mais de dez mil indivíduos, aproximadamente cinquenta línguas são usadas por menos de cem pessoas, das quais nove contam com apenas vinte falantes. Muitas delas não são mais aprendidas pelas crianças, o que é uma das características do que se convencionou chamar de línguas moribundas ou línguas em perigo.

Independentemente de dados quantitativos, essa realidade decorre do modo como a língua portuguesa chegou e suplantou as línguas indígenas na Amazônia ao longo do período colonial. Segundo Freire (2011), ela entrou no Grão-Pará trinta e seis anos após a morte de Camões, já no século XVII, veiculada por missionários, soldados e funcionários. Nesse primeiro momento, explica o autor, cerca de 150

indivíduos que chegaram em 1616 com Francisco Caldeira Castelo Branco, sendo a maioria soldado, falavam português. Mais tarde, um século depois, esse número aumentou, e a população de portugueses na Amazônia era de aproximadamente 1000 pessoas (FREIRE, 2011).

O cenário linguístico na região amazônica começava a se redefinir, mas as condições históricas, demográficas e geográficas, nas quais ainda não havia a consolidação da ocupação lusa, tornavam inviável adotar a língua portuguesa como língua franca (FREIRE, 2011). Sobre o uso dessa língua no contexto histórico, social e linguístico do sistema de trabalho colonial, Freire (2011, p. 57) explica que “os índios dos núcleos coloniais, tanto os livres como os escravos, não falavam português entre si, nem com o colonizador; também a língua usada pelos jesuítas na catequese não foi o português” e que “no caso, a língua do colonizador ficou limitada à função de comunicação com a metrópole” (FREIRE, 2011, p. 57).

Esse contexto não era monolíngue, e as relações sociais na Amazônia, durante todo o período colonial e até mesmo depois da independência, acabaram se organizando com base em uma língua indígena, a Língua Geral Amazônica (doravante LGA), que

[...] começa a se constituir historicamente quando os primeiros colonos portugueses, que chegaram ao Pará em 1616, defrontaram-se- entre as centenas de línguas na Amazônia – com o Tupinambá, falado na costa do Salgado até a boca do rio Tocantins (FREIRE, 2011, p. 58).

O Tupinambá gozava de um favorecimento linguístico propiciado pelas condições de contato, como esclarece Cabral (2000, p. 107), no seguinte fragmento:

Além dos índios Tupinambá, sempre presentes nas expedições que chegavam à região, os quais em último caso seriam os intérpretes ideais, vários dos homens brancos deveriam ter algum conhecimento do Tupinambá, outros deveriam dominar essa língua muito bem, como era o caso de Luís Figueira, pois todos vinham de Pernambuco, cuja língua era o Tupinambá.

O resultado dessas relações de interação e conseqüentemente de formação social, foi o surgimento de um Tupinambá cada vez mais distanciado de si mesmo, de tal modo que no século XVIII já se reconhecia uma nova língua de interlocução, a chamada Língua Geral Amazônica (doravante LGA), conforme elucida Rodrigues (2003, p. 7, grifo do autor):

Os filhos de mestiços de homens portugueses e mulheres Tupinambá, que logo passaram a constituir a maior parte da população não indígena da nova colônia, falavam a língua de suas mães, a qual, fora do contexto social e cultural indígena, foi-se diferenciando mais e mais do Tupinambá falado pelos índios e no século XVIII já se distinguia nitidamente como uma nova língua. Como língua dos mamelucos, tornou-se a língua comum à população mestiça e não mestiça tanto nos incipientes núcleos urbanos como nos estabelecimentos do interior amazônico, de modo que também passou a ser a língua das missões religiosas, onde eram reunidos índios originalmente falantes de muitas outras línguas. Por essa razão passou a ser tratada como *língua geral*.

Nessa perspectiva,

Língua geral é o nome dado no Brasil colonial para uma língua originalmente indígena que se tornou a língua comum de mestiços, brancos, e índios, a estes submetidos, não como um *pidgin*, mas como língua materna mantida pelos filhos de mães indígenas e pais brancos. (RODRIGUES, 2014a, p. 450, tradução nossa).<sup>37</sup>

Cabral (2000, p. 103) afirma ser a LGA “ao mesmo tempo, amalgamador e um dos principais meios de veiculação do saber tradicional dos diferentes grupos étnicos presentes no cenário de expansão da sociedade colonial, ao longo do rio Amazonas” e propicia o entendimento do contexto de surgimento e desenvolvimento dessa língua, ao explicar que enquanto nas aldeias Tupinambá a língua Tupinambá era mantida e reforçada:

[...] nas cidades, vilas, pequenos povoamentos e fazendas em que a mestiçagem se intensificava, agora com a presença ainda que pequena de escravos africanos, eram criadas as condições necessárias para que o Tupinambá sofresse modificações profundas, ainda que gradativas, nos níveis lexical, fonológico, morfológico e sintático, e que se diversificasse em vários dialetos. Embora essas versões do Tupinambá, desenvolvidas em contextos onde a mestiçagem prevalecia, tenham sofrido vários tipos de interferências externas, houve sempre continuidade na sua transmissão, o que garantiu ao longo dos séculos a manutenção de importantes traços estruturais que a identificam como língua da família linguística Tupí-Guaraní (CABRAL, 2000, p. 109).

A institucionalização da LGA como língua oficial do estado do Maranhão e Grão Pará se deu por meio da Carta Régia de 30 de novembro de 1689, que determinou “que os missionários deviam ensiná-la aos índios e aos próprios filhos dos portugueses concentrados nos embriões de núcleos urbanos que se formavam

---

<sup>37</sup> “*Língua geral* is the name given in colonial Brazil to an originally indigenous language that became the common language of mestizos, white men, and Indians submitted by these, not as a pidgin, but as the continued mother tongue of children of indigenous mothers and white fathers.” (RODRIGUES, 2014a, p. 448, grifo do autor).

na região”, conforme explica Kiemen (1954, p. 107 apud FREIRE, 2011, p. 63). Entre brancos, índios e negros, a LGA foi se estabelecendo e ganhando cada vez mais espaço nas situações comunicativas da sociedade da época. Nesse sentido, Freire (2011, p. 46) explica ainda que:

A língua de comunicação interna da Amazônia – ao longo de todo o período colonial e até mesmo nas primeiras décadas do século XIX – foi, incontestavelmente, a língua geral amazônica (LGA), que desempenhou aquelas funções básicas exercidas tradicionalmente por toda e qualquer língua numa comunidade, o que acabou retardando o processo de hegemonia do português.

A dinâmica natural da movimentação linguística fez com que a LGA fosse se perdendo e o português tornando-se hegemônico. Apesar disso, Basso e Gonçalves (2014) informam que a LGA, de base Tupinambá, é hoje chamada de Nheengatu (“a língua/fala boa”) e sobrevive em vários pontos da Região Amazônica, sendo a língua oficial do município de São Gabriel da Cachoeira, enquanto Rodrigues (2014a, p. 450, tradução nossa) explica que “a língua geral do norte ainda é falada, mas foi perdendo terreno para o português desde o início do século XX e conta agora com não mais de 3.000 falantes”<sup>38</sup>. A LGA, assim, é uma sobrevivente do domínio avassalador da língua portuguesa. Sobre a influência das línguas indígenas no português, Rodrigues (2014b, p. 445, tradução nossa):

No estudo de empréstimos lexicais portugueses das línguas indígenas podemos distinguir palavras originadas no Tupinambá de palavras provenientes dos dialetos do Guaraní e daqueles decorrentes da língua geral amazônica. Por outro lado, a distribuição geográfica dos estrangeirismos é relevante – o Guaraní contribuiu apenas para dialetos do português no sul do Brasil, e a língua geral amazônica apenas para o português amazônico; por outro lado, a fonologia de estrangeirismos dá muitas pistas para a identificação da fonte.<sup>39</sup>

A respeito da hegemonia do português em território amazônico, Freire (2011) situa a adesão do Grão Pará à independência em agosto de 1823, pois esse fato

<sup>38</sup> “The northern língua geral is yet spoken, but it has been losing ground to Portuguese since the beginning of the 20th century and counts now with no more than 3,000 speakers.” (RODRIGUES, 2014a, p. 450).

<sup>39</sup> “In the study of Portuguese lexical borrowings from the Indian languages we can distinguish words originated in Tupinamba from word coming from the Guaraní dialects and those stemming from Amazonian *língua geral*. On the one hand the geographical distribution of the loanwords is relevant – Guaraní contributed only to dialects of Portuguese in Southern Brazil, and Amazonian *língua geral* only to Amazonian Portuguese; on the other hand the phonology of loanwords gives many cues for identifying the source.” (RODRIGUES, 2014b, p. 445, grifo do autor).

implicou no plano de políticas de línguas, cujas formulações saíram do âmbito do governo central e passaram também à competência do poder local. Nesse contexto, explica o autor, surge a lei das reformas constitucionais de 14 de agosto de 1834 que deu às assembleias legislativas provincianas autonomia para legislar e decidir sobre o destino dos índios, sendo que no âmbito da discussão sobre políticas de línguas voltadas para a educação, a escola situa-se como responsável pela difusão da língua portuguesa de forma maciça.

Contudo, Furtado (1959 apud FREIRE, 2011, p. 137), afirma que na realidade a língua portuguesa “só universalizou-se quando a inserção da Amazônia na divisão internacional do trabalho como produtora de borracha atraiu para a região, no período de 1872 a 1910, cerca de 500 mil nordestinos, todos eles portadores da língua portuguesa”. Para Silva Neto (1986, p. 61), “a vitória do português não se deveu à imposição violenta da classe dominante. Ela se explica pelo seu prestígio superior que forçava os indivíduos ao uso da língua que exprimia a melhor forma de civilização”.

A imersão nos contextos abordados nesta seção possibilita a compreensão do modo como as populações indígenas da Amazônia, e em consequência as línguas que falavam, foram exterminadas pelo devastador processo de colonização, que resultou na hegemonia da língua portuguesa. Nesta perspectiva, em que se colocam a língua portuguesa e as línguas indígenas, a história da região amazônica também é testemunha da luta pela manutenção destas últimas nas comunidades indígenas. Isso posto, conforme estrutura deste capítulo, apresenta-se, na seção seguinte, um panorama de natureza classificatória a respeito de atlas linguísticos, com foco em três deles, além de estudos pluridimensionais.

### **3.2 Atlas e estudos linguísticos e áreas de investigação linguística**

Nesta seção, em um primeiro momento, discorre-se sobre atlas linguísticos sob o viés classificatório. Em um segundo momento, relacionam-se três atlas linguísticos nacionais que possibilitarão à (não) validação de umas das hipóteses definidas neste estudo. Por fim, em um terceiro momento, apresentam-se atlas linguísticos e estudos de cunho pluridimensional que convergem teórico-metodologicamente com este trabalho.

### 3.2.1 Classificação dos atlas linguísticos

Com efeito, o modo como se desenvolveu os estudos geolinguísticos ao longo dos anos permite que sejam percebidos diversos momentos de diferenciação teórica e metodológica, o que tem refletido, sobretudo, nos atlas linguísticos, que constituem o produto final do fazer geolinguístico. Nesse sentido, Alinei (1994, p. 21 apud CARDOSO, 2010, p. 67) a partir do *Atlas Linguistique de la France (ALF)* distingue quanto aos espaços geográficos que recobrem quatro diferentes tipos de atlas linguísticos, a saber: i) regionais, ii) nacionais, iii) de grupo linguístico, e iv) continentais.

De acordo com Cardoso (2010), nessa tipologia de Alinei, os atlas nacionais recobrem todo um país, circunscrevendo seus limites geopolíticos, como o *ALF*, que inaugurou a aplicação do método geolinguístico de maneira ampla. Os atlas regionais destinam-se à análise de áreas menores, detalhando-as de forma específica, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Os atlas continentais decorrem da necessidade de um conhecimento maior da realidade linguística, já conhecida em sua dimensão regional e nacional, como o *Atlas Linguarum Europae (ALE)*, cuja importância “está não apenas na metodologia de enfoque dialetal que introduz com a intercomparação de dados entre línguas as mais diversas, mas também numa redefinição de políticas de abordagem das línguas” (CARDOSO, 2010, p. 73). Os atlas de grupo linguístico surgem de uma visão mais específica com relação aos atlas continentais e se destinam a famílias de línguas, como o *Atlas Linguistique Roman (ALIR)*, “que perseguindo os caminhos das línguas românicas na Europa, estabelece o percurso românico no continente” (CARDOSO, 2010, p. 74).

Cardoso (2010, p. 78) diferencia, ainda, quanto aos procedimentos metodológicos utilizados no tratamento dos dados, que implicam diretamente na cartografia, atlas de primeira geração e atlas de segunda geração. Os Atlas de primeira geração “expõem cartograficamente os resultados, acrescentado ou não notas e ilustrações que complementam as informações”, como o *Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB)*, o *Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR)* e o *APFB*. Os atlas de segunda geração “ao tempo em que fornecem os dados espacialmente distribuídos, detêm-se na análise de fenômenos registrados”, como a *Atlas Linguistique Roman (ALIR)* e o *Atlas Linguarum Europae (ALE)*.

Em relação a metodologia, ainda, Thun (2000 apud REIS, 2013) diferencia três tipos de atlas: os monodimensionais, que mapeiam os dados linguísticos apenas sob a dimensão diatópica; os bidimensionais, que acrescentam à dimensão diatópica a dimensão diagenérica; e os pluridimensionais, que cartografam os dados linguísticos sob diversas dimensões. Seguindo essa terminologia thuniana, a partir de levantamentos realizados em outros estudos, Guedes (2017) relaciona atlas monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais elaborados no Brasil. De acordo com o autor:

i) São atlas monodimensionais:

Atlas Prévios dos Falares Baianos (APFB), publicado em 1963;  
Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG), publicado em 1977;  
Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB), publicado em 1984 e;  
Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), publicado em 2002.

ii) São atlas bidimensionais:

Atlas Lingüístico de Sergipe I (ALS I), publicado em 1987;  
Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR), publicado em 1994;  
Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), publicado em 2002.

iii) São atlas pluridimensionais:

Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA), publicado em 2004;  
Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), tese elaborada em 2004;  
Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara (AFEBG), dissertação elaborada em 2006;  
Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR II), publicado em 2007;  
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS), publicado em 2007;  
Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC, tese elaborada em 2007;  
Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, tese elaborada em 2007;  
Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (MicroAFERJ), tese elaborada em 2008;  
Atlas Linguístico de São Francisco do Sul, tese elaborada em 2008;

Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE), dissertação elaborada em 2009;

Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (ALMESEMT), dissertação elaborada em 2009;

Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Iguatu, dissertação elaborada em 2009;

Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), publicado em 2010;

Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo, tese elaborada em 2010;

Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (AFBAM), dissertação elaborada em 2010;

Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Capistrano, dissertação elaborada em 2011;

Atlas Linguístico do Acre: Cartas Fonéticas da Região do Purus (ALiAC), dissertação elaborada em 2011;

Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, tese elaborada em 2012;

Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar, tese elaborada em 2012

Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGELO), dissertação elaborada em 2012;

Atlas dos Falares do Alto Rio Negro, dissertação elaborada em 2012;

Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê – São Paulo, tese elaborada em 2012;

Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guaraní na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai (ALF-BR PY), tese elaborada em 2013;

Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário, dissertação elaborada em 2013;

Atlas Linguístico do Brasil Vol. I e II, publicado em 2014;

Atlas Linguístico da Fronteira do Estado do Paraná com o Paraguai, tese elaborada em 2015;

Atlas Linguístico do Território Incharacterístico (NASCENTES, 1953), tese elaborada em 2015;

Atlas Linguístico do Amapá, publicado em 2017.

No contexto de desenvolvimento de atlas linguísticos pluridimensionais, vale destacar e ressaltar que os estudos geolinguísticos ganharam novo impulso, sobretudo, com a inclusão da dimensão de contato. Segundo Altenhofen (2004, p. 161-162, grifo do autor), de um atlas linguístico-contatual espera-se:

- a) Que seja, acima de tudo, *exeqüível*; e
- b) Que seja *dinâmico*, no sentido de chegar em um tempo razoável a resultados seguros;
- c) Que seja *multifuncional*, isto é, que diversifique as suas atividades, embora sem negligenciar seu objetivo principal;
- d) Que atenda ao impulso *interdisciplinar* inerente ao fenômeno da língua, permitindo uma maior compreensão das interfaces do uso da língua com outras áreas do conhecimento;
- e) Que seus resultados sejam *comparáveis* aos de outras pesquisas, sobretudo de atlas linguísticos (v. ADDU, ALERS, ALGR, ALiB, MRhSA, DAS, DWA);
- f) Que englobe a *multiplicidade* de fenômenos contatuais mais relevantes;
- g) Que seja um atlas *pluridimensional*;
- h) Que a metodologia seja *adequada* a esse propósito;
- i) Que o banco de dados seja *representativo* e *organizado* de tal forma que garanta a conservabilidade da gravação e facilidade de consulta/ 'achamento' dos dados pretendidos para pesquisa.

Constata-se que a lista de atlas é extensa e que é muito o que se espera de um atlas pluridimensional que atenda à dinâmica geossocial moderna. Essa forma de entender o modo como deve ser um atlas dessa dimensão foi sendo constituída ao longo dos anos e é fruto de diversos debates teórico-metodológicos entre pesquisadores que se dedicam ao desenvolvimento desse rico repertório linguístico que é um atlas.

### 3.2.2 Atlas Linguísticos de áreas monolíngues

Dentre os atlas linguísticos, três atlas brasileiros de áreas monolíngues são importantes para este estudo pelos motivos já explicitados, quais sejam: *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, *Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)* e *Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)*, os quais serão pontuados a partir deste momento.

#### 3.2.2.1 Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

O Projeto ALiB, entre outras finalidades, objetiva

Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 859).

Metodologicamente, constitui-se da seguinte maneira: a) a rede pontos apresenta 250 localidades, espalhadas por todo o território nacional; b) os informantes distribuem-se equitativamente pelos dois sexos e por duas faixas etárias (I, de 18 a 30 anos e II, de 50 a 65 anos) e nas capitais acrescentassem-se mais 4 indivíduos com o nível superior completo; e c) os questionários utilizados para a coleta são os seguintes: Questionário Fonético-Fonológico (QFF) com 159 questões, as quais se juntam 11 questões de prosódia; Questionário Semântico-Lexical (QSL) com 202 questões que se distribuem por 14 campos semânticos<sup>40</sup>; e o Questionário Morfossintático (QMS) com 49 questões. A esses três tipos de questionários, acrescentam-se ainda: 4 questões de pragmática, 4 temas para obtenção de discursos semidirigidos, 6 questões de natureza metalingüística e 1 texto para leitura.

Com essa metodologia, “rigorosamente seguida em cada rincão documentado” (CARDOSO; MOTA, 2016, p. 28), foram publicados, em 2014, os volumes 1 e 2 do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* (CARDOSO *et al.*, 2014a; CARDOSO *et al.*, 2014b), com os dados das 25 capitais que integram o *corpus* do ALiB<sup>41</sup>. O volume 1 é introdutório, e o 2 dedica-se aos dados linguísticos, apresentando-os em cartas fonéticas, morfossintáticas e semântico-lexicais, estas últimas descritas por Cardoso e Mota (2016, p. 27, grifo do autor), da seguinte maneira:

As cartas semântico-lexicais apresentam as variantes documentadas com maior frequência em todo o país em cartas diatópicas gerais, seguidas, muitas vezes, de diatópicas regionais, que retomam os dados da primeira, com acréscimo das variantes características em cada região geográfica. Abarcam dados de oito das 14 áreas semântico-lexicais previstas no QSL e são de natureza onomasiológica, à exceção de duas – referentes à *neblina* (L02 e L03) e à *mandioca* (L09 e L10).

<sup>40</sup> Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Atividade agropastoris, Fauna, Corpo humano, Ciclos da vida, Convívio e comportamento social, Religião e crenças, Jogos e diversões infantis, Habitação, Alimentação e cozinha, Vestuário e acessórios e Vida urbana.

<sup>41</sup> Vale esclarecer, neste momento, que o *corpus* do projeto ALiB também tem sido tratado por meio de artigos científicos, dissertações, teses, etc.). Contudo, para os propósitos deste estudo, os dados apresentados no ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014b) são suficientes, na nossa percepção.

Essas cartas, em número de 106, referem-se a 25 itens lexicais, a saber: granizo, orvalho, neblina, tangerina, penca de banana, extremidade na inflorescência da bananeira, aipim, mandioca, galinha d'angola, libélula, bicho da goiaba, pernilongo, prostituta, cigarro de palha, cambalhota, bolinha de gude, estilingue, brinquedo de empinar (com varetas), brinquedo de empinar (sem varetas), cabra-cega, amarelinha, bala, sutiã, ruge e semáforo. A figura 5 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvido para o ALiB.

Figura 5 – Carta L20/Brinquedo de empinar (com varetas)/ALiB



Fonte: Cardoso *et al.* (2014b).

O ALiB, com a publicação dos seus dois primeiros volumes, traz “uma visão da realidade do português brasileiro na perspectiva espacial, fornecendo, pela primeira vez, elementos que permitem uma fotografia do território nacional, do Oiapoque ao Chuí” (CARDOSO; MOTA, 2016, p. 28). O Atlas, dessa forma, é um verdadeiro repositório de formas linguísticas relativas ao português falado no Brasil e resulta de muitos anos de esforço e trabalho das equipes de pesquisadores do ALiB, dispersas por todo território nacional.

### 3.2.2.2 Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)

O *Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)*, em desenvolvimento, concretiza a parte lexical do *Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA)*, que tem por objetivo principal elaborar o *Atlas Geossociolinguístico do Pará*, com enfoque na variação fonética, morfossintática e lexical do português falado no estado, considerando fatores sociolinguísticos (RAZKY, 1998).

O *ALeSPA*, metodologicamente, constitui-se da seguinte maneira: a) a rede de pontos apresenta 38 localidades que contemplam as seis mesorregiões paraenses; b) os informantes são estratificados por sexo (masculino, feminino), faixa etária (I, 18-30; II, 40-70) e escolaridade (todos alfabetizados até a quarta série); e c) o questionário utilizado para a coleta de dados é o Questionário Semântico-lexical (QSL), com 256 questões distribuídas por 14 campos semânticos<sup>42</sup>, além da solicitação de um relato de experiência pessoal.

Com o *corpus* obtido por meio dessa metodologia, começaram a ser apresentados trabalhos de conclusão de curso<sup>43</sup> e dissertações de mestrado. Dentro dessa última tipologia de trabalho científico, destacam-se os trabalhos de Guedes (2012) e Gomes (2013).

O estudo de Guedes (2012), intitulado *Estudo Geossociolinguístico da Variação Lexical na Zona Rural do Estado do Pará*, apresenta dados linguísticos relativos a 12 municípios paraenses, a saber: Santarém e Oriximiná (Mesorregião do Baixo Amazonas), Anajás e Breves (Mesorregião do Marajó), Castanhal e Santo Antônio do Tauá (Mesorregião Metropolitana de Belém), Abaetetuba e Bragança (Mesorregião Nordeste), Altamira e Itaituba (Mesorregião Sudoeste), e Conceição do Araguaia e Redenção (Mesorregião Sudeste).

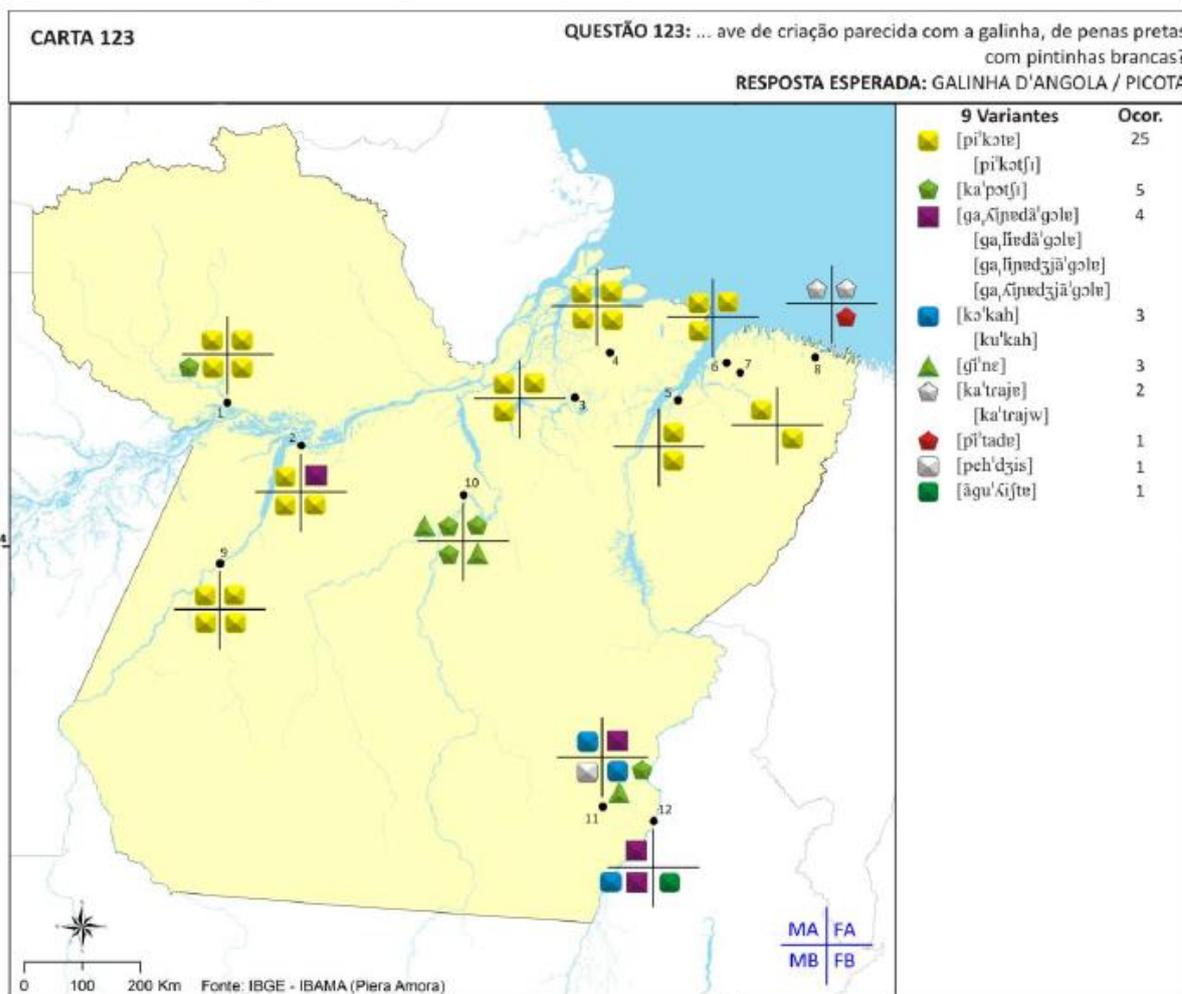
As cartas semântico-lexicais, em número de 30, referem-se aos seguintes itens lexicais: redemoinho (de água), maresia, chuvisco, caminho de Santiago, bananas gêmeas, mangará, casuá, jacurarú, osga, punhamesa, carapanã, picota, cotó, mucura, jacinta, clavícula, banguela, corcunda, mão de vaca, entrar na

<sup>42</sup> Natureza e acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Flora, Atividades Agropastoris (Agricultura, instrumentos agrícolas), Fauna, Corpo humano, Cultura e Convívio, Ciclos da vida, Religião e crenças, festas e divertimentos, Habitação, Alimentação e cozinha e Vestuário.

<sup>43</sup> Mapeamento lexical em quatro localidades do Pará, de Costa (2008); Variação lexical em quatro municípios da mesorregião Metropolitana de Belém, de Guedes (2007); Variação lexical no sudeste do Pará nas cidades de: São Geraldo, Xinguara, redenção e conceição do Araguaia, de Feitosa (2006); Variação Lexical no Nordeste do Pará, de Costa (2004).

menopausa, prostituta, diabo, cambalhota, baladeira, azarado, fumaça/tisna, cachaceiro, porronca, sutiã e grampos. A figura 6 exemplifica o modelo cartografia desenvolvida por Guedes.

Figura 6 – Carta 123/galinha d'angola/Guedes (2012)



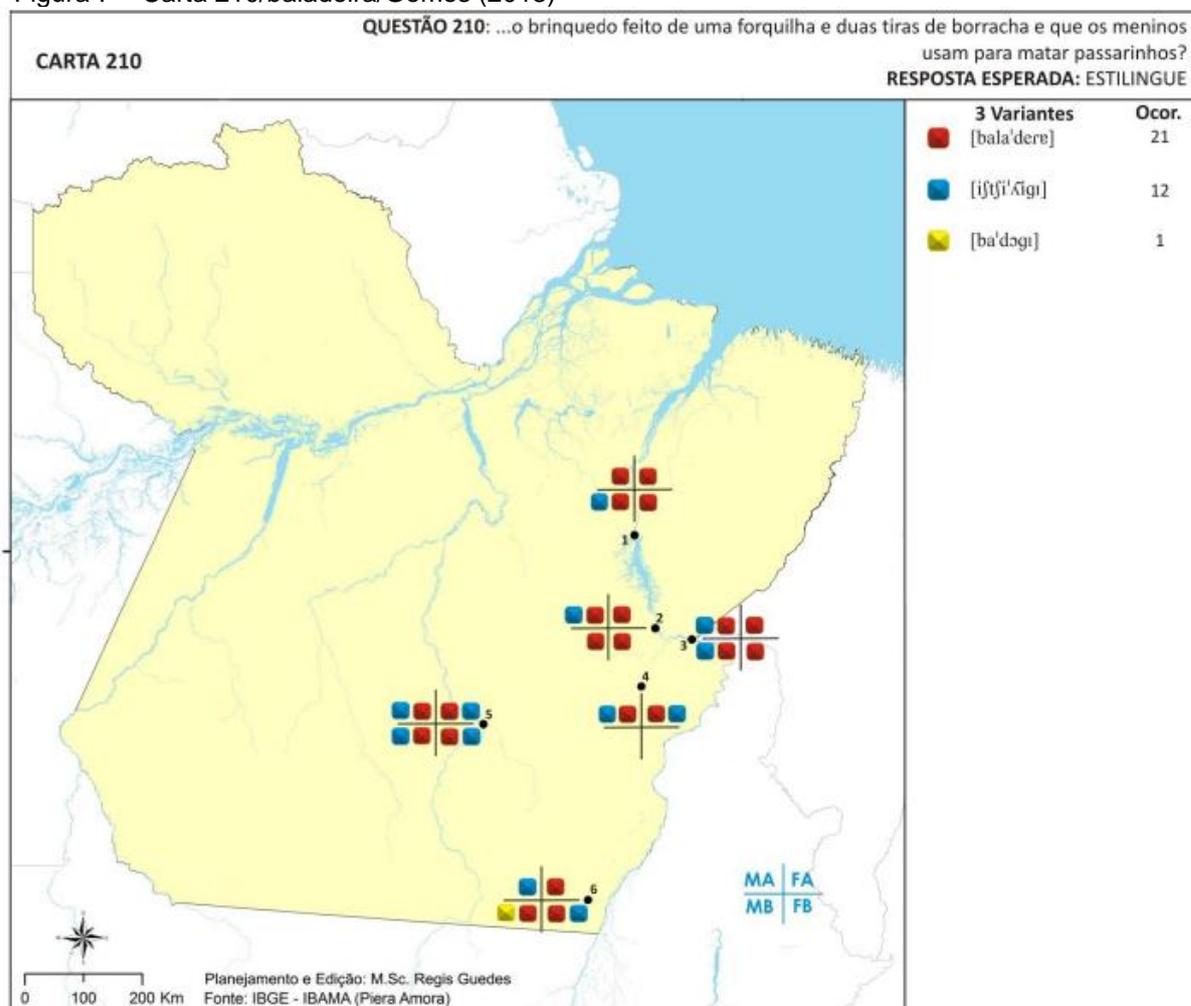
Fonte: Guedes (2012).

Já o estudo de Gomes (2013), intitulado *Variação Lexical em Seis Municípios da Mesorregião Sudeste Paraense*, apresenta dados linguísticos relativos a 6 municípios da mesorregião Sudeste do Pará, a saber: Tucuruí, Itupiranga, São Geraldo do Araguaia, Curianópolis, São Felix do Xingu e Santana do Araguaia, todos da mesorregião Sudeste do Pará.

As cartas semântico-lexicais, também em número de 30, referem-se aos seguintes itens lexicais: córrego, redemoinho (de água), onda, terra umedecida pela chuva/molhada, tempestade, chuveiro, orvalho, nevoeiro, estrela d'alva, bagaço, mandioca, picada, arapuca, carapanã, galinha d'angola, cego de um olho, catarata,

pouco inteligente, pessoa sovina, marido enganado, prostituta, finado, diabo, fantasma, cambalhota, estilingue, sistema de fechar a porta, bêbado e toco de cigarro. A figura 7 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvida por Gomes.

Figura 7 – Carta 210/baladeira/Gomes (2013)



Fonte: Gomes (2013).

Segundo Razky *et al.* (2016, p. 59, grifo do autor),

A publicação do ALeSPA deverá contribuir para a compreensão desses [variação geossociolinguística de lagarto, louva-a-deus, galinha d'angola e libélula em 20 pontos do ALeSPA) e de outros fenômenos lexicais presentes nos falares da zona rural paraense.

O ALeSPA, dessa forma, proporcionará aos paraenses e aos pesquisadores da área, e também de áreas afins, um amplo registro do português falado no estado do Pará.

### 3.2.2.3 Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

O *Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)*, em desenvolvimento, é um projeto que tem como um dos principais objetivos “descrever a realidade do português do Maranhão para identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado” (RAMOS *et al.*, 2005, p. 265).

Esse projeto, metodologicamente, constitui-se da seguinte maneira: a) a rede de pontos apresenta 18 localidades, contemplando as cinco mesorregiões maranhenses; b) os informantes distribuem-se equitativamente pelos dois sexos e por duas faixas etárias (I, de 18 a 30 anos e II, de 50 a 65 anos) e nas capitais acrescentassem-se mais 4 indivíduos com o nível superior completo; e, c) os questionários utilizados para a coleta são os mesmos do ALiB: Questionário Semântico-Lexical (QSL)<sup>44</sup>, com algumas supressões e acréscimos de questões, Questionário Fonético-Fonológico (QFF), sem modificações, Questionário Morfossintático (QMS), também com supressões e acréscimos de questões. As questões de prosódia e de pragmática, os temas para discursos semidirigidos e as perguntas metalinguísticas sofreram modificações.

Além disso, o atlas privilegia a preservação da memória histórica, do universo cultural e das diversas possibilidades que a língua oferece com a inclusão das seguintes vertentes: bumba-meu-boi, culinária, línguas indígenas, manifestações culturais de raízes africanas no Maranhão, produtos agroextrativistas, reggae, com coleta de dados por meio de questionários também (RAMOS *et al.*, 2005).

Com essa metodologia o ALiMA vem se desenvolvendo, e o estudo do *corpus* coletado, no que tange à variação geossociolinguística do léxico do português maranhense, até onde pudemos perceber, tem sido realizado por meio de artigos científicos publicados em livros, como os de Ramos, Bezerra e Rocha (2012), Silveira e Ramos (2015), Ramos, Bezerra e Rocha (2016) e Ramos *et al.* (2016).

Ramos, Bezerra e Rocha (2012), em *Diz-me de que palavras gostas, dir-te-ei quem és: um estudo de unidades lexicais referentes à banana*, apresentam dados relativos aos itens lexicais penca, banana dupla e inflorescência terminal da bananeira em 8 municípios maranhenses, a saber: São Luís e Pinheiro (mesorregião

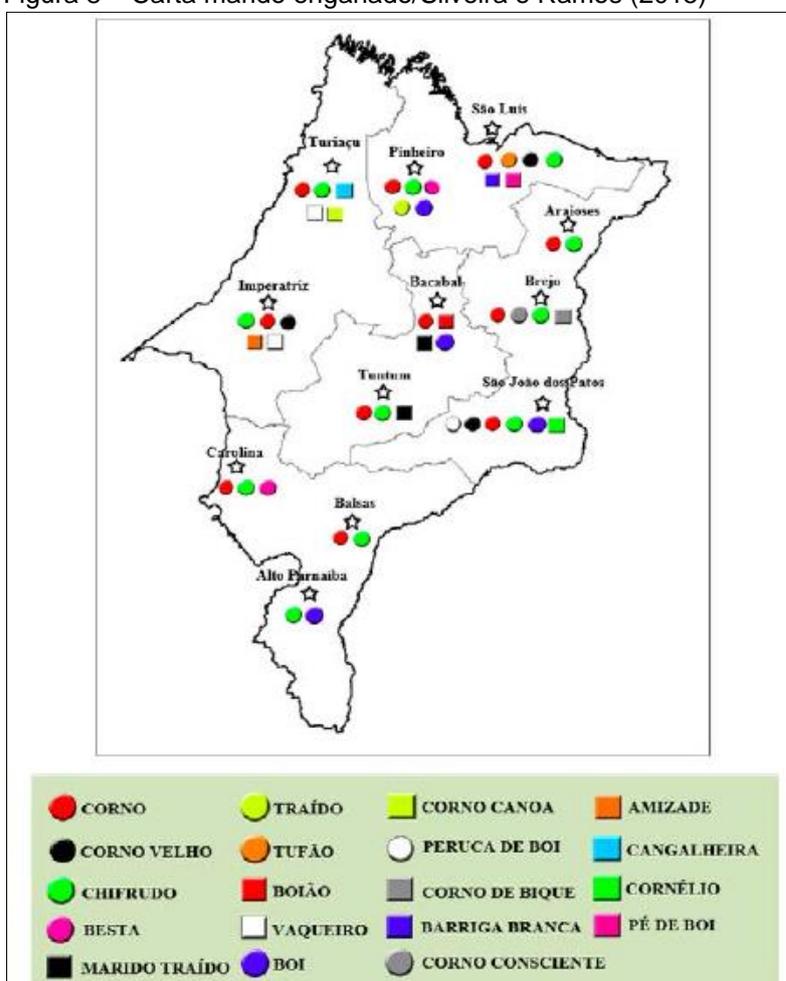
---

<sup>44</sup> O QSL do ALiMA apresenta os mesmos campos semânticos do QSL do ALiB, mas foram acrescentadas algumas questões, resultando em um total de 227 perguntas.

Norte), Imperatriz (mesorregião Oeste), Bacabal (mesorregião Centro), Araioses e Brejo (mesorregião Leste) e Balsas e Alto Parnaíba (mesorregião Sul).

Silveira e Ramos (2015), em *As denominações para corno no Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)*, apresentam dados referentes ao item lexical corno em 12 municípios do Estado do Maranhão, a saber: São Luís e Pinheiro (mesorregião Norte); Balsas, Carolina e Alto Parnaíba (mesorregião Sul); Bacabal e Tuntum (mesorregião Centro); Brejo, São João dos Patos e Araioses (mesorregião Leste) e Imperatriz e Turiaçu (mesorregião Oeste). A figura 8 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvida por Silveira e Ramos.

Figura 8 – Carta marido enganado/Silveira e Ramos (2015)



Fonte: Silveira e Ramos (2015).

Ramos, Bezerra e Rocha (2016), em *O polimorfismo linguístico no continuum rural-urbano brasileiro: a contribuição do Atlas Linguístico do Maranhão aos estudos lexicais*, apresentam dados referentes aos itens lexicais pinguela, estrela d'alva,

estrela vespertina e cangalha em 11 municípios maranhenses, a saber: São Luís, Alto Parnaíba, Araióses, Bacabal, Balsas, Brejo, Carolina, Imperatriz, Pinheiro, Tuntum e Turiaçu.

Ramos *et al.* (2016), em *De tanja a curraleira: um estudo das designações para tangerina com base nos dados do Atlas Linguístico do Maranhão*, apresentam dados referentes ao item lexical tangerina 12 municípios do Estado do Maranhão, a saber: São Luís e Pinheiro (Norte), Alto Parnaíba, Balsas e Carolina (Sul), Araióses Brejo e São João dos Patos (Leste), Imperatriz e Turiaçu (Oeste) e Bacabal e Tuntum (Centro).

Segundo Ramos *et al.* (2005, p. 265), o *ALiMA*

Está cumprindo o objetivo de registrar, analisar e caracterizar os falares maranhenses, antes que sejam absorvidos e desapareçam sem que deles façamos um estudo científico sistematizado que contribua para o mapeamento da história da língua.

Os estudos desenvolvidos no âmbito do *ALiB*, do *ALeSPA* e do *ALiMA* mostram como o léxico vem sendo investigado, contribuem para melhor conhecimento do português falado no Brasil e possibilitarão a observação do modo como se comporta o português falado em áreas indígenas com relação ao português falado em áreas não indígenas, mediante a comparação de dados.

O estudo comparativo está dentro do escopo da Geolinguística, cujo labor não se esgota na elaboração de cartas linguísticas. Para além disso, considera que “o fato apurado num **ponto geográfico** ou numa **área geográfica** só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou em outra área” (ROSSI, 1967, p. 104, grifo do autor). Em outras palavras, a cartografia não deve ser o ponto final, e sim o ponto de partida para a realização de outros estudos e, assim, ampliação de conhecimento.

### 3.2.3 Atlas linguísticos e estudos de áreas bilíngues

Na subseção anterior relacionaram-se atlas que corroboram a concretização deste estudo. Do mesmo modo, pontuam-se, neste momento, atlas e estudos

linguísticos que se debruçaram sobre áreas mais complexas sociolinguisticamente e que ratificam a importância de estudos pluridimensionais.

### 3.2.3.1 Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)

O *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)* é uma obra em comum das universidades de Montevideu e Kiel e se desenvolveu sob a coordenação dos professores Adolfo Elizaincín e Harald Thun. Sobre a abrangência do *ADDU*, o seguinte fragmento esclarece:

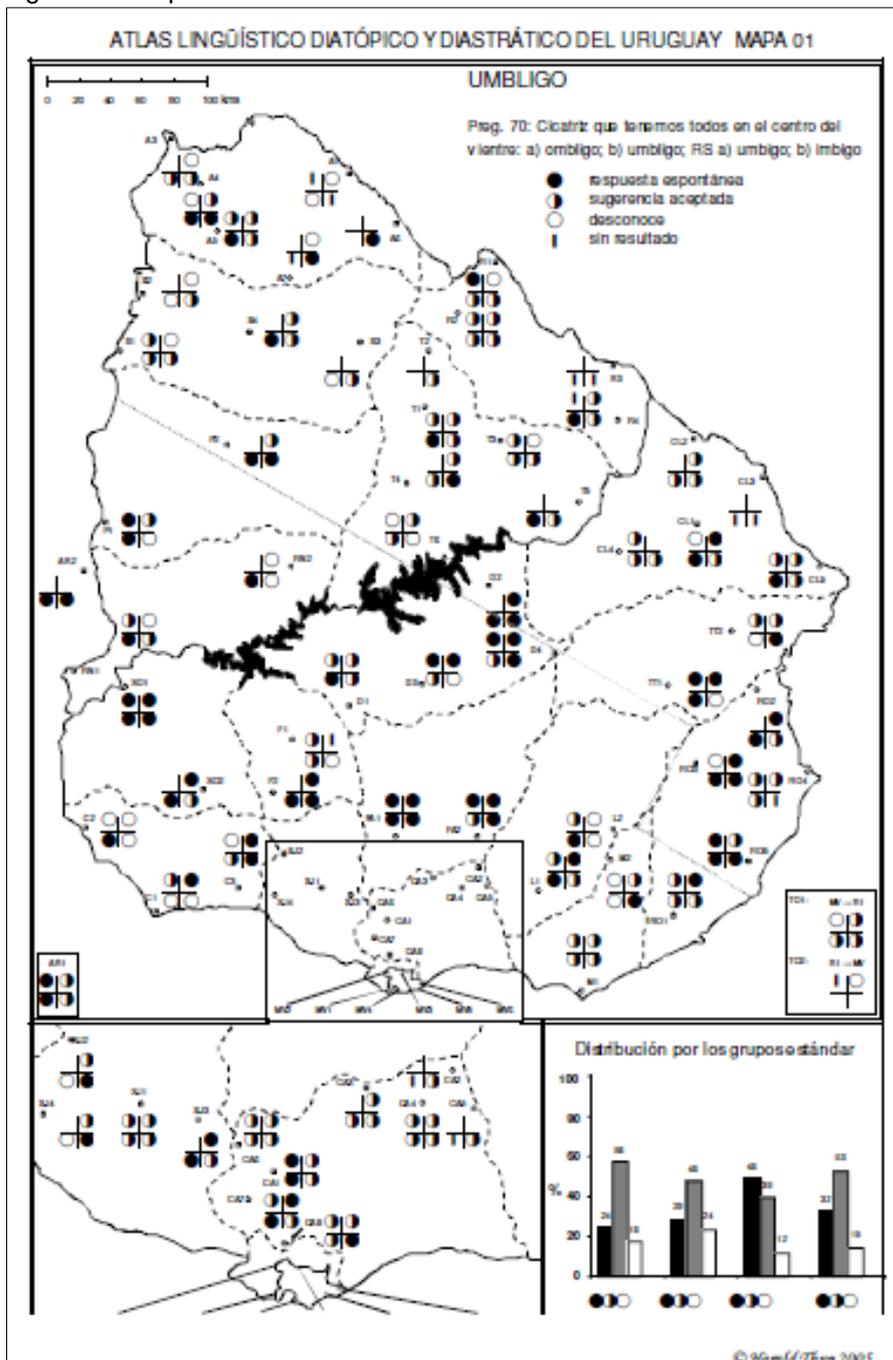
O *ADDU*, propriamente dito, divide-se numa parte maior (o *ADDU* <<tout court>> que compreende 72 pontos de toda a República Oriental do Uruguai e mais dois pontos externos na província de Entre-Rios, República da Argentina. O *ADDU*-Norte, descreve a lusofonia do Norte do Uruguai. Esta compara-se com a fala de dois pontos externos completos e dez pontos complementares situados na faixa meridional do Rio Grande do Sul. São, em total, 33 pontos (THUN, 2000, p. 188).

O *ADDU* objetiva “ampliar o espaço de variedades, levando expressamente em consideração as consequências dos contatos intra – e interlinguísticos” (THUN, 2017, p. 73). Nessa perspectiva, o *ADDU* está entre os mais ambiciosos atlas no cenário da geolinguística pluridimensional, contemplando as seguintes dimensões: i) diatópica (dividida em topostática (grupos com relativa estabilidade residencial) e topodinâmica (grupos com recente troca residencial)), ii) diastrática (dois grupos socioculturais distintos), iii) diageracional (dois grupos etários), iv) diagenérica (os sexos biológico-sociais), v) diafásica (três estilos – leitura, resposta às perguntas do questionário e conversa livre semidirigida), vi) diarreferencial (contraste entre respostas e comentários dos informantes), e vii) dialingual (contraste e influência entre o espanhol e o português (THUN, 2017).

A respeito do *ADDU*, Elizaincín (2010) faz três considerações, a saber: i) é um atlas que integra as dimensões social e geográfica, isto é, busca encontrar as relações entre a diastratia e a diatopia; ii) é um atlas bilíngue, uma vez que procura captar não só variedades sociolinguísticas, mas também engloba o fenômeno do contato linguístico espanhol/português na zona; e iii) é um atlas relacional, haja vista que na base de sua teoria está a ideia de que o falante, principalmente em zonas bilíngues, é consciente da pertença de sua fala a uma ou a outra das variedades

disponíveis na zona, neste caso, o espanhol e o português. A figura 9 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvido para o ADDU.

Figura 9 – Mapa 01/ADDU



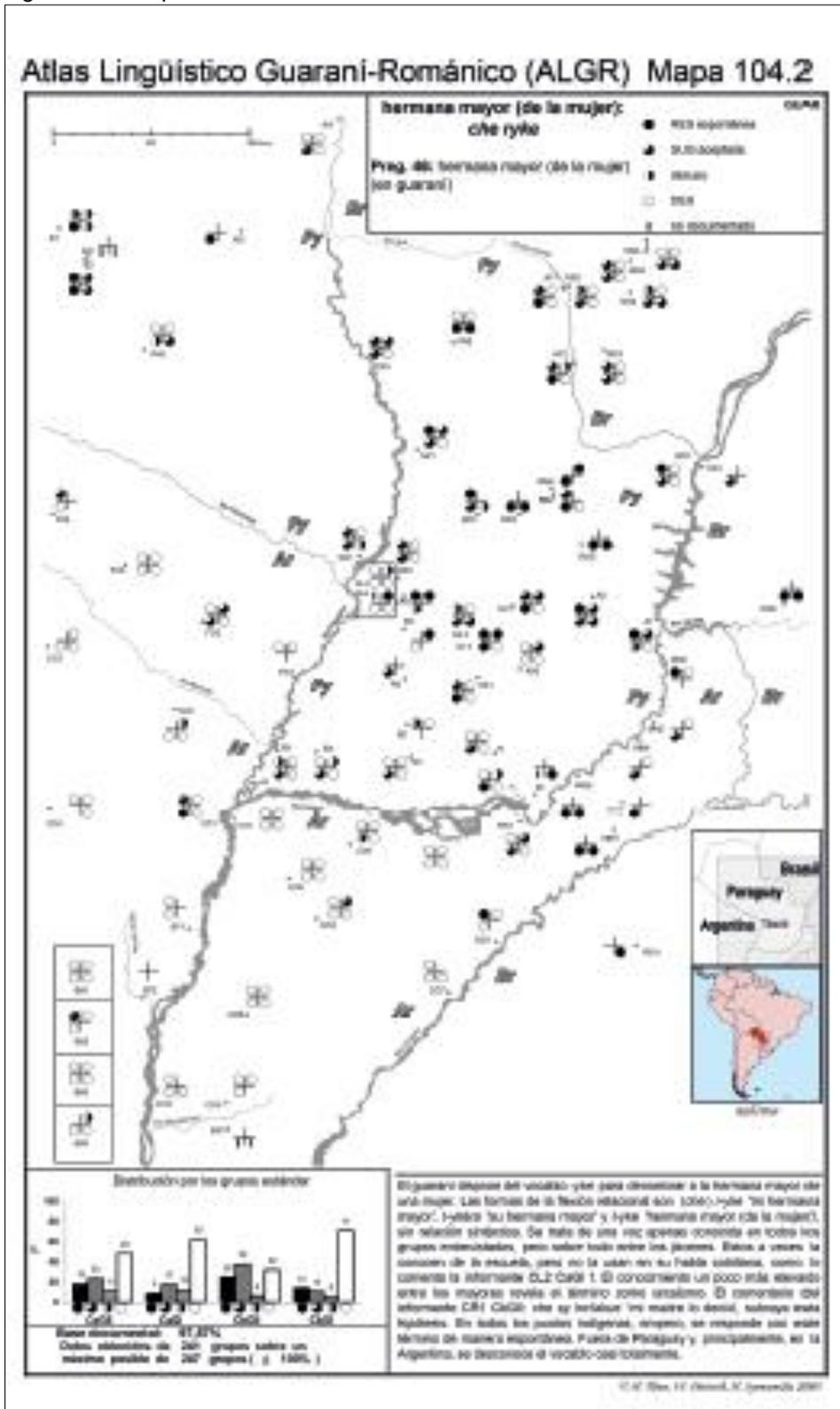
Fonte: VII Seminário Regional de Geossociolinguística (VII SERGEL), material cedido pelo autor, não publicado.

### 3.2.3.2 Atlas Linguístico Guaraní-Románico (ALGR)

O *Atlas Linguístico Guaraní-Románico (ALGR)* é uma obra comum das universidades de Münster e Kiel e se desenvolve sob a coordenação dos professores Harald Thun, Almidio Aquino, Wolf Dietrich e Haralambos Symeonidis. Sobre a dimensão do *ALGR*, o seguinte fragmento é esclarecedor: “Foram explorados 77 pontos no total, 37 no Paraguai, 32 na Argentina e 8 no Brasil; da totalidade de 77 pontos, 8 são pontos de exploração indígenas, quase todos de Mbyá”. (DIETRICH, 2014, p. 197).

O *ALGR* objetiva “estudar e apresentar em mapas geolinguísticos o contato entre o Guaraní e duas línguas românicas, o Espanhol e o Português, faladas na zona do mencionado bilinguismo” (DIETRICH, 2014, p. 196). Nesse sentido, o *ALGR* segue a mesma metodologia do *ADDU*, controlando as dimensões diatópica, diastrática, diageracional, diafásica, diarreferencial e dialingual. Atualmente, o *ALGR* possui dois volumes publicados: o primeiro, de 2009, intitula-se *Tomo I: Léxico del cuerpo humano* e o segundo, de 2015, denomina-se *Tomo II: Léxico del parentesco*. A figura 10 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvido para o *ALGR*.

Figura 10 – Mapa 104.2/ALGR



Fonte: Dietrich (2014).

### 3.2.3.3 Atlas Linguístico das Minorias Alemãs da Bacia do Rio do Prata (ALMA)

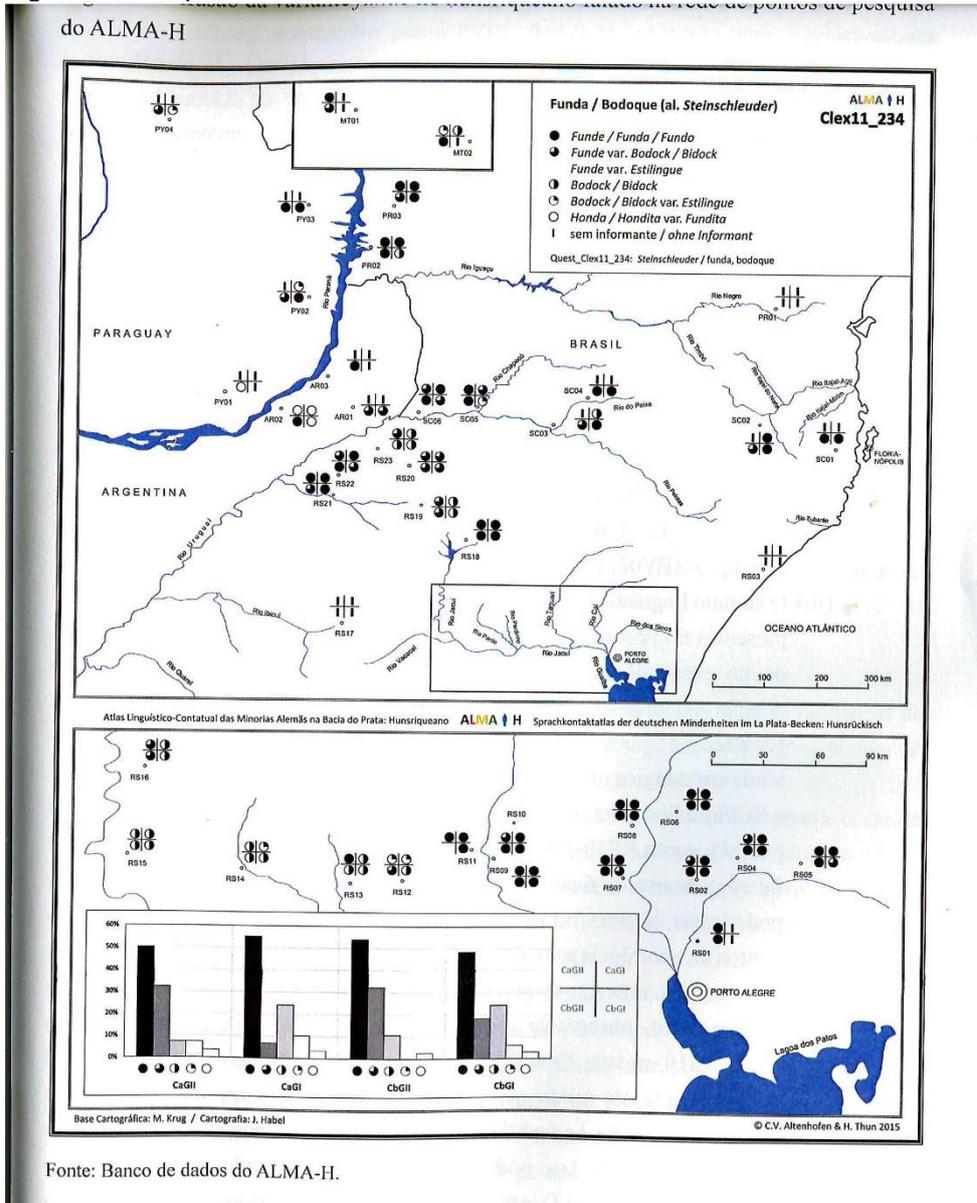
De acordo com informações disponíveis no *site* do projeto ALMA, o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)* é um macroprojeto em comum da universidade de Kiel e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e se desenvolve sob a coordenação dos professores Harald Thun e Cléo V. Altenhofen. Entre os objetivos do ALMA está a:

Constituição de um banco de dados lingüísticos e etnográficos da variedade Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol em uma rede de 38 pontos de pesquisa selecionados na Bacia do Prata, envolvendo Paraguai (3), Misiones na Argentina (3) e sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul (23), Santa Catarina (6) e Paraná (3). (MACROPROJETO ALMA-H, 2017, não paginado).

O ALMA segue o modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998) e, neste sentido, considera as seguintes dimensões: i) diatópica (topostático, informantes em um domicílio fixo), ii) diatópica-cinética (topodinâmico, mudança de domicílio – mobilidade espacial), iii) Diageracional (classe (socioculturalmente) alta/classe (socioculturalmente) baixa), iv) diageracional (geração velha/geração nova); v) diagenérica (homens/mulheres), vi) dialingual (hunsriqueano (Hunsückisch)/alemão-padrão (hochdeutsch)/português/espanhol), vii) diafásica (respostas ao questionário/leitura/conversa livre (etnotextos), viii) diarreferencial (fala “objetiva”/fala metalingüística), e ix) diarreligiosa (católico/evangélico luterano) e x) diamésica (língua em meio escrito/língua vs. meio falado) (ALTENHOFEN; THUN, 2016).

De acordo com Altenhofen e Thun (2016), o *ALMA-H*, o *ADDU* e o *ALGR* constituem a chamada “trilogia rio-platense”, de Harald Thun, e contemplam tipos específicos de contato linguístico: contato entre uma língua minoritária de imigração alemã (hunsriqueano) e língua oficiais românicas (português e espanhol) – *ALMA*, contato entre duas língua oficiais europeias (português e espanhol) – *ADDU-Norte*, e contato entre uma língua minoritária autóctone (Guaraní) e línguas oficiais românicas (espanhol e, em parte, também o português) – *ALGR*. A figura 11 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvido para o *ALGR*.

Figura 11 – Mapa Clex11\_234/ALMA



### 3.2.3.4 Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI)

De acordo com Razky, Guedes e Costa (2018, no prelo), o ALiPAI é um projeto de pesquisa que se propõe a mapear o português falado em áreas indígenas no território brasileiro. Nesse sentido, o ALiPAI, em sua primeira fase, abrangeu áreas indígenas nos estados do Pará e Maranhão, contemplando cinco terras indígenas, a saber: Teko-haw (etnia Tembé), Trocará (etnia Asuriní do Tocantins), Nova Jacundá (etnia Guaraní Mbyá) e Sororó (etnia Suruí Aikewara), no Pará, e Cana Brava (etnia Guajajára), no Maranhão. Contudo, o projeto impulsionou a

pesquisa em áreas indígenas localizadas nos estados do Amazonas (línguas Nheengatu, Baniwa e Tucano), Amapá (língua Wajãpi) e Oiapoque (Karipuna).

A descrição linguística realizada pelo ALiPAI abrange a variação fonética e lexical do português falado por indígenas residentes nas áreas supracitadas. Em relação à metodologia, o ALiPAI adotou o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), acrescido perguntas complementares; o Questionário Semântico-Lexical (QSL); e o Questionário Sociolinguístico (QS). Além disso, prevê a coleta de relato de experiência pessoal ou de narrativa da tradição indígena em português e língua indígena. No que tange aos informantes, são estratificados segundo sexo (homens e mulheres), idade (Faixa A - 5 a 10 anos, Faixa B - 18 a 37 anos e Faixa C - 47 a 75 anos) e escolaridade (não escolarizados ou escolarizados até a 8ª série e escolarizados a partir do 1º ano do ensino médio).

O ALiPAI desenvolve-se sob orientações teórico-metodológicas que conjugam Dialectologia e Sociolinguística e, nesse sentido, tem contemplado as dimensões diatópica, diagenérica, diageracional, diastrática, diarreferencial e dialingual, o que pode garantir melhor descrição das variedades étnicas da língua portuguesa falada no Brasil e também maior conhecimento da situação das línguas analisadas.

### 3.2.3.5 Difusão sócio-geográfica do português com o italiano no Sul do Brasil

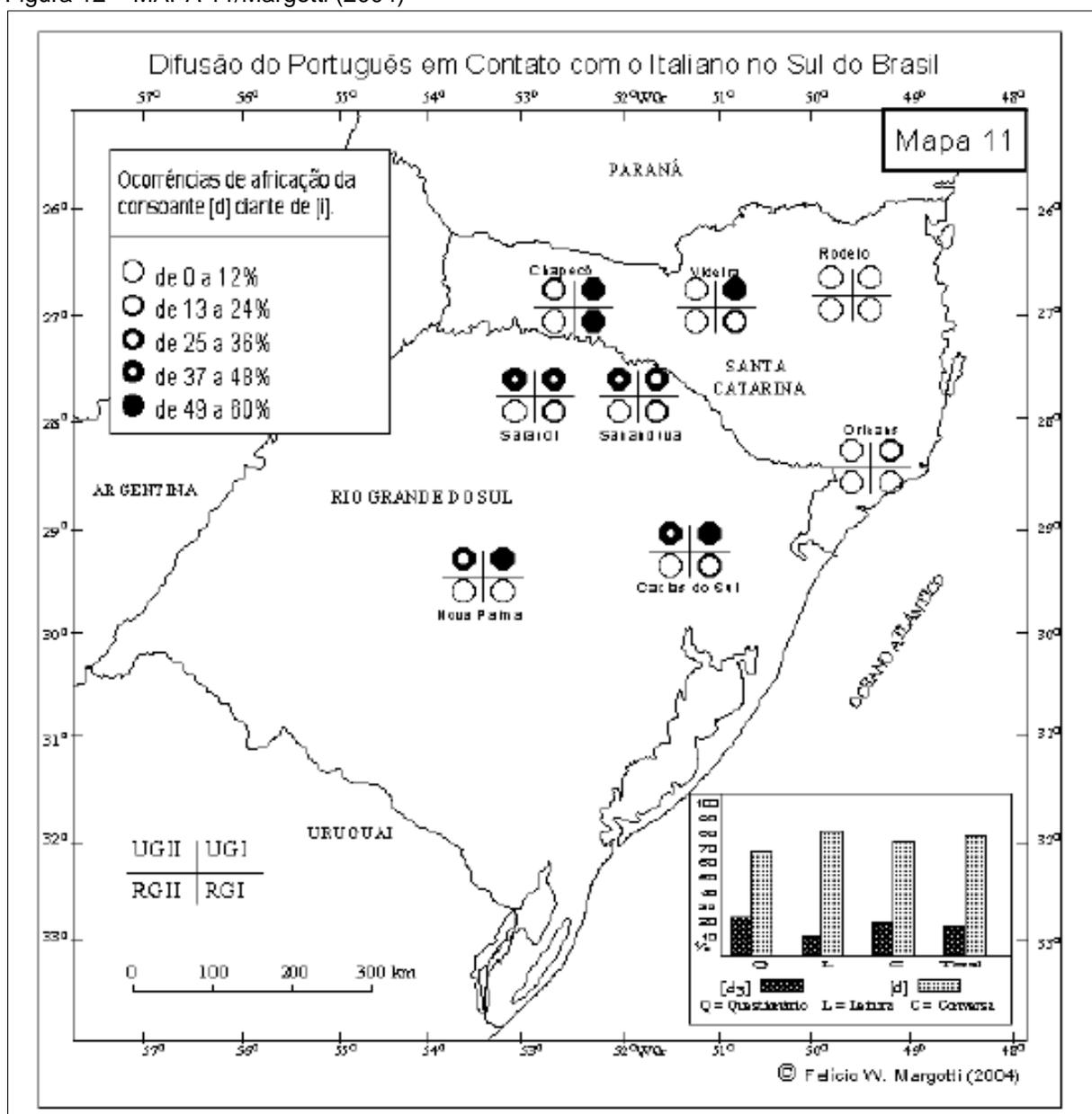
Essa tese de doutorado consiste em um estudo sobre o português em contato com o italiano no Sul do Brasil. O objetivo do trabalho, segundo seu autor, o professor Felício Margotti, era:

Explicar a dinâmica de difusão do português no espaço pluridimensional de áreas bilíngues de contato com o italiano falado por descendentes de imigrantes italianos no Sul do Brasil, mais especificamente em uma rede de oito pontos distribuídos em Santa Catarina [Orleans, Rodeio, Videira e Chapecó] e Rio Grande do Sul [Caxias do Sul, Nova Palma, Sananduva e Sarandi] (MARGOTTI, 2004, p. 24).

A pesquisa desenvolveu-se sob as orientações teórico-metodológicas da Dialectologia Pluridimensional e Relacional e buscou investigar a pronúncia variável do ditongo nasal tônico [ãõ], do [r] forte, da vogal [a] seguida de consoante nasal, do alçamento das vogais átonas finais [e] e [o], da africacão de [t] e [d] diante de [i] e da realização das fricativas [Σ] e [Z]. Os resultados demonstram que a difusão dos

traços associados ao português é variável quanto ao modo e à intensidade e, nesse sentido, na perspectiva diatópica, ela é mais intensa em Orleans (SC) e Caxias do Sul (RS) enquanto que em Rodeio (SC) e Sananduva (RS) a resistência à inovação foi maior (MARGOTTI, 2004). Já na perspectiva diassocial, os falantes mais urbanos, mais jovens e mais escolarizados lideram o uso de variantes sem interferência do italiano (MARGOTTI, 2004). A figura 12 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvido por Margotti.

Figura 12 – MAPA 11/Margotti (2004)

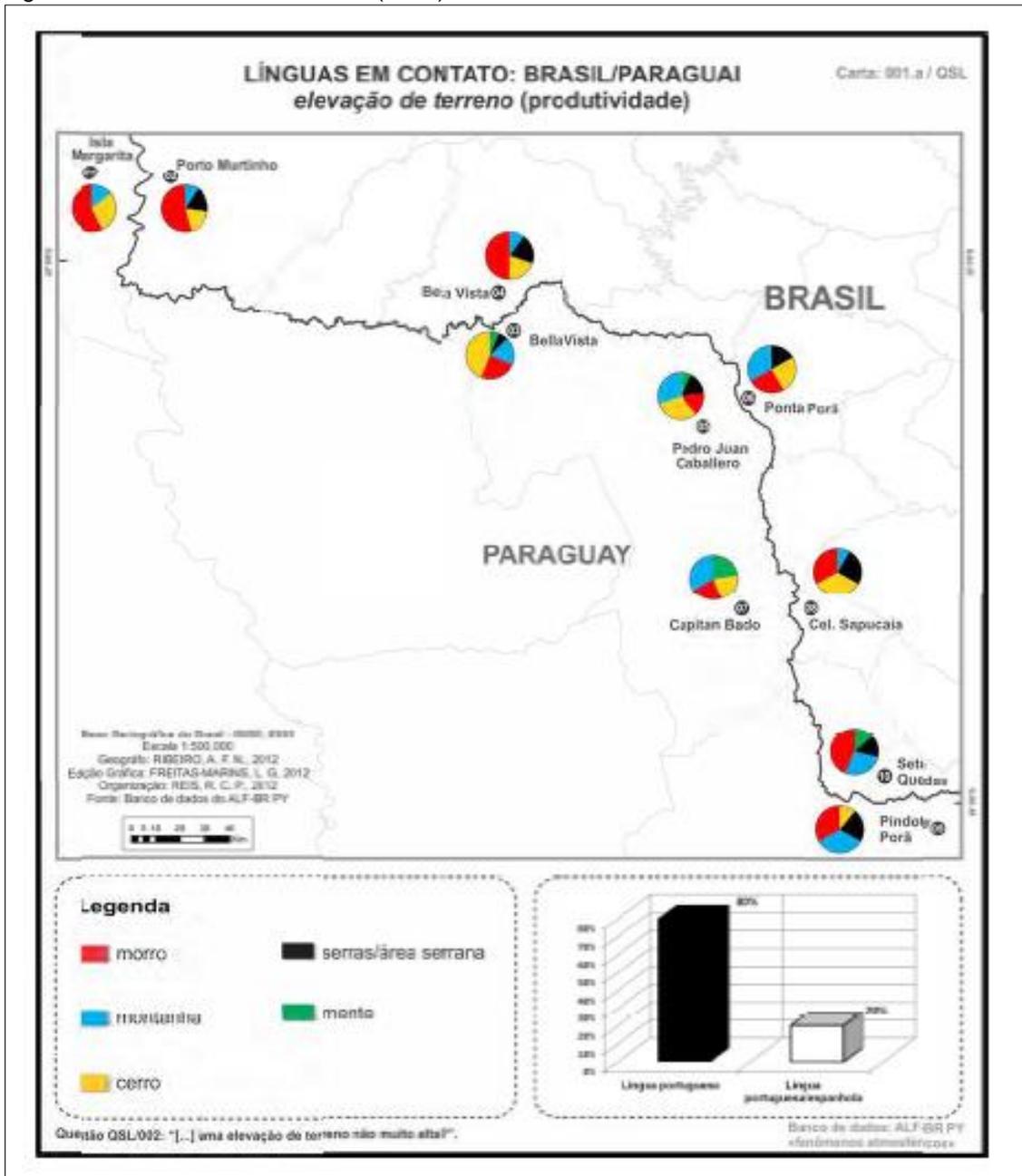


Fonte: Margotti (2004).

### 3.2.3.6 Variação linguística do português em contato com o Espanhol e o Guaraní na perspectiva do Atlas Linguístico Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai (ALF-BR PY)

Essa tese consiste em um estudo sobre línguas em contato na fronteira do Brasil, regiões sul-mato-grossenses, com República do Paraguai, abrangendo dez localidades: Isla Margarita (Paraguai), divisa com Porto Murtinho (Brasil); Bella Vista Norte (Paraguai), divisa com Bela Vista (Brasil); Pedro Juan Caballero (Paraguai), divisa com Ponta Porã (Brasil); Capitán Bado (Paraguai), divisa com Coronel Sapucaia (Brasil) e, por fim, Pindoty Porã (Paraguai), divisa com Sete Quedas (Brasil). O objetivo do trabalho era, segundo sua autora, Regiane Reis, “mapear a realidade linguística das áreas de fronteira situadas entre o estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, e o Norte do Paraguai, seguindo a linha geográfica que demarca as localidades limítrofes dos dois territórios” (REIS, 2013, p. 25). A pesquisa desenvolveu-se sob os princípios da Dialectologia e da Geolinguística pluridimensional e mapeou os dados linguísticos sob a perspectiva lexical, considerando as dimensões diatópica, dialingual, diageracional e diagenérica. O estudo documentou fatos linguísticos procedentes das línguas (português, espanhol e guaraní) em contato na fronteira Brasil/Paraguai e ajudará a compor o cenário dialetal das regiões fronteiriças (REIS, 2013). A figura 13 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvido por Reis.

Figura 13 – Carta 001.a/QSL/Reis (2013)



Fonte: Reis (2013).

### 3.2.3.7 O Português de aqui e além Fronteira – Um estudo das variedades da língua portuguesa em contato em contexto de fronteira

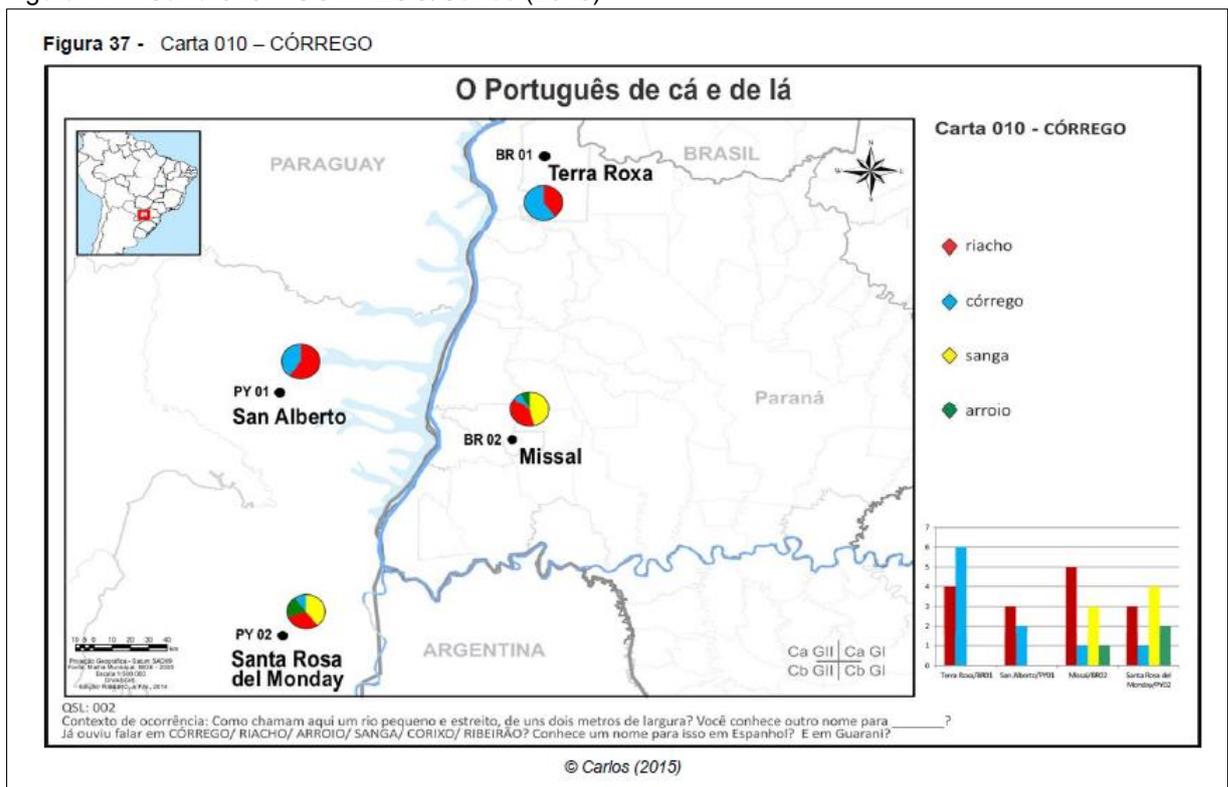
Essa tese consiste em um estudo sobre o português falado em região de fronteira. O objetivo do trabalho era, segundo sua autora, Valeska Carlos:

A descrição das variedades linguísticas da língua portuguesa falada na região fronteira, mais especificamente na área que abrange o Oeste do

estado do, Brasil [municípios de Terra Roxa e Missal] e o leste do Departamento del Alto Paraná, Paraguai [San municípios de Alberto e Santa Roxa del Monday] (CARLOS, 2015, p. 68).

A pesquisa desenvolveu-se sob os pressupostos teóricos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional e mapeou o referido português nas perspectivas fonética, semântico-lexical e morfossintática, considerando as dimensões diagenérica, diastrática, diageracional, diatópico-cinética, dialingual, diafásica e diarreferencial. Os resultados mostram que as interinfluências das línguas espanhola e Guaraní na fala dos brasileiros não são grandes e que enquanto a geração topodinâmica e mais velha está ligada a manutenção dos traços linguísticos sulistas, os mais jovens tendem a preferir o uso de variantes nortistas (CARLOS, 2015). A figura 14 exemplifica o modelo de cartografia desenvolvido por Carlos.

Figura 14 – Carta 010 – CORRÉGO/Carlos (2015)

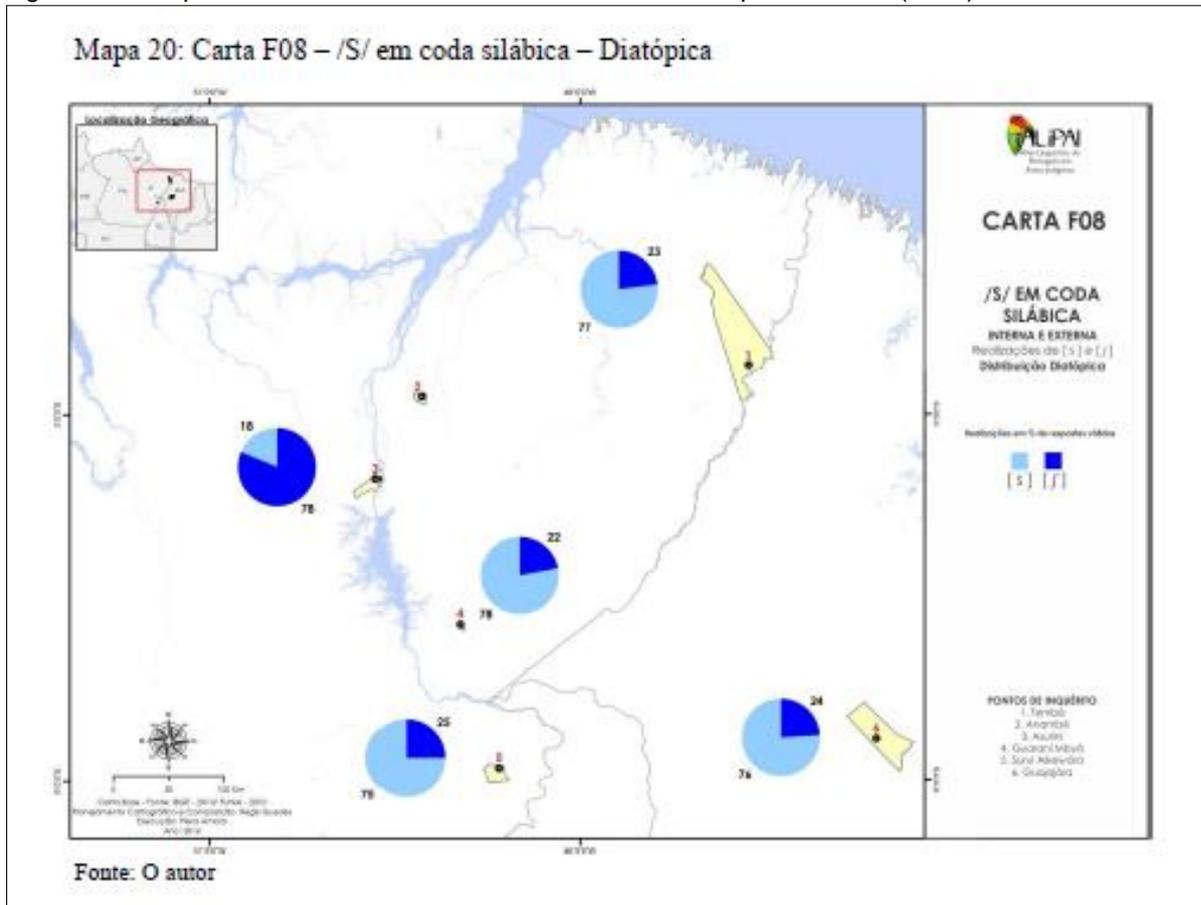


Fonte: Carlos (2015).

### 3.2.3.8 Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão

Essa tese, desenvolvida no âmbito do ALiPAI, projeto já referido nesta seção, consiste em um estudo sobre o português falado por indígenas de cinco etnias, a saber: Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembé, Guaraní Mbyá, no estado do Pará, e Guajajara, no estado do Maranhão. O objetivo do trabalho era, segundo seu autor, Regis Guedes, “mapear o perfil geossociolinguístico do português em contato com cinco línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní, faladas por indígenas de cinco etnias dos estados do Pará e Maranhão” (GUEDES, 2017, p. 22). A pesquisa desenvolveu-se sob os pressupostos teóricos da Dialetoлогия e Geografia Linguística, da moderna Dialetoлогия, da Geossociolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional e buscou descrever o referido português na perspectiva fonética, considerando os seguintes fenômenos: variação da vogal média anterior em posição pretônica (realizações de [e] e [ɛ], [e] e [i]), variação da vogal média posterior em posição pretônica (realizações de [o] e [ɔ]), palatalização da lateral // diante de [i], variação do /R/ em coda silábica externa (presença versus ausência em nomes e verbos), variação do /S/ em coda silábica externa e interna (presença versus ausência em nomes e verbos) e, ainda, as seguintes dimensões: diatópica, diagenérica, diastrática, diageracional, diarreferencial e dialingual. Os resultados mostram que o substrato Tupí ainda está presente na fala de uma parcela dos colaboradores mais idosos, que a variação dos fenômenos fonéticos na fala dos indígenas parece compor um contínuo de fala com relação aos não indígenas da região e que há a difusão da língua portuguesa e um baixo grau de competência linguística entre os colaboradores mais jovens (GUEDES, 2017). A figura 15 exemplifica o modelo cartografia desenvolvido por Guedes.

Figura 15 – Mapa 20: Carta F08 - /S/ em coda silábica – Diatópica/Guedes (2017)



Fonte: Guedes (2017).

Os trabalhos relacionados acima vão além da perspectiva monodimensional, em que a diatopia é tida como alvo principal. Centrados em uma perspectiva pluridimensional de visão sobre a língua, procuraram analisá-la com intuito de obter uma descrição mais completa da multiplicidade de formas linguísticas em que uma língua diversifica-se e de sua relação com os falantes que a usam, conforme prevê a abordagem pluridimensional.

## **4 CONTEXTO GEO-HISTÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Neste capítulo, em um primeiro momento, ao situar as terras indígenas Trocará (povo Asuriní do Tocantins), Nova Jacundá (povo Guaraní Mbyá), Sororó (povo Suruí Aikewára) e Cana Brava (Guajajara), versa-se sobre o contexto geral da pesquisa de campo realizada para este estudo, em uma perspectiva geográfica e histórica. Em um segundo momento, mais prático, descrevem-se os procedimentos metodológicos por meio dos quais este trabalho efetivou-se.

### **4.1 Contexto geo-histórico das terras indígenas em escopo**

Nesta seção, situam-se as terras indígenas supracitadas sob os pontos de vista geográfico e histórico, tendo em vista uma íntegra descrição desta metodologia no que tange à sua dimensão espacial. O mapa com a distribuição geográfica das terras indígenas será apresentado mais adiante, quando da apresentação da rede de pontos deste estudo.

#### **4.1.1 Terra Indígena Trocará (Tucuruí/PA) – Etnia Asuriní do Tocantins**

A Terra Indígena (doravante TI) Trocará localiza-se na Amazônia Legal, no estado do Pará, nos municípios de Baião (3.11%) e Tucuruí (4.9%); possui área oficial de 22.000 (ha); e se encontra homologada<sup>45</sup> (ANDRADE, 1999). Segundo Aquino (2010), localizam-se nessa TI cinco aldeias: Trocará, Ororitawá, Oimutawá, Itaraohoa (“cachoeira grande”) e Pikiá, sendo a aldeia Tocará a mais próxima da cidade de Tucuruí, distando cerca de 2km das margens do rio Tocantins.

A história de contato do povo Asuriní do Tocantins começa no final da década de 20 do século passado, quando os Asuriní tiveram contato com os regionais (moradores da região) e está ligada à exploração de caucho e castanha-do-pará, culturas que propiciaram, em 1927, a criação da estrada de Ferro Tocantins, que possibilitou a comunicação entre Tucuruí e Jacundá e que proporcionou maior desenvolvimento econômico para a região no século XX.

---

<sup>45</sup> Terras que possuem os seus limites materializados e georreferenciados, cuja demarcação administrativa foi homologada por decreto Presidencial, de acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Nas décadas seguintes, até 1953, “a região foi cenário de graves conflitos armados entre índios (ora denominados Asuriní, ora Parakanã), de um lado, e castanheiros e trabalhadores da ferrovia, de outro” (RICARDO, 1985, p. 3), o que rendeu muitas mortes, tanto de índios quanto de brancos. Contudo, é preciso destacar o contato dos indígenas com os funcionários do Sistema de Proteção Indígena (doravante SPI), em 1937, e com os brancos da região, em 1948 (RICARDO, 1985, p. 3). Sobre a pacificação dos Asuriní, Ricardo (1985, p. 3) relata:

A pacificação dos Asuriní se deu em março de 1953, quando nas proximidades do Posto de Atração Indígena Trocará foi estabelecido contato desses índios com os funcionários do SPI, sob a orientação do Sr. Telésforo Martins Fontes. Eram nessa ocasião cerca de 190 índios, que dizendo-se perseguidos por outra tribo (provavelmente os Parakanã), fixaram-se no Posto.

Além da pacificação, os indígenas da TI Trocará “sofreram o que se convencionou chamar de ‘efeitos indiretos’” (ANDRADE, 1999, não paginado), os quais foram causados por meio de programas como o Grande Carajás, cujo desenvolvimento se deu acompanhado de uma série de obras de infraestrutura (hidrelétrica de Tucuruí e ferrovia que liga a Serra do Carajás à São Luís). Não obstante a isso, a TI Trocará “encontra-se totalmente cercada por fazendas de gado, constituindo-se em uma das poucas áreas de mata que ainda restam no município” (ANDRADE, 1999, não paginado). Sobre o impacto da implantação dos grandes projetos na região, Pedrazzani e Leitão (2008, p. 14) afirmam:

Sem nenhuma dúvida, a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí foi o empreendimento de maior impacto na vida dos Asuriní, após a situação de contato, nos anos 1950. Embora seu território não tenha sido diretamente atingido pelas obras da barragem, como no caso dos Parakanã, com os consequentes impactos ambientais, os Asuriní receberam em sua vizinhança a explosão da cidade de Tucuruí. As instalações básicas para a construção da hidrelétrica e para a manutenção de seu funcionamento provocaram alterações profundas na estrutura socioeconômica de toda a região e, mesmo não tendo sido alagados, os impactos sofridos pelos Asuriní vieram de todos os lados, traduzidos por problemas de toda sorte, não apenas ambientais. A movimentação da pequena povoação que rapidamente se transformou em polo de importância nacional gerou impactos irreversíveis na vida daqueles indígenas que se encontravam, infelizmente, localizados tão próximos do local.

Essas movimentações socioeconômicas acabaram modificando a vida dos Asuriní e de sua população, cujos dados variam de pesquisa para pesquisa, o que pode estar relacionado à história e à mobilidade demográfica desse povo. O

levantamento mais recente sobre o contingente populacional da TI Trocará, realizada pelo Sistema de Informações de Atenção à Saúde Indígena (SIASI) e pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), em 2014, aponta uma população de 565 pessoas, isto é, quase 600 indivíduos, o que mostra que houve uma evolução populacional ao longo do tempo, uma vez que na época do contato, isto é, em 1953, a população era de 190 pessoas. Tal evolução pode estar relacionada às relações de contato e às mudanças ocorridas na estrutura das relações sociais dos Asuriní, nas quais se destacam os casamentos interétnicos.

Essa população dispõe de moradia, educação e saúde sobre os quais discorreremos a partir deste momento.

Com relação à moradia, na aldeia Trocará, onde foi realizada esta pesquisa, as casas, no geral, são feitas de alvenaria e cobertas com telha de barro. A construção dessas casas, bem como a implantação da eletrificação na aldeia, resulta, segundo Pedrazzani e Leitão (2008), de ação indenizatória por parte do Governo do Estado pela construção e manutenção da Trans-Cametá. Assim, a aldeia Trocará conta com energia elétrica e, conseqüentemente, com aparelhos eletrônicos como computador, celular, televisão e rádio, além de água encanada. A morada Asuriní pode ser visualizada por meio da fotografia 1.

Fotografia 1 – Morada Asuriní



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

No que tange à educação, funciona na aldeia Trocará, desde 1994, a escola Warara'awa Asuriní, que contempla os ensinos fundamental e médio. O ensino médio foi implantado na escola em 2009 e hoje oferece 3 turmas referentes ao 1º, 2º e 3º ano dessa fase de escolarização. A equipe de funcionários da Warara'awa apresenta professores e funcionários (indígenas e não indígenas) (não)residentes na aldeia. O ensino da língua e a cultura Asuriní são contemplados pela instituição. Ainda sobre a escola Asuriní, Andrade (1985, p. 34 apud PEDRAZZANI; LEITÃO, 2008, p. 17), explicam que “em 1983, a escola do PIN [Posto Indígena] Trocará foi incorporada à rede estadual de ensino, tendo que seguir, a partir de então, o calendário oficial seguido pelas escolas não-índias”. A estrutura da escola Asuriní pode ser visualizada por meio da fotografia 2.

Fotografia 2 – Escola Asuriní



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

No que diz respeito à saúde, Pedrazzani e Leitão (2008, p. 17) explicam que o Decreto de nº 24, publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 04 de fevereiro de 1991, que dispõe sobre o serviço de assistência médica às populações indígenas, “retirou esta atribuição do órgão que desde sempre o fizera, a FUNAI (como

continuidade do SPI), colocando as populações indígenas indistintamente na fila da FUNASA”. Na aldeia Trocará, funciona um posto médico, que procura atender às demandas da comunidade indígena.

#### 4.1.2 Terra Indígena Nova Jacundá (Rondon do Pará) – Etnia Guaraní Mbyá

Os Guaraní estão distribuídos em Kaiowá, Nandeva e Mbyá. Os Guaraní Mbyá possuem diversas aldeias espalhadas em países como a Argentina (nordeste); Brasil (interior e litoral dos estados do Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), junto à Mata Atlântica, nos estados do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo), nos estados do Norte (Pará e Tocantins), além de algumas famílias residentes na região Centro-Oeste; Paraguai (na região oriental); e Uruguai (nas proximidades de Montevideo) (LADEIRA, 2003). Sobre os Guaraní residentes no Brasil, o fragmento a seguir explica:

No Brasil, além de carregarem o estigma de ‘índios aculturados’ em virtude do uso de roupas e outros bens e alimentos industrializados, são considerados como índios errantes ou nômades, estrangeiros (do Paraguai ou Argentina) etc. Esse fato, aliado à aversão desses índios em brigar por terras, via de regra era distorcido de seu significado original e utilizado para reiterar a tese, difundida entre os brancos, de que os Guaraní não precisavam de terra pois nem ‘lutavam’ por ela. Dessa forma, favorecendo os interesses fundiários e econômicos especulativos, pretendeu-se descaracterizar a ocupação territorial Guaraní negando-lhes, sistematicamente o direito à terra (LADEIRA, 1992 apud SCHRÖDER, 2002, não paginado).

A história de contato dos Guaraní é antiga, configurada pela apreensão de seu território e marcada pelos ares do século XVI, quando os espanhóis os encontram desde a costa atlântica até o Paraguai. No decorrer deste século e durante o século XVII, o território desse povo vira objeto de conflito entre portugueses e espanhóis. Nos séculos XVIII e XIX, alguns grupos Guaraní, não submissos aos encomendadores espanhóis, refugiaram-se nos montes e nas matas subtropicais da região. No século XX, as características culturais, linguísticas, políticas e culturais dessa etnia tiveram maior conhecimento por meio de estudos etnográficos (LADEIRA, 2003). A respeito dos Guaraní Mbyá, apresentamos o seguinte fragmento:

No século XIX, os Guaraní Mbyá aparecem na literatura com o nome genérico de Cainguá ou Kayguá. Kayguá provém de Ka'aguygua, nome depreciativo aos Mbyá que significa 'habitantes das matas' (Cadogan, 1952). Hélène Clastres (1978), entretanto, afirma que 'descendem dos caiguás provavelmente os três grupos Guaranís – mbyá, xiripá e paim – que, tendo escapado dos colonos e dos jesuítas, conservaram sua autonomia porque se estabeleceram num território que, durante muito tempo, permaneceu inacessível. Daí a denominação de caaiguás ou cainguás ('gente da floresta') que lhes foi atribuída (LADEIRA, 2003, não paginado).

Os Mbyá possuem uma noção particular de território. Neste sentido, Ladeira (1997 apud LADEIRA, 2003, não paginado) explica que para os Guaraní Mbyá “o ‘conceito de território’ supera os limites físicos das aldeias e trilhas e está associado a uma noção de ‘mundo’ que implica na redefinição constante das relações multiétnicas, no compartilhar espaços, etc.” Assim “o domínio de um amplo território pelos Guaraní acontece através das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e de movimentos migratórios realizados ainda hoje sobretudo por famílias do subgrupo Mbyá” (LADEIRA, 1997 apud LADEIRA, 2003, não paginado). Os Mbyá que vieram para a região Norte do Brasil (Pará e Tocantins) constituem famílias advindas de um mesmo grande grupo que veio para o país após a guerra do Paraguai, de acordo com Ladeira (1992 apud LADEIRA, 2003).

De acordo com Machado (2015), os Guaraní que chegaram ao Pará em 1994 ficaram agregados aos Parkatêjê, na TI Mãe Maria até 1996, quando o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), por meio de um projeto, conseguiram comprar e doar a esses indígenas uma terra de 448 hectares, onde residem há 19 anos. No total são 10 famílias que vivem hoje às margens do Igarapé Jacundá, na TI Nova Jacundá. Essa TI tem situação jurídica dominial indígena, localiza-se na Amazônia Legal, no estado do Pará, município de Rondon do Pará (0.05%), possui área oficial de 424 (ha) (TERRA..., 2019a) e dista aproximadamente 35 km da sede do município de Jacundá.

Ainda segundo Machado (2015), os índios Guaraní residentes na Nova Jacundá são provenientes dos grupos que no passado migraram para o Mato Grosso do Sul e deste estado para o Pará. Sobre o processo migratório desse grupo, o autor explica:

Assim foi com os Mbyá que hoje habitam o tekoá pyaú (novo lugar de morada) de nova Jacundá/Pará. Segundo suas narrativas, andaram por aproximadamente um século desde que saíram da Argentina, caminharam em direção ao norte e em 2015 completa 19 anos de fixação na atual

morada onde pausaram a caminhada em busca pela yvyjú (terra dourada) (MACHADO, 2015, p. 21).

Os dados sobre o número de indivíduos residentes na TI Nova Jacundá variam de pesquisa para pesquisa, o que pode estar relacionado à história e à mobilidade da população Mbyá, sendo 7.000 o número total da população Guaraní Mbyá (LADEIRA, 2003). A pesquisa mais recente sobre os Mbyá de Jacundá, realizada pelo IBGE, em 2010, aponta uma população de 110 indivíduos.

Essa população dispõe de moradia, educação e saúde sobre as quais discutiremos a partir deste momento.

Com relação à moradia, na aldeia Nova Jacundá, onde foi realizada a pesquisa de campo, a maioria das casas, algumas com antena parabólica, e de alvenaria e coberta com telha de barro. Os indígenas têm acesso à energia elétrica e, conseqüentemente, a aparelhos eletrônicos como televisão, celular (via antena) etc., bem como a água encanada. Além das casas, existe na aldeia uma maloca, onde os indígenas se reúnem para realizarem seus eventos e uma espécie de casa específica para as cerimônias religiosas tradicionais. A morada Guaraní pode ser visualizada por meio da fotografia 3.

Fotografia 3 – Habitação Guaraní



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

No que se refere à educação, funciona na aldeia Nova Jacundá a escola Kariwassu Guaraní, que recebeu este nome em homenagem ao yvyraijá (portador do pequeno bastão de madeira) Raimundo Guaraní, falecido em 1998, e que foi construída e entregue no ano de 2003 (MACHADO, 2015). Pertence ao município de Jacundá e contempla o ensino fundamental. Os alunos que desejam dar continuidade aos estudos, ingressando no ensino médio, devem se deslocar para Jacundá. O ensino da língua e da cultura Guaraní é realizado na instituição, mas com material escasso, o que tem inquietado e causado insatisfação nos professores. Segundo Machado (2015, p. 139), a escola ainda não possui Projeto Político Pedagógico (PPP) e defende uma educação bilíngue, bem como ações de preservação cultural e de conquista de espaços de mobilidade política, “por meio do aprendizado de linguagens da sociedade nacional em busca de garantir os direitos e interesses da comunidade”. A estrutura da escola pode ser vista por meio da fotografia 4.

Fotografia 4 – Escola Guaraní



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

No que tange à saúde, os Guaraní Mbyá tendem a conectá-la com a natureza, de modo que “nas caminhadas exercita-se um saber fazer, um conhecer,

um aprendizado, caminha-se por diferentes lugares, adentrando-se segredos da botânica; fauna e flora são esquadrihadas”, sendo que “não é simplesmente um caminhar, é uma forma de alcançar a saúde, vida saudável” (MACHADO, 2015, p. 169). Além disso, na aldeia Nova Jacundá funciona um posto de saúde, que busca atender às demandas dos indígenas.

#### 4.1.3 Terra Indígena Sororó (São Geraldo do Araguaia) – Etnia Suruí Aikewára

A TI Sororó está homologada, localiza-se na Amazônia Legal, no estado do Pará, nos municípios de Brejo Grande do Araguaia (3.58%), Marabá (0.04%), São Domingos do Araguaia (0.91%) e São Geraldo do Araguaia (7.43%), e possui área oficial de 26.258 (ha) (LARAIA, 1998). Lopes (2014), citando o sábio Suruí Awasa'i, explica que historicamente o povo Asuriní esteve na região referente às encostas da Serra das Andorinhas, em São Geraldo do Araguaia, próximo ao rio Araguaia, e que os Asuriní tiveram de passar por diversos deslocamentos em virtude de conflitos com distintos agentes da região.

A história de contato dos Suruí data do ano de 1947, quando a região que habitavam no Sororó foi invadida por garimpeiros que buscavam o cristal de rocha. Ainda nesse ano, os indígenas buscaram se aproximar dos coletores de castanha no Cajueiro, mas foram afastados violentamente pelo dono da propriedade. Em 1952, cinco anos depois, Frei Gil Gomes Leitão procura contatar os Suruí de forma organizada, ocasião em que o religioso parte de Xambioá com alguns homens até a aldeia e deixa alguns presentes na aldeia naquele momento vazia. Logo mais, em 1957, os Suruí tentam um novo contato com os castanheiros nas margens do Sororozinho e novamente são repudiados a ferro e fogo. Depois, em 1960, o missionário consegue, próximo a um igarapé, nas redondezas da aldeia, uma aproximação com os indígenas, que, em número de 100, o aguardavam (LARAIA, 1998).

Contudo, já na década de 20, se ouvia falar sobre os Suruí, como se pode ver neste fragmento de Sala (1923 apud RICARDO, 1985, p. 103): “Sororós – raça ainda não identificada, meio bravos, vagam pelas cabeceiras do rio Sororó defronte à povoação de Santa Isabel”. Para o Ricardo (1985), essa parece ser a primeira referência dessa etnia.

Seguindo a cronologia, na década de 70, o cenário da região do Araguaia era tomado pela guerrilha do Araguaia e comandado pelo poderio militar. A eclosão desse movimento guerrilheiro provocou a abertura de estradas ditas operacionais, partindo da Transamazônica em direção ao rio Araguaia, como a OP-2, que cortou o território Suruí de Norte a Sul. Essa agitação das tropas do Exército em combate aos guerrilheiros acabou envolvendo no conflito a população sertaneja e os Suruí (RICARDO, 1985). A respeito dessa época Awmasu, um dos índios Suruí que vivenciaram a guerrilha depõe:

Aldeados no miolo do que ficou conhecido como o ‘Triângulo da Guerrilha’ – entre Xambioá, São Domingos e Marabá – os índios Suruí não só testemunharam como foram envolvidos na maior guerra ocorrida na história recente do país. Durante os seus anos de preparação os militares do PC do B haviam feito poucos contatos com os índios e quando a repressão baixou o exército convenceu os índios a trabalharem como batedores, guias, em troca de alguns presentes e a promessa de ampliar e demarcar a sua reserva conforme desejavam. Quatro índios trabalhavam para o exército, *Arekasu* e *Api*, jovens de 15 a 20 anos e *Marahi* e *Warini*, homens dos seus 40 anos. Mas os Suruí continuam até hoje a pleitear a ampliação da reserva (RICARDO, 1985, p. 104, grifo do autor).

A década de 70 ainda assistiu à disputa entre os Suruí e os brancos por conta do domínio territorial, situação agravada no tempo da coleta da castanha. Neste contexto, “em 1978, dois terços da área Suruí eram invadidas por coletores de castanha contratados pelos grandes proprietários vizinhos que reivindicavam juridicamente os castanhais dos Suruí” (RICARDO, 1985, p. 106). Além disso, os indígenas estabeleceram laços de compadrio com os posseiros, relações estas que “marcam até hoje uma aliança, face ao poder dos grandes proprietários” (RICARDO, 1985, p. 106).

Na década de 80, os Suruí tomaram rumos diferentes: a maior parte voltou para uma área próxima àquela onde Frei Gil os encontrou e uma outra parte foi para um lugar chamado Queimada; além de uma família que vive junto ao povoado de São Raimundo, à beira da rodovia (RICARDO, 1985).

Os anos seguintes foram marcados pela relação desses dos Suruí com diversos atores sociais que residem na região, conforme assinala este fragmento:

De modo geral, os Suruí mantêm boas relações com os regionais, especialmente com os sertanejos humildes, alguns dos quais trabalham para eles, mediante remuneração, nas tarefas de coleta de castanha, e, ultimamente, nos roçados de arroz, milho e mandioca. Muitas vezes,

sertanejos das imediações recorrem aos Suruí e recebem gêneros alimentícios e medicamentos, sendo tratados, inclusive, por termos do parentesco Suruí ou por 'compadre'. Estas acolhidas gentis são retribuídas em diversas oportunidades (RICARDO, 1985, p. 107).

Os dados sobre o número de indivíduos residentes na TI Sororó variam de pesquisa para pesquisa, o que pode estar relacionado à história, sobretudo, à época das grandes epidemias (gripe e varíola) e à mobilidade social da população, a qual, antes do contato, somava 126 pessoas. A pesquisa mais recente sobre o contingente populacional dessa etnia, realizada pela SIASI e pelo SESAI, em 2014, aponta uma população de 385 pessoas. Sobre a população Asuriní, Lopes (2014, p. 62) elucida:

Os Suruí, contrariando, todavia, qualquer prognóstico negativo sobre seu destino, resistiram e, hoje, após a primeira década do século XXI, contam com uma população dez vezes maior do que aquela remanescente da década de 1960, afastando um pouco mais a possibilidade de sua extinção; infelizmente, não se pode dizer o mesmo de sua língua.

Essa população dispõe de moradia, educação e saúde, as quais serão abordadas a partir deste momento.

Com relação à moradia, na aldeia Sororó, onde foi realizada esta pesquisa, as casas são feitas de alvenaria (algumas com antena parabólica) e cobertas com telha de barro, sendo que foram encontradas também casas construídas com materiais mais tradicionais. Em sua maioria, as residências contam com energia elétrica e água encanada. Alguns indígenas têm acesso a aparelhos eletrônicos como computador, rádio e televisão. As fotografias 5 e 6 ilustram, respectivamente, os tipos de casa encontrados na TI Sororó.

Fotografia 5 – Morada Suruí (Alvenaria/telhas de barro)



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

Fotografia 6 – Morada Suruí (outros modelos)



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

No que diz respeito à educação, funciona na TI Sororó a Escola Sawarapy Suruí que abrange o ensino fundamental, com 183 alunos, e o médio, com 16 alunos, com turmas modulares e de Educação de Jovens e adultos (EJA). O ensino de língua portuguesa se dá de forma regular nessa instituição, e o de língua e cultura Asuriní é realizado às sextas-feiras, mas sem muitos materiais e recursos didáticos. O desenvolvimento de ações que viessem a privilegiar o ensino linguístico-cultural do povo Asuriní na escola da aldeia resultou de uma imposição por parte dos Asuriní, de acordo com o gestor da escola, também indígena, em entrevista concedida à pesquisadora no dia 26 de março de 2015. Para Lopes (2014, p. 63), exímio pesquisador da língua Suruí, na escola da aldeia “prevalece o ensino de língua portuguesa, com conteúdos que apenas tangenciam os saberes milenares do próprio povo Suruí”.

A equipe que mantém o funcionamento da escola é formada por professores e funcionários indígenas e não-indígenas. O material didático, o mesmo utilizado nas escolas não-indígenas, é fornecido pelo Governo Federal, e os recursos governamentais que sustentam o funcionamento da escola são provenientes de Brejo Grande, município paraense vizinho. A estrutura da escola pode ser verificada na fotografia 7.

Fotografia 7 – Escola Suruí



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

Com relação à saúde, funciona na aldeia Sororó um posto de saúde que procura atender às demandas dos indígenas quanto a medicamentos e a consultas médicas.

#### 4.1.4 Terra Indígena Cana Brava (Barra do Corda/MA) – Etnia Guajajara

São várias as aldeias de morada Guajajara no estado do Maranhão. Segundo Silva (2010, p. 1124), a localização geográfica dos Tenetehára-Guajajara “é a Pré-Amazônia maranhense, nas regiões que são cortadas pelos rios Mearim e seus afluentes Corda e Grajaú, Pindaré e seus afluentes Caru, Zutiwa e Buriticupu”. A autora explica ainda que os índios Tenetehára-Guajajara estão distribuídos em 11 aldeias: Araribóia, Bacurizinho, Cana Brava, Caru, Governador, Krikatí, Lagoa Comprida, Morro Branco, Rio Pindaré, Rodeador, Urucu-Juruá, todas situadas no Centro do Maranhão.

A TI Cana Brava, onde foi realizada esta pesquisa, está homologada, localiza-se na Amazônia Legal, no estado do Maranhão, municípios de Barra do Corda (7.14%), Grajaú (0.31%) e Jenipapo dos Vieras (51.53%) e possui área oficial de 137.329 ha (TERRA..., 2019b).

Os Guajajara constituem o ramo oriental dos Tenetehára, cujo ramo ocidental é constituído pelos Tembé. A respeito dessa designação Silva (2010, p. 1125) afirma que os índios, quando perguntados sobre ela, consideram que Tenetehára “é tão somente o indivíduo que faz parte do povo Tenetehára” e que Gomes, um dos autores que se preocupam com a origem da autodenominação Tenetehára, “chega a apresentar uma hipótese sobre a época em que o termo Tenetehára pode ter sido usado pela primeira vez por esses índios” (SILVA, 2010, p. 1125) em um dado momento de sua história “com a finalidade de marcar algum acontecimento especial, para trazer à luz algum acontecimento especial” (SILVA, 2010, p. 1125).

A história de contato dos Guajajara foi vivenciada no século XVII, tendo como cenário as margens do rio Pindaré e como atores os integrantes das expedições estrangeiras, que os assolaram com sua postura escravagista, e os jesuítas, que na segunda metade deste mesmo século, embora tenham lhes oferecido alguma proteção, os mantinham dependentes e servidores. No entanto, as ações jesuítas foram banidas e os Guajajara conseguiram emergir desse contexto, conforme excerto, a seguir:

Depois da expulsão dos jesuítas da Colônia pela Coroa, os Tenetehára conseguiram recuperar parte de sua antiga independência, reduzindo os contatos com os colonizadores. A partir de meados do século XIX foram progressivamente integrados em sistemas regionais de patronagem, com toda as formas conhecidas de exploração extrema (como coletores ou remeiros, por exemplo). A política indigenista da época não articulava qualquer proteção contra estes abusos. Os Guajajára, de vez em quando, reagiam violentamente, mas em geral permaneciam submissos (SCHRÖDER, 2002, não paginado).

Ainda nessa esteira de conflitos sangrentos, as décadas de 60 e 70 foram marcadas pela ação dos latifundiários que alargaram suas áreas de domínio no centro do Maranhão, o que invadia as terras indígenas desse dos Guajajára. Além disso, havia conflitos intertribais como índios das etnias Guajá, Urubu Ka'apor e vários grupos Timbira (os canelas, por exemplo) (SCHRÖDER, 2002).

Tais movimentações marcaram a população Guajajára em grande medida. Em relação à TI Cana Brava, os dados sobre o número de indivíduos variam de pesquisa para pesquisa, o que pode estar relacionado à história e à mobilidade social da população Guajajára (SCHRÖDER, 2002). A pesquisa mais recente sobre o contingente populacional nessa TI, realizada pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), em 2010, aponta uma população de 4.510 indivíduos. Os Guajajára que habitam a aldeia Cachoeira, onde esta pesquisa foi realizada, dispõem de moradia, educação e saúde, as quais serão abordadas a partir deste momento.

Com relação à moradia, a maioria das casas, algumas com antena parabólica, é de barro e coberta com telha de barro, mas a casa do cacique, por exemplo, era toda de alvenaria. Dentre todas as aldeias visitadas, a Cachoeira foi a que apresentou mais elementos tradicionais, embora a maioria dos indígenas nela residentes tenha acesso à energia elétrica, rádio, televisão, celular, etc. A estrutura da morada Guajajára pode ser visualizada por meio da fotografia 8.

Fotografia 8 – Morada Guajajára



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

No que se refere à educação, na aldeia Cachoeira funciona a Escola Indígena José Alderico Pompeu, desde 1990. A escola é toda de alvenaria e funciona com o nível fundamental até a quarta série. As aulas são ministradas por duas professoras indígenas. São disponibilizadas diversas disciplinas, mas o ensino de língua e cultura Guajajára não se dá de maneira formal. A estrutura da escola pode ser visualizada por meio da fotografia 9.

Fotografia 9 – Escola Guajajára



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

No que concerne à saúde, os Guajajára dispõem de um posto de saúde que busca atender às demandas da comunidade quanto a medicamentos e a consultas médicas.

Apresentadas as Terras Indígenas, abordam-se, na seção seguinte, as configurações metodológicas deste trabalho que inaugura, dentro do projeto GeoLinTerm, uma nova linha de investigação científica; a que se dedica ao estudo geossociolinguístico do português falado em áreas indígenas.

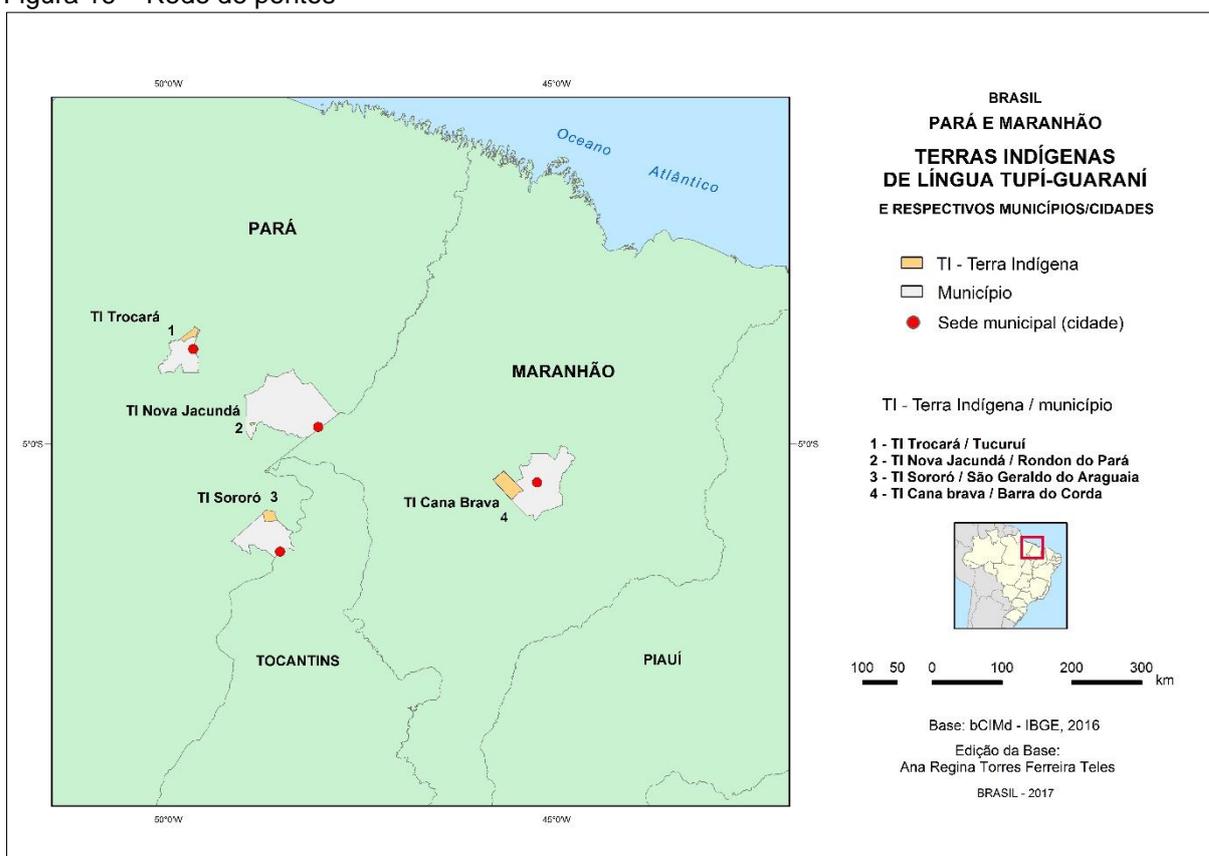
#### **4.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa**

Nesta seção, enfocam-se os instrumentos metodológicos desta pesquisa geossociolinguística (rede de pontos, informantes e questionários) e explica-se como foram realizados o tratamento, a cartografia e a comparação de dados diatópicos.

#### 4.2.1 Rede de pontos (Dimensão espacial)

A rede de pontos desta pesquisa (figura 16) apresenta quatro pontos de inquérito<sup>46</sup>, a saber: TI Trocará/PA, TI Nova Jacundá/PA, TI Sororó/PA e TI Cana Brava/MA, todas localizadas no espaço geográfico que compreende os estados do Pará e Maranhão.

Figura 16 – Rede de pontos



Fonte: IBGE (2016). Edição: Ana Regina T. F. Teles.

<sup>46</sup> Inicialmente, a rede de pontos desta pesquisa previa seis localidades: TI Alto Rio Guamá/PA, TI Trocará/PA, TI Nova Jacundá/PA, TI Sororó/PA, TI cana Brava/MA e TI Alto Turiaçu/MA. Contudo, por questões de dificuldade de acesso às aldeias indígenas, tivemos dois contratemplos: a não autorização das lideranças Urubu Ka'apor, o que nos levou a substituir a TI Alto Turiaçu (Etnia Urubu Ka'apor) pela TI Anambé (Etnia Anambé). Com os Anambé também não obtivemos sucesso, o que resultou na sua substituição pelos Amanayé (TI Barreirinha). Com os Amanayé, tivemos a mediação de uma pesquisadora que trabalha na TI Barreirinha, mas até o presente momento não recebemos uma posição definitiva de suas lideranças, não sendo possível a inclusão desses dados neste estudo. O outro contratempo diz respeito à TI Alto Rio Guamá, na qual iniciamos a pesquisa de campo, mas, quando do nosso retorno à aldeia, as lideranças, juntamente com a própria comunidade, decidiram pela não aceitação, naquele momento, de pesquisadores na comunidade. Para tentar completar o número de colabores previstos, buscamos ainda o apoio da Casa de Saúde Indígena (CASAI), localizada em Icoaraci, no município de Belém, mas, mesmo tendo atendido às solicitações burocráticas, não obtivemos resposta até o presente momento. Pelos motivos acima descritos justificamos a supressão dessas duas TIs. No entanto, os dados que conseguimos coletar na TI Alto Rio Guamá serão tratados em outra ocasião.

O principal critério de seleção desses pontos foi a classificação linguística; as línguas faladas em todas as comunidades indígenas investigadas integram a família linguística Tupí-Guaraní, do tronco Tupí, de acordo com Rodrigues e Cabral (2002). No entanto, foram considerados ainda o acesso, a localização, a demografia e a história geossociolinguística das terras indígenas pesquisadas.

Outro ponto interessante quanto à rede de pontos diz respeito à adoção da TI, e não do município onde ela está localizada, como ponto de inquérito, o que garante maior precisão quanto ao lugar de investigação desta pesquisa.

A configuração da distribuição geográfica dos pontos de inquérito pelos estados do Pará e Maranhão, localizados em regiões distintas e com número de pontos de inquérito diferente, não implica uma inconsistência espacial, uma vez que, como foi explicado, o principal critério de seleção dos pontos desta pesquisa foi linguístico, e não geográfico. Além disso, os estados do Pará e Maranhão estão ligados historicamente em função de seus processos de descobrimento e colonização e, considerando-se uma outra perspectiva de repartição territorial, constata-se que ambos os estados integram o espaço amazônico.

O acesso a cada uma das quatro terras indígenas pesquisadas deu-se de diversas formas (avião, ônibus e carro particular) e contou com o apoio financeiro de instituições financeiras como o CNPq, por meio da aprovação do Projeto Mapeamento Geossociolinguístico do Português Falado em Áreas Indígenas nos Estados do Pará e Maranhão, e da CAPES, por meio da bolsa de doutorado, bem como de pesquisadores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI), da UnB e dos próprios indígenas.

#### 4.2.2 Colaboradores (Dimensão social)

O perfil sociolinguístico considerado inicialmente para a seleção dos indivíduos que iriam compor a amostra desta pesquisa foi o do Projeto ALiB, para as capitais, a saber: sexo (masculino/feminino), idade (18 a 30 anos/50 a 65 anos) e escolaridade (fundamental/superior). Contudo, a realidade das comunidades indígenas estudadas impôs a flexibilização desse perfil, sobretudo, quanto às dimensões diageracional e diastrática. Em relação a isso, são oportunas as ponderações de Radtke e Thun (1999), segundo as quais nem todos os critérios definidos para uma pesquisa linguística são simples e aplicáveis a todas as áreas,

sendo preciso que o pesquisador decida se os flexibiliza, o que pode garantir o número suficiente de informantes em cada localidade pesquisada, ou se estabelece critérios rígidos, o que pode ocasionar o não encontro de informantes adequados.

O perfil foi flexibilizado e, quanto à dimensão diageracional, estipularam-se as seguintes faixas: A - 18 a 37, B - 47 a 75 anos e C - 5 a 10 anos. No que diz respeito à dimensão diastrática, estabeleceram-se os parâmetros não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano) e escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio. Para as crianças, não foi levado em consideração o fator escolaridade, haja vista que todas elas frequentam regularmente a escola da aldeia. Com relação à dimensão diagenérica, entrevistou-se homens e mulheres. Como se pode ver, a metodologia desta pesquisa inclui duas crianças (um menino e uma menina), o que é algo inovador em pesquisas geolinguísticas. Essa admissão teve por finalidade observar questões de aquisição, competência e habilidades linguísticas em língua indígena. Além disso, ressaltam-se as relações de contato entre as línguas indígenas envolvidas nesta pesquisa e a língua portuguesa, dimensão dialingual.

Em cada uma das 4 localidades investigadas, buscou-se entrevistar 10 colaboradores, estratificados equitativamente de acordo com os parâmetros sociais acima definidos. O quadro 2 mostra o perfil sociolinguístico dos entrevistados.

Quadro 2 – Perfil sociolinguístico dos colaboradores

<b>COLABORADORES</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
<b>1 Homem, 18-37 anos</b>	Não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
<b>1 Homem, 47-75 anos</b>	Não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
<b>1 Mulher, 18-37 anos</b>	Não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
<b>1 Mulher, 47-75 anos</b>	Não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
<b>1 Homem, 18-37 anos</b>	Escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
<b>1 Homem, 47-75 anos</b>	Escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
<b>1 Mulher, 18-37 anos</b>	Escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
<b>1 Mulher, 47-75 anos</b>	Escolarizado a partir do 1º ano do ensino médio
<b>1 Menino, 05-10 anos</b>	-
<b>1 Menina, 05-10 anos</b>	-

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Esses indivíduos são falantes de português e língua indígena (bilíngues) e falantes só de português (monolíngues), com diversos níveis de habilidade em ambas as línguas, e para os referenciar, optou-se pelo termo colaborador, em detrimento do termo informante, em virtude de o termo informante ter adquirido uma carga negativa no âmbito das pesquisas realizadas com indígenas.

#### 4.2.3 Questionários

O questionário é um instrumento fundamental para o desenvolvimento de pesquisa de natureza geossociolinguística. Neste estudo, foram dois os instrumentos de coleta de dados utilizados: o Questionário Sociolinguístico (QS) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL).<sup>47</sup>

O Questionário Sociolinguístico, elaborado a partir do questionário aplicado por Margotti (2004) em sua tese de doutorado sobre o português em contato com o italiano no sul do Brasil, comporta 22 questões, distribuídas em dois tópicos,<sup>48</sup> voltadas para a coleta de informações sobre bilinguismo individual e coletivo. A seguir, um exemplo de pergunta retirado do QS:

**Pesquisadora:** Com quem a senhora fala Guaraní?

**Colaboradora:** Direto nós fala Guaraní. Nós não fala português. Nós não fala em português. Quando estamos os seis [irmãos] nós não fala português.

**Pesquisadora:** Com quem a senhora fala português?

**Colaboradora:** parentes, vizinhos.

(Colaboradora da etnia Guaraní, faixa etária B, mais escolarizada).

O Questionário Semântico-Lexical, elaborado pelo Comitê do Projeto ALiB (BRASIL, 2001), comporta 202 questões, distribuídas em 14 campos semânticos,<sup>49</sup> voltadas para a coleta de dados referentes à diversidade lexical da língua portuguesa falada no Brasil. Assim, tendo em vista possíveis análises comparativas entre os dados desta pesquisa e os de estudos de igual natureza, optou-se por não alterar a configuração original deste instrumento metodológico. A única adaptação

<sup>47</sup> Os dois questionários utilizados nesta pesquisa encontram-se em apêndice e anexo.

<sup>48</sup> Bilinguismo dos participantes da pesquisa e Bilinguismo na comunidade.

<sup>49</sup> Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Atividades agropastoris, Fauna, Corpo humano, Ciclos da vida, Convívio e comportamento social, Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Habitação, Alimentação e cozinha.

diz respeito à inclusão da pergunta “e na sua língua, como se chama isto?”, após a pergunta destinada à obtenção do item lexical em língua portuguesa, desta forma:

**Pesquisadora:** [...] aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?

**Colaborador:** muriçoca, pernilongo

**Pesquisadora:** e na sua língua, como se chama muriçoca?

**Colaborador:** titiəu

(Colaboradora da etnia Guajajára, mais jovens, mais escolarizada).

Em relação à dupla aplicação do QSL, percebeu-se, de imediato, que o uso dos dados indígenas obtidos por meio dessa tática necessitariam ser supervisionados por um especialista em línguas indígenas. Em virtude disso, decidiu-se pela não utilização dos mesmos neste estudo. Porém, cabe agora esclarecer que o material indígena coletado será utilizado em outros estudos, com auxílio de um pesquisador da área, e que a integração da perspectiva indígena na coleta de dados deu-se em função de o Projeto Mapeamento Geossociolinguístico do Português Falado em Áreas Indígenas nos Estados do Pará e Maranhão ter surgido paralelamente ao Projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB), em desenvolvimento na Universidade de Brasília, sob a coordenação da professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

O QSL foi aplicado na íntegra com os adultos. Para as crianças, por conta da extensão desse questionário e também da possível não compreensão do enunciado das questões por parte das mesmas, foi feita uma seleção de perguntas que, no entender da pesquisadora, seriam adequadas à idade dos colaboradores mirins e de fácil ilustração. Obteve-se, assim, um QSL ilustrado que serviu também para inquirir os colaboradores idosos que demonstravam dificuldade para entender o enunciado da questão. O quadro 3 mostra o tipo de questionário, o número de perguntas e com quem foi utilizado cada um deles.

Quadro 3 – Questionários

QUESTIONÁRIO	Nº DE PERGUNTAS	UTILIZAÇÃO
QS	22	Todos os informantes
QSL	202	Adultos e Idosos
QSL ilustrado	91	Crianças e Idosos

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Os inquéritos foram realizados *in loco* nas terras indígenas Trocará (povo Asuriní do Tocantins), Nova Jacundá (povo Guaraní-Mbyá), Sororó (povo Suruí do

Tocantins/Aikewára) e Cana Brava (povo Guajajára), com gravadores digitais profissionais das marcas *Sony*, *Tascam* e *Zoom*. Cada colaborador foi inquerido individualmente em espaços tais como: casa própria, escola e áreas mais afastadas do centro da aldeia.

As gravações dos inqueritos apresentam durações variadas de tempo, haja vista o modo como se deu a disponibilidade dos colaboradores, e foram realizadas por dois pesquisadores do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm)<sup>50</sup>, no período de 2014 a 2016. Avalia-se como positiva a realização dos inqueritos, uma vez que o *corpus* desta pesquisa resulta de muitas horas de gravação, configurando-se um banco de dados que cobre uma amostra representativa da dimensão geossocial das áreas indígenas investigadas.

### 4.3 Tratamento dos dados

Os dados coletados foram organizados em pastas por etnia e, com a intenção de facilitar e de agilizar a transcrição e a tabulação dos mesmos, fez-se o recorte do espaço sonoro referente a cada uma das 202 questões/respostas do QSL para todos os colaboradores, com a auxílio do *software* Sound Forge Pro 11.0.

Esses recortes sonoros foram transcritos foneticamente, usando símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com a fonte *Times New Roman* 12 e organizados em planilhas *Word* para posterior constituição de um banco de dados por meio do *Software* para a Geração e Visualização de Cartas Linguísticas –  $\Sigma$ GVCLin 1.1 (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014).

Esse programa é de fácil manuseio e “possibilita a elaboração de cartas linguísticas e relatórios diversos de modo que o linguista realize o seu trabalho independentemente da intervenção de profissionais com formação em tecnologia da informação e outras áreas” (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014, p. 119), motivos pelos quais esse programa computacional foi adotado.

A alimentação do banco de dados no  $\Sigma$ GVCLin foi realizada com as respostas válidas obtidas por meio da aplicação do QSL, sendo as não respostas também contabilizadas nas cartas linguísticas. Variantes como pontinha (para ponte) e igarapezinho (para igarapé) foram contabilizadas como *ponte* e *igarapé*,

---

<sup>50</sup> Regis Guedes e Eliane Costa.

respectivamente. Dito de outra maneira, não foram contabilizadas como variantes independentes unidades lexicais resultantes de processos fonéticos e morfológicos.

As variantes únicas e menos produtivas foram cartografadas normalmente, tendo em vista o interesse de privilegiar a diversidade lexical existente nas comunidades indígenas.

As unidades lexicais sem correspondência exata com relação ao conceito como, por exemplo, atirador para baladeira, também foram cartografadas, pelo fato de que tais nomeações são “resultado da leitura que a comunidade faz dos seus indivíduos, com base nas ideologias, crenças do grupo social, que, por sua vez, têm reflexo na língua” (SILVEIRA; RAMOS, 2015, p. 121) e que

[...] essa leitura que o falante faz condiciona de forma significativa a variação das lexias, uma vez que, o falante, ao criar novas palavras e/ou até mesmo ao atribuir novos sentidos a palavras já existentes para denominar algo no mundo, baseia-se, frequentemente, em associações feitas com características e funcionalidades de objetos e seres (SILVEIRA; RAMOS, 2015, p. 121).

#### 4.4 Cartografia dos dados

As cartas linguísticas apresentadas neste estudo foram elaboradas com o programa computacional  $\Sigma$ GVCLin, como foi explicado na subseção anterior. A inserção de outros itens cartográficos (enunciado da questão, identificação do fenômeno linguístico cartografado e o número da carta linguística) foram inseridos com o *software Paint*, também de fácil manuseio.

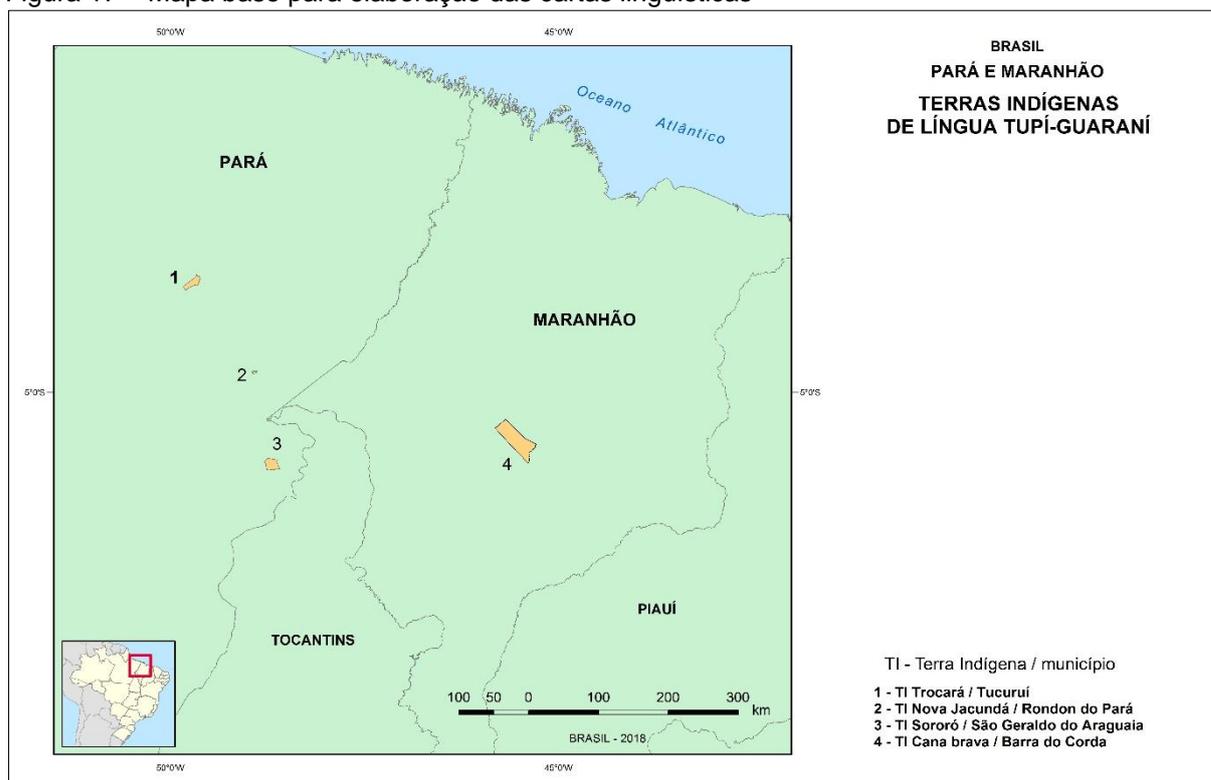
O mapa base (figura 17) para a elaboração das cartas linguísticas foi desenvolvido a partir da base cartográfica do ALiB<sup>51</sup> por uma especialista em cartografia linguística<sup>52</sup>. Esse mapa possui os quatro pontos de pesquisa georreferenciados, a delimitação da área geográfica investigada, a legenda de identificação dos pontos de inquérito, a localização geográfica da área pesquisada no espaço nacional e a escala.

---

<sup>51</sup> O ALiB adota a Base Cartográfica Integrada Digital do Brasil ao Milionésimo (bCIMd), v. 2.0, em formato compatível para utilização em softwares de SIG, segundo Cardoso e Mota (2016, p. 27).

<sup>52</sup> Professora Ana Regina Teles, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Figura 17 – Mapa base para elaboração das cartas linguísticas



Fonte: IBGE (2016). Edição: Ana Regina Teles.

Todas as cartas originam-se do  $\Sigma$ GVCLin, sendo importante esclarecer que o programa gera de uma só vez, a partir dos dados nele inseridos, cartas diatópicas, diastráticas, diagenéricas e diageracionais, além de cartas de arealidade e arealidade gradual, não contempladas neste estudo.

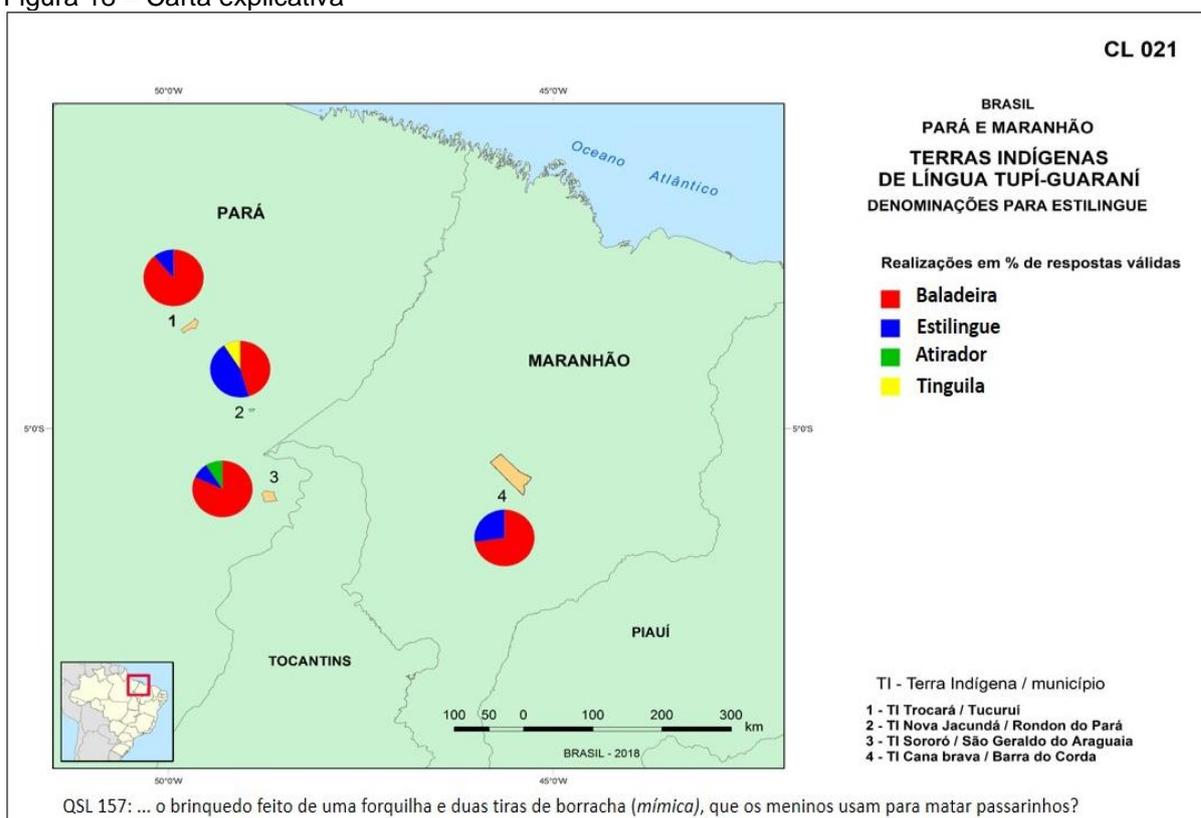
A representação de dados para todas as dimensões segue o mesmo padrão: as cartas diatópicas apresentam os dados em pizzas únicas; as cartas estratificadas (diastráticas, diagenéricas) apresentam os dados em pizzas duplas, uma para cada variável, separadas por uma barra. Já as cartas diageracionais apresentam os dados em pizzas triplas, uma para cada faixa etária controlada, em um “T” invertido, no caso deste estudo que contempla três faixas etárias. Quanto às cores que representam as variantes nas pizzas, são definidas automaticamente pelo  $\Sigma$ GVCLin.

Os valores percentuais constantes das pizzas referem-se ao número exato de informantes inqueridos em cada aldeia, a saber: 8 Asurinís, 8 Guaranís<sup>53</sup>, 9 Suruís e 8 Guajajáras. Essa diferenciação numérica ocorre pelo fato de não haver nas comunidades indígenas investigadas colaboradores que se enquadrassem nos

<sup>53</sup> Não foi possível voltar à aldeia Nova Jacundá para finalizar o inquérito do informante 1MB (Guaraní Mbyá).

perfis 2MB (homem idoso mais escolarizado), entre os indígenas de todas as etnias, e 2FB (mulher idosa mais escolarizada), apenas entre os Asuriní e os Guajajara. Isso posto, passa-se, a partir deste momento, à exposição de uma carta explicativa (figura 18).

Figura 18 – Carta explicativa



Fonte: Própria autora da pesquisa (2018).

De acordo com a Carta Lexical (CL) 021 (estilingue), as cartas diatópicas possuem os seguintes elementos cartográficos:

- i) Na parte superior, à direita, apresenta-se o número da carta lexical;
- ii) Do lado direito, em primeiro lugar, apresenta-se a indicação da área investigada;
- iii) Do lado direito, em segundo lugar, apresenta-se a indicação do fenômeno lexical estudado;
- iv) Do lado direito, em terceiro lugar, apresenta-se a relação de variantes cartografadas, relacionadas da mais produtiva para a menos produtiva;
- v) Na parte inferior à esquerda, dentro da área do mapa, apresenta-se a questão cujo referente está sendo cartografado;

vi) Do lado direito, por fim, a legenda para a leitura dos pontos de inquéritos.

Nas cartas diastráticas, diagenéricas e diageracionais, acrescentam-se, respectivamente, a legenda para a leitura diastrática dos dados, em que 1 representa os colaboradores menos escolarizados, e 2 os colaboradores mais escolarizados; a legenda para a leitura diagenérica dos dados, em que 1 representa os colaboradores do sexo feminino, e 2 os do sexo masculino; e a legenda para a leitura diageracional dos dados, em que 1 representa a faixa etária A, 2 a faixa etária B e 3 faixa etária C (crianças).

A cartografia deste estudo abrange 25 itens lexicais do QSL selecionadas, levando-se em consideração: (i) as cartas lexicais apresentadas no volume 2 do *ALiB* (CARDOSO *et al.*, 2014a) e (ii) os estudos de variação lexical realizados no âmbito do *ALeSPA* e do *ALiMA*. Com relação ao QS, foram selecionadas 7 questões, a partir das que foram analisadas por Guedes (2017).

A numeração das cartas lexicais segue ordem crescente, de acordo com a numeração do questionário do qual se origina. Em outras palavras, a carta diatópica foi considerada a primeira, e as demais suas derivadas. Dessa forma: CL 025 – estilingue (diatópica), CL 025a – estilingue (diastrática), CL 025b – estilingue (diagenérica) e CL 025c – estilingue (diageracional). Todas as cartas diatópicas foram analisadas. As cartas estratificadas, de modo geral, não trazem resultados significativos. Por esse motivo, e por serem muitas, optou-se por comportá-las no Tomo II desta tese.

#### **4.5 Comparação de dados**

A comparação de dados realizada nesta pesquisa restringiu-se à dimensão diatópica, envolveu dados do *ALiB*, do *ALeSPA* e do *ALiMA* e teve como principal objetivo verificar a hipótese de que o português falado em áreas indígenas e o português falado em áreas não indígenas refletem um contínuo lexical.

Dessa maneira, dentre os itens lexicais cartografados pelo *ALiB* (CARDOSO *et al.*, 2014b), foram considerados apenas aqueles que foram registrados em cartas regionais. Os itens selecionados para comparação (quadro 4) pertencem aos campos semânticos Fauna e Flora (libélula e bicho da goiaba), convívio e comportamento social (prostituta e cigarro de palha) e Jogos e diversões infantis

(cambalhota, bolinha de gude, brinquedo de empinar (com vareta), brinquedo de empinar (sem vareta) e amarelinha).

Quadro 4 – Localidades e itens lexicais selecionados para a comparação de dados – *ALiB*

<b>ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL - <i>ALiB</i> (CARDOSO <i>et al.</i>, 2014b)</b>		
Localidades	Itens Lexicais	Cartas regionais consultadas
Belém/São Luís	Libélula	L12a (N) / L12b (NE)
Belém/São Luís	Bicho da goiaba	L13a (N) / L13b (NE)
Belém/São Luís	Prostituta	L15Aa (N) / L15Ab (NE) L15Ba (N) / L15Bb (NE)
Belém/São Luís	Cigarro de palha	L16a (N) / L16b
Belém/São Luís	Cambalhota	L17a (N) / L17b (NE)
Belém/São Luís	Bolinha de gude	L18a (N) / L18b (NE)
Belém/São Luís	Brinquedo de empinar (com varetas)	L20a (N) / L20b (NE)
Belém/São Luís	Brinquedo de empinar (sem varetas)	L21a (N) / L21b (NE)
Belém/São Luís	Amarelinha	L23a (N) / L23b (NE)

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Quanto às localidades, foram consideradas somente Belém e São Luís por serem, respectivamente, as capitais dos estados do Pará e Maranhão, unidades federativas onde estão localizados os pontos de inquéritos investigados.

No *ALeSPA*, dentre os itens lexicais analisados por Guedes (2012) e Gomes (2013), foram selecionados para comparação apenas os que foram comumente cartografados em ambas as dissertações. Esses itens lexicais (quadro 5) contemplam os campos semânticos Acidentes geográficos (redemoinho de água), Fenômenos atmosféricos (garoa), Fauna e Flora (carapanã e galinha d'angola), Convívio e comportamento social (pessoa sovina e bêbado), Religião e crenças (diabo), Jogos e diversões infantis (baladeira) e Vestuário e acessórios (sutiã).

Quadro 5 – Localidades e itens lexicais selecionados para a análise comparativa – *ALeSPA*

<b>ATLAS LÉXICO SONORO DO PARÁ - <i>ALeSPA</i></b>		
Localidades	Itens lexicais	Cartas consultadas <sup>54</sup>
Redenção	Redemoinho (de água)	009
Conceição do Araguaia	Chuvisco	029
Curianópolis	Carapanã	015
Itupiranga	Galinha d'angola	123
Santana do Araguaia	Pessoa sovina	177
São Félix do Xingu	Diabo	199
São João do Araguaia	Bêbado	210
Tucuruí	Sutiã	236

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Com relação às localidades, no Pará, onde ficam 3 pontos de inquérito (TI Trocará/Tucuruí, TI Nova Jacundá/Rondon do Pará e TI Sororó/São Geraldo do Araguaia), foram considerados para comparação oito municípios (quadro 6) pertencentes à rede de pontos do *ALeSPA*, na mesorregião Sudeste Paraense.

Quadro 6 – Pontos indígenas e não indígenas no Estado do Pará

<b>PARÁ</b>	
<b>MESORREGIÃO SUDESTE DO PARÁ</b>	
<b>PONTOS INDÍGENAS</b>	<b>PONTOS NÃO INDÍGENAS (<i>ALeSPA</i>)</b>
TI Trocará/Tucuruí TI Nova Jacundá/Rondon do Pará TI Sororó/São Geraldo do Araguaia	Redenção Conceição do Araguaia Curianópolis Itupiranga Santana do Araguaia São Félix do Xingu São João do Araguaia Tucuruí

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

No *ALiMA*, dentre os itens lexicais estudados por Silveira e Ramos (2015); Ramos, Bezerra e Rocha (2012); Ramos, Bezerra e Rocha (2016); Ramos *et al.* (2016), foram considerados os mais significativos para o viés comparativo. Os itens

<sup>54</sup> O número das cartas linguísticas consultadas no trabalho de Guedes e Gomes é o mesmo, haja vista que os autores consideraram a ordem das questões no QSL.

lexicais<sup>55</sup> selecionados para comparação (quadro 7) competem aos campos semânticos Acidentes geográficos (pinguela), Astros e tempo (Estrela d'alva), Atividades agropastoris (tangerina, penca e banana dupla) e Convívio e comportamento social (corno).

Quadro 7 – Localidades e itens lexicais selecionados para a análise comparativa – ALiMA

<b>ATLAS LINGÜÍSTICO DO MARANHÃO – ALiMA</b>		
Localidades	Itens Lexicais	Quadros consultados
Bacabal	Penca	Quadro 1 – Distribuição diatópica das lexias que recobrem o conceito penca
Bacabal	Banana dupla	Quadro 2 – Distribuição diatópica das lexias que recobrem o conceito banana dupla
Bacabal	Inflorescência da bananeira	Quadro 3 – Distribuição diatópica das lexias que recobrem o conceito inflorescência da bananeira
Bacabal/Tuntum	Corno	Quadro 1 – Uso das denominações segundo a localidade
Bacabal/Tuntum	Pinguela	Quadro 1 – Distribuição diatópica das lexias que recobre o conceito da questão 02
Bacabal/Tuntum	Estrela d'alva	Quadro 1 – Distribuição diatópica das lexias que recobre o conceito da questão 21
Bacabal/Tuntum	Tangerina	Quadro 1 - Distribuição diatópica das lexias que recobre o conceito tangerina

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

No que tange às localidades, no Maranhão, onde fica a TI Cana Brava, foram considerados para comparação dois municípios (quadro 8) integrantes da rede de pontos do ALiMA<sup>56</sup>.

Quadro 8 – Pontos indígenas e não indígenas no Estado do Maranhão

<b>MARANHÃO</b>	
<b>MESORREGIÃO CENTRO MARANHENSE</b>	
<b>PONTOS INDÍGENAS</b>	<b>PONTOS NÃO INDÍGENAS (ALiMA)</b>
TI cana Brava/Barra do Corda	Bacabal Tuntum

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

As cartas relacionadas nos quadros 4 e 5 e os quadros listados no quadro 7 foram consultados, e os resultados dessa consulta, isto é, as variantes documentas em cada localidade para cada item lexical, estão postos, respectivamente, nos

<sup>55</sup> O não (registro) de penca, banana dupla e mangará com relação a Tuntum foi consultado diretamente no banco de dados do ALiMA. O *corpus* resultante da aplicação do QSL em Tuntum foi gentilmente cedido por seus coordenadores.

<sup>56</sup> Bacabal e Tuntum são os dois únicos pontos do ALiMA na mesorregião Centro Maranhense, onde fica Barra do Corda, ponto de inquérito deste estudo.

apêndices A (variação lexical em Belém e São Luís), B (variação lexical em oito municípios paraenses) e C (variação lexical em Bacabal e Tuntum).

A análise comparativa foi realizada por meio de quadros, como o que se apresenta a seguir, a partir das cartas lexicais elaboradas neste estudo, com os dados das áreas indígenas, e da consulta aos apêndices referidos anteriormente, com os dados das áreas não indígenas.

Quadro 9 – Modelo de quadro comparativo

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Baladeira	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Estilingue	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Atirador	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N
Tinguila	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P1 (TI Trocará), P2 (TI Nova Jacundá), P3 (TI Sororó), P4 (Redenção) P5 (Conceição do Araguaia)  
P6 (Tucuruí), P7 (Itupiranga), P8 (São João do Araguaia), P9 (Curianópolis), P10 (São Félix do Xingu), P11 (Santana do Araguaia).

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

A primeira coluna refere-se às variantes lexicais cartografadas. A primeira linha indica a natureza da área (se indígena ou não indígena). O S indica a ocorrência da lexia no ponto e, durante a comparação de dados, no capítulo da análise, será marcado com o caractere + para sinalizar quando a variante de maior frequência for predominante no ponto, apresentar o mesmo número de ocorrências que outra variante e ocorrer como variante única no ponto.

A escolha por esse modo de apresentação das informações justifica-se pela facilidade de organização e de leitura das mesmas e também em razão de ser grande a quantidade de cartas semântico-lexicais envolvidas. Dito de outra forma, ficaria muito carregado o capítulo da análise se fôssemos apresentar as cartas semântico-lexicais e os quadros propriamente ditos.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentam-se os dados em duas seções: a primeira, destina-se aos dados obtidos por meio do Questionário Sociolinguístico (QS), cujas questões previam a observação da situação de bilinguismo individual e coletivo nas comunidades indígenas investigadas, e a segunda dedica-se aos dados obtidos por meio do Questionário Semântico-Lexical, cujas questões tinham como objetivo coletar a diversidade lexical do português falado em áreas indígenas no Pará, TI Trocará (povo Asuriní), TI Nova Jacundá (povo Guaraní) e TI Sororó (povo Suruí), e no Maranhão, TI Cana Brava.

### 5.1 Situação de bilinguismo nas comunidades linguísticas investigadas

Aos estudos geossociolinguísticos em áreas monolíngues subjaz a preocupação com a elaboração de questionários que permitam o pesquisador conhecer os indivíduos (ficha do informante) e as localidades (ficha da localidade) participantes da pesquisa. Em áreas bilíngues, além dos referidos instrumentos, torna-se importante o uso de questionários que tenham em vista a observação da situação de bilinguismo, uma vez que os dados obtidos por meio do uso dos mesmos possibilitam não só melhor conhecimento da comunidade em seu aspecto linguístico, mas também subsídios para melhor compreensão dos fenômenos linguísticos investigados. É nessa perspectiva que se deu a aplicação do Questionário Sociolinguístico deste estudo, haja vista que não se teve a intenção de aprofundar questões de bilinguismo, mas sim de capturar imagens desse fenômeno nas aldeias Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cachoeira. Dessa maneira, nesta seção, discutem-se os resultados obtidos por meio de 7 questões do supracitado questionário, de acordo com as línguas indígenas faladas nas referidas aldeias.

#### 5.1.1 Asuriní do Tocantins vs português

A língua Asuriní do Tocantins pertence ao ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní do tronco Tupí (RODRIGUES; CABRAL, 2002), é falada por índios Asuriní nas terras indígenas Trocará e Pacajá e já foi investigada por meio de estudos tais como: *Prefixos Relacionais em Asuriní do Tocantins* (CABRAL, 1997), *Aspectos da*

*Marcação de Caso no Asuriní do Tocantins* (CABRAL, 2000), *Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins* (CABRAL; RODRIGUES, 2003), *Relatório Laudo Linguístico Asuriní* (CABRAL, 2004), *Relatório sobre a Pesquisa Realizada na Terra Indígena Trocará com Vistas à Caracterização da Situação de Vitalidade da Língua Asuriní do Tocantins (ms)* (CABRAL; SIMÕES, 2006) e *Pesquisas Sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins. Contribuição para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)* (AQUINO, 2010). A língua Asuriní do Tocantins é classificada como língua vulnerável pelo *Atlas das Línguas do Mundo em Perigo* (MOSELEY, 2010). Isso posto, apresentam-se às questões:

1) Com quem você fala Asuriní?

Quadro 10 – Interação dos Asuriní em Asuriní

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC							
FC							
1MA		X		X			
1FA		X	X	X			
1MB				X	X	X	
1FB				X			
2MA		X	X	X	X	X	
2FA	X						

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

2) Com quem você fala Português?

Quadro 11 – Interação dos Asuriní em português?

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC	X	X	X	X	X	X	
FC	X	X	X	X	X	X	
1MA	X	X	X	X	X	X	
1FA		X	X	X	X	X	
1MB			X	X	X	X	
1FB				X			
2MA		X	X	X	X	X	
2FA	X	X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

O quadro 10 mostra que as crianças Asuriní entrevistadas não usam o Asuriní, apesar de essa língua ser ensinada na escola. Essa situação, inclusive, é citada por Leite e Franchetto (2006, p. 20), neste fragmento de texto: “um exemplo desta situação [na qual as crianças não aprendem mais a língua] é o do Asuriní do Trocará: os pais proibiram os filhos de falarem a ‘gíria’, punindo-os de forma que

pode chegar à violência. Vergonha de branco, vergonha de si mesmo”. Os indivíduos mais jovens e menos escolarizados (1MA e 1FA) tendem a usar o Asuriní com pais, irmãos e parentes, destacando-se que os mesmos quase sempre usavam a expressão “às vezes” quando perguntados sobre o uso da referida língua, e os mais escolarizados da mesma faixa etária (2MA e 2FA), ambos professores na escola da aldeia Trocará, comportam-se de forma diferente quanto ao uso da língua Asuriní: o colaborador 2MA (homem, mais jovem, mais escolarizado), ao contemplar quase todas as opções de interlocução dadas, mostra-se proficiente, sendo válido ressaltar o fato de esse indígena ter esclarecido que fala em língua indígena (doravante LI) praticamente com os mais idosos, e a colaboradora 2FA (mulher, mais jovem, mais escolarizada) explicou que está aprendendo a língua Asuriní ao falar com seus avós, únicos interlocutores assinalados pela indígena dentre as possibilidades sugeridas. Os indivíduos idosos tendem a interagir em LI com parentes (mulheres/maridos e filhos) e também, no caso do colaborador 1MB (homem, mais idoso, menos escolarizado, mais idoso), com vizinhos e amigos. Já o quadro 11 demonstra a preponderância do português como língua de comunicação na TI Trocará.

### 5.1.2 Guaraní Mbyá vs português

A língua Guaraní Mbyá pertence ao ramo I da família linguística Tupí-Guaraní do tronco Tupí (RODRIGUES; CABRAL, 2002), é falada por índios Mbyá em dezenas de terras indígenas e já foi investigada por meio de estudos tais como: *Léxico Guaraní: dialeto Mbyá: Introdução, Esboço Gramatical, Léxico* (DOOLEY, 2006), *Inventário da Língua Guaraní Mbyá – Inventário Nacional da Diversidade Linguística* (Instituto de Políticas Linguísticas – IPOL) (MORELLO; SEIFFERT, 2011) e *Tempo, Aspecto e Modalidade na Língua Guaraní Mbyá (Tambeopé)* (CARVALHO, 2013). A língua Guaraní Mbyá é classificada como língua vulnerável pelo *Atlas das Línguas do Mundo em Perigo* (MOSELEY, 2010). Mediante o exposto, apresentam-se as questões:

## 1) Com quem você fala Guaraní?

Quadro 12 – Interação dos Guaraní em Guaraní

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC	X		X	X	X	X	
FC		X		X	X	X	
1MA		X	X	X	X	X	
1FA	X	X	X		X	X	
1FB	X	X	X		X	X	
2MA	X	X					
2FA		X		X			
2FB	X	X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

## 2) Com quem você fala português?

Quadro 13 – Interação dos Guaraní em português

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC	X	X	X	X	X	X	
FC	X	X		X	X	X	
1MA	X	X	X	X	X	X	
1FA		X	X	X	X	X	
1FB			X	X	X	X	
2MA	X	X	X	X	X	X	
2FA	X	X	X	X	X	X	
2FB				X	X		

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

O quadro 12 mostra que, diferentemente das crianças Asuriní, as crianças Guaraní inqueridas demonstram alguma postura em relação a falar Guaraní, mas sempre com a emissão de comentários tais como: “mais ou menos”, “só dou bom dia e boa noite na linguagem”, “às vezes”, “minha avó pergunta na linguagem eu respondo” e “tento falar o que sei”. Os indivíduos jovens e menos escolarizados (1MA e 1FA) mostram que se comunicam em Guaraní com um número significativo de interlocutores, diferentemente do que ocorre com os mais escolarizados da mesma faixa etária (2MA e 2FA), que apontam avós e pais como interlocutores, mas quase sempre com o uso da expressão “às vezes” (2MA) e da identificação “tios mais velhos” (2FA). Os mais idosos apontam como interlocutores a maioria das opções dadas, o que pode ratificar o fato de que eles são os principais mantenedores da LI. Já o quadro 13 evidencia a preponderância do uso da língua portuguesa como língua de interação da TI Nova Jacundá.

### 5.1.3 Suruí Aikewára vs português

A língua Suruí do Tocantins pertencente ao ramo IV da família linguística Tupí-guaraní do tronco Tupí (RODRIGUES; CABRAL, 2002), é falada por índios Suruí nas terras indígenas Sororó, Tuwa Apekuokawera e já foi investigada por meio de estudos tais como: *Contribuição à Análise Fonológica do Suruí do Tocantins* (BARBOSA, 1993) e *Uma Interface da Documentação Linguística e Modelos Lexicográficos para Línguas Indígenas Brasileiras: uma proposta para os Suruí Aikewára* (LOPES, 2014). A língua Suruí Aikewára é classificada como língua vulnerável pelo *Atlas das Línguas do Mundo em Perigo* (MOSELEY, 2010). Isso posto, apresentam-se as questões:

#### 1) Com quem você fala Suruí?

Quadro 14 – Interação dos Suruí em Suruí?

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC							
FC							
1MA	X	X				X	
1FA	X	X					
1MB	X	X	X	X	X	X	
1FB	X	X	X	X	X	X	
2MA	X	X		X	X		
2FA		X	X	X	X	X	
2FB	X	X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

#### 2) Com quem você fala português?

Quadro 15 – Interação dos Suruí em português?

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC	X	X	X	X	X	X	
FC	X	X	X	X	X	X	
1MA	X	X	X	X	X	X	
1FA	X	X	X	X	X	X	
1MB			X	X	X	X	
1FB			X	X	X	X	
2MA	X	X	X	X	X	X	
2FA		X	X	X	X	X	
2FB		X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

O quadro 14 mostra que as crianças Suruí inqueridas, assim como as Asuriní, não usam o Suruí, mas durante a estada da pesquisadora na casa da mãe de MC, que é professora na escola da aldeia, observou-se que ele consegue falar algumas palavras na referida língua. O Colaborador 1MA (homem, mais jovem, menos escolarizado), que assinalou apenas três opções de interlocução, observou que falava Suruí com o avô (já falecido), que é difícil falar com os pais e que com os amigos fala quando joga futebol, e a colaboradora 1FA (mulher, mais jovem, menos escolarizada), cujo comportamento assemelha-se ao de 1MA, emitiu o comentário “só algumas palavras”, ao indicar apenas avós e pais como interlocutores em língua indígena. Os colaboradores mais jovens e mais escolarizados (2MA e 2FA) afirmam que falam Suruí com a maioria das sugestões de resposta, mas com comentários como estes: “falo com os mais antigos” (2MA) e “falo, mas não é muito não” (2FA). Os colaboradores mais idosos, de fato, são os que falam mais e bem a língua Suruí, sendo a colaboradora 2FB (mulher, mais escolarizada, mais idosa) professora na escola da aldeia. Já o quadro 15 demonstra a predominância da língua portuguesa como língua de comunicação na TI Sororó.

#### 5.1.4 Guajajára vs português

A língua Guajajára pertence ao ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní do tronco Tupí (RODRIGUES; CABRAL, 2002), é falada por índios Tenetehára (Tembé e Guajajára) nas terras indígenas Arariboia, Bacurizinho, Cana-Brava, Caru, Governador, Krikatí, Lagoa Comprida, Morro Branco, Rio Pindaré, Rodeador e Urucu-Juruá e já foi investigada por meio de estudos como: *Estudos de Morfossintaxe Tenetehára* (DUARTE, 2007), *Parâmetros e Macroparâmetros: um olhar sobre as línguas indígenas Tembé e Guajajára (Tupí)* (CARREIRA, 2008), *História da Língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversidade da família linguística Tupí-guaraní do tronco Tupí* (SILVA, 2010) e *Dicionário Guajajára-Português* (HARRISON, CAROLE; HARRISON, CARL, 2013). A língua Guajajára é classificada como língua vulnerável pelo *Atlas das Línguas do Mundo em Perigo* (MOSELEY, 2010). Mediante o exposto, apresentam-se as questões:

## 1) Com quem você fala Guajajára?

Quadro 16 – Interação dos Guajajára em Guajajára

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC	X	X	X	X	X	X	
FC	X	X		X			
1MA	X	X	X	X			
1FA	X	X	X	X	X	X	
1MB	X	X	X	X	X	X	
1FB	X	X	X	X	X	X	
2MA	X	X	X	X	X	X	
2FA	X	X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

## 2) Com quem você fala português?

Quadro 17 – Interação dos Guajajára em português

	AVÓS	PAIS	IRMÃOS	PARENTES	VIZINHOS	AMIGOS	OUTROS
MC	X	X	X	X	X	X	
FC	X	X	X	X	X	X	
1MA	X	X	X	X	X	X	
1FA		X	X	X	X	X	
1MB			X	X	X	X	
1FB			X	X	X	X	
2MA		X	X	X	X	X	
2FA		X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

O quadro 16 mostra que as crianças Guajajára, assim como as crianças Guaraní, também se posicionam quanto a falar Guajajára, sendo que MC aponta um maior número de interlocutores. O colaborador 1MA (homem, mais jovem, menos escolarizado), apesar de serem várias as opções marcadas, apresentou em sua fala as expressões “às vezes” e “muito difícil”, quando de sua resposta em relação ao uso da língua Guajajára, e a colaboradora 1FA (mulher, mais jovem, menos escolarizada) mostra-se significativamente proficiente em LI, assim como os mais jovens com o segundo nível de escolarização e os mais idosos menos escolarizados. Já o quadro 17 demonstra a preponderância da língua portuguesa na T.I. Cana Brava como língua de comunicação.

As línguas indígenas, de modo geral, tendem a ser mantidas nas comunidades indígenas pelos colaboradores da faixa etária B (mais idosos). Contudo, vale destacar os Guaraní e os Guajajára da faixa etária A (mais jovens), que assumiram um bom número de interlocutores em LI, em relação aos Asuriní e aos Suruí da mesma idade. Outro ponto destacável com relação às línguas

indígenas é o fato de os colaboradores da faixa etária B de algumas etnias terem afirmado que alguns jovens não as falam, mas as entendem, conforme este exemplo: “Só esses meus meninos que não falam mais na língua e entendem o que a gente fala. Pra eles pra falar é difícil” (1MB (homem, mais idoso, menos escolarizado), TI Sororó).

A ratificação desse cenário em que os mais idosos são vistos como aqueles que falam melhor a língua nativa foi observada por meio das questões “Todas as pessoas daqui falam LI?” e “Todas as pessoas daqui falam PT?”, pois quanto ao uso da língua portuguesa, em suas respectivas terras indígenas, foram comuns entre os colaboradores mais jovens, comentários como estes: “Todas, tirando os mais velhos. Os mais velhos não falam” (1FA (mulher, mais jovem, menos escolarizada), TI Nova Jacundá), “A maioria fala. Os mais velho raramente eles falam” (2MA (homem, mais jovem, mais escolarizado), TI Nova Jacundá), “Só os novatos que falam. Os mais velhos falam tudo na língua mesmo” (1FA (mulher, mais jovem, menos escolarizada), TI Trocará), “Os pais e avós falam mais na língua mesmo” (2MA (homem, mais jovem, mais escolarizado), TI Trocará), “Tem uns que eles falam ruim. Eles tentam falar, mas eles não conseguem” (FC (criança do sexo feminino), TI Cana Brava), “Não sei. É difícil os mais velhos falarem” (1MA (homem, mais jovem, menos escolarizado), TI Sororó) e “menos os mais velhos” (2FA (mulher, mais jovem, mais escolarizada), TI Sororó). Esses dados confirmam a quarta hipótese desta pesquisa.

Ainda no âmbito do QS, observou-se que no conjunto das etnias, a grande maioria dos indígenas qualificou suas respectivas línguas nativas como bonita, entre as opções legal, grosseira, bonita, errada, engraçada, ao responderem à questão Como o senhor (a) avalia a LI em termos de língua falada no lugar? Porém, para além de esses povos demonstrarem carinho e estima pela língua indígena que falam, eles têm consciência da contínua perda linguística.

Nessa perspectiva, quando os indígenas foram questionados sobre a intervenção do governo e da própria comunidade para a preservação da língua nativa na comunidade em que vivem, respectivamente questões 5 (O que o senhor (a) espera que o governo faça para preservar a língua da comunidade?) e 6 (E o que a comunidade tem feito para preservá-la?) do campo bilinguismo na comunidade, as respostas foram distintas: uns simplesmente disseram que não esperaram nada do governo, e outros citaram algumas algumas ações que, se concretizadas, os

ajudariam a preservar a língua, dentre as quais se destacam: não mexer nas terras indígenas, investir na formação dos professores e em projetos que envolvessem os jovens e a elaboração de material didático, preservar a cultura indígena, não derrubar a mata, ter mais interesse em respeitar as culturas indígenas. Com relação à comunidade, os indígenas falaram sobre a escola, sobre a convivência com os mais velhos, sobre a elaboração de material didático, sobre compartilhamento das histórias tradicionais com os mais jovens e sobre a preservação das danças e jogos tradicionais.

## 5.2 Análise geossociolinguística do léxico do português falado em áreas indígenas nos estados do Pará e Maranhão

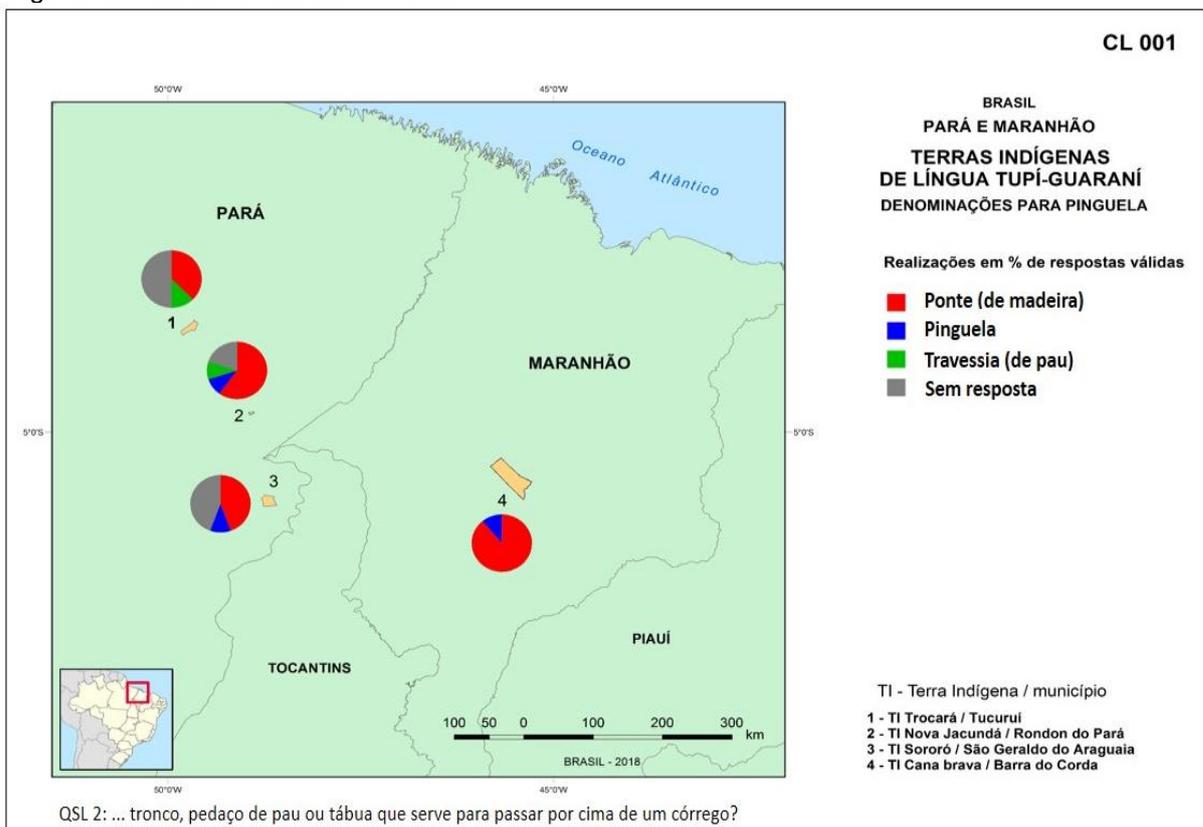
Nesta seção, apresenta-se a cartografia do léxico do português falado nas terras indígenas Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava, a partir de 25 itens lexicais do Questionário Semântico-Lexical aplicado. Tais itens foram selecionados após consulta ao repertório de cartas lexicais publicadas no *ALiB* e à produção científica de pesquisadores do *ALeSPA* e do *ALiMA*, no que tange ao léxico. Desse modo, de acordo com exposto na metodologia deste estudo, ressalta-se que foram considerados 2 pontos do *ALiB* (Belém e São Luís), 8 pontos do *ALeSPA* (mesorregião Sudeste Paraense) e 2 pontos do *ALiMA* (mesorregião Centro Maranhense), com a intenção de comparar os dados da área indígena investigada com os de áreas não indígenas. Em relação ao quadro comparativo, é oportuno lembrar que o caractere +, posto acima da letra S, foi utilizado para sinalizar quando a variante de maior frequência for predominante no ponto, apresentar o mesmo número de ocorrências que outra variante e ocorrer como variante única no ponto.

### 5.2.1 Ponte

A carta lexical 001 – Ponte (figura 19) apresenta um total de 3 variantes lexicais, sendo *ponte (de madeira)* a mais frequente, com 21 (58,33%) ocorrências, seguida de *pinguela* (3/8,33%) e *travessia (de pau)* (2/5,56%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *ponte (de madeira)* (3/37,50%) e *travessia (de pau)* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *ponte (de madeira)* (6/60%), *pinguela* (1/10%) e *travessia (de pau)* (1/10%). No ponto 3 (TI

Sororó), documentam-se as variantes *ponte (de madeira)* (4/44,44%) e *pinguela* (1/11,11%). No ponto 4 (TI Cana Brava), mapeiam-se as variantes *ponte (de madeira)* (8/88,89%) e *pinguela* (1/11,11%).

Figura 19 – Carta Lexical 002 – Ponte



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para denominar o tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego demonstra que a unidade lexical *ponte (de madeira)* distribuiu-se por todo o espaço geográfico analisado, predominando em todas as terras indígenas.

Em prosseguimento ao estudo da variante lexical *ponte (de madeira)*, compararam-se os dados analisados neste estudo com os dados do *ALiMA* (quadro 18), com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado na TI Cana Brava) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região geográfica onde residem os Guajajara) da língua portuguesa.

Quadro 18 – Comparação de dados – Pinguela

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA	ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALiMA)	
	TI Cana Brava	Bacabal	Tuntum
Ponte (de madeira)	S+	S+	S+
Pinguela	S	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto

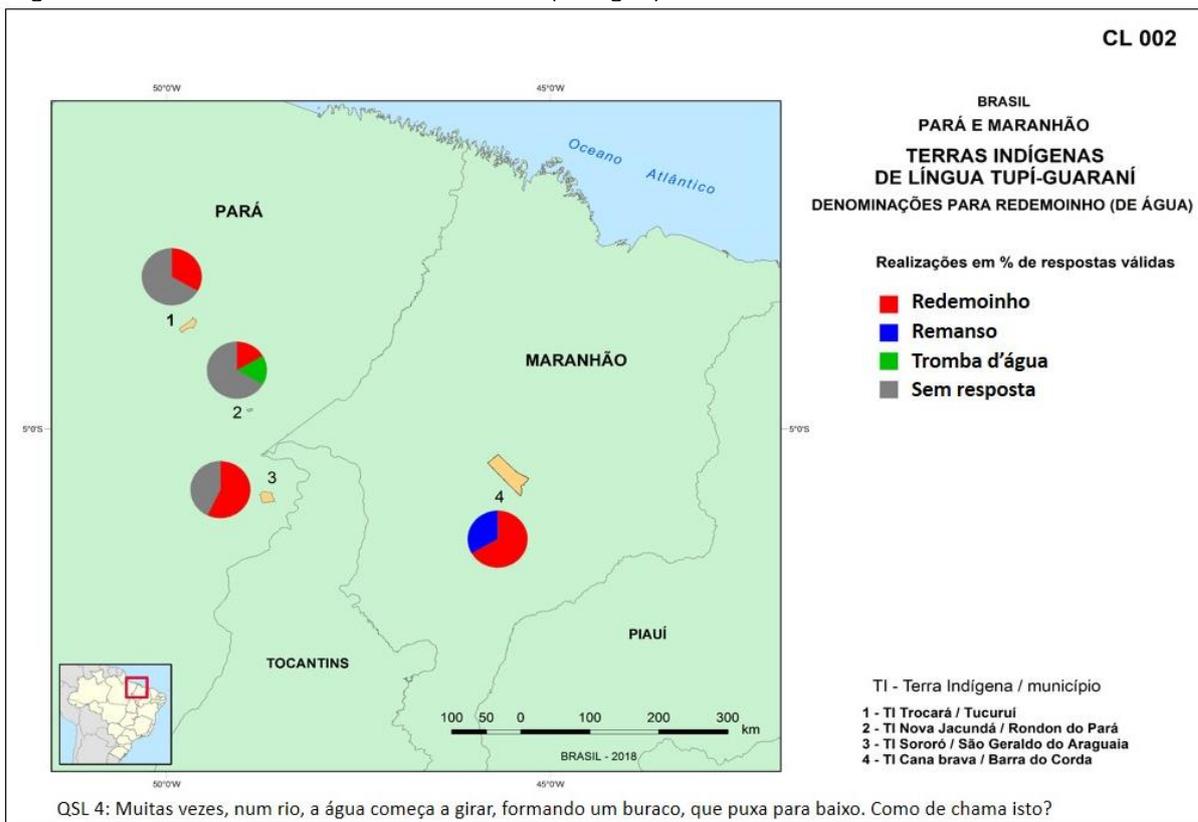
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas coadunam, uma vez que a variante lexical *ponte (de madeira)* tende a caracterizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. No município de Bacabal, registram-se, ainda, *pontezinha*, *ponte de pau*, *pau derrubado* e *tronco de pau/madeira* e, em Tuntum, *pontezinha*, conforme anexo B.

### 5.2.2 Redemoinho (de água)

A carta lexical 002 – Redemoinho (de água) (figura 20) apresenta um total de 3 variantes lexicais, sendo *redemoinho (de água)* a mais frequente, com 11 (44%) ocorrências, seguida de *remanso* (2/8%) e *tromba d'água* (1/4%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorre somente a variante *redemoinho (de água)* (2/33,33%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), mapeiam-se as variantes *redemoinho de água* (1/16,67%) e *tromba d'água* (1/16,67%). No ponto 3 (TI Sororó), também documenta-se apenas a variante *redemoinho (de água)* (4/57,14%). No ponto 4 (TI Cana Brava), registram-se as variantes *redemoinho (de água)* (4/66,67%) e *remanso* (2/33,33%).

Figura 20 – Carta Lexical 002 – Redemoinho (de água)



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para denominar o movimento da água que forma um buraco que puxa para baixo demonstra que a unidade lexical *redemoinho (de água)* dispersa-se por toda a área investigada, sendo menos recorrente no ponto 2 (TI Nova Jacundá).

Em prosseguimento ao estudo da variante lexical *redemoinho (de água)*, compararam-se os dados analisados neste estudo com os dados do *ALeSPA* (quadro 19), com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado nas TIs Trocará, Nova Jacundá e Sororó) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localizam as referidas TIs) da língua portuguesa.

Quadro 19 – Comparação de dados – Redemoinho (de água)

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Redemoinho	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S	S+	S+	S	S+
Tromba d'água	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P1 (TI Trocará), P2 (TI Nova Jacundá), P3 (TI Sororó), P4 (Redenção) P5 (Conceição do Araguaia)  
P6 (Tucuruí), P7 (Itupiranga), P8 (São João do Araguaia), P9 (Curianópolis), P10 (São Félix do Xingu), P11 (Santana do Araguaia).

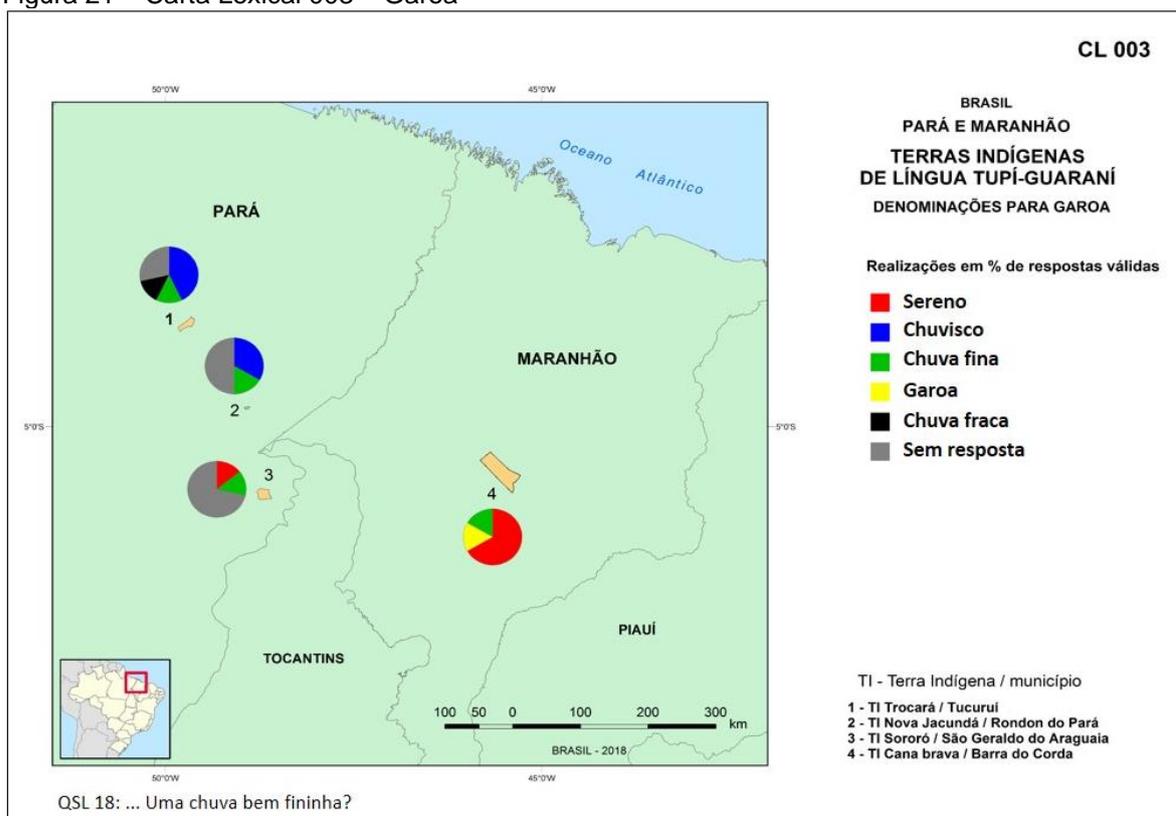
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas coadunam, uma vez que a variante lexical *redemoinho (de água)* tende a caracterizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. Na área não indígena documentam-se, ainda, as variantes *funil* (em P4-Redenção, P7-Itupiranga e P8-São João do Araguaia), *remanso* (em P4-Redenção) e *rebojo* (em P5-Conceição do Araguaia, P7-Itupiranga, P10-São Félix do Xingu e P11-Santana do Araguaia), conforme apêndice B.

### 5.2.3 Garoa

A carta lexical 003 – Garoa (figura 21) apresenta um total de 5 variantes lexicais, sendo *sereno* e *chuvisco* as mais frequentes, com 5 (19,23%) ocorrências cada uma, seguidas de *chuva fina* (4/15,38%), *garoa* (1/3,85%) e *chuva fraca* (1/3,85%). No ponto 1 (TI Trocará), mapeiam-se as variantes *chuvisco* (3/42,86%), *chuva fina* (1/14,29%) e *chuva fraca* (1/14,29%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), documentam-se as variantes *chuvisco* (2/33,33%) e *chuva fina* (1/16,67%). No ponto 3 (TI Sororó), registram-se as variantes *sereno* (1/14,29%) e *chuva fina* (1/14,29%). No ponto 4 (TI Cana Brava), ocorrem as variantes *sereno* (4/66,67%), *garoa* (1/16,67%) e *chuva fina* (1/16,67%).

Figura 21 – Carta Lexical 003 – Garoa



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para denominar uma chuva bem fininha demonstra que a unidade lexical *sereno* concentra-se no ponto 4 (TI Cana Brava), estabelecendo-se, pode-se assim afirmar, como uma variante local.

Em continuidade ao estudo da variante lexical *sereno*, compararam-se os dados analisados neste estudo com os dados do *ALeSPA* (quadro 20) com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado nas TIs Trocará, Nova Jacundá e Sororó) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localizam as referidas TIs) da língua portuguesa.

Quadro 20 – Comparação de dados – Garoa

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Sereno	N	N	S+	N	N	N	S	S+	N	S+	N
Chuvisco	S+	S+	N	S+	S	S+	N	S+	S+	S+	S+
Chuva fina	S	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N
Chuva fraca	S	N	N	N	S	N	S	N	N	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P4 – Redenção, P5 – Conceição do Araguaia, P6 – Tucuruí, P7 – Itupiranga, P8 – São João do Araguaia, P9 – Curianópolis, P10 – São Félix do Xingu, P11 – Santana do Araguaia

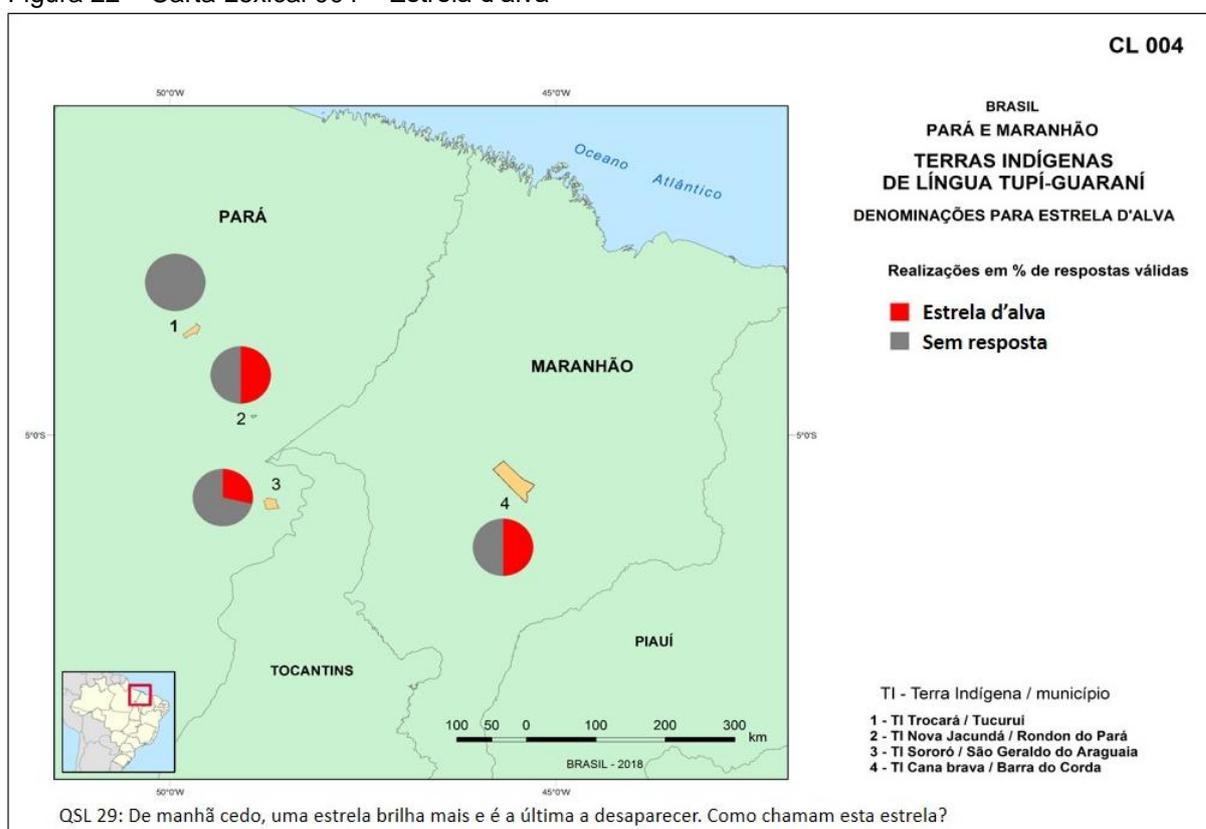
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas coadunam, uma vez que a variante *chuvisco* tende a caracterizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. No Sudeste Paraense não indígena, documentam-se ainda as variantes *neblina* (em P4-Redenção, P5-Conceição do Araguaia, P7-Itupiranga, P9-Curianópolis, P10-São Félix do Xingu e P11-Santana do Araguaia), *borrifo* (em P6-Tucuruí) *chuva fraca* (em P7-ITupiranga), *nevoeiro*, *chuva de molhar besta* e *respingo de chuva* (em P10-São Félix do Araguaia), conforme apêndice B.

#### 5.2.4 Estrela d'alva

A carta lexical CL 004 – Estrela D'alva (figura 22) registra somente a variante lexical *estrela d'alva*, com 8 (32%) ocorrências. A frequência dessa variante por ponto é a seguinte: ponto 1 (TI Trocará), 0%; ponto 2 (TI Nova Jacundá), 3 (50%); ponto 3 (TI Sororó), 2 (28,57%); e ponto 4 (TI Cana Brava), 3 (50%).

Figura 22 – Carta Lexical 004 – Estrela d'alva



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A carta CL 004 mostra que a unidade lexical *estrela d'alva* é a única registrada na área geográfica considerada, ausentando-se somente no ponto 1 (TI Trocará).

O alto índice de não resposta, que no ponto 1 (TI Trocará) chega a 100%, chama a atenção e pode estar relacionado com o processo de nomeação das línguas Asuriní, Guaraní, Sororó e Cana Brava no qual, segundo podemos depreender das entrevistas realizadas em campo, as estrelas não são categorizadas ao serem nomeadas. Desse modo, como os próprios indígenas explicaram, estrela é estrela e recebe uma só designação.

Em prosseguimento ao estudo da variante *estrela d'alva*, compararam-se os dados analisados neste estudo com os dados do ALiMA (quadro 21) com intuito de verificar o comportamento da referida variante nas variedades indígena (português falado na TI Cana Brava) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localiza a referida TI) da língua portuguesa.

Quadro 21 – Comparação de dados – Estrela d'alva

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA	ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALiMA)	
	TI Cana Brava	Bacabal	Tuntum
Estrela d'alva	S+	S+	S+

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

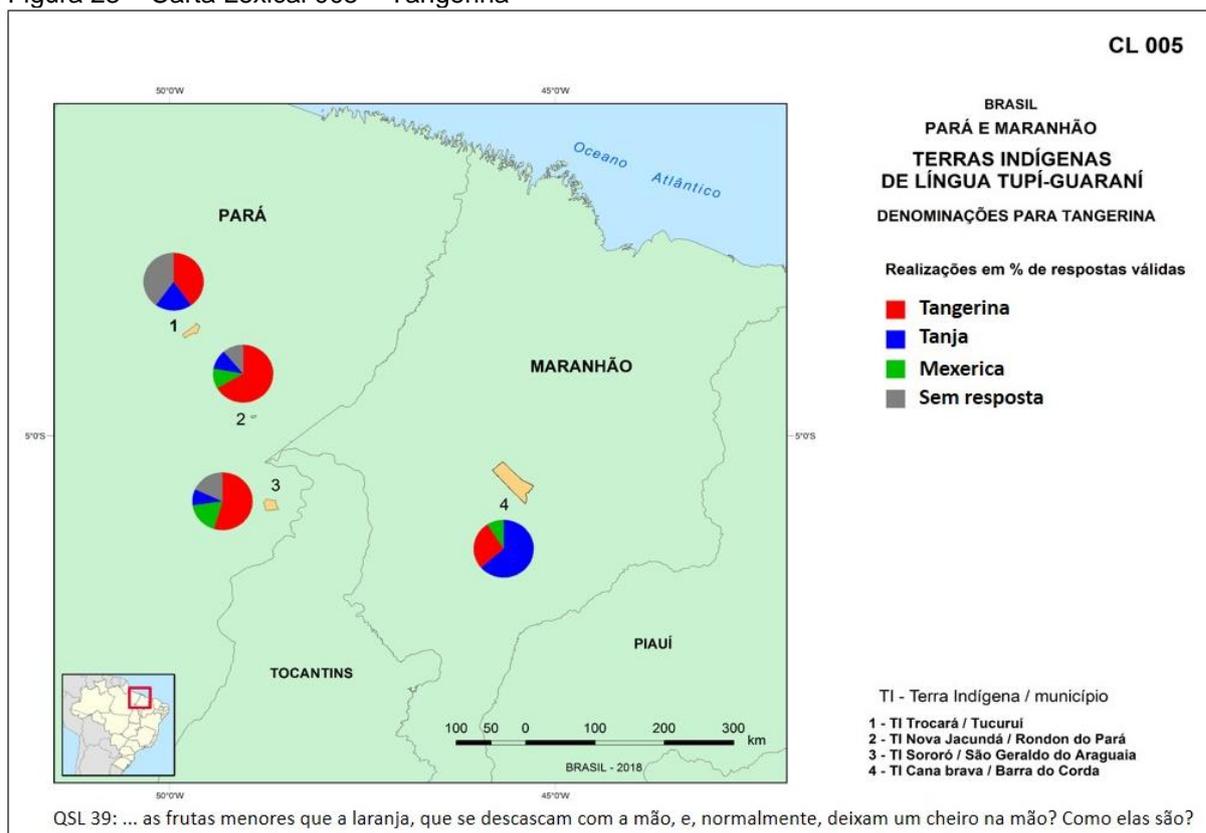
Observa-se que os dados das pesquisas coadunam, uma vez que a variante lexical *estrela d'alva* tende a particularizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. Na área não indígena, em Bacabal, documentam-se ainda as variantes *estrela dávina*, *estrela balva* e *pranta*, conforme apêndice C.

### 5.2.5 Tangerina

A carta lexical 005 – Tangerina (figura 23) apresenta um total de 3 variantes lexicais, sendo *tangerina* a mais frequente, com 19 (46,34%) ocorrências, seguida de *tanja* (11/26,83%) e *mexerica* (4/9,76%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *tangerina* (4/40%) e *tanja* 2 (20%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), mapeiam-se as variantes *tangerina* (6/66,67%), *tanja* (1/11,11%) e *mexerica*

(1/11,11%). No ponto 3 (TI Sororó), documentam-se as variantes *tangerina* (6/54,55%), *mexerica* (2/18,18%) e *tanja* (1/0,09%). No ponto 4 (TI Cana Brava), registram-se as variantes *tanja* (7/63,64%), *tangerina* (3/27,27%) e *mexerica* (1/9,09%).

Figura 23 – Carta Lexical 005 – Tangerina



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para designar as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e que deixam um cheiro na mão demonstra que a unidade lexical *tangerina* distribui-se por todo o espaço geográfico analisado, sendo menos recorrente no ponto 4 (TI Cana Brava).

Em prosseguimento ao estudo da variante *tangerina*, confrontaram-se os dados analisados neste estudo com os dados do *ALiMA* (quadro 22) com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado na TI Cana Brava) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localiza a referida TI) da língua portuguesa.

Quadro 22 – Comparação de dados – Tangerina

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA	ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALiMA)	
	TI Cana Brava	Bacabal	Tuntum
Tangerina	S	S	S+
Tanja	S	S	S
Mexerica	S	S	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto

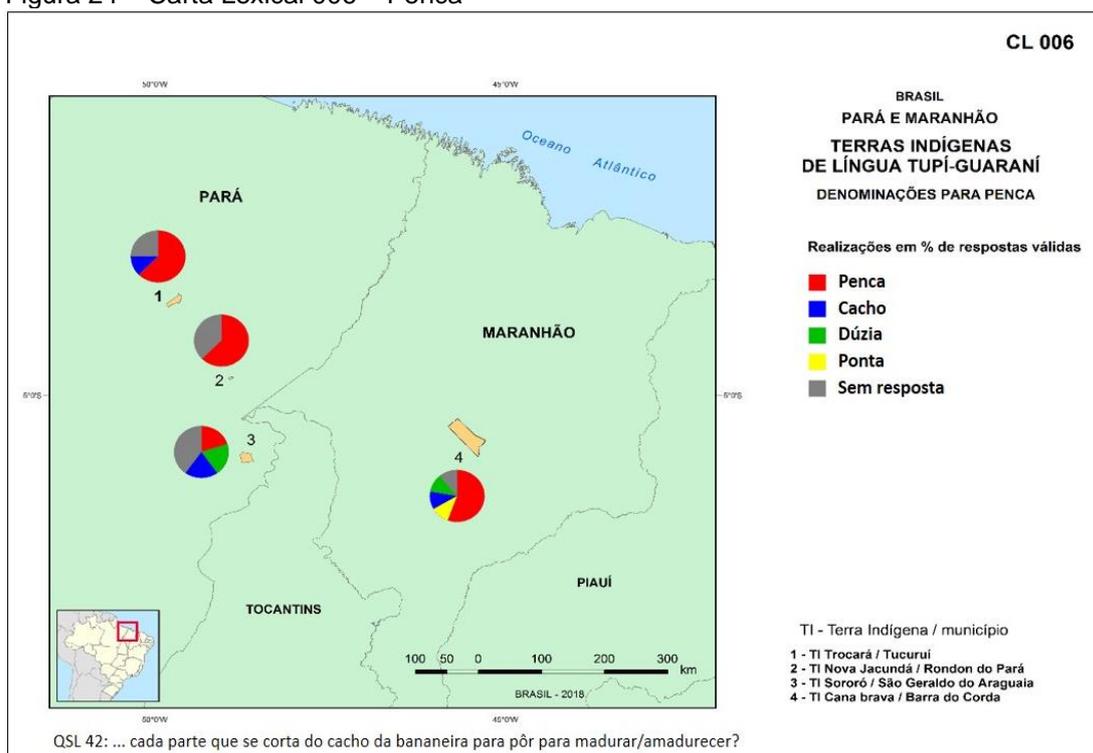
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que a unidade lexical *tangerina* tende a não se destacar no português falado por índios e não índios nas áreas maranhenses consideradas, sendo importante destacar que em Tuntum as denominações *tangerina* e *tanja* apresentam o mesmo número de ocorrências, conforme apêndice C. Contudo, a unidade lexical *tanja* predomina na TI Cana Brava e é mais recorrente em Bacabal, de acordo com a carta 005 e apêndice C, respectivamente. Nas áreas não indígenas, em Bacabal, ocorre também o registro da variante *tanja da Bahia*, conforme apêndice C.

#### 5.2.6 Penca

A carta lexical 006 – Penca (figura 24) apresenta um total de 4 variantes lexicais, sendo *penca* a mais frequente, com 17 (48,57%) ocorrências, seguida de *cacho* (4/11,43%), *dúzia* (3/8,57%) e *ponta* (1/2,86%). No Ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *penca* (5/62,50%) e *cacho* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registra-se somente a variante *penca* (5/62,50%). No ponto 3 (TI Sororó), documentam-se as variantes *penca* (2/20%), *cacho* (2/20%) e *dúzia* (2/20%). No ponto 4 (TI Cana Brava), mapeiam-se as variantes *penca* (5/55,56%), *cacho* (1/11,11%), *dúzia* (1/11,11%) e *ponta* (1/11,11%).

Figura 24 – Carta Lexical 006 – Penca



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes cartografadas para denominar cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar demonstra que a unidade lexical *penca* distribui-se por toda a área geográfica analisada, com menor recorrência no ponto 3 (TI Sororó).

Em prosseguimento ao estudo da variante *penca*, constratarem-se os dados analisados neste estudo com os dados do ALiMA (quadro 23) com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado na TI Cana Brava) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localiza a referida TI) da língua portuguesa.

Quadro 23 – Comparação de dados – Penca

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA	ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALiMA)	
	TI Cana Brava	Bacabal	Tuntum
Penca	S+	S	S+
Cacho	S	N	N
Dúzia	S	N	N
Ponta	S	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto

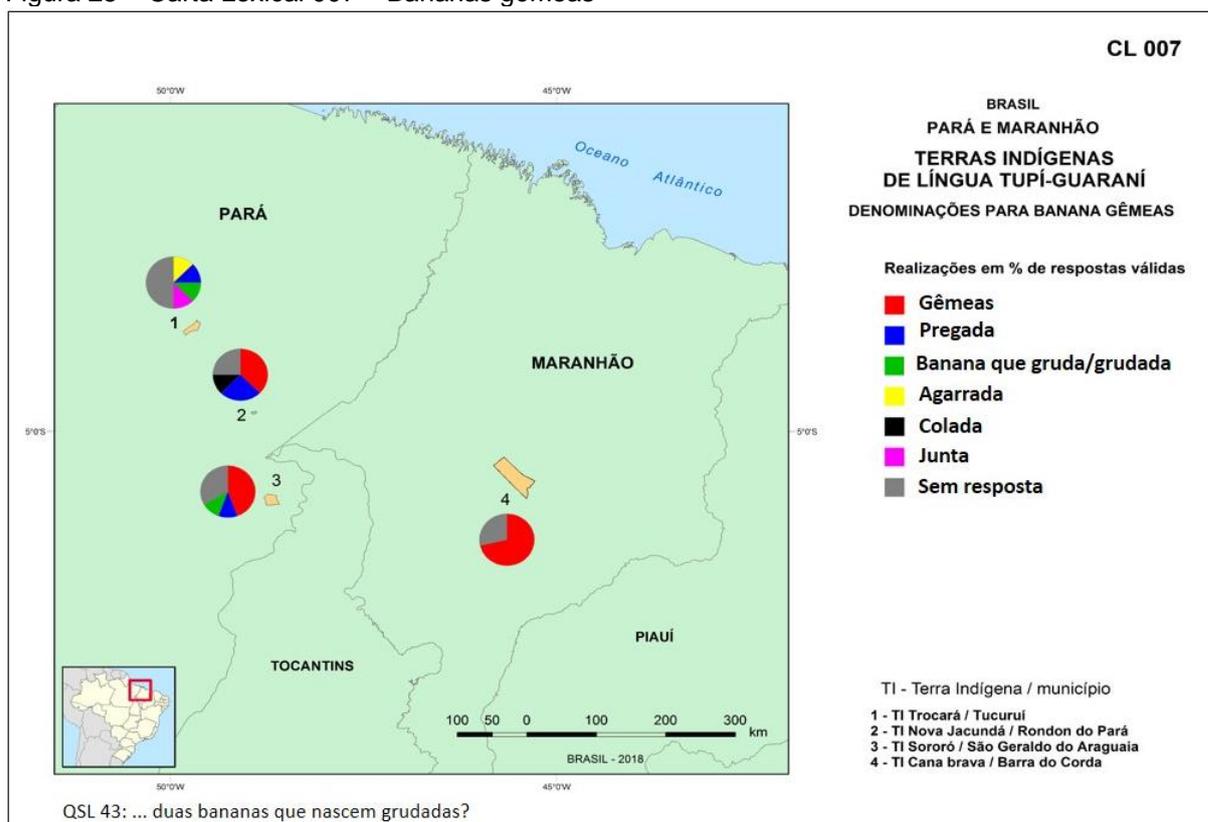
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que a unidade lexical *penca* tende a caracterizar o português falado na TI Cana Brava e em um dos municípios que integram a área não indígena. O município de Tuntum faz fronteira com município de Barra do Corda, onde está localizada a TI Cana Brava, dos indígenas Guajajara. Em Bacabal documentam-se ainda as variantes *palma*, *palmo* e, em Tuntum, a unidade lexical *palmas*, conforme apêndice C.

### 5.2.7 Bananas gêmeas

A carta lexical 007 – Bananas gêmeas (figura 25) apresenta um total de 6 variantes lexicais, sendo *gêmeas* a mais frequente, com 12 (37,50%) ocorrências, seguida de *pregada* (4/12,50%), *banana que gruda/Grudada* (2/6,25%), *junta* (1/3,12%), *agarrada* (1/3,12%) e *colada* (1/3,12%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *junta* (1/12,50%), *pregada* (1/12,50%), *agarrada* (1/12,50%) e *banana que gruda/Grudada* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *gêmeas* (3/37,50%), *pregada* (2/25%) e *colada* (1/12,50%). No ponto 3 (TI Soororó), mapeiam-se as variantes *gêmeas* (4/44,44%), *pregada* (1/11,11%) e *banana que gruda/Grudada* (1/11,11%). No ponto 4 (TI Cana Brava), mapeia-se apenas a variante *gêmeas* (5/71,43%).

Figura 25 – Carta Lexical 007 – Bananas gêmeas



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes cartografadas para denominar as bananas que nascem grudadas demonstra que a unidade lexical *gêmeas* distribuiu-se por toda a área investigada, com exceção do ponto 1 (TI Trocará). O município de Tucuruí é um ponto em comum entre esta pesquisa e o *ALeSPA*. Ao consultar o banco de dados desse atlas, verificou-se que a maioria dos informantes responderam *gêmeas* ao serem inqueridos sobre essa questão.

Em continuidade ao estudo da variante lexical *gêmeas*, confrontou-se os dados analisados neste estudo com os dados do *ALiMA* (quadro 24) com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado na TI Cana Brava) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localiza a referida TI) da língua portuguesa.

Quadro 24 – Comparação de dados – Bananas gêmeas

	ÁREA INDÍGENA		ÁREAS NÃO INDÍGENA (Estudos/ALiMA)	
LEXIAS	TI Cana Brava		Bacabal	Tuntum
Gêmeas	S+		S+	S+
Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto				

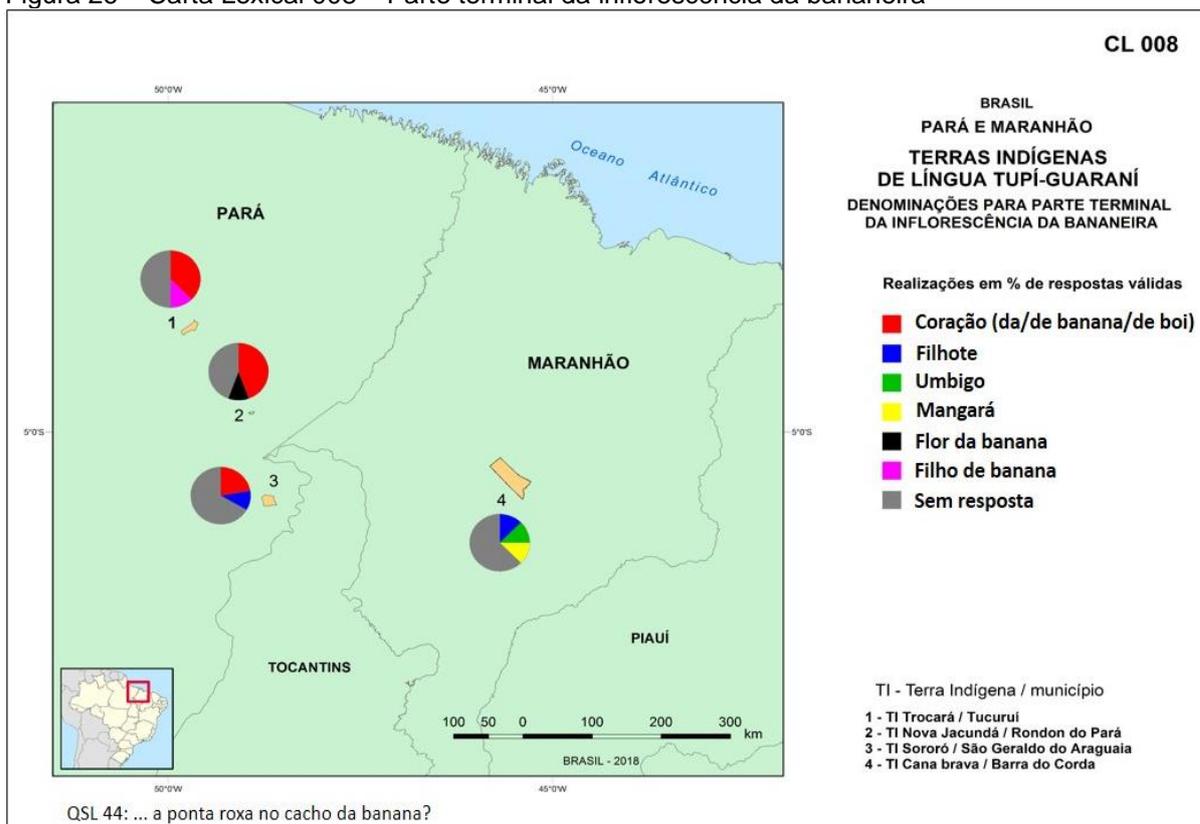
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas complementam-se, uma vez que a variante lexical *gêmeas* tende a caracterizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. Na área não indígena registram-se ainda as variantes *conha*, em Bacabal, e *gemada*, em Tuntum, conforme apêndice C.

#### 5.2.8 Parte terminal da inflorescência da bananeira

A carta lexical 008 – Mangará (figura 26) apresenta um total de 6 variantes lexicais, sendo *coração (da/de banana/de boi)* a mais frequente, com 9 (26,47%) ocorrências, seguida de *filhote* (2/5,88%), *filho de banana* (1/2,94%), *flor da banana* (1/2,94%), *umbigo* (1/2,94%) e *mangará* (1/2,94%). No ponto 1 (TI Trocará), registram-se as variantes *coração (da/de banana/de boi)* (3/37,50%) e *filho de banana* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), ocorrem as variantes *coração (da/de banana/de boi)* (4/44,44%) e *flor da banana* (1/11,11%). No ponto 3 (TI Sororó), documentam-se as variantes *coração (da/de banana/de boi)* (2/22,22%) e *filhote* (1/11,11%). No ponto 4 (TI Cana Brava), documentam-se as variantes *filhote* (1/12,50%), *umbigo* (1/12,50%) e *mangará* (1/12,50%).

Figura 26 – Carta Lexical 008 – Parte terminal da inflorescência da bananeira



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes documentadas para designar a ponta roxa no cacho da banana demonstra que a unidade lexical *coração (da/de banana/de boi)* distribuiu-se por toda a área geográfica analisada, com exceção do ponto 4 (TI Cana Brava).

Em continuidade ao estudo da variante *coração (da/de banana/de boi)*, confrontaram-se os dados analisados neste estudo com os dados do ALiMA (quadro 25) com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado na TI Cana Brava) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localiza a referida TI) da língua portuguesa.

Quadro 25 – Comparação de dados – Parte terminal da inflorescência da bananeira

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA	ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALiMA)	
	TI Cana Brava	Bacabal	Tuntum
Filhote	S+	N	N
Umbigo	S+	N	N
Mangará	S+	S+	S+

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto

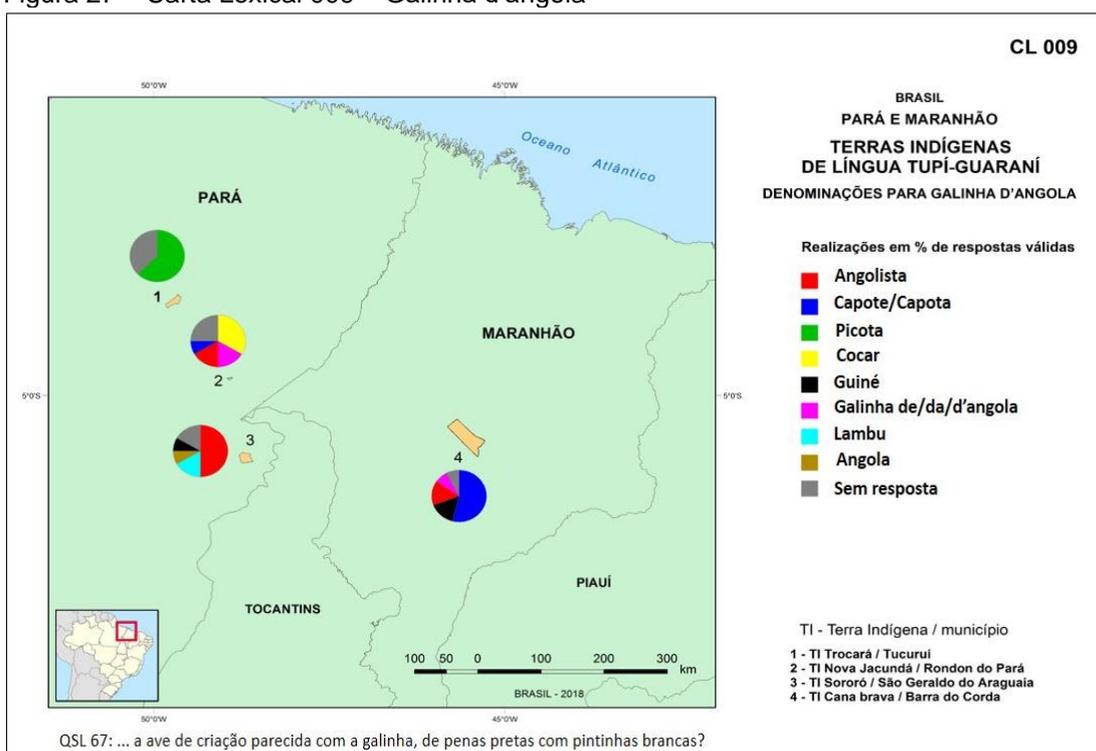
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas coadunam, tendo em vista que a variante *mangará* é uma das que tendem a caracterizar o português falado na área indígena e que ela prevalece na área não indígena. No município de Bacabal, registram-se também as lexias *bimbim* e *coração*, conforme apêndice C.

### 5.2.9 Galinha d'angola (mais de português)

A carta lexical 009 – Galinha d'angola (figura 27) apresenta um total 8 variantes lexicais, sendo *angolista* a mais frequente, com 10 (22, 73%) ocorrências, seguida de *capote/capota* (8/18,18%), *picota* (5/11,36%), *cocar* (4/9,09%), *galinha da/de/d'angola* (3/6,82%), *guiné* (3/6,82%), *lambu* (1/2,27%) e *angola* (1/2,27%). No ponto 1 (TI Trocará), registra-se apenas a variante *picota* (5/62,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), documentam-se as variantes *cocar* (4/33,33%), *galinha da/de/d'angola* (2/16,67%), *angolista* (2/16,67%) e *capote* (1/8,33%). No ponto 3 (Sororó), documentam-se as variantes *angolista* (6/54,55%), *lambu* (1/9,09%), *angola* (1/9,09%) e *guiné* (1/9,09%). No ponto 4 (TI Cana Brava), ocorrem as variantes *capote* (7/53,85%), *guiné* (2/15,38%), *angolista* (2/15,38%) e *galinha da/de/d'angola* (1/7,69%).

Figura 27 – Carta Lexical 009 – Galinha d'angola



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para a ave de criação parecida com a galinha de penas pretas com pintinhas brancas demonstra que a unidade lexical *angolista* concentra-se na TI Sororó (ponto 3), estabelecendo-se, pode-se assim dizer, como uma variante local. Além disso, chama a atenção o registro da unidade lexical *picota*, na TI Trocará (ponto 1); de *cocar*, na TI Nova Jacundá (ponto 2); e de *capote/capota*, na TI Cana Brava (ponto 4), que apresenta-se de forma muito particular também.

Em prosseguimento ao estudo da variante *angolista*, constratarem-se os dados analisados neste estudo com os dados do ALeSPA (quadro 26) com intuito de averiguar o comportamento da referida variante nas variedades indígena (português falado nas TIs Trocará, Nova Jacundá e Sororó) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde estão situadas as referidas TIs) da língua portuguesa.

Quadro 26 – Comparação de dados galinha d'angola

	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
<b>LEXIAS</b>											
Angolista	N	S	S+	N	S	N	S+	S+	N	N	S
Capote	N	S	N	S	N	N	N	N	S	N	N
Picota	S	N	N	N	N	S	N	N	N	N	N
Cocar	N	S	N	S	S	N	S	N	N	S	N
Guiné	N	N	S	S	N	N	N	S	N	N	N
Galinha d'angola	N	S	N	S	S	N	N	N	S	S	S
Lambu	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N
Angola	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P1 – TI Trocará, P2 – TI Nova Jacundá, P3 – TI Sororó, P4 – Redenção, P5 – Conceição do Araguaia, P6 – Tucuruí, P7 – Itupiranga, P8 – São João do Araguaia, P9 – Curianópolis, P10 – São Félix do Xingu, P11 – Santana do Araguaia

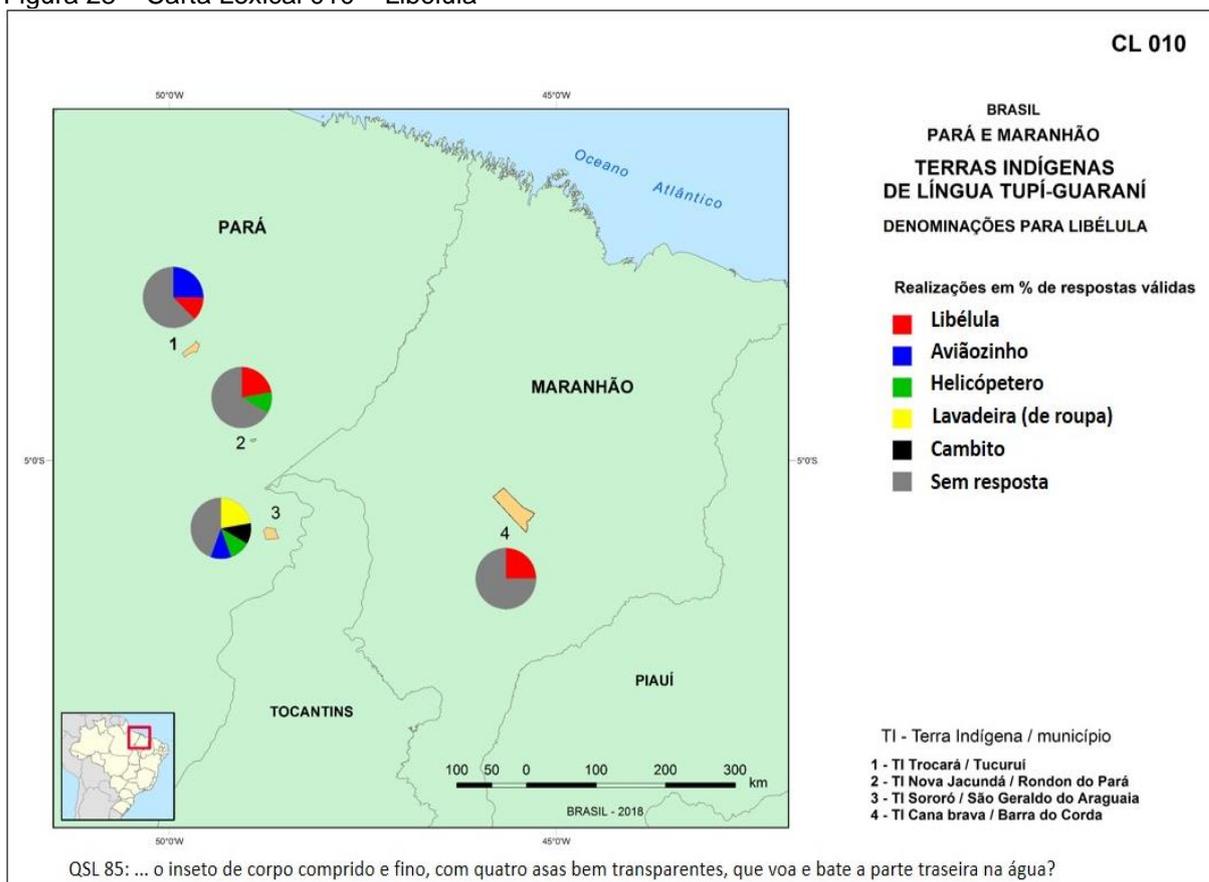
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que a unidade lexical *angolista* tende a caracterizar o português falado na TI Sororó (ponto 3) e em dois dos pontos da área não indígena. Nessa última área, cartografa-se, ainda, em P4 (Redenção), a lexia *perdiz*, conforme apêndice B.

### 5.2.10 Libélula

A carta lexical 010 – Libélula (figura 28) apresenta um total de 5 variantes lexicais, sendo *libélula* a mais frequente, com 5 (14,71%) ocorrências, seguida de *aviãozinho* (3/8,82%), *lavadeira (de roupa)* (2/5,88%), *helicóptero* (2/5,88%) e *cambito* (2,94%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *aviãozinho* (2/25%) e *libélula* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), documentam-se as variantes *libélula* (2/22,22%) e *helicóptero* (1/11,11%). No ponto 3 (TI Sororó), ocorrem as variantes *lavadeira (de roupa)* (2/22,22%), *cambito* (1/11,11%), *helicóptero* (1/11,11%) e *aviãozinho* (1/11,11%). No ponto 4 (TI Cana Brava), registra-se apenas a variante *libélula* (2/22,22%).

Figura 28 – Carta Lexical 010 – Libélula



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes cartografadas para o inseto de corpo comprido e fino com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água demonstra que a unidade lexical *libélula* está distribuída por toda a área

investigada, com exceção do ponto 3 (TI Sororó), mas com baixa frequência. O maior índice de não resposta registra-se entre os colaboradores da faixa etária B, conforme carta CL 010c<sup>57</sup>.

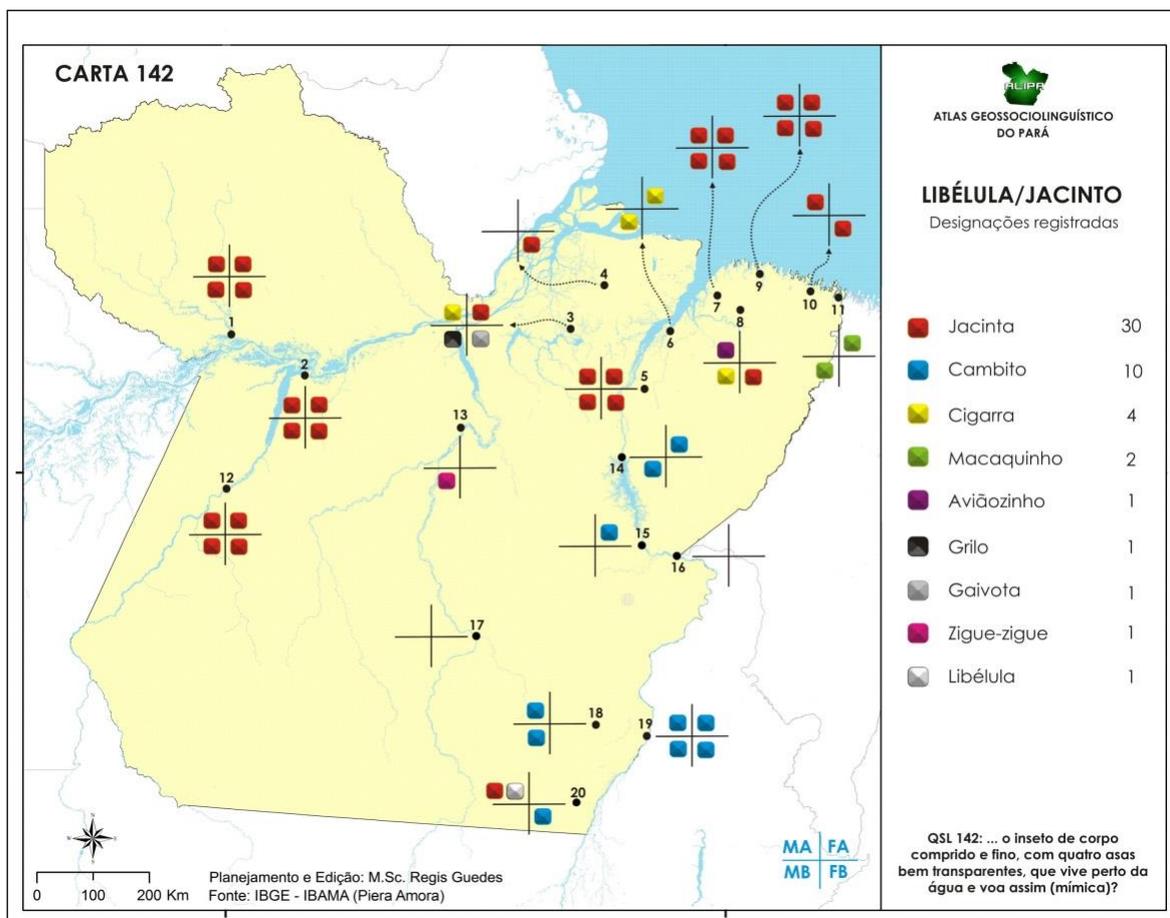
A libélula é um inseto comum a áreas que possuem ribeiros, riachos, etc. A quantidade de não resposta em todos os pontos chama a atenção e pode estar relacionada com a diminuição da pesca e da caça nas comunidades indígenas envolvidas.

Outro fato que despertou curiosidade refere-se ao não registro da forma lexical *jacinta* em nenhuma das TIs, uma vez que essa variante destaca-se no português falado na região Norte. Porém, os dados do ALeSPA (figura 29) demonstram que, de fato, nos pontos 14 (Tucuruí), 15 (Itupiranga) 18 (Redenção), 19 (Conceição do Araguaia) e 20 (Santana do Araguaia), municípios que ficam dentro da mesorregião Sudeste Paraense, mesma área de investigação desta pesquisa, a unidade lexical *jacinta* não é a mais frequente, mas sim *cambito*, que obteve apenas 1 ocorrência na área indígena investigada, na TI Sororó, em São Geraldo do Araguaia.

---

<sup>57</sup> Disponível no Tomo II.

Figura 29 – Carta 142 – Designações registradas para Libélula/Jacinto (Pará)



Fonte: Razky *et al.* (2016).

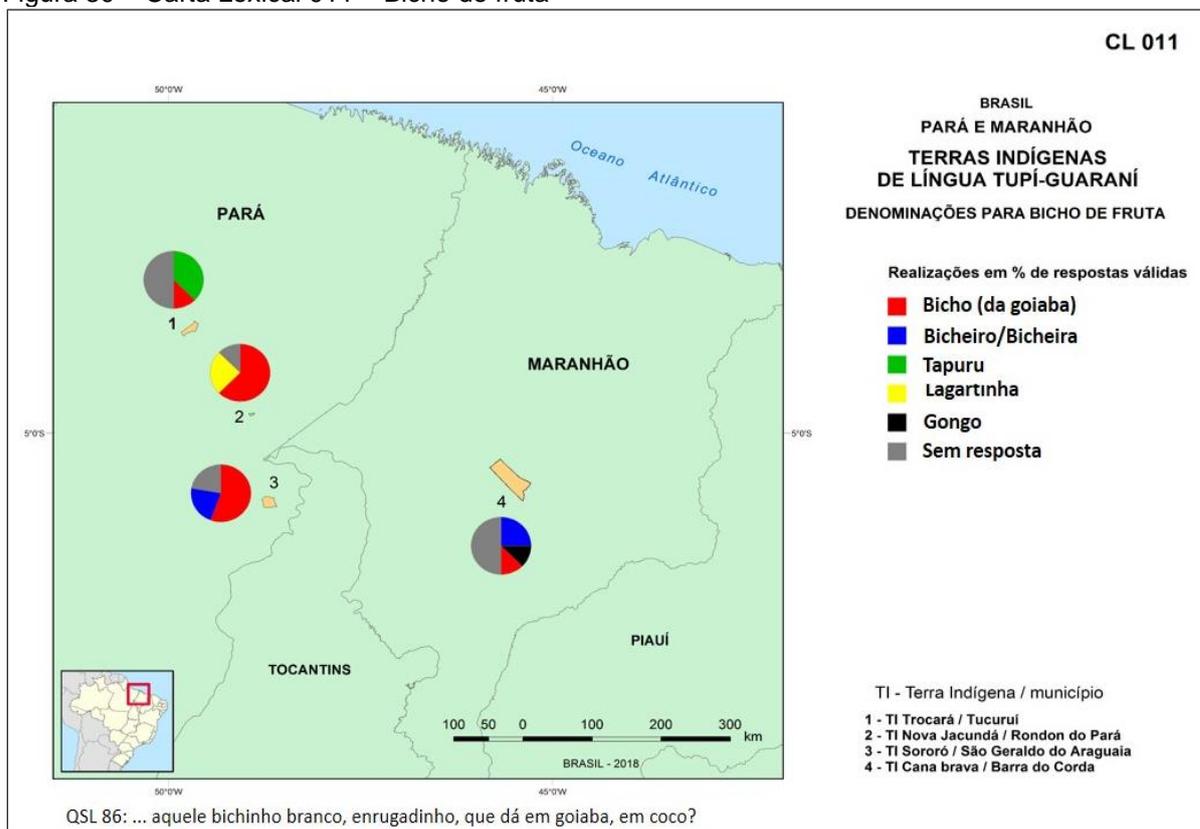
Vale ainda ressaltar que a variação de *libélula* é produtiva no português falado no Brasil, como mostram os dados cartografados por Cardoso *et al.* (2014b) para o Brasil, e os de Razky *et al.* (2016) para o Pará. Devido à situação do registro de *libélula* no português falado na área indígena, optou-se por não proceder a análise comparativa deste item lexical.

### 5.2.11 Bicho da fruta

A carta lexical 011 – Bicho da fruta (figura 30) apresenta um total de 5 variantes lexicais, sendo *bicho (da goiaba)* a mais frequente, com 12 (36,36%) ocorrências, seguida de *bicheiro/bicheira* (4/12,12%), *tapuru* (3/9,09%), *lagartinha* (2/6,06%) e *gongo* (1/3,03%). No ponto 1 (TI Trocará), registram-se as variantes *tapuru* (3/37,50%) e *bicho (da goiaba)* (1/12, 50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), documentam-se as variantes *bicho (da goiaba)* (5/62,50%) e *lagartinha* (2/25%). No

ponto 3 (TI Sororó), mapeiam-se as variantes *bicho (da goiaba)* (5/55,56%) e *bicheiro/bicheira* (2/22,22%). No ponto 4 (TI Cana Brava), ocorrem as variantes *bicheiro/bicheira* (2/25%), *gongo* (1/2,50%) e *bicho (da goiaba)* (1/2,50%).

Figura 30 – Carta Lexical 011 – Bicho de fruta



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para o bichinho branco enrugadinho que dá na goiaba e em coco demonstra que a unidade lexical *bicho (da goiaba)* distribuiu-se por toda a área investigada, com menor frequência nos pontos 1 (TI Trocará) e 4 (TI Cana Brava).

Em continuidade ao estudo da variante lexical *bicho (da goiaba)*, compararam-se os dados deste estudo com os dados do ALiB (quadro 27) com a intenção de verificar o registro dessa variante nas variedades indígena (falada pelas etnias em análise) e não indígena (português falado nas capitais) da língua portuguesa.

Quadro 27 – Comparação de dados – Bicho da fruta

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ALiB (Capitais)		ÁREA INDÍGENA
	TI Trocará	TI N. Jacundá	TI Sororó	Belém	São Luís	TI C. Brava
Bicho (da goiaba)	S	S+	S+	S	S+	S
Bicheiro/Bicheira	N	N	S	N	N	S
Tapuru	S	N	N	S	S	N
Lagartinha	N	S	N	N	N	N
Gongo	N	N	N	N	N	S

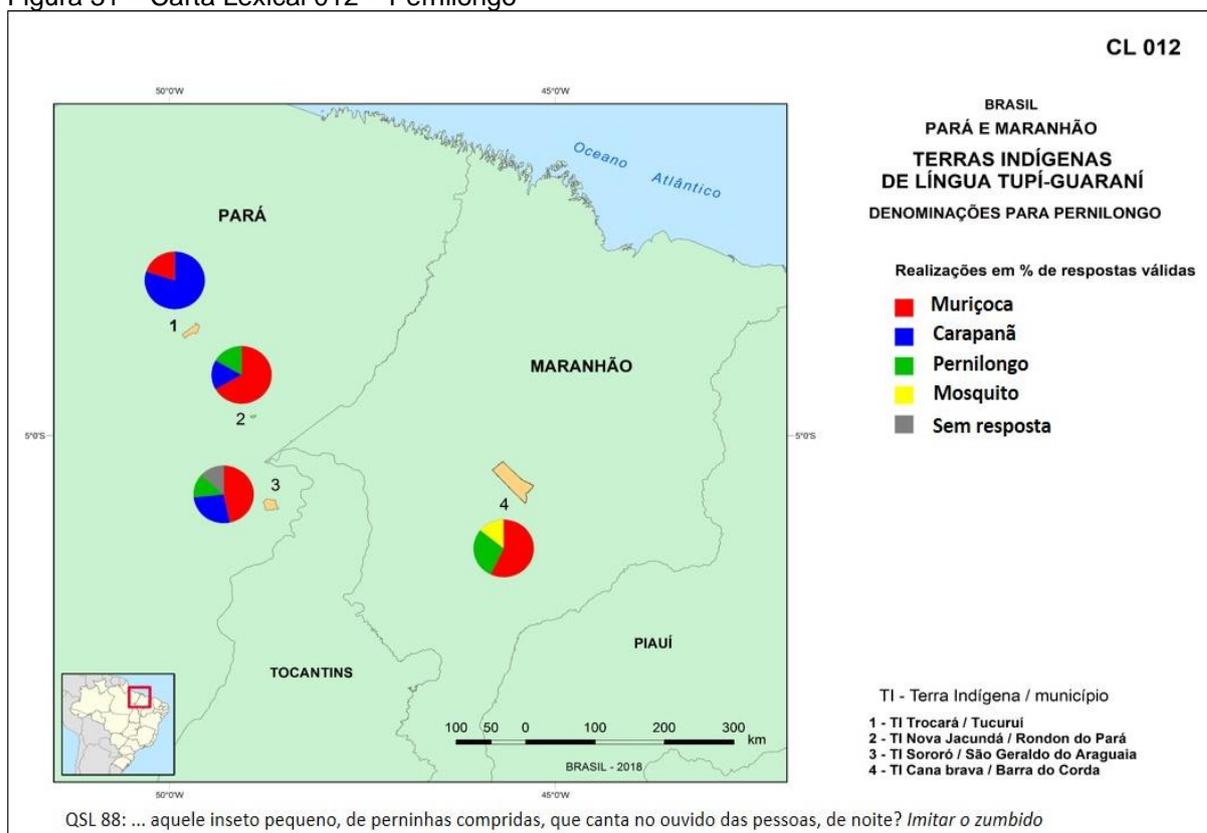
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que a variante *bicho (da goiaba)* tende a caracterizar o português falado na área indígena paraense enquanto que na capital (Belém) predomina a unidade lexical *tapuru*, conforme apêndice A, que é peculiar do ponto 1 (TI Trocará), localizado em Tucuruí, onde residem os Asuriní do Tocantins, conforme carta lexical 011. Já no Maranhão, na TI Cana Brava, prevalece a variante *bicheiro/bicheira*, de acordo com a carta 011, enquanto que na capital maranhense prevalece a variante lexical *bicho (da goiaba)*. Neste caso, pode-se dizer que o item lexical *bicho (da fruta)* tende a marcar uma diferenciação dialetal entre a área indígena considerada e as capitais dos estados envolvidos.

### 5.2.12 Pernilongo

A carta lexical CL 012 – Pernilongo (figura 31) apresenta um total de 4 variantes lexicais, sendo *muriçoca* a mais frequente, com 25 (49,02%) ocorrências, seguida de *carapanã* (14/27,45%), *pernilongo* (8/15,69%) e *mosquito* (2/3,92%). No ponto 1 (TI trocará), ocorrem as variantes *carapanã* (8/80%) e *muriçoca* (2/20%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *muriçoca* (8/80%), *carapanã* (2/16,67%) e *pernilongo* (2/16,67%). No ponto 3 (TI Sororó), documentam-se as variantes *muriçoca* (7/46,67%), *carapanã* (4/26,67%) e *pernilongo* (2/13,33%). No ponto 4 (TI Cana Brava), mapeiam-se as variantes *muriçoca* (8/57,14%), *pernilongo* (4/28,57%) e *mosquito* (2/14,29%).

Figura 31 – Carta Lexical 012 – Pernilongo



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para designar o inseto pequeno, de perninhas compridas, que cantam no ouvido das pessoas à noite, demonstra que a unidade lexical *muriçoca* distribui-se por toda a área geográfica analisada, com menor incidência no ponto 1 (TI Trocará). Essa difusão da variante *muriçoca* no território paraense reflete a influência do falar nordestino no falar paraense, pois, como mostra a carta L14 do *ALiB*, a unidade lexical *muriçoca* concentra-se na região Nordeste.

Em continuidade ao estudo da variante *muriçoca*, confrontaram-se os dados analisados neste estudo com os dados do *ALeSPA* (quadro 28) com intuito de verificar o comportamento da referida variante nas variedades indígena (português falado nas TIs Trocará, Nova Jacundá e Sororó) e não indígena (português falado na mesma região em que estão situadas as referidas TIs) da língua portuguesa.

Quadro 28 – Comparação de dados – Pernilongo

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Muriçoca	S	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+
Carapanã	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	N
Pernilongo	N	S	S	S	S	N	S	N	N	S	S

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto P1 (TI Trocará), P2 (TI Nova Jacundá), P3 (TI Sororó), P4 (Redenção) P5 (Conceição do Araguaia) P6 (Tucuruí), P7 (Itupiranga), P8 (São João do Araguaia), P9 (Curianópolis), P10 (São Félix do Xingu), P11 (Santana do Araguaia).

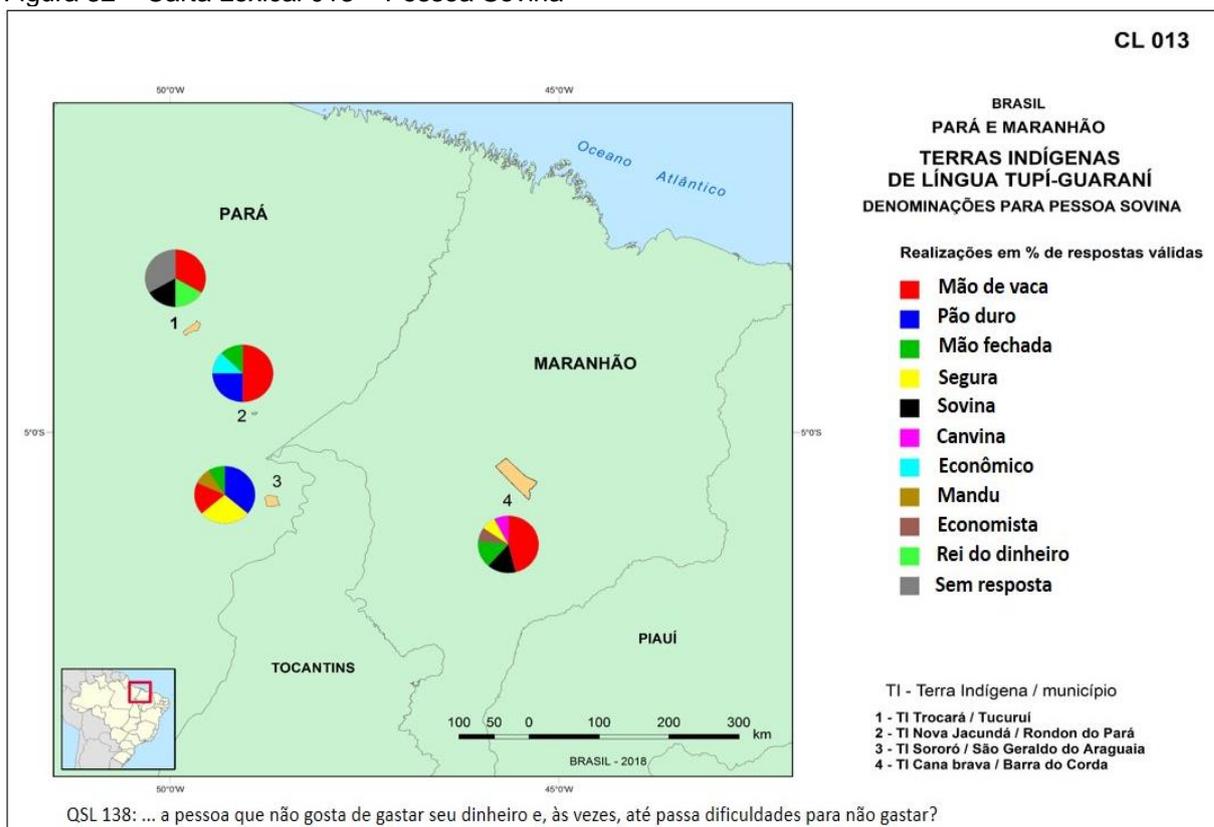
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas complementam-se, uma vez que a variante *muriçoca* tende a caracterizar o português falado na área indígena e na área não indígena. Na área não indígena, em P6 (Tucuruí) e em P8 (São João do Araguaia), registram-se, respectivamente, as variantes lexicais *praga* e *mosquito*, conforme apêndice B.

### 5.2.13 Pessoa sovina

A carta lexical 013 – Pessoa sovina (figura 32) apresenta um total de 10 variantes lexicais, sendo *mão de vaca* a mais frequente, com 14 (36,84%) ocorrências, seguida de *pão duro* (6/15,79%), *segura* (4/10, 53%), *mão fechada* (4/10, 53%), *sovina* (3/7,89%), *canvina* (1/2,63%), *econômico* (1/2,63%), *mandu* (1/2,63%), *economista* (1/2,63%) e *rei do dinheiro* (1/2,63%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *mão de vaca* (2/33,33%), *sovina* (1/16,67%) e *rei do dinheiro* (1/16,67%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *mão de vaca* (4/50%), *pão duro* (2/25%), *mão fechada* (1/12,50%) e *econômico* (1/12,50%). No ponto 3 (TI Sororó), documentam-se as variantes *pão duro* (4/36,36%), *segura* (3/27,27%), *mão de vaca* (2/18,18%), *mandu* (1/0,09%) e *mão fechada* (1/0,09%). No ponto 4 (TI Cana Brava), mapeiam-se as variantes *mão de vaca* (6/46,15%), *sovina* (2/15,38%), *mão fechada* (2/15,38%), *economista* (1/7, 69%), *segura* (1/7, 69%) e *canvina* (1/7, 69%).

Figura 32 – Carta Lexical 013 – Pessoa Sovina



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para a pessoa que não gosta de gastar dinheiro mostra que a unidade lexical *mão de vaca* distribui-se por todo o espaço geográfico analisado, com menor frequência no ponto 3 (TI Sororó).

Em prosseguimento ao estudo da variante *mão de vaca*, compararam-se os dados analisados neste estudo com os dados do ALeSPA (quadro 29) com intuito de verificar o comportamento da referida variante nas variedades indígena (português falado pelas etnias paraenses) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma mesorregião das TIs Trocará, Nova Jacundá e Sororó).

Quadro 29 – Comparação de dados – Pessoa Sovina

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Mão de vaca	S+	S+	S	S	S+	S+	S	S+	S+	S+	S+
Pão duro	N	S	S	S	S	N	S	N	N	S	N
Mão fechada	N	S	S	S	N	S	N	S	S	N	S
Segura	N	N	S	N	N	N	S	N	N	S	N
Sovina	S	N	N	N	N	N	N	N	S	N	N
Econômico	N	S	N	N	N	N	N	S	N	N	N
Mandu	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N
Rei do dinheiro	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P1 (TI Trocará), P2 (TI Nova Jacundá), P3 (TI Sororó), P4 (Redenção) P5 (Conceição do Araguaia)  
P6 (Tucuruí), P7 (Itupiranga), P8 (São João do Araguaia), P9 (Curianópolis), P10 (São Félix do Xingu), P11 (Santana do Araguaia).

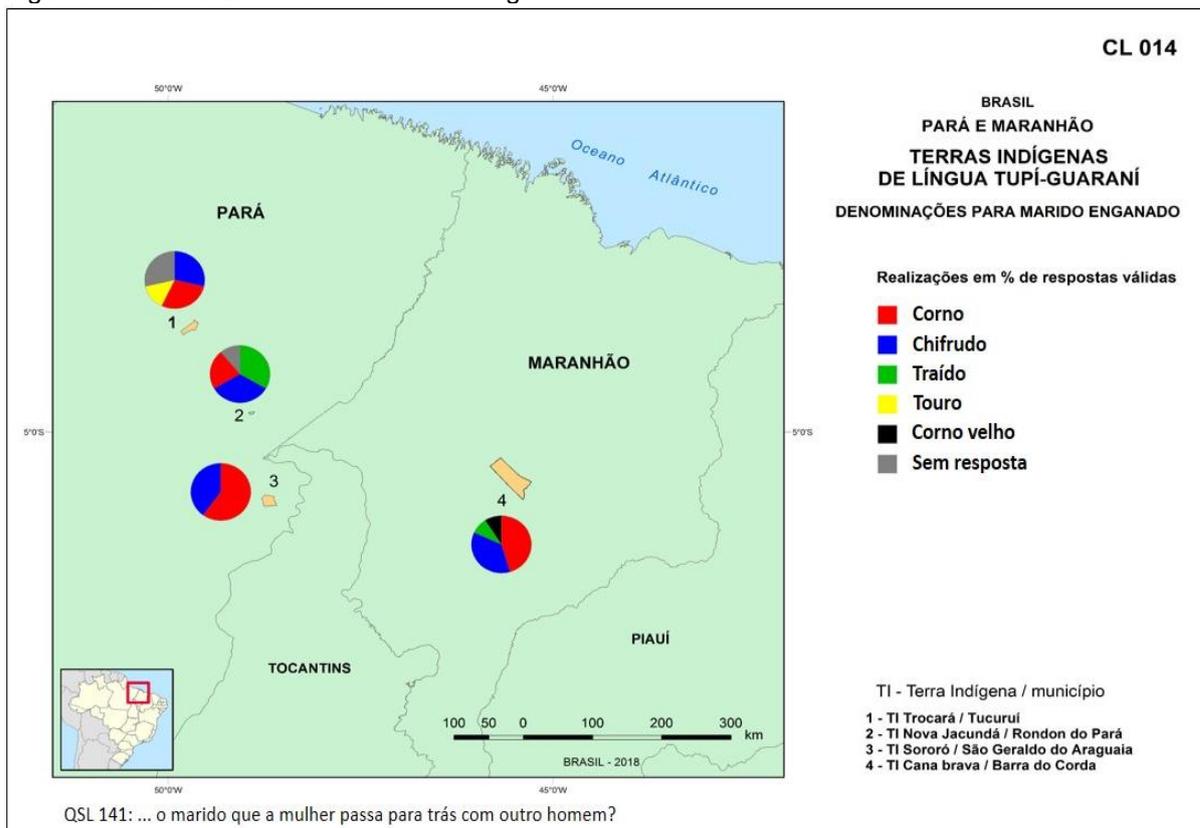
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas complementam-se uma vez que a variante *mão de vaca* tende a caracterizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. Na área não indígena documentam-se ainda as variantes *canguinho*, *muchiba* (em P4), *miserável* (em P4, P6, P9 e P10), *vejaca* (em P5), *murrinha/murrinho* (em P5 e P11), *amarrado*, *mão de mucura assada* (em P6) e *mão de muchiba* (em P8), conforme apêndice B.

#### 5.2.14 Marido enganado

A carta lexical 014 – Marido enganado (figura 33) apresenta um total de 5 variantes lexicais, sendo *cornu* a mais frequente, com 15 (40,54%) ocorrências, seguida de *chifrudo* (13/35,14%), *traído* (4/10,81%), *touro* (1/2,70%) e *cornu velho* (1/2,70%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *cornu* (2/28,57%), *chifrudo* (2/28,57%) e *touro* (1/14,29%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *traído* (3/33,33%) e *chifrudo* (3/33,33%) e *cornu* (2/22,22%). No ponto 3 (TI Sororó), documentam-se as variantes *cornu* (6/60%) e *chifrudo* (4/40%). No ponto 4 (TI Cana Brava), mapeiam-se as variantes *cornu* (5/45,45%), *chifrudo* (4/36,36%), *traído* (1/0,09%) e *cornu velho* (1/0,09%).

Figura 33 – Carta Lexical 014 – Marido enganado



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes documentadas para denominar o marido que a mulher passa para trás com outro homem demonstra que a unidade lexical *corno* distribui-se por toda a área investigada, com menor frequência nos pontos 1 (TI Trocará) e 2 (TI Nova Jacundá).

Em continuidade ao estudo da variante *corno*, confrontaram-se os dados analisados neste estudo com os dados do *ALiMA* (quadro 30), com intuito de verificar a sua documentação nas variedades indígena (português falado pelos indígenas da etnia Guajajara) e não indígena (português falado por indivíduos residentes em municípios localizados na mesma mesorregião da TI Cana Brava onde os mesmos residem) da língua portuguesa.

Quadro 30 – Comparação de dados – Marido enganado

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA	ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALiMA)	
	TI Cana Brava	Bacabal	Tuntum
Corno	S+	S+	S+
Chifrudo	S	N	S
Traído	S	S	S
Corno velho	S	N	N

**Legenda: S = Item lexical registrados no ponto N = Item lexical não registrado no ponto**

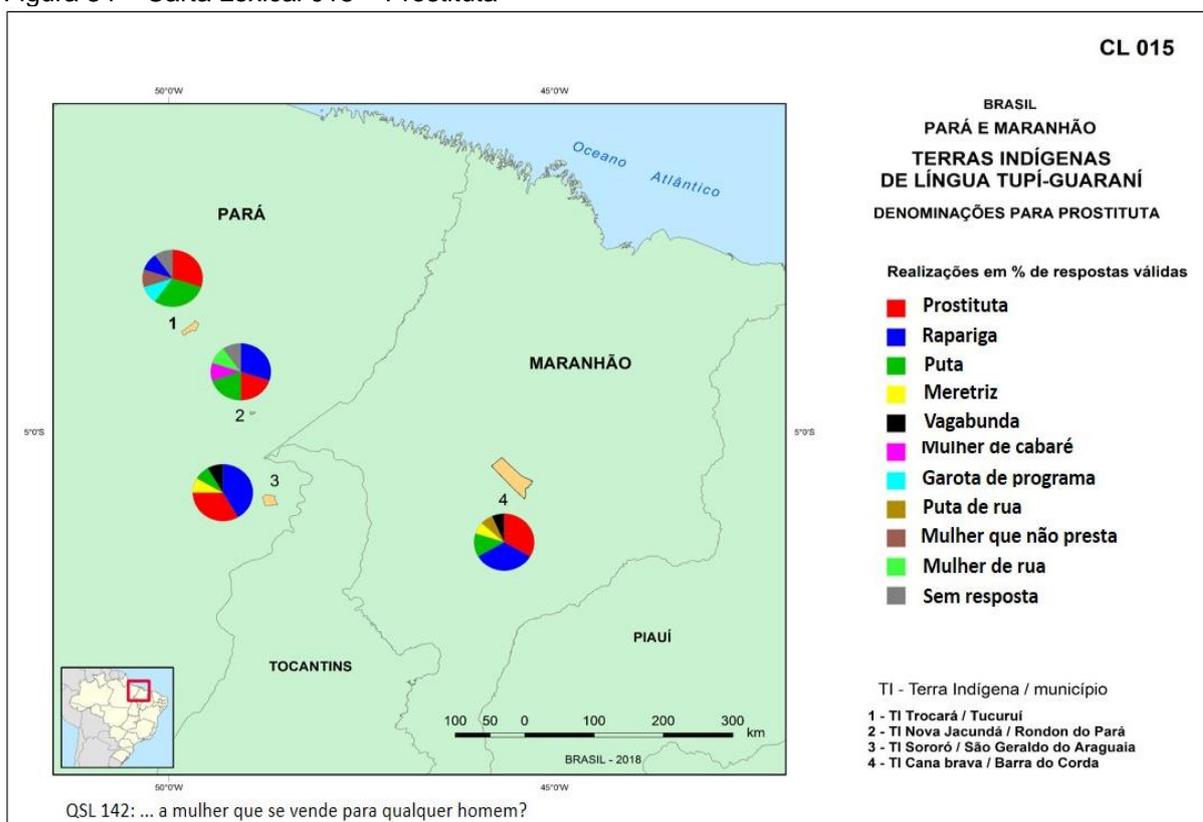
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas coadunam, haja vista que a variante *corno* tende a caracterizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. Na área não indígena, documentam-se, ainda, as unidades lexicais *boi*, *marido traído* e *boião*, em Bacabal, e *chifrudo* e *marido traído*, em Tuntum, conforme apêndice C.

#### 5.2.15 Prostituta

A carta lexical 015 – Prostituta (figura 34) apresenta um total de 10 variantes lexicais, sendo *prostituta* e *rapariga* as mais frequentes, ambas com 14 (29,79%) ocorrências, seguidas de *puta* (8/17,02%), *meretriz* (2/4,26%), *vagabunda* (2/4,26%), *mulher de cabaré* (1/2,13%), *garota de programa* (1/2,13%), *puta de rua* (1/2,13%), *mulher que não presta* (1/2,13%) e *mulher de rua* (1/2,13%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *prostituta* (3/30%), *puta* (3/30%), *garota de programa* (1/10%), *mulher que não presta* (1/10%) e *rapariga* (1/10%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *rapariga* (3/30%), *prostituta* (2/20%), *puta* (2/20%), *mulher da cabaré* (1/10%) e *mulher de rua* (1/10%). No ponto 3 (TI Sororó), mapeiam-se as variantes *rapariga* (5/41,67%), *prostituta* (4/33,33%), *meretriz* (1/8,33%), *puta* (1/8,33%) e *vagabunda* (1/8,33%). No ponto 4 (TI Cana Brava) documentam-se as variantes *prostituta* (5/33,33%), *rapariga* (5/33,33%), *puta* (2/13,33%), *meretriz* (1/6,67%), *puta de rua* (1/6,67%) e *vagabunda* (1/6,67%).

Figura 34 – Carta Lexical 015 – Prostituta



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

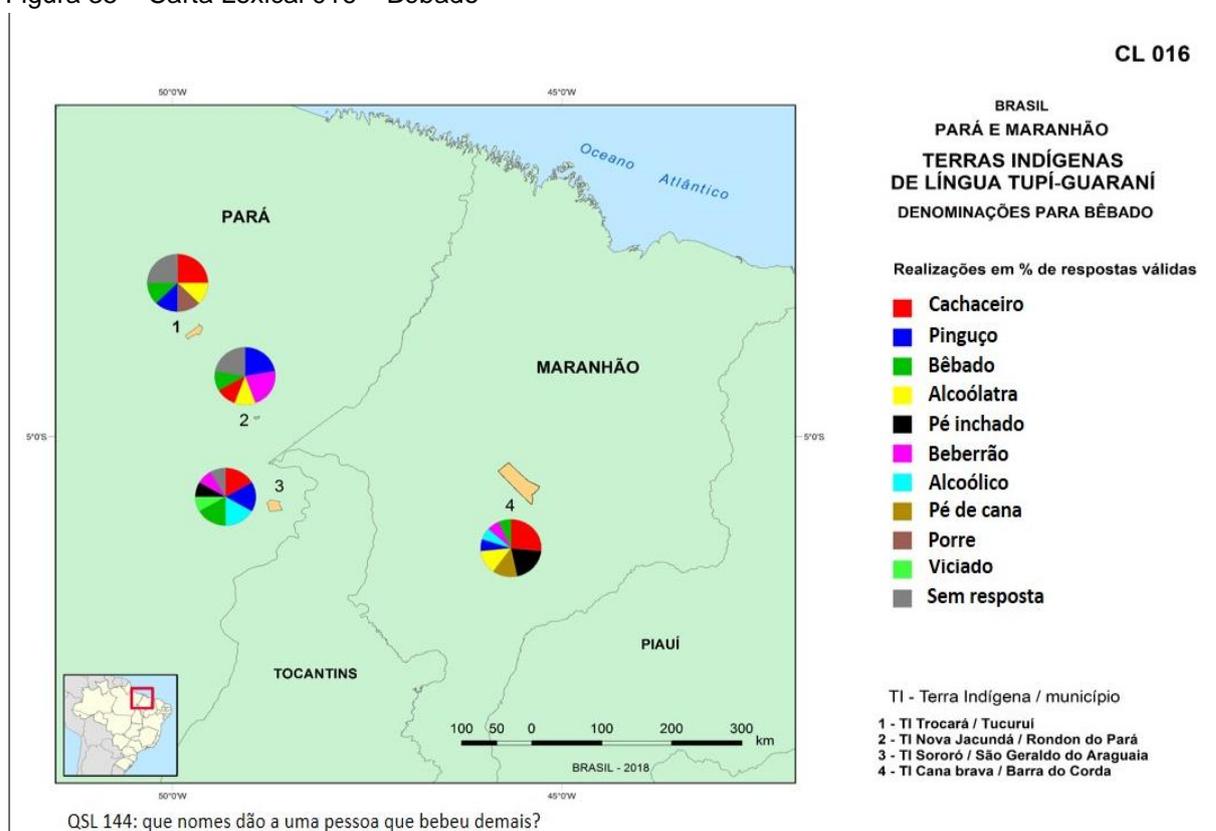
A distribuição diatópica das variantes cartografadas para a mulher que se vende para qualquer homem mostra que a unidade lexical *prostituta* distribuiu-se por toda a área investigada, sendo menos frequente nos pontos 1 (TI Trocará) e 2 (TI Nova Jacundá). A carta lexical 015 mostra também que a expressividade dialetal do item lexical *prostituta* tende a não ser significativa, tendo em vista a diversidade lexical documentada. Essa diversidade lexical também é observada no português brasileiro não indígena por meio da carta L15 do *ALiB* (CARDOSO *et al.*, 2014b). Devido a esse fato, optou-se por não apresentar o quadro comparativo.

### 5.2.16 Bêbado

A carta lexical 016 – bêbado (figura 35) apresenta um total de 10 variantes lexicais, sendo *cachaceiro* a mais frequente, com 9 (20,45%) ocorrências, seguida de *pinguço* (6/13,64), *bêbado* (5/11,36%), *pé inchado* (4/9,09%), *alcoólatra* (4/9,09%), *beberrão* (4/9,09%), *alcóólico* (3/6,82), *pé de cana* (2/4,55%), *viciado* (2/27%) e *porre* (2/27%). No ponto 1 (TI Trocará), registram-se as variantes

*cachaceiro* (2/25%), *alcoólatra* (1/12,50%), *porre* (1/12,50%), *pinguço* (1/12,50%) e *bêbado* (1/12,50%). No Ponto 2 (TI Cana Brava), ocorrem as variantes *pinguço* (2/22,22%), *beberrão* (2/22,22%), *alcoólatra* (1/11,11%), *cachaceiro* (1/11,11%) e *bêbado* (1/11,11%). No ponto 3 (TI Sororó), mapeiam-se as variantes *cachaceiro* (2/16,67%), *pinguço* (2/16,67%), *alcoólico* (2/16,67%), *bêbado* (2/16,67%), *viciado* (1/8, 33%), *pé inchado* (1/8, 33%) e *beberrão* (1/8, 33%). No ponto 4 (TI Nova Jacundá), mapeiam-se as variantes *cachaceiro* (4/26,67%), *pé inchado* (3/20%), *pé de cana* (2/13,33%), *alcoólatra* (2/13,33%), *pinguço* (1/6,67%), *alcoólico* (1/6,67%), *beberrão* (1/6,67%) e *bêbado* (1/6,67%).

Figura 35 – Carta Lexical 016 – Bêbado



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

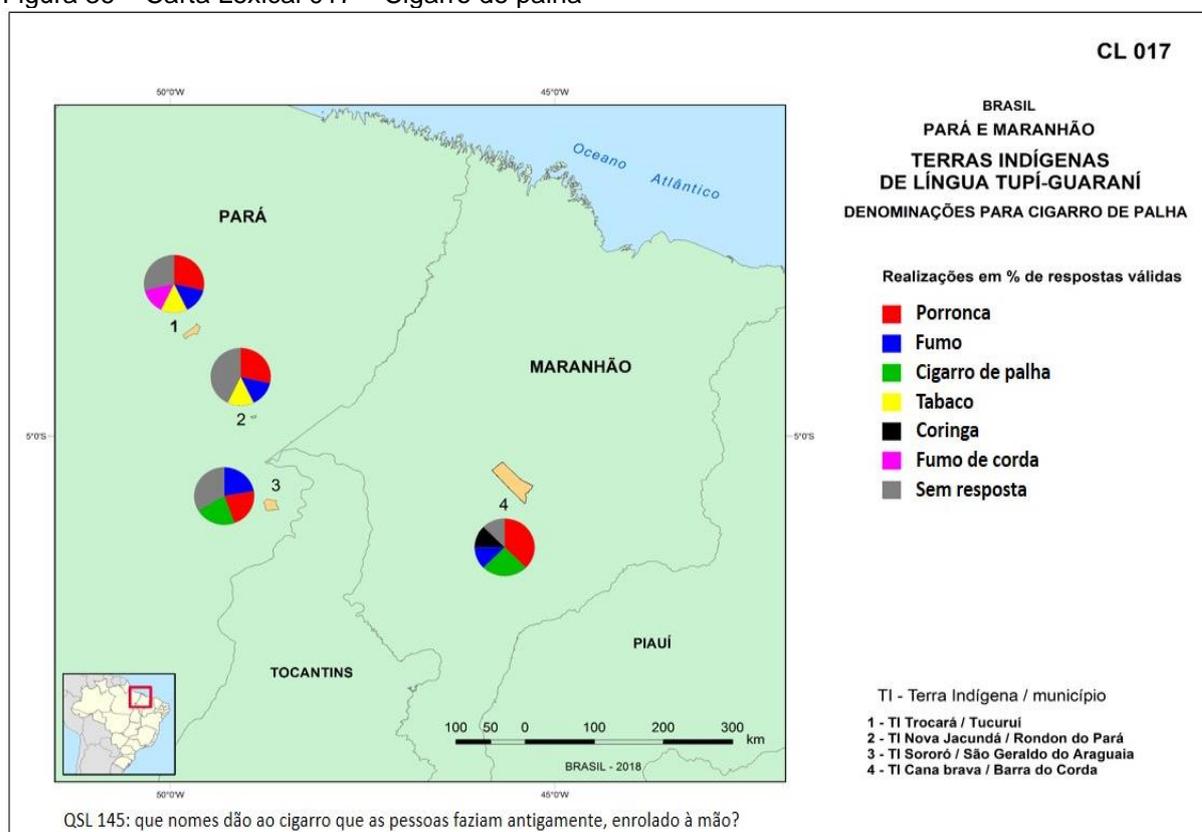
A distribuição diatópica das variantes documentadas para a pessoa que bebeu demais demonstra que a variante *cachaceiro* distribui-se por toda a área geográfica analisada, sendo mais frequente nos pontos 1 (TI Trocará) e 4 (TI Cana Brava). A carta lexical 016 mostra também que a expressividade dialetal do item lexical *bêbado* tende a não ser significativa, tendo em vista a quantidade de variantes lexicais cartografadas. As cartas lexicais 236, de Guedes (2012), e 236, de

Gomes (2013), mostram a mesma diversificação lexical. Devido a esse fato, optou-se por não apresentar o quadro comparativo.

### 5.2.17 Cigarro de palha

A carta lexical 017 – Cigarro de palha (figura 36) apresenta um total de 6 variantes lexicais, sendo *porronca* a mais frequente, com 9 (29,03%) ocorrências, seguida de *fumo* (5/16,13%), *cigarro de palha* (12,90%), *tabaco* (2/6,45), *coringa* (1/3,23%) e *fumo de corda* (1/3,23%). No ponto 1 (TI Trocará), mapeiam-se as variantes *porronca* (2/28,57%), *fumo* (1/14, 29%), *tabaco* (1/14, 29%) e *fumo de corda* (1/14, 29%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *porronca* (2/28,57%), *fumo* (1/14,29%) e *tabaco* (1/14,29%). No ponto 3 (TI Sororó), ocorrem as variantes *fumo* (2/2,22%), *porronca* (2/2,22%) e *cigarro de palha* (2/2,22%). No ponto 4 (TI Cana Brava), registram-se as variantes *porronca* (3/37,50%), *cigarro de palha* (2/25%), *fumo* (1/12,50%) e *coringa* (1/12,50%).

Figura 36 – Carta Lexical 017 – Cigarro de palha



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para o cigarro que se fazia antigamente enrolado à mão demonstra que unidade lexical *porronca* distribui-se por todo o espaço geográfico analisado, sendo mais frequente no ponto 4 (TI Cana Brava).

Em continuação ao estudo da variante lexical *porronca*, compararam-se os dados deste estudo com os dados do ALiB (quadro 31), com intuito de verificar o seu registro nas variedades indígena (português falado nas TIs) e não indígena (português falado nas capitais) da língua portuguesa.

Quadro 31 – Comparação de dados – Cigarro de palha

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			(ALiB/Capitais)		ÁREA INDÍGENA
	TI Trocará	TI N. Jacundá	TI Sororó	Belém	São Luís	TI C. Brava
Porronca	S+	S+	S+	S+	S	S+
Fumo	S	S	S	N	N	S
Cigarro de palha	N	N	S	S	S	S
Tabaco	S	S	N	N	N	N
Coringa	N	N	N	N	N	S
Fumo de corda	S	N	N	N	N	N

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

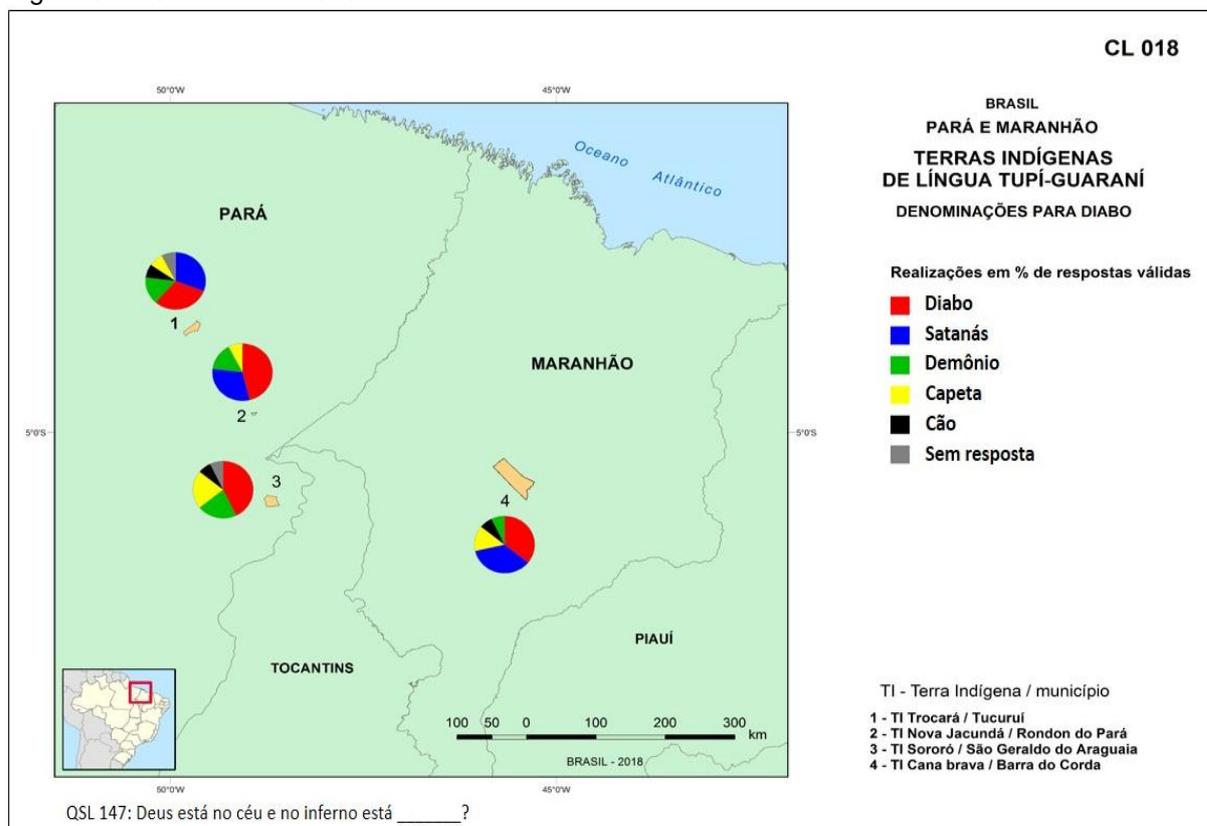
Observa-se que os dados das pesquisas, referentes à Belém, coadunam, haja vista que, de modo geral, a variante lexical *porronca* tende a caracterizar o português falado por indígenas no Sudeste paraense indígena e também é predominante na capital. Em São Luís, predomina a unidade lexical *cigarro de palha*, conforme apêndice A, enquanto que na TI Cana Brava é mais recorrente *porronca*. Nas capitais, documentam-se ainda *cigarro de tabaco*, em Belém e São Luís, e *cigarro de fumo*, em São Luís, conforme apêndice A.

## 5.2.18 Diabo

A carta lexical 018 – Diabo (figura 37) apresenta um total de 5 variantes lexicais, sendo *diabo* a mais frequente, com 21 (38,89%) ocorrências, seguida de *satanás* (13/24,07%), *demônio* (8/14,81%), *capeta* (7/12,96%) e *cão* (3/5,56%). No

ponto 1 (Trocará), mapeiam-se as variantes *satanás* (4/30,77%), *diabo* (4/30,77%), *demônio* (2/15,38%), *cão* (1/7,69%) e *capeta* (1/7,69%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá) registram-se as variantes *diabo* (6/45,15%), *satanás* (4/30,77%), *demônio* (2/15,38%) e *capeta* 1 (7,69%). No ponto 3 (TI Sororó), ocorrem as variantes *diabo* (6/42,86%), *demônio* (3/21,43%), *capeta* (3/21,43%) e *cão* (1/7,14%). No ponto 4 (TI Cana Brava), registram-se as variantes *diabo* (5/35,71%), *satanás* (5/35,71%), *capeta* (2/14,29%), *cão* (1/7,14%) e *demônio* (1/7,14%).

Figura 37 – Carta Lexical 018 – Diabo



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para a entidade que se costuma dizer que está no inferno demonstra que a unidade lexical *diabo* distribuiu-se por todos os pontos pesquisados, sendo mais frequente nos pontos 2 (TI Nova Jacundá) e 3 (TI Sororó).

Em prosseguimento ao estudo da variante *diabo*, compararam-se os dados analisados neste estudo com os dados do ALeSPA (quadro 32), com intuito de verificar o comportamento da referida variante nas variedades indígena (português falado na nas TIs paraenses) e não indígena (português falado em municípios

localizados na mesma região onde se localizam os indígenas das etnias Asuriní, Guaraní, Sororó e Guajajara) da língua portuguesa.

Quadro 32 – Comparação de dados – Diabo

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Diabo	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+
Satanás	S	S	N	S	S	N	S	S	N	S	N
Demônio	S	S	S	S	S	N	S	N	S	N	S
Capeta	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	N
Cão	S	N	S	S	S	N	N	S	S	S	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P1 (TI Trocará), P2 (TI Nova Jacundá), P3 (TI Sororó), P4 (Redenção) P5 (Conceição do Araguaia)  
P6 (Tucuruí), P7 (Itupiranga), P8 (São João do Araguaia), P9 (Curianópolis), P10 (São Félix do Xingu), P11 (Santana do Araguaia).

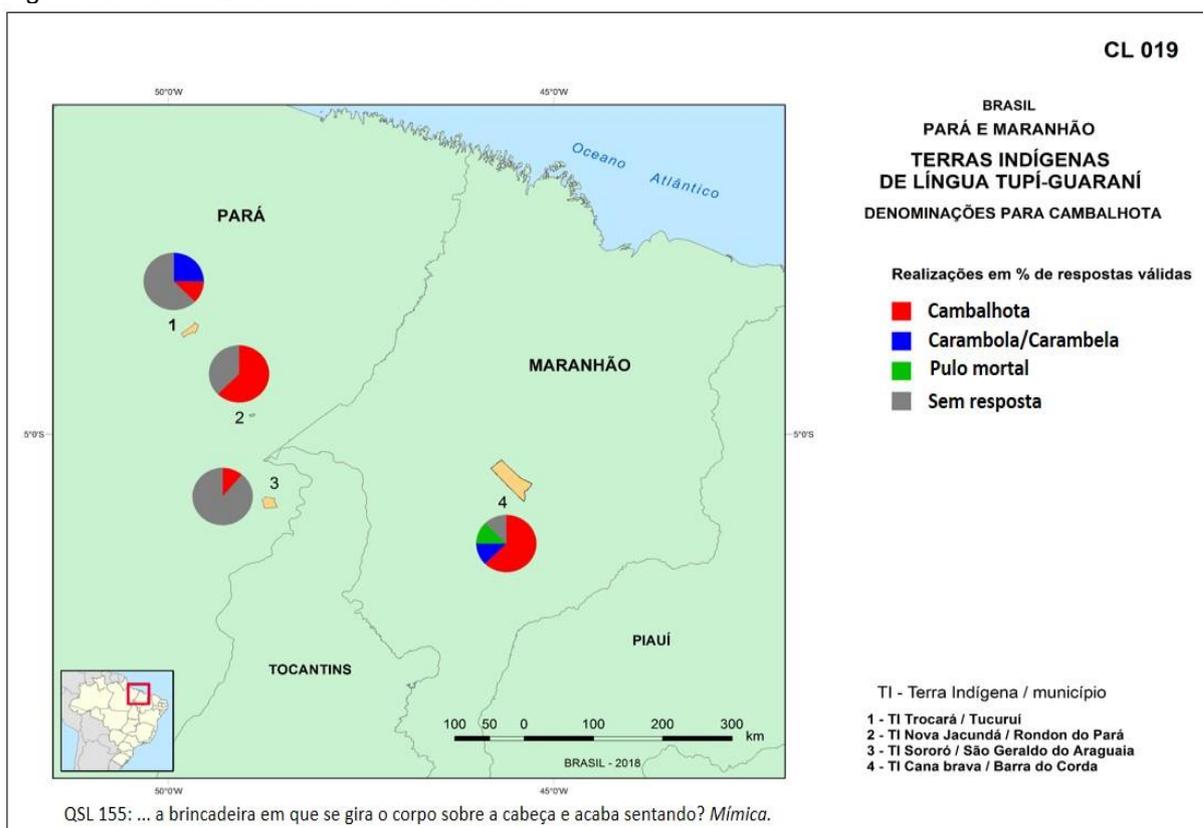
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados das pesquisas coadunam, uma vez que a variante *diabo* tende a caracterizar o português falado tanto na área indígena quanto na área não indígena. No Sudeste Paraense não indígena ocorrem ainda as lexias *uomila*, em Conceição do Araguaia (P5); *inimigo*, em Conceição do Araguaia (P5) e São João do Araguaia (P8); *lúcifer*, em Itupiranga (P7) e São Félix do Xingu e *capitote*, em Curianópolis (P9), conforme apêndice B.

### 5.2.19 Cambalhota

A carta lexical 019 – Cambalhota (figura 38) apresenta um total de 3 variantes lexicais, sendo *cambalhota* a mais frequente, com 12 (36,36%) ocorrências, seguida de *carambola/carambela* (3/9,09%) e pulo mortal (1/3,03%). No ponto 1 (TI Trocará) ocorrem as variantes *carambola/carambela* (2/25%) e *cambalhota* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registra-se apenas a variante *cambalhota* (5/62,50%). No ponto 3 (TI Sororó), ocorre, assim como no ponto 2, somente a variante *cambalhota* (1/11,11%). No ponto 4 (TI Cana Brava), documentam-se as variantes *cambalhota* (5/62,50%), *carambola/carambela* (1/12,50%) e *pulo mortal* (1/12,50%).

Figura 38 – Carta Lexical 019 – Cambalhota



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes cartografadas para a brincadeira em que uma criança gira o corpo por cima da cabeça e cai sentada mostra que a unidade lexical *cambalhota* dispersa-se por toda a área analisada, sendo mais frequente no ponto 4 (TI Cana Brava).

A *cambalhota* costuma ser uma brincadeira comum entre as crianças não indígenas. A quantidade de não resposta entre os colaboradores das etnias Asuriní e Suruí põe em evidência que essa brincadeira parece não pertencer ao universo lúdico das crianças desses povos. Esse não pertencimento implica na fala dos adultos que também tendem a desconhecer uma forma lexical para designar a brincadeira *cambalhota*, como pode mostrar a carta CL 019c<sup>58</sup>.

Em prosseguimento ao estudo da variante *cambalhota*, compararam-se os dados deste estudo com os dados do ALiB (quadro 33), com o intuito de verificar o registro dessa variante nas variedades indígenas (português falado entre os indígenas paraenses e maranhenses) e não indígena (português falado nas capitais) da língua portuguesa.

<sup>58</sup> Disponível no tomo II.

Quadro 33 – Comparação de dados – Cambalhota

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			(ALiB/Capitais)		ÁREA INDÍGENA
	TI Trocará	TI N. Jacundá	TI Sororó	Belém	São Luís	TI C. Brava
Cambalhota	S	S+	S+	S+	S	S+
Carambola/Carambela	S	N	N	S	S	S
Pulo mortal	N	N	N	N	S	S

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto

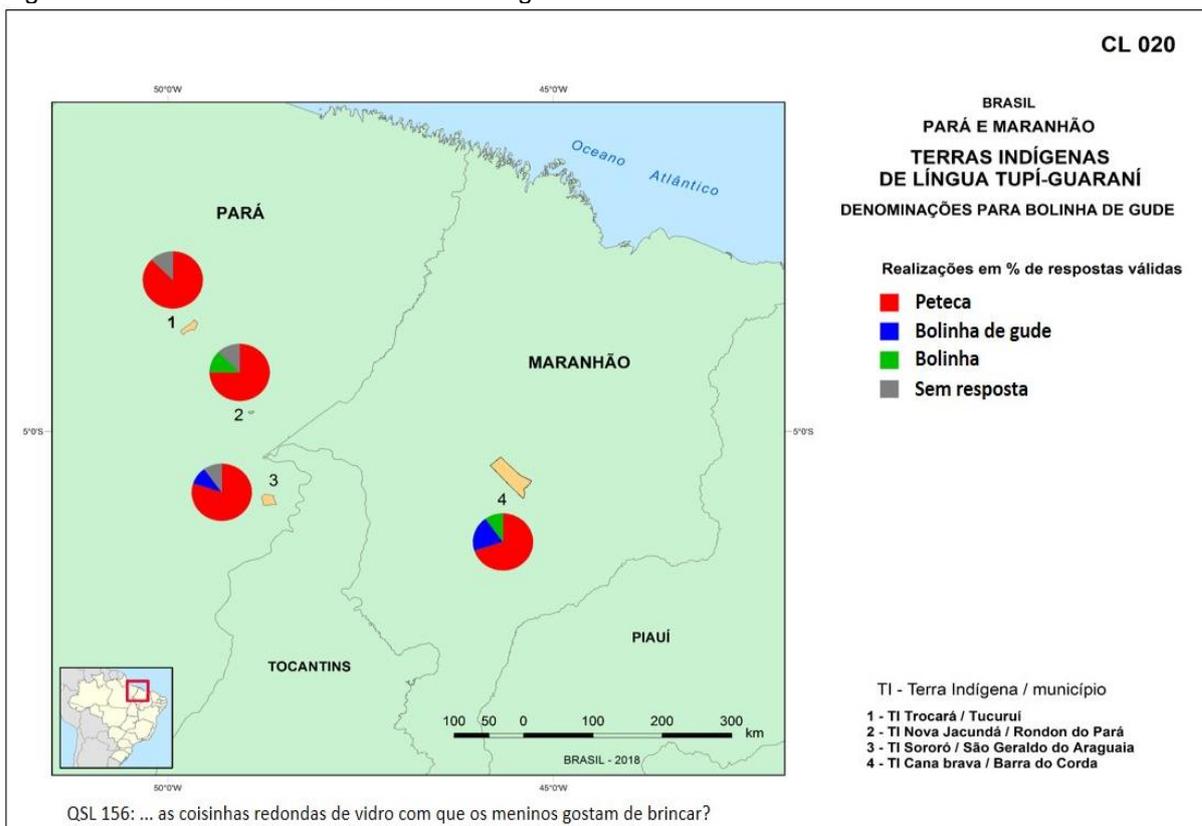
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se, com relação a área paraense, que os dados das pesquisas coadunam, haja vista que a variante lexical *cambalhota* tende a caracterizar o português falado no Sudeste paraense indígena pesquisado e em Belém. Com relação ao Maranhão, observa-se que na TI Cana Brava prevalece a unidade lexical *cambalhota* enquanto que na capital São Luís predomina a denominação *carambela*, de acordo com apêndice A. Nas capitais, em São Luís, documenta-se, ainda, a variante *pirueta*, conforme apêndice A.

### 5.2.20 Bolinha de gude

A carta lexical 020 – Bolinha de gude (figura 39) apresenta um total de 3 variantes lexicais, sendo *peteca* a mais frequente, com 28 (77,78%) ocorrências, seguida de bolinha de gude (3/8,33%) e bolinha (2/5,56%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorre apenas a variante *peteca* (7/87,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *peteca* (2/75%) e *bolinha* (1/12,50%). No ponto 3 (TI Sororó), mapeiam-se as variantes *peteca* (8/80%) e *bolinha de gude* (1/10%). No ponto 4 (TI Cana Brava), documentam-se as variantes *peteca* (7/70%), *bolinha de gude* (2/20%) e *bolinha* (1/10%).

Figura 39 – Carta Lexical 020 – Bolinha de gude



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes documentadas para as coisinhas de vidro com as quais os meninos gostam de brincar demonstra que a unidade lexical *peteca* distribuiu-se por toda a área geográfica analisada e é predominante em todas as TIs.

Em continuidade ao estudo da variante lexical *peteca*, compararam-se os dados deste estudo com os do ALiB (quadro 34), com o intuito de verificar o registro dessa variante nas variedades indígenas (português falado nas TIs Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava) e não indígena (português falado nas capitais) da língua portuguesa.

Quadro 34 – Comparação de dados – Bolinha de gude

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			(ALiB/Capitais)		ÁREA INDÍGENA
	TI Trocará	TI N. Jacundá	TI Sororó	Belém	São Luís	TI C. Brava
Peteca	S+	S+	S+	S+	S+	S+
Bolinha de gude	N	S	S	N	S	S
Bolinha	N	S	N	N	N	S

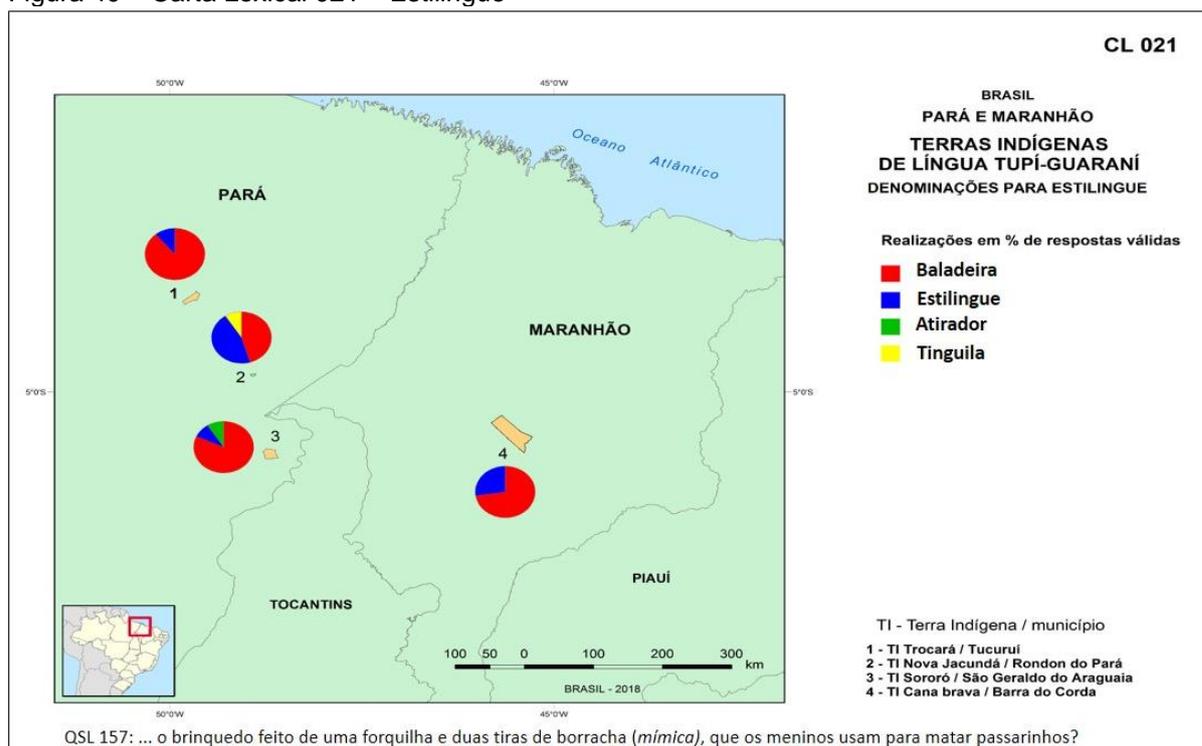
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados de ambas as pesquisas complementam-se, uma vez que a variante *peteca* tende a caracterizar o português falado no Sudeste paraense indígena e na capital Belém. Do mesmo modo, a unidade lexical *peteca* particulariza o português falado na TI Cana Brava e em São Luís. Nas capitais, em São Luís, documenta-se ainda a variante *bola de gude*, conforme apêndice A.

### 5.2.21 Estilingue

A carta lexical 021 – Estilingue (figura 40) apresenta um total de 4 variantes lexicais, sendo *baladeira* a mais frequente, com 30 (71,43%) ocorrências, seguida de *estilingue* (10/23,81%), *atirador* (1/2,38%) e *tinguila* (1/2,38%). No ponto 1 (TI Trocará), registram-se as variantes *baladeira* (8/88,89%) e *estilingue* (1/11,11%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), mapeiam-se as variantes *baladeira* (5/45,45%), *estilingue* (5/45,45%) e *tinguila* (1/0,09%). No ponto 3 (TI Sororó), ocorrem as variantes *baladeira* (9/81,89%), *estilingue* (1/0,09%) e *atirador* (1/0,09%). No ponto 4 (TI Cana Brava), documentam-se *baladeira* (8/72,73%) e *estilingue* (3/27,27%).

Figura 40 – Carta Lexical 021 – Estilingue



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes cartografadas para denominar o brinquedo feito de duas tiras de borracha e usado para matar passarinhos demonstra que a unidade lexical *baladeira* distribui-se por toda a área geográfica analisada, com a mesma frequência da variante lexical *estilingue* somente no ponto 2 (TI Nova Jacundá).

Em continuidade ao estudo da variante lexical *baladeira*, compararam-se os dados deste estudo com os do ALeSPA (quadro 35), com intuito de verificar o registo dessa variante nas variedades indígena (português falado nas TIs Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava) e não indígena (português falado em municípios paraenses localizados na mesma mesorregião das TIs consideradas) da língua portuguesa.

Quadro 35 – Comparação de dados – Estilingue

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Baladeira	S+	S+	S+	S	S	S+	S+	S+	S+	S+	S+
Estilingue	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Atirador	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N
Tinguila	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P1 (TI Trocará), P2 (TI Nova Jacundá), P3 (TI Sororó), P4 (Redenção) P5 (Conceição do Araguaia)  
P6 (Tucuruí), P7 (Itupiranga), P8 (São João do Araguaia), P9 (Curianópolis), P10 (São Félix do Xingu), P11 (Santana do Araguaia).

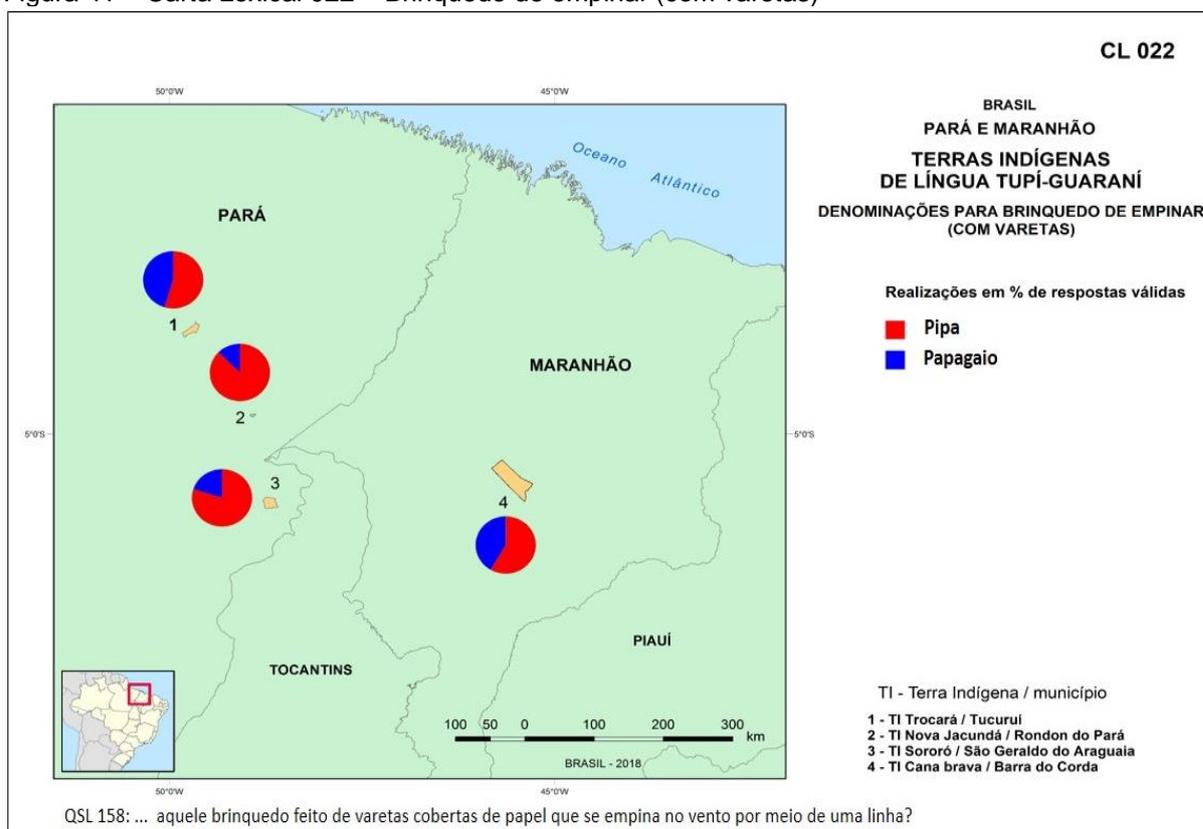
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados dos estudos coadunam, tendo em vista que a variante lexical *baladeira* tende a caracterizar o português falado no Sudeste Paraense indígena e não indígena.

### 5.2.22 Brinquedo de empinar (com varetas)

A carta lexical 022 – Brinquedo de empinar (com varetas) (figura 41) apresenta um total de 2 variantes lexicais, sendo *pipa* a mais frequente, com 28 (68,29%) ocorrências, seguida de *papagaio* (13/31,71%). No ponto 1 (TI Trocará), mapeiam-se as variantes *pipa* (6/54,55%) e *papagaio* (5/45,45%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), documentam-se as variantes *pipa* 7(87,50%) e *papagaio* (1/12,50%). No ponto 3 (TI Sororó), ocorrem as variantes *pipa* (8/80%) e *papagaio* (2/20%). No Ponto 4 (TI Cana Brava), ocorrem as variantes *pipa* (7/58,33%) e *papagaio* (5/41,67%).

Figura 41 – Carta Lexical 022 – Brinquedo de empinar (com varetas)



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes documentadas para o brinquedo feito de varetas e que se empina ao vento por meio de uma linha demonstra que a unidade lexical *pipa* distribui-se por toda a área geográfica investigada e predomina em todas as TIs.

Em continuidade ao estudo da variante lexical *pipa*, compararam-se os dados desta pesquisa com os dados do ALiB (quadro 36), com intuito de verificar o registro dessa variante nas variedades indígena (português falado nas TIs analisadas) e não indígena (português falado nas capitais) da língua portuguesa.

Quadro 36 – Comparação de dados – Brinquedo de empinar (com varetas)

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			(ALiB/Capitais)		ÁREA INDÍGENA
	TI Trocará	TI N. Jacundá	TI Sororó	Belém	São Luís	TI C. Brava
Pipa	S+	S+	S+	S	S	S+
Papagaio	S	S	S	S	S	S

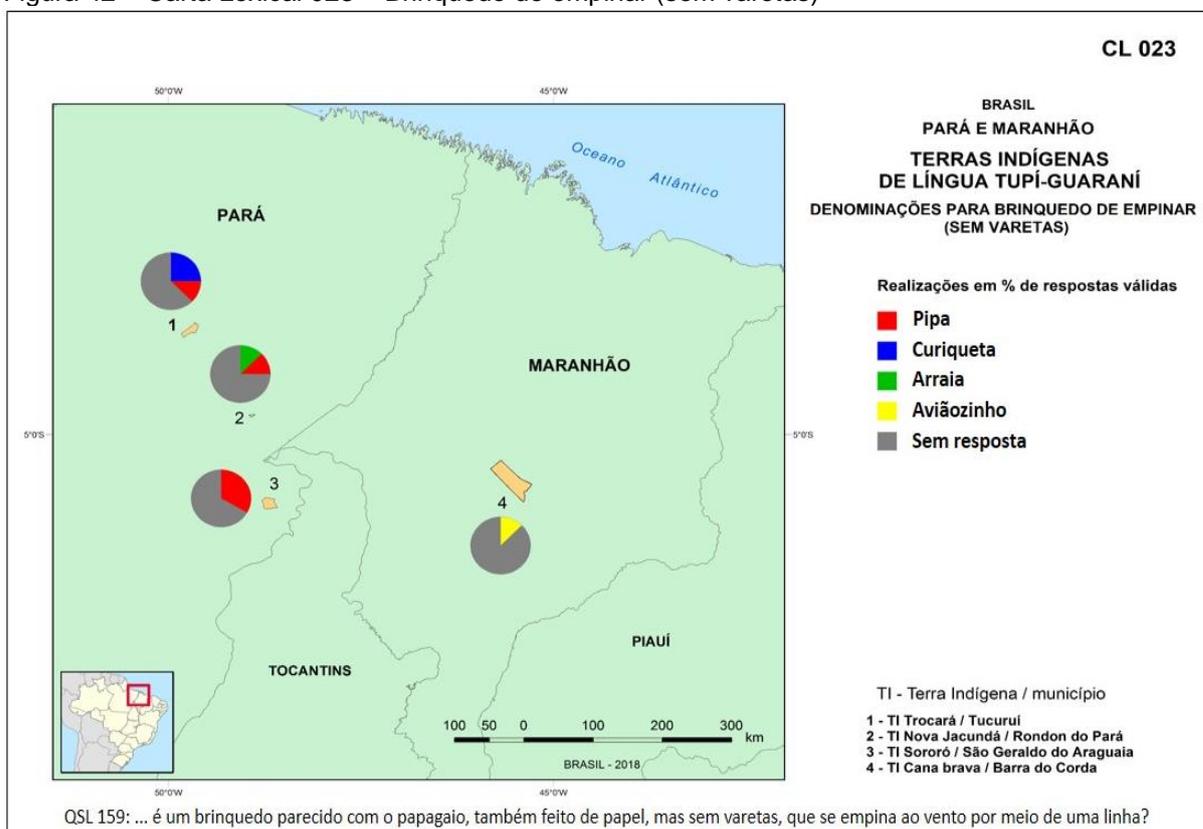
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que a variante lexical *pipa* tende a caracterizar o português falado em ambas as áreas indígenas. Já nas capitais, Belém e São Luís, é mais frequente a unidade lexical *papagaio*, conforme apêndice A. Neste caso, pode-se dizer que o item lexical *pipa* tende a marcar uma diferenciação dialetal entre as áreas indígenas e as capitais dos respectivos estados em que se inserem.

### 5.2.23 Brinquedo de empinar (sem varetas)

A carta lexical 023 – Brinquedo de empinar (sem varetas) (figura 42) apresenta um total de 4 variantes lexicais, sendo *pipa* a mais frequente, com 5 (15,15%) ocorrências, seguida de *curiqueta* (2/6,06%), *arraia* (1/3,03%) e (1/3,03%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *curiqueta* (2/25%) e *pipa* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *pipa* (1/12,50%) e *arraia* (1/12,50%). No ponto 3 (TI Sororó), mapeia-se somente a variante *pipa* (3/33,33%). No ponto 4 (TI Cana Brava), documenta-se apenas a variante *aviãozinho* (1/12,50%).

Figura 42 – Carta Lexical 023 – Brinquedo de empinar (sem varetas)



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes registradas para o brinquedo parecido com o papagaio, também feito de papel, mas sem varetas demonstra que a unidade lexical *pipa* distribuiu-se por toda a área investigada, com exceção do ponto 4 (TI Cana Brava), mas com baixa frequência.

A carta 023c<sup>59</sup>, referente a distribuição diageracional de *pipa*, demonstra que o índice de não resposta foi de 100% entre as crianças Guaraní, Suruí e Guajajara entrevistadas, o que demonstra que esse brinquedo não é comum ao universo lúdico das mesmas.

Em termos de pesquisas dialetológicas, consultou-se os estudos de Portilho (2013), que tratou do falar amazônico a partir da proposta de Nascentes (1953), tendo como base o léxico (campo semântico jogos e diversões infantis), e o de Ribeiro (2012), que trata dos brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano. Em ambas as pesquisas a questão 158, referente ao brinquedo de empinar (sem varetas), foi produtiva, com o registro de mais de dez variantes lexicais, mas não consta o registro da variante curiqueta.

No ALiB Cardoso *et al.* (2014b), que descreve a variação lexical no português brasileiro, a questão 158 do QSL também acolhe um bom número de variantes lexicais. Devido a situação do registro da variante *pipa* no português falado por indígenas, optou-se por não proceder a análise comparativa.

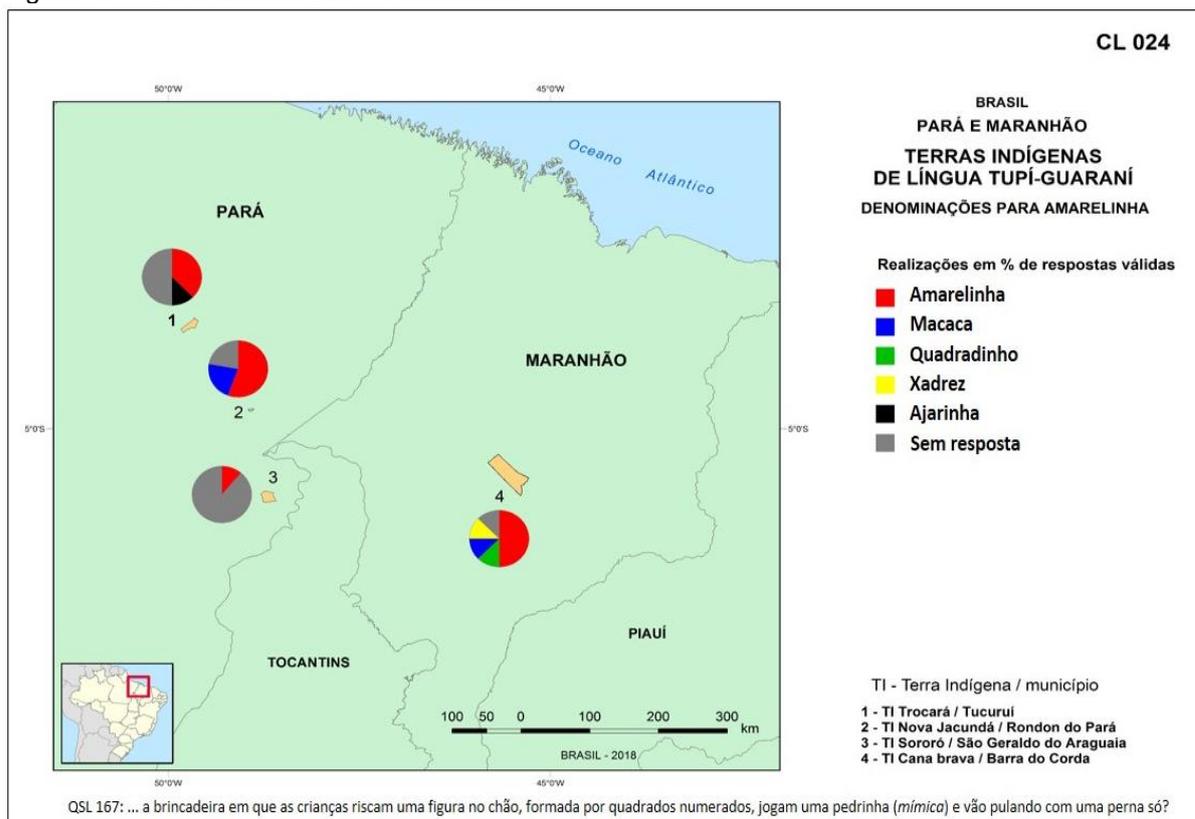
#### 5.2.24 Amarelinha

A carta lexical 024 – Amarelinha (figura 43) apresenta um total de 5 variantes lexicais, sendo *amarelinha* a mais frequente, com 13 (38,24%) ocorrências, seguida de *macaca* (3/8,82%), *quadrado* (1/2,94%), *xadrez* (1/2,94%) e *ajarinha* (1/2,94%). No ponto 1 (TI Trocará), ocorrem as variantes *amarelinha* (3/37,50%) e *ajarinha* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registram-se as variantes *amarelinha* (5/55,56%) e *macaca* (2/22,22%). No ponto 3 (TI Sororó), mapeia-se apenas a variante *amarelinha* (1/11,11%). No ponto 4 (TI Cana Brava), documentam-se as variantes *amarelinha* (4/50%), *quadrado* (1/12,50%), *xadrez* (1/12,50%) e *macaca* (1/12,50%).

---

<sup>59</sup> Disponível no Tomo II.

Figura 43 – Carta Lexical 024 – Amarelinha



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes documentadas para a brincadeira em que uma criança risca uma figura no chão formada por quadrados e vão pulando de uma perna só demonstra que a unidade lexical *amarelinha* distribui-se por toda a área analisada, sendo menos recorrente no ponto 3 (TI Sororó), onde essa brincadeira parece não integrar o universo de jogos infantis das crianças Suruí.

Em continuidade ao estudo da variante lexical *amarelinha*, compararam-se os dados deste estudo com os dados do ALiB (quadro 37), com o intuito de verificar o registro dessa variante nas variedades indígena (português falado nas TIs) e não indígena (português falado nas capitais) da língua portuguesa.

Quadro 37 – Comparação de dados – Amarelinha

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			(ALiB/Capitais)		ÁREA INDÍGENA
	TI Trocará	TI N. Jacundá	TI Sororó	Belém	São Luís	TI C. Brava
Amarelinha	S+	S+	S+	S+	S+	S+
Macaca	N	S	N	S	N	S
Quadrado	N	N	N	N	N	S
Xadrez	N	N	N	N	N	S
Ajarinha	S	N	N	N	N	N

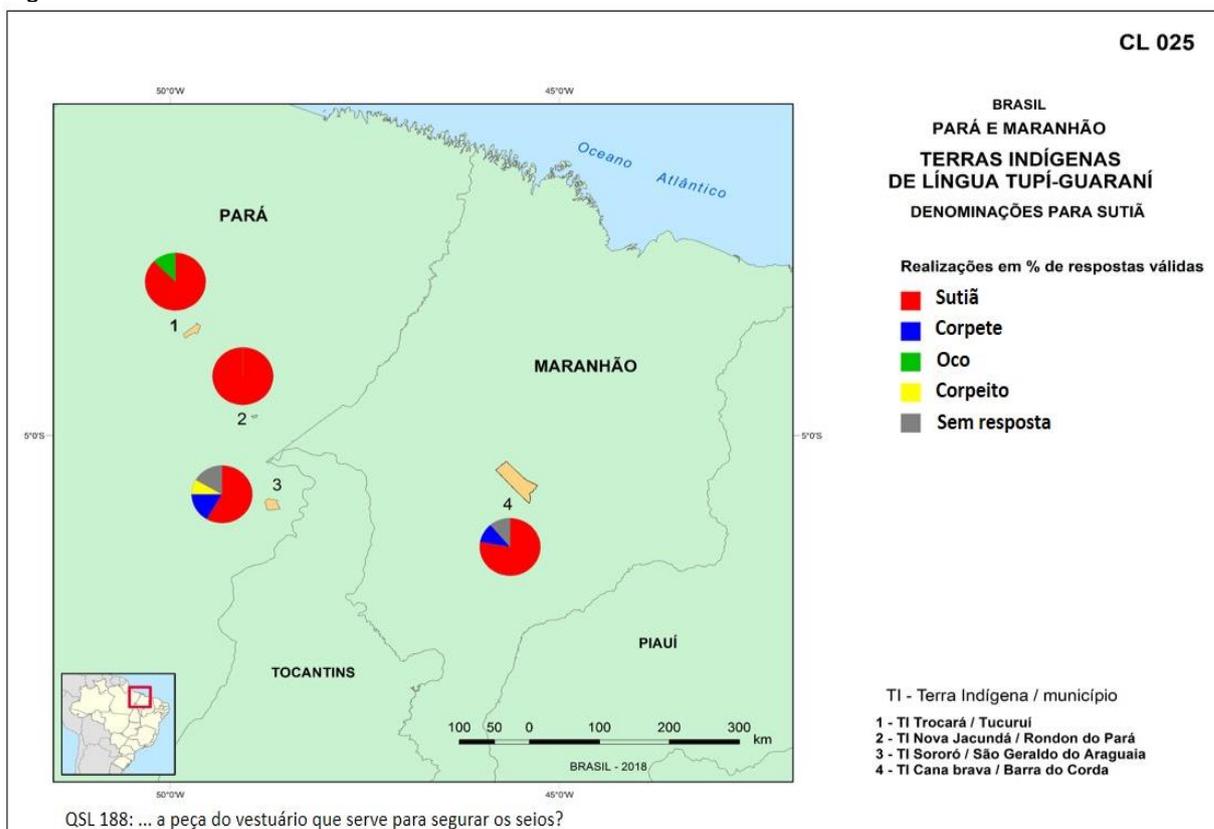
Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados de ambas as pesquisas coadunam, haja vista que a variante lexical *amarelinha* tende a caracterizar o português falado tanto no Sudeste Paraense indígena quanto na capital paraense. Isso também ocorre em relação a TI Cana Brava e São Luís. Na capital maranhense, além de *amarelinha*, registra-se a variante lexical *cancão*, conforme apêndice A.

### 5.2.25 Sutiã

A carta lexical 025 – Sutiã (figura 44) apresenta um total de 4 variantes lexicais, sendo *sutiã* a mais frequente, com 29 (78,38%) ocorrências, seguida de *corpete* (3/8,11%), *oco* (1/2,70%) e *corpeito* (1/2,70%). No ponto 1 (TI Trocará), mapeiam-se as variantes *sutiã* (7/87,50%) e *oco* (1/12,50%). No ponto 2 (TI Nova Jacundá), registra-se apenas a variante *sutiã* (8/100%). No ponto 3 (TI Sororó), documentam-se as variantes *sutiã* (7/58,33%), *corpete* (2/16,67%) e *corpeito* (1/8,33%). No ponto 4 (TI Cana Brava), ocorrem as variantes *sutiã* (7/77,78%) e *corpete* (1/11,11%).

Figura 44 – Carta Lexical 025 – Sutiã



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa (2018).

A distribuição diatópica das variantes documentadas para a peça do vestuário que segura os seios demonstra que a unidade lexical *sutiã* distribuiu-se por toda a área geográfica analisada e predomina em todos os pontos.

Em prosseguimento ao estudo da variante *sutiã*, comparou-se os dados analisados neste estudo com os dados do ALeSPA (quadro 38), com o intuito de verificar o comportamento da referida variante nas variedades indígena (português falado nas TIs Trocará, Nova Jacundá e Sororó) e não indígena (português falado em municípios localizados na mesma região onde se localiza a referida TI) da língua portuguesa.

Quadro 38 – Comparação de dados – Sutiã

LEXIAS	ÁREA INDÍGENA			ÁREA NÃO INDÍGENA (Estudos/ALeSPA)							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11
Sutiã	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+	S+
Oco	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
Corpete	N	N	S	N	N	S	S	N	N	N	N
Corpeito	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N

Legenda: S = Item lexical registrado no ponto N = Item lexical não registrado no ponto P = Ponto  
P1 (TI Trocará), P2 (TI Nova Jacundá), P3 (TI Sororó), P4 (Redenção) P5 (Conceição do Araguaia)  
P6 (Tucuruí), P7 (Itupiranga), P8 (São João do Araguaia), P9 (Curianópolis), P10 (São Félix do Xingu), P11 (Santana do Araguaia).

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa (2018).

Observa-se que os dados coadunam, haja vista que a unidade lexical *sutiã* caracteriza o português falado no Sudeste paraense indígena e não indígena.

Nesta seção, descreveu-se o léxico do português falado por indígenas das etnias Asuriní do Tocantins, Guaraní Mbyá, Suruí Aikewára e Guajajára e realizou-se um estudo comparativo entre o léxico desse português (dados desta pesquisa) e o léxico do português falado por não indígenas de localidades situadas no mesmo espaço geográfico em que se situam as TIs consideradas neste estudo (dados do ALiB, do ALeSPA e do ALiMA).

Quanto à descrição lexical, percebeu-se, com base no *corpus* analisado, quatro tendências lexicais: a das variantes menos frequentes, evidenciada pelas cartas CL 010 (libélula) e CL 023 (brinquedo de empinar (sem varetas)); a das variantes que tendem a não ter expressão dialetal, comprovada por meio das cartas CL 015 (prostituta) e CL 016 (bêbado); a das variantes locais que, neste caso, foram

indicadas por meio das cartas CL 023 (garoa) e CL 009 (galinha d'angola) e, por fim, a do contínuo lexical, refletida pela maioria das cartas, dentre as quais citam-se, como exemplo, as cartas CL 001 (ponte), CL 020 (bolinha de gude) e CL 022 (brinquedo de empinar (com varetas), mais homogêneo, tendo em vista que essas variantes predominam em todas as variedades étnicas analisadas, e CL 005 (tangerina) e CL 012 (carapanã), menos homogêneo, tendo em vista uma diferenciação dialetal marcada em certo ponto do contínuo, por meio das quais conseguiu-se confirmar a primeira hipótese deste estudo.

Com relação ao estudo comparativo, confrontaram-se os dados deste estudo com os do *ALiB* e os de estudos realizados no âmbito do *ALeSPA* e do *ALiMA*. Neste sentido, ressalta-se que foram consideradas e consultadas 9 cartas semântico-lexicais do *ALiB*; 9 cartas semântico-lexicais experimentais do *ALeSPA*, produzidas comumente por Guedes (2012) e Gomes (2013), e 7 quadros analíticos provenientes de artigos científicos publicados pela equipe de pesquisadores do *ALiMA*, além do próprio banco de dados desse projeto, em relação ao município de Tuntum, para os itens lexicais penca, bananas gêmeas e inflorescência da bananeira.

Na perspectiva do *ALiB*, objetivou-se verificar o português falado por indígenas das etnias Asuriní do Tocantins, Guaraní Mbyá, Suruí Aikewára e Guajajara em relação ao português falado nas capitais (Belém e São Luís), numa perspectiva nacional. Foram considerados os seguintes itens lexicais: libélula, bicho da goiaba, prostituta, cigarro de palha, cambalhota, bolinha de gude, brinquedo de empinar (com varetas), brinquedo de empinar (sem varetas) e amarelinha. Desses itens, porronca, cambalhota, peteca e amarelinha evidenciam coadunação de dados indígenas e não indígenas.

No âmbito do *ALeSPA*, buscou-se observar o português falado por indígenas em relação ao português falado no espaço geográfico em que se insere, a mesorregião Sudeste Paraense, numa perspectiva regional. Foram considerados os seguintes itens lexicais: redemoinho (de água), garoa, galinha d'angola, carapanã, pessoa sovina, diabo, bêbado, baladeira e sutiã. O resultado evidencia que na grande maioria dos casos as escolhas lexicais de índios e não índios coadunam, destacam-se como exceções os itens lexicais bêbado e angolista, mas ainda assim estes estão documentados em áreas indígenas e não indígenas.

A partir do *ALiMA* procurou-se observar o português falado por indígenas da etnia Guajajara em relação ao português falado no espaço geográfico em que se insere, a mesorregião Centro Maranhense, onde está localizada a TI Cana Brava. Foram considerados os seguintes itens lexicais: ponte, estrela d'alva, tangerina, penca, banana gêmeas, inflorescência da bananeira e corno. O resultado evidencia que na grande maioria dos casos as escolhas lexicais de índios e não índios coadunam, destacam-se como exceções os itens lexicais penca e tangerina, mas ainda assim estes estão documentados em áreas indígenas e não indígenas.

A análise comparativa, de modo geral, demonstra que a configuração linguística dos espaços analisados reflete um contínuo lexical entre as áreas indígena (TIs Trocará/Asuriní, Nova Jacundá/Guaraní, Sororó/Suruí e Cana Brava/Guajajara) e não indígena analisadas (capitais, mesorregião Sudeste Paraense e mesorregião Centro Maranhense).

Essa realidade linguística reflete a longa história de contato dos povos Asuriní, Guaraní, Suruí e Guajajara, cuja comunicação em português acentuou-se ao longo do processo de contato, trocas etc. Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que o contínuo linguístico foi constituindo-se ao longo do tempo com a pressão da língua portuguesa sobre as línguas indígenas.

Nesse contexto, a cultura do branco é cada vez mais absorvida pelos indígenas, o que é observado com rapidez no léxico. Contudo, paralelamente a essa situação, é preciso manter-se índio, pois “ter uma língua viva é prova de ser índio verdadeiro e de ter garantido o acesso à terra de modo mais rápido e uma assistência oficial que, às vezes, os presenteia com um trator, uma ida à Brasília ou tratamento em hospital” (LEITE; FRANCHETTO, 2006, p. 42).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da variação lexical do português falado por indígenas de três etnias do estado do Pará, Asuriní (TI Trocará/Tucuruí), Suruí Aikewára (TI Sororó/São Geraldo do Araguaia) e uma do Maranhão, Guajajara (TI Cana Brava/Barra do Corda), possibilitou, em primeira instância, o preenchimento da lacuna sobre a ausência, no âmbito da geossociolinguística brasileira, de estudos que alcançassem o mapeamento do português falado em áreas indígenas.

Em segunda instância, pontuamos o fato de a cartografia desenvolvida nesta tese, em cuja base estão as dimensões diatópica, diastrática, diagenérica, diageracional e dialingual, ser um registro consistente e amplo do léxico do português falado pelos povos indígenas considerados neste estudo, tendo em vista que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história” (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Em terceira instância, lembramos que o objetivo geral desta tese era o de descrever o léxico do português falado em áreas indígenas nos estados do Pará e Maranhão sob uma perspectiva pluridimensional, o que foi alcançado com a análise de 25 cartas semântico-lexicais.

No que concerne aos objetivos específicos, considerando-se a natureza e o contexto deste estudo, foram estabelecidos três:

- a) Mapear a variação lexical do português falado em áreas indígenas dos Estados do Pará e Maranhão, considerando as dimensões diatópica, diastrática, diagenérica, diageracional e dialingual.

Foram elaboradas 100 cartas semântico-lexicais referentes aos seguintes itens lexicais: ponte e redemoinho (de água) (Acidentes geográficos), Garoa (Fenômenos atmosféricos), estrela d'alva (Astros e tempo), tangerina, penca, bananas gêmeas e extremidade na inflorescência da bananeira (Atividades agropastoris), galinha d'angola, libélula, bicho da fruta e carapanã (Fauna), pessoa sovina, marido enganado, prostituta, bêbado e cigarro de palha (Convívio e comportamento social), diabo (Religião e crenças), cambalhota, bolinha de gude, estilingue, brinquedo de empinar (com varetas) brinquedo de empinar (sem varetas) e amarelinha (Jogos e diversões infantis) e sutiã (Vestuário e acessórios).

- b) Comparar o português falado em áreas indígenas dos Estados do Pará e Maranhão com o português falado em áreas não indígenas localizadas no mesmo espaço geográfico das TIs Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava.

Foram elaborados 21 quadros compativos, contemplado-se a maior parte dos itens lexicais cartografados. Por meio dessa metodologia, foi possível entender melhor a dinâmica lexical em que está inserido o português falado pelos indígenas das etnias Asuriní, Guanani, Suruí e Guajajara e ampliar os resultados desta pesquisa.

- c) Observar a situação de bilinguismo nas TIs Trocará, Nova Jacuná, Sororó e Cana Brava. Esse objetivo foi alcançado por meio da aplicação do questionário sociolinguístico.

Foram analisadas analisadas sete questões do Questionário sociolinguístico (QS): *Com quem você fala LI?* 2) *Com quem você fala português?* e *Como o (a) senhor (a) avalia a LI em termos de língua falada no lugar?* Além disso, foram abordadas mais quatro questões alusivas aos bilinguismo na comunidade: *Todos daqui falam LI? Todos aqui falam PT? O que o senhor (a) espera que o governo faça para preservar a língua da comunidade? E o que a comunidade tem feito para preservá-la?* A aplicação do QS possibilitou melhor compreensão do contexto sociolinguístico no qual se desenvolveu esta pesquisa.

Ainda no âmbito do bilinguismo vale ressaltar a aplicação do QSL voltada para a obtenção da resposta esperada em língua indígena, pois, no total de colaboradores, poucos foram os jovens que conseguiram apropriar-se dela para responder ao referido questionário. Contudo, independentemente da faixa etária, os indígenas têm apreço pelas suas respectivas línguas nativas, entendem a importância das mesmas para eles (enquanto povos indígenas) e são conscientes da perda linguística e cultural pelas quais vêm passando ao longo dos anos, bem como da urgência de ações no sentido de revitalizá-las.

No que tange às hipóteses, confirmou-se que o léxico do português falado nas comunidades indígenas consideradas recebe bastante influência do português falado pelas comunidades não indígenas regionalmente próximas. De fato, durante a realização da pesquisa de campo nas aldeias indígenas, observou-se um contínuo fluxo de pessoas de fora: vendedores, pessoal da saúde, indivíduos que vão para visitar os indígenas, entre outros motivos, para jogar futebol, etc. Além disso, os

indígenas costumam sair frequentemente das aldeias, o que facilita a difusão da língua portuguesa entre eles.

A respeito desse contínuo, é importante ressaltar que não é só o fator linguístico que está em questão, mas também pontos de natureza histórico-cultural. A inserção dos indígenas no mundo dos brancos não se deu de forma pacífica, mas, uma vez imersos nesse mundo, eles tendem a perder suas línguas, suas culturas, suas ideologias etc., o que nos possibilita a pensar também em um contínuo cultural, ideológico etc.

Do mesmo modo, comprovou-se que as línguas Asuriní, Guaraní, Suruí e Guajajara são mantidas em suas respectivas comunidades indígenas, em grande medida, pelos colaboradores da faixa etária B, o que coloca a dimensão diageracional como um fator primordial para que essa situação mantenha-se.

O estudo não esgota-se na realização desta tese: pretende-se, de um lado, ampliar as possibilidades de análise dos dados descritos, observando-os sob outras perspectivas, como a da fraseologia, por exemplo. Por outro lado, entende-se que um banco de dados base de uma tese é fonte de pesquisa para muitos anos de pesquisa e que, nesse sentido, é preciso prosseguir com a descrição do *corpus* coletado, ampliando a compreensão dos fenômenos linguísticos já registrados na tese e de outros que certamente estão presentes no léxico do português falado por indígenas das etnias Asuriní, Guaraní, Sororó, Guajajara e Cana Brava, comparando-os com outros trabalhos de mesma natureza, tendo em vista que, como podemos perceber, isso garante resultados mais significativos quanto à descrição das línguas nos espaços em que atuam.

Nessa perspectiva, visualiza-se estudos futuros que poderão ser desenvolvidos a partir da finalização das seguintes pesquisas: *Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté, Microatlas linguístico (português-kheúól) da área indígena Karipuna do Amapá, Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado junto às línguas Nheengatu, Baniwa e Tukano em São Gabriel da cachoeira (AM)*, sem contar o trabalho de Guedes (2017) sobre a variação lexical dos português falado pelos Wajãpi, no Amapá, que já pode ser um ponto de partida.

Este estudo, juntamente, com os supracitados (igualmente pioneiros nas áreas a que se dedicam), todos desenvolvidos ou em fase de desenvolvimento

dentro do GeoLinTerm, poderão descrever a realidade linguística do léxico português falado em áreas indígenas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALENCAR, Beatriz Aparecida. **Atlas Lingüístico de Corumbá e Ladário**: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. 2013. 620 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-47.
- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)**: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 157 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 2 v.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual” das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”. **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 51. p. 135-165, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**. Porto Alegre: EdUFRGS; Florianópolis: EdUFSC, 2002. 2 v.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. As migrações e os contatos lingüísticos na geografia lingüística do sul do Brasil e bacia do Prata. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.
- ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II**. 2007. 693 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- AMADO, Rosane de Sá. O português étnico dos povos Timbira. **PAPIA**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 103-119, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2444/2164>. Acesso em: 5 maio 2018.
- ANDRADE, Lúcia. Asurini do Tocantins. **Povos indígenas no Brasil**, fev. 1999. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini\\_do\\_Tocantins](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Asurini_do_Tocantins). Acesso em: 1 fev. 2018.

AQUINO, Letícia de Souza. **Pesquisas sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins**: contribuição para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa P. Bezerra de. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984. 2 v.

AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. **Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás**. 2010. 650 f. Tese (Doutorado Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BARBOSA, José Natal. **Contribuição a análise fonológica do Suruí do Tocantins**. 1993. 59 p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

BARRETO, Mônica Guimarães Savedra. Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. *In*: BARRETO, Mônica Guimarães Savedra; SALGADO, Ana Cláudia Peters. **Sociolinguística no Brasil**: uma contribuição dos estudos sobre línguas de/em contato. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 121-140.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BERRUTO, Gaetano. Identifying dimensions of a linguistic variation in a language space. *In*: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (ed.) **Language and space: theories and methods**: an international handbook of linguistic variation. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. v. 1, p. 226-241.

BESSA, José Rogério Fontenele (coord.). **Atlas linguístico do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande: EdUFMS, 2001. p. 11-20.

BRAGGIO, Sílvia L. B. A variedade étnica Português Xerente Akwe: subsídios para a educação escolar indígena. **PAPIA**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 121-140, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/download/2441/2158>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Comitê Nacional do Projeto ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: Eduel, 2001.

BRITO, Roseanny Melo de. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. 2 v.

BUSSE, Sanimar; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Contato lingüístico e bilingüismo: algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação lingüística. **Línguas & Letras**, Paraná, v. 9, n. 16, p. 11-25. 1. sem. 2008.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Dicionário Asuriní do Tocantins-português**. Belém: EdUFPA, 2003.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Algumas observações sobre a história social da língua geral amazônica. *In*: SIMÕES, Maria do Socorro (org.). **Cultura e biodiversidade**: entre o rio e a floresta. Belém: IFNOPAP/UFPA, 2000. p. 101-125.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Aspectos da marcação de caso no Asuriní do Tocantins. *In*: CONGRESSO DA ANPOLL, 13., 2000, Campinas, SP. **Anais [...]**. Campinas, SP: Síntese, 2000.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Prefixos relacionais em Asuriní do Tocantins. **MOARA**, Belém, PA, v. 8, 1997.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Relatório Laudo Linguístico Asuriní**. Brasília, Pará, 2004.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; SIMÕES, Raíssa Neuman. **Relatório sobre a pesquisa realizada na Terra Indígena Trocará com vistas à caracterização da situação de vitalidade da língua Asuriní do Tocantins**. 2006. (Relatório de pesquisa).

CALVET, Jean-Louis. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1, 212 p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2, 368 p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas lingüístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Do século XX ao século XXI: caminhos do atlas lingüístico do Brasil. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016. p. 21-33.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012.

CARLOS, Valeska Gracioso. **O português de aqui e além fronteira**: um estudo das variedades da língua portuguesa em contato em contextos de fronteira. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CARREIRA, Genne Eunice da Silva. **Parâmetros e macroparâmetros**: um olhar sobre as línguas indígenas Tembé e Guajajára. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, Márcia Goretti Pereira de. **Sinais de morte ou de vitalidade? Mudanças estruturais na Língua Tembé**: contribuição ao estudo dos efeitos de contato linguístico na Amazônia oriental. 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

CARVALHO, Mauro Luiz. **Tempo, aspecto e modalidade na língua Guaraní Mbyá (Tambeopé)**. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge University Press, 1998.

CHRISTINO, Beatriz. Gender agreement in Huni-Kuin Portuguese noun phrases. **PAPIA**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 77-102, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2443/2163>. Acesso em: 5 abr. 2018.

CHRISTINO, Beatriz; SILVA, Moana de Lima e. Concordância verbal e nominal na escrita em Português-Kaingang. **PAPIA**, São Paulo, v. 22, n.2, p. 415-428, 2012. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/1680/1491>. Acesso em: 12 maio 2018.

COSERIU, Eugênio. Língua Histórica e Dialeto. *In*: ALTENHOFEN, Cléo Vilson; PAVAN, Cláudia Fernanda (org.). Percursos teóricos metodológicos da dialetologia. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 9-27, jan./jun. 2017.

COSERIU, Eugênio. **O homem e a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSTA, Graciete Guerra da. A cartografia das fortificações da Amazônia nos séculos XVII e XVIII. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 116-133, jan./jun. 2016.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da região do grande ABC**. 2007. 634 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 2 v.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Lingüístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste do Mato Grosso**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico do Território Incaracterístico (Nascentes, 1953)**. 2015. 497 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

DAZA, Sandra Liliane Pinzón. Lenguaje, lengua, habla, idioma y dialecto. **Revista la Tedeo. Lenguas del mundo: por la ruta de babel**, Bogotá, n. 71, p. 1-14, 2005.

DIETRICH, Wolf. Conservação e inovação no campo léxico do parentesco: o caso do Mbyá e do Guaraní paraguaio (Tupí-Guaraní). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 195-216, jul. 2014.

DOOLEY, Robert A. **Léxico Guarani, dialeto Mbyá com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística**. 2006. Disponível em: file:///C:/Users/ELIANE%20COSTA/Desktop/LexicoGuarani\_Guarani\_Portugues\_08\_2016.pdf. Acesso em: 25 abr. 2016.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Estudos de morfossintaxe Tenetehára**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2007.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y geolinguística: nueva alianza em los estudios sobre el uso lingüístico. **Estudios Linguísticos e Literários**, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, n. 41, p. 13-28, jan./jun. 2010.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba**: municípios do Litoral Norte de São Paulo. 2010. 741 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Carlota *et al.* **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA; Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. *In*: SILVA, Sidney de Souza (org.) **Línguas em contato**: cenários de bilinguismo no Brasil. São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 41-72.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GOMES, Edson de Freitas. **Variação lexical em seis municípios da mesorregião sudeste paraense**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do Estado do Pará**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos Estados do Pará e Maranhão**. 2017. 295 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. 2 v.

GUIMARÃES, Tânia Braga. **Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul – SC**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2008.

HARRISON, Carole; HARRISON, Carl. **Dicionário Guajajara-Português**. Associação Internacional de Linguística SIL – Brasil. Anápolis/GO, 2013. Disponível em:  
[https://www.sil.org/system/files/reapdata/14/15/80/141580492686378971823968698096869774884/Dicionario\\_Guajajara\\_Portugues.pdf](https://www.sil.org/system/files/reapdata/14/15/80/141580492686378971823968698096869774884/Dicionario_Guajajara_Portugues.pdf). Acesso em: 23 mar. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Amazônia Legal**. 2014. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 24 jan. 2018.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do Projeto ALIB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 56, n. 3, p. 891-916, 2012.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro (ALFARiN)**. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

KREMnitz, Georg. Du « bilinguisme » au « conflit linguistique ». Cheminement de termes et de concepts. *In*: Langages. **Bilinguisme et diglossie**, 15<sup>e</sup> année, n. 61, p. 63-74, 1981. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1981\\_num\\_15\\_61\\_1868](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1981_num_15_61_1868). Acesso em: 30 maio 2017.

LADEIRA, Maria Inês. Guarani Mbya. **Povos indígenas no Brasil**, out. 2003. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani\\_Mbya](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya). Acesso em: 6 mar. 2017.

LAMBERT-FÉLIX, Prudent. Diglossie et interlecte. *In*: Langages. **Bilinguisme et diglossie**, 15<sup>e</sup> année, n. 61, p. 13-38, 1981. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1981\\_num\\_15\\_61\\_1866](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1981_num_15_61_1866). Acesso em: 5 jun. 2017.

LARAIA, Roque de Barros. Suruí Aikewara. **Povos indígenas no Brasil**, set. 1998. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Aikewara>. Acesso em: 6 mar. 2018.

LEITE, Yonne; FRANCHETTO, Bruna. 500 anos de línguas indígenas no Brasil. *In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e Silva (org.). Quinhentos anos de História Lingüística no Brasil.* Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 15-61.

LIMA, Fabiana dos Santos. **Atlas Linguístico do Iguatu (ALig)**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3598/1/2009\\_dis\\_fslima.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3598/1/2009_dis_fslima.pdf). Acesso em: 20 out. 2017.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara – AFEBG**. 2006. 215 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. 2 v. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp022232.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

LINHARES, Miguel Afonso; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Repensando o conceito de diglossia à luz de Michel de Certeau. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 492-518, 2016. Disponível em: [www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/7811/9135](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/7811/9135). Acesso em: 24 abr. 2018.

LOPES, Jorge Domingues. **Uma interface da documentação linguística e modelos lexicográficos para línguas indígenas brasileiras: uma proposta para o Suruí-Aikewára**. 2014. 599 f. Tese (Doutorado em Linguística), Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MACHADO, Almiros Martins. **Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe'y: de sonhos ao Oguatá Guassú em busca da (s) terra (s) isenta (a) de mal**. 2015. 209 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

MACROPROJETO ALMA-H. **ALMA H**. 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/macroprojeto-alma-h/>. Acesso em: 25 jan. 2018.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. 314 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MONTEIRO, Jamyle dos Santos. **Atlas linguístico léxico-semântico de Capistrano**. 2011. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/JamyledosSantosMonteiro.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

MORELLO, Rosângela; SEIFFERT, Ana Paula (org.). **Inventário da Língua Guarani Mbya**: Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Florianópolis: Garapuvu, 2011. 184 p. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/GML00014.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

MORELLO, Rosângela; SEIFFERT, Ana Paula (org.). **Inventário Nacional da Diversidade Linguística**: Inventário da Língua Guarani Mbya. Florianópolis: IPOL; Garapuvu, 2011.

MOSELEY, Christopher (ed.). **Atlas of the World's Languages in Danger**. 3rd edn. Paris: UNESCO Publishing, 2010. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Acesso em: 2 ago. 2017.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, Decir Pedro de (org.). **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)**. Campo Grande: UFMS, 2007.

PEDRAZANNI, Gabriel; LEITÃO, Wilma. Os Asuriní da Terra Indígena Trocará (PA) e os Impactos Etnoambientais: do contato à instalação da UHE Tucuruí. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE (ANPPAS), 4., 2008, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: ANPPAS, 2008. p. 1-23. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT3-191-42-20080523153050.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2017.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas geolinguístico do litoral Potiguar**. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 2 v.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do projeto ALiB. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Semiótica) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013. Disponível em: [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao\\_danyelle.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_danyelle.pdf). Acesso em: 31 dez. 2017.

RADTKE, Edgard; THUN, Harald. Novos caminhos da geolinguística românica: um balanço. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, jan.1999.

RAMOS, Conceição de Maria Araújo *et al.* O Atlas linguístico do Maranhão: os caminhos do português falado no Maranhão. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 251-284.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo *et al.* De tanja a curraleira: um estudo das designações para tangerina com base nos dados do Atlas Linguístico do Maranhão. *In:* MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz; FERREIRA, Anise de Abreu Gonçalves D'Orange (org.). **Léxico em Cena**: contribuições para os estudos lexicais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 141-154.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. Diz-me de que palavras gostas, dir-te-ei quem és: um estudo de unidades lexicais referentes à banana. *In:* ALTINO, Fabiane Cristina (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: uma homenagem à Vanderci Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012. p. 93-109.

RAMOS, Conceição Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. O polimorfismo linguístico no *continuum* rural-urbano brasileiro: a contribuição do Atlas Linguístico do Maranhão aos estudos lexicais. *In:* AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016. p. 203-217.

RAZKY, Abdelhak (org.). **Atlas lingüístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CD-ROM.

RAZKY, Abdelhak *et al.* Estado da arte do Atlas Geossociolinguístico do Pará. *In:* AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. **A geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016. p. 47-59.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará : abordagem metodológica. *In:* AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: Eduel, 1998. p. 155-164.

RAZKY, Abdelhak. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do *status* da variável <s> em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. **Estudos Linguísticos**, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, n. 41, p. 169-188, jan./jun. 2010.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. Le *continuum* des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA). **Géolinguistique**, Grenoble, v. 15, p. 149-162, 2015.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha; COSTA, Eliane Oliveira da. A pesquisa geolinguística em áreas indígenas brasileiras: desafios e estratégias. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 126-138, abr. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/30107/0>. Acesso em: 5 jun. 2018.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o Guaraní na perspectiva do atlas linguístico-contatual da fronteira da fronteira entre Brasil e Paraguai (ALF-BR PY)**. 2013. 481 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. 2 v.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 2012. 793 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 2 v.

RICARDO, Carlos Alberto (coord.). **Povos indígenas no Brasil**. São Paulo: CEDI, 1985.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As outras línguas da colonização do Brasil. *In*: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos (org.). **Quinhentos anos de história linguística no Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 143-161.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. *In*: SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro (org.). **Sob o signo do Xingu**. Belém: IFNOPAP/UFPA, 2003. p. 37-51.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Biodiversidade e diversidade linguística na Amazônia. *In*: SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro (org.). **Cultura e biodiversidade: entre o rio e a floresta**. Belém: IFNOPAP/UFPA, 2001. p. 267-278.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Endangered languages in Brazil. **Delta**, n. 30, 2014a, p. 447-463. Edição Especial.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. On the influence of indigenous languages on Brazilian Portuguese. **Delta**, n. 30, 2014b, p. 443-446. Edição especial.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (org.). Revendo a classificação interna da família Tupí-guaraní. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL, 1., 2002, Belém, t. 1. **Anais [...]**. Belém: EdUFPA, 2002. p. 327-337.

ROMAINE, Suzane. **El lenguaje en la sociedad: una introducción a la sociolingüística**. Barcelona: Ariel, 1996.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. 365 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin]. Versão 1.0. 2014. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

ROSSI, Nelson. A dialetologia. **ALFA**, Marília, v. 11, p. 89-115, 1967.

ROSSI, Nelson; ISENSÉE, Dinah Maria; FERREIRA, Carlota. **Atlas prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas linguístico de Pernambuco (ALiPE)**. 2013. 417 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Estudos e pesquisas em sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 29, p. 219-234, 2010.

SCHRÖDER, Peter. Guajajara. **Povos indígenas no Brasil**, jan. 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>. Acesso em: 7 jan. 2018.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença; [Brasília]: INL, 1986.

SILVA, Moisés Batista da. **Atlas linguístico do centro-oeste Potiguar**. 2012. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, Tabita Fernandes da. **História da língua Tenetehára**: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família linguística Tupí-Guaraní do tronco Tupí. 2010. 1145 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVEIRA, Theciana Silva; RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. Léxico e variação diatópica: as denominações para corno no Atlas Linguístico do Maranhão ALiMA. *In*: FARGETTI, Cristina Martins; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (org.). **Léxico e cultura**. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2015. p. 117-126.

SOARES, Rita de Cássia da Silva. **Atlas semântico-lexical da região norte do alto Tietê (ReNAT) – São Paulo**. 2012. 664 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. 2 v.

SOUBLIN, Jean. **História da Amazônia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003.

SOUSA, Gracione Teixeira de. **Atlas linguístico do Acre**: cartas fonéticas da região do Purus. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2011.

SOUZA, Hirão Fernandes Cunha e. **O português kiriri: aspectos fônicos e lexicais na fala de uma comunidade do sertão baiano**. 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8507/1/Hir%C3%A3o%20Fernandes%20Cunha%20e%20Souza.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

TAVARES, M. G. C. A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios. **Revista ACTA Geográfica**, v. 2, n. 3, p. 59-83, jan./jun. 2008.

TERRA Indígena Cana Brava. **Terras indígenas no Brasil**. 2019b. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3637>. Acesso em: 13 abr. 2018.

TERRA Indígena Nova Jacundá. **Terras indígenas no Brasil**. 2019a. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4180>. Acesso em: 2 fev. 2018.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). *In*: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. **Acti [...]**. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

THUN, Harald. O português americano fora do Brasil. *In*: GÜRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 183-213.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 59-81, jan./jun. 2017.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: a study on Uruguayan and Brazilian frontier. *In*: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (ed.). **Language and space: theories and methods: an international handbook of linguistic variation**. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

TRUDGILL, Peter. Dialect contact, dialectology and sociolinguistic. **Cadernos de Filologia Inglesa**, v. 8, p. 1-8, 1999.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; RIBEIRO, José; GAIO, José Passio e Antônio. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL EM BELÉM E SÃO LUÍS

VARIAÇÃO LEXICAL EM BELÉM E SÃO LUÍS		
ITENS LEXICAIS	BELÉM	SÃO LUÍS
libélula	jacinta cigarra	macaco libélula
bicho da fruta	tapuru bicho da goiaba bicho da fruta	bicho da goiaba tapuru
prostituta	prostituta mulher da vida mulher de vida fácil garota de programa	prostituta mulher da vida mulher de vida fácil mulher piranha puta rapariga meretriz quenga
cigarro de palha	porronca cigarro de palha cigarro de tabaco	cigarro de palha porronca cigarro de tabaco cigarro de fumo
cambalhota	cambalhota cambola cambela	carambela cambalhota mortal pirueta
bolinha de gude	peteca	peteca bolinha de gude bola de gude
brinquedo de empinar (com varetas)	papagaio pipa rabiola cangula	<b>papagaio</b> <b>pipa</b>
brinquedo de empinar (sem varetas)	curica	Curica
amarelinha	<b>amarelinha</b> <b>macaca</b>	amarelinha cancão

Fonte: Cardoso *et al.* (2014b), organizado pela autora da pesquisa (2018).

Obs.: As variantes lexicais estão organizadas em ordem decrescente do número de porcentagem. Com relação as duas primeiras variantes, aparecem em negrito quando apresentam igual número de porcentagem.

## APÊNDICE B – QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL EM OITO MUNICÍPIOS PARAENSES

VARIAÇÃO LEXICAL EM OITO MUNICÍPIOS DA MESSORREGIÃO SUDESTE DO PARÁ								
ITENS LEXICAIS	REDENÇÃO	CONC. DO ARAGUAIA	TUCURUI	ITUPÍRANGA	SÃO JOÃO DO ARAGUAIA	CURIANÓPOLIS	SÃO FÉLIX DO XINGU	SANTANA DO ARAGUAIA
<b>redemoinho (de água)</b>	redemoinho 3 remanso 1 funil 1	redemoinho 2 rebojo 2	redemoinho 4	funil 3 rebojo 2 redemoinho 1	Redemoinho 3 Funil 1	redemoinho 2	rebojo 2 redemoinho 1	redemoinho 2 rebojo 1
<b>garoa</b>	chuvisco 3 neblina 1	neblina 2 chuvisco 1 fraca 1	chuvisco 3 borrifo 1	neblina 2 sereno 1 garoa 1 chuva fraca 1	sereno 2 chuvisco 2	neblina 1 chuvisco 1	neblina 1 chuvisco 1 sereno 1 nevoeiro 1 chuva de molhar besta 1 respingo de chuva 1	chuvisco 4 neblina 1
<b>galinha d'angola</b>	cocar 2 galinha d'angola 1 perdiz 1 capote 1 guiné 1	galinha d'angola 2 cocar 1 angolista 1	picota 1	angolista 4 cocar 2	guiné 1 angolista 1	guiné 2 capote 1 galinha d'angola 1	cocar 1 galinha d'angola 1	galinha d'angola 2 angolista 1
<b>carapanã</b>	muriçoca 4 pernilongo 2 carapanã 1	muriçoca 4 carapanã 2 pernilongo 2	muriçoca 4 carapanã 3 praga 1	muriçoca 4 carapanã 2 pernilongo 1	muriçoca 4 mosquito 1 carapanã 1	mosquito 2 muriçoca 2	muriçoca 4 pernilongo 1 carapanã 1	muriçoca 4 pernilongo 2 mosquito 1
<b>pessoa sovina</b>	canguinho 3 mão de vaca 1 pão duro 1 miserável 1 muchiba 1	mão de vaca 2 mão fechada 1 veiaca 1 pão duro 1 murrinha 1 canguinho 1	mão de vaca 3 mão de mucura assada 1 miserável 1 amarrado 1 mão fechada 1	seguro 3 mão de vaca 2 pão duro 1	mão de vaca 2 mão de muchiba 1 econômico 1 mão fechada 1	mão fechada 1 sovino 1 mão de vaca 1 miserável 1	pão duro 2 mão de vaca 2 miserável 1 seguro 1	mão de vaca 3 mão fechada 3 murrinho 1
<b>bêbado</b>	pé inchado 3 alcoólatra/alcoólico 2 bêbado 2 pinguço 1 cu de cachaça 1 beberrão 1 cachaceiro 1	cachaceiro 4 beberrão 2 pinguço 2 alcoólatra/alcoólico 1 bêbado 1 apé inchado 1	cachaceiro 3 bêbado 2 apé inchado 2 aviciado/viciado 2 papudinho 1 beberrão 1 lambique 1 pinguço 1	bêbado 1 apé inchado 1 alcoólatra/alcoólico 1 perdido 1 cachaceiro 1	cachaceiro 2 apé de cana 1 alcoólatra/alcoólico 1 apé de pinga 1 beberrão 1 aviciado/viciado 1	alcoólatra/alcoólico 2 aviciado/viciado 1 apé inchado 1 bêbado 1	bêbado 4 apé inchado 3 pinguço 3 alcoólatra/alcoólico 1	alcoólatra/alcoólico 3 bêbado 2 pinguço 2 cachaceiro 1
<b>diabo</b>	diabo 3 capeta 3 satanás 2 cão 1 demônio 1	capeta 1 uomila 1 diabo 1 demônio 1 inimigo 1 satanás 1 cão 1	diabo 4 capeta 1	diabo 4 capeta 1 satanás 1 lúcifer 1 demônio 1	diabo 4 capeta 3 satanás 2 cão 2 inimigo 1	diabo 2 cão 1 capidote 1 demônio 1	diabo 4 cão 2 capeta 1 satanás 1 lúcifer 1	diabo 4 demônio 1
<b>estilingue</b>	estilingue 3 baladeira 2	estilingue 3 baladeira 2	baladeira 4 estilingue 1	baladeira 4 estilingue 1	baladeira 4 estilingue 2	estilingue 2 baladeira 2	estilingue 4 baladeira 4	baladeira 3 estilingue 2 bodogue 1
<b>Sutiã</b>	sutiã 4	sutiã 4	Sutiã 3 corpete 1	sutiã 3 corpete 3	sutiã 4	sutiã 2	sutiã 4	sutiã 4

Fonte: Guedes (2012), Gomes (2013), organizado pela autora da pesquisa (2018).

## APÊNDICE C – QUADRO VARIAÇÃO LEXICAL BACABAL E TUNTUM

VARIAÇÃO LEXICAL EM BACABAL E TUNTUM		
ITENS LEXICAIS	BACABAL	TUNTUM
pinguela	ponte/pontezinha 4 ponte de pau/pau derrubado/tronco de pau/madeira 1	ponte/pontezinha 3
estrela cadente	estrela d'alva/estrela dávina/estrela balva 1 pranta 1	estrela d'alva 2
tangerina	tanja 4 tangerina 3 mexerica 2 tanja da Bahia 1	tangerina 3 tanja 3
Penca	palma 3 penca 2 palmo 1	penca 3 palmas 1
banana dupla	gêmia/gemius/gema/gemi/gemis 4 conha 1	gêmeas/irmã gêmea 3 gemada 1
inflorescência da bananeira	mangará 3 coração 1 bimbim 1	mangará 2
Corno	corno 4 boi 1 marido traído 1 boião 1	corno 4 chifrudo 2 marido traído 1

Fonte: Silveira e Ramos (2015); Ramos, Bezerra e Rocha (2012); Ramos, Bezerra e Rocha (2016); Ramos *et al.* (2016); Banco de dados do ALiMA, organizado pela autora da pesquisa (2018).

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

<b>BILINGUÍSMO DOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA</b>
--

1. Quanto ao \_\_\_\_\_ (LI), qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

**1.1 Fala:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.2 Entende:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.3 Lê:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.4 Escreve:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.5 Canta:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.6 Imita:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.7 Xinga:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.8 Reza:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.9 Pensa:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**1.10 Sonha:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

2. Como aprendeu a falar \_\_\_\_\_ (LI)?

- a)  família b)  escola c)  eventos religiosos d)  trabalho e)  contato f)  outros

3. Com quem você fala \_\_\_\_\_ (LI)?

- a)  avós b)  pais c)  irmãos d)  parentes e)  vizinhos f)  amigos g)  outros

4. Em que locais e situações você fala \_\_\_\_\_ (LI)?

- a)  Em casa b)  na igreja c)  nas festas d)  na rua e)  em reuniões f)  outros

5. Quanto ao **PORTUGUÊS**, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

**5.1 Fala:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**5.2 Entende:**

- a) bem            b) razoável        c) mal

**5.3 Lê:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**5.4 Escreve:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**5.5 Canta:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**5.6 Imita:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**5.7 Xinga:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**5.8 Reza:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**5.9 Pensa:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**5.10 Sonha:**

- a) bem      b) razoável      c) mal

**6. Como aprendeu a falar PORTUGUÊS?**

- b)  família b)  escola c)  eventos religiosos d)  trabalho e)  contato f)  outros

**7. Com quem você fala PORTUGUÊS?**

- b)  avós b)  pais c)  irmãos d)  parentes e)  vizinhos f)  amigos g)  outros

**8. Em que locais e situações você fala PORTUGUÊS?**

- b)  Em casa b)  na igreja c)  nas festas d)  na rua e)  em reuniões f)  outros

**9. Quais línguas o senhor(a) fala?****10. O senhor(a) entende outra língua que não fala? Quais?****11. Qual língua o senhor(a) aprendeu primeiro? E qual foi a segunda? Quantos anos tinha?****12. Todas as pessoas daqui falam português? Quem? (Sugerir após resposta espontânea) – bilinguismo na comunidade**

- Avô, Avó, Pai, Mãe, Irmãos, Tios, Primos, Amigos, Vizinhos, Professores, Religiosos, Outros

**13. Em quais situações o senhor(a) utiliza outra língua diferente do português e do \_\_\_\_\_.** (Dizer o nome da língua indígena)?**14. Quais línguas são faladas em sua família?****15. Quais línguas o senhor(a) escreve?**

16. O senhor(a) entende outra língua que não fala? Quais?

<b>BILINGUÍSMO NA COMUNIDADE</b>
----------------------------------

1. Todas as pessoas daqui falam \_\_\_\_\_ (LI)?

a)  avô b)  avó c)  pai d)  mãe e)  irmãos f)  tios

b)  primos h)  amigos i)  vizinhos j)  professores l)  religiosos m)  outros

2. Quando vem uma visita, que língua(s) você(s) usa(m)? E se a visita fala só o português ou só o \_\_\_\_\_ (LI)?

3. Que línguas são faladas na comunidade?

4. Como você [o (a) senhor (a)] avalia o \_\_\_\_\_ (LI) em termos de língua falada no lugar?

a)  legal b)  grosseira c)  Bonita d)  errada e)  engraçada f)  outros

Porquê?

5. O que o senhor (a) espera que o governo faça para preservar a língua da comunidade?

6. E o que a comunidade tem feito para preservá-la?

## **ANEXOS**

## ANEXO A – FICHA DO INFORMANTE

## FICHA DO INFORMANTE

Nº DO PONTO:

Nº DO INFORMANTE:

**DOS PESSOAIS DO INFORMANTE**

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. M <input type="checkbox"/> B. F <input type="checkbox"/>		5. IDADE:
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. SOLTEIRO <input type="checkbox"/> B. CASADO <input type="checkbox"/> C. VIÚVO <input type="checkbox"/> D. OUTRO <input type="checkbox"/>			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS A. ESPECIALIZAÇÃO <input type="checkbox"/> B. PROFICIONALIZANTE <input type="checkbox"/> C. OUTROS <input type="checkbox"/>	
B. NATURALIDADE:		C. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS:	
A. DA MÃE:		A. SIM <input type="checkbox"/> B. NÃO <input type="checkbox"/>	
B. DO PAI:		D. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO?	
C. DO CÔNJUGE:		NATURALIDADE: A. DA MÃE ADOTIVA: B. DO PAI ADOTIVO:	
E. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIA DO BAIRRO, CIDADE):			
F. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		G. PROFISSÃO:	
		A. DO PAI: B. DA MÃE: C. DO CÔNJUGE:	

<b>RENDA</b>
H. TIPO DE RENDA: A. INDIVIDUAL <input type="checkbox"/> B. FAMILIAR <input type="checkbox"/>

**CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

<b>PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES</b>		
I. CINEMA A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	J. TEATRO A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	K. SHOWS A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA
L. MAN. FOLCLÓRICAS A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	M. FUTRIBOL A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	N. OUTROS ESPORTES A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA
O. OUTROS: A. <input type="checkbox"/> FREQUENTEMENTE B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA		
P. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?		

**PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA**

Q. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> TÍMIDO B. <input type="checkbox"/> VIVO C. <input type="checkbox"/> PERPISCAZ D. <input type="checkbox"/> SARCÁSTICO
R. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> TOTAL B. <input type="checkbox"/> GRANDE C. <input type="checkbox"/> MÉDIA D. <input type="checkbox"/> FRACA
S. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> COOPERATIVA B. <input type="checkbox"/> NÃO COOPERATIVA C. <input type="checkbox"/> AGRESSIVA D. <input type="checkbox"/> INDIFERENTE

T. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
U. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> GRANDE B. <input type="checkbox"/> MÉDIO C. <input type="checkbox"/> PEQUENO D. <input type="checkbox"/> NENHUM		
V. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> SIM B. <input type="checkbox"/> NÃO		
W. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) INFORMANTE(S):		
X. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
Y. OBSERVAÇÕES:		
Z. NOME DO ENTREVISTADOR:	AA. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	BB. DATA DA ENTREVISTA:
		CC. DURAÇÃO:

DD. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> NUNCA	EE. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> NOVELAS B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> PR. DE AUDITÓRIO D. <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIOS E. <input type="checkbox"/> PR. RELIGIOSO F. <input type="checkbox"/> FILMES G. <input type="checkbox"/> OUTRO
FF. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> REDE GRATUITA B. <input type="checkbox"/> PARABÓLICA C. <input type="checkbox"/> TV POR ASSINATURA	GG. OUVI RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> NUNCA D. <input type="checkbox"/> PARTE DO DIA E. <input type="checkbox"/> O DIA INTEIRO F. <input type="checkbox"/> ENQUANTO VIAJA G. <input type="checkbox"/> ENQUANTO TRABALHA
HH. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> NOTÍCIA DE JORNAL B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> PR. RELIGIOSO D. <input type="checkbox"/> NOTICIÁRIO POLICIAL E. <input type="checkbox"/> MÚSICA F. <input type="checkbox"/> PR. C/ PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE G. <input type="checkbox"/> OUTRO	II. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> TODOS OS DIAS B. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES C. <input type="checkbox"/> NUNCA D. <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE E. <input type="checkbox"/> RARAMENTE
JJ. NOME DO JORNAL: A. <input type="checkbox"/> LOCAL B. <input type="checkbox"/> ESTADUAL C. <input type="checkbox"/> NACIONAL	KK. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> EDITORIAL B. <input type="checkbox"/> ESPORTES C. <input type="checkbox"/> VARIEDADES D. <input type="checkbox"/> PR. CULTURAL E. <input type="checkbox"/> POLÍTICA F. <input type="checkbox"/> PÁGINA POLICIAL G. <input type="checkbox"/> CLASSIFICADOS H. <input type="checkbox"/> OUTRA
LL. LÊ REVISTA: A. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES B. <input type="checkbox"/> SEMANALMENTE C. <input type="checkbox"/> RARAMENTE D. <input type="checkbox"/> NUNCA	
MM. NOME/TIPO DE REVISTA:	

**ANEXO B – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL****ACIDENTES GEOGRÁFICOS**

1. CÓRREGO / RIACHO  
... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?
2. PINGUELA  
... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um \_\_\_\_\_ (cf. item 1)?
3. FOZ  
... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?
4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)  
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?
5. ONDA DE MAR  
... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*
6. ONDA DE RIO  
... o movimento da água do rio? *Idem item 5.*

**FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**

7. REDEMOINHO (DO VENTO)  
... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?
8. RELÂMPAGO  
... um clarão que surge no céu em dias de chuva?
9. RAIOS  
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?
10. TROVÃO  
... o barulho forte que se escuta logo depois de um \_\_\_\_\_ (cf. item 9)?
11. TEMPORAL / TEMPESTADE / VENDAVAL  
... uma chuva com vento forte que vem de repente?

**12. NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL**

Existem outros nomes específicos para \_\_\_\_\_ (cf. item 11)?

**13. TROMBA D'AGUA**

... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

**14. CHUVA FORTE**

... uma chuva forte e contínua?

**15. CHUVA DE PEDRA**

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

**16. ESTIAR / COMPOR O TEMPO**

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

**17. ARCO-ÍRIS**

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nome dão a essa faixa?

**18. GAROA**

... uma chuva bem fininha?

**19. TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA**

Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca e nem molhada, como é que se diz que a terra fica?

**20. ORVALHO / SERENO**

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

**21. NEVOEIRO / CERRAÇÃO / NEBLINA**

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

**22. AMANHACER**

... a parte do dia quando começa a clarear?

## **ASTROS E TEMPO**

**23. NASCER (DO SOL)**

O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?

24. ALVORADA  
... a claridade avermelhada do céu antes de \_\_\_\_\_ (cf. item 23)?
25. PÔR (DO SOL)  
E o que acontece no céu no final da tarde?
26. CREPÚSCULO  
... a claridade avermelhada que fica no céu depois do (cf. item 25)?
27. ENTARDECER  
E quando o sol se põe?
28. ANOITECER  
... o começo da noite?
29. ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA-D'ALVA  
De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
30. ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA TARDE  
De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?
31. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO  
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?
32. MUDAR / CORRER UMA ESTRELA  
E quando se vê uma \_\_\_\_\_ (cf. item 31), como é que se diz?  
*IDENTIFICAR OS VERBOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.*
33. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO  
Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam essa banda ou faixa?
34. MESES DO ANO  
Quais são os meses do ano?
35. MESES COM NOMES ESPECIAIS  
Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc.?
36. ONTEM  
Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

## 37. ANTEONTEM

... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]

38. ... o dia que foi antes de \_\_\_\_\_ (cf. item 37)?

## ATIVIDADES AGROPASTORIS

## 39. TANGERINA / MEXERICA

... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

*PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.*

## 40. AMENDOIN

... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

## 41. CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? *Mostrar.*

## 42. PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

## 43. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS

... duas bananas que nascem grudadas?

## 44. PARTE TERMINAL DO INFLORECÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO

... a ponta roxa no cacho da banana?

## 45. ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]

## 46. SABUGO

Quando se tira da (cf. item 45) todos os grãos de milho, o que sobra?

## 47. SOCA / TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?

## 48. GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

## 49. VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA

Onde é que ficam os grãos de feijão, no pé, antes de serem colhidos?

## 50. MANDIOCA / AIPIM

... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

## 51. MANDIOCA

... uma raiz parecida com a (*cf. item 50*) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

## 52. CARRINHO DE MÃO / CARRIOLA

... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

## 53. HASTES DO CARRINHO DE MÃO

... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o (a) \_\_\_\_\_ (*cf. item 52*)?

## 54. CANGALHA / FORQUILHA

... a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro / bezerro, vaca), para não atravessarem a cerca?

## 55. CANGALHA

... a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? *Mostrar gravura.*

## 56. CANGA

... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? *Mostrar gravura.*

## 57. JACÁ / BALAIO

... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós, trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

## 58. BOLSA / BRUACA

E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? *Mostrar gravura.*

59. BORREGO (DO NASCER ATÉ...)  
... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?
60. PERDA DA CRIA  
Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?
61. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA  
... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?
62. PICADA / ATALHO ESTREITO  
O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?
63. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA  
... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

## FAUNA

64. URUBU  
... a ave preta que come animal morto, podre?
65. COLIBRI / BEIJA-FLOR  
... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?
66. JOÃO-DE-BARRO  
... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?
67. GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR  
... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
68. PAPAGAIO  
... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?
69. SURA  
... uma galinha sem rabo?
70. COTÓ  
... um cachorro sem rabo?

71. GAMBÁ  
... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?
72. PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO  
... as patas dianteiras do cavalo?
73. CRINA DO PESCOÇO  
... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?
74. CRINA DA CAUDA  
... o cabelo comprido na traseira do cavalo?
75. LOMBO  
... a parte do cavalo onde vai a sela?
76. ANCA / GARUPA / CADEIRA  
... a parte larga atrás do \_\_\_\_\_ (cf. item 75)?
77. CHIFRE  
O que o boi tem na cabeça?
78. BOI SEM CHIFRE  
... o boi sem \_\_\_\_\_ (cf. item 77)?
79. CABRA SEM CHIFRE  
... a cabra que não tem \_\_\_\_\_ (cf. item 77)?
80. ÚBERE  
Em que parte da vaca fica o leite?
81. RABO  
... a parte com que o boi espanta as moscas?
82. MANCO  
... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?
83. MOSCA VAREJEIRA  
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?
84. SANGUESSUGA  
... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?
85. LIBÉLULA  
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

## 86. BICHO DE FRUTA

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

## 87. CORÓ

... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

## 88. PERNINLONGO

... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

## CORPO HUMANO

## 89. PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS

... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*

## 90. CISCO

... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

## 91. CEGO DE UM OLHO

... a pessoa que só enxerga de um olho?

## 92. VESGO

... a pessoa que tem olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto de dedos.*

## 93. MÍOPE

... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

## 94. TERÇOL / VIÚVA

... a bolinha que nasce na \_\_\_\_\_ (cf. item 89), fica vermelha e incha?

## 95. CONJUNTIVITE / DOR D'ÓLHOS

... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

## 96. CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?

## 97. DENTES CANINOS / PRESAS

... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*

## 98. DENTES DO SISO / DO JUÍZO

... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

## 99. DENTES MOLARES / DENTE QUEIRO

... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (cf. item 98)?  
*Apontar.*

## 100. DESDENTADO / BANGUELA

... a pessoa que não tem dentes?

## 101. FANHOSO / FANHO

... a pessoa que parece falar pelo nariz?

## 102. MELECA / TATU

... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

## 103. SOLUÇO

... este barulhinho que se faz? *Soluçar.*

## 104. NUCA

... isto? *Apontar.*

## 105. POMO-DE-ADÃO / GOGÓ

... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar.*

## 106. CLAVÍCULA

... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar.*

## 107. CORCUNDA

... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?

## 108. AXILA

... esta parte aqui? *Apontar.*

## 109. CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços?

## 110. CANHOTO

... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?  
*Completar com o gesto.*

## 111. SEIOS / PEITO

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

## 112. VOMITAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o que?

113. ÚTERO  
... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?
114. PERENETA  
... a pessoa que não tem uma perna?
115. MANCO  
... a pessoa que puxa de uma perna?
116. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS  
... a pessoa de pernas curvas? *Mímica.*
117. RÓTULA / PATACA  
... o osso redondo que fica na frente do joelho?
118. TORNOZELO  
... isto? *Apontar.*
119. CALCANHAR  
... isto? *Apontar.*
120. CÓCEGAS  
Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica.*

## CICLOS DA VIDA

121. MENSTRUACÃO  
As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?
122. ENTRAR NA MENOPAUSA  
Numa certa idade acaba a / o \_\_\_\_\_ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher \_\_\_\_\_.
123. PARTEIRA  
... a mulher que ajuda a criança a nascer?
124. DAR À LUZ  
Chama-se a \_\_\_\_\_ (cf. item 123) quando a mulher está pronta para \_\_\_\_\_.
125. GÊMEOS  
... duas crianças que nasceram no mesmo parto?
126. ABORTO  
Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve \_\_\_\_\_.

## 127. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela \_\_\_\_\_?

## 128. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

## 129. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da \_\_\_\_\_ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

## 130. FILHO ADOTIVO

... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

## 131. FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA

... o filho que nasceu por último?

## 132. MENINO / GURI / PIÁ

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

## 133. MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

## 134. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

## 135. FINADO / FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

## CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

## 136. PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala demais?

## 137. PESSOA POUCO INTELIGENTE

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

## 138. PESSOA SOVINA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

## 139. MAU PAGADOR

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

## 140. ASSASSINO PAGO

... a pessoa que é paga para matar alguém?

## 141. MARIDO ENGANADO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

## 142. PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

## 143. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

## 144. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

## 145. CIGARRO DE PALHA

Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

## 146. TOCO DE CIGARRO

... o resto de cigarro que se joga fora?

## RELIGIÃO E CRENÇAS

## 147. DIABO

Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_?

## 148. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

## 149. FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

## 150. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

## 151. BENZENDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

## 152. CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

## 153. MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

## 154. PRESÉPIO

No natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do menino Jesus. Como chamam isso?

## JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

## 155. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?  
*Mímica.*

## 156. BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

## 157. ESTILINGUE / SETRA / BODOGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos?

## 158. PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA

... aquele brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

## 159. PIPA / ARRAIA

É um brinquedo parecido com o (a) \_\_\_\_\_ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

## 160. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

## 161. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

## 162. PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

## 163. FERROLHO / SALVA / PICULA / PIQUE

... esse ponto combinado?

## 164. CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS

... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

## 165. GANGORRA

... uma tábua no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica.*

## 166. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica.*

## 167. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

*SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.*

## HABITAÇÃO

## 168. TRAMELA

... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

## 169. VENEZIANA

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura.*

## 170. VASO SANITÁRIO / PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

## 171. FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

## 172. BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

## 173. ISQUEIRO / BINGA

Para acender um cigarro, se usa fósforo ou \_\_\_\_\_?

## 174. LANTERNA

... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

## 175. INTERRUPTOR DE LUZ

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

## ALIMENTAÇÃO E COZINHA

## 176. CAFÉ DA MANHÃ

... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

## 177. GELÉIA

... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

## 178. CARNE MOÍDA

... a carne depois de triturada na máquina?

## 179. CURAU / CANJICA

... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

## 180. CURAU

E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?  
*PEDIR PARA DESCRIVER COMO SE FAZ.*

## 181. MUNGUNZÁ

... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

182. AGURADENTE

... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

183. EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou \_\_\_\_\_?

184. GLUTÃO

... uma pessoa que normalmente come demais?

185. BALA / CONFEITO / BOMBOM

... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*

186. PÃO FRANCÊS

... isto? *Mostrar.*

187. PÃO BENGALA

... isto? *Mostrar.*

## VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

188. SUTIÃ

... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

189. CUECA

... roupa que o homem usa debaixo da calça?

190. CALCINHA

... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

191. ROUGE

... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

192. GRAMPO (COM PRESSÃO) / ROMANA / MISSE

... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*

193. DIADEMA/ ARCO / TIARA

... o objeto de metal ou de plástico que pega de um lado e de outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica.*

## VIDA URBANA

### 194. SINALEIRO / SEMÁFARO / SINAL

NA cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

### 195. LOMBADA / QUEBRA-MOLAS

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

### 196. CALÇADA / PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

### 197. MEIO-FIO

... o que separa o \_\_\_\_\_ (cf. item 196) da rua?

### 198. ROTATÓRIA / RÓTULA

... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

### 199. LOTE / TERRENO / DATA

... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?

### 200. ÔNIBUS URBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

### 201. ÔNIBUS INTERURBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

### 202. BODEGA / BAR / BOTEÇO

... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber \_\_\_\_\_ (cf. item 182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LETRAS

ELIANE OLIVEIRA DA COSTA

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM  
ÁREAS INDÍGENAS DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ NOS ESTADOS DO PARÁ E  
MARANHÃO  
TOMO II**

BELÉM/PA  
2018

ELIANE OLIVEIRA DA COSTA

**ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM  
ÁREAS INDÍGENAS DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ NOS ESTADOS DO PARÁ E  
MARANHÃO  
TOMO II**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky  
Coorientador: Prof. Dr. Salah Mejri

BELÉM/PA  
2018

## NOTAS PRÉVIAS

Um trabalho de cunho pluridimensional movimentava uma quantidade grande de dados e conseqüentemente de cartas linguísticas. Neste sentido, organizamos esse tomo II para que os resultados provenientes das cartas sociolinguísticas também pudessem ser contemplados, tendo em vista a inviabilidade de apresentá-los e discuti-los no capítulo da análise, além de facilitar a leitura.

São relacionadas, então, 100 cartas, sendo 25 (diatópicas), 25 (diatráticas), 25 (diagenéricas) e 25 (diageracional), todas com dados apresentadas em formato de pizza, ressaltando que as diatópicas todas foram analisadas.

As cartas estão apresentadas na mesma ordem em que foram postas no capítulo da análise, e a ordem, quanto às dimensões, é a seguinte: a primeira, diatópica (variação espacial); a segunda, diatrática (variação em função da escolaridade); a terceira, diagenérica (variação em função do sexo) e a quarta, diageracional (variação em função da idade).

As variantes são relacionadas automaticamente pelo SGVCLin da variante mais frequente para a menos frequente. Nas cartas de natureza social, quanto a escolaridade, o 1 refere-se aos informantes menos escolarizados e 2 aos mais escolarizados. Com relação ao sexo, o 1 refere-se às mulheres e o 2 aos homens. No que tange à idade, o 1 refere-se aos indivíduos da Faixa etária A (mais jovens) e o 2 aos indivíduos da faixa etária B (mais idosos). Em algumas cartas há ainda o 3, que diz respeito a faixa etária C, referente às crianças. Além disso fazem-se necessárias as seguintes informações:

- Na parte superior, à direita, apresenta-se o número da carta lexical;
- Do lado direito, em primeiro lugar, apresenta-se a indicação da área investigada;
- Do lado direito, em segundo lugar, apresenta-se a indicação do fenômeno lexical estudado;
- Do lado direito, em terceiro lugar, apresenta-se a relação de variantes cartografadas, relacionadas da mais produtiva para a menos produtiva;
- Na parte inferior à esquerda, dentro da área do mapa, apresenta-se a questão cujo referente está sendo cartografado;
- Do lado direito, por fim, a legenda para a leitura dos pontos de inquéritos.

Tratando-se do léxico do português falado em áreas indígenas, TIs Trocará, Nova Jacundá, Sororó e Cana Brava, consideramos importante a apresentação dos dados de forma integral, haja vista que isso possibilitará às comunidades acadêmicas interessadas informações completas e atuais a respeito dos povos indígenas que residem nas referidas TIs.

## **CARTAS DIATÓPICAS, DIASTRÁTICAS, DIAGENÉRICAS E DIAGERACIONAIS**

### **1. PINGUELA**

CARTA LEXICAL 001 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 001a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 001b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉERICA

CARTA LEXICAL 001c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **2. REDEMOINHO (DE ÁGUA)**

CARTA LEXICAL 002 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 002a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 002b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉERICA

CARTA LEXICAL 002c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **3. GAROA**

CARTA LEXICAL 003 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 003a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 003b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉERICA

CARTA LEXICAL 003c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **4. ESTRELA D'ALVA**

CARTA LEXICAL 004 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 004a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 004b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉERICA

CARTA LEXICAL 004c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **5. TANGERINA**

CARTA LEXICAL 005 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 005a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 005b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉERICA

CARTA LEXICAL 005c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **6. PENCA**

CARTA LEXICAL 006 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 006a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 006b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉERICA

CARTA LEXICAL 006c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **7. BANANA GÊMEAS**

CARTA LEXICAL 007 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 007a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 007b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 007c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

#### **8. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA**

CARTA LEXICAL 008 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 008a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 008b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 008c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

#### **9. GALINHA D'ANGOLA**

CARTA LEXICAL 009 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 009a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 009b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 009c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

#### **10. LIBÉLILA**

CARTA LEXICAL 010 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 010a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 010b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 010c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

#### **11. BICHO DE FRUTA**

CARTA LEXICAL 011 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 011a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 011b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 011c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

#### **12. PERNILONGO**

CARTA LEXICAL 012 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 012a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 012b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 012c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

#### **13. PESSOA SOVINA**

CARTA LEXICAL 013 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 013a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 013b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 013c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

**14. MARIDO ENGANADO**

CARTA LEXICAL 014 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 014a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 014b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 014c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

**15. PROSTITUTA**

CARTA LEXICAL 015 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 015a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 015b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 015c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

**16. BÊBADO**

CARTA LEXICAL 016 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 016a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 016b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 016c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

**17. CIGARRO DE PALHA**

CARTA LEXICAL 017 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 017a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 017b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 017c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

**18. DIABO**

CARTA LEXICAL 018 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 018a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 018b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 018c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

**19. CAMBALHOTA**

CARTA LEXICAL 019 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 019a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 019b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 019c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

**20. BOLINHA DE GUDE**

CARTA LEXICAL 020 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 020a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 020b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 020c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **21. ESTILINGUE**

CARTA LEXICAL 021 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 021a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 021b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 021c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **22. BRINQUEDO DE EMPINAR (COM VARETAS)**

CARTA LEXICAL 022 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 022a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 022b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 022c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **23. BRINQUEDO DE EMPINAR (SEM VARETAS)**

CARTA LEXICAL 023 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 023a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 023b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 023c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

### **24. AMARELINHA**

CARTA LEXICAL 024 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

CARTA LEXICAL 024a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 024b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 024c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

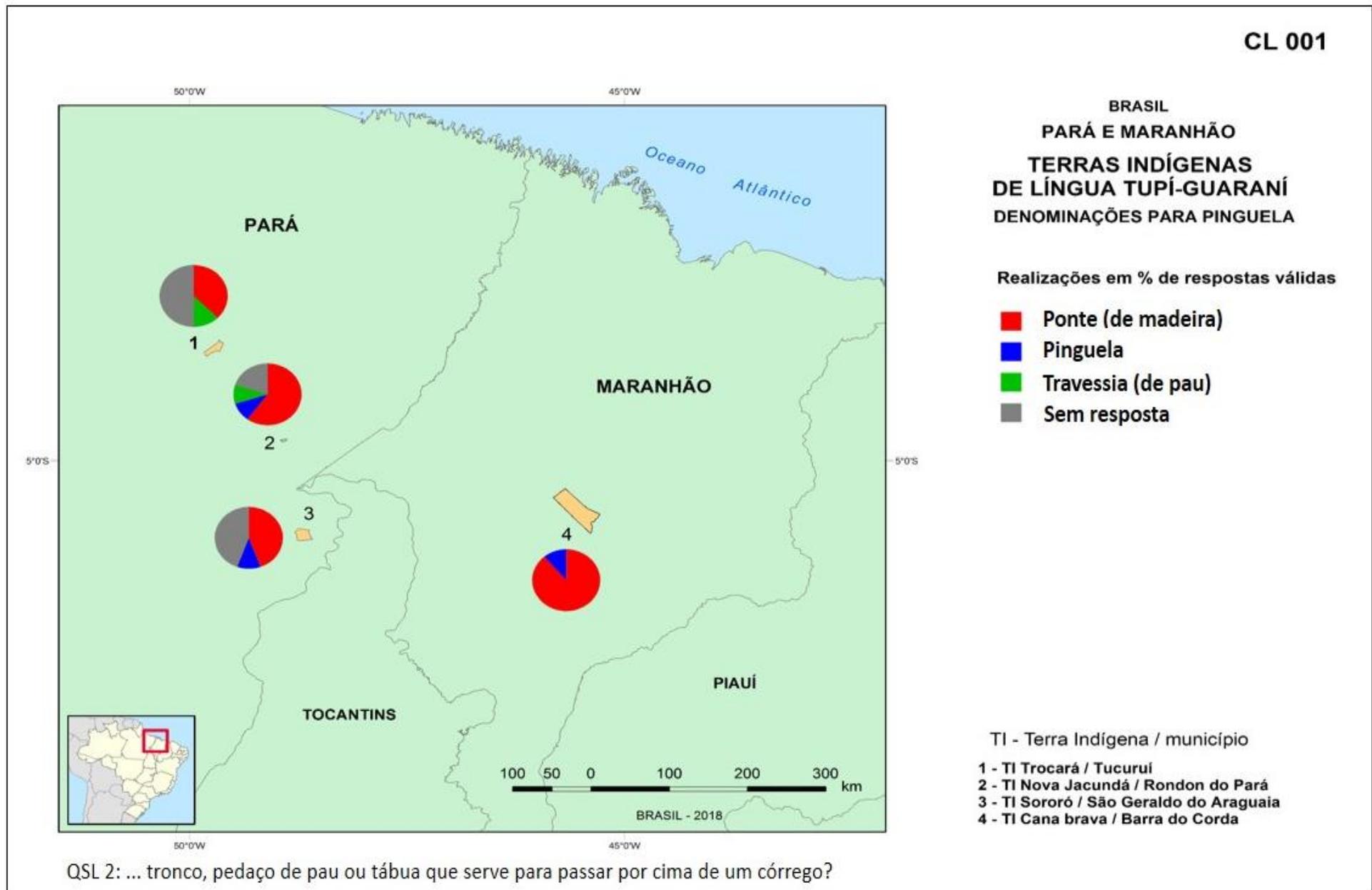
### **25. SUTIÃ**

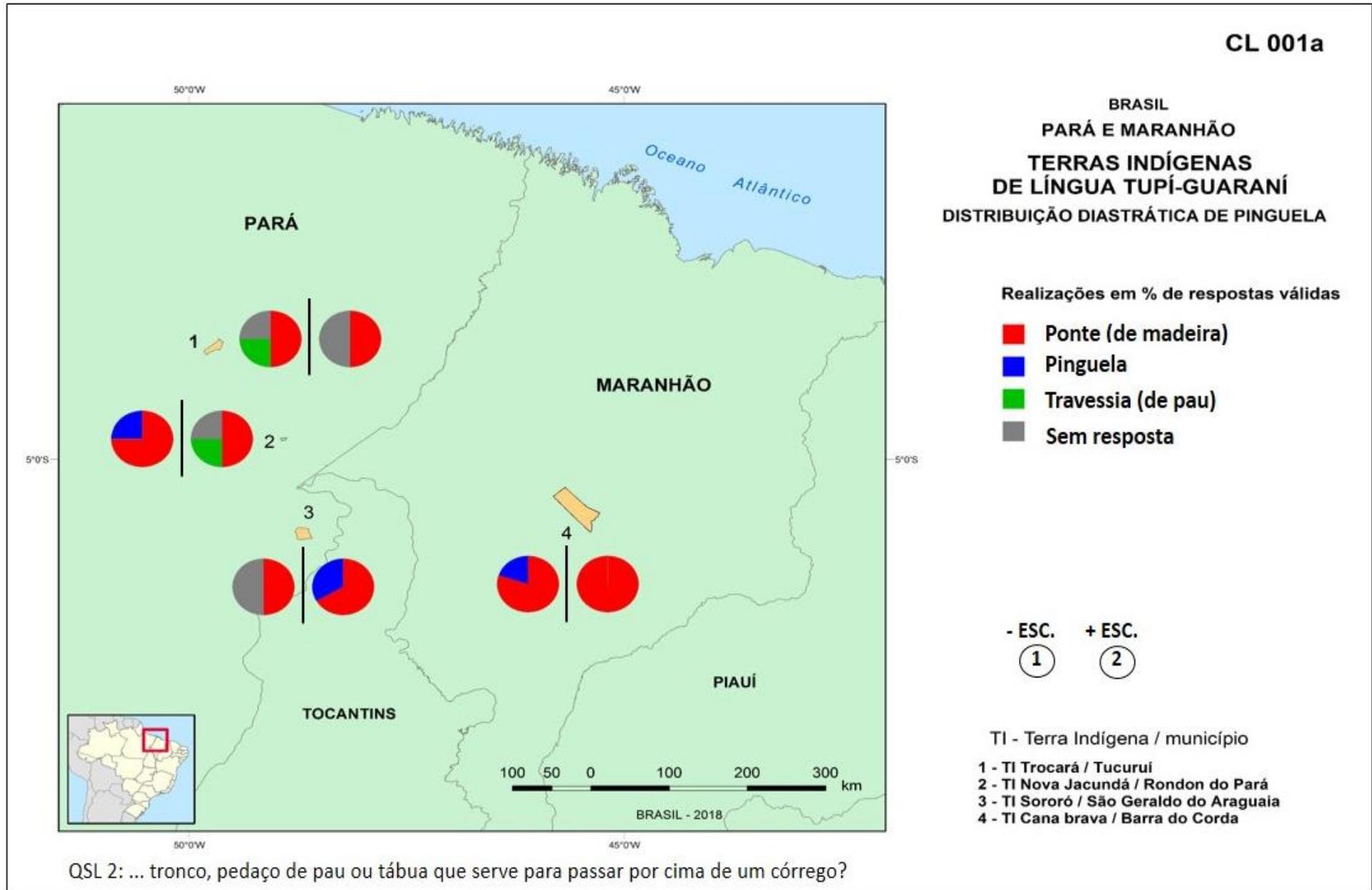
CARTA LEXICAL 025 – DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

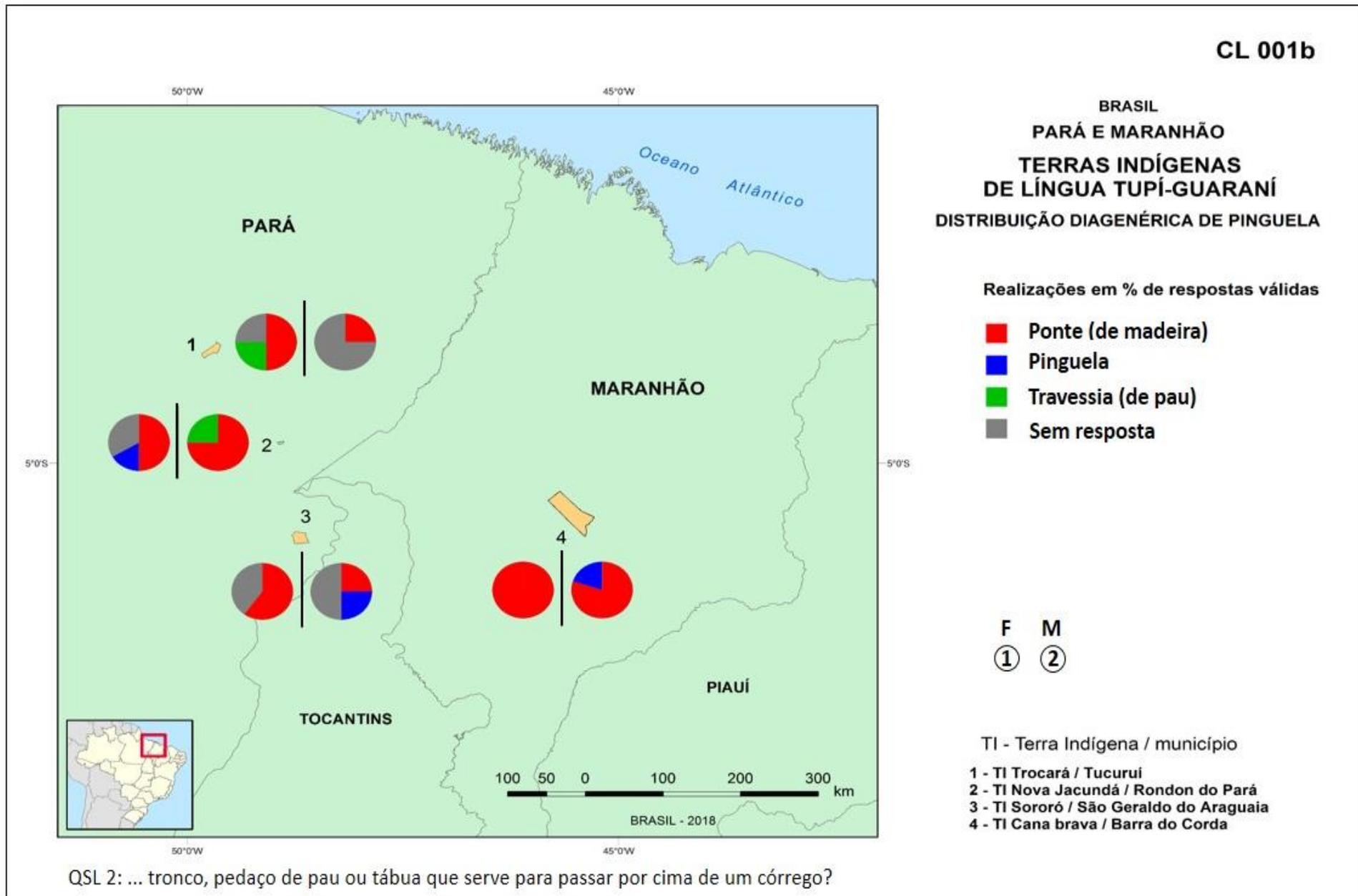
CARTA LEXICAL 025a – DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA

CARTA LEXICAL 025b – DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA

CARTA LEXICAL 025c – DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL

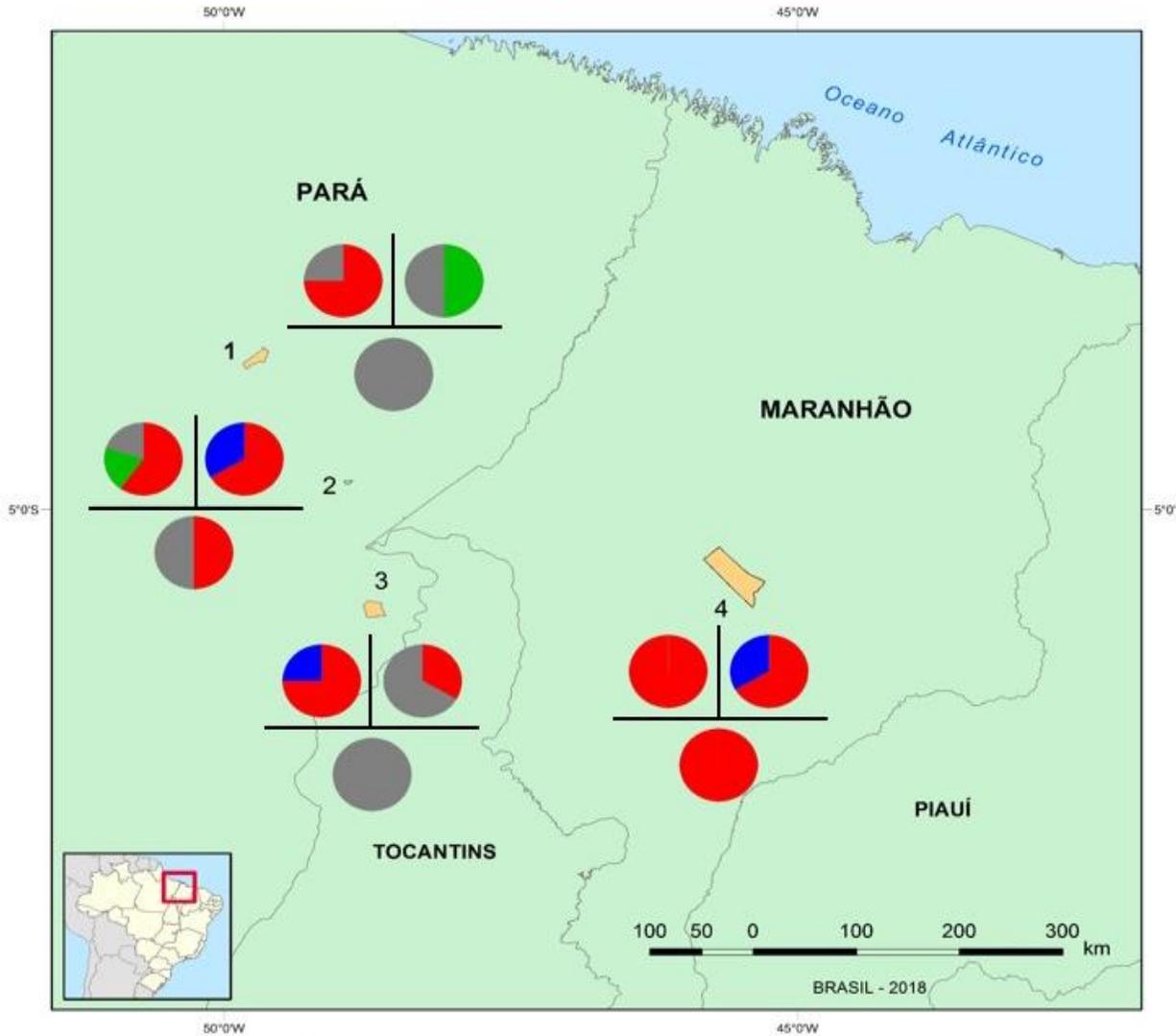






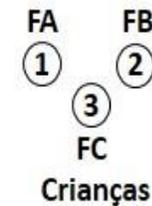
CL 001c

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE PINGUELA



Realizações em % de respostas válidas

- Ponte (de madeira)
- Pinguela
- Travessia (de pau)
- Sem resposta

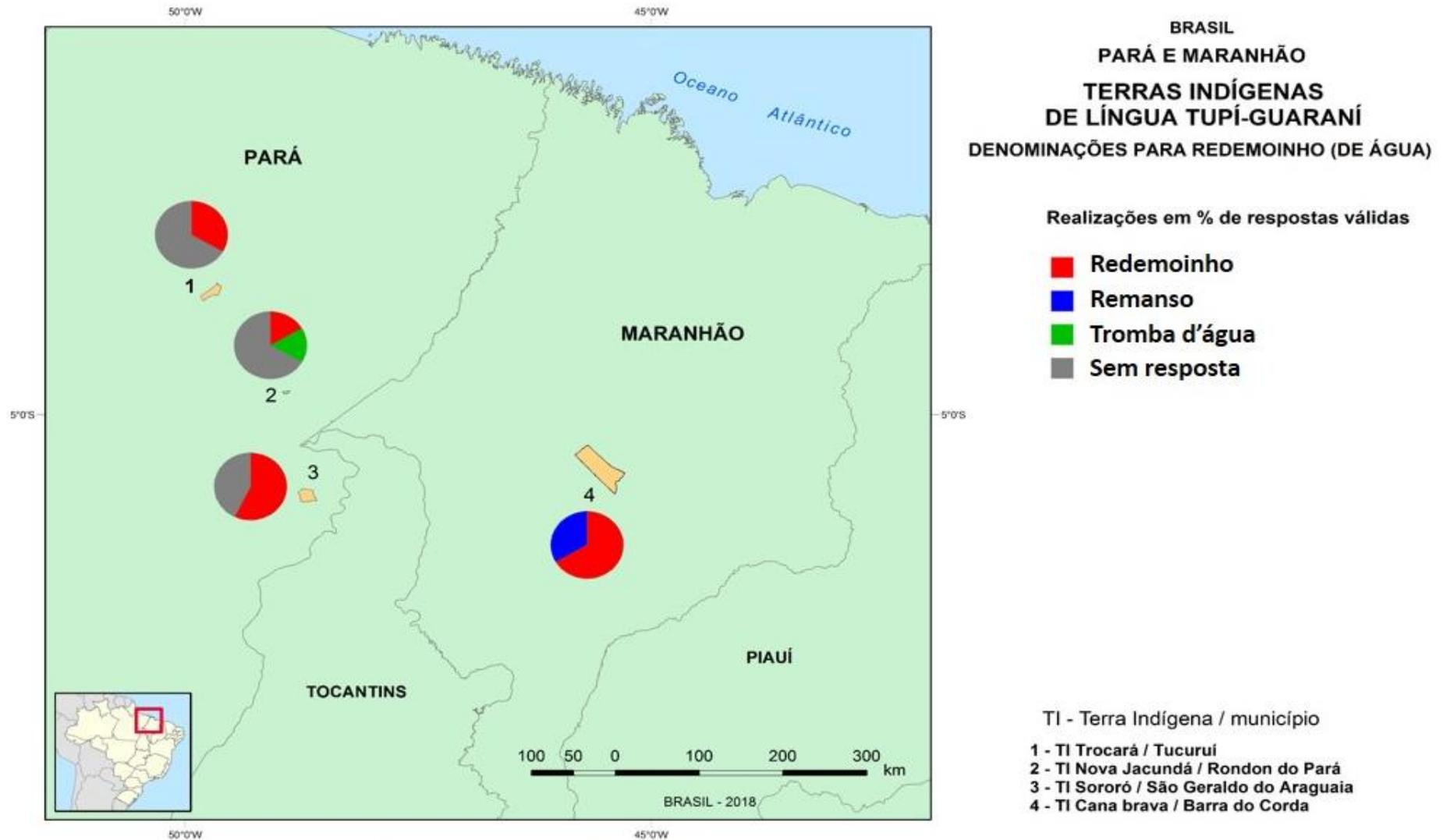


TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

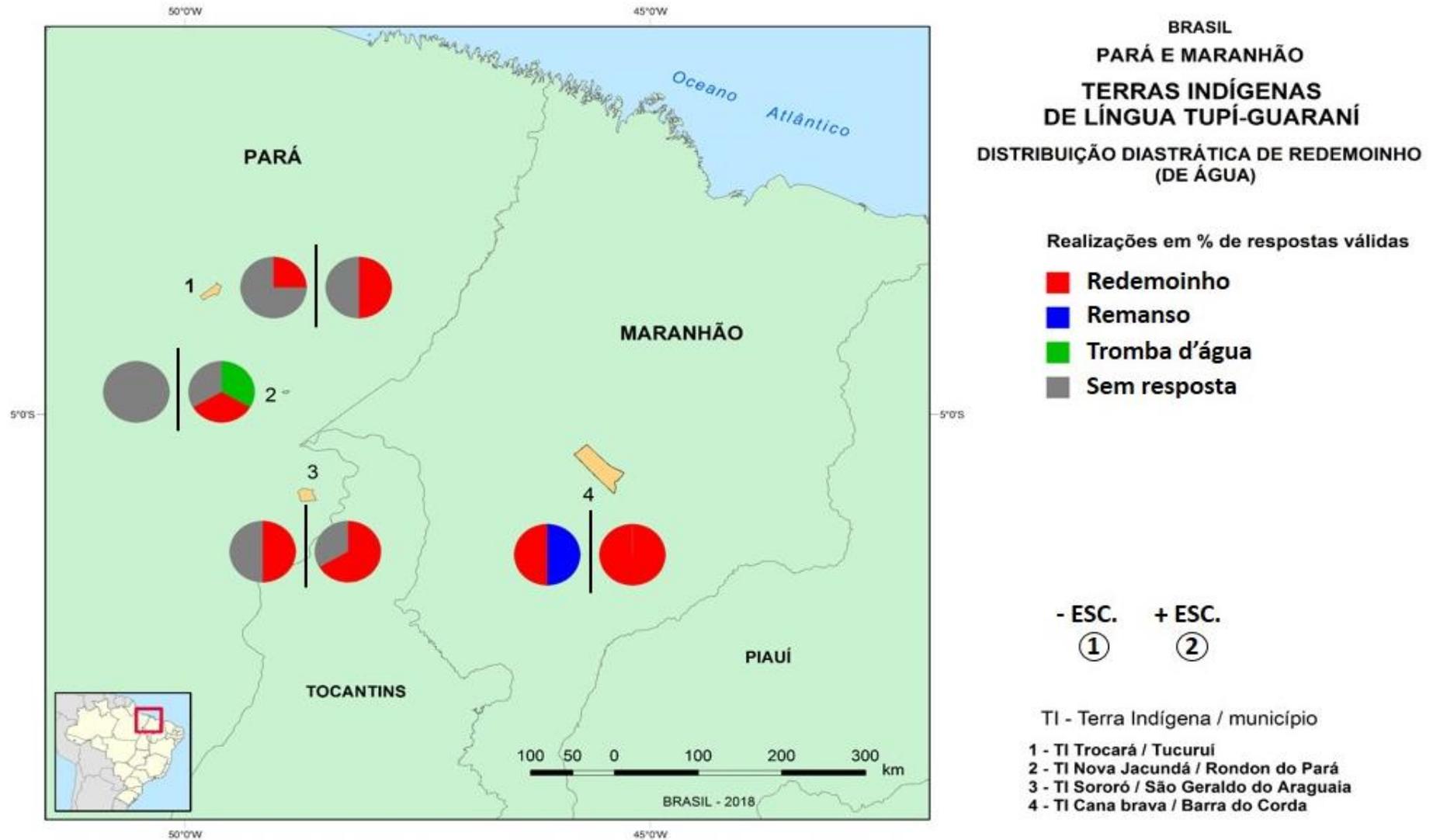
QSL 2: ... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego?

CL 002



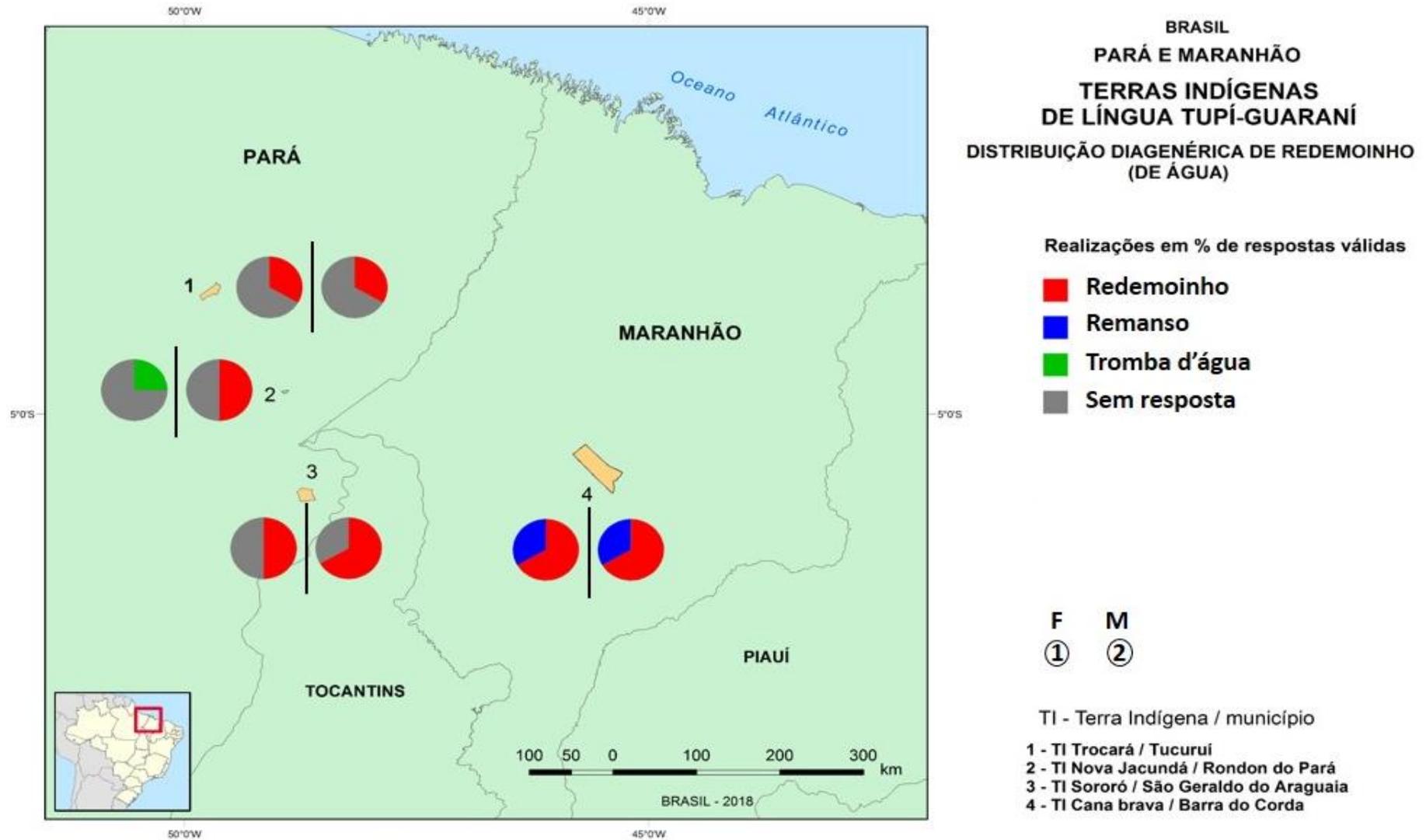
QSL 4: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, que puxa para baixo. Como de chama isto?

CL 002a



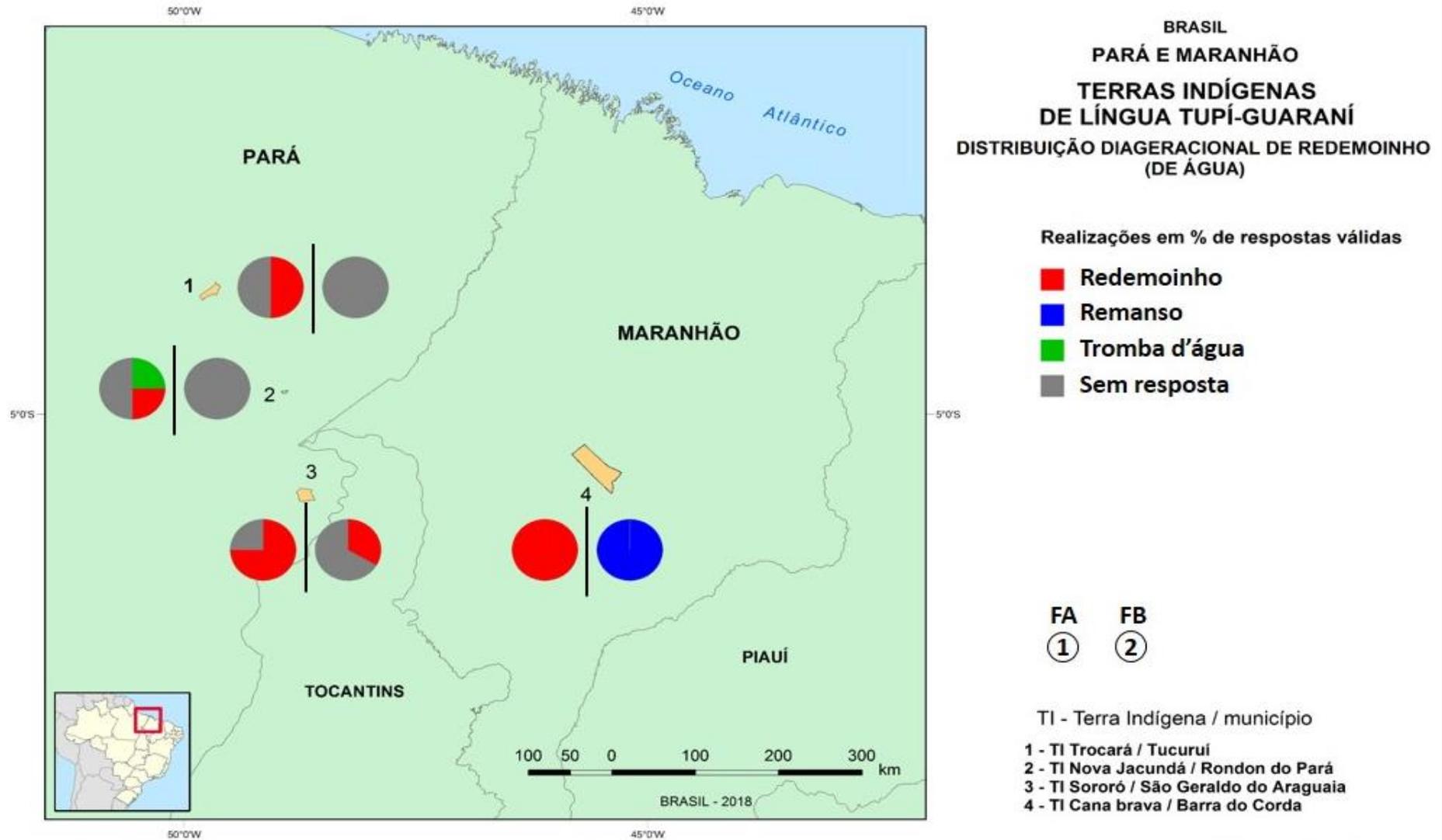
QSL 4: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como de chama isto?

CL 002b



QSL 4: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?

CL 002c



QSL 4: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como de chamar isto?

CL 003

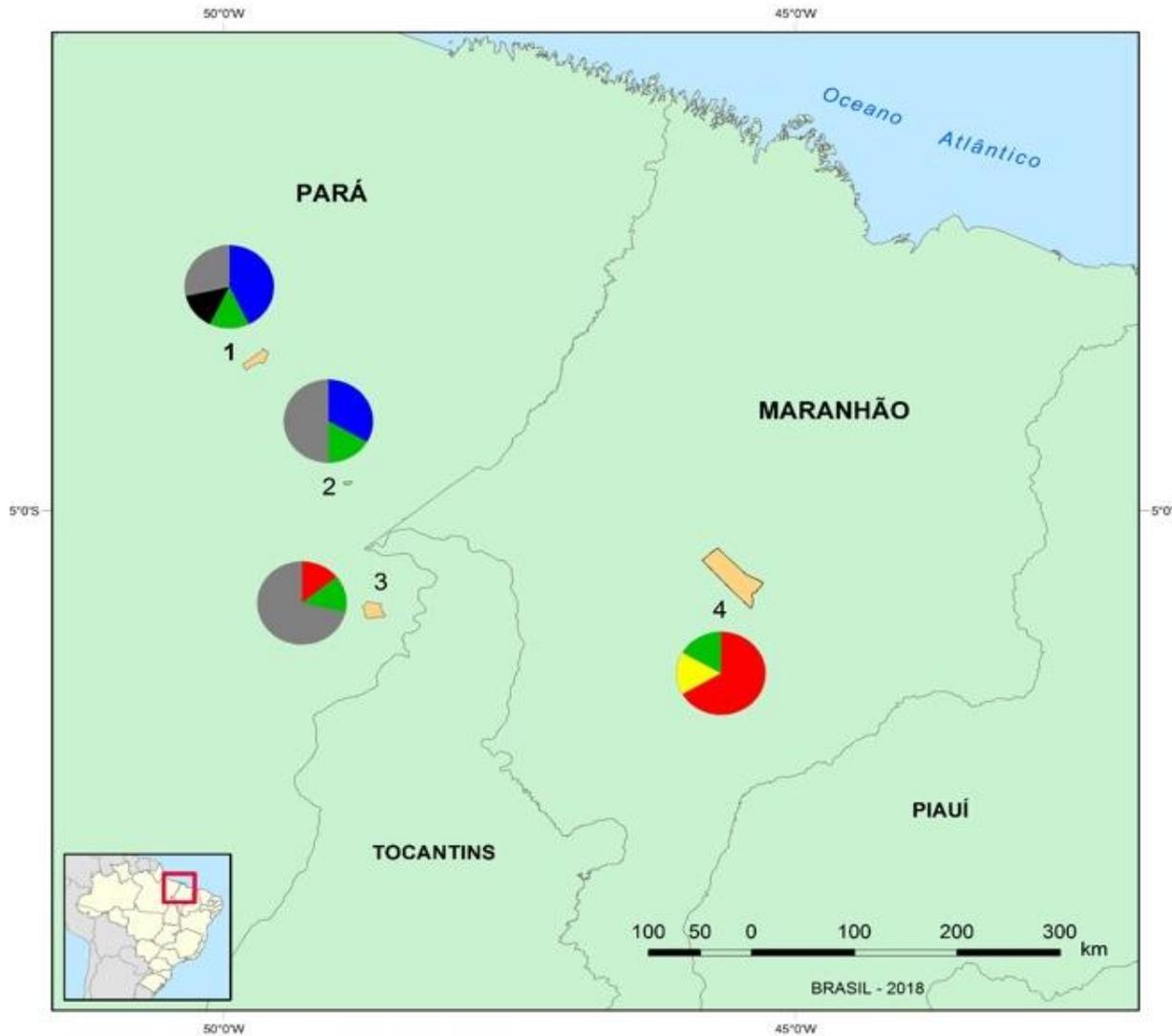
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA GAROA

Realizações em % de respostas válidas

- Sereno
- Chuvisco
- Chuva fina
- Garoa
- Chuva fraca
- Sem resposta

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 18: ... Uma chuva bem fininha?

CL 003a

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
 TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
 DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE GAROA

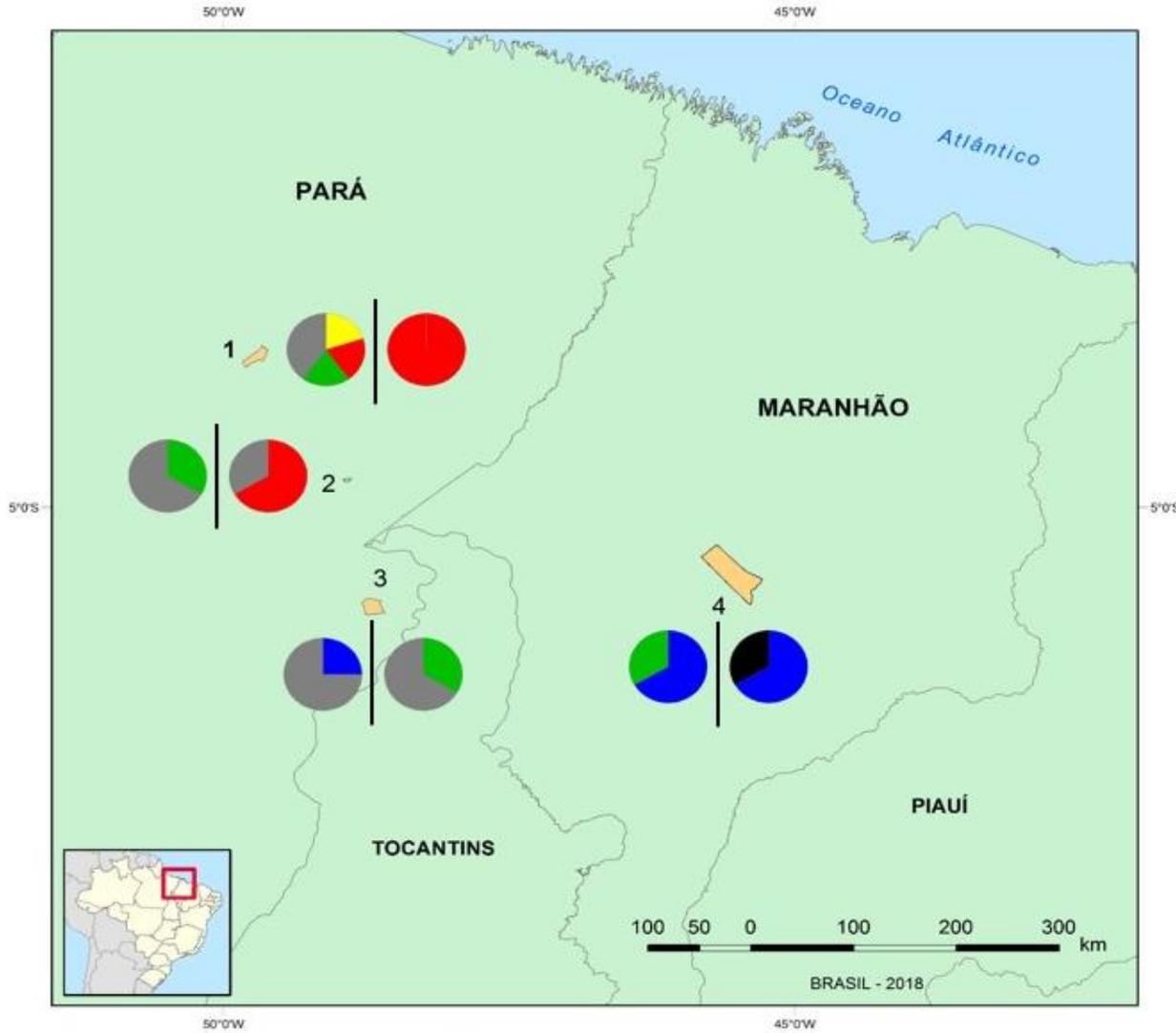
Realizações em % de respostas válidas

- Chuvisco
- Sereno
- Chuva fina
- Chuva fraca
- Garoa
- Sem resposta

- ESC.    + ESC.  
 (1)      (2)

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 18: ... Uma chuva bem fininha?

CL 003b

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
 TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE GOROA

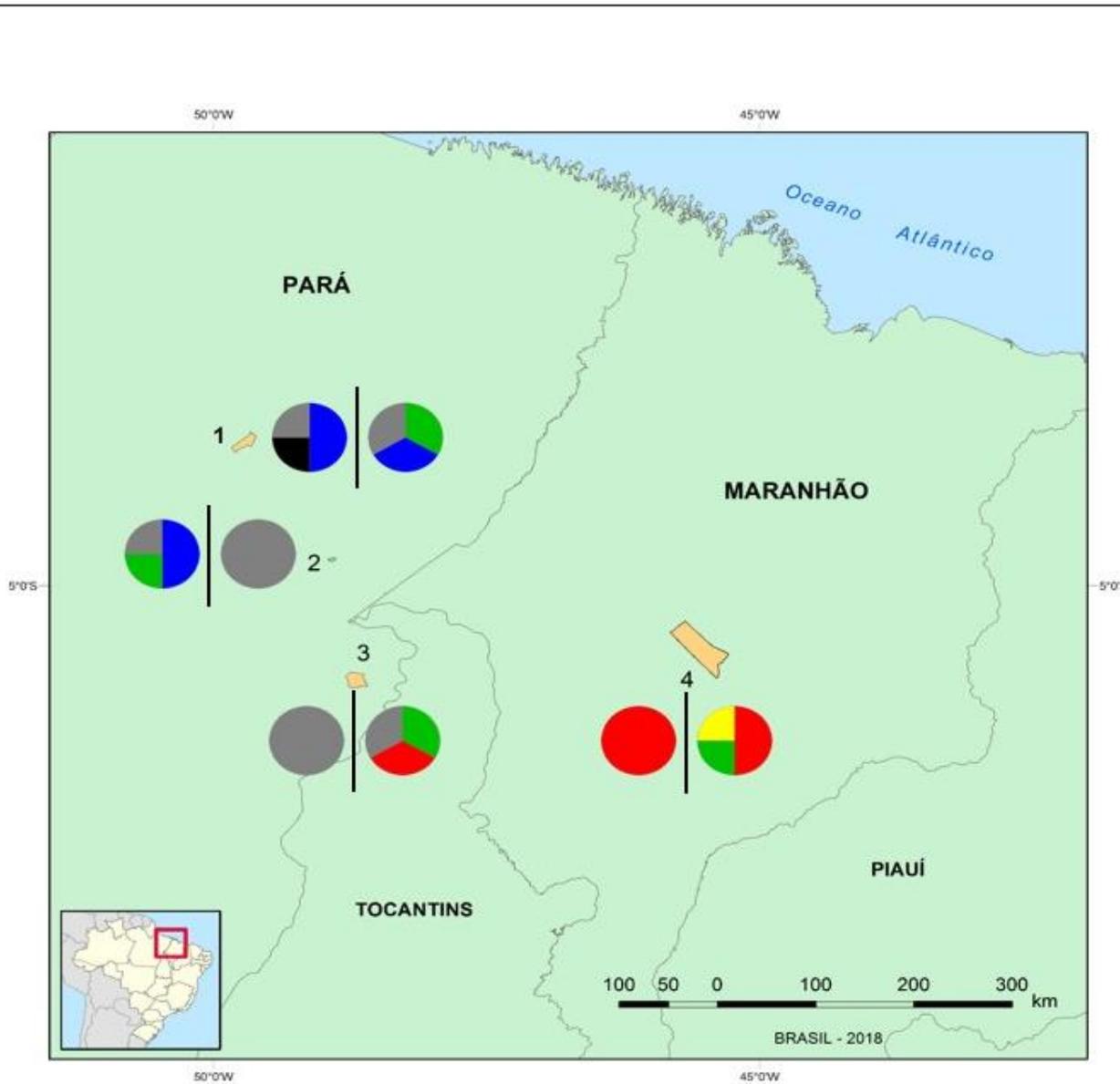
Realizações em % de respostas válidas

- Sereno
- Chuvisco
- Chuva fina
- Garoa
- Chuva fraca
- Sem resposta

F M  
 ① ②

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 18: ... Uma chuva bem fininha?

CL 003c

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
 TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE GAROA

Realizações em % de respostas válidas

- Chuvisco
- Sereno
- Chuva Fina
- Garoa
- Chuva fraca
- Sem resposta

FA FB

① ②

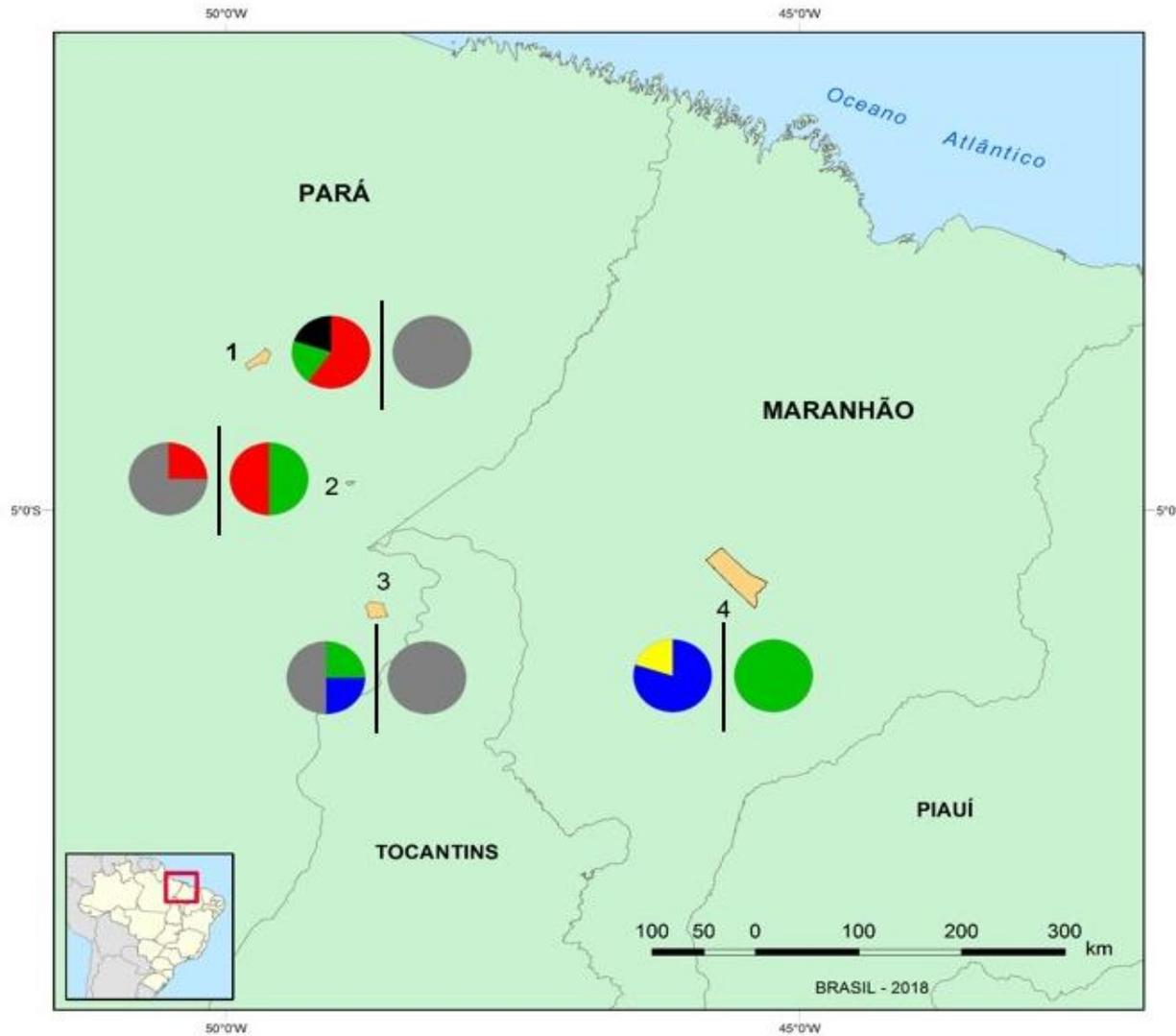
③

FC

Crianças

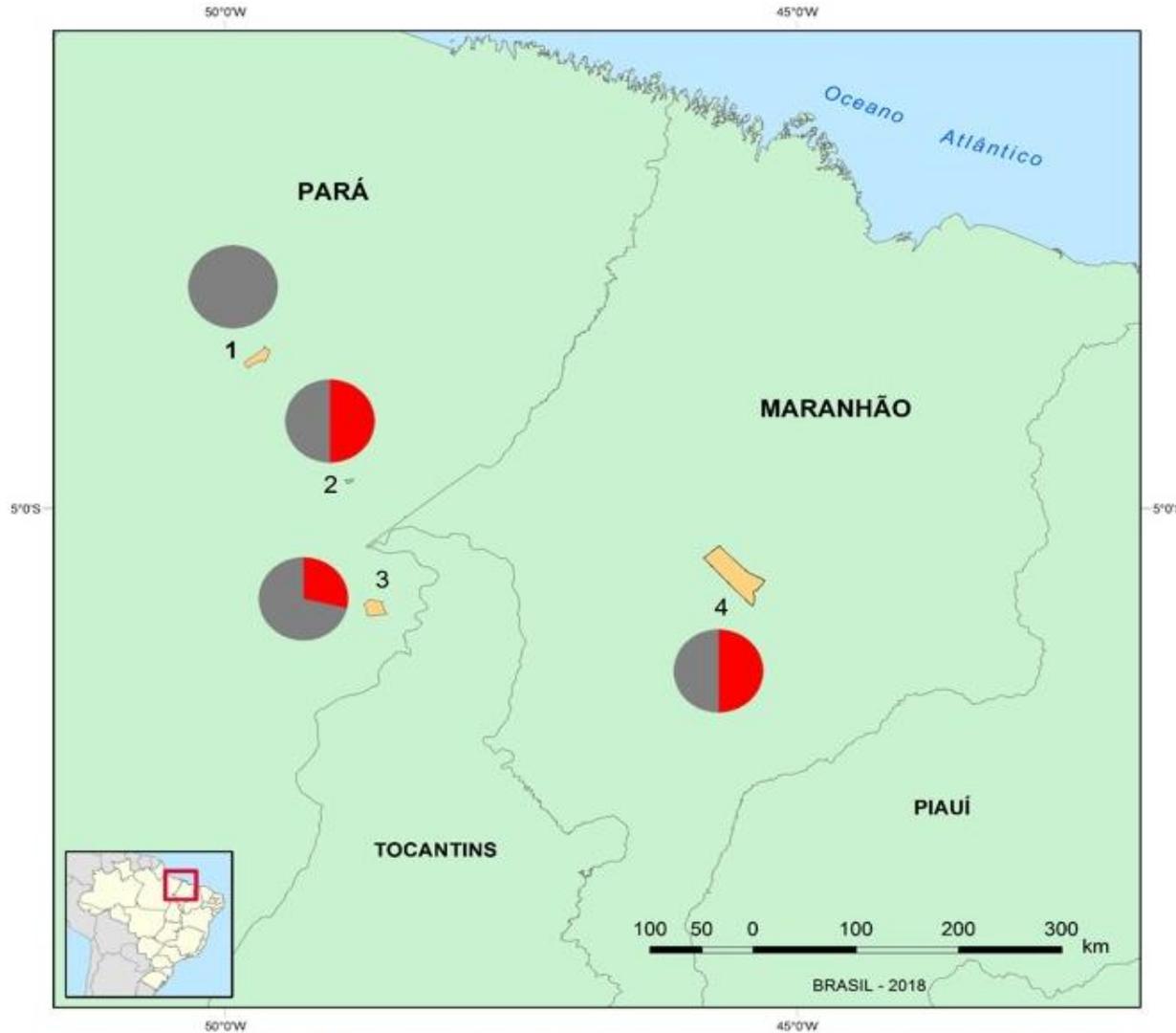
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



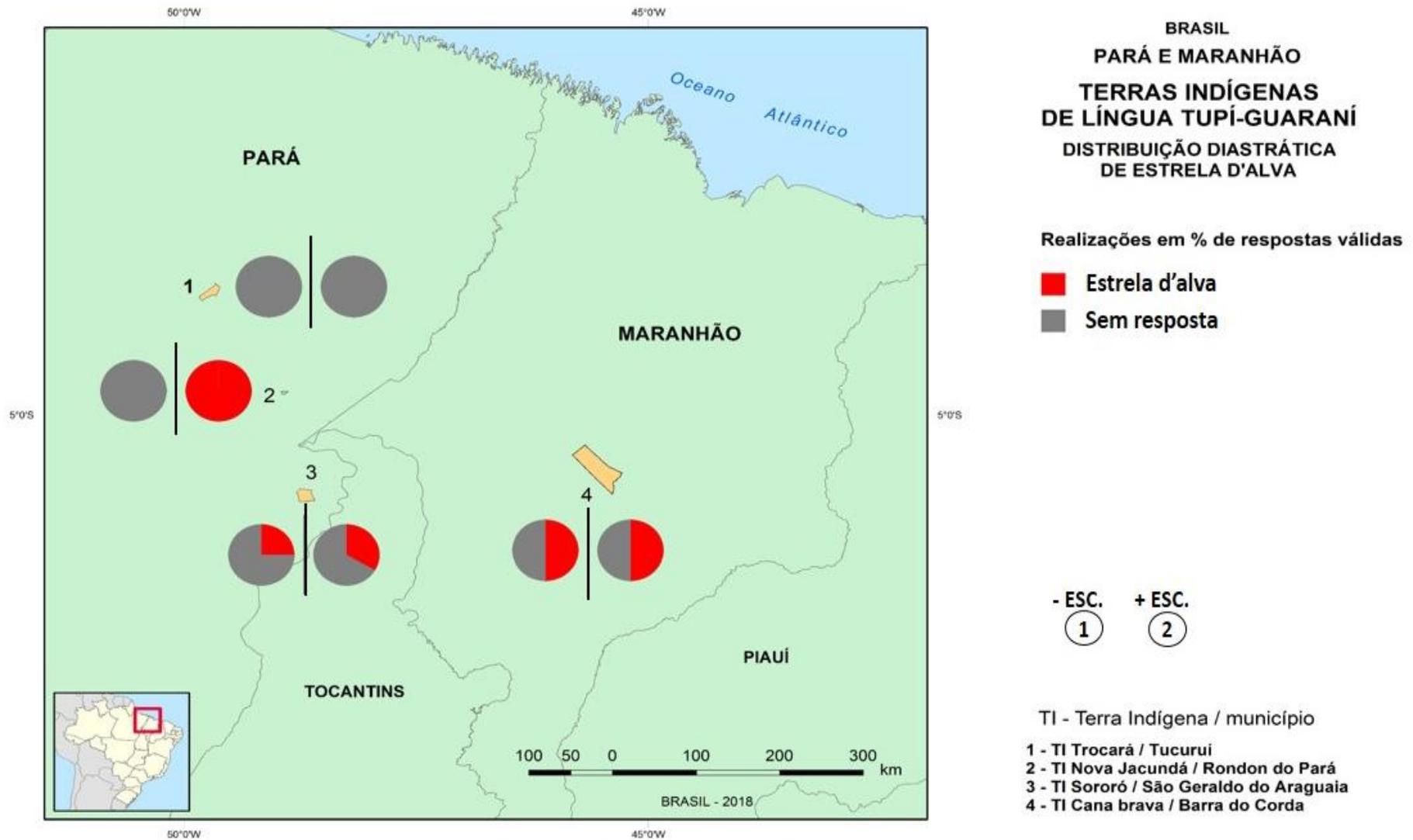
QSL 18: ... Uma chuva bem fininha?

CL 004



QSL 29: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

CL 004a



QSL 29: De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

CL 004b

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
 TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA  
 DE ESTRELA D'ALVA

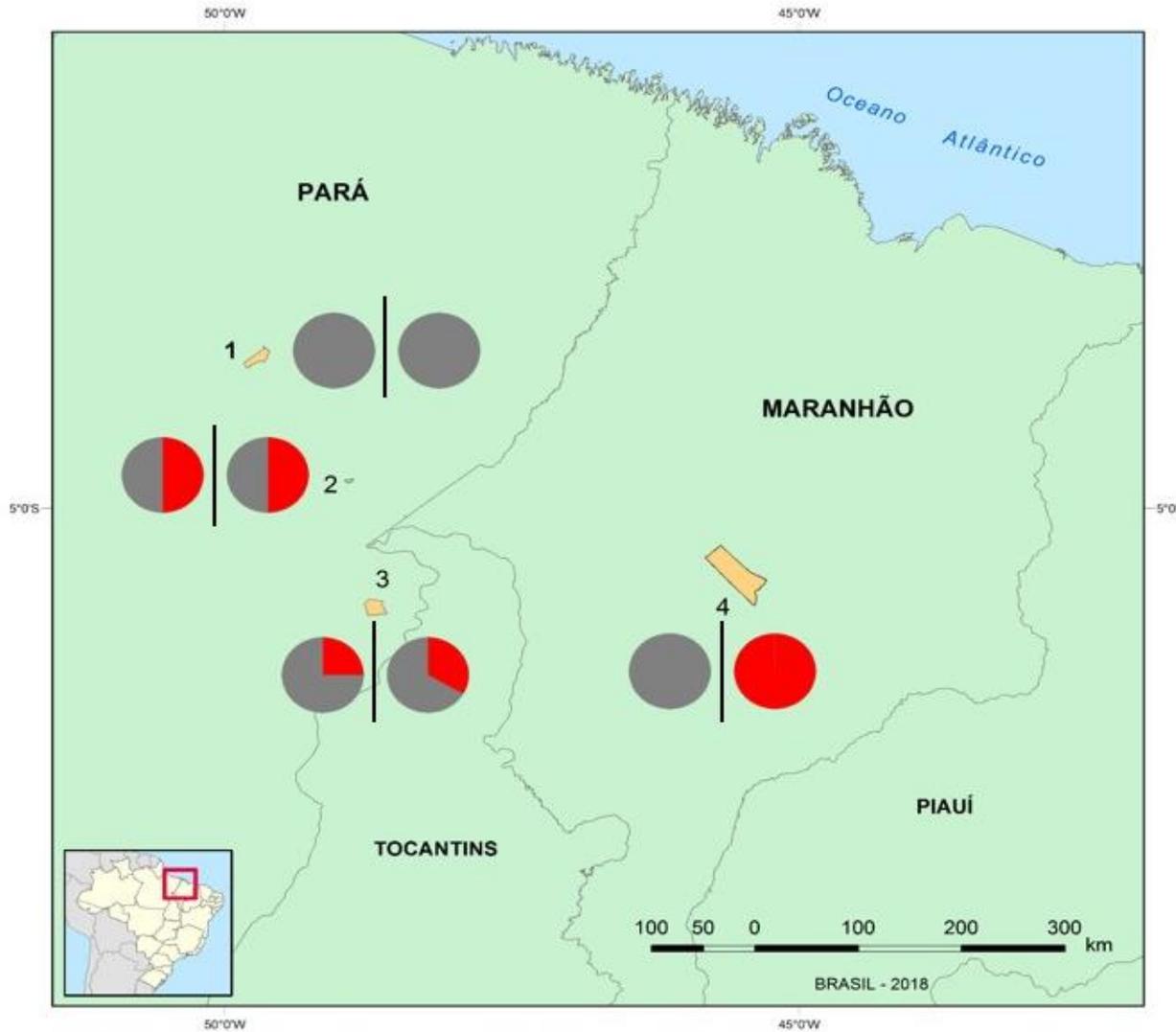
Realizações em % de respostas válidas

- Estrela d'alva
- Sem resposta

F M  
 (1) (2)

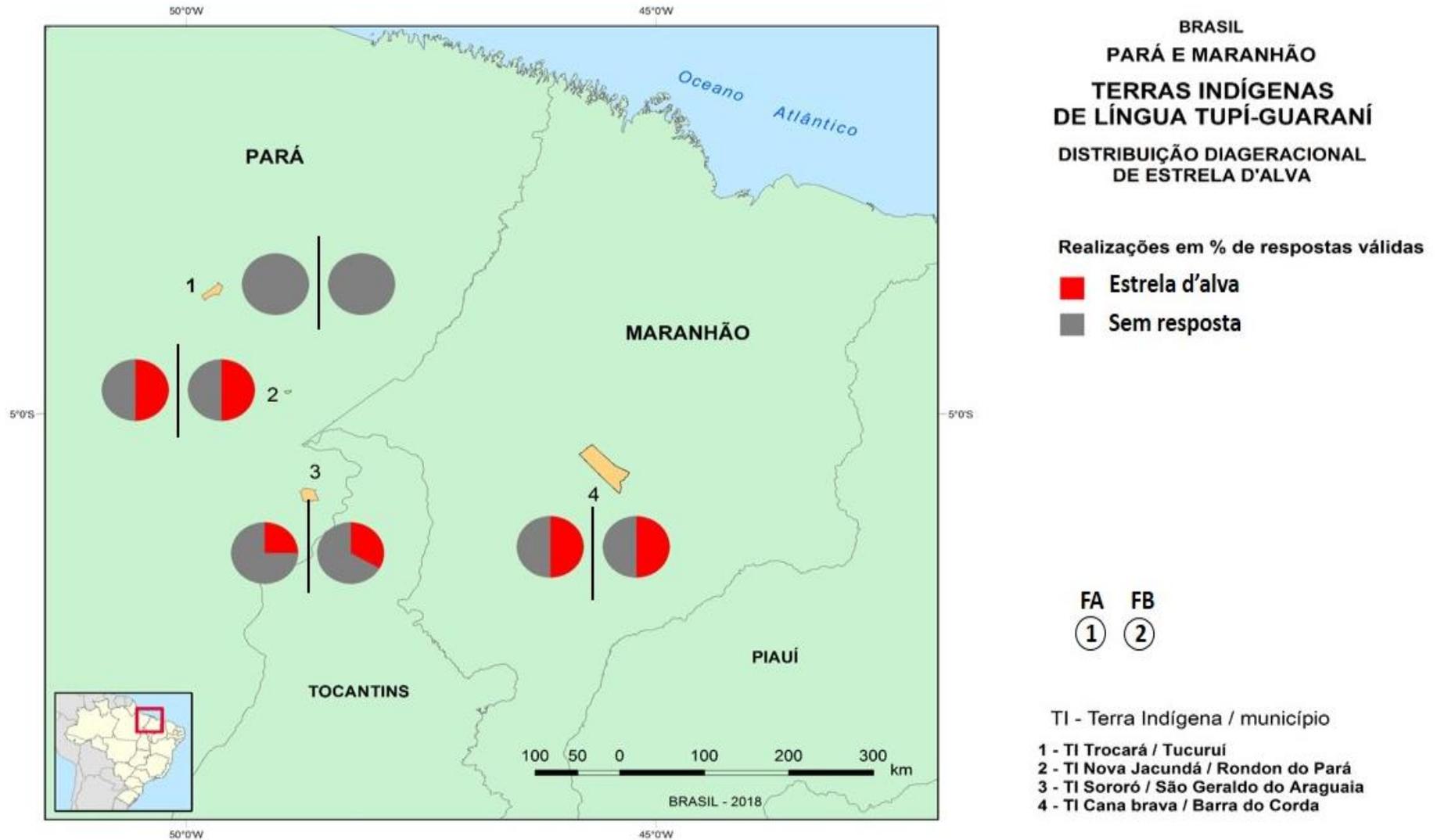
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



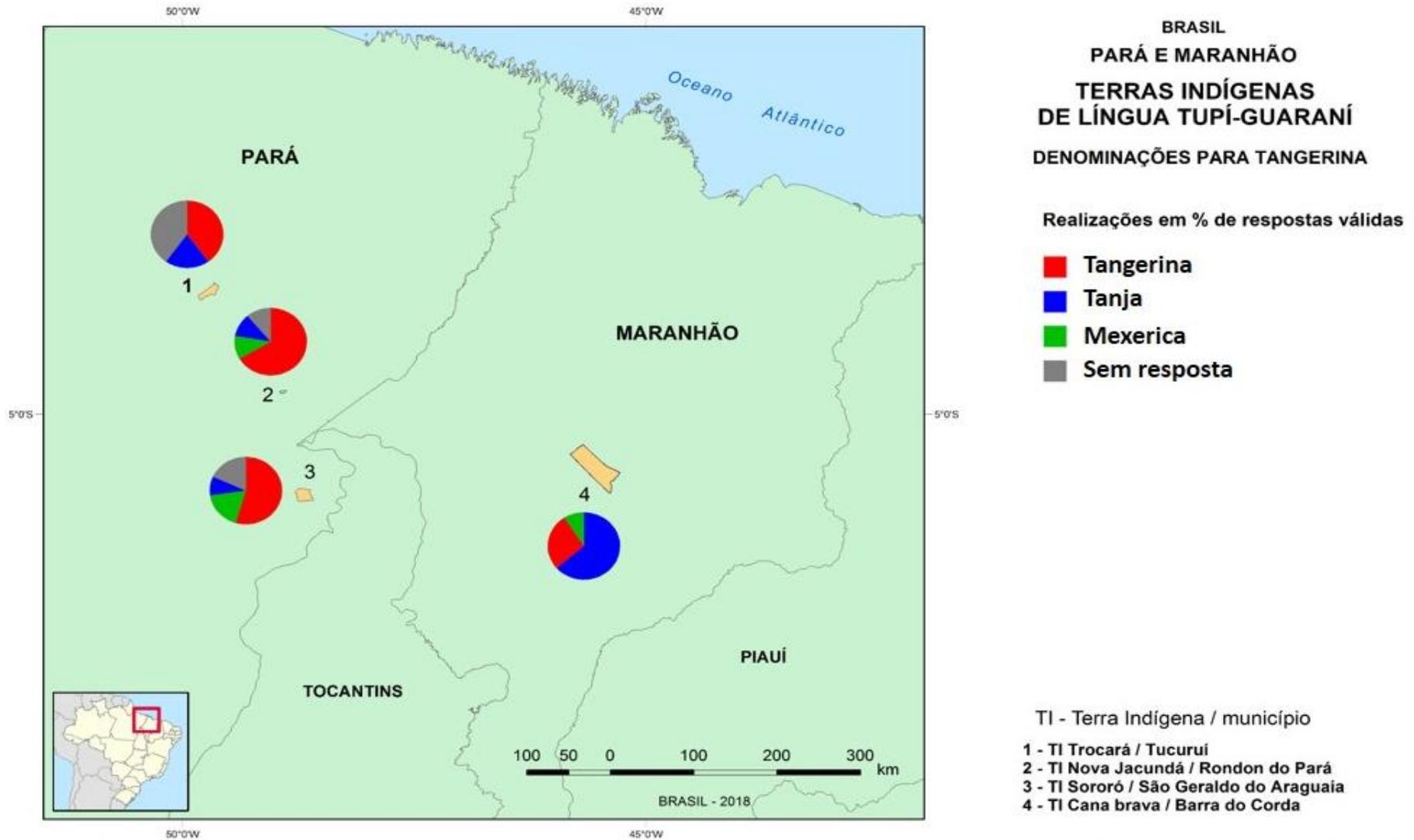
QSL 29: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

CL 004c



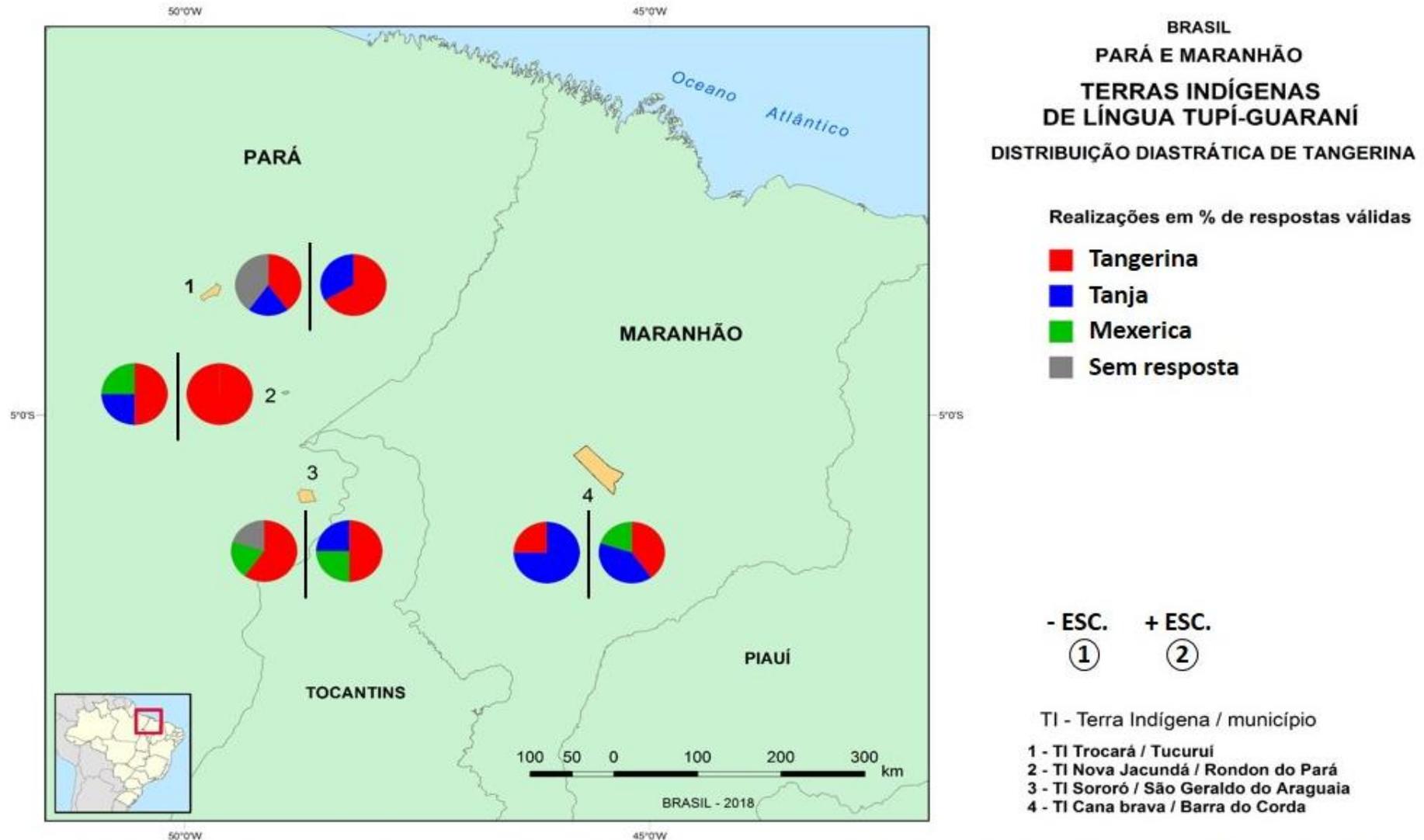
QSL 29: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como se chamam esta estrela?

CL 005



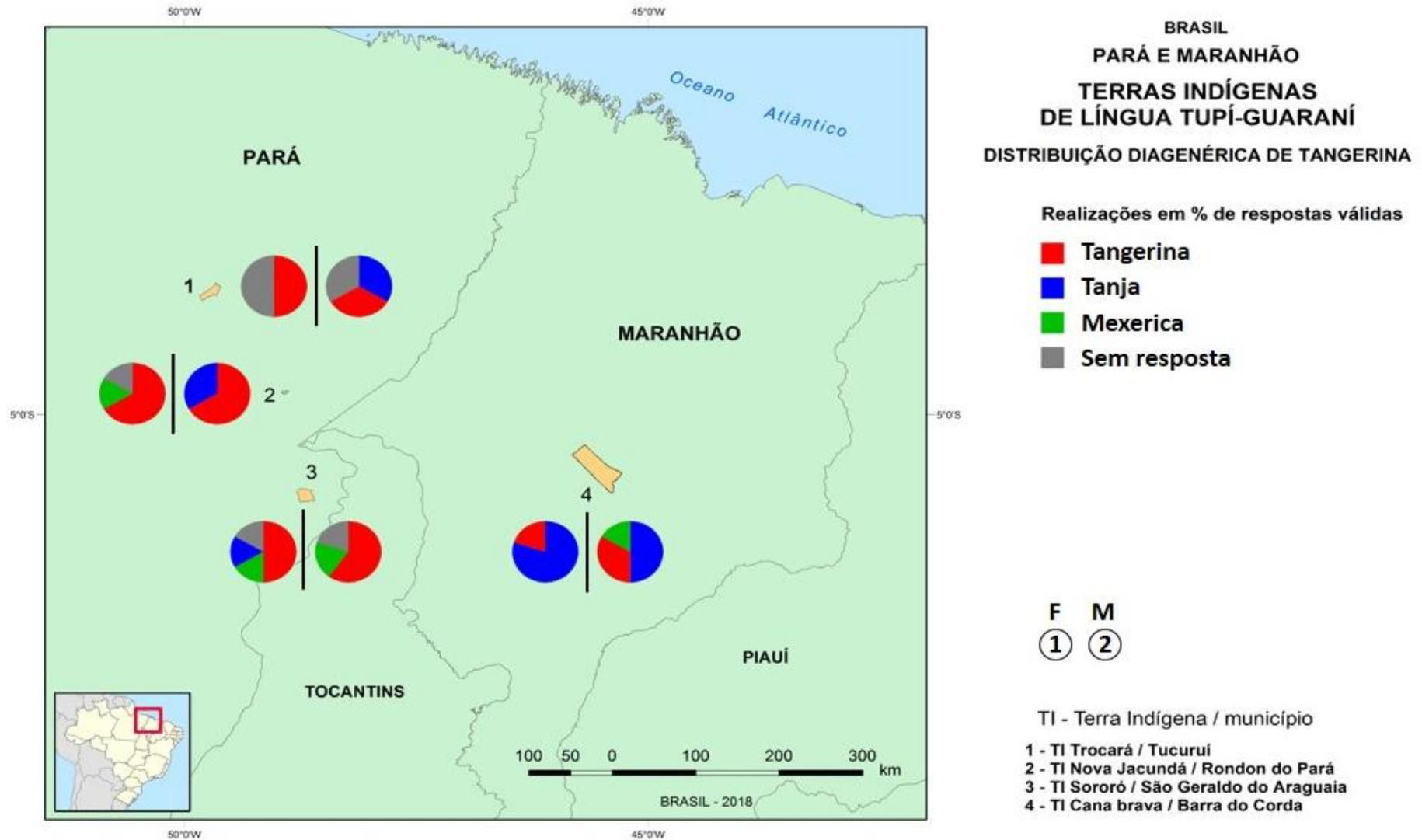
QSL 39: ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

CL 005a



QSL 39: ... as frutas menores que a laranja, que descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Com elas são?

CL 005b



QSL 39: ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente deixam um cheiro na mão? Como elas são?

CL 005c

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPI-GUARANÍ**  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE TANGERINA

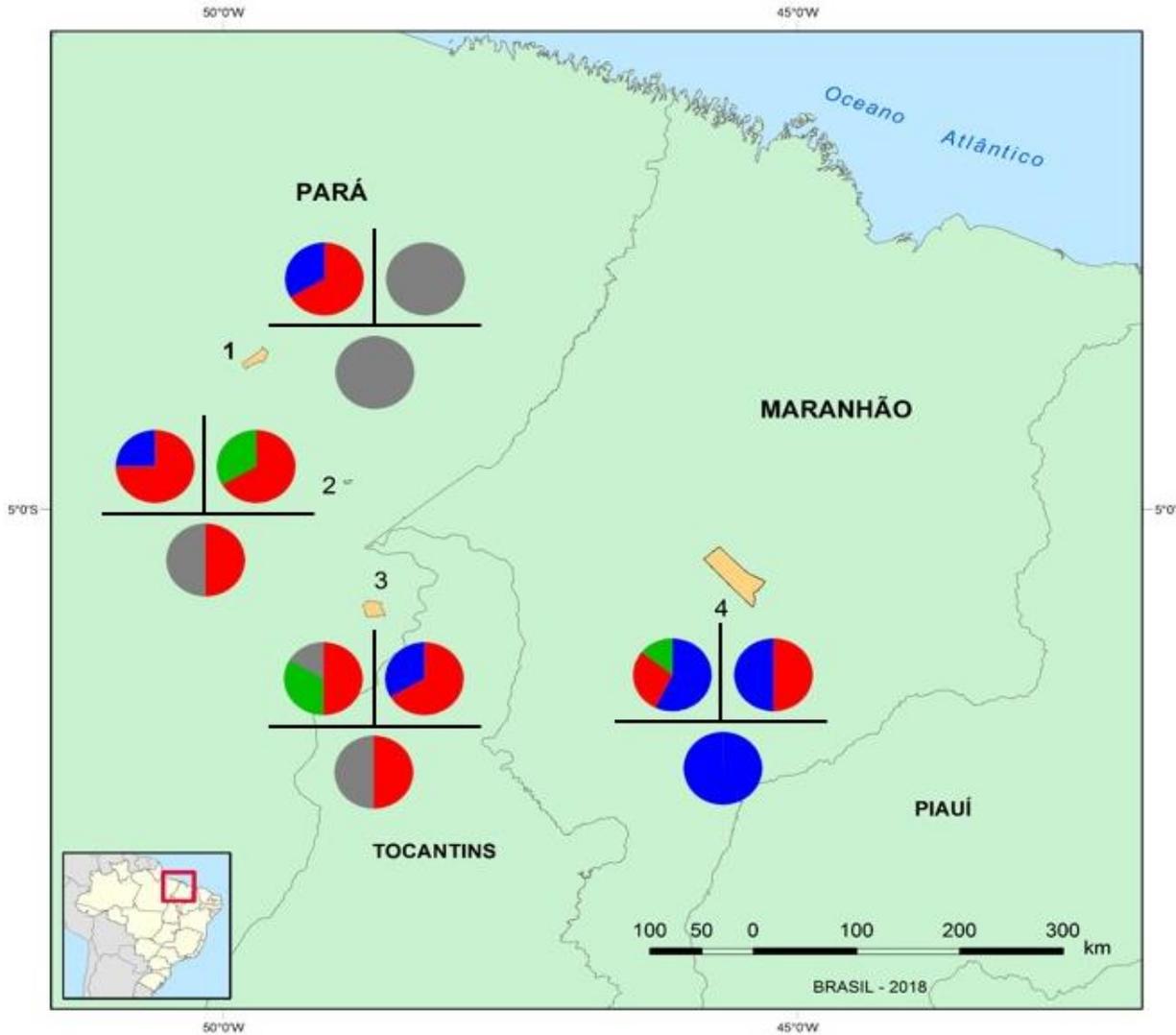
Realizações em % de respostas válidas

- Tangerina
- Tanja
- Mexerica
- Sem resposta

- FA      FB  
 ①      ②  
 ③  
 FC  
 Crianças

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 39: ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

CL 006

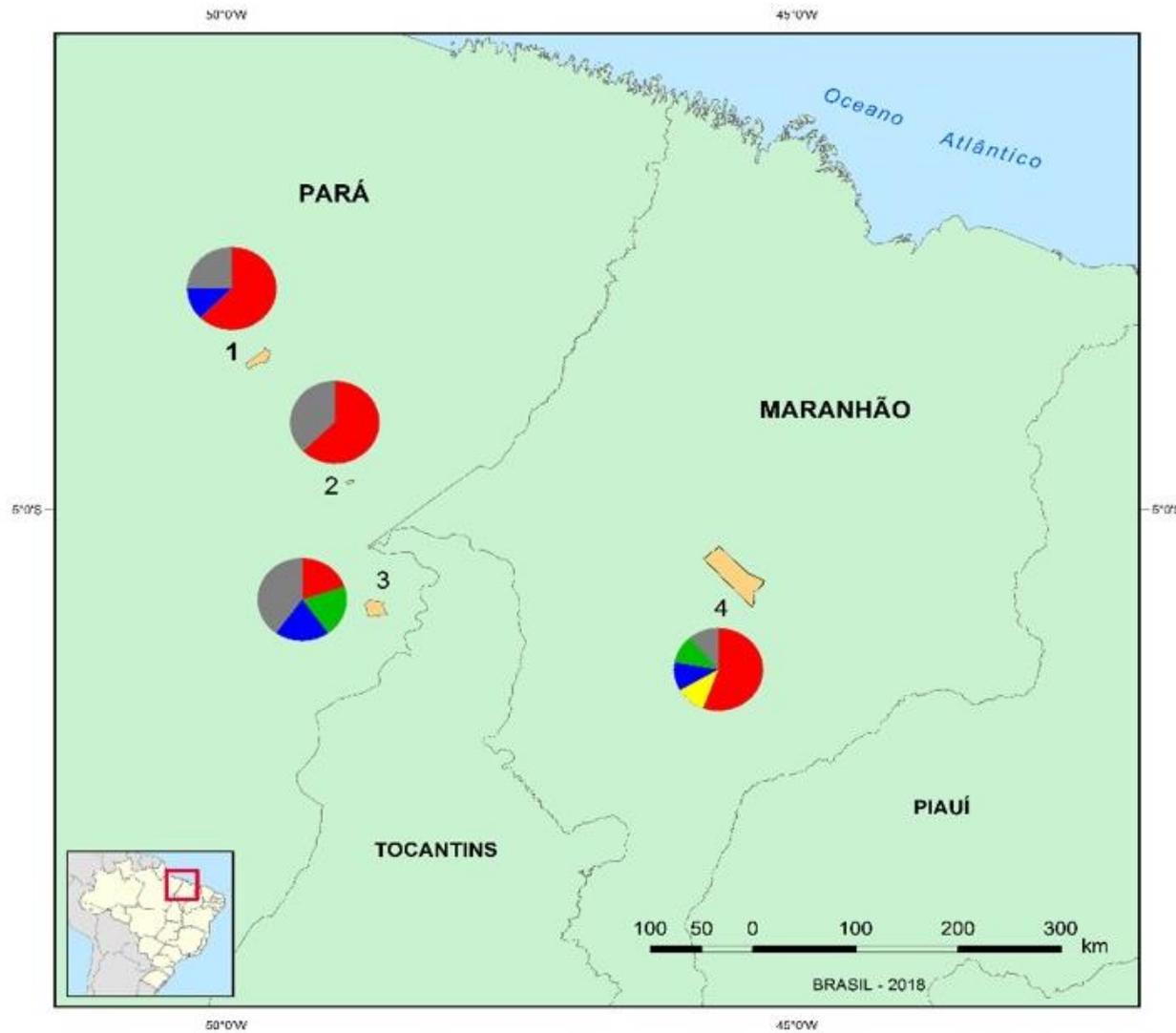
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA PENCA

Realizações em % de respostas válidas



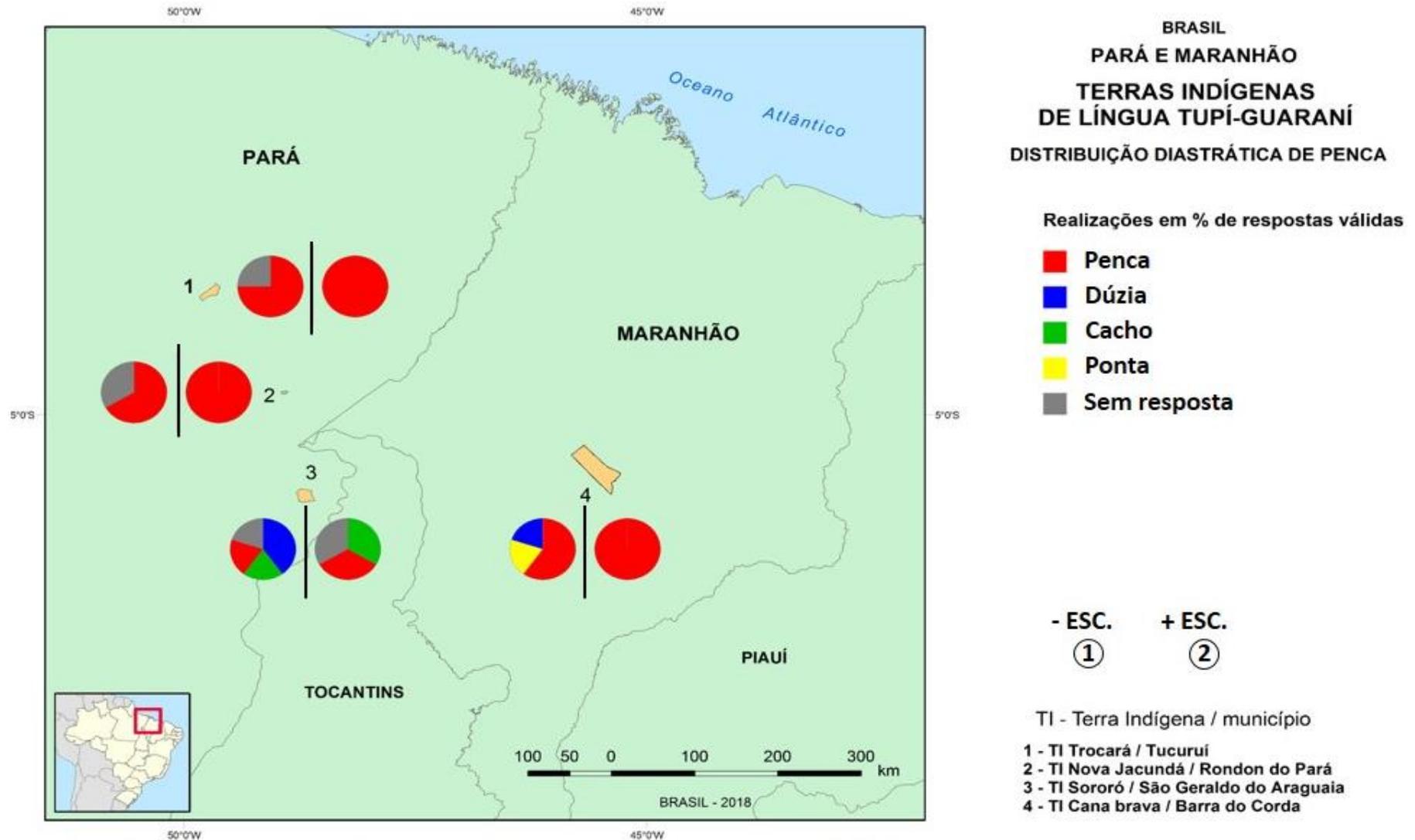
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 42: ... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

CL 006a



QSL 42: ... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

CL 006b

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE PENCA

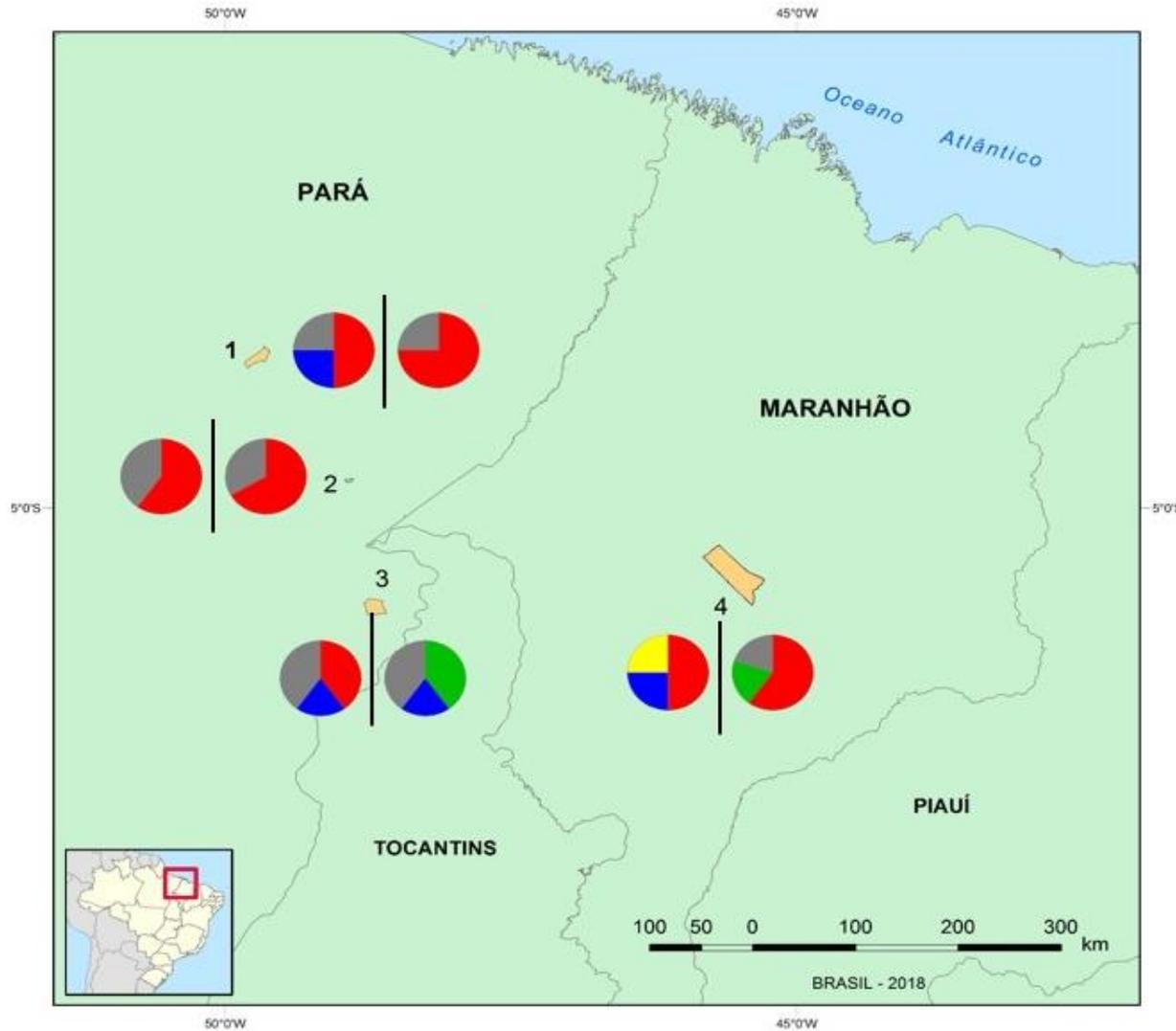
Realizações em % de respostas válidas

- Penca
- Cacho
- Dúzia
- Ponta
- Sem resposta

F M  
① ②

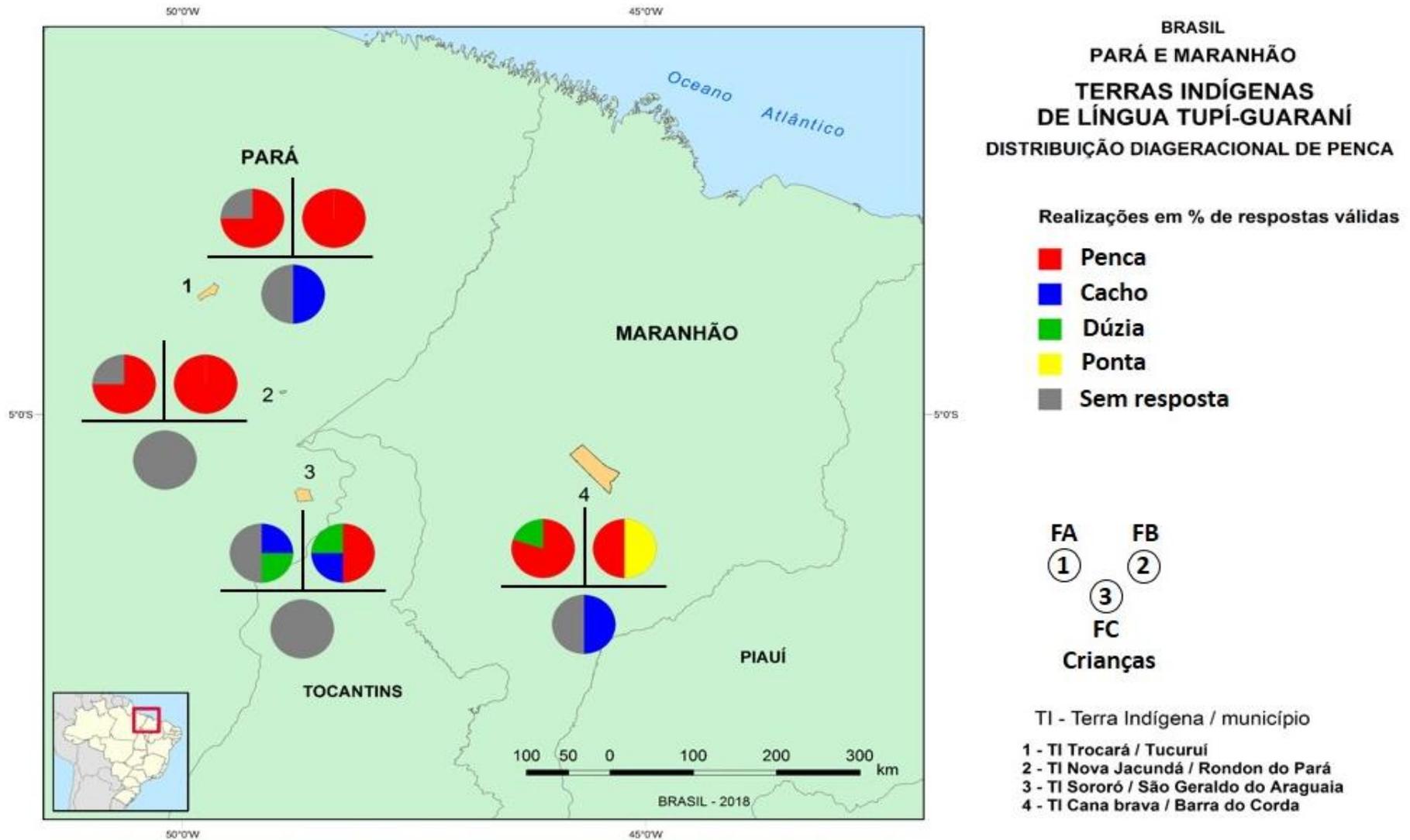
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



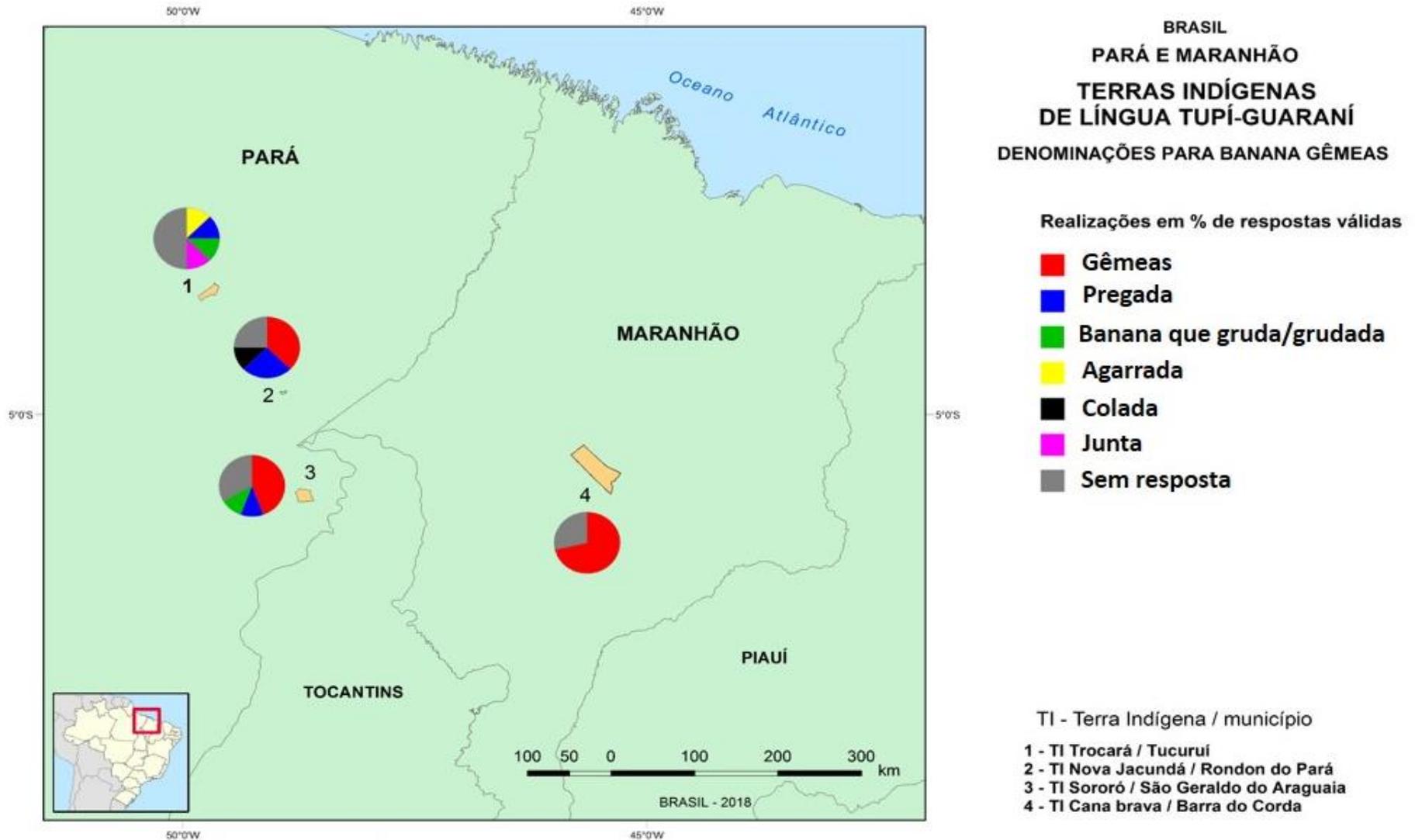
QSL 42: ... cada parte que se cortado cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

CL 006c



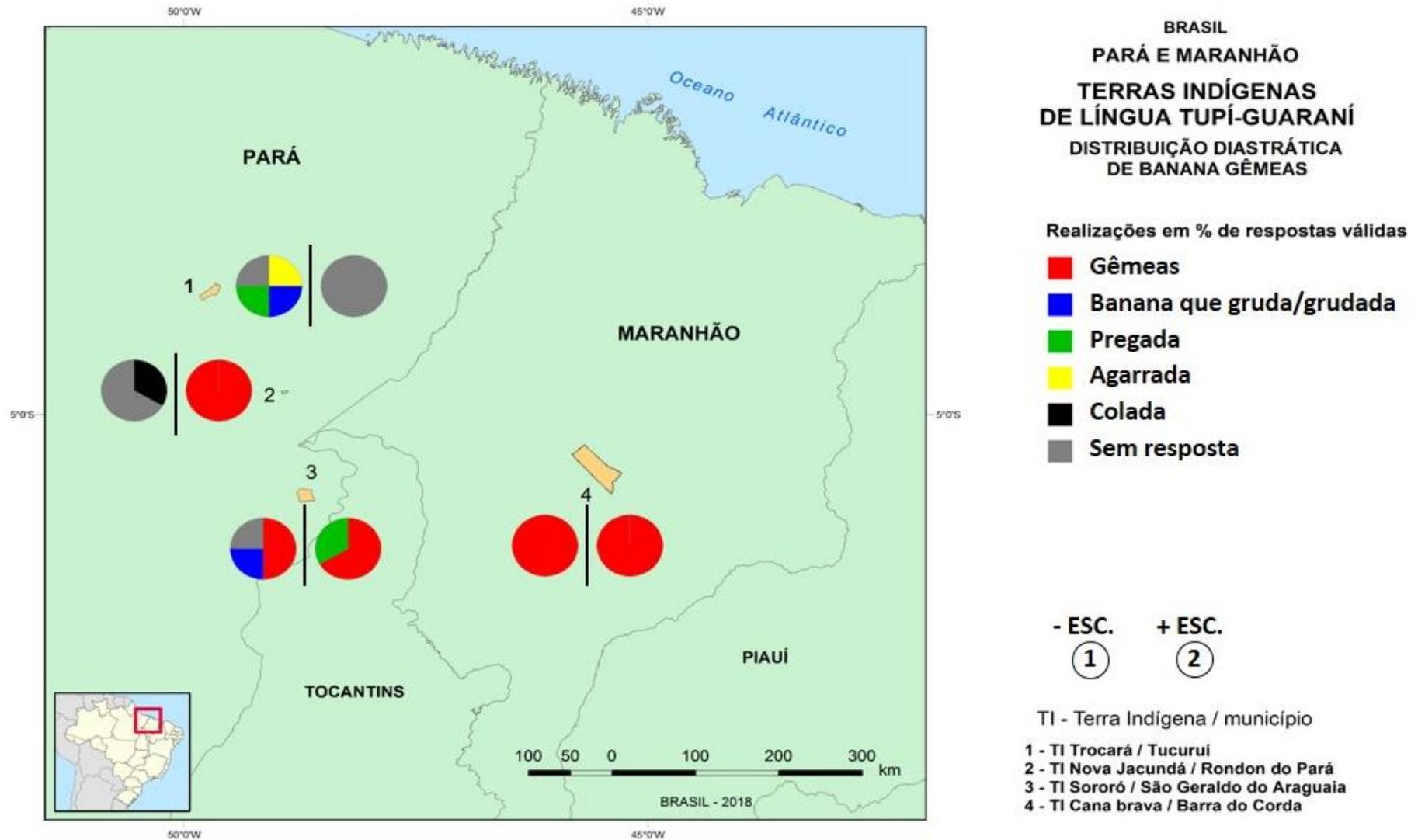
QSL 42: ... cada parte que se corta do cacho da bananeira para Pôr para madurar/amadurecer?

CL 007



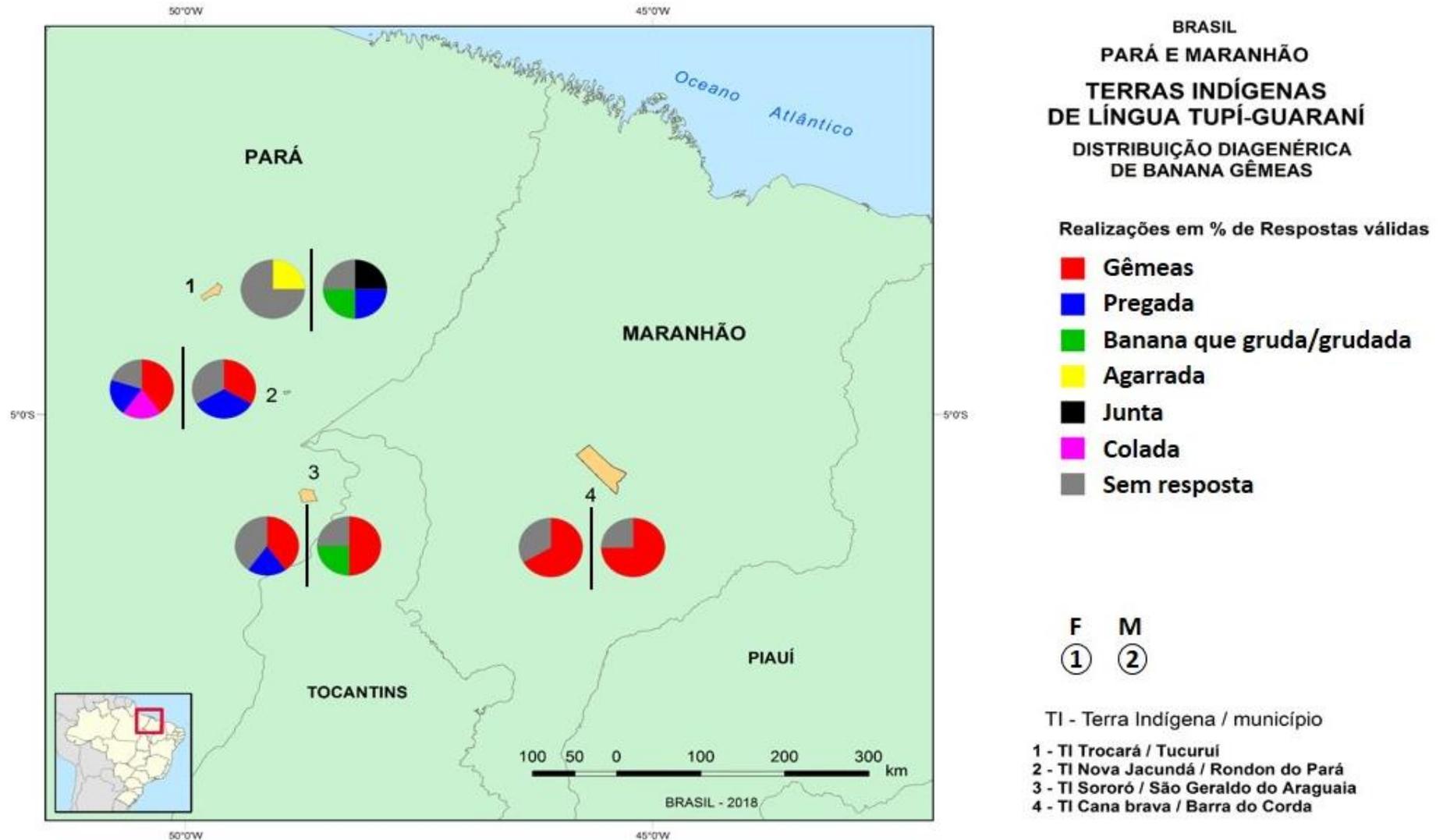
QSL 43: ... duas bananas que nascem grudadas?

CL 007a



QSL 43: ... duas bananas que nascem grudadas?

CL 007b



QSL 43: ... duas bananas que nascem grudadas?

CL 007c

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI**  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL  
 DE BANANA GÊMEAS

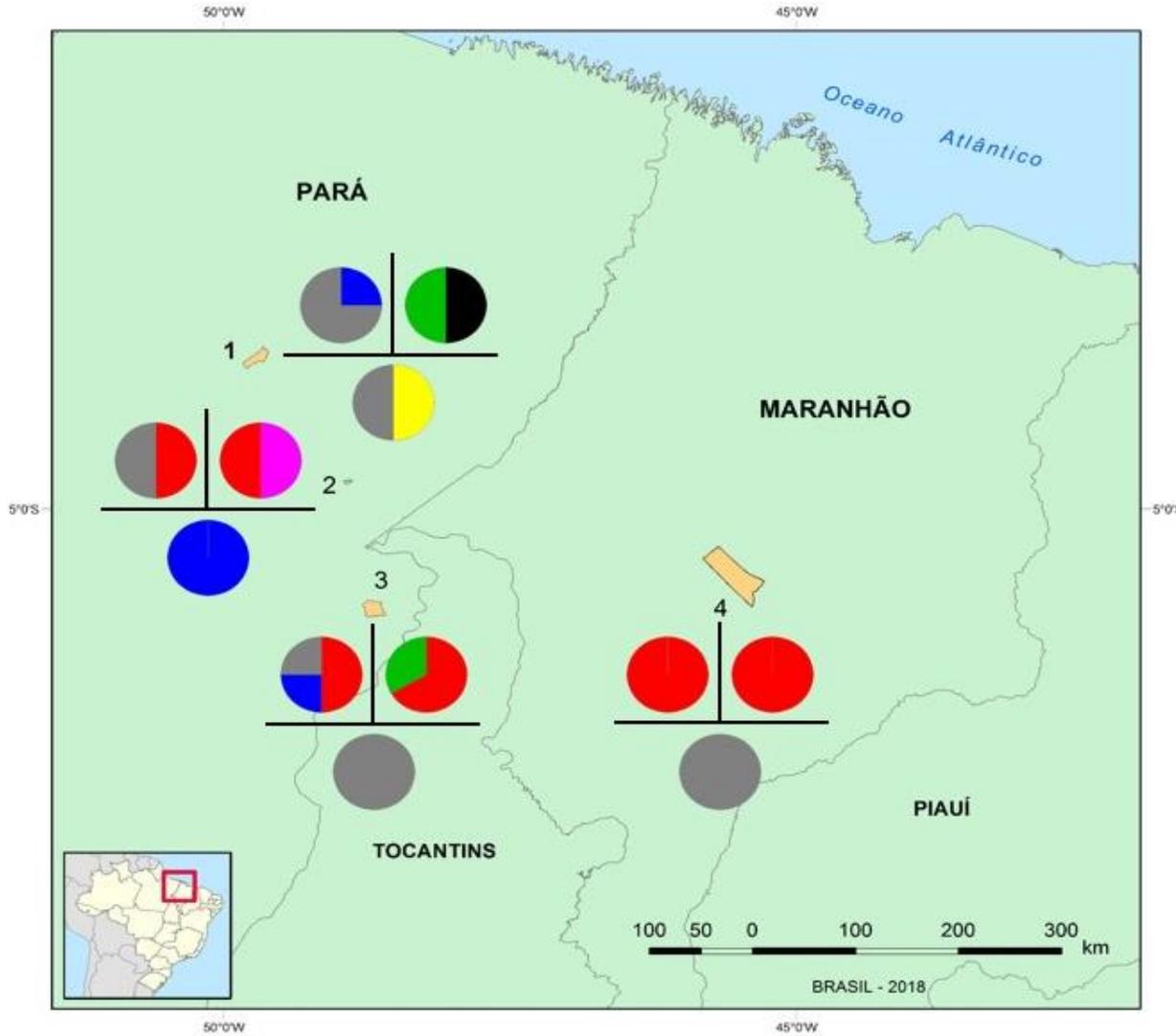
Realizações em % de respostas válidas

- Gêmeas
- Pregada
- Banana que gruda/grudada
- Junta
- Agarrada
- Colada
- Sem resposta

FA      FB  
 ①      ②  
       ③  
 FC  
**Crianças**

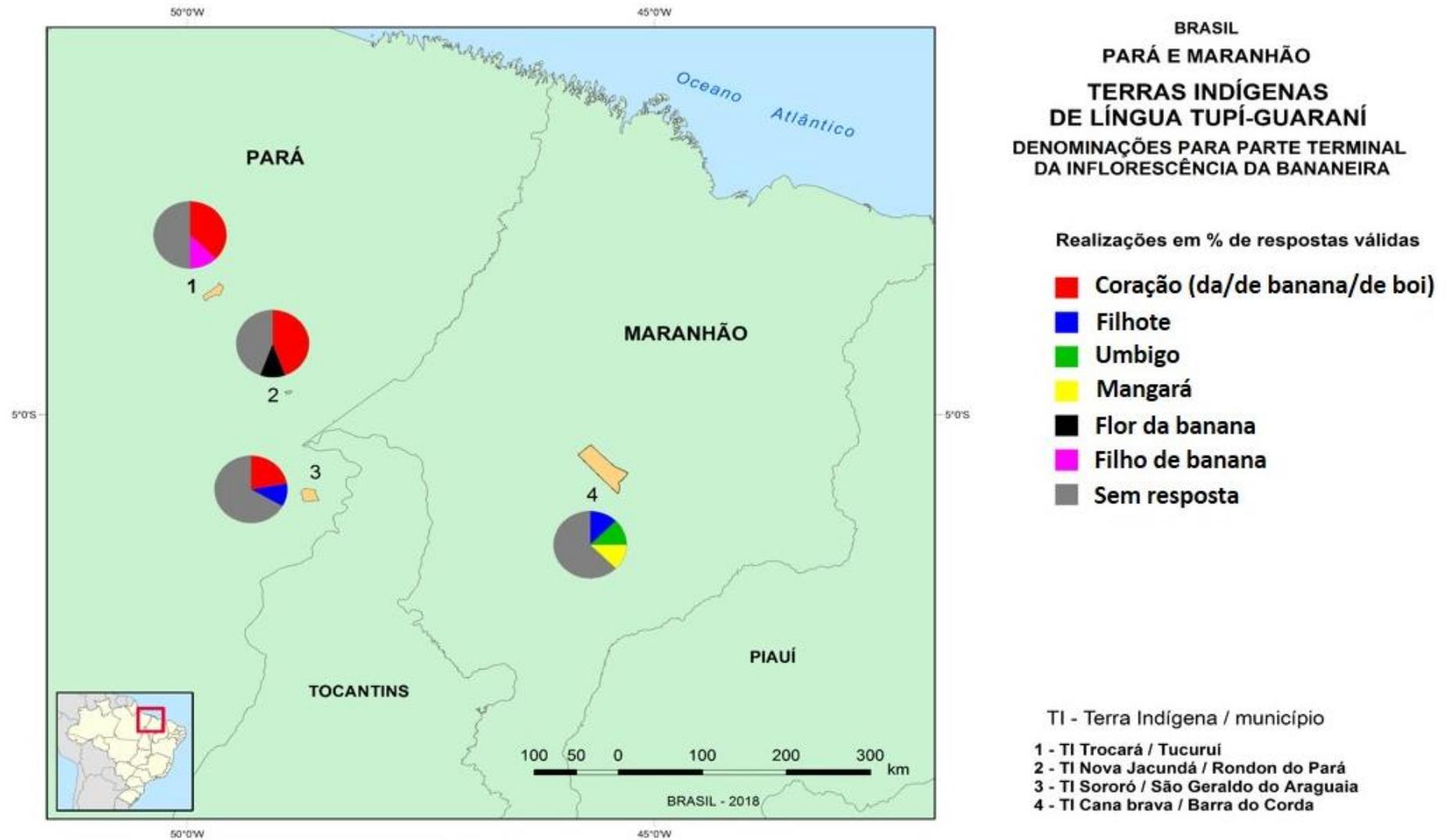
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 43: ... duas bananas que nascem grudadas?

CL 008



QSL 44: ... a ponta roxa no cacho da banana?

CL 008a

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI**  
 DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE PARTE TERMINAL  
 DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

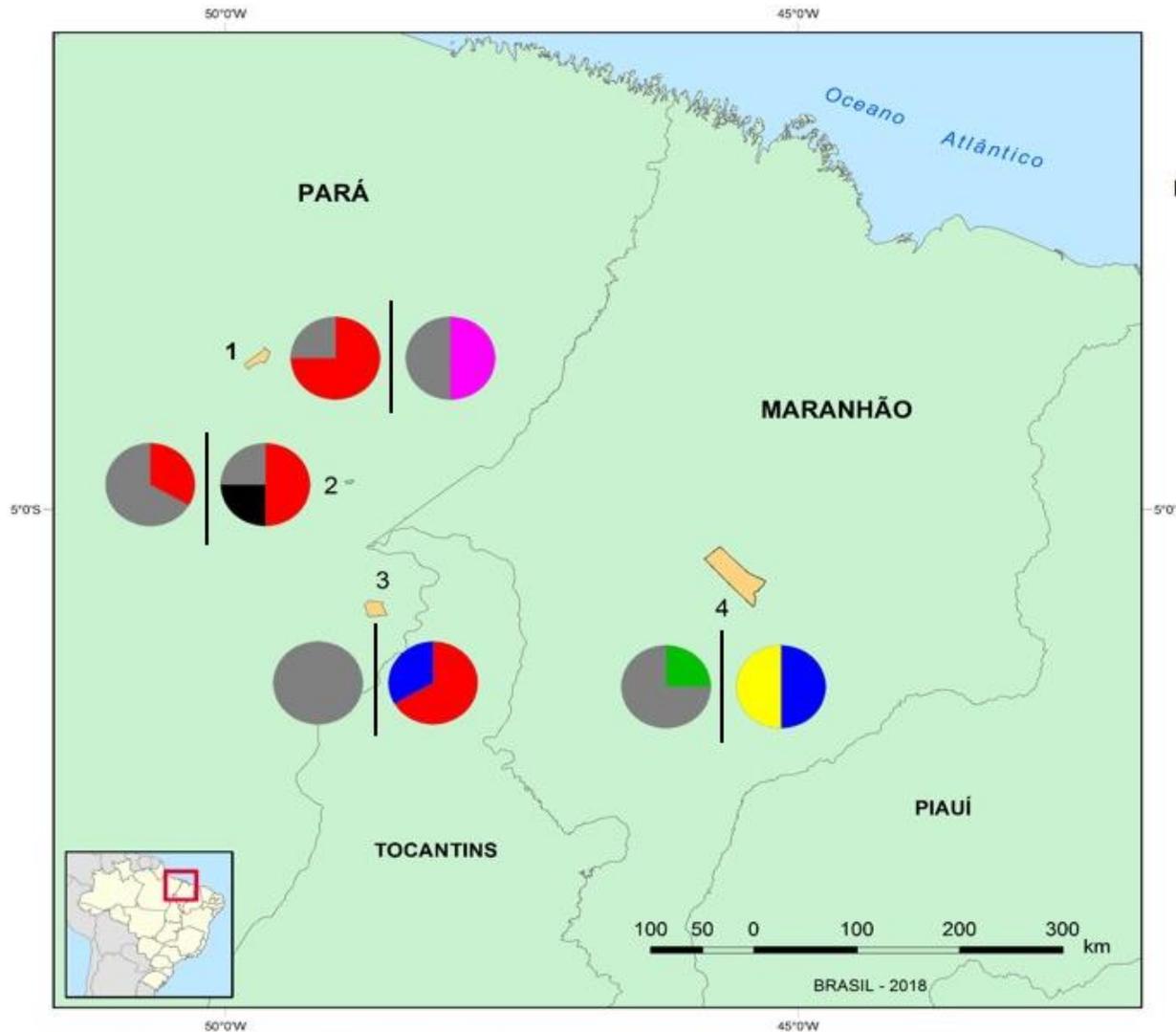
Realizações em % de respostas válidas

- Coração (da/de banana/de boi)
- Filhote
- Mangará
- Umbigo
- Flor da banana
- Filho de banana
- Sem resposta

- ESC.    + ESC.  
 ①        ②

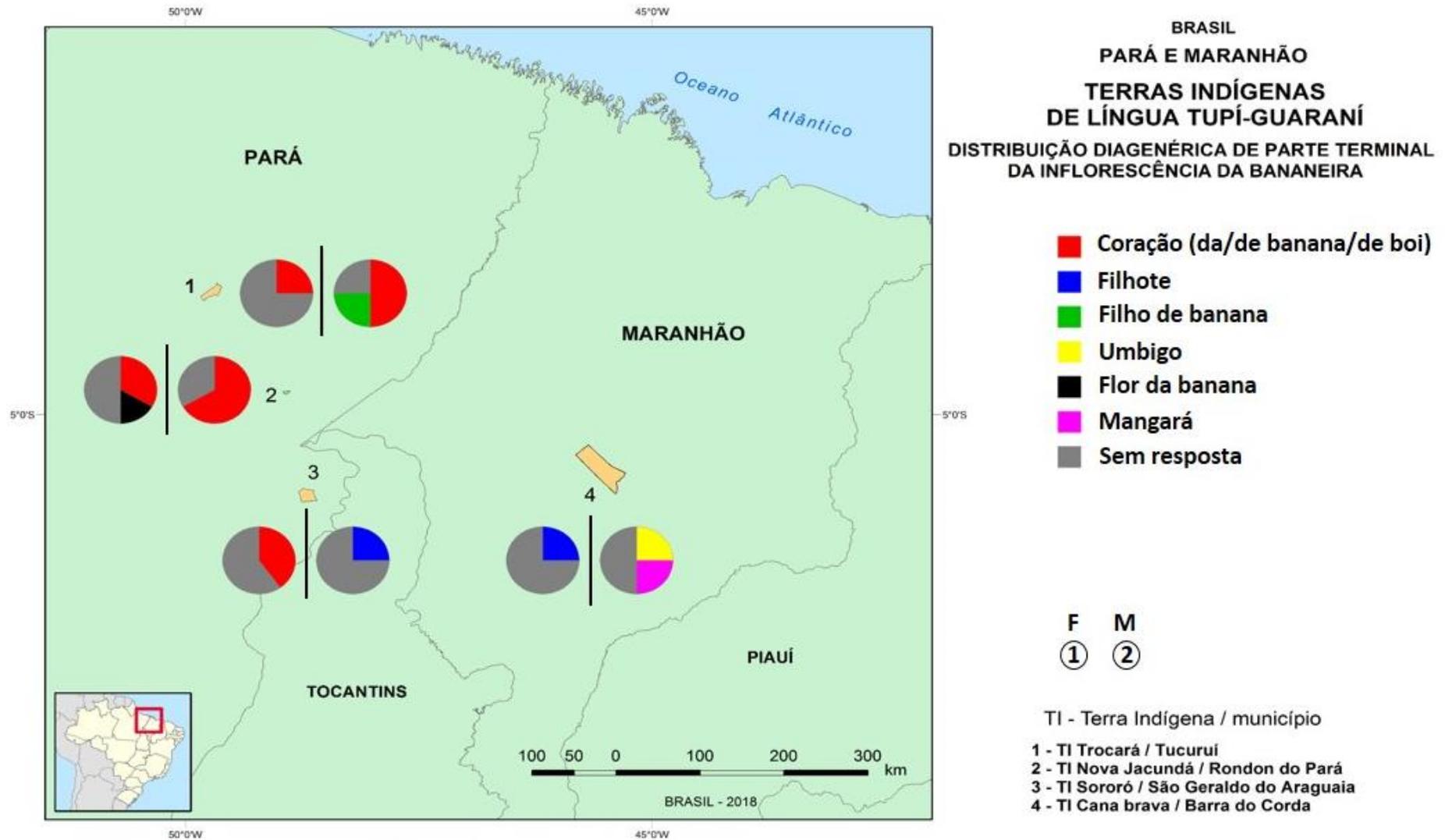
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 44: ... a ponta roxa no cacho da banana?

CL 008b



QSL 44: ... a ponta roxa no cacho da banana?

CL 008c

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE PARTE TERMINAL  
 DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

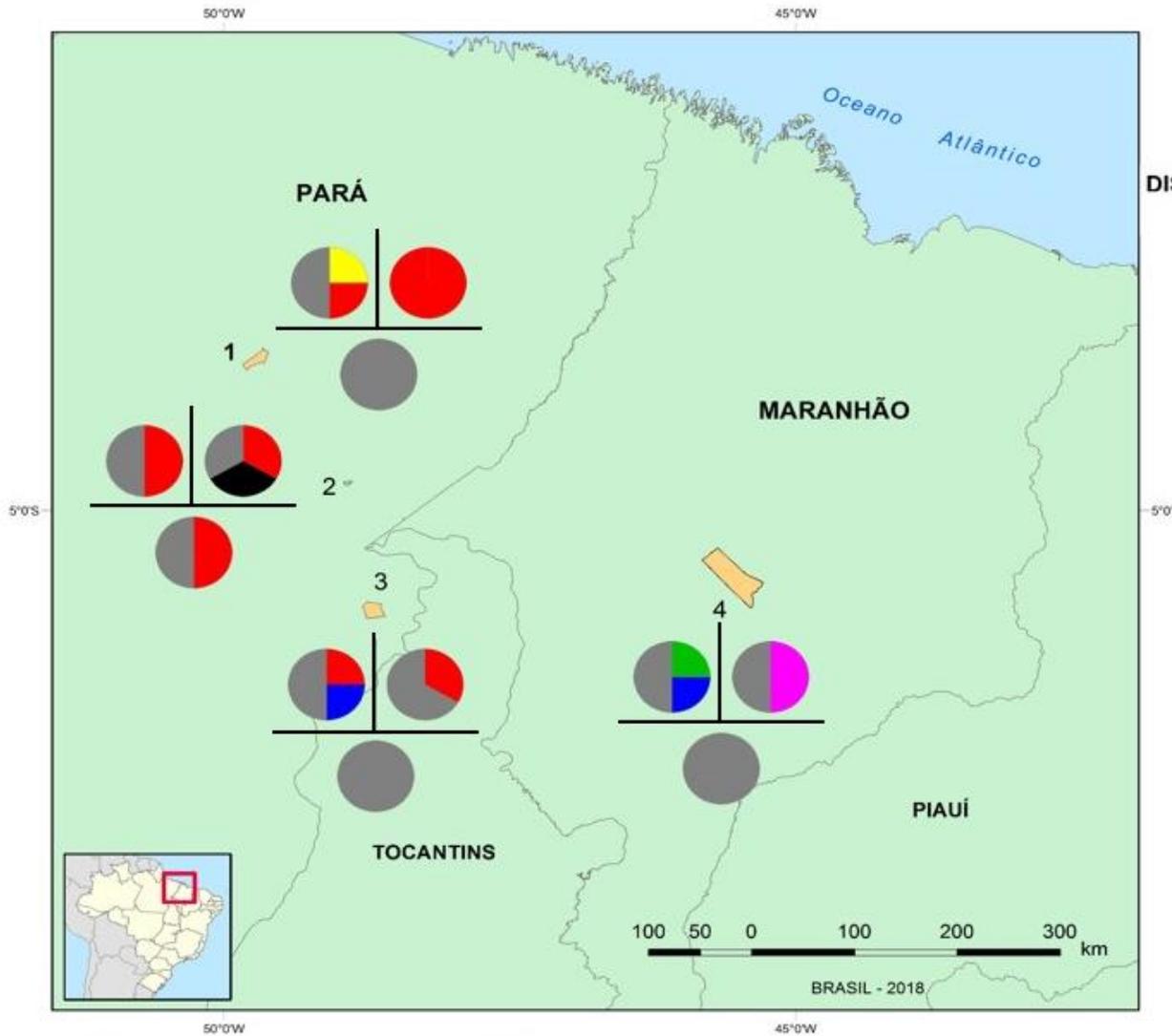
Realizações em % de respostas válidas

- Coração (da/de banana/de boi)
- Filhote
- Umbigo
- Filho de banana
- Flor da banana
- Mangará
- Sem resposta

- FA      FB  
 ①      ②  
       ③  
 FC  
 Crianças

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 44: ... a ponta roxa no cacho da banana?

CL 009

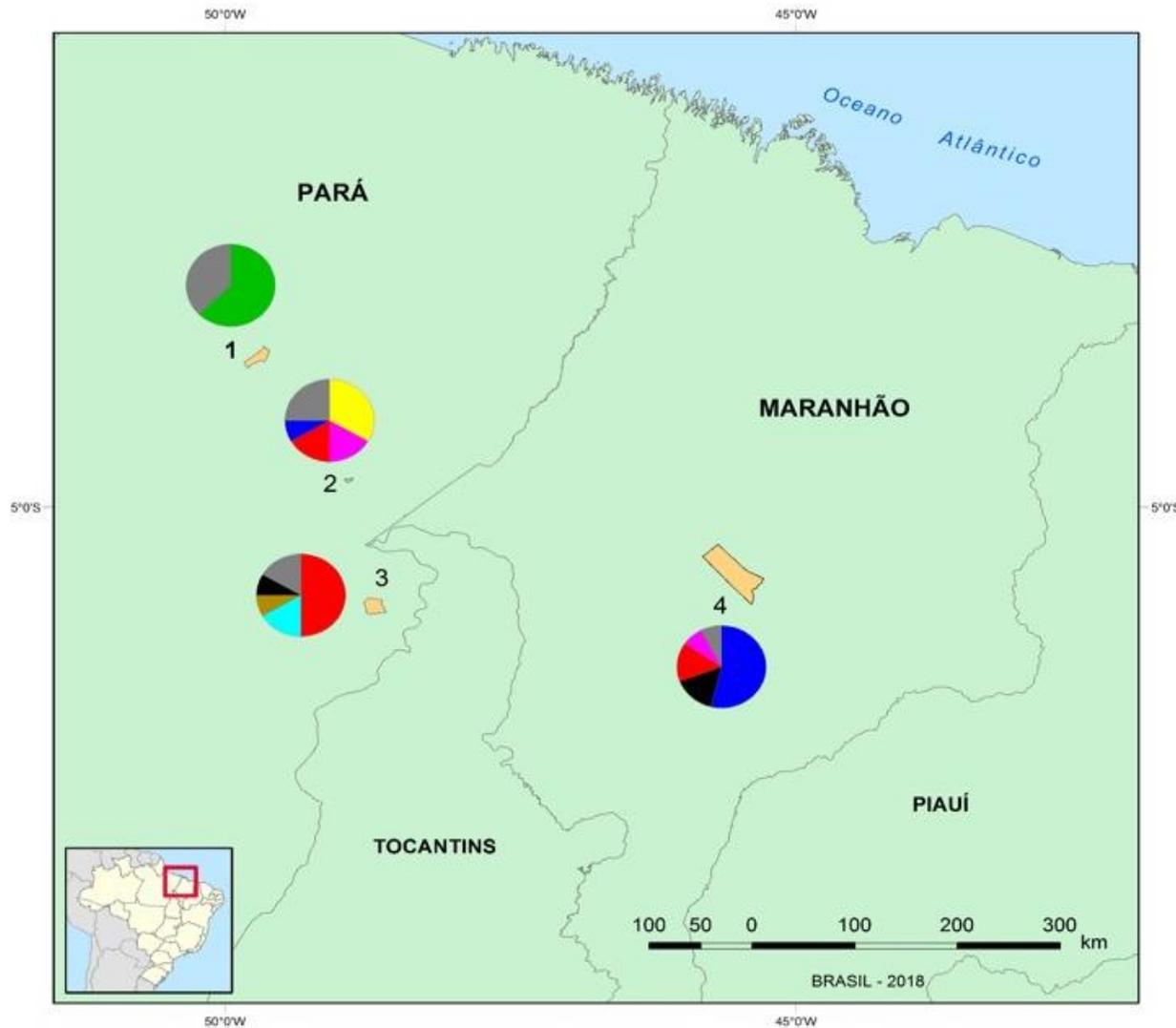
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA GALINHA D'ANGOLA

Realizações em % de respostas válidas



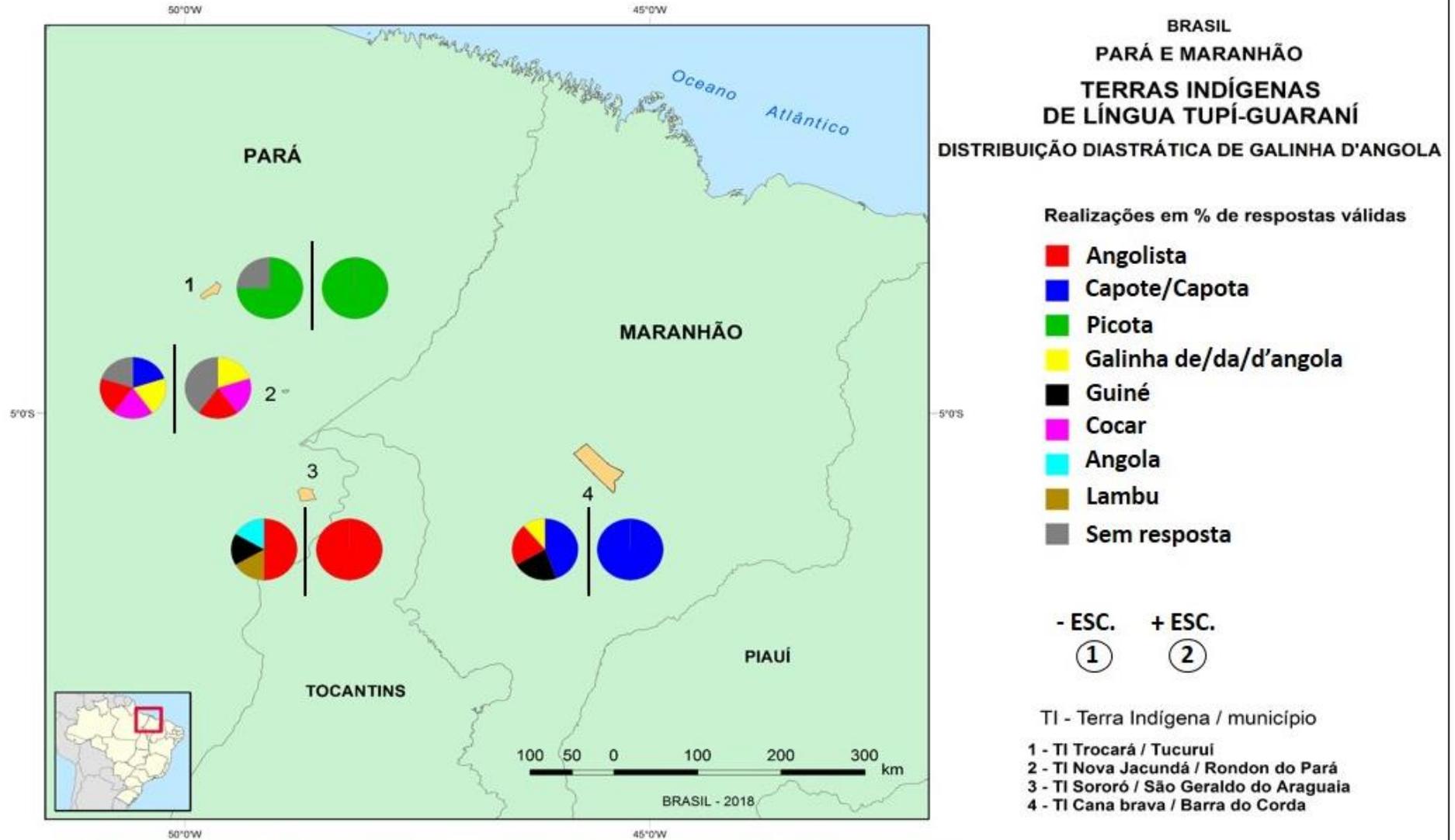
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
4 - TI Cana brava / Barra do Corda



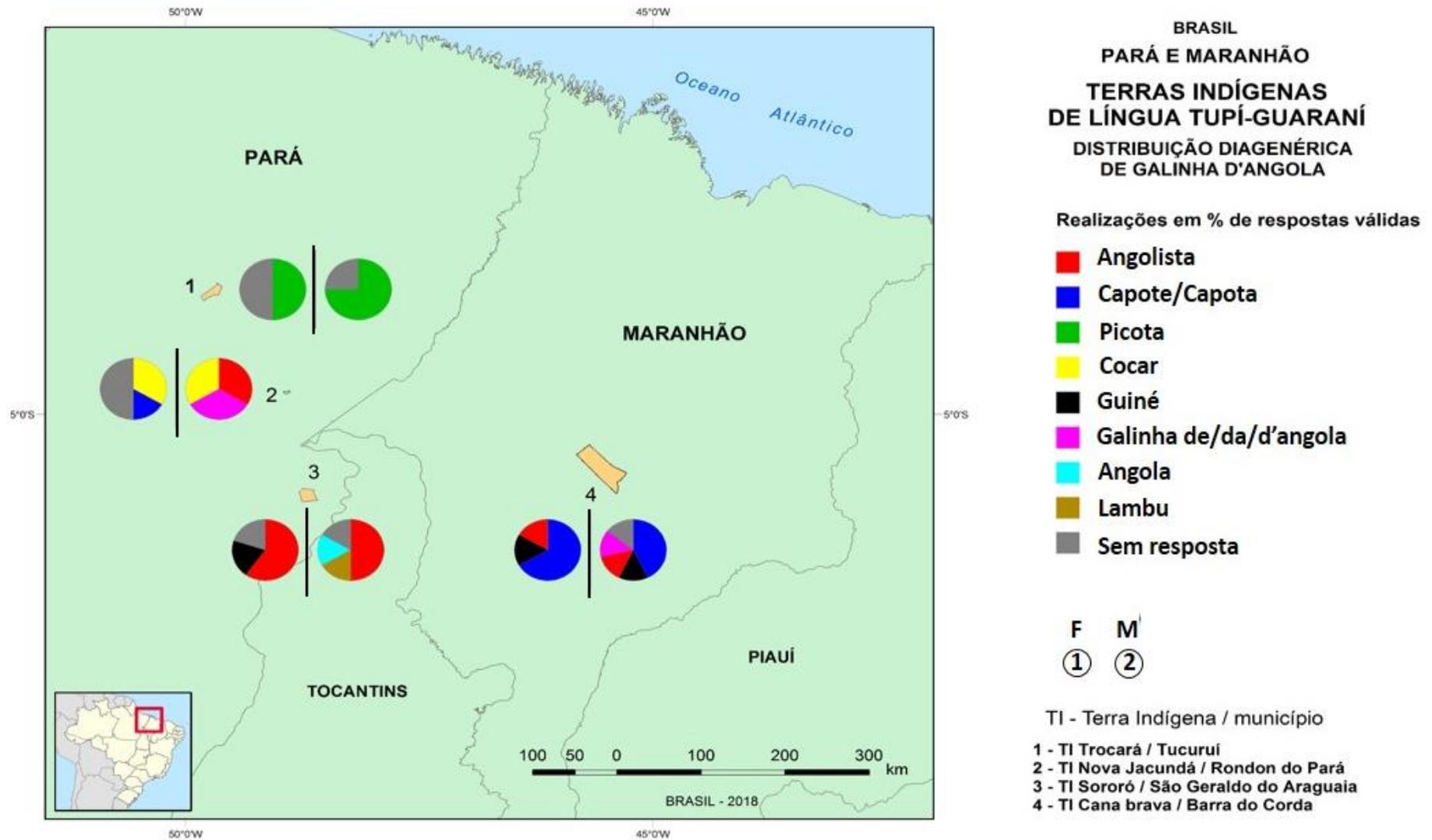
QSL 67: ... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

CL 009a



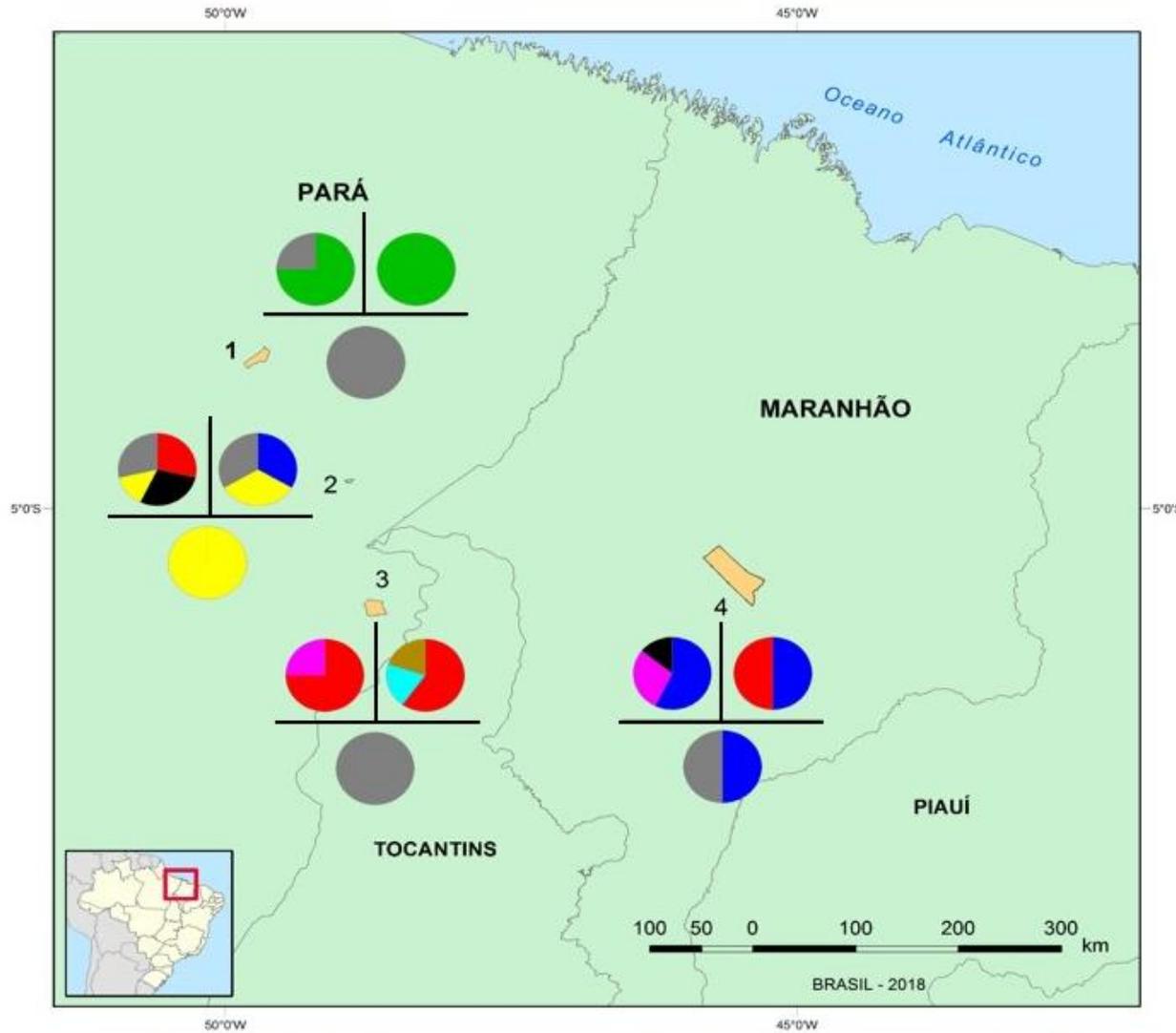
QSL 67: ... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

CL 009b



QSL 67: ... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

CL 009c



**BRASIL**  
**PARÁ E MARANHÃO**  
**TERRAS INDÍGENAS**  
**DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI**  
**DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE**  
**GALINHA D'ANGOLA**

Realizações em % de respostas válidas

- Angolista
- Capote/Capota
- Picota
- Cocar
- Galinha de/da/d'angola
- Guiné
- Angola
- Lambu
- Sem resposta

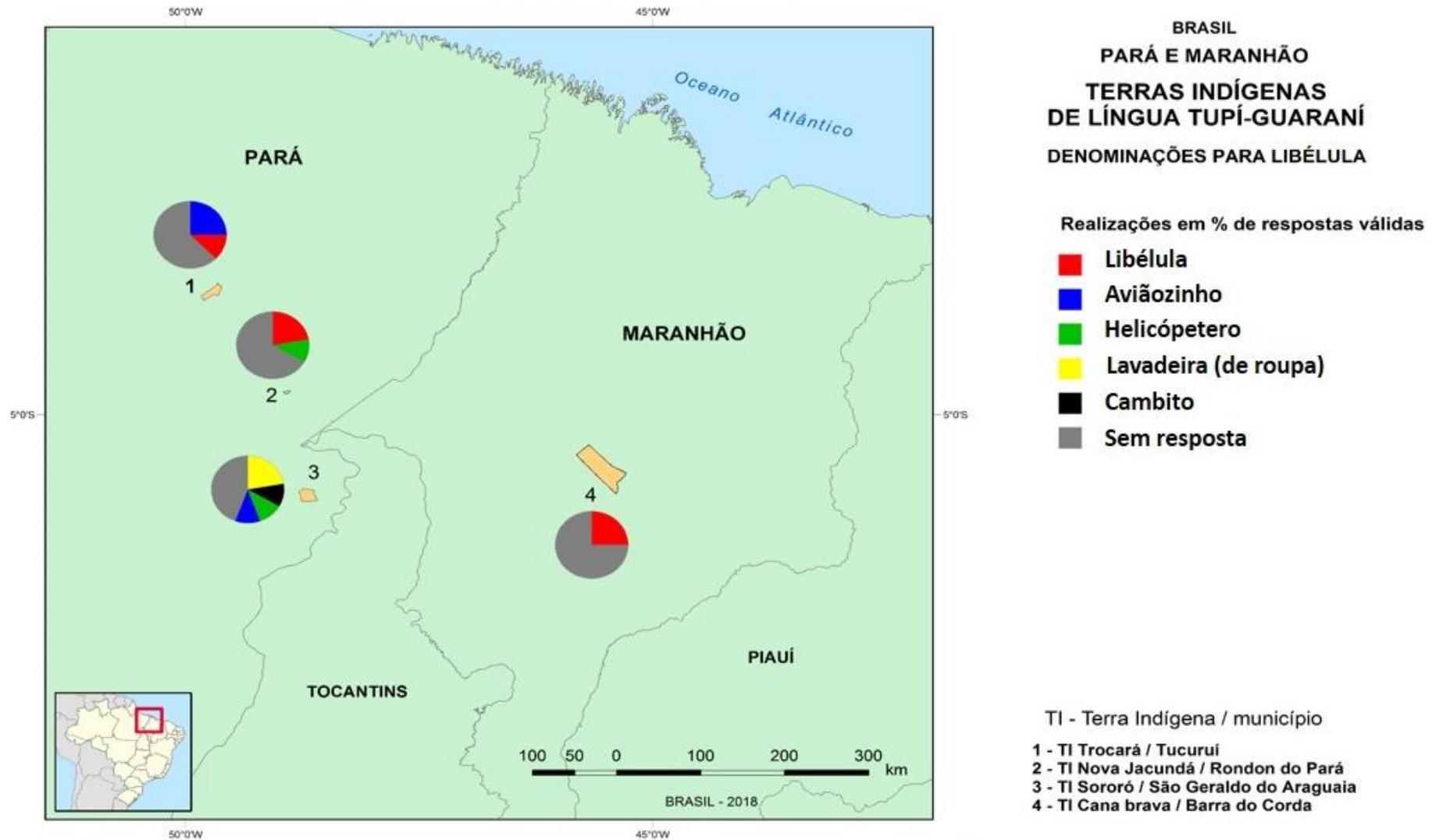
- FA      FB  
 ①      ②  
 ③  
 FC

**Crianças**

- TI - Terra Indígena / município  
 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

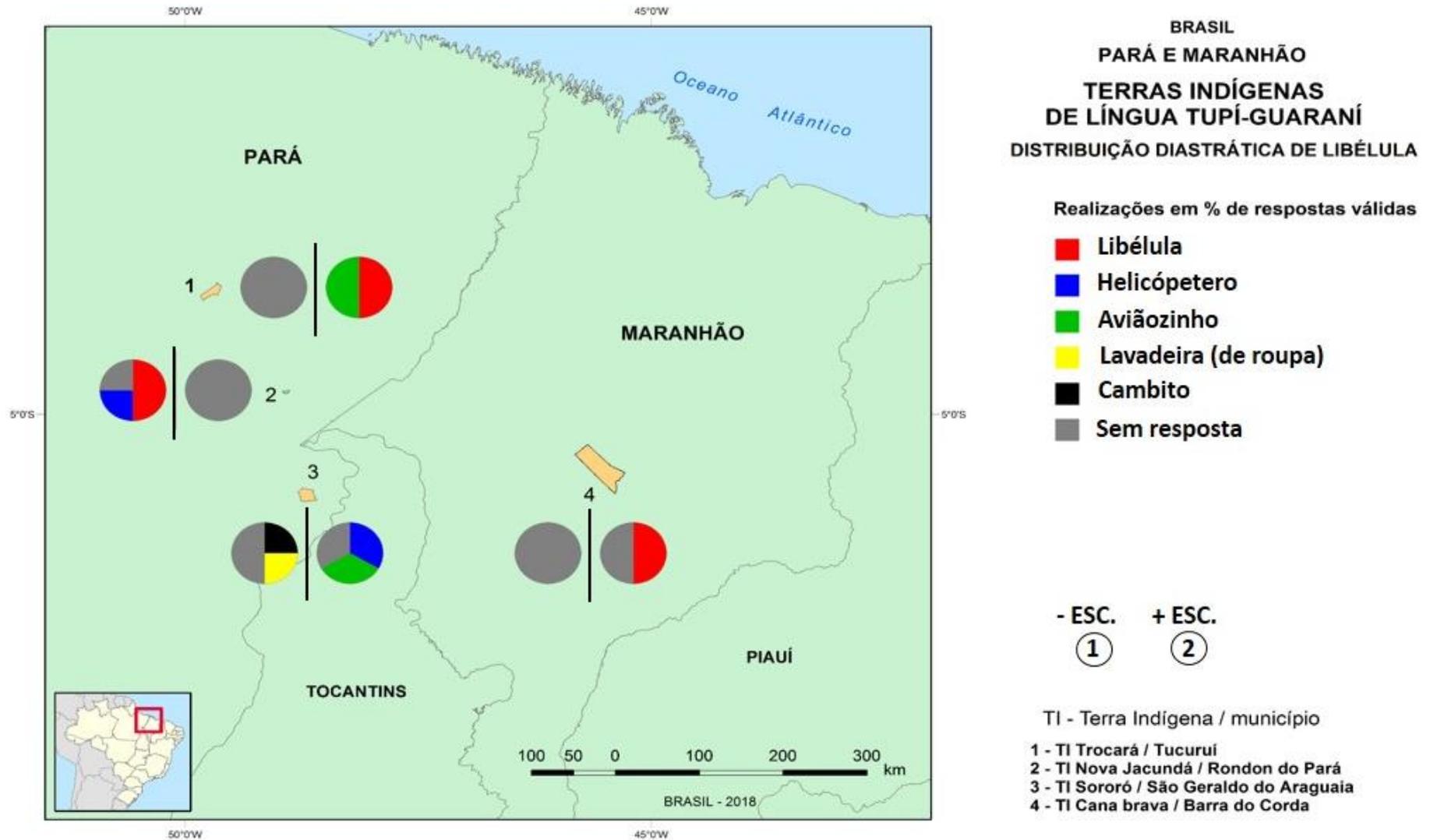
QSL 67: ... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

CL 010



QSL 85: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

CL 010a



QSL 85: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

CL 010b

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI  
DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE LIBÉLULA

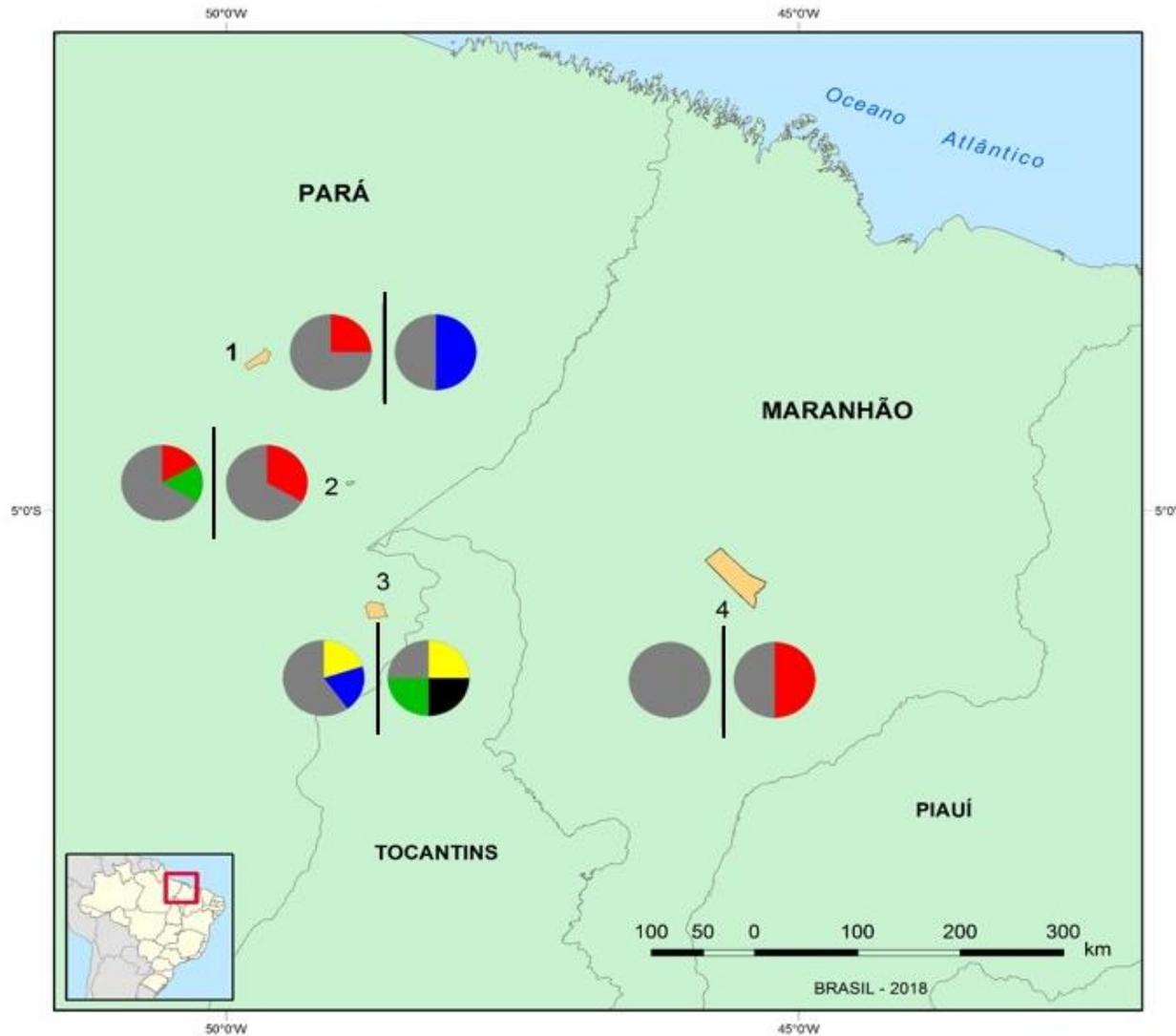
Realizações em % de respostas válidas

- Libélula
- Aviãozinho
- Helicóptero
- Lavadeira (de roupa)
- Cambito
- Sem resposta

F M  
① ②

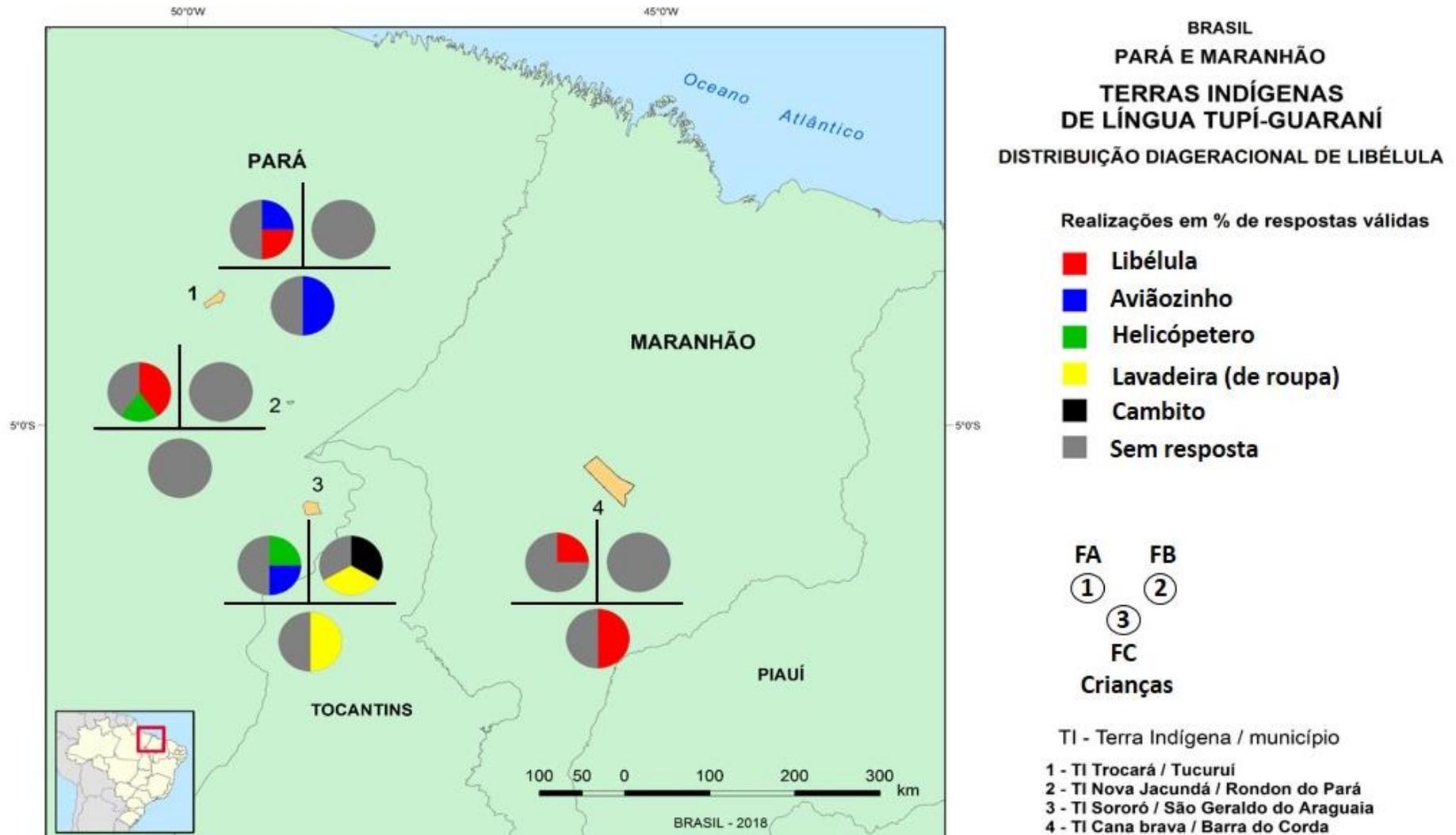
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



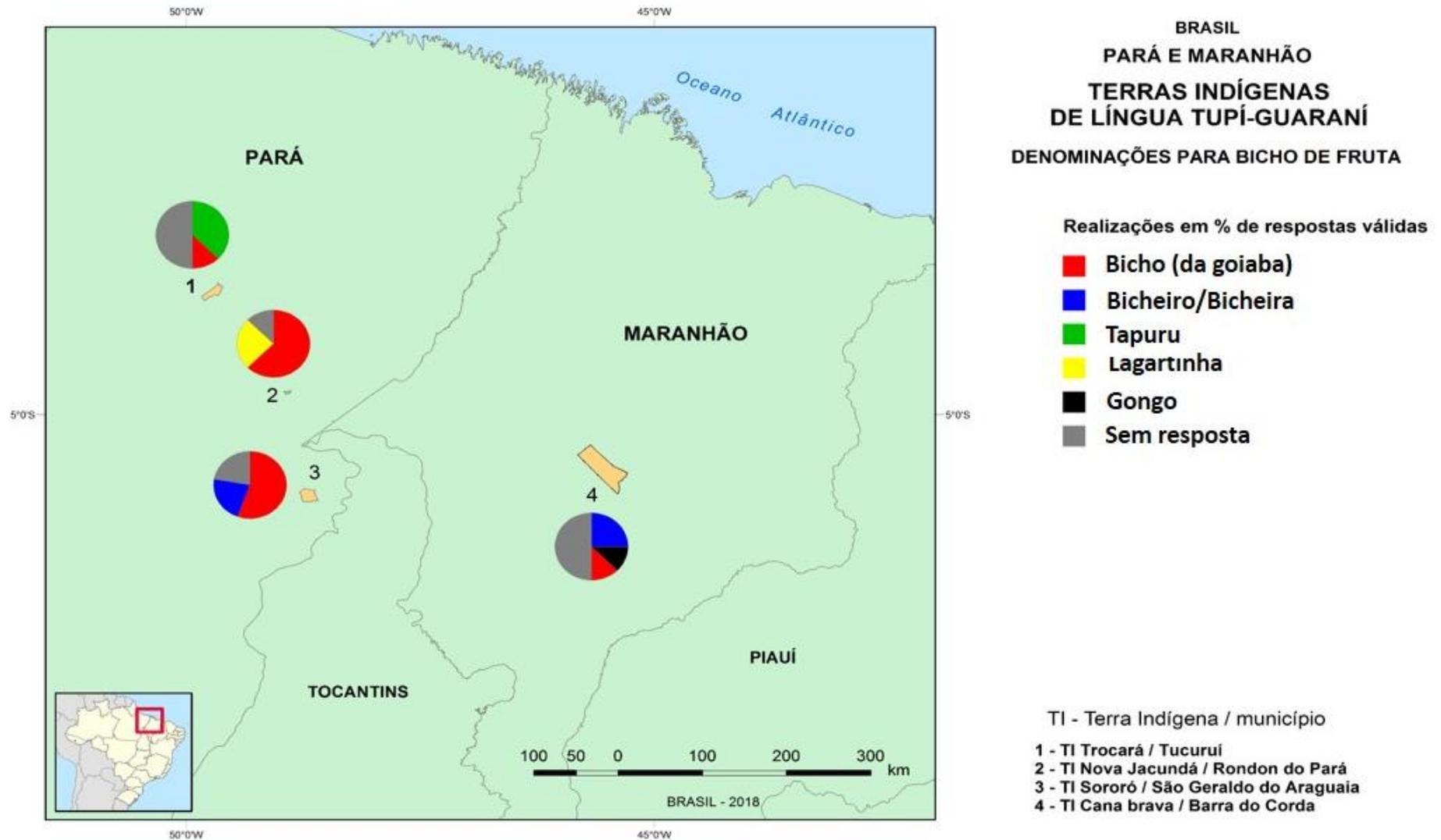
QSL 85: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

CL 010c



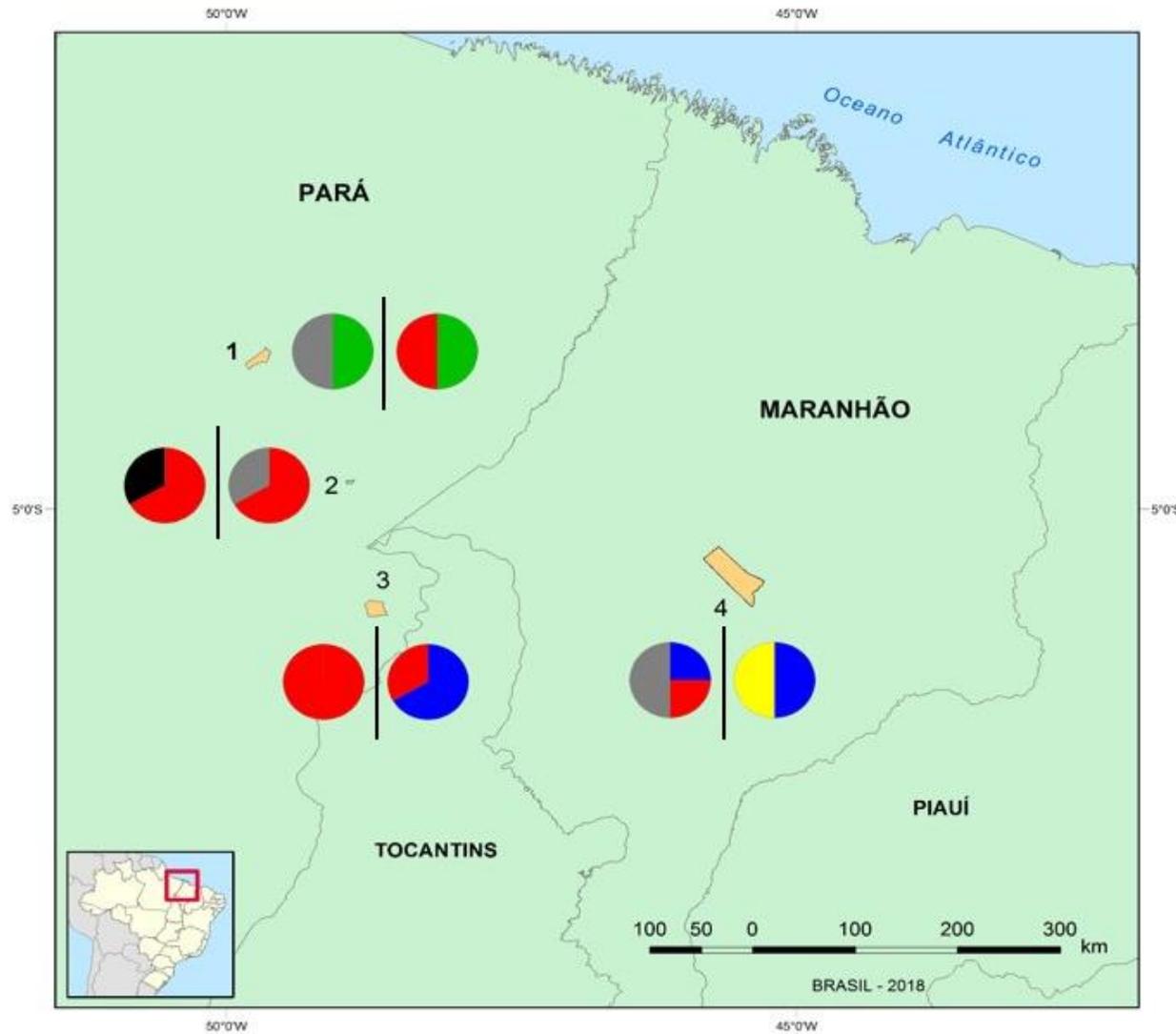
QSL 85: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

CL 011



QSL 86: ... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

CL 011a



BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA  
DE BICHO DE FRUTA

Realizações em % de respostas válidas

- Bicho (da goiaba)
- Bicheiro/Bicheira
- Tapuru
- Gongo
- Lagartinha
- Sem resposta

- ESC.

+ ESC.

①

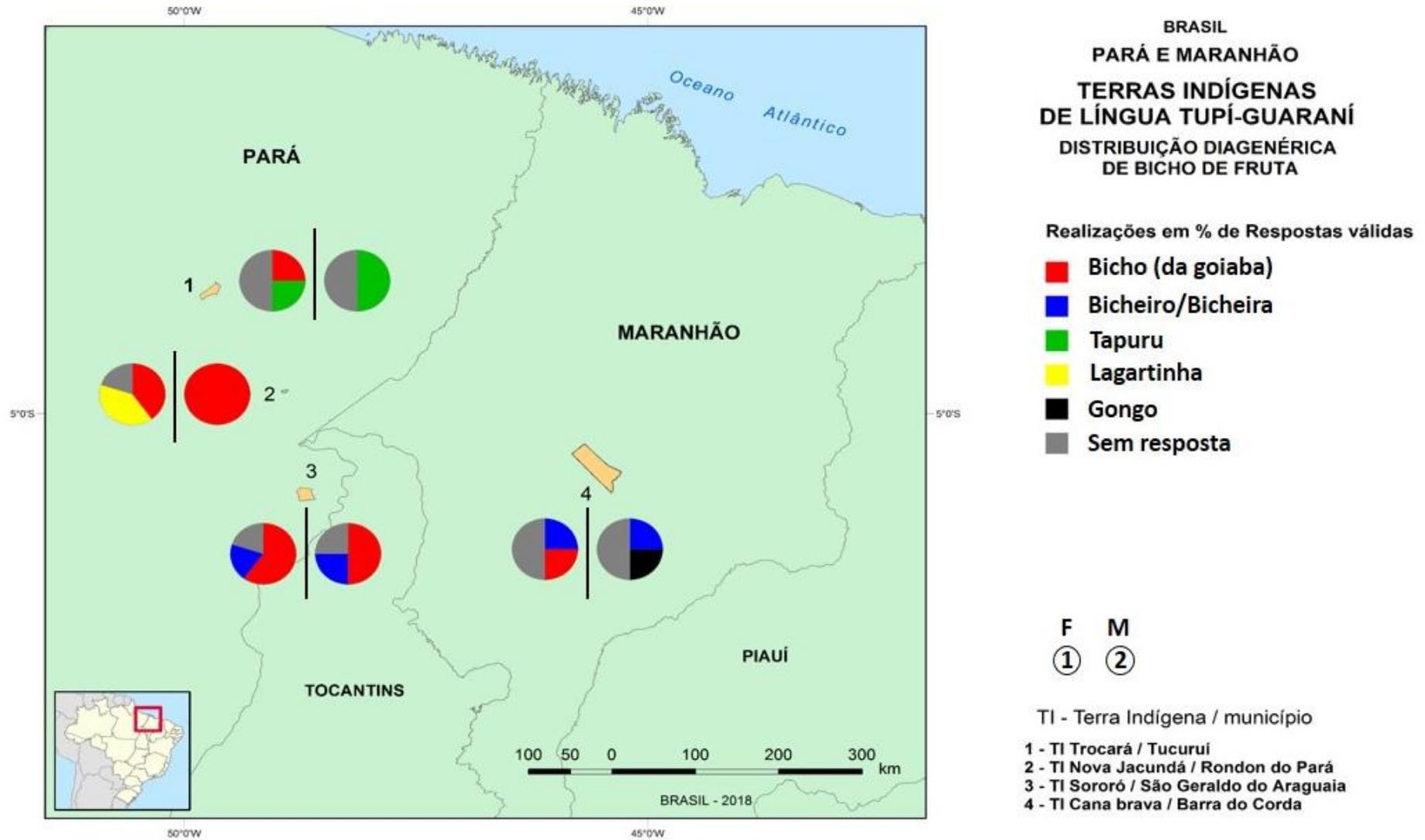
②

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuui
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

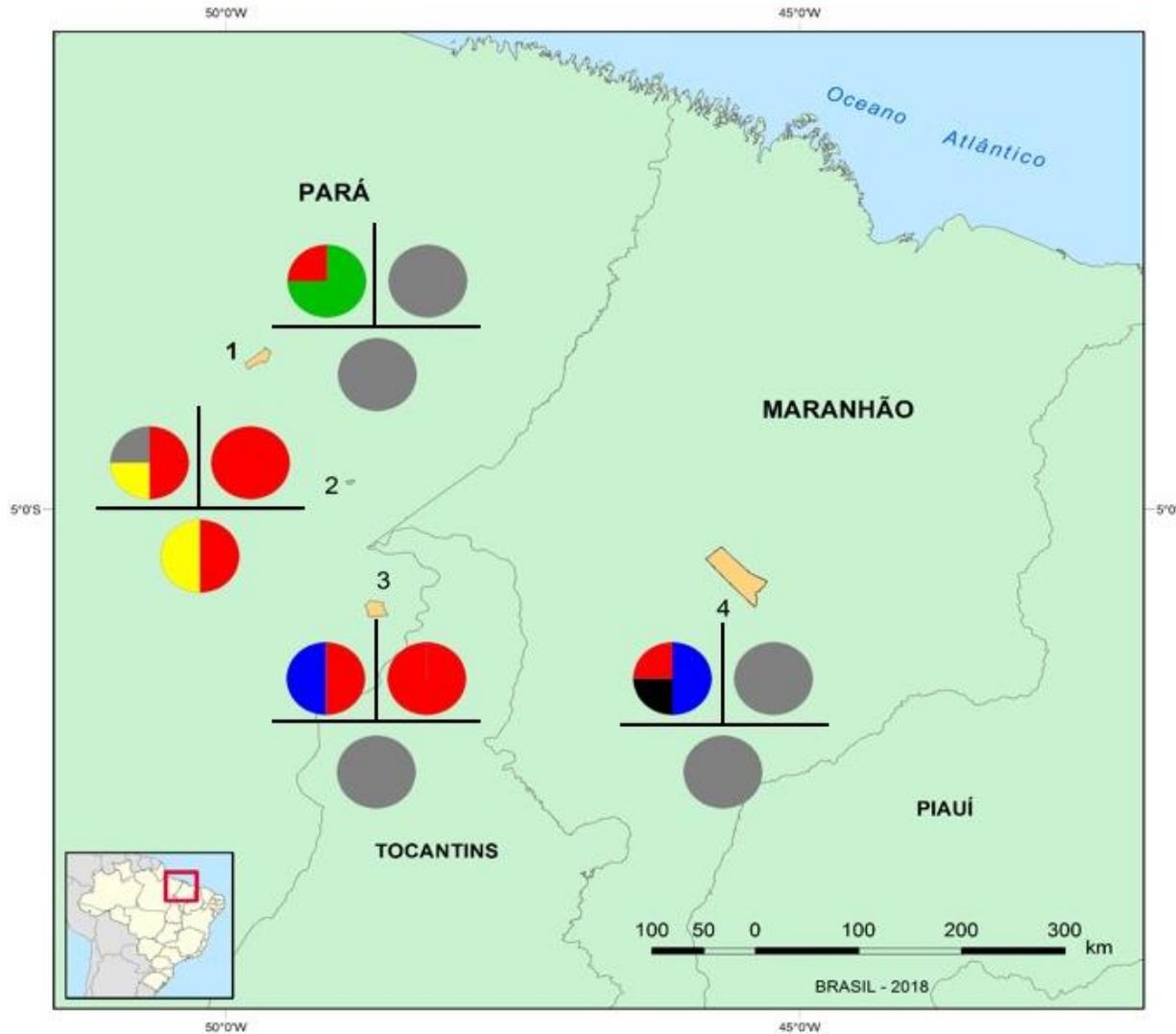
QSL 86: ... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

CL 011b



QSL 86: ... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

CL 011c



**BRASIL**  
**PARÁ E MARANHÃO**  
**TERRAS INDÍGENAS**  
**DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
**DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL**  
**DE BICHO DE FRUTA**

Realizações em % de respostas válidas

- Bicho (da goiaba)
- Bicheiro/Bicheira
- Tapuru
- Lagartinha
- Gongo
- Sem resposta

FA      FB  
 ①      ②  
       ③  
 FC  
 Crianças

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

QSL 86: ... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

CL 012

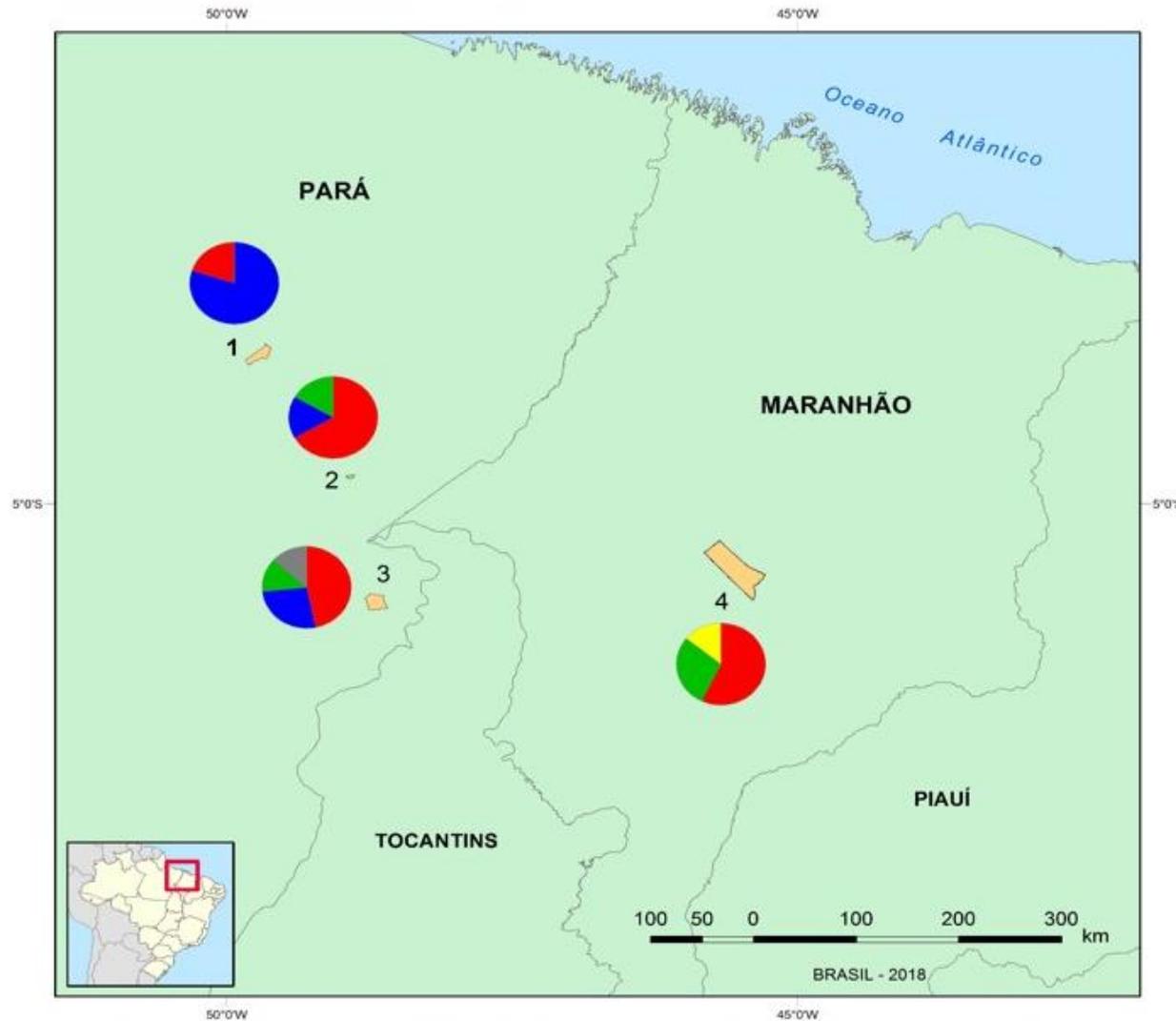
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI  
DENOMINAÇÕES PARA PERNILONGO

Realizações em % de respostas válidas



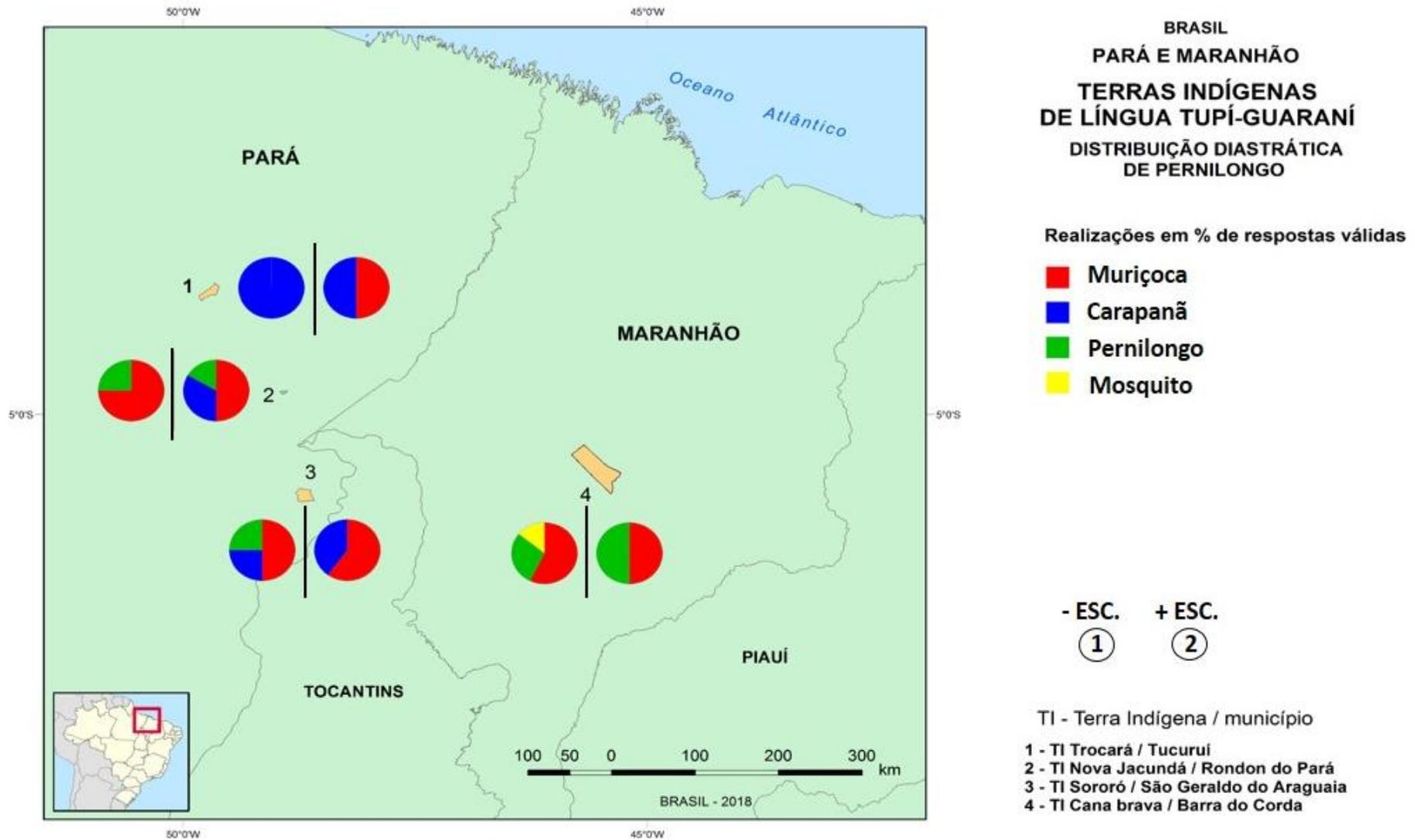
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



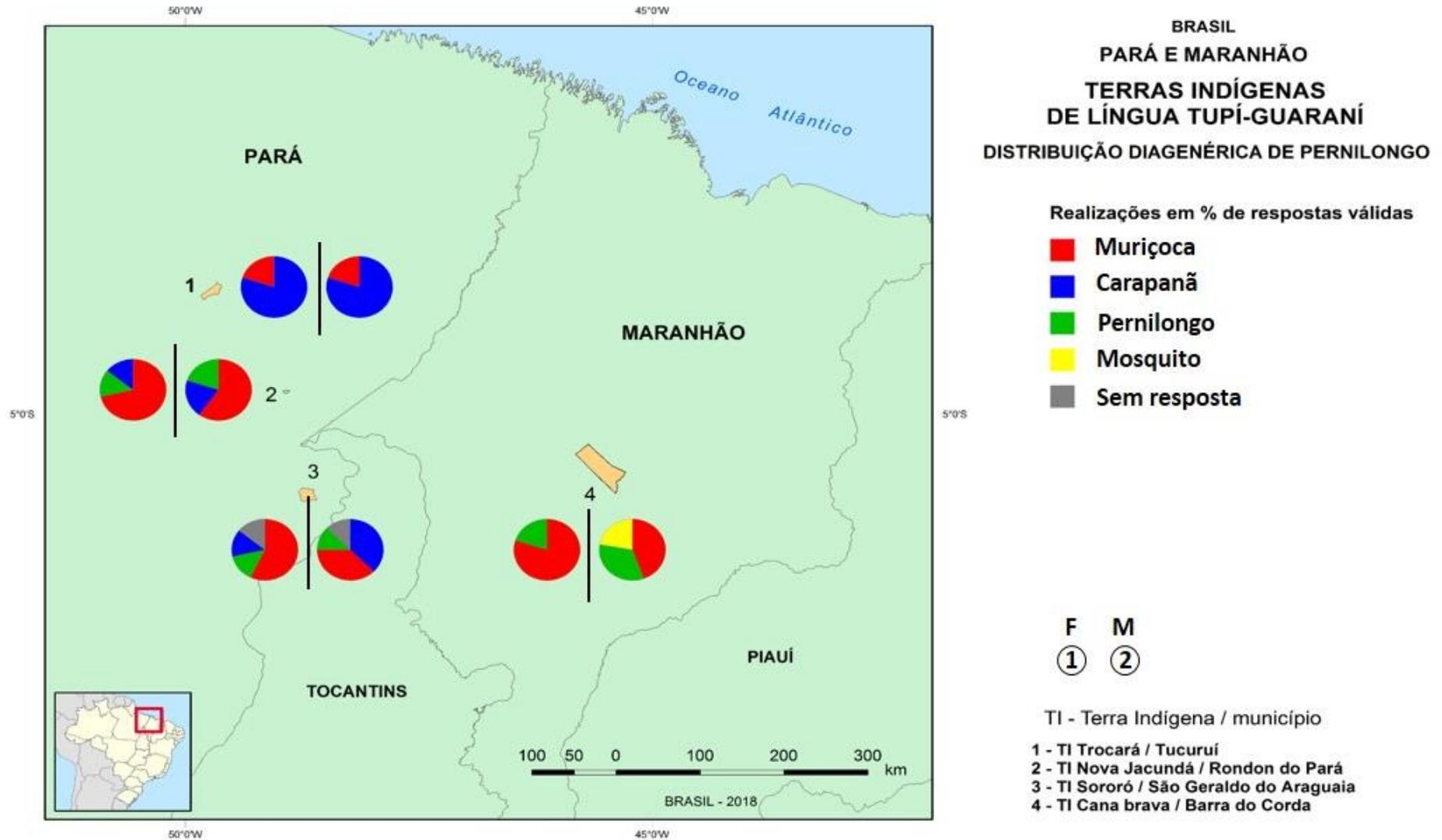
QSL 88: ... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido*

CL 012a



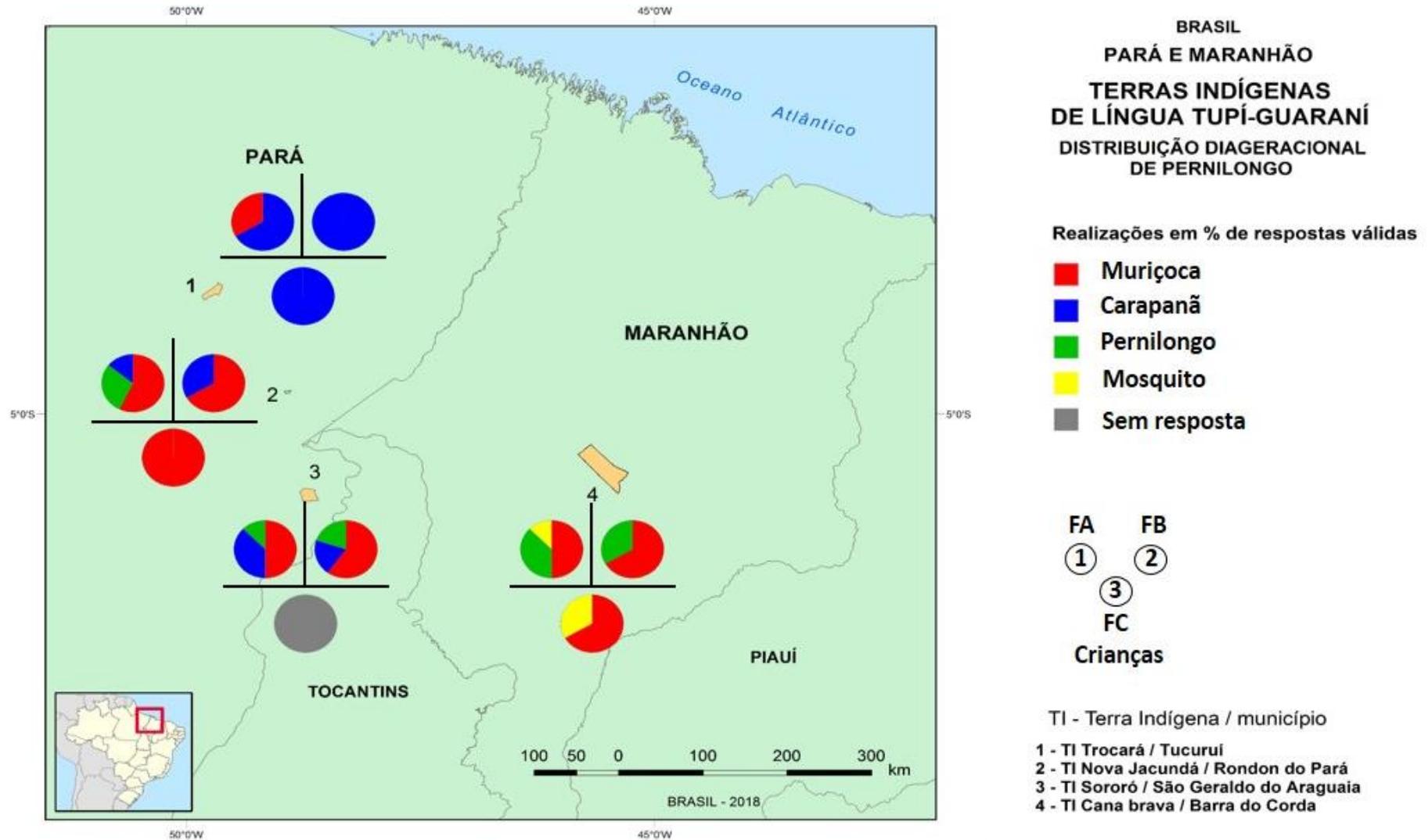
QSL 88: ... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido*

CL 012b



QSL 88: ... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido*

CL 012c



QSL 88: ... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido*

CL 013

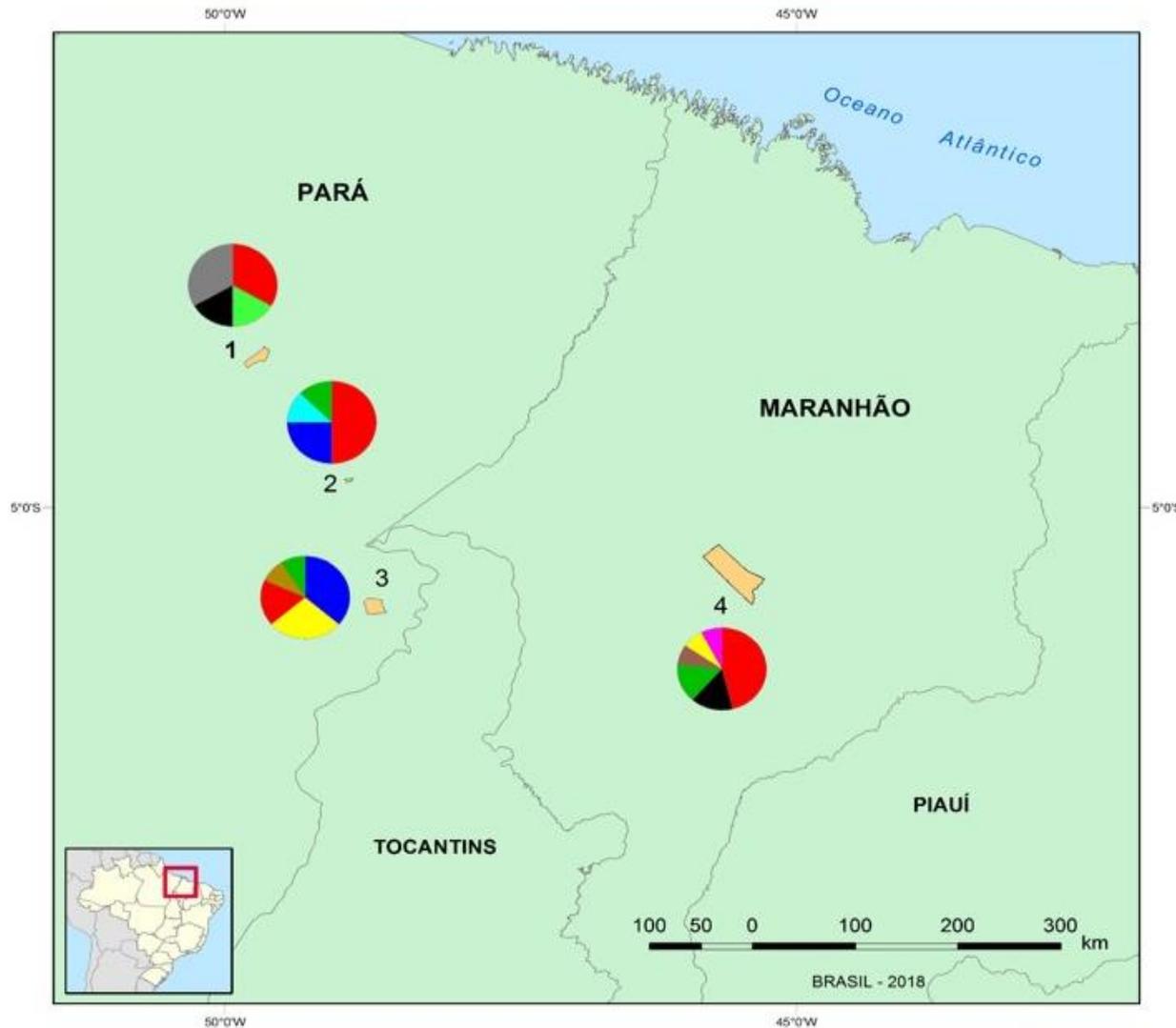
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI  
DENOMINAÇÕES PARA PESSOA SOVINA

Realizações em % de respostas válidas



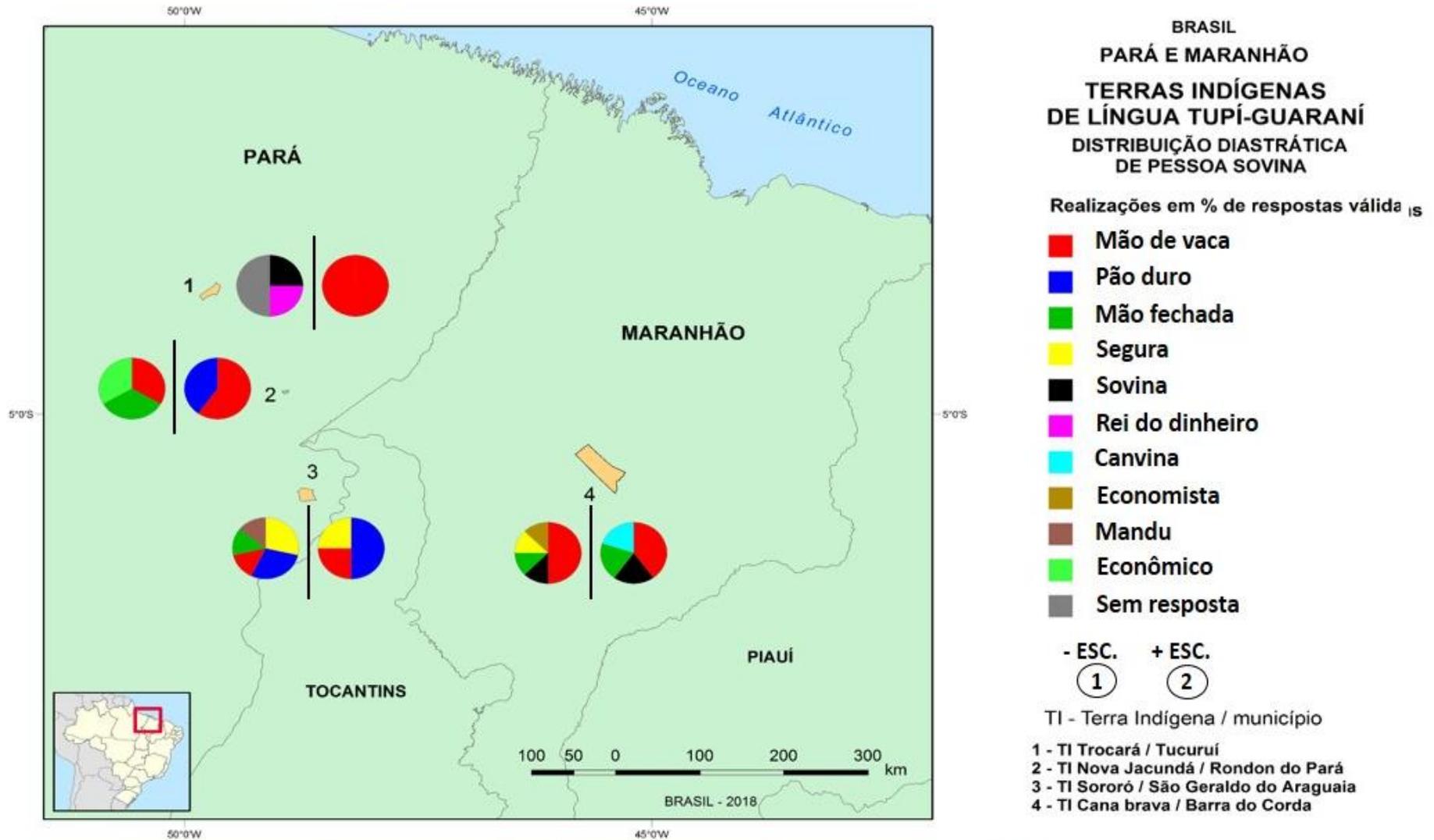
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



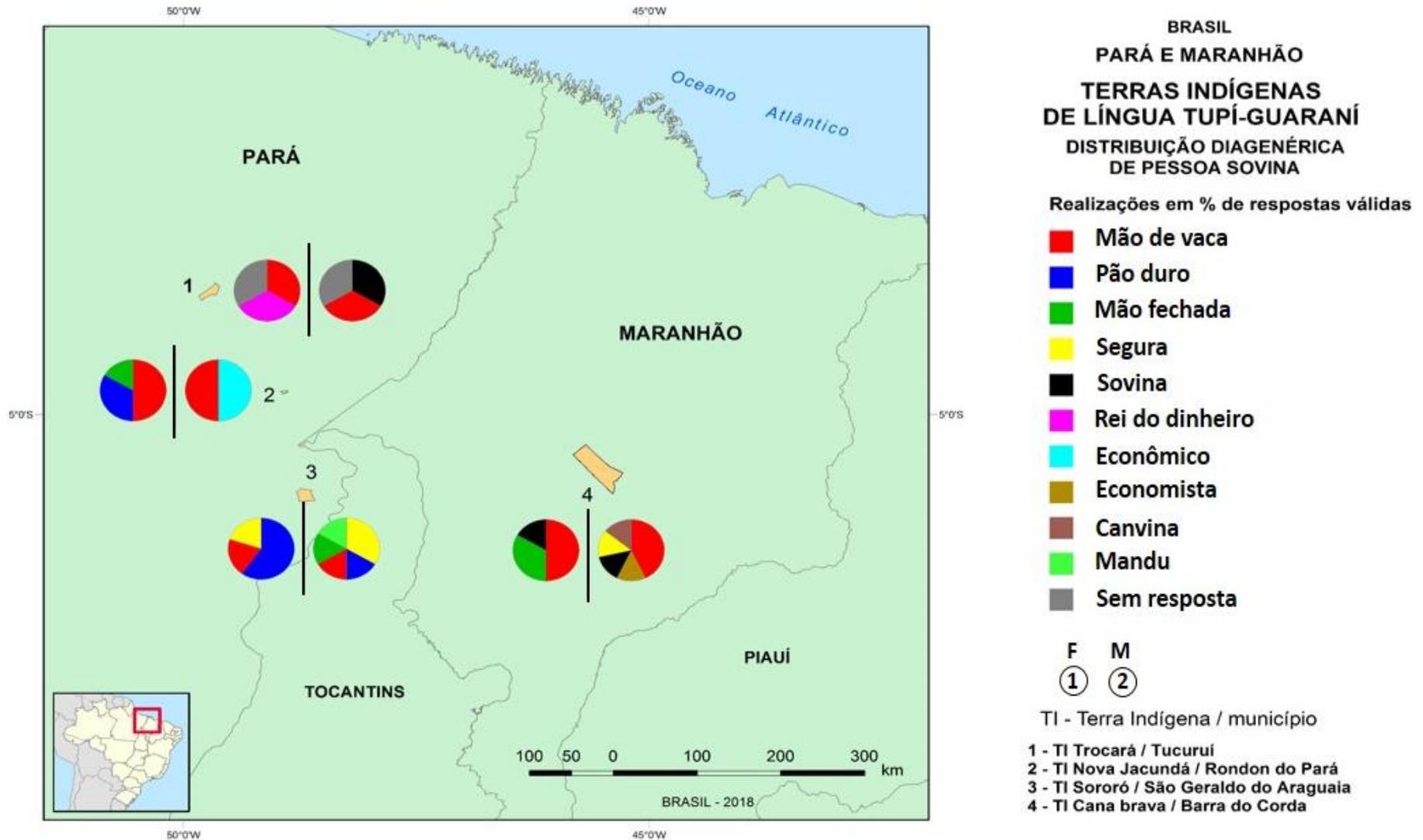
QSL 138: ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

CL 013a



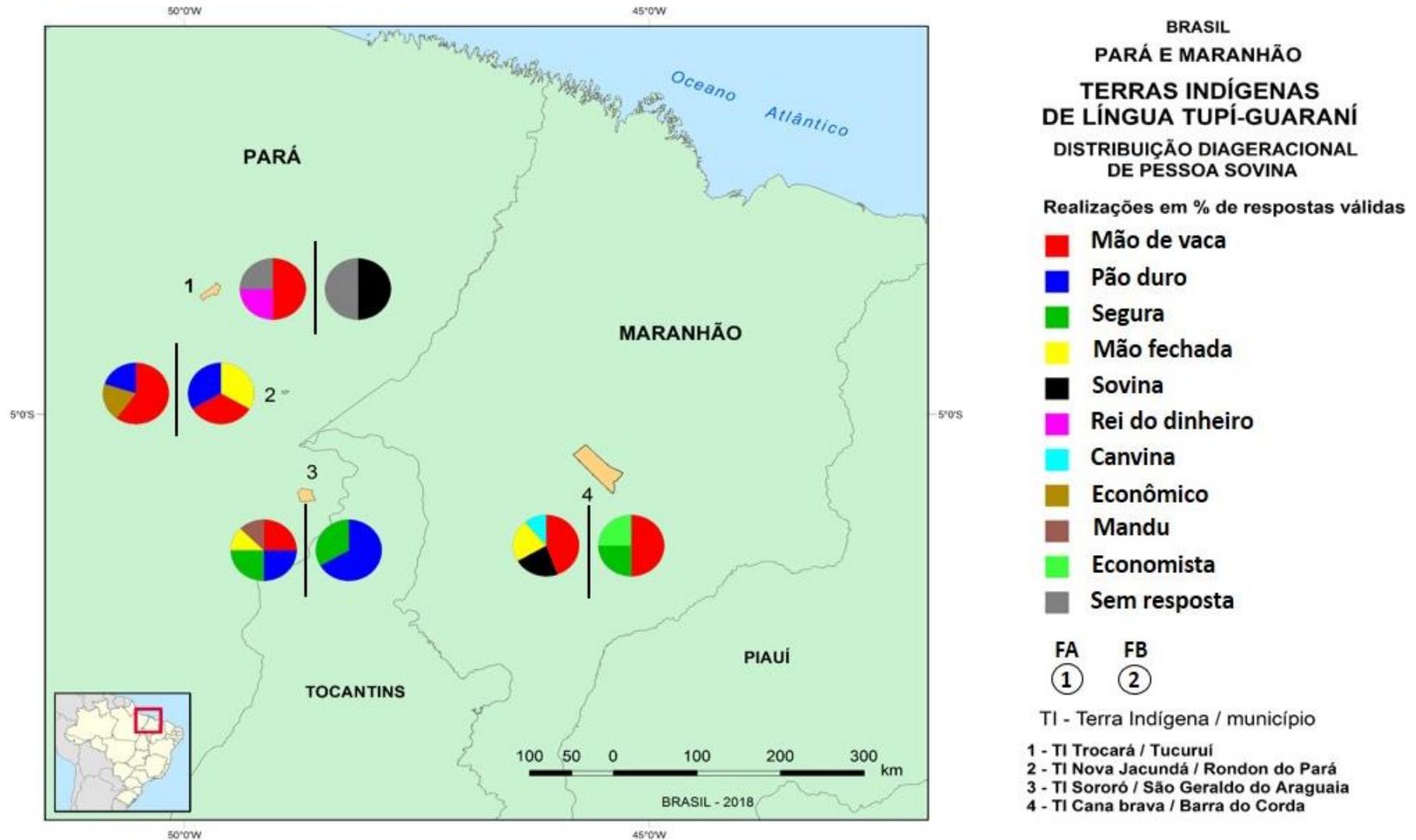
QSL 138: ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

CL 013b



QSL 138: ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

CL 013c



QSL 138: ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

CL 014

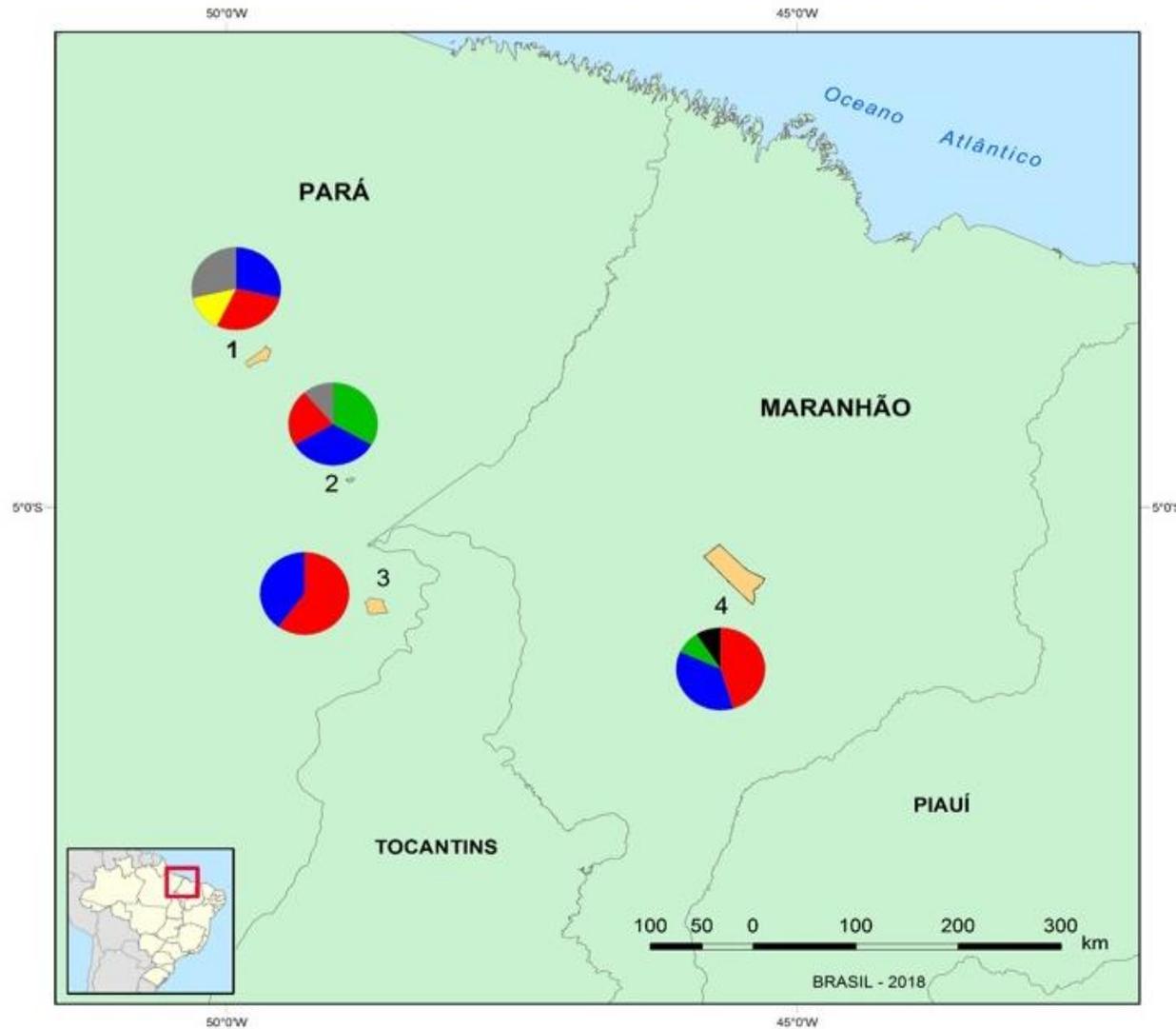
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA MARIDO ENGANADO

Realizações em % de respostas válidas



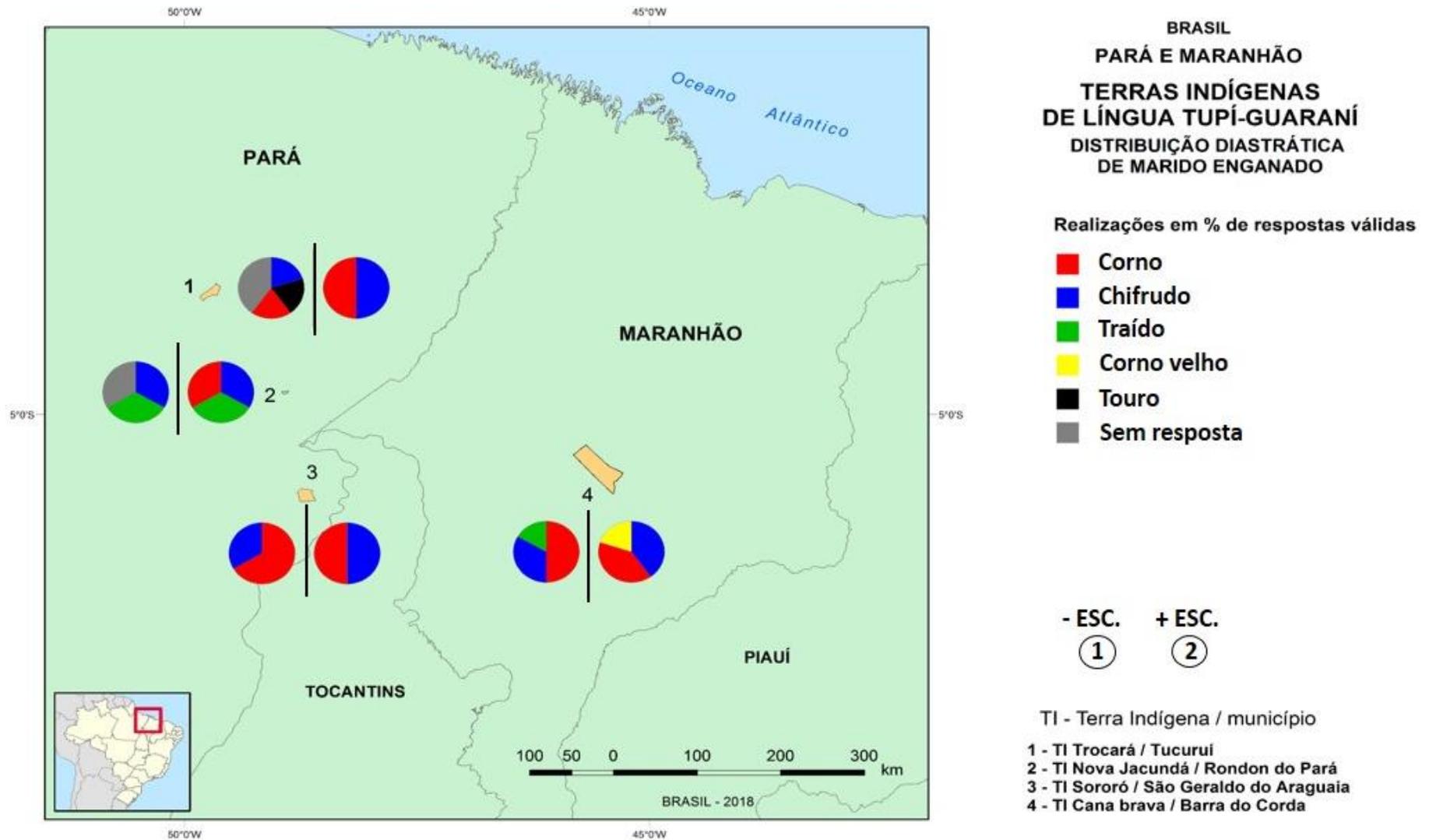
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 141: ... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

CL 014a



QSL 141: ... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

CL 014b

**BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA  
DE MARIDO ENGANADO**

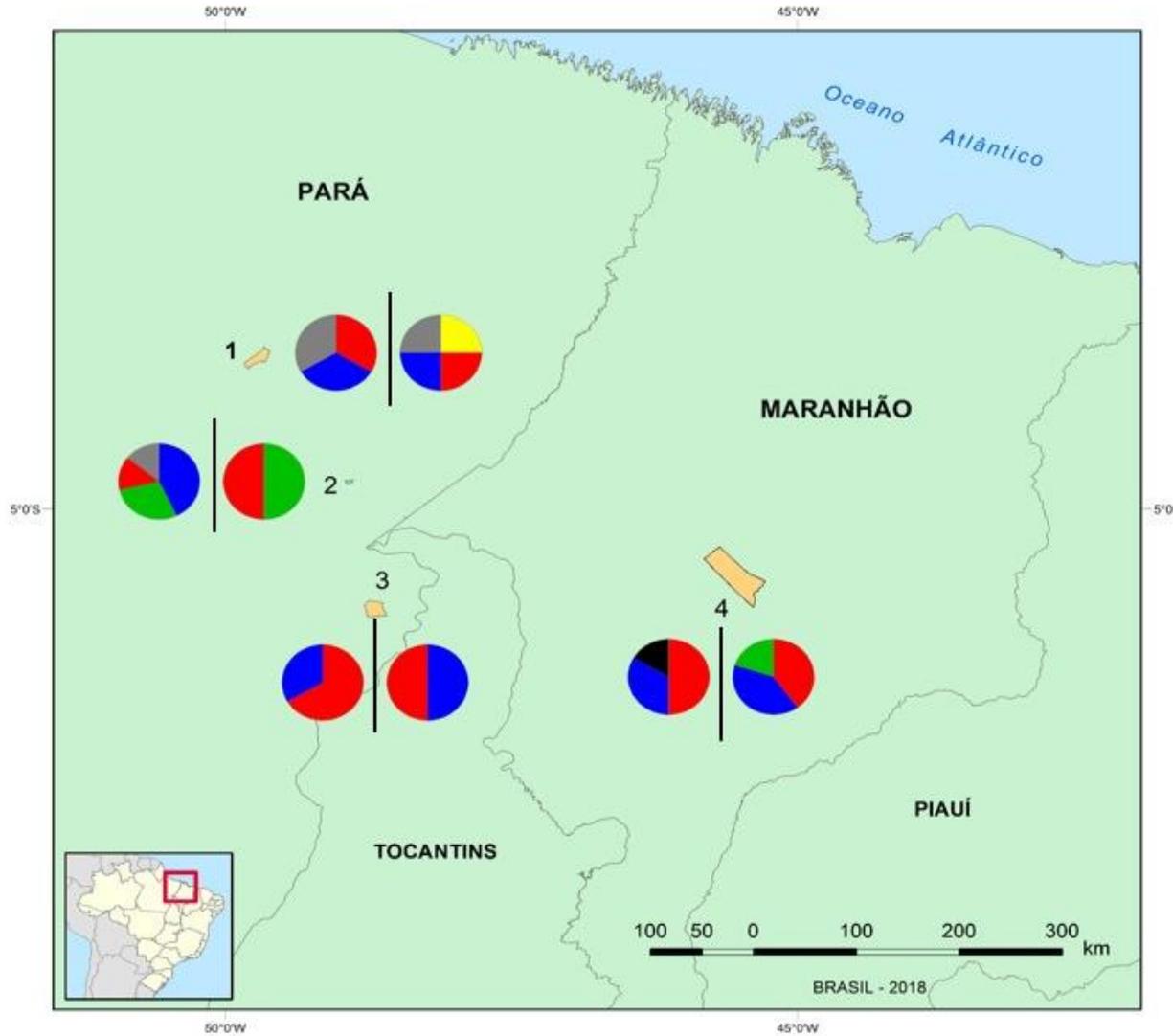
Realizações em % de respostas válidas

- Corno
- Chifrudo
- Traído
- Touro
- Corno velho
- Sem resposta

F M  
① ②

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 141: ... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

CL 014c

**BRASIL**  
**PARÁ E MARANHÃO**  
**TERRAS INDÍGENAS**  
**DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
**DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE**  
**MARIDO ENGANADO**

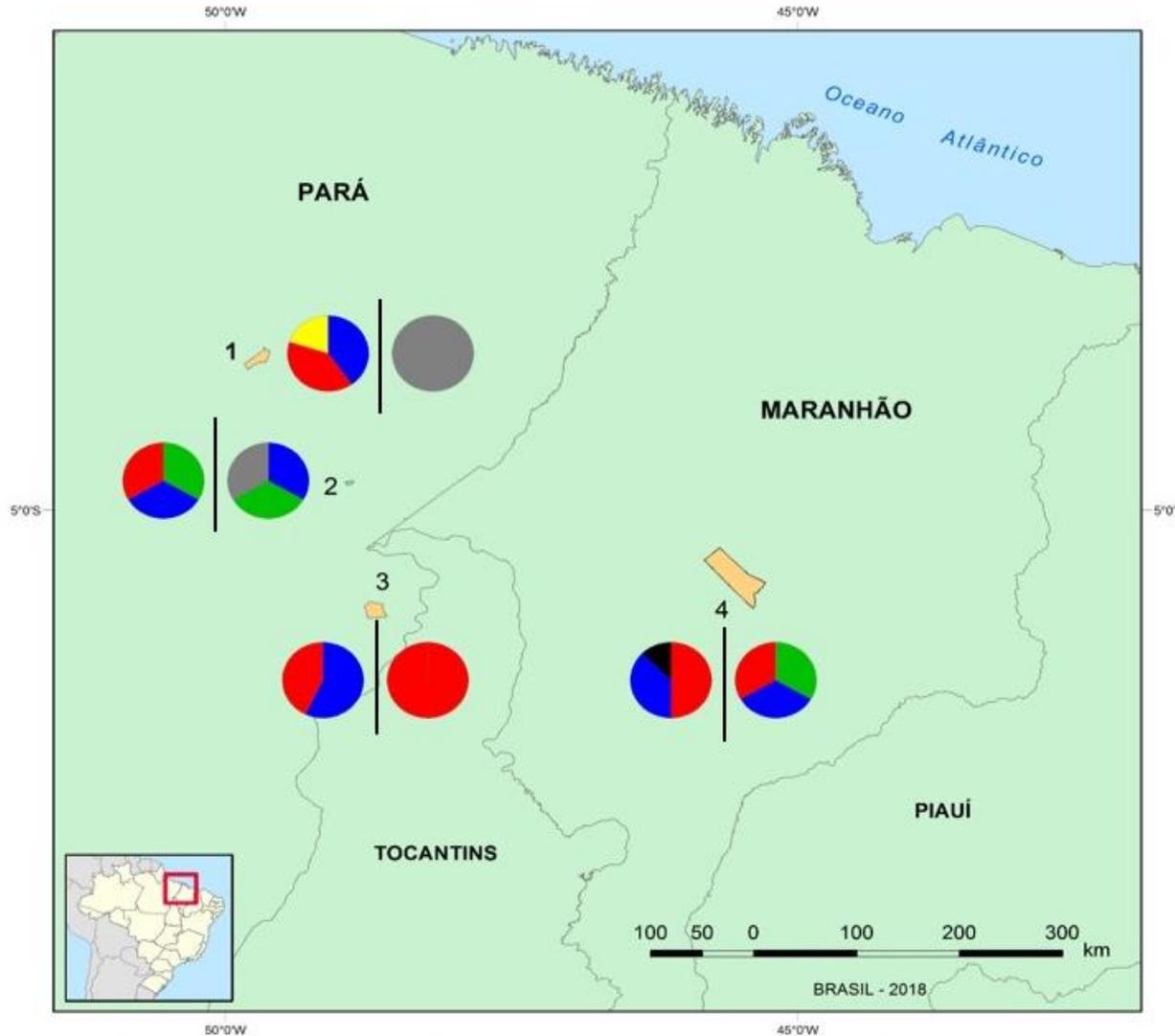
Realização em % de respostas válidas

- Corno
- Chifrudo
- Traído
- Touro
- Corno velho
- Sem resposta

FA    FB  
 ①    ②

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 141: ... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

CL 015

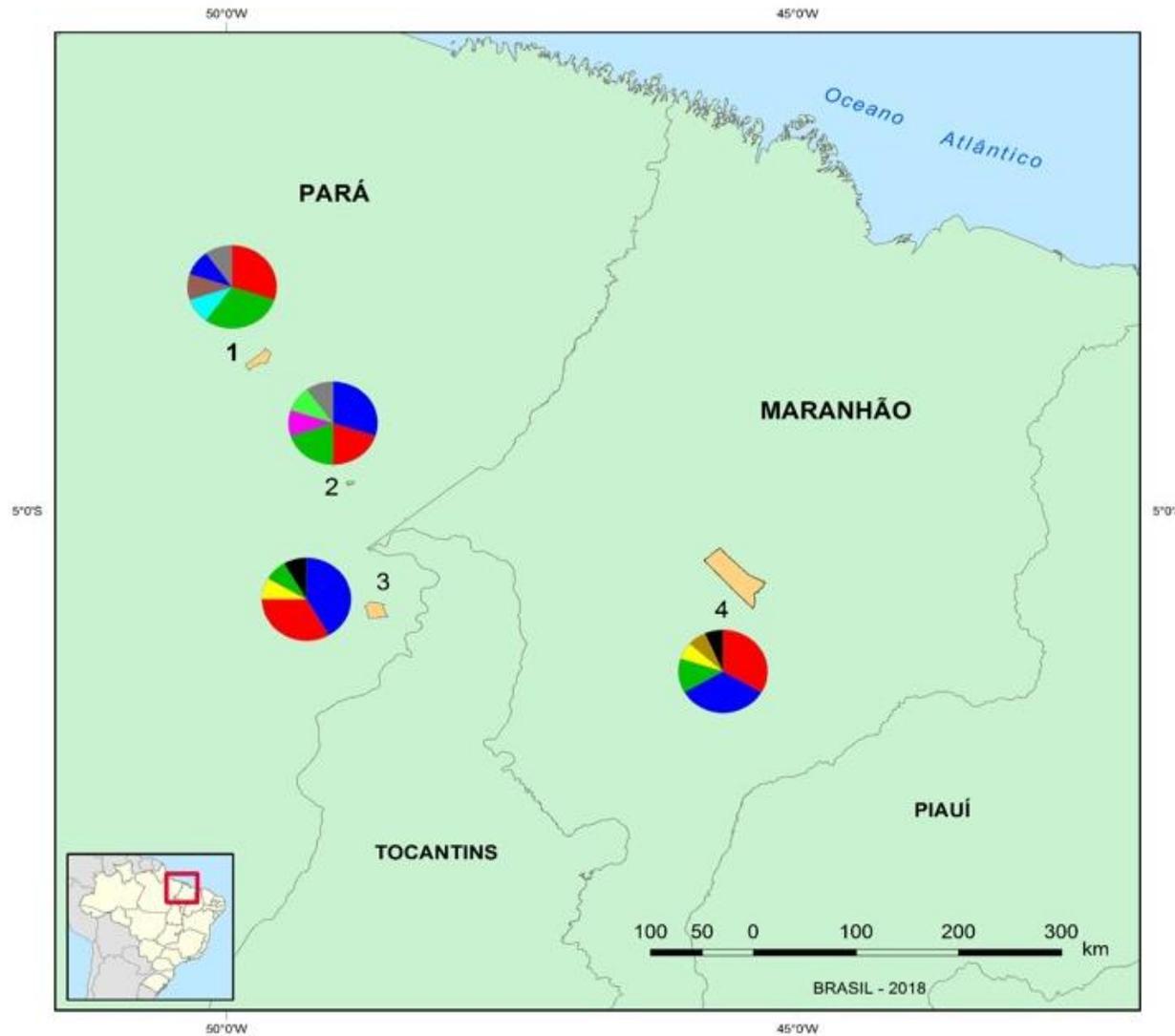
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI  
DENOMINAÇÕES PARA PROSTITUTA

Realizações em % de respostas válidas



TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 142: ... a mulher que se vende para qualquer homem?

CL 015a

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI**  
 DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE PROSTITUTA

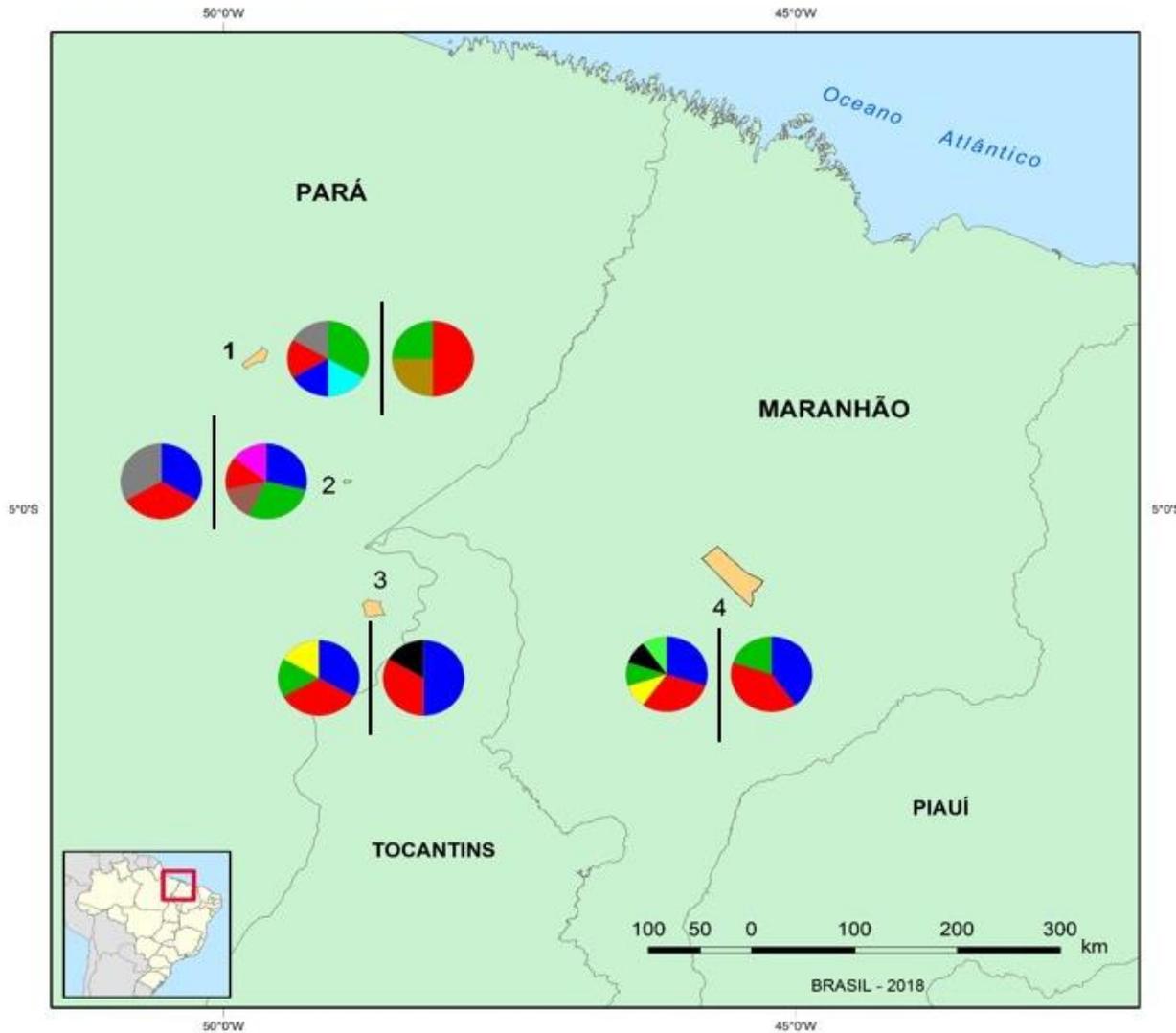
Realizações em % de respostas válidas

- Prostituta
- Rapariga
- Puta
- Vagabunda
- Meretriz
- Mulher de cabaré
- Mulher que não presta
- Garota de programa
- Mulher de rua
- Puta de rua
- Sem resposta

- ESC.    + ESC.  
1    2

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 142: ... a mulher que se vende para qualquer homem?

CL 015b

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE PROSTITUTA

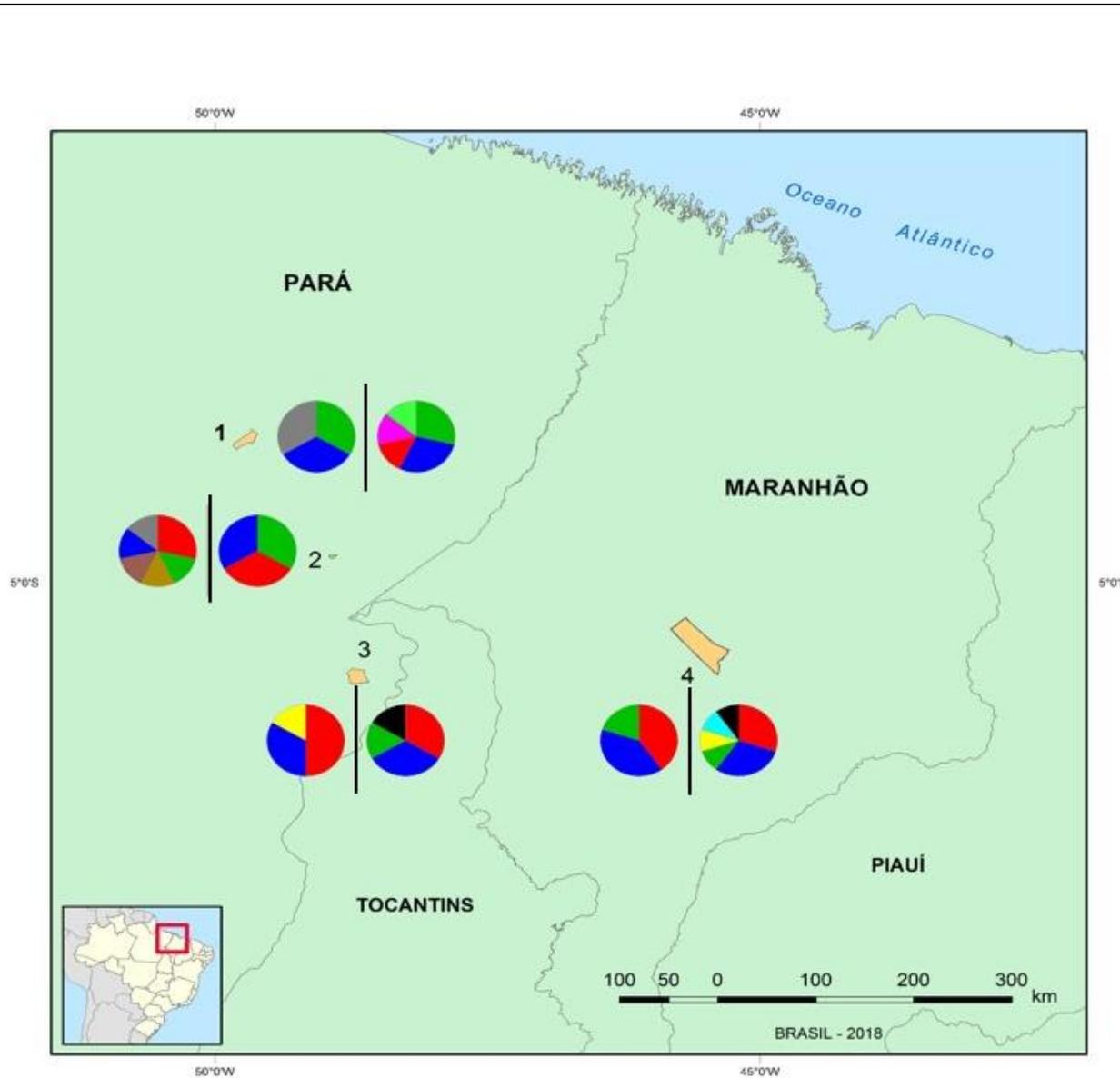
Realizações em % de respostas válidas

- Rapariga
- Prostituta
- Puta
- Meretriz
- Vagabunda
- Mulher que não presta
- Puta de rua
- Mulher de cabaré
- Mulher de rua
- Garota de programa
- Sem resposta

F M  
 ① ②

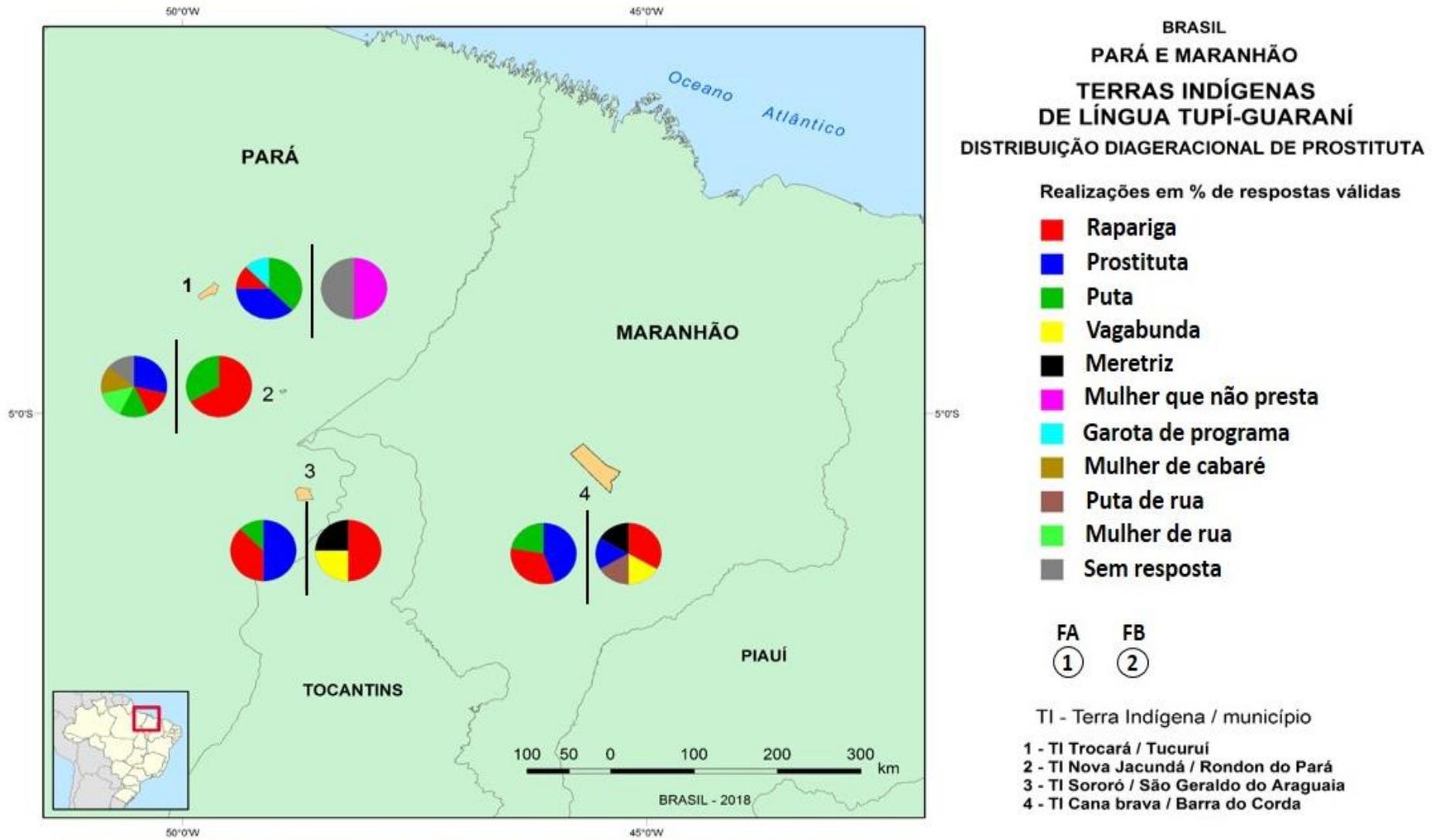
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 142: ... a mulher que se vende para qualquer homem?

CL 015c



QSL 142: ... a mulher que se vende para qualquer homem?

CL 016

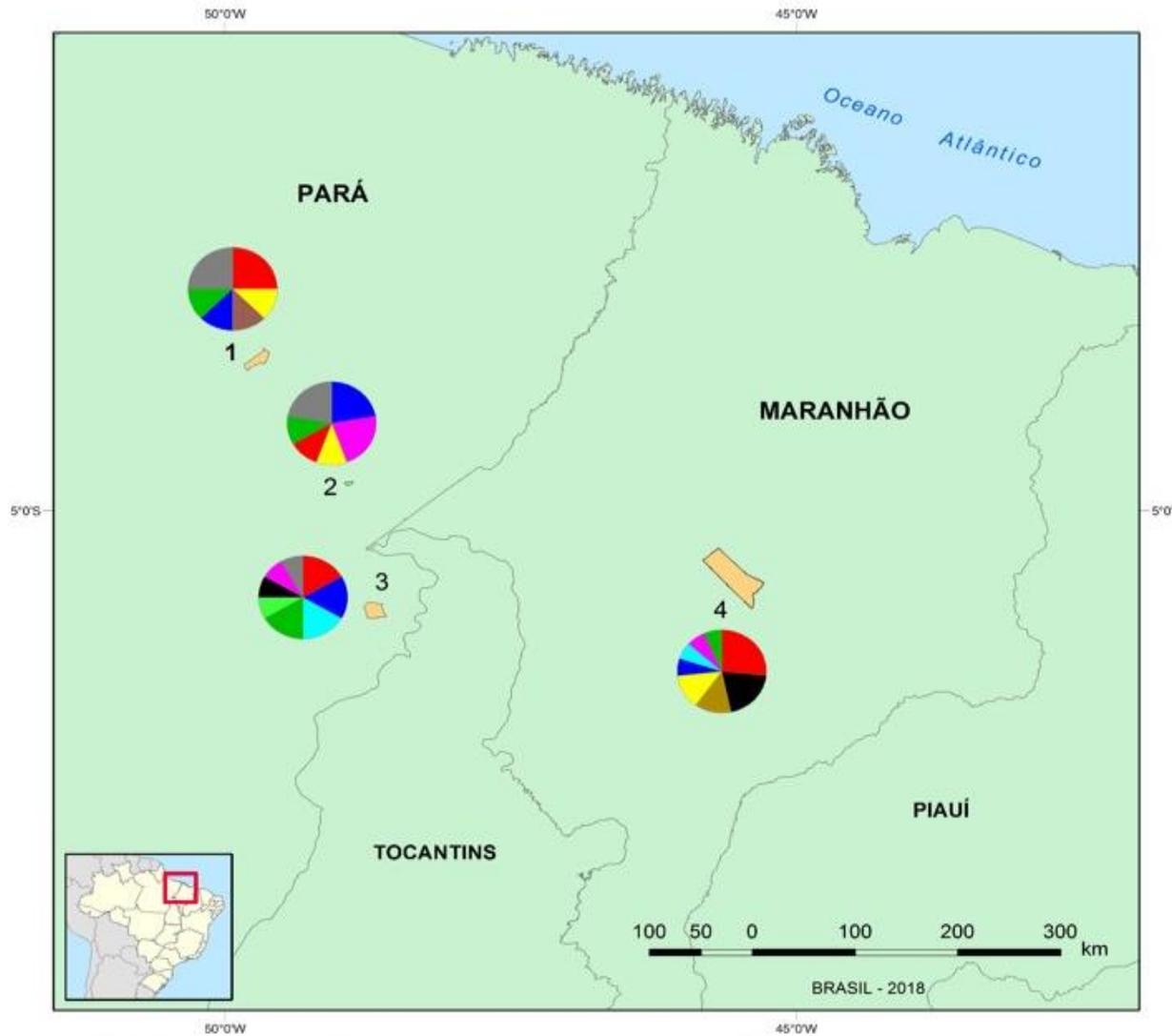
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA BÊBADO

Realizações em % de respostas válidas



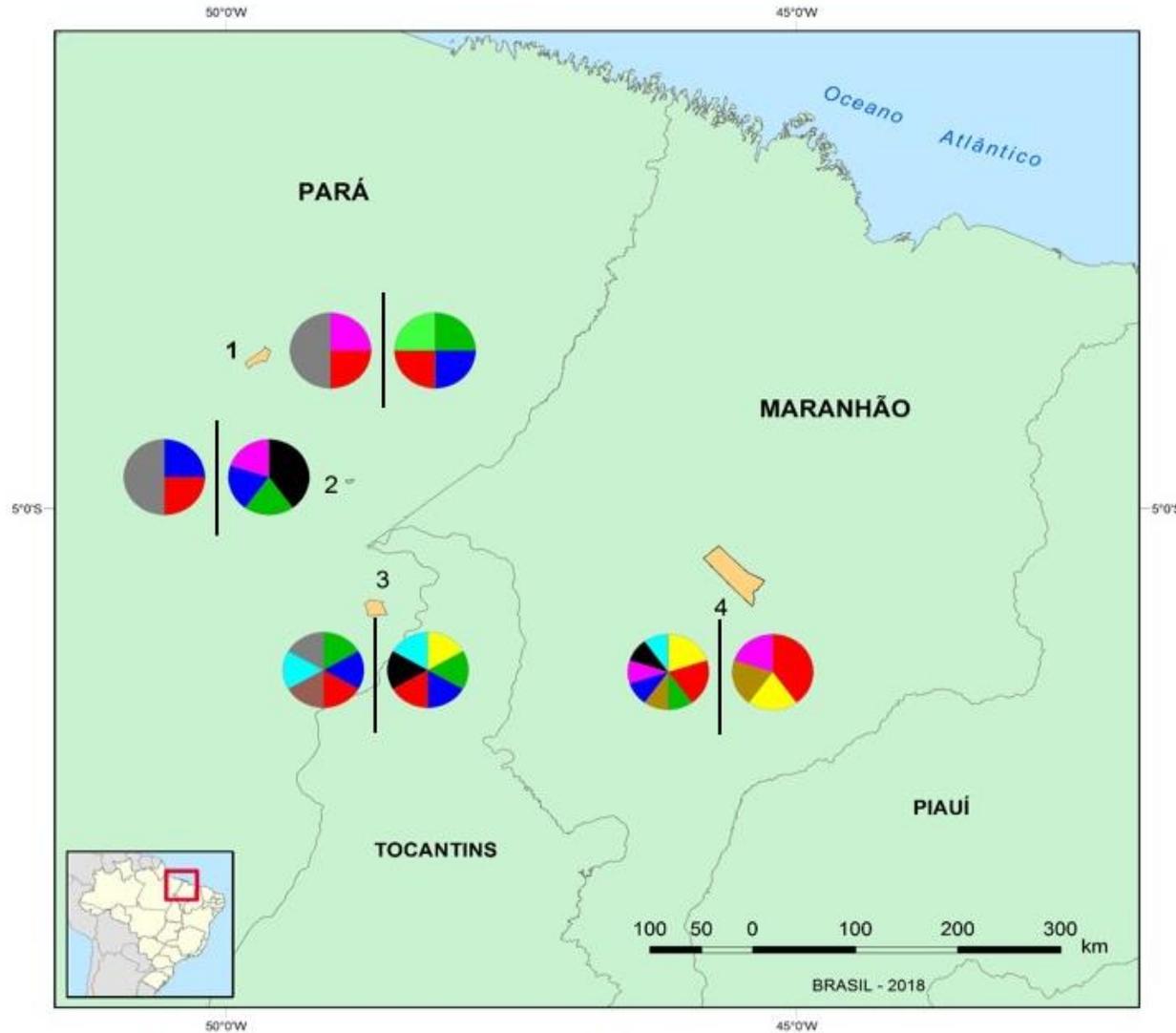
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
4 - TI Cana brava / Barra do Corda



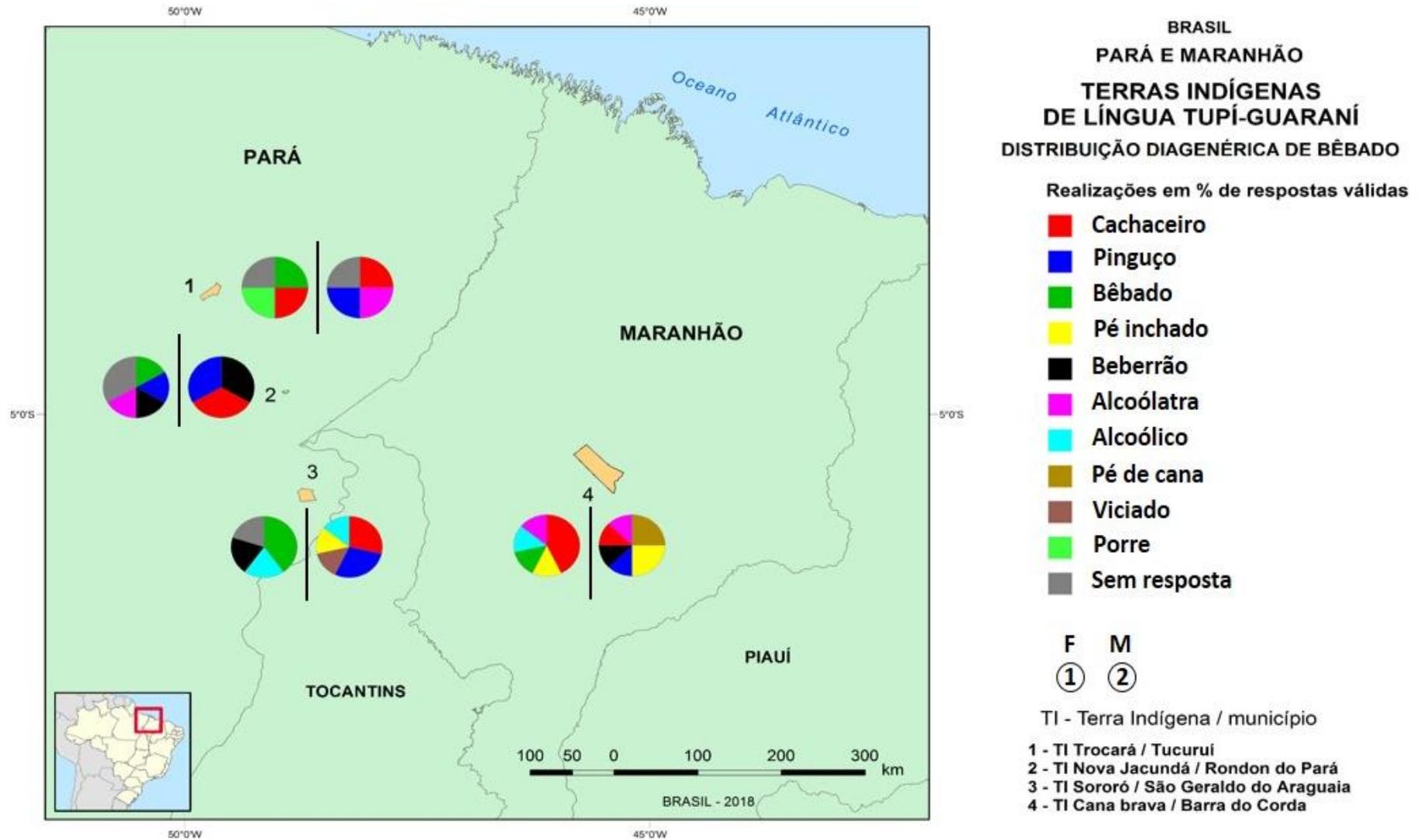
QSL 144: que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

CL 016a



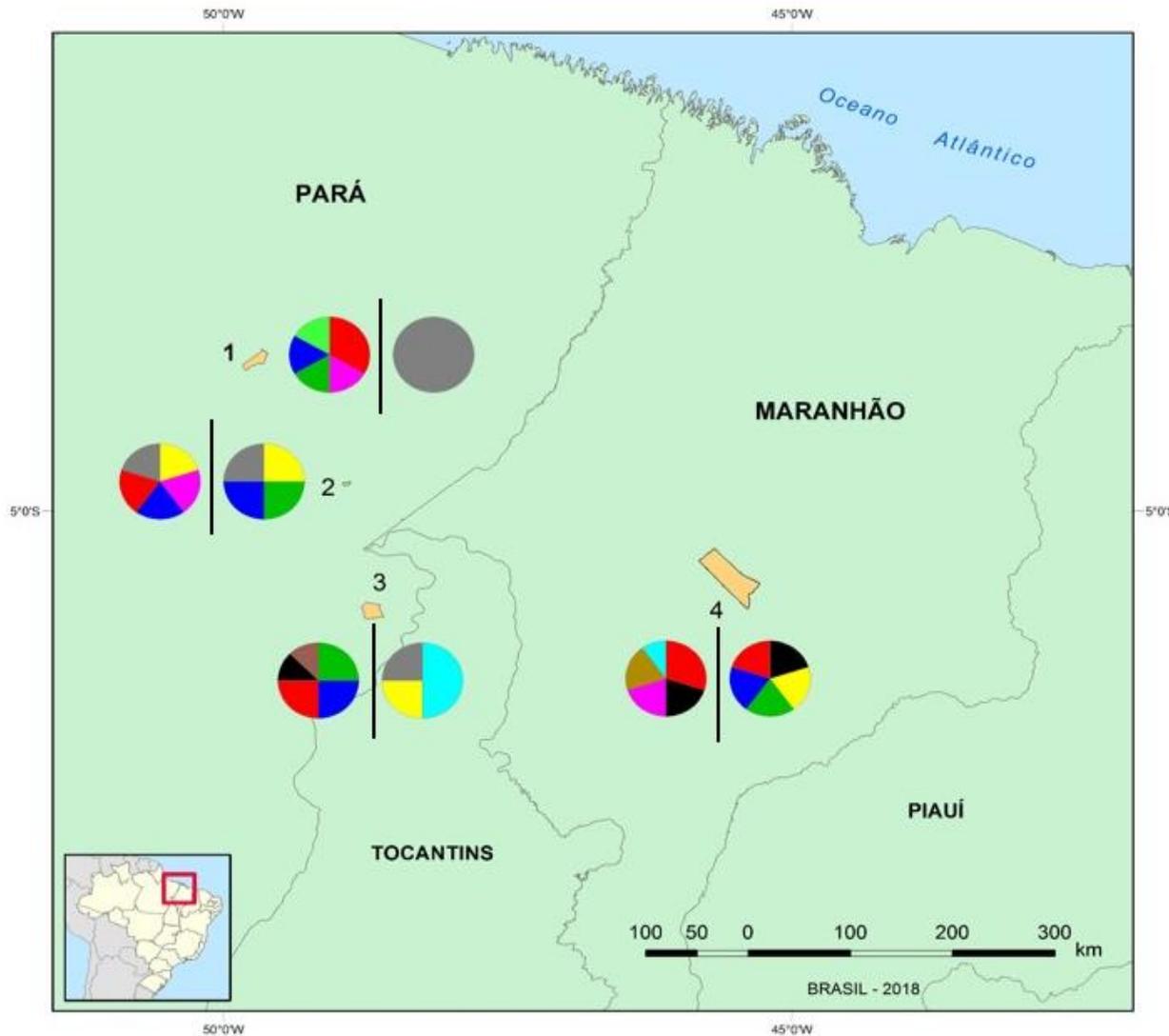
QSL 144: que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

CL 016b



QSL 144: que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

CL 016c



**BRASIL**  
**PARÁ E MARANHÃO**  
**TERRAS INDÍGENAS**  
**DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
**DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE BÊBADO**

Realizações em % de respostas válidas

- Cachaceiro
- Pinguço
- Bêbado
- Beberrão
- Pé inchado
- Alcoólatra
- Alcoólico
- Pé de cana
- Viciado
- Porre
- Sem resposta

FA    FB  
 ①    ②

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

QSL 144: que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

CL 017

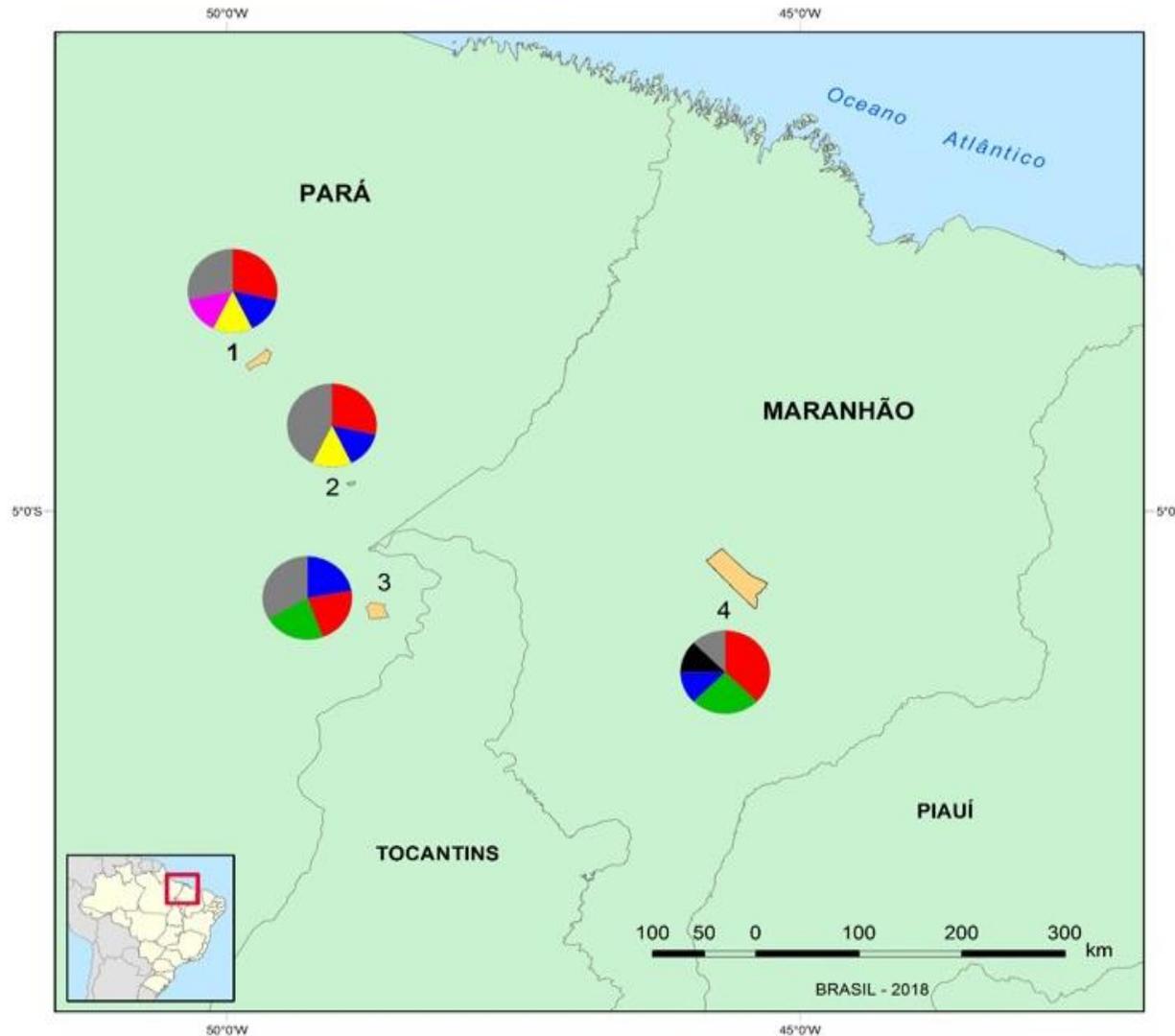
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA CIGARRO DE PALHA

Realizações em % de respostas válidas

- Porronca
- Fumo
- Cigarro de palha
- Tabaco
- Coringa
- Fumo de corda
- Sem resposta

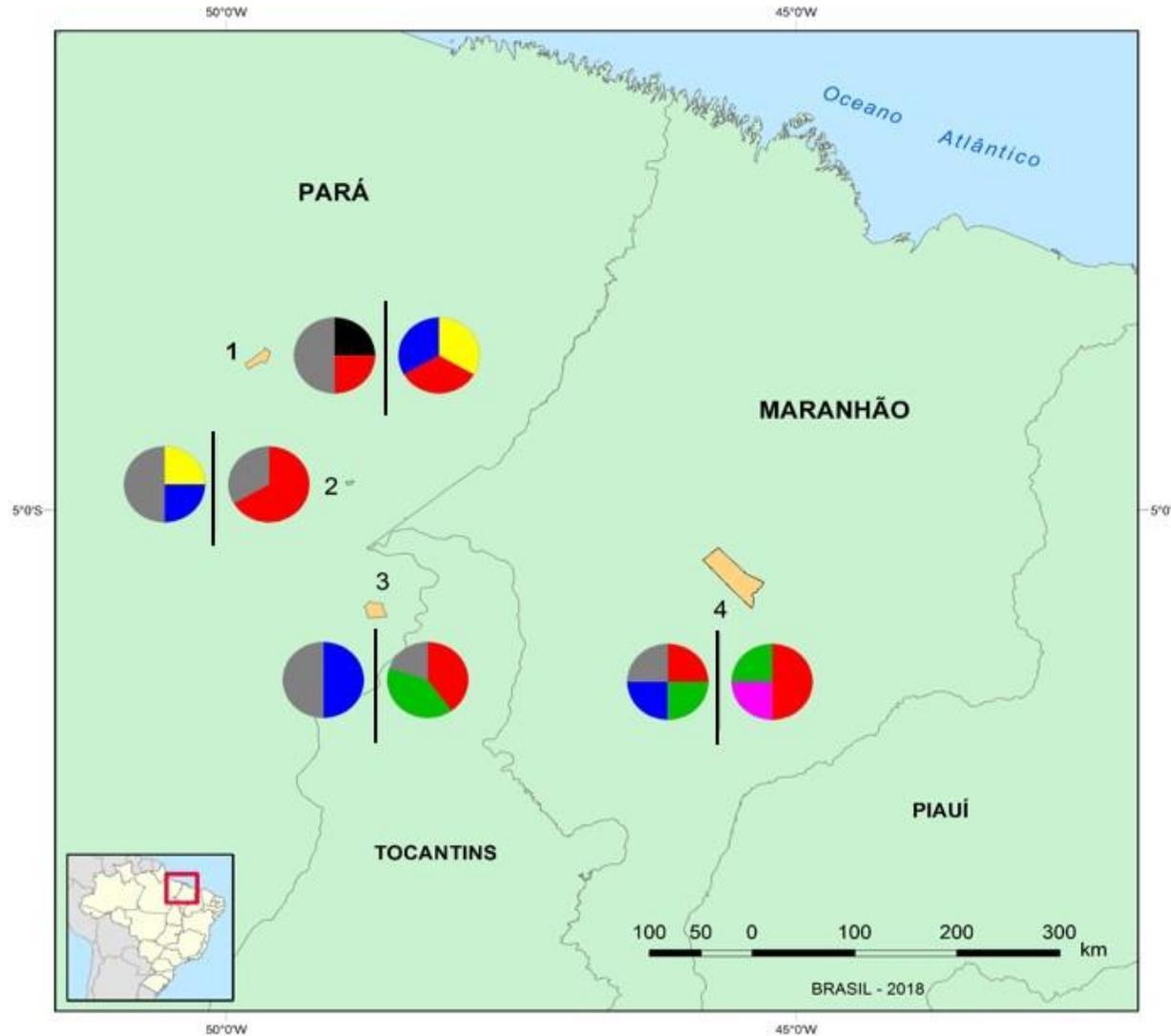
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 145: que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

CL 017a



**BRASIL**  
**PARÁ E MARANHÃO**  
**TERRAS INDÍGENAS**  
**DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
**DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA**  
**DE CIGARRO DE PALHA**

Realizações em % de respostas válidas

- Porronca
- Fumo
- Cigarro de palha
- Tabaco
- Fumo de corda
- Coringa
- Sem resposta

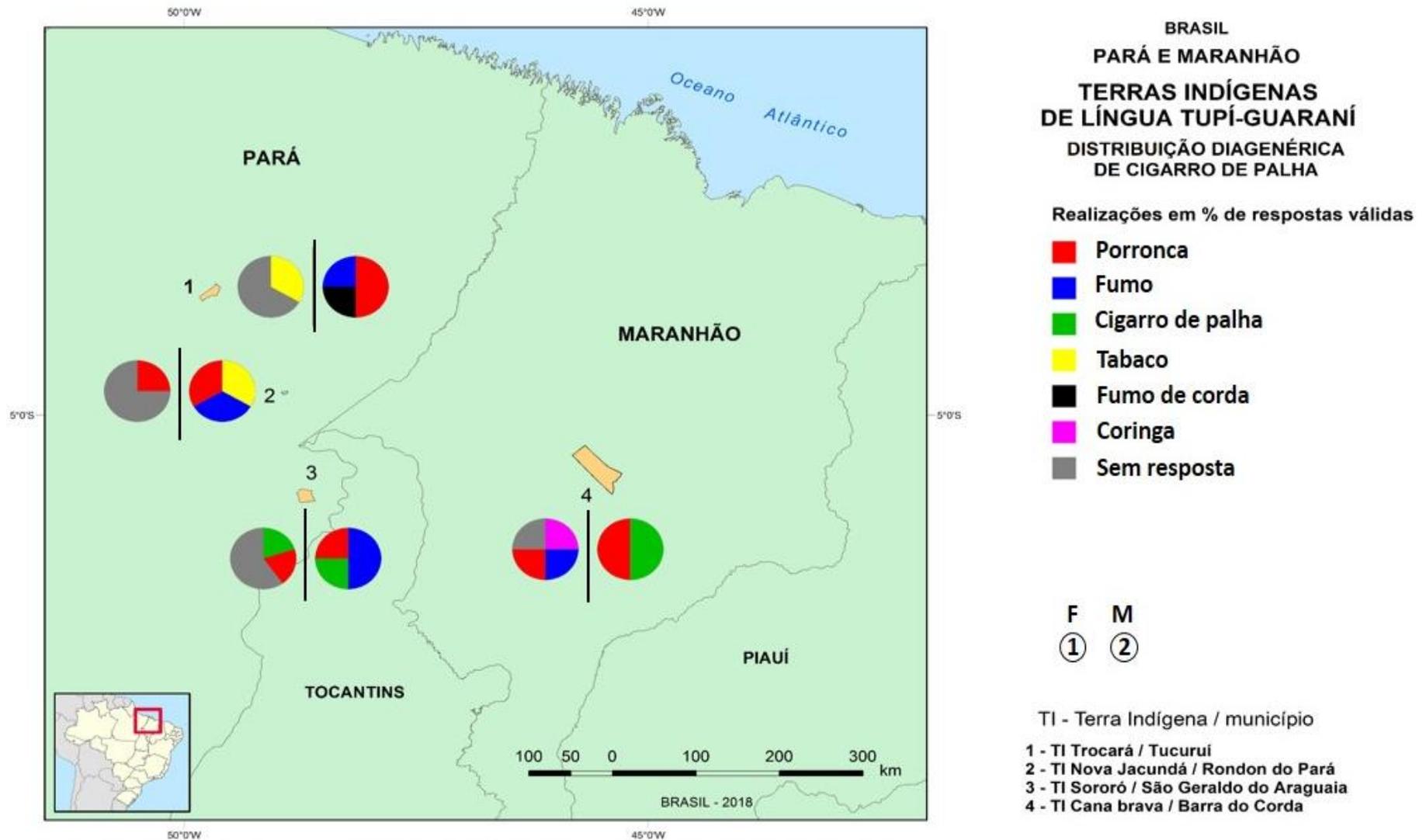
- ESC.    + ESC.  
 (1)    (2)

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

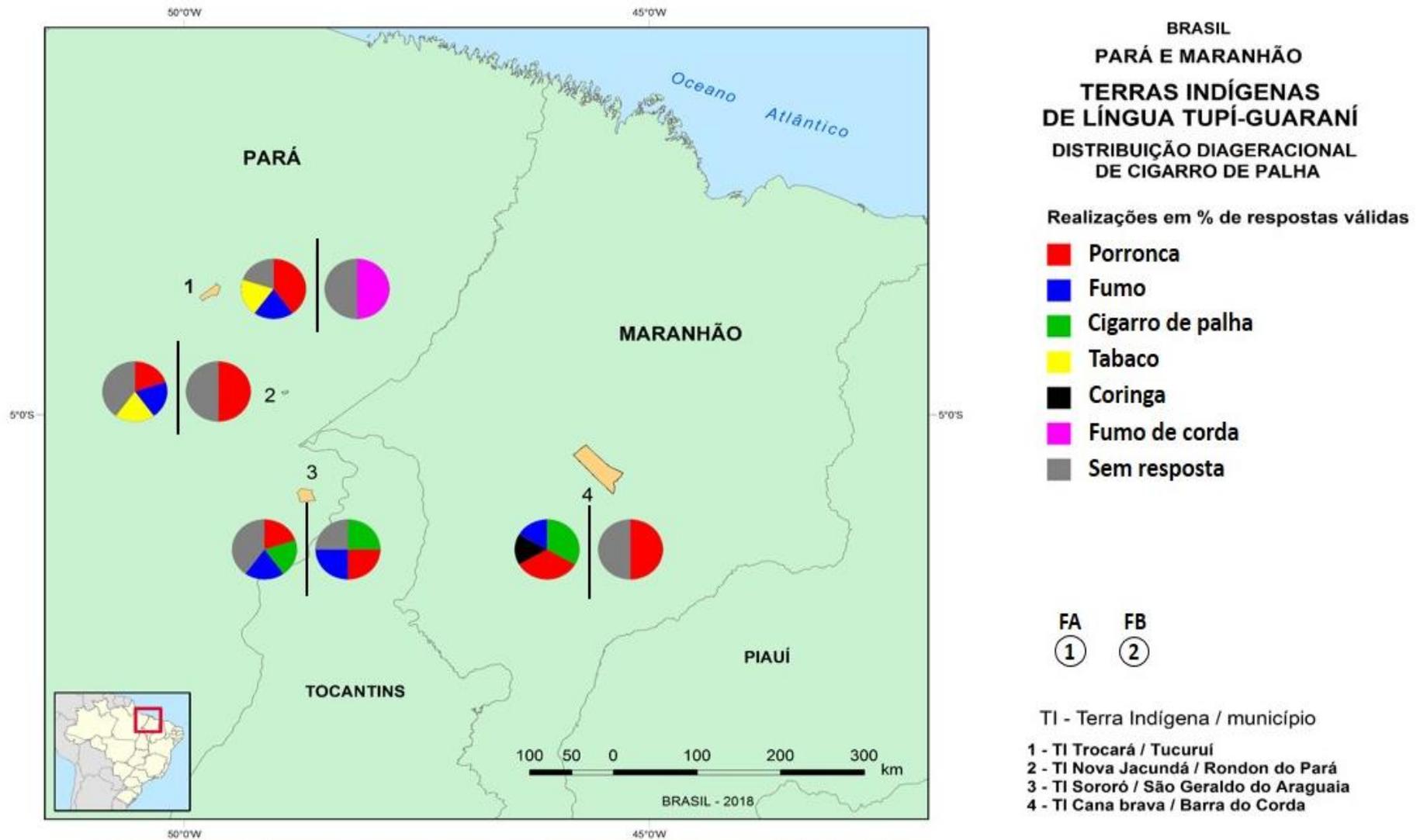
QSL 145: que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

CL 017b



QSL 145: que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

CL 017c



QSL 145: que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

CL 018

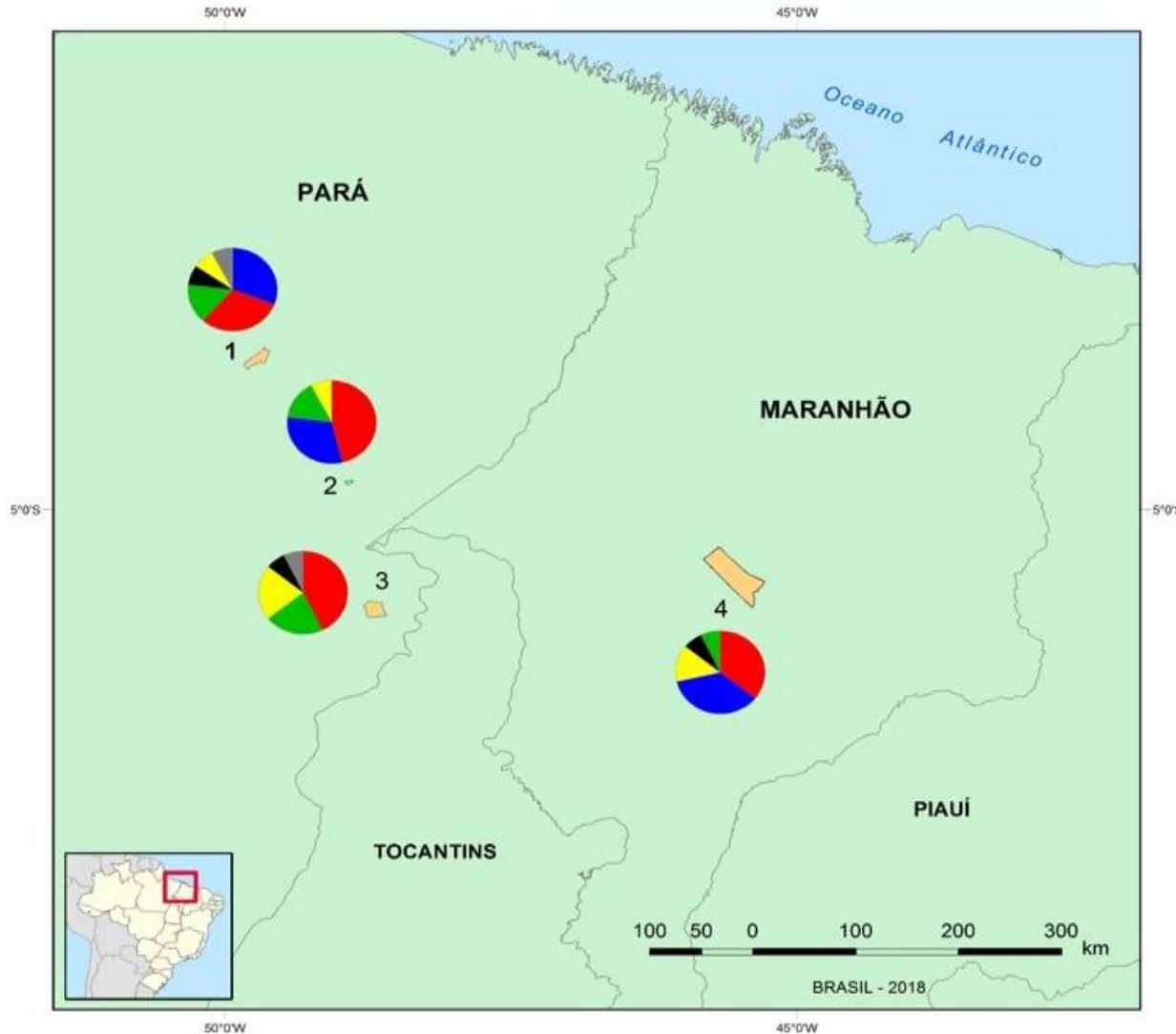
**BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA DIABO**

Realizações em % de respostas válidas

- Diabo
- Satanás
- Demônio
- Capeta
- Cão
- Sem resposta

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 147: Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_?

CL 018a

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE DIABO

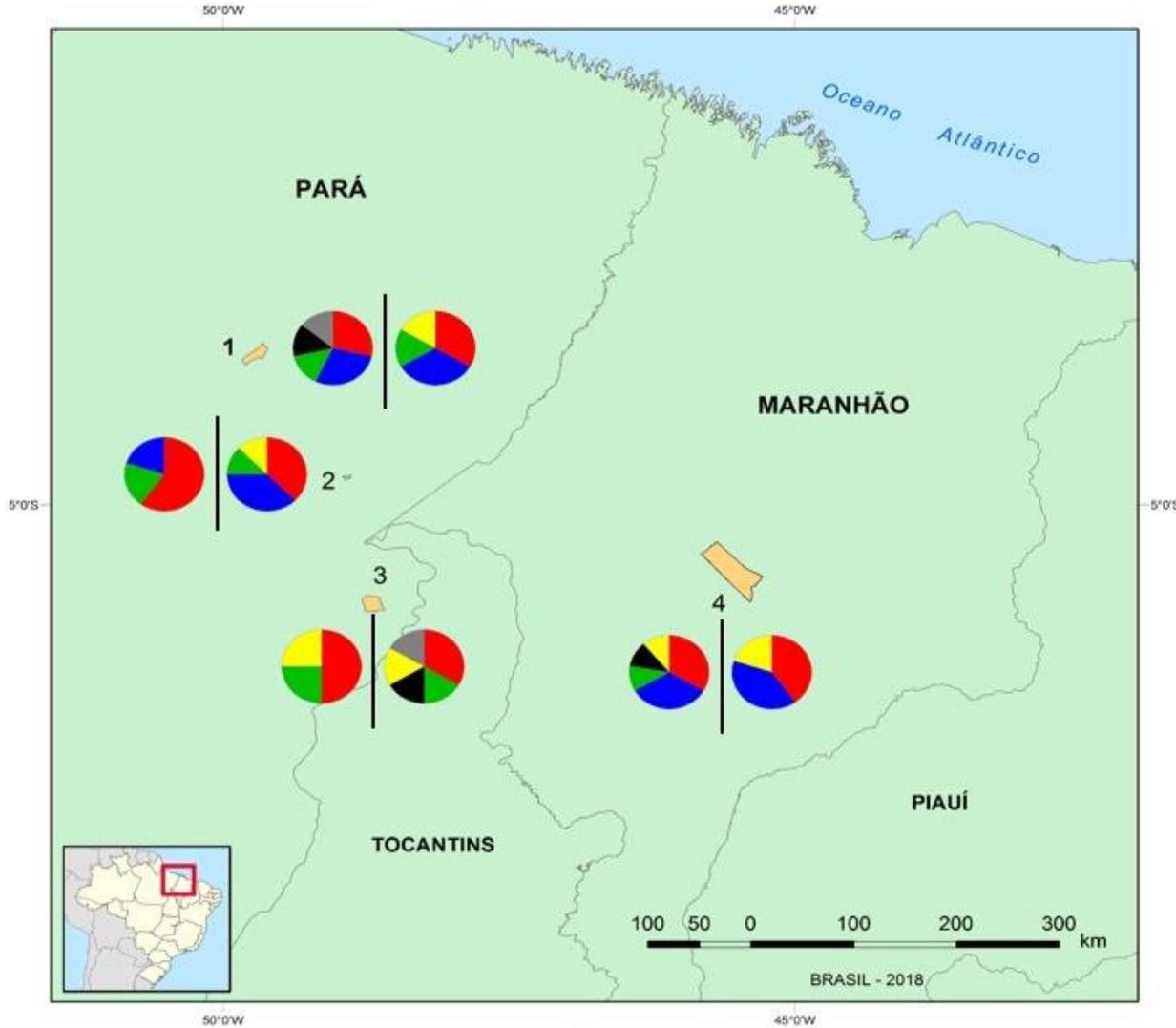
Realizações em % de respostas válidas

- Diabo
- Satanás
- Demônio
- Capeta
- Cão
- Sem resposta

- ESC.    + ESC.  
1    2

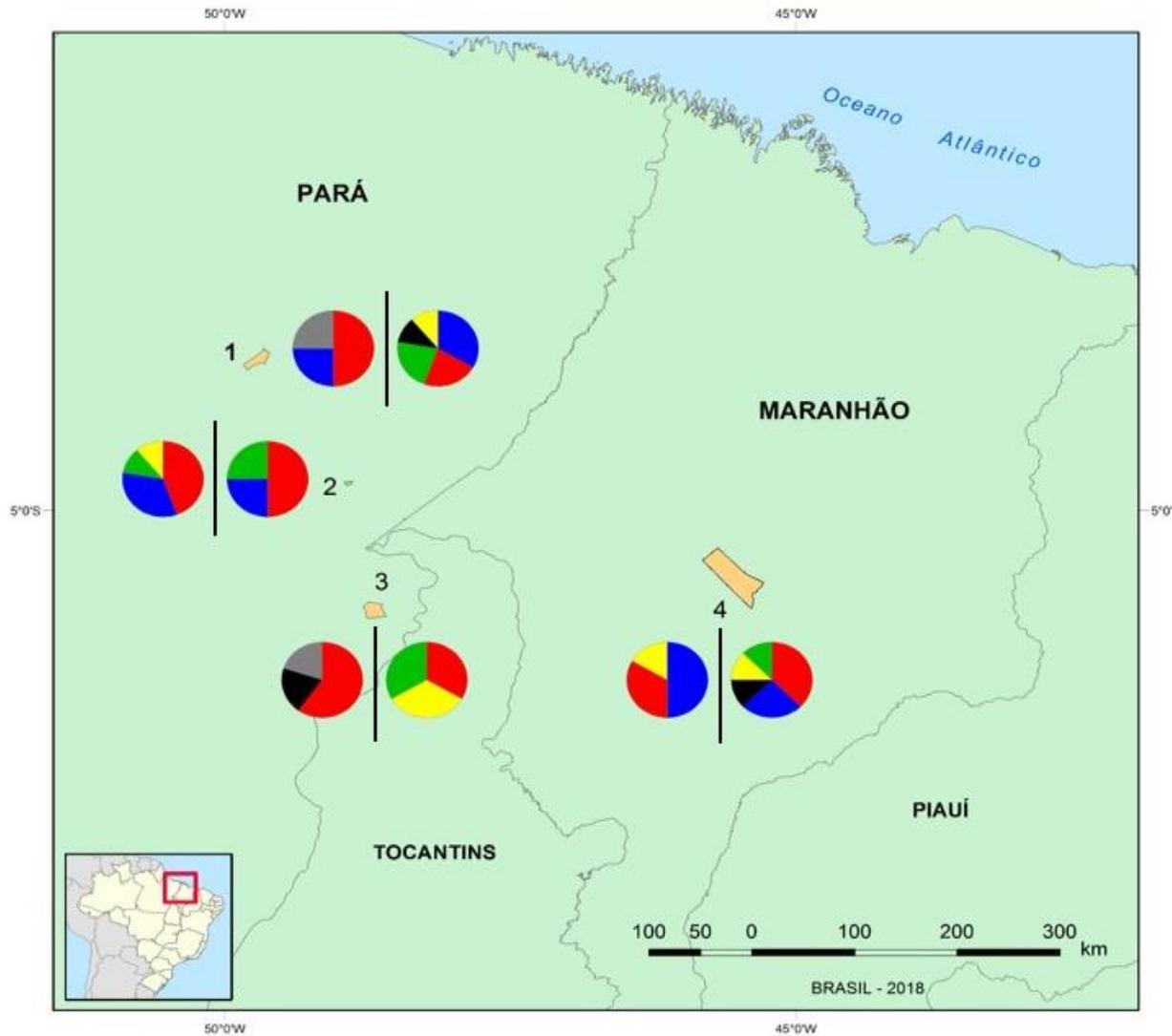
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 147: Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_?

CL 018b



**BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE DIABO**

Realizações em % de respostas válidas

- Diabo
- Satanás
- Demônio
- Capeta
- Cão
- Sem resposta

F M  
① ②

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

QSL 147: Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_?

CL 018C

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE DIABO

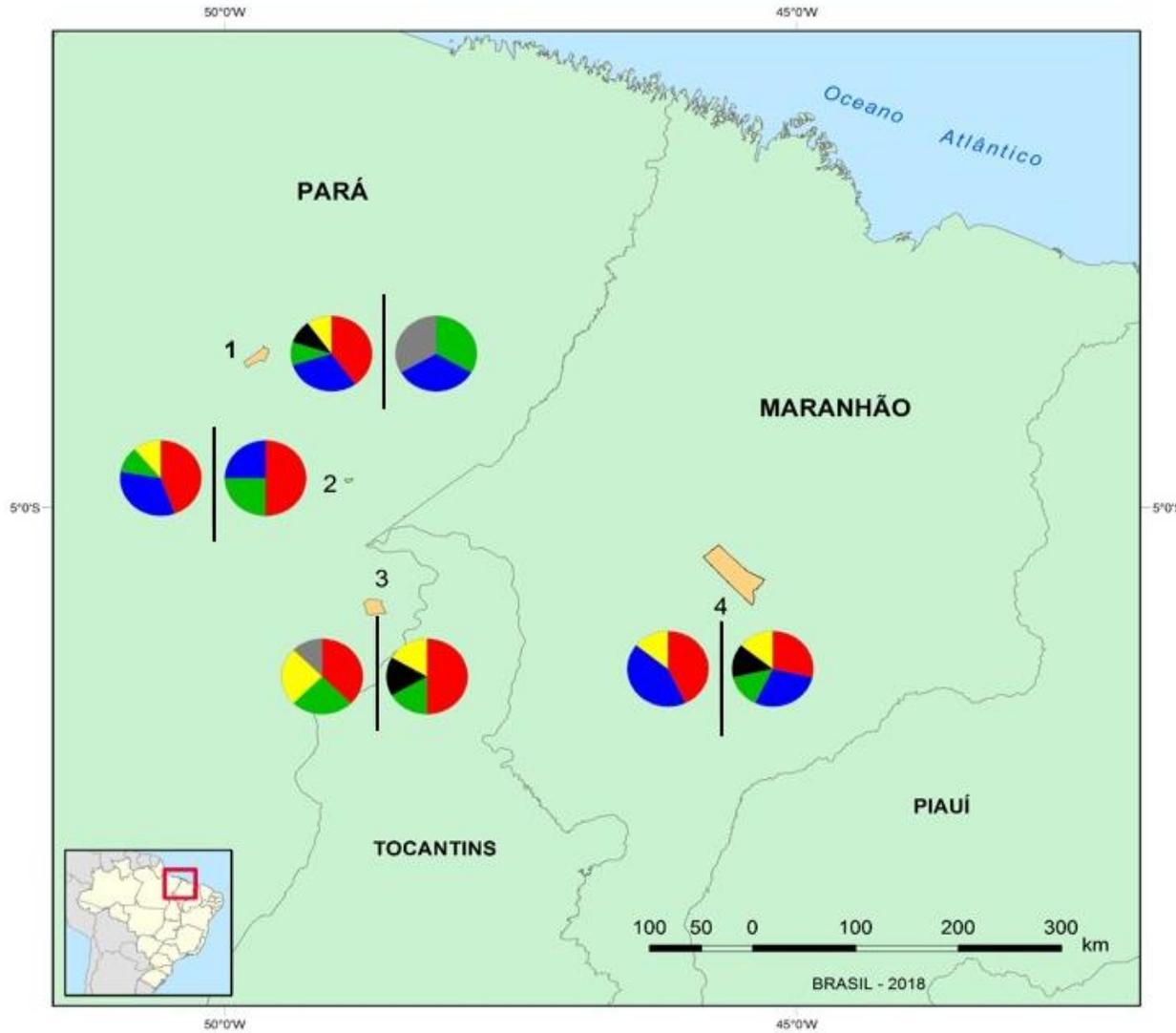
Realizações em % de respostas válidas

- Diabo
- Satanás
- Demônio
- Capeta
- Cão
- Sem resposta

FA    FB  
①    ②

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

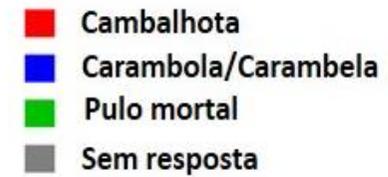


QSL 147: Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_?

CL 019

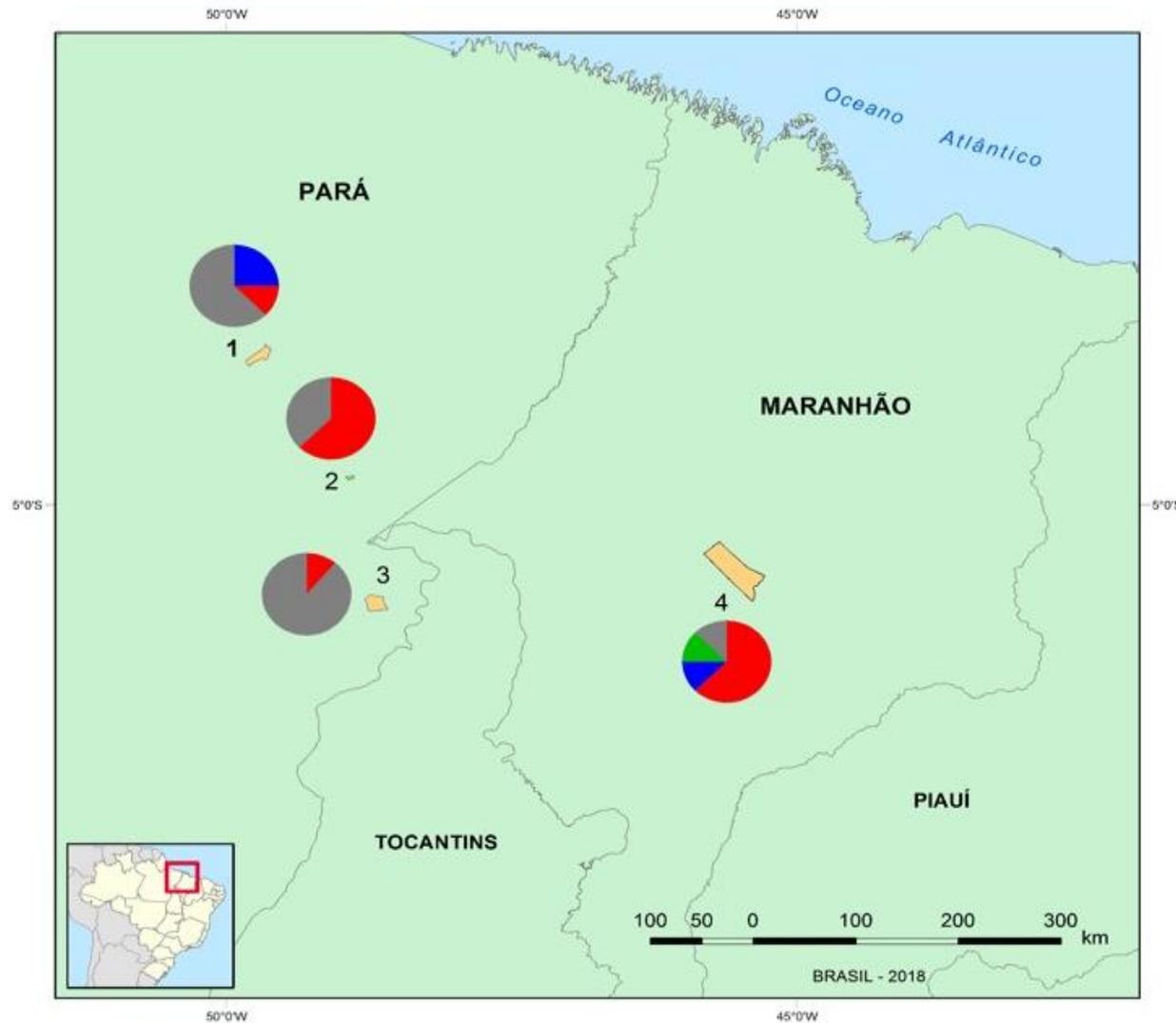
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA CAMBALHOTA

Realizações em % de respostas válidas



TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 155: ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentando? *Mímica*.

CL 019a

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE CAMBALHOTA

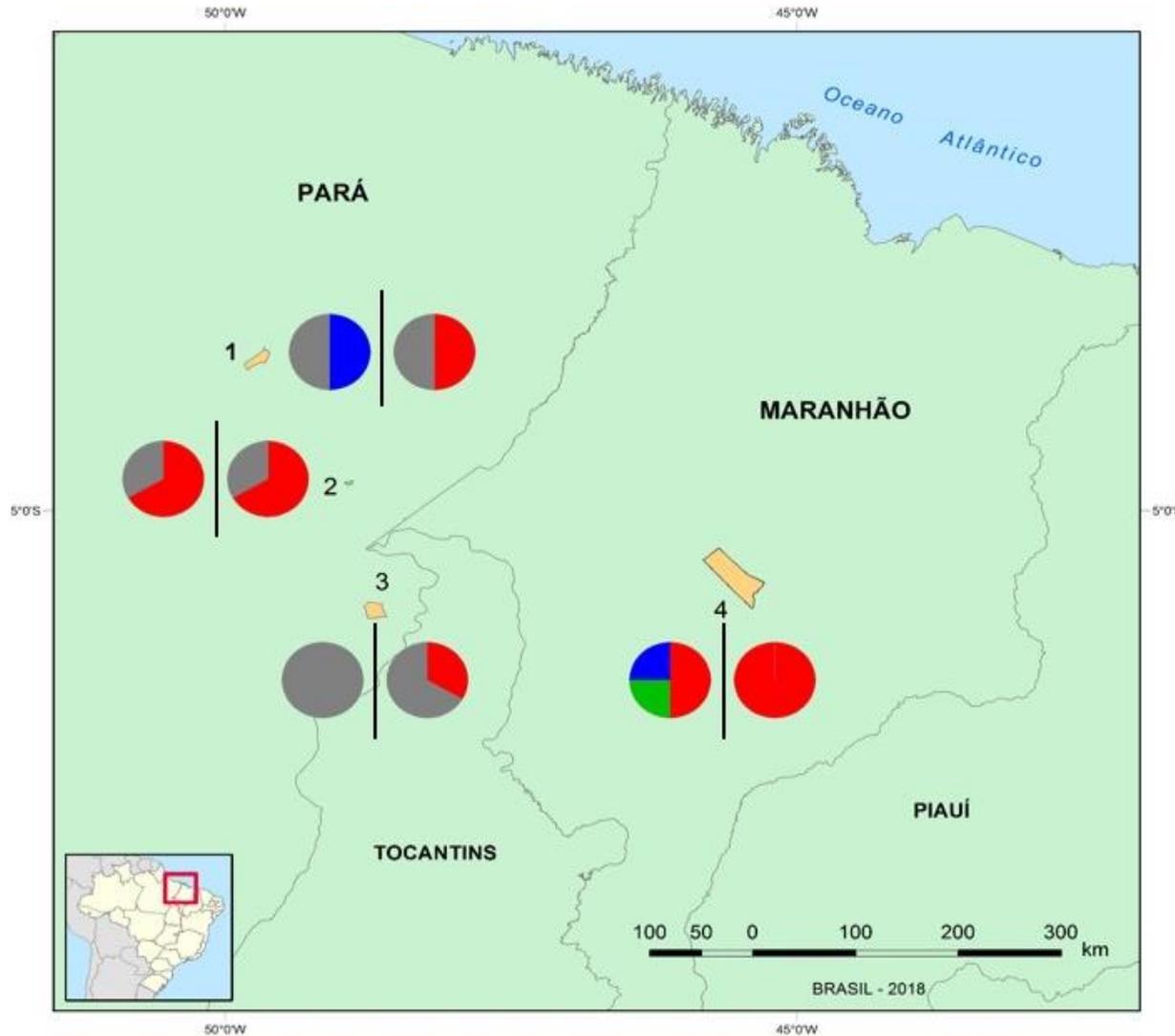
Realizações em % de respostas válidas

- Cambalhota
- Carambola/Carambela
- Pulo mortal
- Sem resposta

- ESC.    + ESC.  
1    2

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 155: ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentando? *Mímica*.

CL 019b

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE CAMBALHOTA

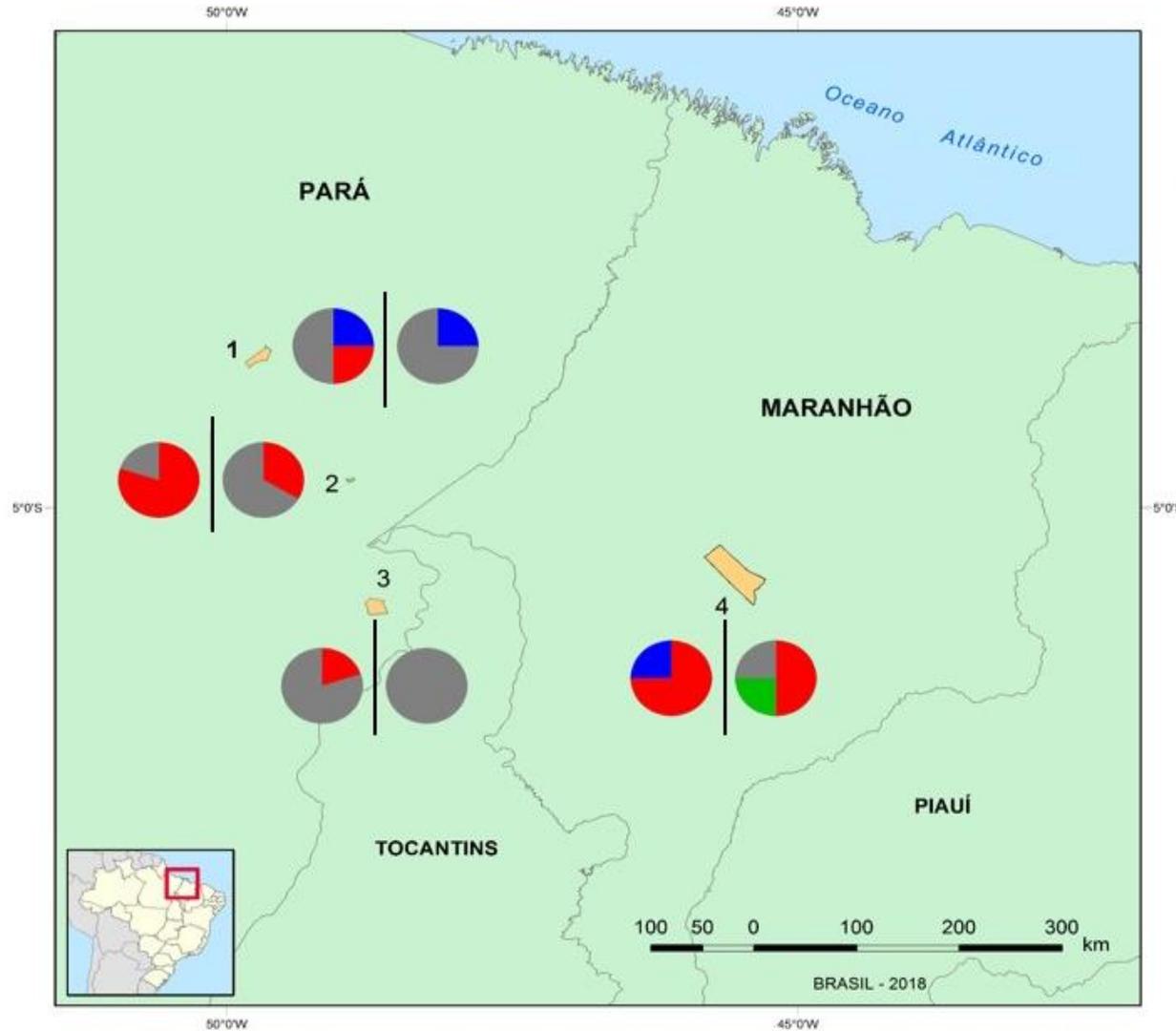
Realizações em % de respostas válidas

- Cambalhota
- Carambola/Carambela
- Pulo mortal
- Sem resposta

F M  
① ②

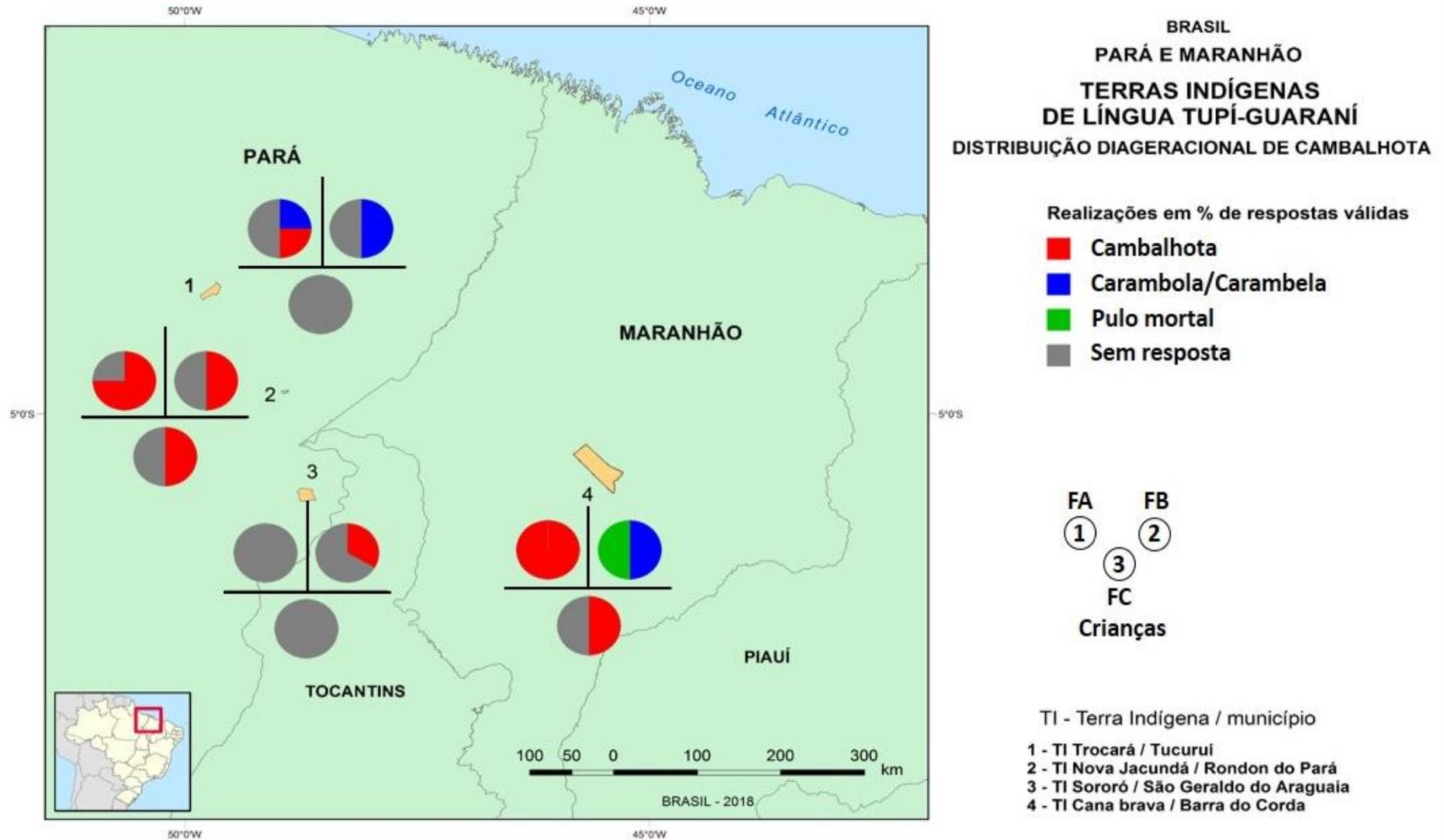
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 155: ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentando? *Mímica*.

CL 019c



QSL 155: ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentando? *Mímica*.

CL 020

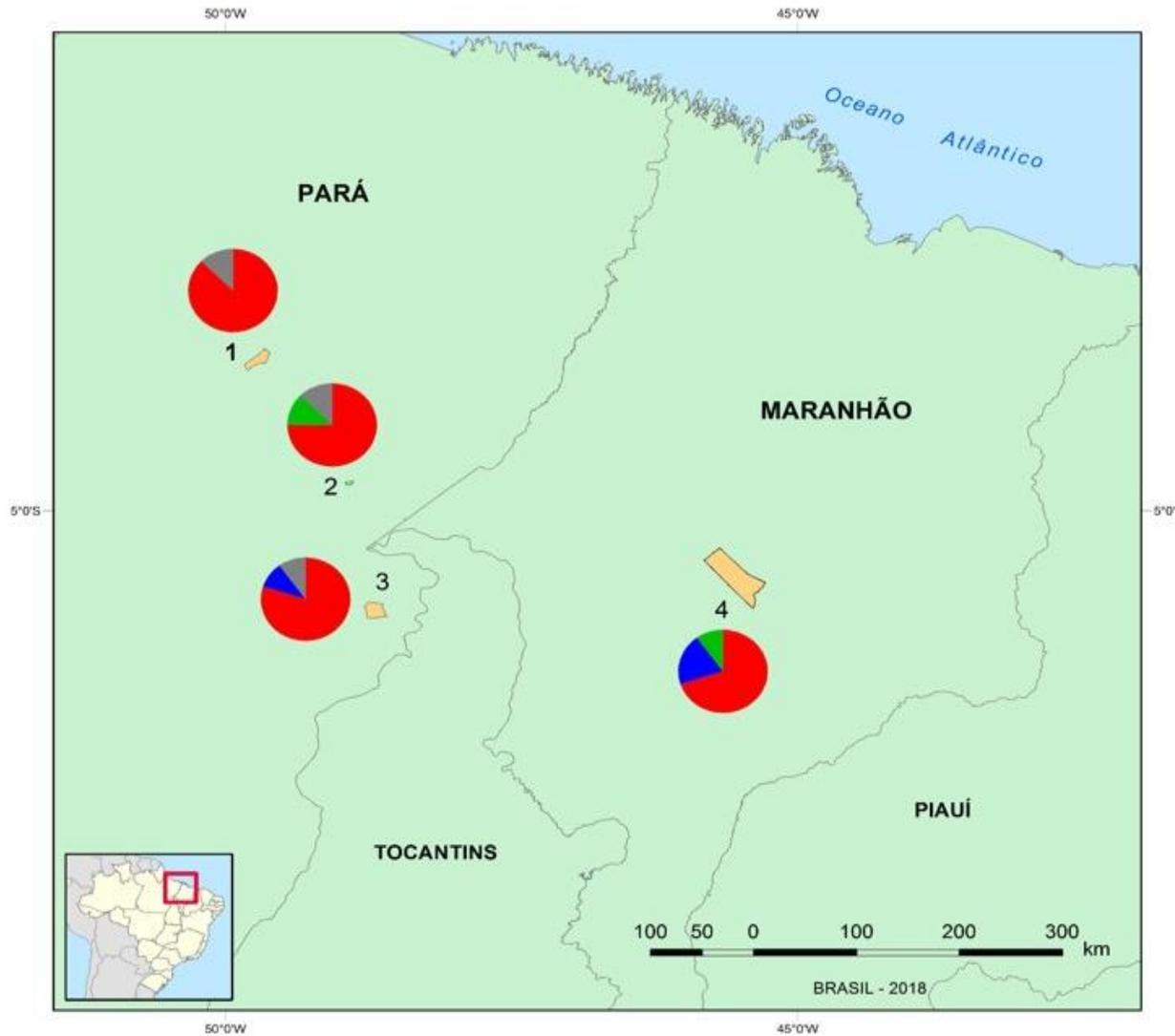
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA BOLINHA DE GUDE

Realizações em % de respostas válidas

- Peteca
- Bolinha de gude
- Bolinha
- Sem resposta

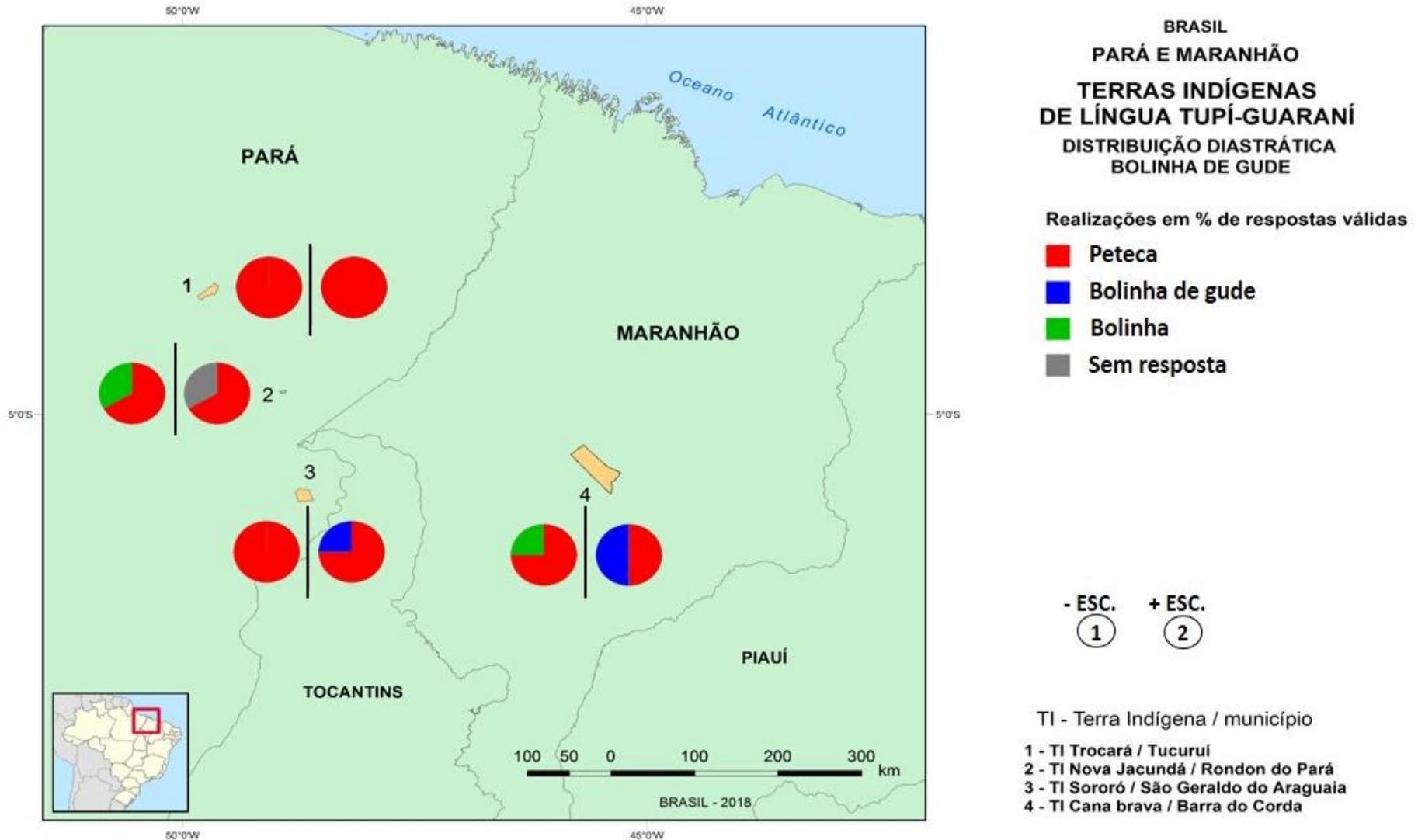
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 156: ... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

CL 020a



QSL 156: ... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

CL 020b

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANI  
DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA  
DE BOLINHA DE GUDE

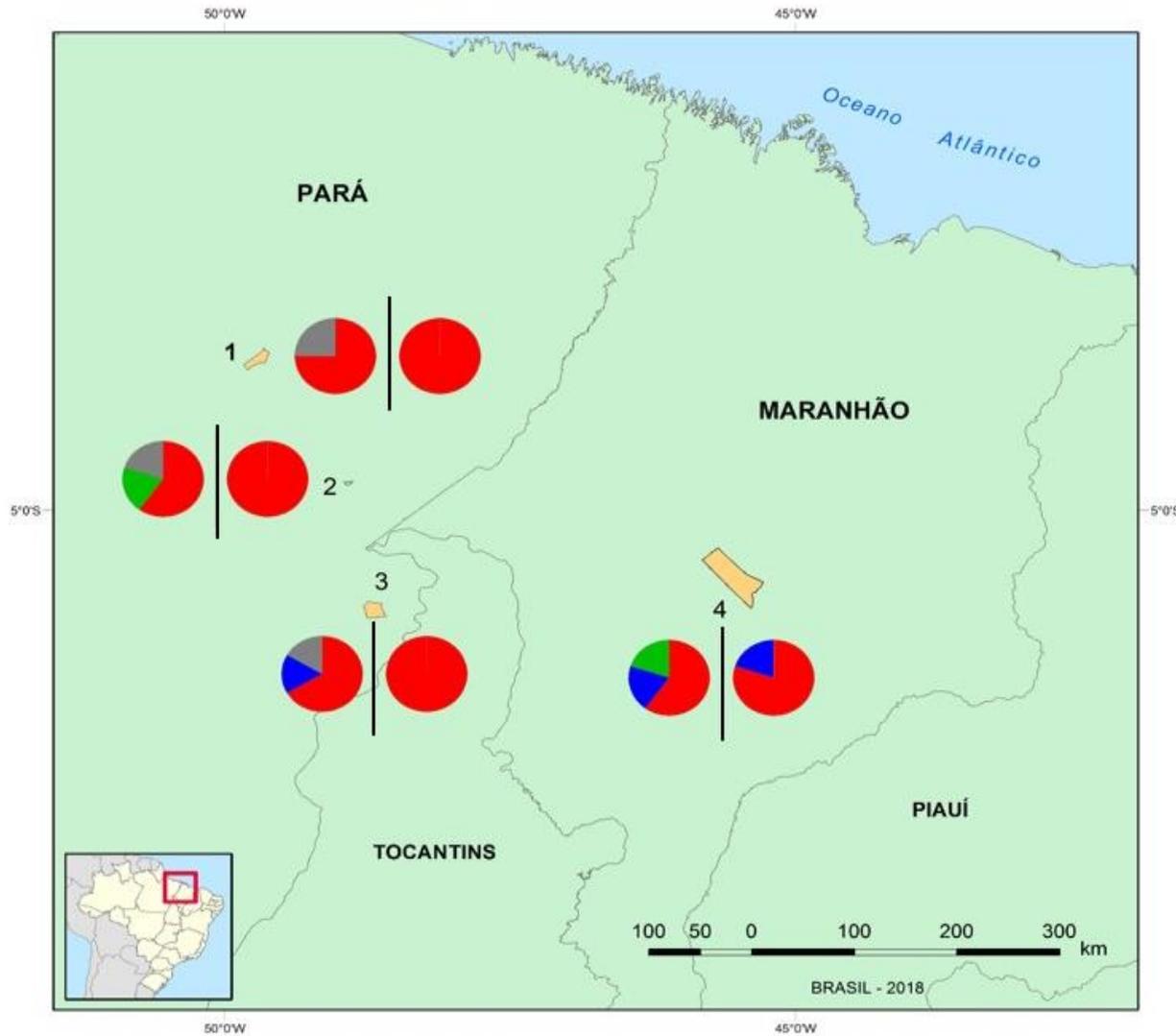
Realizações em % de respostas válidas



F M  
① ②

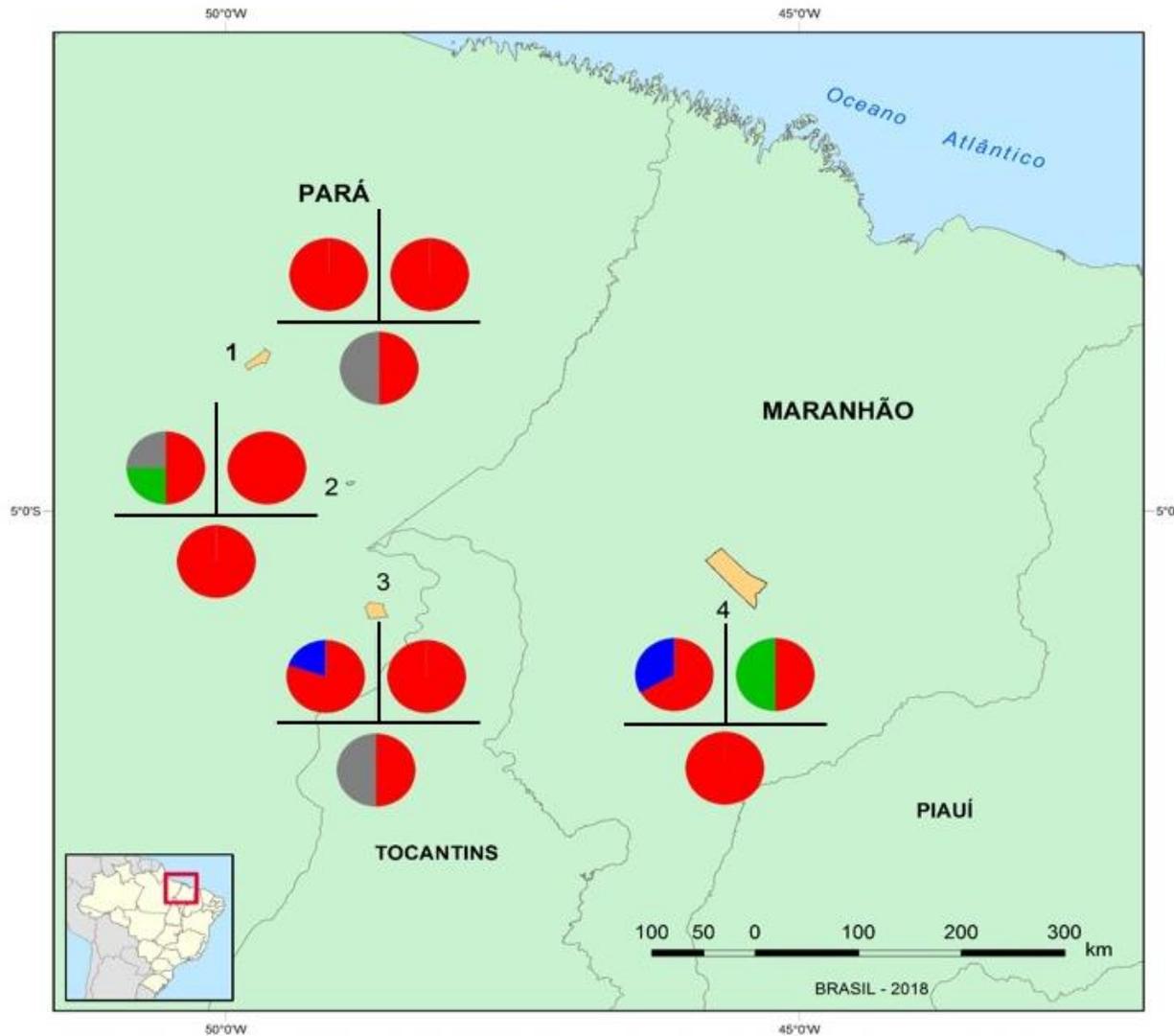
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 156: ... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

CL 020c



**BRASIL**  
**PARÁ E MARANHÃO**  
**TERRAS INDÍGENAS**  
**DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
**DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL**  
**DE BOLINHA DE GUDE**

Realizações em % de respostas válidas

- Peteca
- Bolinha de gude
- Bolinha
- Sem resposta



- TI - Terra Indígena / município
- 1 - TI Trocará / Tucuruí
  - 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
  - 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
  - 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

QSL 156: ... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

CL 021

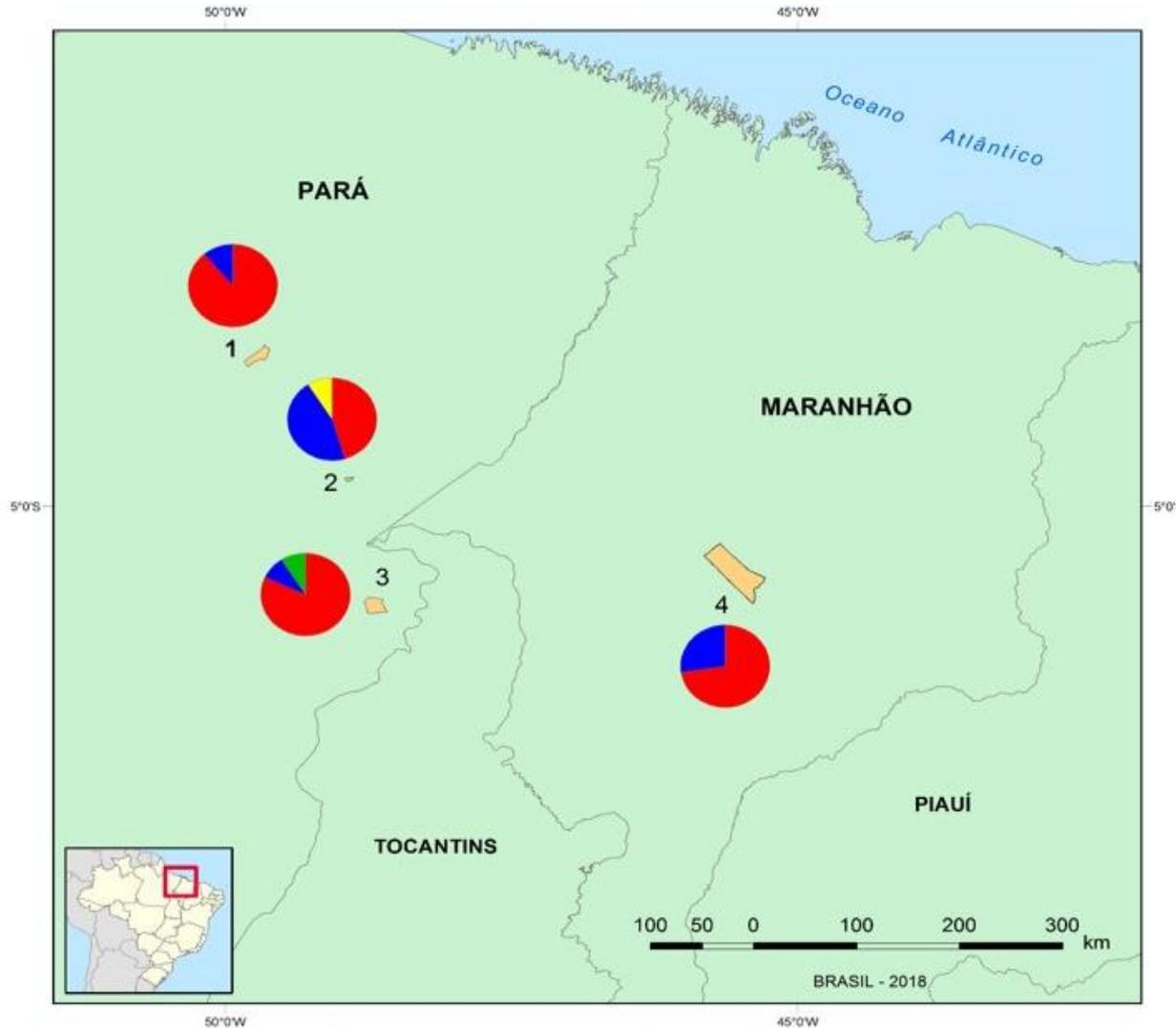
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA ESTILINGUE

Realizações em % de respostas válidas



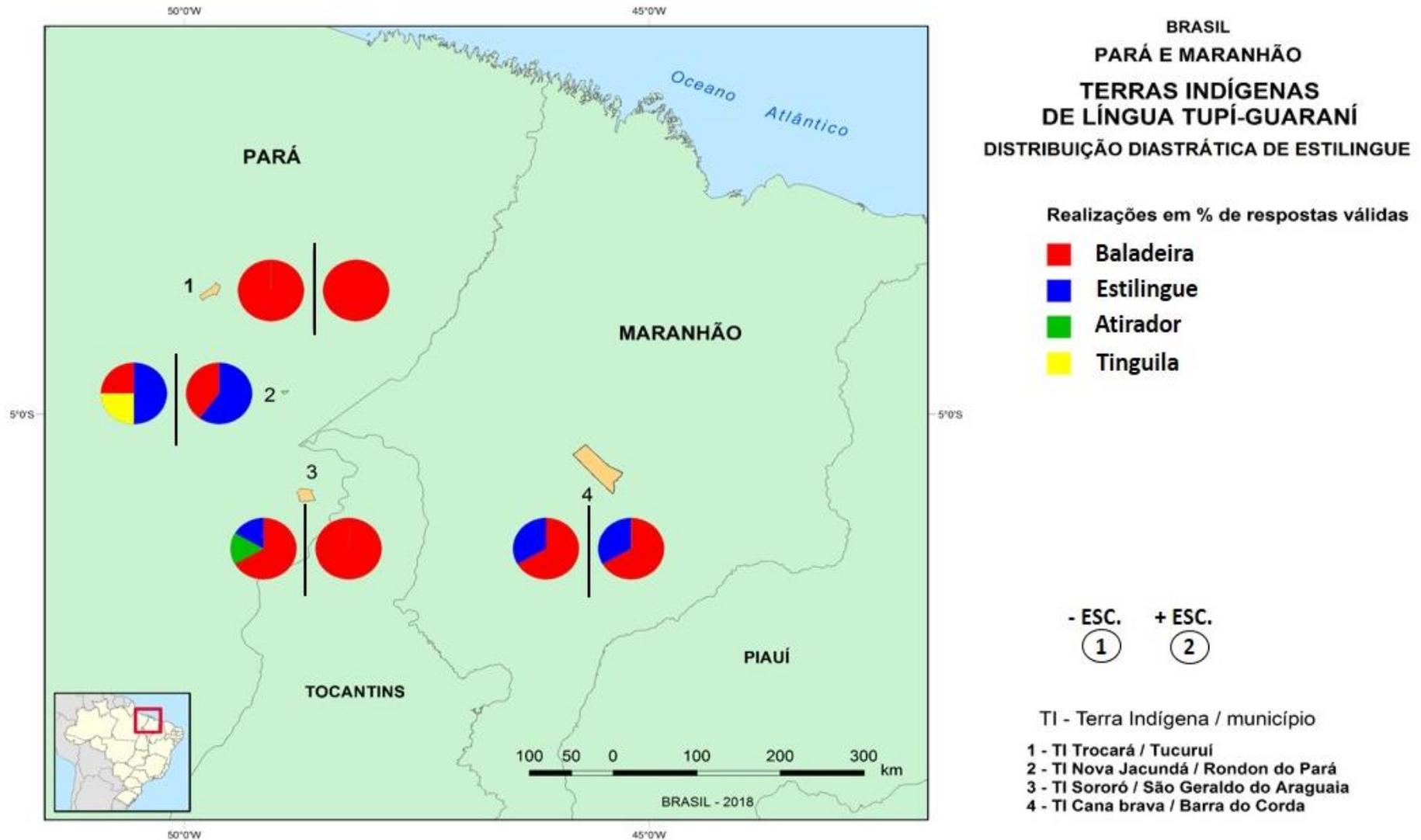
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



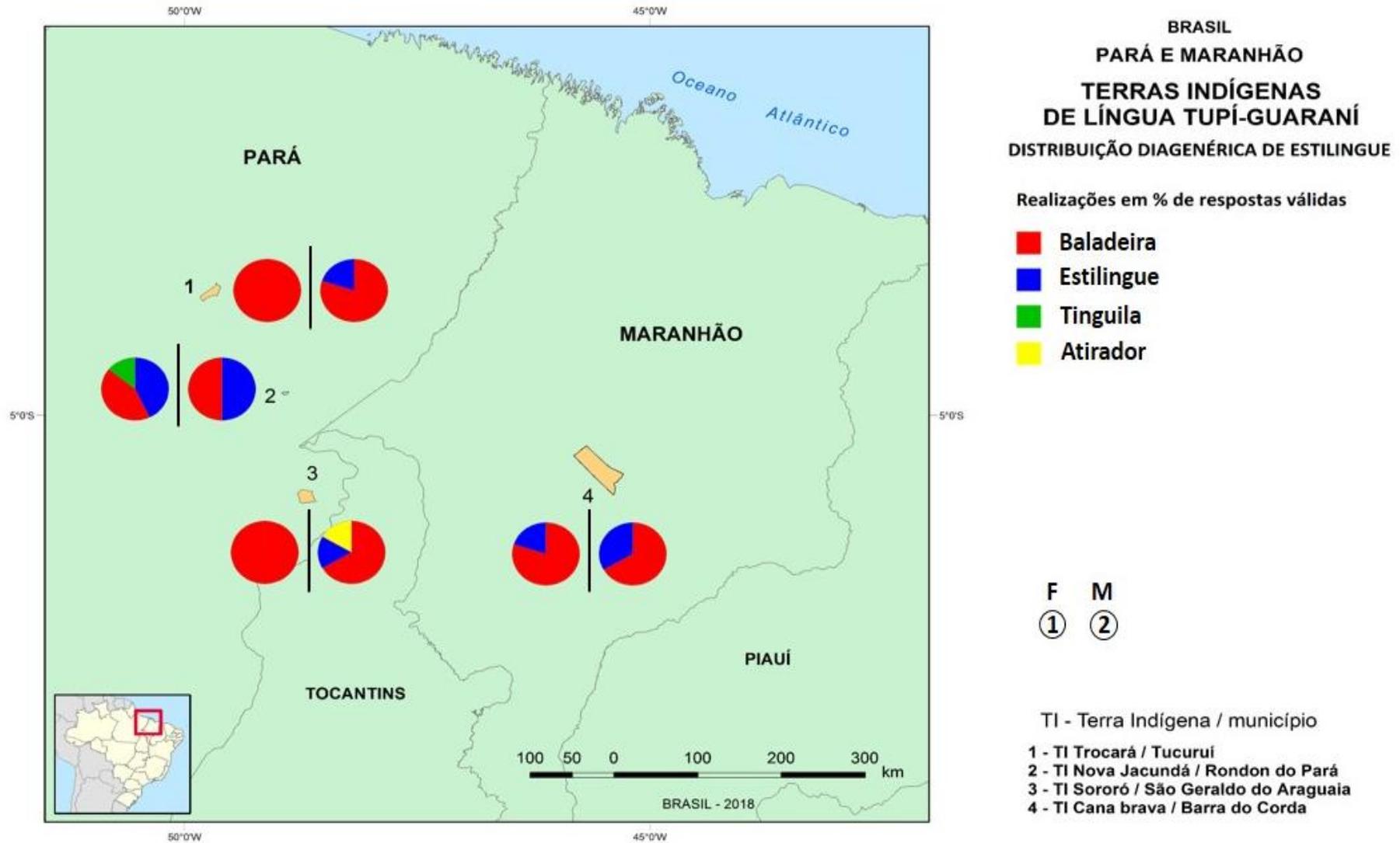
QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos?

CL 021a



QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos?

CL 021b



QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos?

CL 021c

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE ESTILINGUE

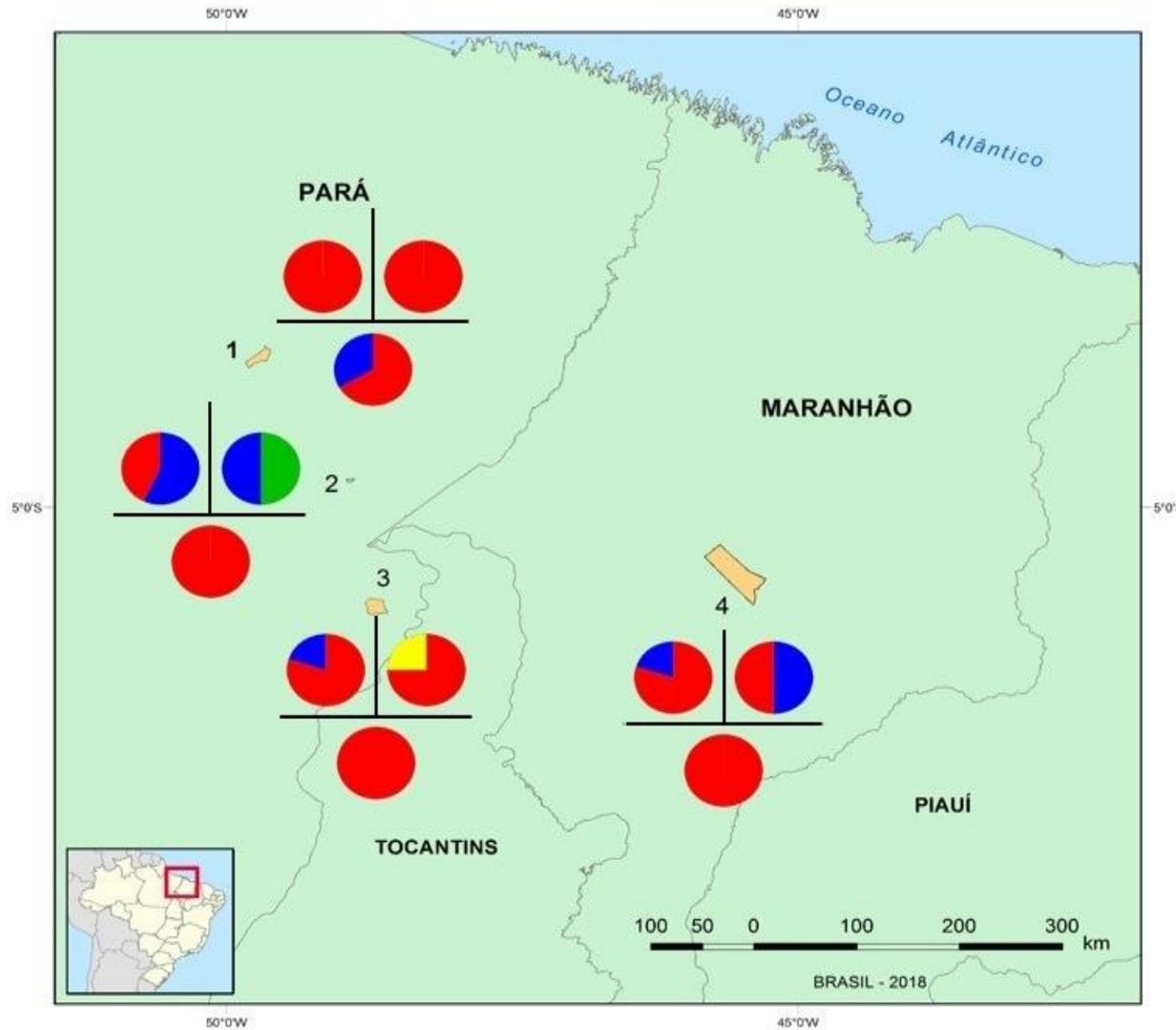
Realizações em % de respostas válidas



FA      FB  
 ①      ②  
       ③  
 FC  
 Crianças

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 157: ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos?

CL 022

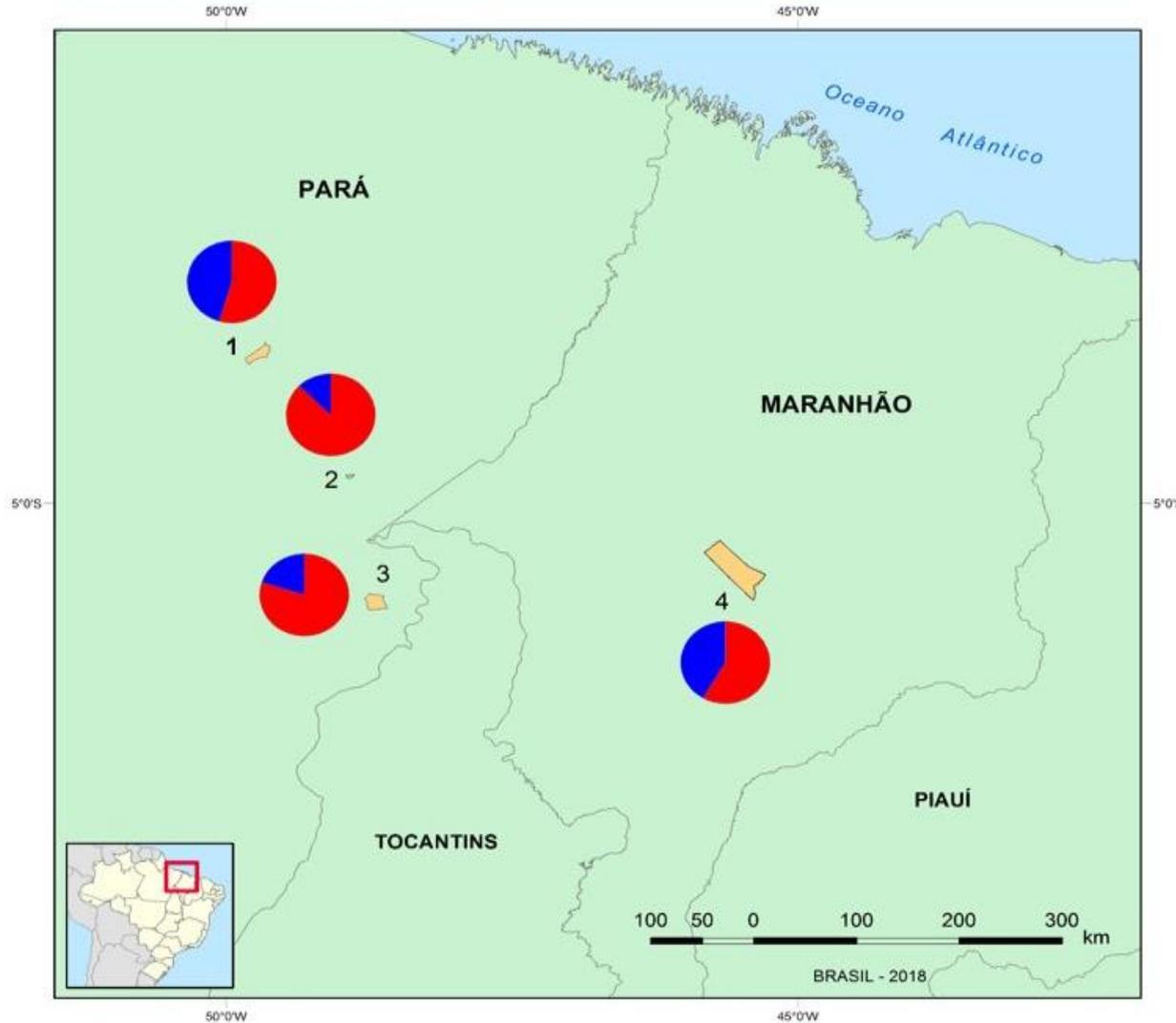
BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DENOMINAÇÕES PARA BRINQUEDO DE EMPINAR  
(COM VARETAS)

Realizações em % de respostas válidas

■ Pipa  
■ Papagaio

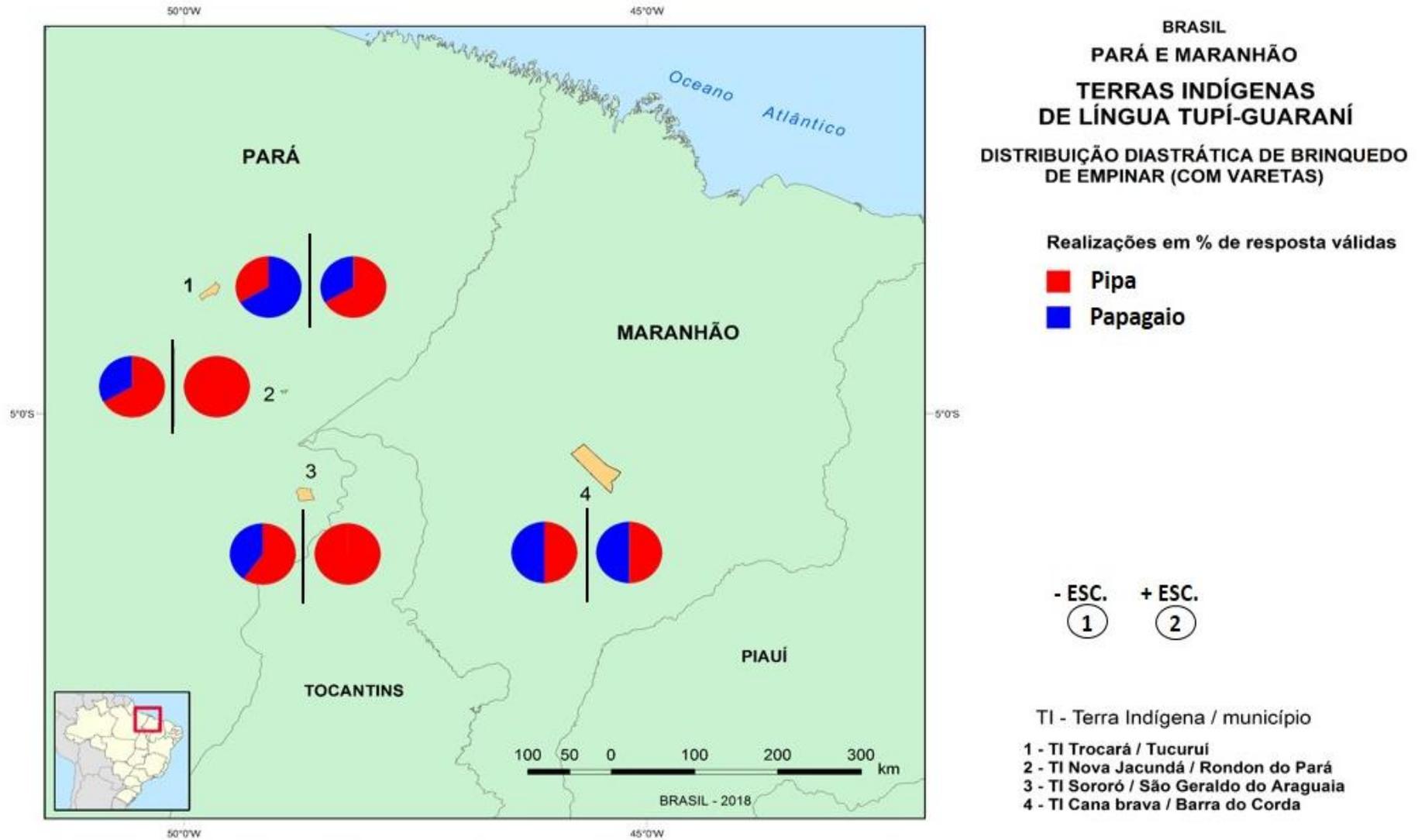
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
4 - TI Cana brava / Barra do Corda



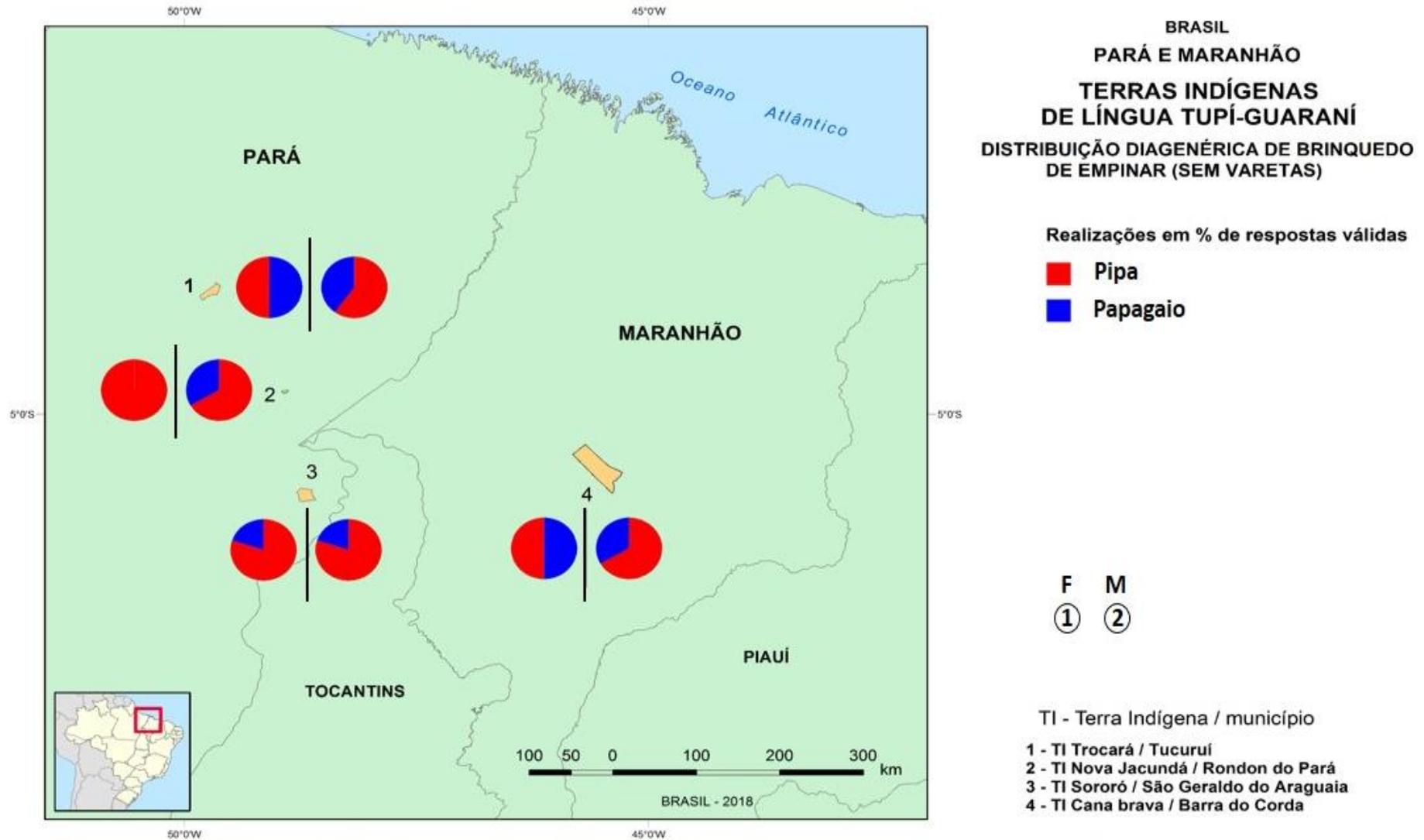
QSL 158: ... aquele brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

CL 022a



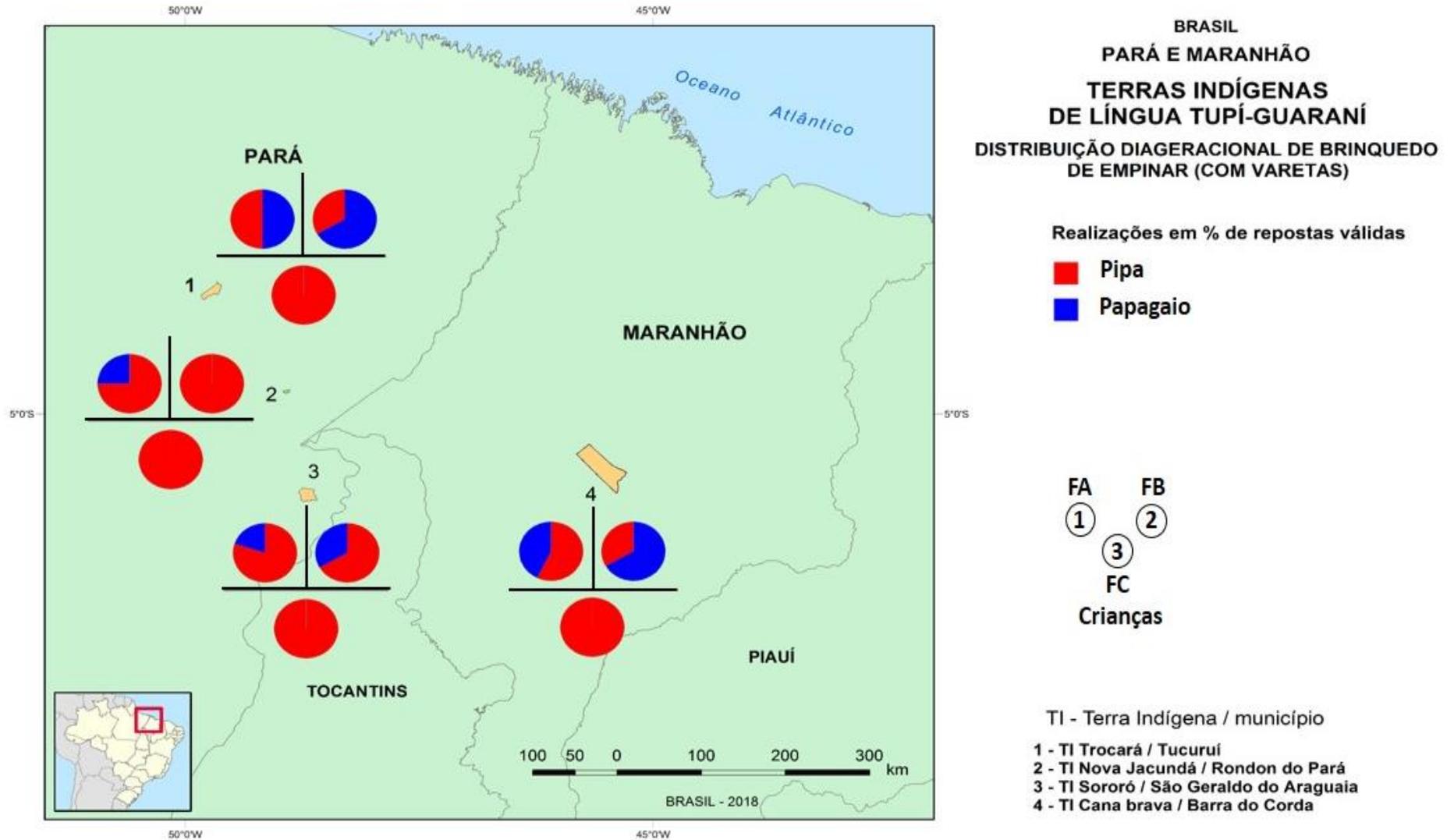
QSL 158: ... aquele brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

CL 022b



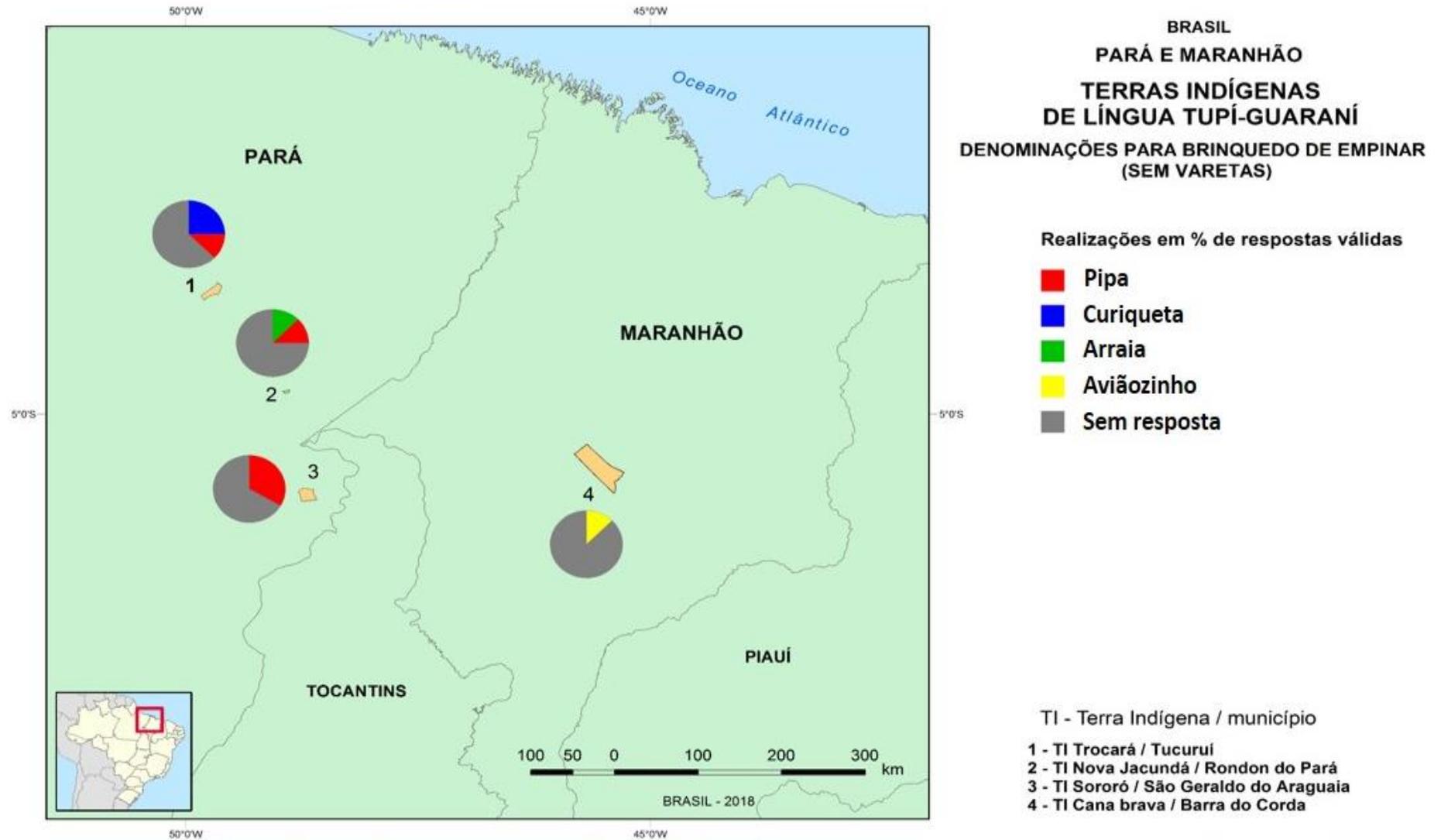
QSL 158: ... aquele brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

CL 022c



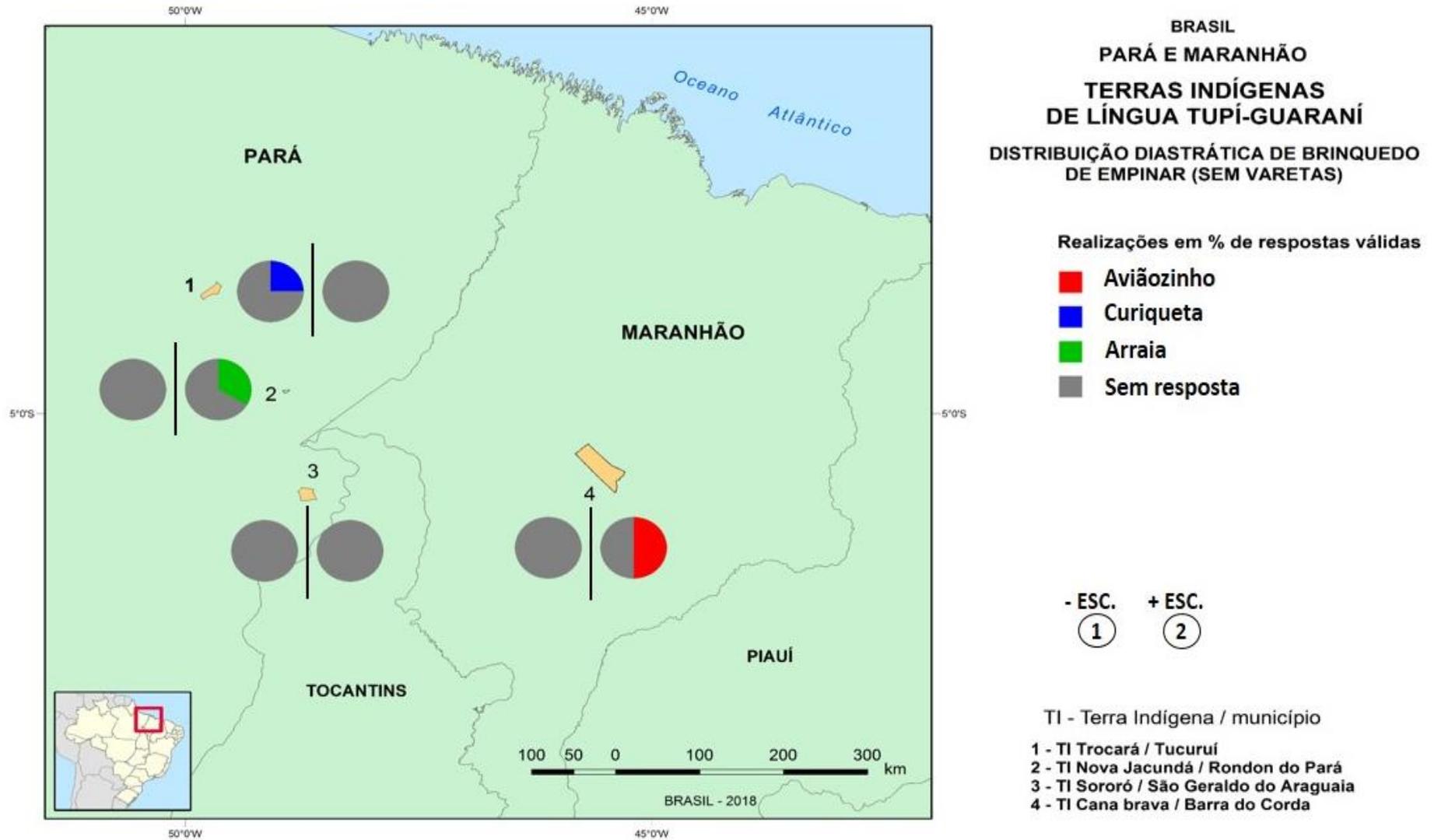
QSL 158: ... aquele brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

CL 023



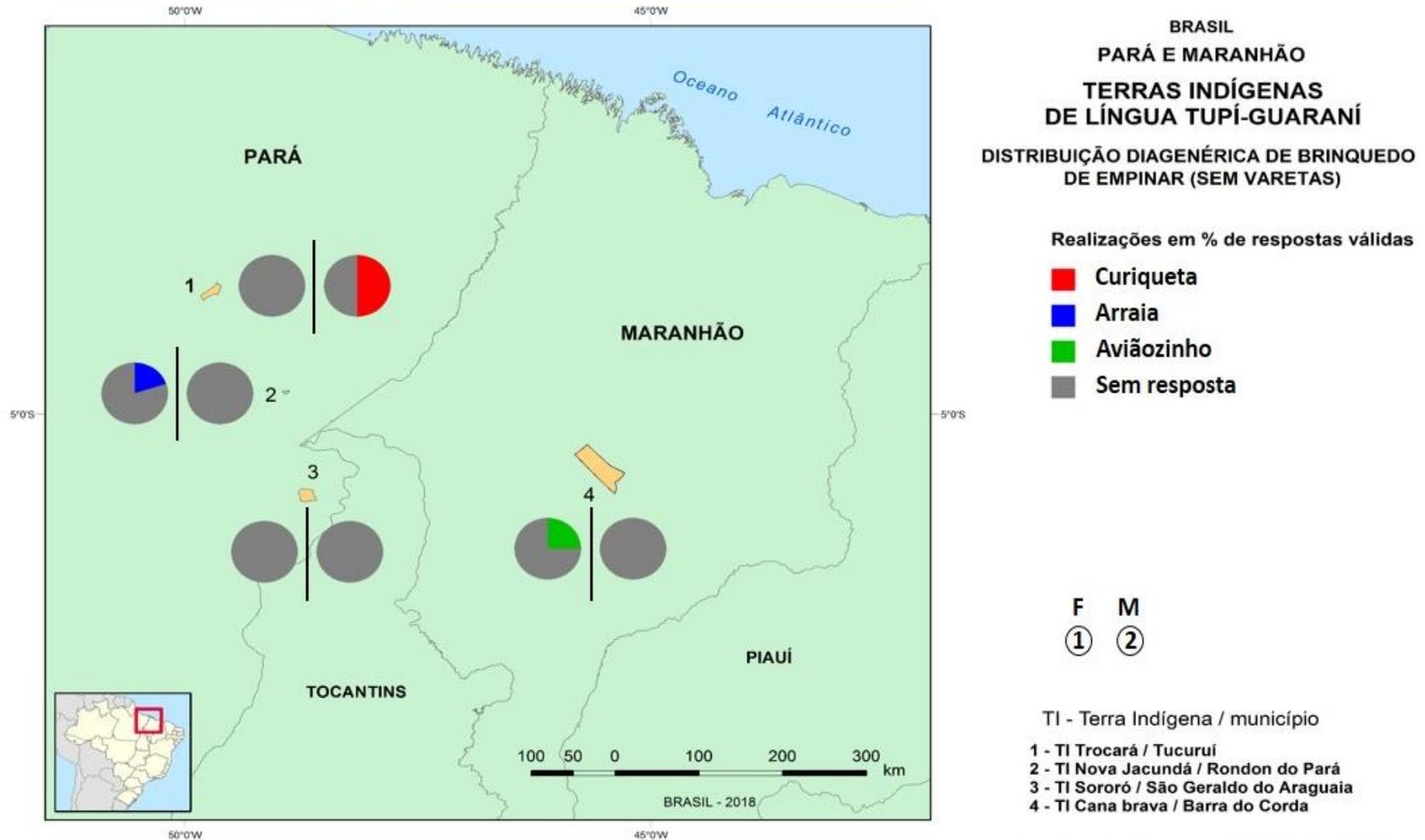
QSL 159: ... é um brinquedo parecido com o papagaio, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

CL 023a



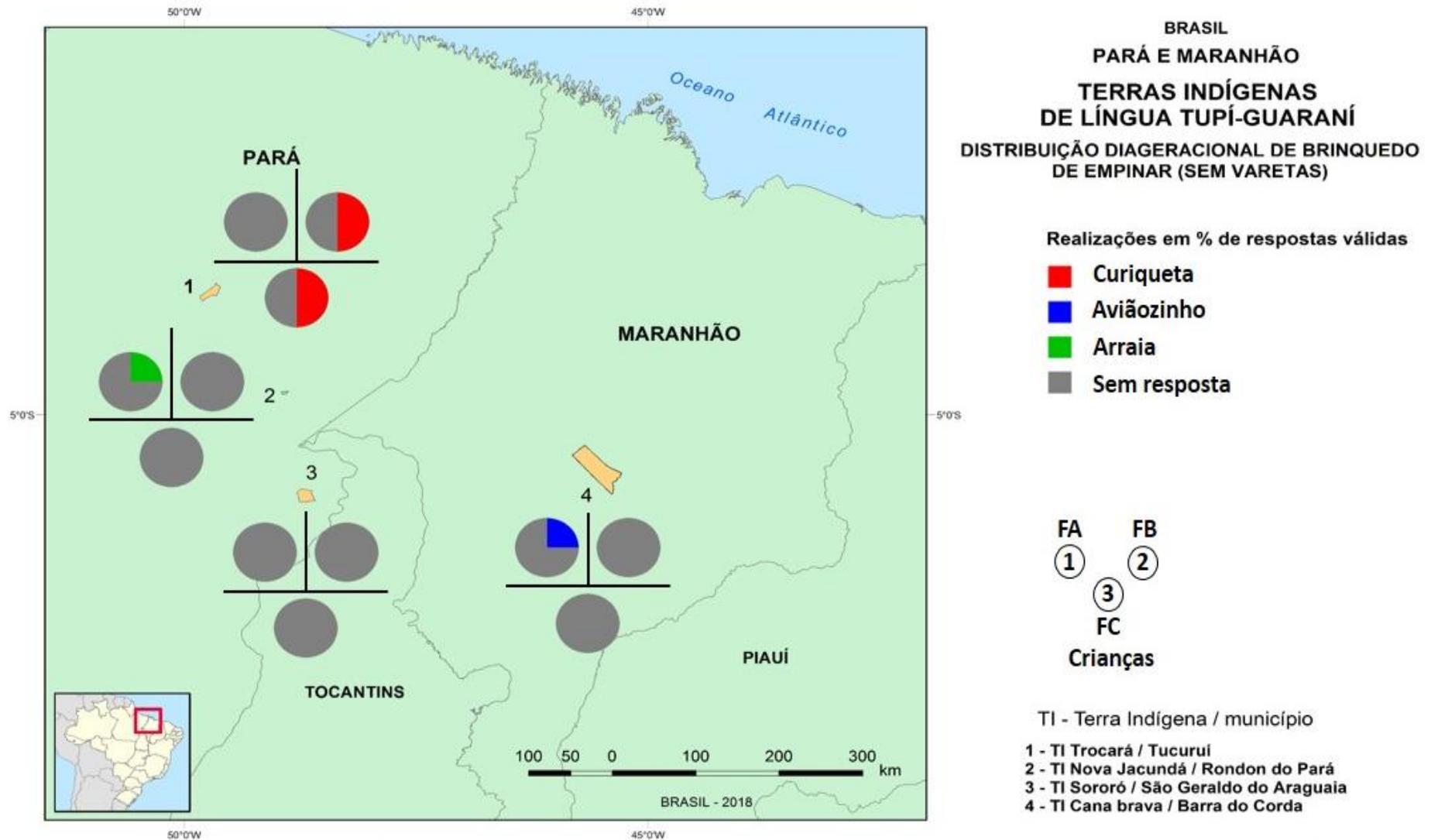
QSL 159: ... é um brinquedo parecido com o papagaio, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

CL 023b



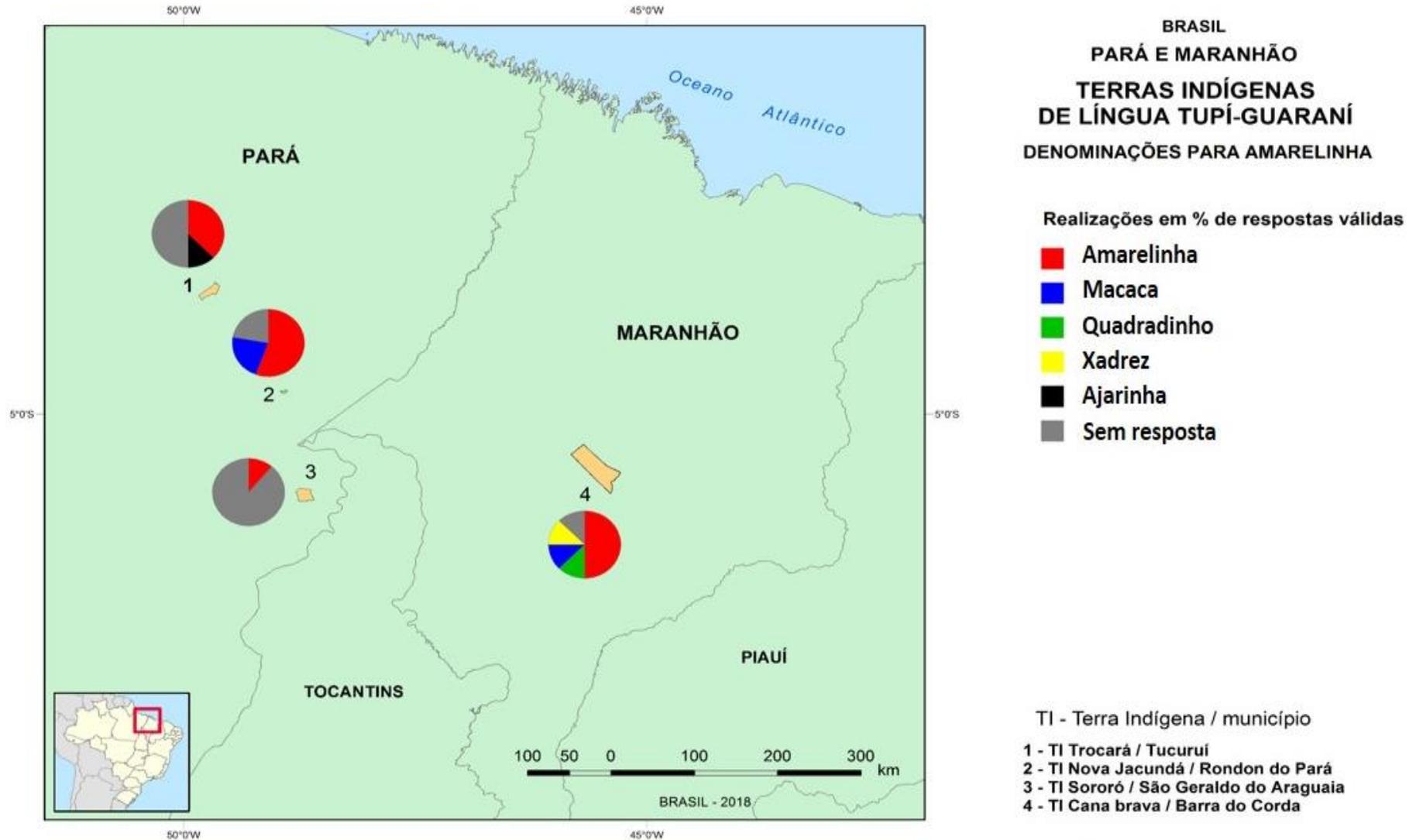
QSL 159: ... é um brinquedo parecido com o papagaio, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

CL 023c



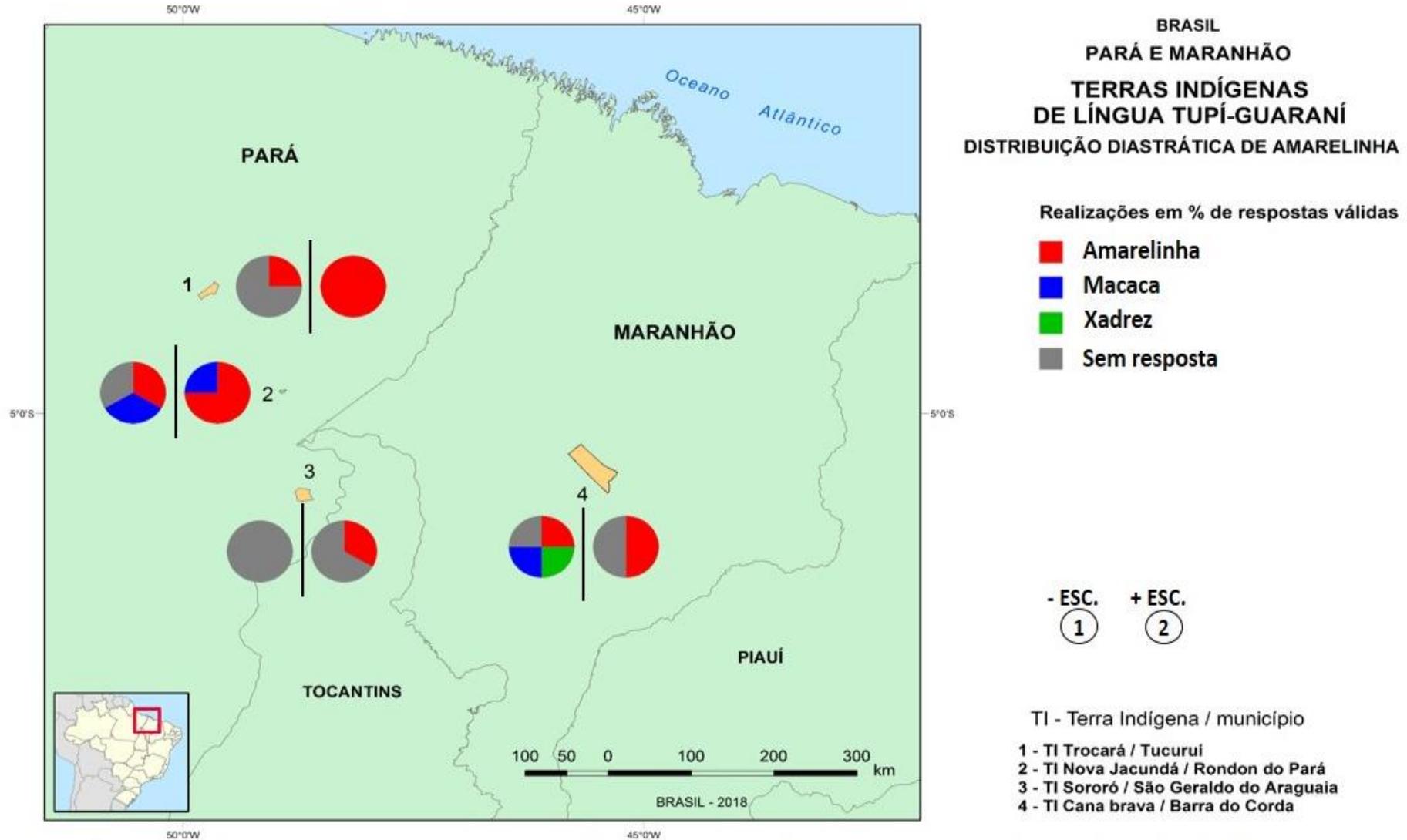
QSL 159: ... é um brinquedo parecido com o papagaio, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

CL 024



QSL 167: ... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

CL 024a



QSL 167: ... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

CL 024b

BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
**TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ**  
DISTRIBUIÇÃO DIAGENÉRICA DE AMARELINHA

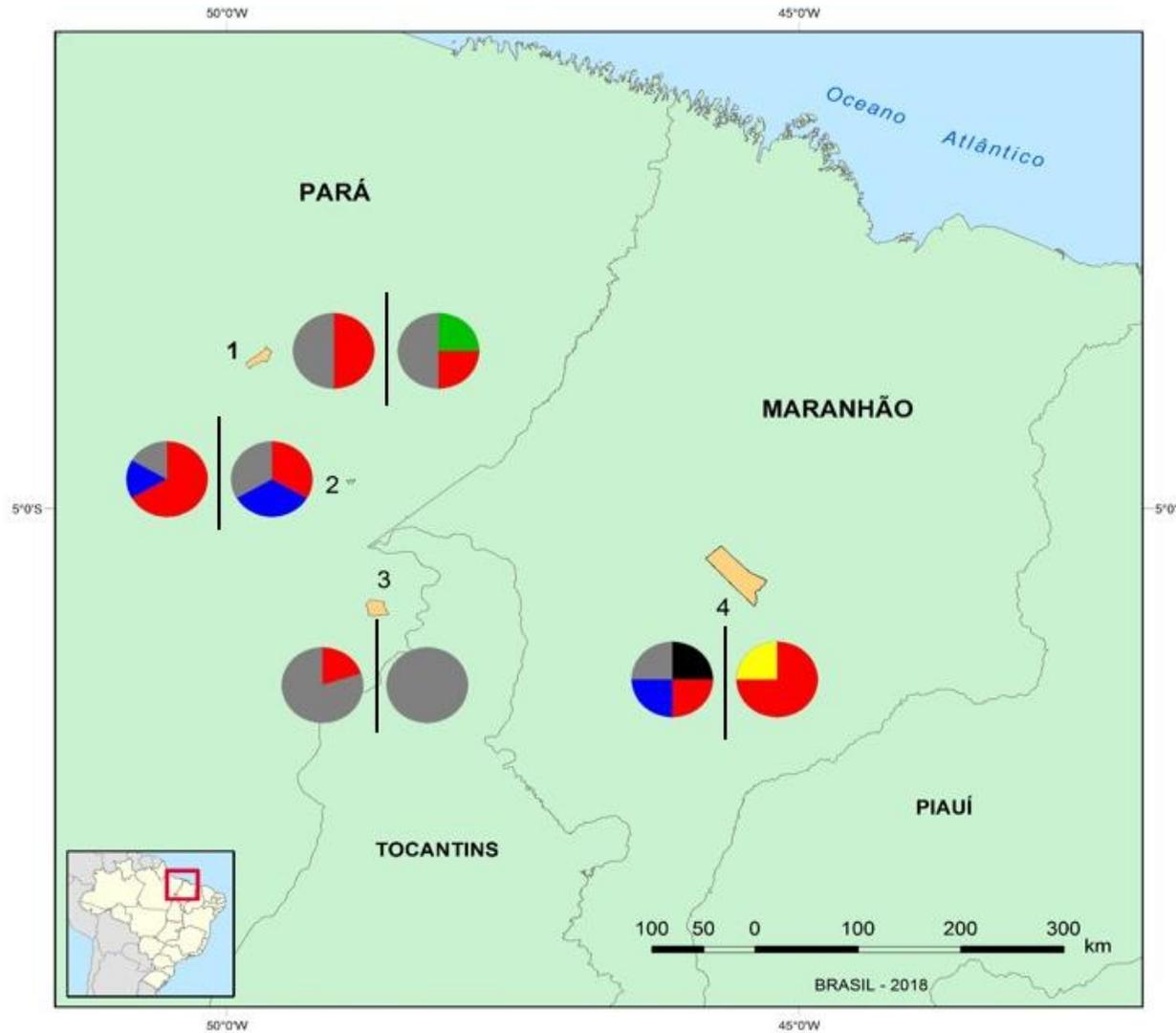
Realizações em % de respostas válidas



F M  
① ②

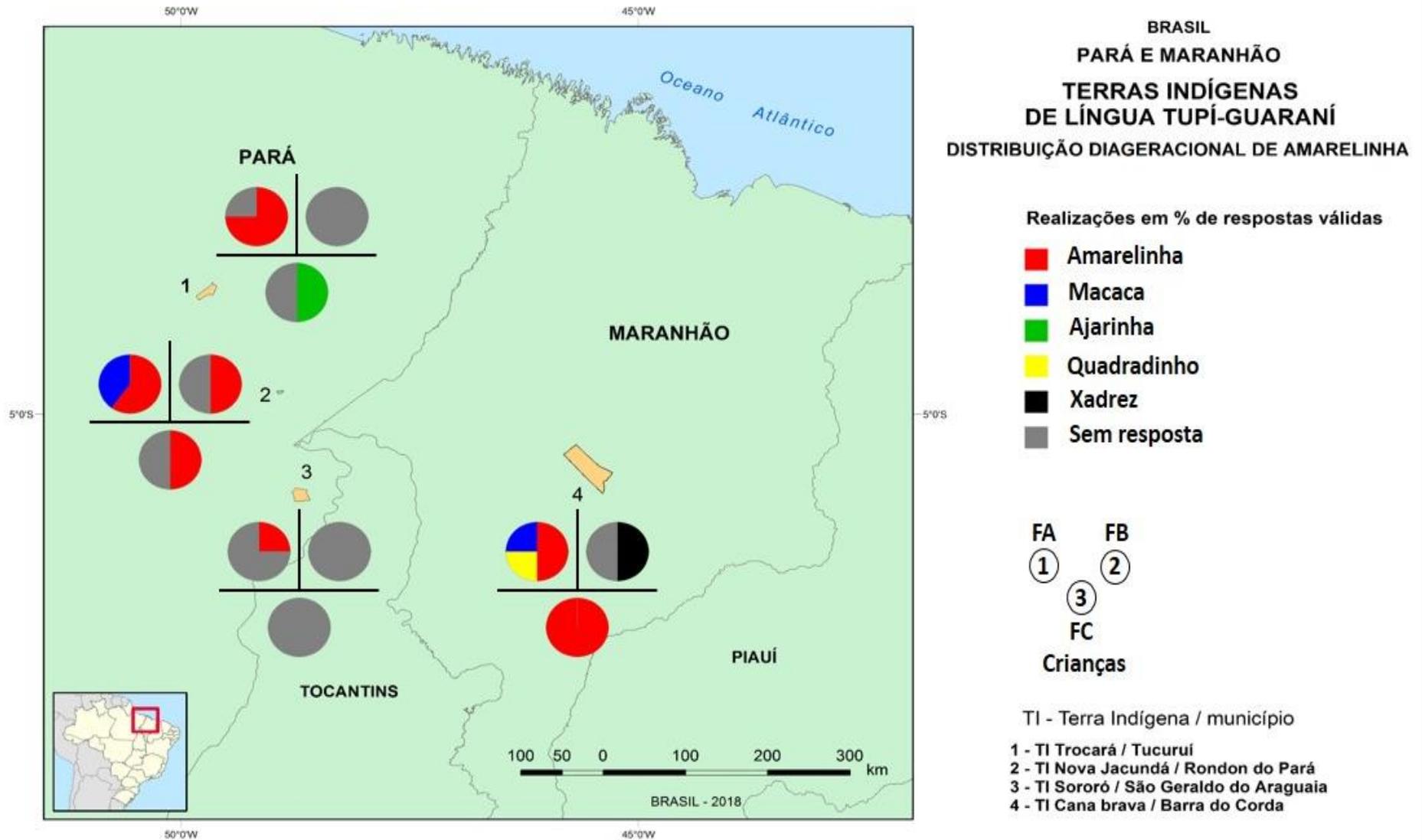
TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



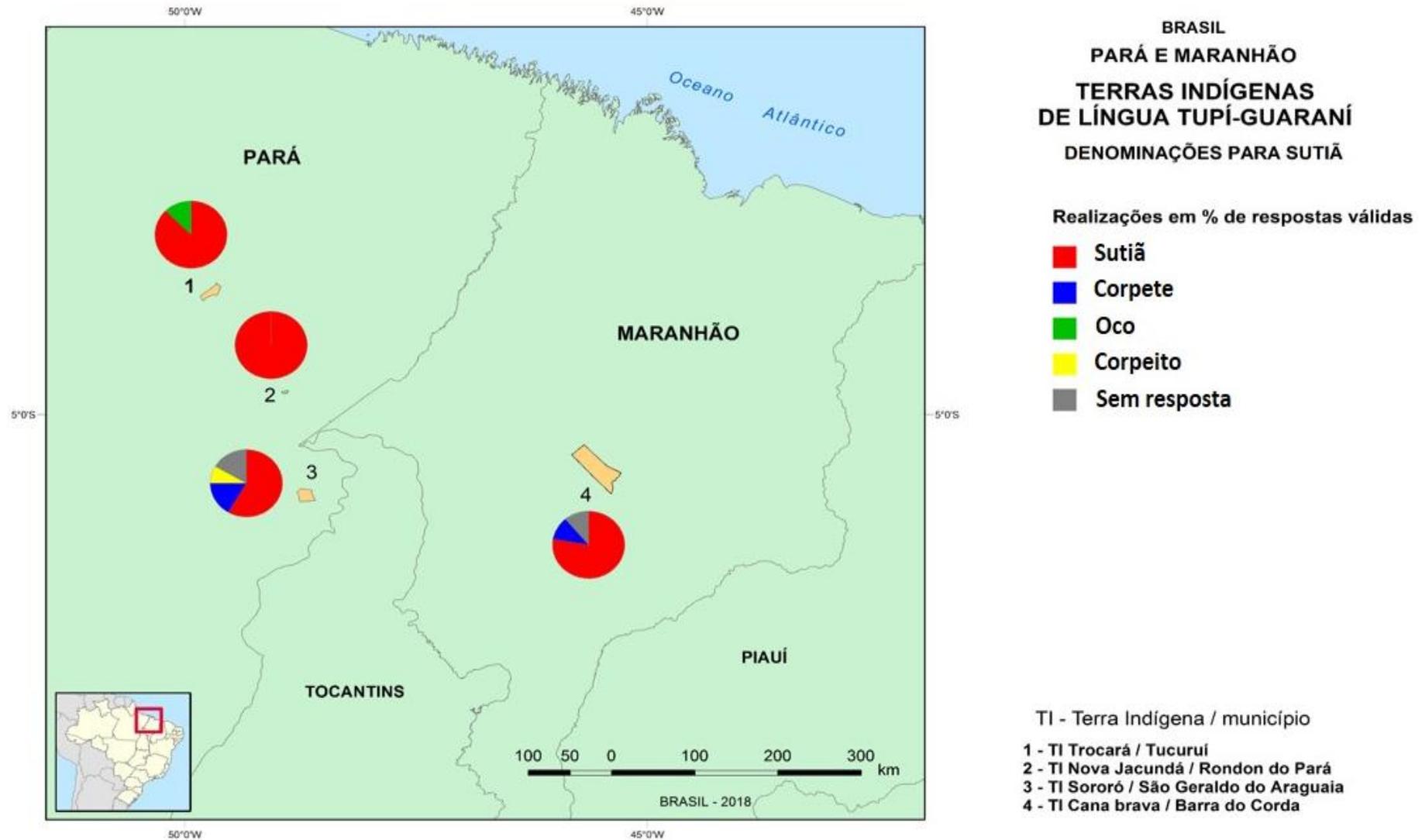
QSL 167: ... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

CL 024c



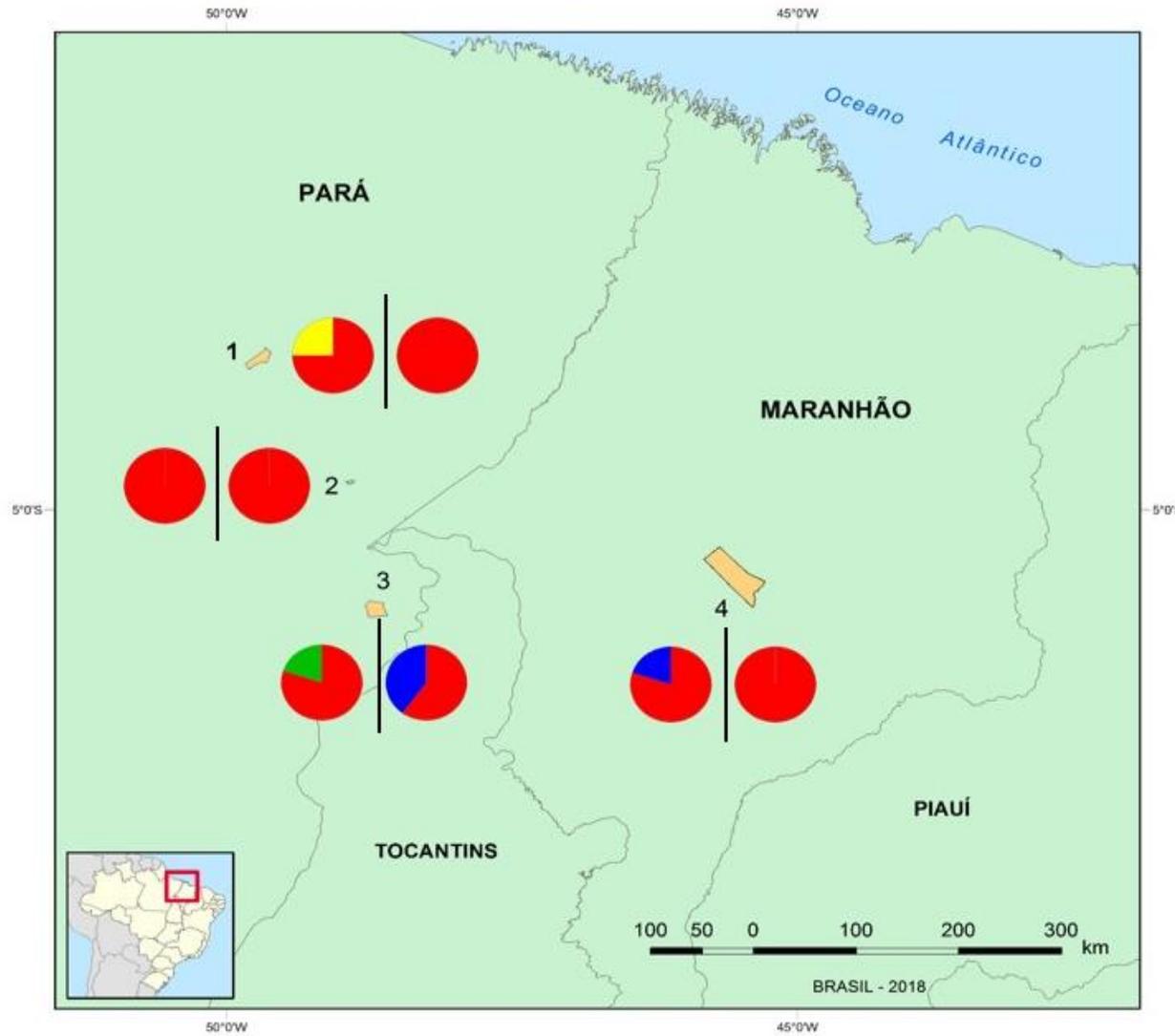
QSL 167: ... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

CL 025



QSL 188: ... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

CL 025a



BRASIL  
PARÁ E MARANHÃO  
TERRAS INDÍGENAS  
DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
DISTRIBUIÇÃO DIASTRÁTICA DE SUTIÃ

Realizações em % de respostas válidas



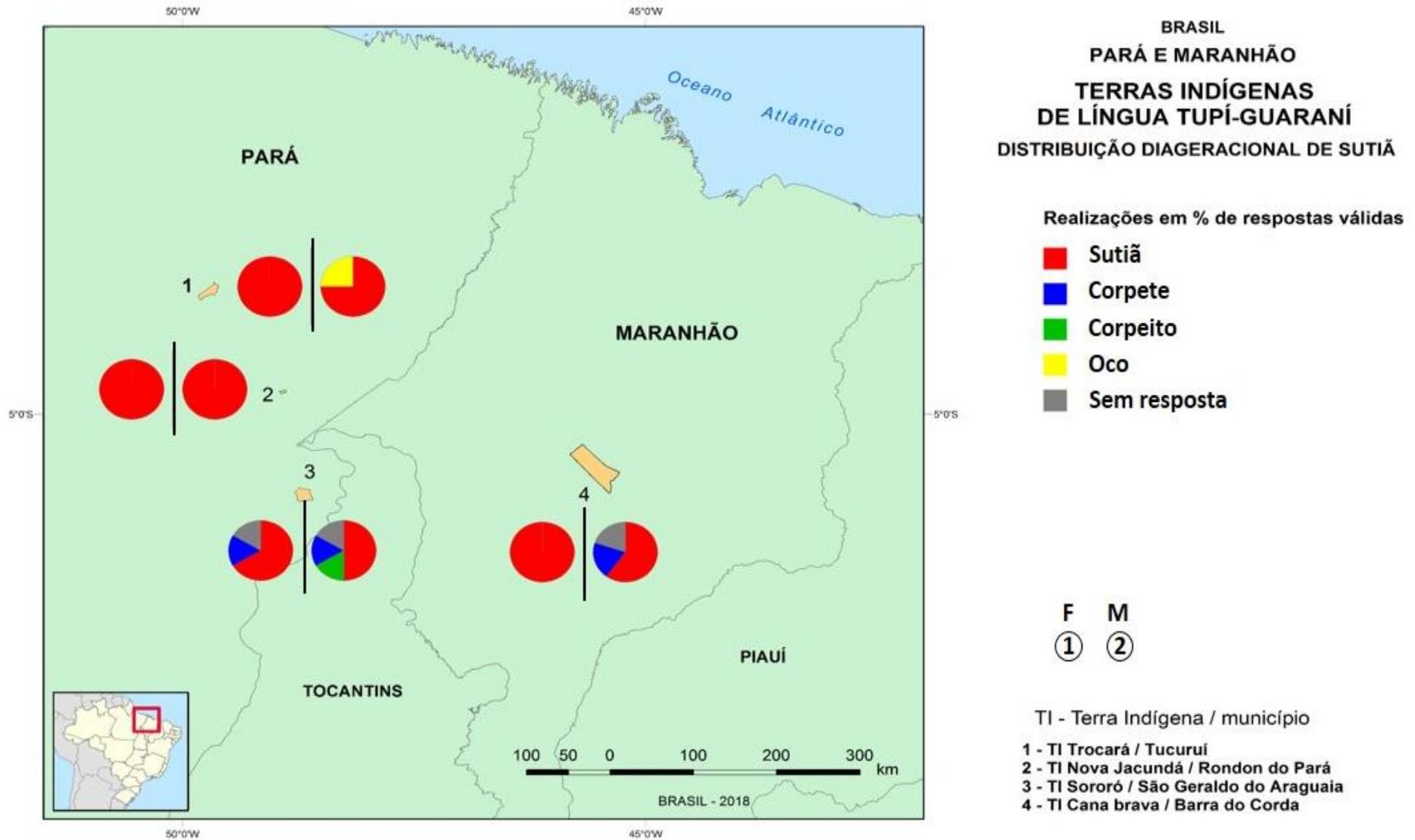
- ESC.    + ESC.  
 (1)      (2)

TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí  
 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará  
 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia  
 4 - TI Cana brava / Barra do Corda

QSL 188: ... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

CL 025b



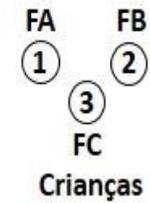
QSL 188: ... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

CL 025c

BRASIL  
 PARÁ E MARANHÃO  
 TERRAS INDÍGENAS  
 DE LÍNGUA TUPÍ-GUARANÍ  
 DISTRIBUIÇÃO DIAGERACIONAL DE SUTIÃ

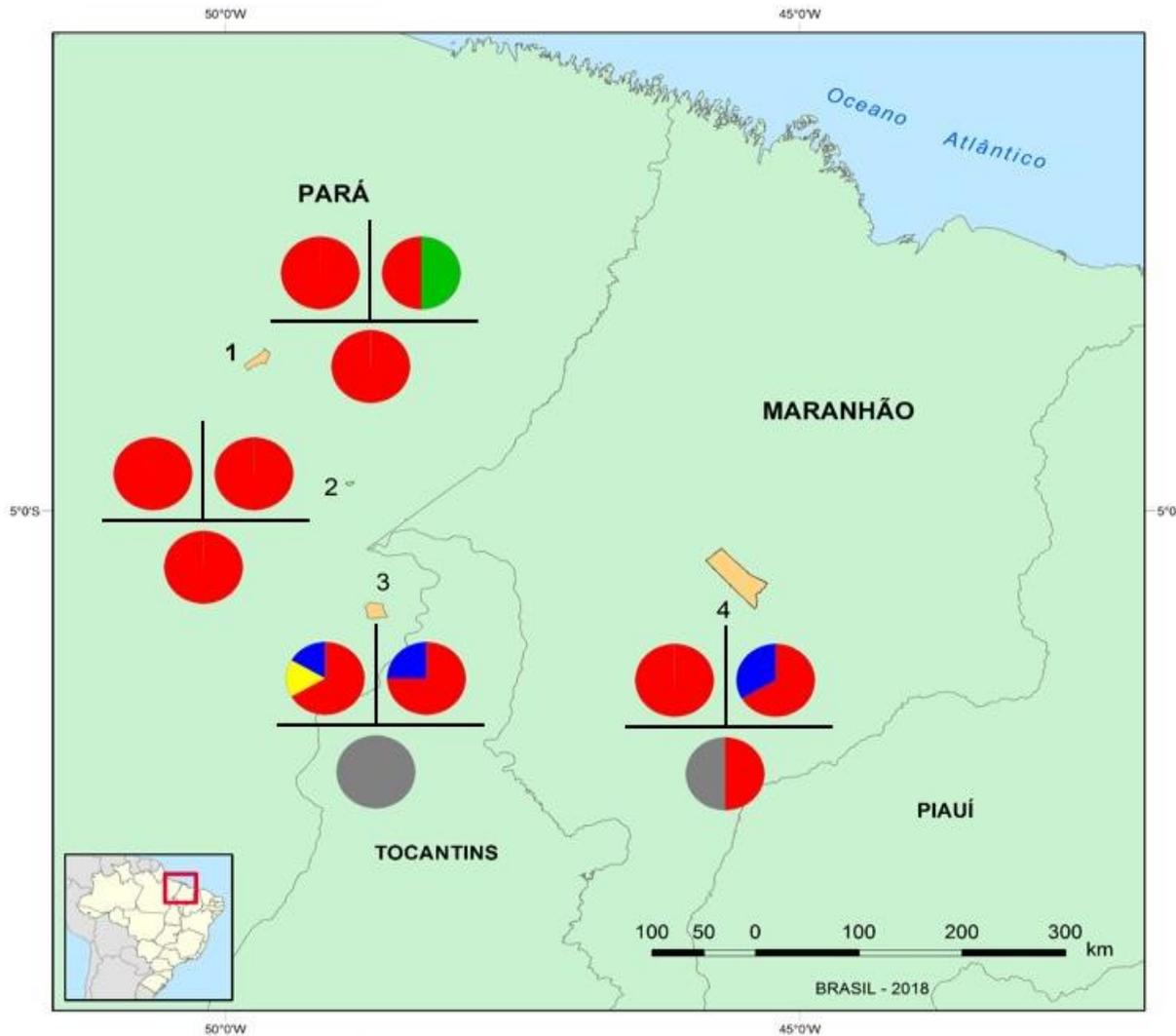
Realizações em % de respostas válidas

- Sutiã
- Corpete
- Oco
- Corpeito
- Sem resposta



TI - Terra Indígena / município

- 1 - TI Trocará / Tucuruí
- 2 - TI Nova Jacundá / Rondon do Pará
- 3 - TI Sororó / São Geraldo do Araguaia
- 4 - TI Cana brava / Barra do Corda



QSL 188: ... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?